

# Apostila de apostolado

Esclarecimentos

1. As palavras ou trechos entre parênteses são de autoria de interlocutores do Sr. Dr. Plínio.
2. Os colchetes, na maior parte das vezes, são trechos de autoria de Sr. Dr. Plínio, mas não são absolutamente textuais. Na menor parte das vezes, são de autoria do compilador, que as introduziu para tornar fluente a exposição.
3. Algumas fontes carecem de referências (não se sabe a data, o local, etc.). O texto respectivo figura em microfilme ou em arquivos de computador (denominados "sem data 1, sem data 2, etc.)
4. ER, RN, indicam o microfilme respectivo.
5. K é o nome do arquivo de textos de apostolado computadorizados da antiga Comissão do Movimento

<b>PRIMEIRA PARTE - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>I. OBJEÇÕES VIVENCIAIS EM RELAÇÃO AO APOSTOLADO.....</b>	<b>12</b>
A. "A gente faz apostolado de um modo instintivo e espontâneo. Não precisa de raciocínio nem de planejamento".....	12
B. "Nosso olhómetro dispensa o estudo destas regras".....	14
C. "A esperteza é contrária ao espírito do Evangelho".....	14
D. "Estas regras não valem para o mundo inteiro, nem para todos os tempos".....	15
<b>II. CONCEITO DE APOSTOLADO .....</b>	<b>15</b>
<b>III. AS RAZÕES QUE NOS LEVAM A FAZER APOSTOLADO - FUNDAMENTOS DO APOSTOLADO .....</b>	<b>17</b>
A. <i>Do ponto de vista moral e religioso</i> .....	17
1. O amor a Deus e o amor ao próximo .....	17
2. O reto amor próprio .....	17
3. Se Deus nos fez um bem, devemos fazer um bem análogo ao próximo. E se nosso Fundador faz apostolado conosco, nós devemos fazer apostolado com os outros .....	19
B. <i>Do ponto de vista metafísico</i> .....	20
1. A ordem do ser, fundamento do apostolado. Aquilo que o homem tem no seu interior tende a comunicar-se.....	20
2. A ordem hierárquica do universo. Princípio dos termômetros .....	20
C. <i>Do ponto de vista psicológico. O instinto de sociabilidade, fundamento do apostolado</i> .....	22
D. <i>Do ponto de vista da opinião pública</i> .....	22
1. Ruptura do mito segundo o qual "nós não representamos o futuro".....	22
2. Ruptura do mito segundo o qual "a CR não pega e ninguém adere a ela". Operação "Concorde" .....	24
3. Ruptura da unanimidade .....	25
4. Ruptura do "glissement" da opinião pública para a esquerda.....	27
5. Ruptura do isolamento dos bons .....	27
E. <i>Do ponto de vista da Congregação</i> .....	28
F. <i>No que diz respeito à Bagarre</i> .....	28
G. <i>A sede de almas e o senso apostólico</i> .....	29
1. Beleza de toda alma .....	29
2. Características de sede de almas .....	30
3. Posições do espírito humano perante a beleza das criaturas: a) a que deriva em amor próprio; b) a que deriva em amor de Deus e em sede de almas .....	31
<b>IV. "RAZÕES" PARA NÃO FAZER APOSTOLADO .....</b>	<b>32</b>
A. "Aqui todo mundo é tão revolucionário, tão deteriorado e tão distante da Congregação, que é inútil tentar fazer apostolado".....	32
B. <i>O pânico da opinião do adversário, o respeito humano</i> .....	33
<b>V. O QUE EU DESEJO DOS APOSTOLOS ITINERANTES? - META DO APOSTOLADO .....</b>	<b>34</b>
A. <i>O que eu desejo como meta quantitativa: 10 mil cooperadores</i> .....	35
B. <i>O que eu desejo como esforço para conseguir essa meta: servidão apostólica</i> .....	36
C. <i>O que eu desejo como resultado palpável</i> .....	37
D. <i>Somos poucos e tempos pouco tempo. Portanto fazamos apostolado só com os ultramontanáveis</i> .....	38
E. <i>O que eu desejo como meta qualitativa. Tipo humano que se trata de formar</i> .....	38
<b>VI. HISTÓRICO E MISTÉRIOS DE NOSSA EXPANSÃO .....</b>	<b>39</b>
<b>VII. SIMBOLOS, ESPLENDORES E GLORIAS DO APOSTOLADO .....</b>	<b>41</b>
A. <i>A parte da chama que mais queima, que mais visa para o alto e que ateia o incêndio</i> .....	41
B. <i>A vítima que aceita o holocausto</i> .....	42
C. <i>Os guerreiros mais audaciosos do exército de Nossa Senhora</i> .....	42
D. <i>A beleza do apostolado vista em função do sobrenatural</i> .....	43
E. <i>A beleza do apostolado vista em função de suas regras</i> .....	44
<b>SEGUNDA PARTE - O ULTRAMONTANÁVEL.....</b>	<b>45</b>
<b>I. A MOCIDADE CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>45</b>
A. <i>Classificação em função do grau de adesão ao respectivo ambiente</i> .....	45
1. O alveolado e o desalveolado.....	45
2. Engrenagem da moda. Graus de adesão dos alveolados à moda .....	46

<i>B. Classificação em função do grau de adesão ao "stablishment"</i> .....	47
1. Establishmentosos gozadores, establishmentosos carreirosos e establishmentosos estagnados .....	47
2. Ruminantes que gostam de ruminar, ruminantes que ruminam meio a contragosto, e "J.O.E" .....	47
3. Os inconformes com o "stablishment" .....	48
<i>C. Classificação em função do grau de adesão à IV Revolução</i> .....	48
II. CONCEITUAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DO ULTRAMONTANAVEL .....	49
<i>A. Sua posição perante o mundo contemporâneo: descontentamento</i> .....	50
<i>B. Sua posição perante a R, a CR, a Cristandade, a Bagarre e o Reino de Maria</i> .....	51
1. Ele vê a R com clareza e tem dissonância em relação a ela .....	51
2. Ele está à procura da CR .....	52
3. O encontro com a vocação .....	53
<i>C. Sua posição perante o ultramontanismo. Diferença entre ultramontanável "estricto sensu", ultramontanável "lato sensu" e não-ultramontanável</i> .....	54
<i>D. Vertentes por onde ele vê o ultramontanismo</i> .....	55
1. A vertente religiosa .....	55
2. A vertente político-social .....	55
3. A vertente psicológica.....	56
4. Unidade e variedade das 3 vertentes .....	56
5. Diferença entre ultramontanável, ultramontano e não-ultramontanável.....	56
<i>E. Ele compreende e admira nossa luta</i> .....	57
<i>F. Ele tem "antenas" para captar nosso "discurso"</i> .....	57
<i>G. Ele tem senso do maravilhoso</i> .....	57
III. TIPOS DE ULTRAMONTANAVEIS E NORMAS PARA O APOSTOLADO COM ELES .....	58
<i>A. Os que se movem pelo amor de Deus, os que se movem pelo amor próprio, os híbridos</i> .....	58
<i>B. Os preocupados com o problema individual da salvação eterna; os entusiasmados com o flash do ideal; os intermediários</i> .....	59
<i>C. Os que chegam ao ideal a partir do problema pessoal e os que chegam ao problema pessoal a partir do ideal</i> .....	60
<i>D. Os que estavam nos esperando e se entusiasmam; os que não nos esperavam mas se interessam; os poltrões</i> .....	60
<b>TERCEIRA PARTE - PROCESSO DA SANTIFICAÇÃO DO APOSTOLANDO</b> .....	<b>62</b>
I. FASE UM - DA DETECTAÇÃO DO ULTRAMONTANAVEL ATÉ SUA CONVERSÃO EM ULTRAMONTANO .....	62
<i>A. Detecção do ultramontanável</i> .....	62
1. Há ultramontanáveis por toda parte .....	62
2. De preferência devemos procurar os ultramontanáveis entre os moços e mocinhos .....	62
3. E entre os moços e os mocinhos, devemos preferir os que estão postos de lado pela R.....	63
4. Onde estivermos devemos suscitar jeitosamente casos CR que dividam as águas .....	63
5. Devemos formar grupinhos CR nos vários ambientes .....	65
<i>B. Abordagem</i> .....	65
1. A abordagem bem sucedida. Como abordar?.....	65
2. Idade do abordante.....	67
3. Momento psicológico da abordagem .....	67
4. Pensamentos pré-abordagem.....	67
5. Abordando se aprende a fazer abordagem .....	68
<i>C. Atração e aproximação</i> .....	68
1. Uma vez que o ultramontanável foi encontrado, deve ser procurado com urgência .....	68
2. Obstáculos vivenciais do ultramontanável para ser atraído e aproximado .....	69
4. Vias para atrair e aproximar alguém: o raciocínio e a simpatia.....	73
5. Como apresentar a Congregação? .....	74
6. Como tocar o apostolado de atração e aproximação?.....	75
7. Erros a evitar: megalice, apropriação, falta de seriedade, "sopleteo", apresentações doutrinárias à margem da psicologia .....	78
<i>D. Conversão</i> .....	79
1. Enormidade da ruptura com o mundo e do pulo que dá quem está fora do Grupo e entra para o Grupo ....	79
2. A adesão é refletida. A abordagem é convertente .....	80
3. Mas a razão determinante da adesão é o flash.....	81
4. Processo da fixação: interesse, consonância, adesão consciente .....	81
5. Graus da adesão dos apostolandos ao chamado: veleidade, resolução definida e séria, ato de vontade heróico .....	83

II. FASE DOIS - FIXAÇÃO DO APOSTOLANDO NA CONGREGAÇÃO .....	83
A. <i>O apostolado de fixação: um caminho razoável, cheio de respeito e de Fé</i> .....	83
B. <i>Obstáculos para a fixação</i> .....	84
1. Os ambientes dos apostolandos.....	84
2. A carreirosa.....	85
C. <i>É preciso que o apostolando compreenda e apeteça consagrar-se à Causa CR</i> .....	85
D. <i>Papel das reuniões, do estudo, das conversas e do convívio nesse sentido</i> .....	86
E. <i>O apóstolo deve proceder "de proche en proche" e com lealdade</i> .....	86
F. <i>O apóstolo deve saber contar fatinhos. O apostolado com os cacetes</i> .....	87
G. <i>O apóstolo deve tratar o apostolando com respeito, seriedade e bondade; deve dar-lhe oportunidade de falar a respeito dele</i> .....	88
H. <i>O apostolando é mais sensível à voz de um congênere do que à voz do apóstolo. Política apostólica</i> .....	89
I. <i>Papel da sede</i> .....	89
J. <i>O apostolado com mocorongos</i> .....	91
K. <i>É preciso completar a ação por meio da oração</i> .....	92
L. <i>Modelo do apostolado de fixação: o que é feito conosco pelo nosso Fundador</i> .....	92
III. FASE TRÊS- FIXAÇÃO E SANTIFICAÇÃO DE QUEM JÁ É COOPERADOR DA CONGREGAÇÃO .....	92
A. <i>Sintomas da decadência de um cooperador</i> .....	92
B. <i>Velocidades do ensabugamento</i> .....	93
C. <i>Provas e tentações pela quais pode passar o cooperador. Normas do apostolado de fixação para cada caso</i> .....	93
1. A crise da aridez .....	93
2. A demora da Bagarre .....	96
3. A crise do amor próprio .....	102
4. A crise da carreirosa.....	104
5. A crise da pureza .....	105
6. O balanço das vantagens e "desvantagens" de pertencer à Congregação .....	105
7. A fidelidade ao Tau vista em função dos mitos que orientam a vida do homem .....	106
8. O desejo de gozar uma felicidade no padrão da Bagarre Azul.....	108
9. O desejo de construir uma vidoca dentro da Congregação.....	109
D. <i>O apostolado interno</i> .....	110
1. Conceito.....	110
2. Por que razões devemos fazer apostolado interno? Fundamentos do apostolado interno .....	110
3. O conhecimento, apreço e amor à vocação: ponto capital do apostolado interno .....	113
4. Como fazer apostolado interno?.....	113
5. Cruz e Exemplo do apostolado interno .....	115
6. Oração para o apostolado interno.....	116
E. <i>Apostolado de fixação</i> .....	116
1. Como fazer apostolado de fixação? .....	116
2. Vias do apostolado de fixação: o entusiasmo pela doutrina de S. Luís Grignon e o entusiasmo pela pessoa de S. Luis Grignon.....	117
3. Papel das conversas de "Estado Maior" .....	118
<b>QUARTA PARTE - "INSTRUMENTOS" COM OS QUAIS A GENTE PODE AJUDAR O APOSTOLANDO A PERCORRER O PROCESSO QUE VAI DA DETETAÇÃO À SANTIFICAÇÃO DELE</b> .....	<b>119</b>
I. O ATIVISMO INDIVIDUAL .....	119
A. <i>Conceito e modalidades de Ativismo Individual. Diferença com ação coletiva e com Opinião Pública</i> .....	119
B. <i>Princípio da transposições: as regras da modalidade mais elementar de Ativismo Individual se aplicam às modalidades mais complexas</i> .....	120
C. <i>Ação de indivíduo a indivíduo</i> .....	120
1. O verdadeiro apóstolo percebe a luta RCR no interior de cada alma, e procede em função disso .....	120
2. Como perceber a luta RCR no interior de cada alma? Como intervir nessa luta? .....	120
3. Modalidades da ação de indivíduo a indivíduo .....	126
D. <i>Esquema da ação de indivíduo a ambiente</i> .....	127

<i>E. Teoria dos ambientes</i> .....	128
1. Pressão, pressão exercida por uma pessoa, pressão exercida por um ambiente .....	128
2. Ambiente, ambiente material e ambiente psicológico .....	128
3. Articulação dos ambientes .....	129
4. Em que medida um cooperador pode participar de um ambiente? .....	132
5. Classificação dos ambientes e dos grupos de indivíduos: pequenos, médios e grandes; homogêneos e heterogêneos; sem consistência, esporádicos e fixos .....	132
<i>F. Ação de indivíduo a ambiente. A conquista de um ambiente por um cooperador</i> .....	133
1. O senso do mal, pressuposto para a luta em qualquer ambiente.....	133
2. A luta num ambiente muito vasto. Papel dos mais influentes .....	134
3. A luta num ambiente esporádico: não deixar nada sem resposta. Formas de nossa defesa .....	134
4. A luta num ambiente fixo: descolar a cabeça da cauda da serpente .....	135
5. A luta num ambiente completamente desconhecido .....	136
6. A luta num ambiente homogeneamente hostil - Apostolado do prestígio .....	139
7. A luta num ambiente homogeneamente simpático: enriquecer os pontos de afinidade.....	140
8. A luta num ambiente heterogêneo: cutucar o adversário.....	140
9. A luta nos ambientes onde o pendão da R foi erguido e nos ambientes onde o pendão da R ainda não foi erguido.....	140
10. A vitória .....	140
11. Em toda parte a gente pode (e deve) fazer apostolado .....	141
12. A ação de um indivíduo sobre um ambiente vista através do apostolado da conversa .....	141
<i>G. A conquista de um ambiente por uma equipe cooperadores</i> .....	143
1. Em relação a nós todo ambiente se divide em 3 categorias.....	143
2. Em qual dessas categorias devemos deitar o grosso de nosso esforço? Que objetivo devemos visar ao agir sobre essa categoria?.....	144
3. Obstáculos que encontramos para levar atrás de nós os centristas .....	144
4. É preciso discutir questões doutrinárias. Se isto não adianta, o que é que a gente deve fazer?.....	145
5. Cobrar do centrista coerência entre suas idéias CR e a atitude temperamental que ele toma em relação a essas idéias.....	145
6. Falar do binômio medo-simpatia e do relativismo, dos quais o centrista é vítima .....	146
<i>H. A conquista de um colégio por uma equipe de alunos-cooperadores</i> .....	147
1. Obstáculos para penetrar e agir num colégio .....	147
2. Como enfrentar os obstáculos? .....	148
3. Uma vez vencidos os obstáculos, o que fazer? como fazer? .....	150
4. Como levantar as questões candentes? em que momento? .....	151
5. Como proceder em relação ao professor R?.....	151
6. Conselhos para o professor-cooperador da Congregação.....	151
7. Se apenas há um aluno-cooperador no colégio, o que ele deve fazer? .....	152
<i>I. A conquista de uma universidade por uma equipe de universitários-cooperadores</i> .....	152
1. Que tipo de universidade devemos preferir? .....	152
2. Jeitos para penetrar nas universidades .....	153
3. Que tipo de universitário devemos procurar? Composição do corpo de alunos de uma universidade .....	154
4. Uma vez detectados os ultramontanáveis, formar um grupo, fazer campanhas dentro da universidade e editar uma revista.....	155
5. Composição do grupo de universitários ultramontanáveis. O tema da revista deve ser polêmico e atual ..	155
6. Apresentar-se ufanos de ser católicos .....	155
7. O apóstolo universitário precisa analisar o espírito da universidade e não se deixar infiltrar por ele .....	155
8. Como proceder em relação ao pessoal que tem um pensamento parecido com o nosso, mas tem uma posição em relação ao mundo moderno diferente da nossa?.....	156
<b>II. A CONVERSA</b> .....	159
<i>A. A conversa, flor da Cristandade que continuou a se desenvolver após da Idade Média</i> .....	159
<i>B. O que é a conversa? como nasce? como se desenvolve?</i> .....	159
<i>C. Importância da conversa</i> .....	160
1. Do ponto de vista RCR .....	160
2. Do ponto de vista da Congregação.....	160
3. Do ponto de vista do apostolado .....	161
4. Para fazer carreira é preciso saber conversar .....	162
<i>D. Elementos</i> .....	162
1. A presença, a fisionomia, o olhar, a voz, o "maintien" dos interlocutores .....	162
2. A vida de pensamento dos interlocutores e o jeito de expor o pensamento.....	163
3. A graça.....	163
<i>E. A conversa perfeita: mistura do espontâneo com o planejado</i> .....	164
<i>F. Regras da arte da conversa</i> .....	164

1. No que diz respeito à impositação dos interlocutores .....	164
2. No que diz respeito ao tema .....	167
<i>G. O cumprimento, arte de inaugurar e de encerrar a conversa .....</i>	<i>170</i>
<i>H. Como proceder em relação a um indivíduo de mal espírito numa conversa?.....</i>	<i>171</i>
<i>I. Conversando se aprende a conversar .....</i>	<i>171</i>
<b>III. A REUNIÃO.....</b>	<b>172</b>
<i>A. Regras da reunião bem feita .....</i>	<i>172</i>
1. A reunião precisa ser sobre vários temas, para satisfazer as apetências dos diversos tipos de apostolandos .....	172
2. Os temas da reunião devem ter relação com fatos concretos de atualidade .....	172
3. Os temas da reunião e os temas das conversas devem complementar-se .....	172
4. Convém que entre o expositor e os ouvintes haja intermediários.....	173
<i>B. Os apostolandos precisam conhecer bem a doutrina católica e se exercitar na análise e crítica do mundo contemporâneo .....</i>	<i>173</i>
<i>C. As historietas e "leçon des choses" despertam o apetite dos apostolandos .....</i>	<i>173</i>
<i>D. Para os "aproximandos", 1 ou 2 reuniões por semana, e 1 período de conversa-mole sobre temas não-mole.....</i>	<i>174</i>
<i>E. Nossa "ratio studiorum". Normas para um curso CR de história.....</i>	<i>174</i>
<i>F. Como estudar e como dar um curso sobre a Revolução Francesa .....</i>	<i>174</i>
1. O eixo da questão gira em torno das objeções que os apostolandos tem a respeito do tema .....	174
2. Objeções de quem recusa abordar o tema da Revolução Francesa.....	175
3. Objeções de índole histórica a respeito do Ancien Regime .....	175
4. Objeções de índole histórica a respeito da Revolução Francesa propriamente dita .....	176
5. Objeções de índole doutrinária.....	176
<i>G. Reuniões de virginização.....</i>	<i>176</i>
1. Razão de ser deste tema. Em que medida, como e quando abordar o tema? .....	176
2. Castidade absoluta e castidade matrimonial. Castidade do corpo e castidade da alma .....	178
3. Razão de ser da castidade e do celibato do membro do Grupo .....	178
4. A Igreja aprova e recomenda o celibato dos leigos .....	184
5. Como se punha a questão sexual nas gerações não-enjolrráticas e como se põe na geração enjolrras? ....	185
6. Providências concretas para a gente não cair na impureza (*) .....	185
7. Pontos para um exame de consciência diário a respeito da pureza.....	188
8. Providências remotas para não cair na impureza .....	189
9. A castidade é fruto da graça e é inteiramente recuperável .....	190
<b>IV. AS SEFACS - META E MÉTODO DE UMA SEFAC BEM SUCEDIDA .....</b>	<b>191</b>
<i>A. Triagem dos participantes antes e durante a SEFAC. Modo de proceder com os descontentes..</i>	<i>191</i>
<i>B. O tema.....</i>	<i>191</i>
<i>C. O principal das SEFACS não são as reuniões, mas as conversas .....</i>	<i>192</i>
<i>D. Todos os apóstolos devem participar ativamente.....</i>	<i>192</i>
<i>E. O problema da decalagem entre as vivências e os raciocínios, ou entre a Post-SEFAC e a SEFAC.....</i>	<i>192</i>
<b>V. A GRAÇA.....</b>	<b>194</b>
<i>A. No interior de cada homem se trava uma batalha grandiosa entre os apelos do bem e os apelos do mal. O fator decisivo da luta é o homem .....</i>	<i>194</i>
<i>B. Entre os apelos do bem, a graça é o fator "princeps". A técnica apostólica é fator secundário .</i>	<i>195</i>
<i>C. Mas a técnica de apostolado é indispensável .....</i>	<i>196</i>
<i>D. A vida interior e o apostolado se complementam. O papel da graça e o papel da técnica apostólica também.....</i>	<i>197</i>
<i>E. A finalidade coletiva de uma ordem religiosa e a finalidade individual de um membro dessa ordem se complementam .....</i>	<i>197</i>
<i>F. A oração, raio laser do apostolado.....</i>	<i>198</i>
1. Se o apóstolo não faz da oração o seu principal instrumento, não consegue nada .....	198
2. Certas graças Deus dá só quando a gente as pede e na medida que pede .....	199
3. Regras para conseguir que Deus atenda nossos pedidos .....	200
4. Preces pro oportunitate dicende (*).....	202
<i>G. O sofrimento, forma mais sublime e mais empolgante de apostolado.....</i>	<i>205</i>
1. É normal que o apóstolo sofra muito .....	205
2. Formas de isolamento e de confiança que Nossa Senhora quer do apóstolo .....	207
3. A sensação de aparente inutilidade, pórtico do sucesso no apostolado .....	210
4. O grande sacrifício que é pedido especificamente a nós: assumir a mentalidade da Congregação .....	212
5. Respeito, veneração e entusiasmo do Dr. André pelas almas sofredoras .....	213

H. A transparência do lumen da Congregação, "bomba atômica" do apostolado.....	213
<b>QUINTA PARTE - NORMAS ESPECIFICAS .....</b>	<b>215</b>
I. QUANTO AO APOSTOLADO COM O ALVEOLADO E COM O DESALVEOLADO .....	215
A. Caraterísticas do alveolado e do desalveolado que prestam.....	215
B. Como tocar o apostolado com eles? .....	215
II. QUANTO AO APOSTOLADO COM O ULTRAMONTANA VEL ENGAJADO NA IV REVOLUÇÃO .....	216
III. QUANTO AO APOSTOLADO COM O ULTRAMONTANA VEL DE CLASSE ALTA .....	217
A. Fazer apostolado só numa classe muito modesta é errado.....	217
B. A classe alta um valor autêntico mas limitado.....	218
C. Penetração e recrutamento na classe alta.....	218
D. Os obstáculos.....	219
1. O espírito, a entrosagem e o fechamento da própria classe alta .....	219
2. Os preconceitos anti-congregação.....	220
3. Como refutar esses preconceitos.....	220
E. A fixação .....	221
IV. QUANTO AO APOSTOLADO COM O ULTRAMONTANÁVEL DE PEQUENA BURGUESIA .....	221
A. Vantagem do apostolado neste meio.....	221
B. Dificuldade para o apostolado neste meio: a defasagem entre os horizontes do rapaz e nossos horizontes .....	222
V. QUANTO AO APOSTOLADO COM O ULTRAMONTANA VEL OPERÁRIO .....	222
VI. SERIA O CASO DE CRIAR UM SETOR QUE FIQUE ENTRE OPERÁRIO E MINUSCULA BURGUESIA? .....	223
VII. QUANTO AO APOSTOLADO COM O RAPAZ QUE TEM SEDE DE MARAVILHOSO E COM O QUE NÃO TEM ESSA SEDE .....	223
A. Distinção entre o rapaz "filho do automóvel" e o pseudo "filho do automóvel", entre o que adora um símbolo da Revolução e o que não adora esse símbolo.....	223
B. O apostolado do maravilhoso, caminho rápido, fácil, seguro para chegar ao auge de nossa expansão.....	224
VIII. QUANTO AO APOSTOLADO NOS MEIOS MONARQUISTAS .....	225
IX. O APOSTOLADO NAS CIDADES DO INTERIOR .....	226
A. Eu quero muitíssimo e mando categoricamente que a Congregação tenha sedes em todas as cidades do Brasil.....	226
B. Razões de meu empenho nesse sentido .....	227
1. Do ponto de vista da Causa CR no mundo inteiro .....	227
2. Do ponto de vista da Causa CR no Brasil e do ponto de vista da opinião pública .....	227
C. Tarefas dos grupos locais quanto aos indivíduos e quanto à opinião pública .....	229
D. Mérito do cooperador que permanece no interior .....	230
E. Normas para os primeiros passos do apostolado numa cidade do interior.....	230
F. Normas para a formação dos apostolandos.....	231
G. Origem da falta de perseverança dos apostolandos nas cidades do interior .....	231
H. Brasília .....	232
I. Ceará - Fortaleza.....	232
1. Há duas espécies de cearenses: o jangadeiro e o sinárquico .....	232
2. A falta de sabedoria, nota dominante do estado de espírito do fortalezense .....	232
3. Como tratar o temperamento cearense? .....	233
4. Importância e localização da sede de Fortaleza .....	233
5. Calendário apostólico: primeiro arranjar a sede e depois procurar gente? ou primeiro procurar gente e depois arranjar a sede.....	233
6. Enquanto não houver apóstolos enjorras em Fortaleza, o apostolado não pegará .....	233
7. Nas abordagens, apresentar-se como cooperador da Congregação .....	234
8. Como tocar o apostolado com o cearense de mentalidade jangadeiro?.....	234
9. Quais são os mais aproveitáveis? como tocar o apostolado com eles?.....	234
10. A seriedade, ponto reatrix do apostolado em Fortaleza.....	235
11. Normas para o trabalho com CCEE .....	235
J. Joinville .....	235
K. Londrina .....	236
L. Minas Gerais.....	236



<i>M. Nordeste</i> .....	236
1. Situação do Nordeste e mentalidade nordestina .....	236
2. Normas para o apostolado e para a vida interna .....	237
<i>N. Pernambuco</i> .....	237
<i>O. Rio Grande do Sul</i> .....	237
1. Mentalidade do gaúcho .....	237
2. Normas para a vida interna .....	238
<i>P. Rio de Janeiro</i> .....	238
1. Mentalidade do carioca de hoje e do carioca de outrora. Normas para o apostolado em função disso .....	238
2. Convém mudar de sede de apostolado. Localização ideal da sede .....	239
<b>X. DESVIOS NO "METIER" DO APOSTOLO ITINERANTE</b> .....	<b>240</b>
<i>A. Dar precedência à logística sobre a formação dos apostolandos. E dar precedência à formação dos apostolandos sobre a formação de si próprio</i> .....	240
<i>B. Pensar que, pelo fato de morar no interior, o apóstolo não tem obrigação de progredir na vida espiritual</i> .....	241
<i>C. O exagerado interesse pela quantidade em detrimento da qualidade dos apostolandos</i> .....	241
<i>D. A exagerada benevolência</i> .....	241
<i>E. Limitar o "métier" apostólico à primeira fase</i> .....	242
<i>F. Impingir sublimidade à força</i> .....	242
<i>G. Apresentar-se como uma coisa rasa</i> .....	242
<i>H. Fazer apostolado no estilo clássico, sem adaptar-se ao apostolando</i> .....	243
<i>I. O excessivo interesse pela vida da cidade onde o apóstolo está</i> .....	243
<i>J. A preocupação de ficar bem cotado no pátio de S. Paulo</i> .....	244
<i>K. Fazer apostolado por amor ao aplauso e não por amor a Deus</i> .....	244
<i>L. Fazer apostolado mais por medo do inferno do que por amor à Causa</i> .....	244
<i>M. Fazer apostolado com mentalidade heresia branca e com mentalidade naturalista</i> .....	245
<b>XI. O APOSTOLADO DA PESSOA DO FUNDADOR DA CONGREGAÇÃO</b> .....	<b>245</b>
<i>A. Quando e a que tipo de apostolando falar da pessoa dele?</i> .....	245
<i>B. Como falar?</i> .....	245
<i>C. Fatinhos ilustrativos de como apresentar nosso Fundador ao apostolando. Importância dos pormenores nas narrações</i> .....	246
1. Quando eu era menino, como é que adormecia, na hora da sesta? .....	246
2. Como é que adormecia na noite? .....	247
3. Como era o despertar? .....	247
4. O despertar de nosso Fundador hoje .....	248
<i>D. As regras de apostolado ao vivo</i> .....	248
1. Como nosso Fundador faz apostolado conosco? .....	248
2. Como a senhora mãe do Fundador fazia apostolado .....	249
<b>SEXTA PARTE - O APÓSTOLO ITINERANTE</b> .....	<b>250</b>
<b>I. SUA VOCAÇÃO</b> .....	<b>250</b>
<i>A. O apostolado itinerante, vocação definida, com rumo e objetivo dentro da Congregação</i> .....	250
<i>B. Quid eremítico da vocação do apóstolo itinerante</i> .....	250
<i>C. Diferença entre apostolado itinerante e eremismo itinerante</i> .....	252
<i>D. Quid profético da vocação do apóstolo itinerante</i> .....	252
<i>E. Quid exorcista da vocação do apóstolo itinerante</i> .....	253
<i>F. Quid angélico da vocação do apóstolo itinerante</i> .....	253
1. A sensação de estar excluído --quer da epopéia da Congregação, quer da algazarra do mundo contemporâneo-- : ação do demônio sobre o apóstolo numa cidade pequena .....	253
2. Duas concepções da ordem física e da ordem humana: a) como um universo fechado; b) como um campo de batalha entre anjos e demônios .....	254
3. O apóstolo itinerante, auxiliar dos anjos nessa luta .....	255
4. Exemplo de como os anjos atuam: os eflúvios de São Bento .....	255
5. A sensação de inutilidade e de estar excluído, ações do demônio sobre o apóstolo nas cidades grandes e médias .....	255
6. De como os anjos tiram partido dessa exclusão. O apóstolo itinerante, vanguarda da Cavalaria Angélica .....	256
<b>II. LACUNAS E PERIGOS AOS QUAIS ESTÁ EXPOSTO O APÓSTOLO ITINERANTE</b> .....	<b>256</b>
<i>A. Em matéria de humildade</i> .....	256
<i>B. Em matéria de pureza</i> .....	258

C. <i>Em matéria de pensamento. Razões do não-aproveitamento das reuniões</i> .....	259
1. Faz falta ao apóstolo um certo embasamento doutrinário .....	259
2. Ele não está habituado a reter no espírito o que deve reter .....	259
3. O amor próprio o absorve .....	259
4. Os probleminhas prático-prático o devoram .....	259
5. Cada um julga que a posição do outro é melhor. Em consequência desiste de lutar com empenho, se deprime e acachapa .....	260
6. Lhe falta amor de Deus .....	260
7. Tem dificuldade em concentrar a atenção em algo que não diga respeito ao egoísmo.....	261
D. <i>Em matéria de pensamento e de ação</i> .....	261
E. <i>A aridez no apostolado</i> .....	261
F. <i>A rotina, pórtico do ensabugamento do apóstolo</i> .....	261
III. SUA VIDA DE PENSAMENTO.....	262
A. <i>O pensamento, pressuposto do "métier" do apóstolo</i> .....	262
1. Para comunicar entusiasmo, o apóstolo precisa ter entusiasmo .....	262
2. Se o apóstolo tem entusiasmo, ele tem interesse e gosto pelos temas da vocação .....	262
3. E entre os temas da vocação, ele tem maior interesse e gosto pelo sublime .....	262
4. Sem estudo não há apostolado. Sem estudo não há Ativismo Individual.....	263
B. <i>O pensamento e o entusiasmo, termômetros da vida espiritual do apóstolo</i> .....	263
C. <i>O apóstolo se interessa pelo estudo quando relaciona a doutrina com os problemas concretos do recrutamento</i> .....	264
IV. SUAS RELAÇÕES .....	264
A. <i>Com o Fundador da Congregação</i> .....	264
1. Como eu vejo e trato cada cooperador e cada apóstolo itinerante? .....	264
2. As graças que repousam em mim, depois defluem para os senhores .....	265
3. Nossa união de cogitações e de vias.....	266
4. Nossa união estando perto e estando longe.....	266
5. Oração da manhã e oração da noite para o apóstolo itinerante estar unido a mim .....	266
6. A tibiaza dos apóstolos itinerantes é a maior tristeza de meus dias .....	267
B. <i>Com outro apóstolo itinerante</i> .....	267
1. Respeito, afabilidade e perdão, notas dominantes do relacionamento entre dois apóstolos itinerantes .....	267
2. Pontos do capítulo de culpas de uma dupla de apóstolos itinerantes.....	268
C. <i>Com os CCEE</i> .....	268
D. <i>Com as autoridades</i> .....	269
V. SEU ORDO.....	269
A. <i>No tocante ao programa do dia</i> .....	269
B. <i>No tocante à vida de pensamento</i> .....	270
C. <i>No tocante à abordagem</i> .....	271
D. <i>O Ordo precisa ser aprofundado e acrescido continuamente</i> .....	271
VI. PONTOS DO EXAME DE CONSCIÊNCIA DO APÓSTOLO ITINERANTE .....	271
VII. O PRINCÍPIO DE SUBSIDIARIDADE NO APOSTOLADO E NA ADMINISTRAÇÃO DA SEDE.....	272
<b>SETIMA PARTE - ANEXOS E CONEXOS.....</b>	<b>273</b>
I. O FATOR FAMÍLIA.....	273
A. <i>A proibição de freqüentar a sede</i> .....	273
1. Condições para proibir total ou parcialmente um rapaz de freqüentar a sede .....	273
2. A culpa pela proibição não é nossa. Fidelidade do proibido .....	274
3. A semi-proibição ou "regime especial" consiste em ceder para não perder .....	275
B. <i>A encrenca com pais de cooperadores menores de idade e maiores de idade a propósito da história de seita e lavagem cerebral</i> .....	276
C. <i>Nosso "discurso"</i> .....	277
1. O que dizer a respeito da Congregação? .....	277
2. O que dizer a respeito das relações do apóstolo com sua família? .....	278
3. O que dizer a respeito da sede? .....	278
4. O que dizer a respeito dos estrondos? .....	279
5. O que dizer a respeito do Sexto Mandamento? .....	279
D. <i>A visita do apóstolo à casa do apostolando - Normas</i> .....	279
1. Quando o objetivo da visita é falar com o apostolando.....	279
2. Quando o objetivo da visita é falar com os pais do apostolando .....	280
a. No caso de os pais serem simpáticos .....	280
b. No caso de os pais serem neutros .....	280

c. No caso de os pais serem contrários .....	280
E. A visita da família de um apostolando à sede .....	281
F. Conduta do neófito fervoroso em casa.....	282
G. Eu estou de acordo com a "lei K" e quero a "lei K" .....	283
II. AS MAFIAS.....	284
A. Como e o quê responder a um objetante de mal espírito? .....	284
1. Quanto a trajés, corte de cabelo e costumes .....	284
2. Quanto a morar fora de casa .....	285
3. Quanto a casamento e namoro .....	285
4. Quanto a bailes, cinemas, TV, futebol .....	285
5. Quanto a karatê e porte de armas .....	286
6. Quanto a sair da Congregação.....	286
7. Quanto a relações com o governo e com os partidos políticos.....	286
8. Quanto às finanças da Congregação.....	287
9. Congregação e miséria .....	287
10. Somos os donos da verdade?.....	287
11. Estandartes e capa .....	287
12. Quanto à intransigência.....	287
13. Paulo VI, Concílio, missa nova, críticas à Estrutura .....	288
14. "Vocês não tem popularidade. Todo mundo é contra vocês" .....	288
15. Utilidade do mostruário na réplica às máfias .....	288
B. Como concluir a discussão com uma pessoa infectada pela máfia? .....	288
C. Como proceder perante insinuações pesadas a respeito de nossa varonilidade? .....	289
D. Convém organizar equipes de visitantes que derrubem as articulações mafiosas.....	289
E. Convém coletar cartas de famílias favoráveis e ex-cooperadores.....	290
F. Normas para uma publicação a respeito da máfia em São Carlos.....	290
G. Nossa Senhora sabe tirar partido das máfias.....	290
III. EREMOS DE ATIVISMO INDIVIDUAL (*).....	290
A. Vocação dos Eremos de Ativismo Individual. Importância do Dom Chautard .....	291
B. O relacionamento dos eremitas de São Paulo Apóstolo com os apóstolos itinerantes .....	291
1. A afinidade de missão, pressuposto do relacionamento .....	291
2. Meios do relacionamento .....	291
a. Através de cartas.....	291
b. Através de simpósios .....	292
c. Através de estágios dos apóstolos no ESPA .....	293
C. Papel dos êremos da Ativismo Individual no apostolado de fixa�o.....	293
IV. A COMISSÃO DE EXPANSÃO.....	294
A. Normas para a Comissão no tocante à assistência psicológica aos apóstolos itinerantes. A troca de cartas entre a Comissão e o apóstolo .....	294
B. Outras tarefas para a Comissão .....	295
V. O APOSTOLADO VISTO EM FUN�O DO INSTITUTO SECULAR.....	296
VI. A OBEDIÊNCIA VISTA EM FUN�O DO INSTITUTO SECULAR.....	297
A. A obediência, continua conformidade com a vontade de Deus e com a vontade do superior .....	297
B. A obediência numa ordem religiosa.....	298
C. A obediência na Confraternitas Laicalis. O que nesta matéria já existe e o que falta. O perfeito superior .....	298
D. O que é que nos leva a obedecer ao nosso Fundador? Fundamentos da obediência na Confraternitas Laicalis.....	300
1. O fato dele ter um discernimento maior .....	300
2. A união de ideais e inten�es RCR com ele.....	301
3. O fato de que nele transparece o "lumen Ecclesiae" .....	302
4. O fato dele estar voltado contra a tenta�o social do demônio.....	303
E. Correla�o entre obediência e entusiasmo .....	303
<b>EPILOGO .....</b>	<b>304</b>

## PRIMEIRA PARTE - INTRODUÇÃO

### I. OBJEÇÕES VIVENCIAIS EM RELAÇÃO AO APOSTOLADO

#### A. "A gente faz apostolado de um modo instintivo e espontâneo. Não precisa de raciocínio nem de planejamento"

Tenho impressão que o pessoal que faz apostolado muitas vezes não [conhece a mentalidade] do outro diante do qual está, e que joga um jogo cujas regras ignora <sup>1</sup>.

Um [certo] número de [apóstolos] tem a idéia de que o apostolado se faz de um modo irrefletido e inteiramente espontâneo, e que a gente aborda o outro para fazer apostolado absolutamente como quando para uma pessoa na rua [pergunta] que horas são. Quer dizer, sem plano prévio nem nada. Na hora sai como saiu, dê no que der.

A idéia de que há toda uma preparação prévia, toda uma adaptação contínua, toda uma técnica para aplicar, esta idéia em alguns dos senhores talvez esteja um pouco no mundo da lua. Em outros nem isso: na hora de conversar, conversam sem olhar se o apostolando está com vontade de [tratar] daquilo <sup>2</sup>.

Conversar não é falar do que a gente tem vontade, conversar não é dizer o que vem à cabeça. Conversar é pegar almas para Nossa Senhora. A gente deve trabalhar na conversa como um diplomata ou como um político. Quer dizer, conversa planejada é uma condição de nossa vocação. A conversa espontânea é conversa de bobo <sup>3</sup>.

O apostolado não é uma coisa que se pode reduzir a um impulso, a uma coisa meramente instintiva. Mas pelo contrário é uma ação que deve ser inteiramente raciocinada. [De tal maneira que], para que o apóstolo tenha a plena eficácia de [sua] ação é preciso que ele raciocine profundamente, e que ele esteja em presença de toda uma teoria <sup>4</sup>. Há um mundo de regras [de apostolado], a coisa é complexa (\*), supõe adaptação, e só será eficaz quando os senhores tiverem adaptado <sup>5</sup>.

-----  
 (\*) [É errado imaginar que fazer apostolado consiste em] passar perto de um rapaz, chamar o rapaz e o rapaz então segue. Não é assim que se passa.

E com o próprio Nosso Senhor também não se passou assim. Ele chamou muito mais [gente] do que aqueles que começaram a ir atrás dEle; e daqueles que começaram a ir atrás dEle, Ele só pode aproveitar um número bem menor. No período da formação, em que os Apóstolos deveriam criar inteiramente raízes na vocação que eles tinham recebido, Nosso Senhor teve dificuldades e os Apóstolos corresponderam de um modo muito incompleto ao que Nosso Senhor queria.

Quando o rapaz chega, que dificuldade fazê-lo um cooperador que freqüente habitualmente a Congregação! Quando ele começa a freqüentar, começa outra dificuldade. Depois da atração, vem a fixação. E depois da fixação vem o processo da santificação. Tudo isso é difícil, é inçado de problemas, etc. <sup>6</sup>

-----  
 Se os senhores quiserem ser verdadeiros apóstolos itinerantes, ou os senhores tem métodos e conseguem pôr em prática esses métodos, ou a Congregação está em relação a outras correntes de pensamento mais ou menos como um cego está para gente que tem vista. Porque ao longo da História todas as correntes de pensamento que tem vencido, que tem ganho terreno, tem atrás de si um mundo de pensamento e métodos para difundir esse pensamento.

E portanto os senhores, que por vocação são difusores de idéias, precisam ter isso.

Na primitiva Igreja a diferença entre alguns pontos do dogma católico --por exemplo a Missa e a Presença Real-- e as religiões pagãs era tão grande, que havia uma dificuldade enorme de [fazer apostolado com] os pagãos. Até para manter o indivíduo dentro da Igreja Católica havia dificuldade.

Os senhores já imaginaram pagãos do tempo dos romanos ouvindo dizer que num pão está presente um Homem-Deus que morreu e ressuscitou?

Então havia um método que consistia em ir dizendo as coisas aos poucos, ir filtrando a doutrina católica a conta gotas. Por exemplo, primeiro contar a vida de Nosso Senhor, para depois, quando a pessoa tivesse simpatizado, insistir sobre os milagres e explicar o que é um milagre, depois então explicar o que que o milagre quer dizer, para depois chegar e dizer que esse Homem foi um Deus. Com uma porção de noções prontas, aí entrava a Presença Real, a

<sup>1</sup> 2/1/66 (RN 61)

<sup>2</sup> Reunião para eremos de Ativismo Individual e Apóstolos Itinerantes, 29/5/74 (ER 81)

<sup>3</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 21/9/76 (ER 191)

<sup>4</sup> SD 15/2/74 (ER 142)

<sup>5</sup> Reunião para Eremos de Apóstolos Itinerantes e Apóstolos Itinerantes 29/5/74 (ER 81)

<sup>6</sup> Reunião propulsores de apostolado 5/2/85 (K 2)

Transubstanciação. E só aí é que se permitia assistir a Missa inteira. Do contrário, havia uma parte da Missa em que os neófitos eram obrigados a sair, não podiam assistir.

Havia portanto um método gradual de fazer apostolado, para transmitir um mundo de idéias, de convicções inteiramente novas para aquele tempo. Havia toda uma metodologia complicadíssima adaptada às circunstâncias daquele tempo.

Ora, se isso é assim, em relação aos neo-pagãos do século XX é preciso ter método também. E isso exige um esforço de inteligência da parte dos senhores. E embora alguns dos senhores não tenham curso universitário, ou tenham [pouca inteligência], precisam fazer força e aprender.

[Afirmar] que o método é complicado equívale a reivindicar para a nossa Causa o fracasso. Porque difundir poucas idéias à maneira de um tonto qualquer que encontra um outro qualquer e diz para ele o que quer, isso é o fracasso.

Usando uma péssima comparação, todo mundo sabe que o comunismo tem toda uma visão do universo, toda uma filosofia e que o militante comunista aprende um método para difundir o comunismo, para conversar, para abordar os temas, etc.

Agora, o que eles fazem por amor do demônio, nós não podemos fazer por amor a Nossa Senhora?

Se os comunistas tem todo um método para catequizar gente, como é que não pode haver um método católico de fazer isso? Os comunistas conhecem as regras do jogo e nós pretendemos ganhar deles não sabendo as regras do jogo?

Imaginem uma partida de xadrez. O lado de lá tem um homem que conhece as regras do xadrez. Do outro [lado], um homem que não conhece. Quem ganha a partida? Ora, a cabeça de todo mundo com quem nós tratamos é um tabuleiro, que tem peças que o comunismo aciona e peças que nós acionamos. Se nós não sabemos acionar as nossas peças, estamos perdidos<sup>7</sup>.

Nós, que temos quase uma escola de karatê, e uma escola de marchas incomparável, devemos ter uma escola de habilidades apostólicas, pelo menos à mesma altura<sup>8</sup>.

Se nós todos fossemos mestres nas táticas [de apostolado], é evidente que a Congregação cresceria em eficácia de proselitismo prodigiosamente<sup>9</sup>. [Para esse efeito], o ideal seria se nós compuséssemos um manual<sup>10</sup>.

[Os eremitas de São Paulo Apóstolo tem a missão de] catalogar o material de apostolado que eu tenho dado ao longo dos tempos; de condensar aquilo num todo bem feito, o mais completo possível, de acordo com [um] esquema que eu dei para eles; e de elaborar no momento oportuno um Diretório de Ativismo Individual, que deve servir para a ação dos apóstolos itinerantes.

Os apóstolos itinerantes devem então passar por um curso de Ativismo Individual, de maneira que:

1) [compreendam que] não estão sendo lançados numa aventura, mas num método já comprovado, e muito mais estudado do que os senhores jamais imaginaram. Isto tudo é estudado como alguém que estuda uma coisa científica. Completamente. Tem características, tem nome, tem função, tem toda uma montagem. É uma ciência.

2) pudessem folhear antes de empreender uma ação, para pôr em ordem suas próprias impressões, suas próprias idéias;

3) e saberem como agir.

[Isto] tiraria aquele medo do salto no vácuo, que inibe muito a nossa gente<sup>11</sup> (\*).

-----  
 (\*) Agora, quando os [senhores] receberem as normas, devem testá-las e fazer objeções: "tal norma não está clara; encontrei tal situação em que a norma não se aplica; em tal ocasião fiz o contrário da norma e deu certo". Porque essas coisas se desenvolvem em contato com a realidade. Às vezes é a realidade que muda. [Então os senhores] dão a informação: "a realidade mudou em tal ponto, vamos adaptar a norma". O ideal seria que mandassem periodicamente para a Comissão [de Expansão] consultas e perguntas: "estou em tal situação, encontrei tal dificuldade, empreguei tal método e deu resultado", para a Comissão entregar para o êremo de [São Paulo Apóstolo] para ir aproveitando na elaboração das regras.

Quer dizer, na elaboração desse [manual] os apóstolos itinerantes vão ter um papel preciosíssimo --é o papel da experiência--, desde que neste ponto sejam, eu não digo ranzinzas, mas exigentes. Ranzinza é um defeito, exigente é uma qualidade. É muito nobre isto.

Ninguém deve ter uma espécie de castelinho de normas em que ninguém toca. Isto é próprio do espírito medíocre. O espírito largo, arejado, formula as normas e diz: "entreguem à experiência, o que não serve vamos reformar, o que eu quero é servir a Na. Sra." <sup>12</sup>

<sup>7</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 21/9/76 (ER 191)

<sup>8</sup> SD 25/4/87 (K 18)

<sup>9</sup> SD 6/3/70

<sup>10</sup> 21/5/71, esquema da ação individual (ER 132-133)

<sup>11</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134) e 21/5/71 (esquema da ação individual) (ER 132-133)

<sup>12</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

-----

\*

[E se os cooperadores mais novos, que ajudam os senhores a fazer apostolado, também acharem complicado o método], os senhores devem fazer com eles o que eu estou fazendo aqui com os senhores, e dizer: "olha, o método é esse, digam quais são as dificuldades que os senhores tem, as que eu saiba resolver eu resolvo; as que eu não saiba, eu consulto a São Paulo, mas nós vamos ter que acabar engolindo esse método".

[Neste sentido, seria interessante] mandar eles tratarem [de aplicar] um pontinho qualquer [do método] e fazer a crítica --pelo menos umas 2 ou 3 vezes por semana-- do que tem sido os contatos deles no colégio, porque aí a coisa aflora ao vivo.

\*

Eu vou lhes dizer como é que Santo Inácio de Loyola fazia tudo. Ele indicava o seguinte processo:

*Tem um problema? por exemplo irei fazer apostolado em tal colégio? Tome uma folha de bloco e escreva o problema no cabeçalho. Reze e antes ou depois da oração divida o papel ao meio com uma linha reta. De um lado [ponha] em cima pro e no outro contra, e vai pondo todas as razões pro e contra, numerando uma por uma. Depois analise. E embaixo escreva conclusão: irei ou não irei fazer apostolado em tal colégio.*

[De tal maneira] ele tinha a cabeça cheia do que ia fazer, que ele mesmo disse que poderia dar 15 ou 16 razões a respeito do modo pelo qual ele cumprimentou um noviço, escolheu um tema na conversa, etc.

E eu, que procurei tanto quanto possível ser um fiel discípulo de Santo Inácio, posso dar a razão de tudo quanto faço. Por exemplo, eu estou com as pernas trancadas aqui neste momento, mas eu prestei atenção o que é que ia fazer com as minhas pernas para ficar numa posição que ficasse decorosa. Assim qualquer coisinha, por menor que seja eu tenho perfeita consciência. Portanto, "a fortiori" com as palavras que eu estou empregando.

Agora, meus caros, os senhores estão ou não estão aqui numa escola para fazerem como eu faço? A razão de terem feito os votos é isso.

Eu trairia a confiança que os senhores depositaram em mim, fazendo os votos, se eu não procurasse dar aos senhores essa verdadeira riqueza de alma que é eu ser assim <sup>13</sup>.

## B. "Nosso olhómetro dispensa o estudo destas regras"

Uma idéia errada que existe em matéria [de apostolado] no meio de nós e que é preciso afastar é a seguinte: "Há um olhómetro em matéria de conhecimento individual, [por onde] a gente olha e diagnostica o sujeito como ele é. E quem não sabe fazer isso é um ente diminutae rationis".

Isto não passa de uma faceta da megalice, segundo a qual todo mundo se julga obrigado a tudo no mais alto grau, e se não tem tudo no mais alto grau é um miserável.

Um [apóstolo] numa organização grande não pode ser necessariamente um indivíduo dotado de um senso psicológico extraordinário. Porque, os indivíduos de senso psicológico extraordinário são exceção. Nós temos que organizar o [apostolado com base em] elementos racionais que independem de olhómetro. Se por cima disso ainda vem o olhómetro, tanto melhor. Mas o [apóstolo] deve basear-se num método racional ao alcance de todos.

[Observando o método, um apóstolo] evita a dispersão das impressões, o tumulto, o caos das sensações díspares, e pode [desenvolver] um [apostolado] bom <sup>14</sup>.

## C. "A esperteza é contrária ao espírito do Evangelho"

[Alguém que conheça os princípios e as normas que aqui vamos dar para o apostolado, poderia dizer]: "Dr. X, o sr. deixa bem claro que é preciso uma esperteza muito grande para fazer isso. Essa esperteza meio serpentina estará de acordo com a simplicidade evangélica? estará de acordo com aquela naturalidade do verdadeiro cristão?"

Nosso Senhor disse no Evangelho que nós devemos ligar a inocência da pomba à astúcia da serpente.

<sup>13</sup> Apóstolos Itinerantes 21/9/76 (ER 191)

<sup>14</sup> 21/5/71 ( esquema da ação individual) (ER 132-133)

Como é que se pode ao mesmo tempo ser inocente como a pomba e astucioso como a serpente? A gente tem que ser inocente como a pomba nos propósitos que tem. E astucioso como a serpente na luta contra o adversário.

Excogitar este meio de luta é um superior ato de desagravo oferecido ao Imaculado Coração de Maria, tão tão ofendido em nossa época.

Nós quereríamos consolar ao Sagrado Coração de Jesus, por intermédio do Imaculado Coração de Maria, da tristeza que Ele manifestou quando disse que os filhos das trevas são mais hábeis no seu gênero do que os filhos da luz, mostrando a Eles que pelo menos na América do Sul, no Brasil, milhares de filhos da luz fazem todo o possível para serem mais espertos do que os filhos das trevas. E de fato já tem passado nos filhos das trevas umas boas rasteiras <sup>15</sup>.

#### D. "Estas regras não valem para o mundo inteiro, nem para todos os tempos"

[É verdade que as regras que aqui vamos dar, se aplicam] especialmente para o apostolado no Brasil. Para fora do Brasil é preciso ter muito senso de adaptação.

Mesmo no Brasil, é preciso descontar um pouco. Antigamente se dizia "os Brasis": é tão grande que há vários Brasis. Em São Paulo, sendo a cidade mais rica do Brasil, a R anda mais depressa. Eu compreendo que na Bahia, em Minas ou no Rio Grande do Sul, a coisa não esteja se passando inteiramente assim.

Eu dou uma linha geral, compete aos senhores fazerem uma adaptação.

[Mas] essa linha geral eu desconfio que seja válida para o mundo inteiro, porque a R é una, etc., os senhores conhecem as várias características da Revolução <sup>16</sup>.

A gente reunindo apóstolos itinerantes do Brasil, da América do Sul, da Europa, da Índia, da Austrália, do que for, [percebe que] os problemas são os mesmos e a gente pode conversar nos mesmos termos. Essas coisas são constantes em todas as gerações; não mudam; são semelhantes, com pequenos retoques, em todas as partes do mundo <sup>17</sup>.

De um modo ou doutro, todos estão imersos no mundo moderno, e essa luta é a mesma para todos, com variantes, mas é essencialmente a mesma <sup>18</sup>.

\*

[Por outro lado], a gente tem a impressão que desde os longínquos tempos em que eu fui aluno do Colégio São Luís, as coisas mudaram tanto, que as circunstâncias de apostolado são diferentes e que as regras para apostolado que eu segui já não tem mais aplicação para os dias atuais.

Mas a minha análise atenta, paciente e penetrante da realidade, levou-me à convicção que as coisas mudam muito menos do que a gente pensa à primeira vista <sup>19</sup>.

## II. CONCEITO DE APOSTOLADO

O que que vem a ser propriamente o apostolado? qual é o sentido da palavra apostolado?

As palavras *apóstolo* e *postal* tem a mesma raiz. *Apóstolo* é aquele que é enviado; *postal*, *poster* é o envio de carta. O apóstolo é enviado por quem? É enviado por Deus. E portanto apostolado é exercer uma missão para a qual nós fomos enviados por Deus.

[Mas que prova há de que o apóstolo é enviado por Deus?] com que direito eu digo que [um de nós], por exemplo um novato que vai à Congregação pela primeira vez e que depois chega em casa, encontra o irmão dele e procura persuadir o irmão de que deve ir com ele para a Congregação, está fazendo apostolado por envio de Deus?

Acontece que a Igreja Católica é a Igreja de Deus e o que Ela ensina é ensinado por Deus. Ora, Ela ensina --aliás, está no Evangelho repetidas vezes-- que nós devemos amar a Deus sobre todas as coisas, e devemos amar o nosso próximo por amor de Deus. E para amarmos o nosso próximo, o que devemos fazer, antes de tudo, é tratar de salvar a alma dele. Deus quer isto de todos os homens. Ele quer que cada homem trate de salvar os outros.

Logo, todo homem é um apóstolo enviado por Deus para salvar os outros. E eu tenho o que todos os senhores e todos os homens tem: uma recomendação, um império de Deus, uma ordem de Deus para fazer apostolado <sup>20</sup>.

<sup>15</sup> 5/2/66 (RN 65)

<sup>16</sup> Apóstolos Itinerantes 24/7/86 (K 14)

<sup>17</sup> Apóstolos Itinerantes 16/7/89 (K 2)

<sup>18</sup> 27/7/84 (K 2 ou K 22)

<sup>19</sup> Encerramento acampamento 20/1/89 (K 6)

<sup>20</sup> SD 28/3/87 (K 17)

\*

[Cada] indivíduo foi criado para dar glória de Deus. [Cada um] é chamado a realizar um tipo de perfeição espiritual e que ninguém realizará a não ser ele.

Ele tem para isso um conjunto de tendências, inclinações e aptidões que o guiam para aquele objetivo. [Quer dizer], há dentro dele como que um embrião daquilo que poderá ser.

Cabe à vontade, junto com a graça, fazer com que esse embrião desenvolva todas as potencialidades que tem dentro de si e adquira sua fisionomia completa.

Mas [também] temos dentro de nós uma sombra do que poderemos ser se formos maus. Há um determinado tipo que realizaremos se formos maus. [Há dentro de nós] um conjunto de inclinações, defeitos, vícios e taras que nos levam para onde não devemos ir, e aonde acabaremos tendo uma fisionomia completamente diferente do que se fossemos bons.

[De maneira que] há duas tendências [princeps] dentro de nós: uma nos leva para o bem, outra para o mal. É na luta dessas [tendências] que consiste nossa vida espiritual, nossa santificação. Em outros termos, há duas personalidades em luta coexistindo no mesmo homem, às quais os autores espirituais chamam "homem velho" --cheio de defeitos-- e "homem novo" --é o bom.

O conjunto dos homens não vai nem por um nem por outro caminho, vai na mescla dos dois. Dão os híbridos, nos quais se encontra traços embrionários do que seriam se fossem bons e do que seriam se fossem péssimos. [Portanto], o conjunto dos homens que andam por aí não são mais do que homens em estado embrionário: suas tendências não se definiram, suas potencialidades de espírito não chegaram onde poderiam chegar. [O comum das pessoas corresponde] ao que os jornais chamam "o homem da rua": não tem personalidade, vai para onde sopra o [vento], de repente por uma razão qualquer cai até o péssimo, e se vem uma ocasião boa --isso é mais raro-- ele pode melhorar.

O apostolado consiste em agir no sentido de estimular tudo o que representa as melhores tendências [de um homem], para a realização do tipo de perfeição para a qual ele foi criado; bem como no sentido de auxiliar a calcar as tendências más, para evitar que siga o mau caminho <sup>21</sup>.

\*

Diante desse mundo em que alguns estão nas trevas e procuram a luz para aceitá-la e para seguí-la, e outros que estão nas trevas e procuram a luz para extinguí-la, qual é a vossa missão? O que é que Nossa Senhora espera de vós?

Nossa Senhora quer de cada um dos senhores que na sua respectiva cidade, no respectivo campo de ação, tragam para junto dEla os filhos que Ela quer salvar, que Ela quer melhorar, que Ela quer tornar dEla.

E Ela quer precisar dos Srs. para fazer isso, porque Deus dispôs as coisas de tal maneira que Ela não vai aparecer para aqueles, como não apareceu para os senhores --foi preciso que um dia alguém abordasse os Srs. para trazer para a Congregação <sup>22</sup>.

\*

É apostolado toda ação, toda oração, toda penitência, toda mortificação que se faz com o intuito de aproximar alguém da Congregação <sup>23</sup>.

A ação dos senhores consiste em atrair os que estão chegando (\*), em fixar os que estão em vias de fixação (\*\*), e em fazer progredir os que estão fixados. É uma roldana <sup>24</sup>.

-----  
 (\*) O apostolado para trazer para dentro da Congregação um jovem que não pertence à Congregação, se chama apostolado de abordagem. Abordagem vem de bordo. O navio quando toca no cais, faz a abordagem do cais. Um navio quando encosta em outro no alto mar faz abordagem: os bordos dos navios se tocam, para trocarem coisas, etc. A abordagem de um jovem em relação a outro é [comparável a] dois navios que tocam seus bordos.

(\*\*) O que é a fixação? Para um rapaz que está há 2, 3 meses na Congregação, a Congregação é para ele mais ou menos o que era para os navegantes do século XVI descenderem na América ainda inculta e abandonada, ou descenderem na África: tudo é novo, tudo é diferente. Ele tem dificuldade de compreender tudo, ele não se sente muito compreendido pelos outros. Ele é um viajante que chega de muito longe, ele está chegando do mundo moderno, ele chega do fundo dos dias de hoje. Chega aonde? Ele vai chegando ao começo do Reino de Maria.

<sup>21</sup> Texto sem data 31 (RN 75)

<sup>22</sup> Palavrinha 19/2/89 (K 26)

<sup>23</sup> SD 30/6/70 (K 22)

<sup>24</sup> Propulsores de apostolado 19/4/85 (RN 666)



É claro que ele precisa uma aclimação, ou seja, uma adaptação ao clima. Chegar do fundo do mundo moderno para a Congregação é uma aclimação.

E nós temos que compreender que o coitado precisa de uma solicitude especial, de uma simpatia especial, de um apoio especial para se habituar a alojar-se na Congregação. Devemos fazer o possível para ele se sentir bem dentro da Congregação<sup>25</sup>.

### III. AS RAZÕES QUE NOS LEVAM A FAZER APOSTOLADO - FUNDAMENTOS DO APOSTOLADO

#### A. Do ponto de vista moral e religioso

##### 1. O amor a Deus e o amor ao próximo

Poucas coisas são gloriosas para a Virgem e para a Causa como o apostolado, e eu vou explicar por que.

1) Quando alguém caminha pelas ruas dessas grandes cidades contemporâneas, o que observa é que o mal está satisfeito, glorioso, domina tudo; e que as poucas pessoas boas que há tem vergonha de serem boas, escondem-se, andam abaixadas, humilhadas, porque não tem coragem.

Ver jovens que tem coragem, que tomam o estandarte do bem e abordam outro: "quer você também ser da Virgem?", isto é como um brado de guerra que se dá no meio da glorificação má do demônio. O demônio fica furioso e os anjos que glorificam à Virgem cantam no Céu<sup>26</sup>.

2) Vocês sabem, por experiência própria, como é difícil um rapaz praticar bem os Mandamentos da Lei de Deus quando não pertence à Congregação. Porque se pertencendo à Congregação ainda é difícil praticar os dez Mandamentos, quanto mais não pertencendo à Congregação.

Imaginemos quantos pecados mortais um rapaz que não pertence à Congregação comete por dia. Se cada vez que ele consente num mau pensamento ele comete um pecado mortal, em quantos maus olhares consentirá um rapaz comum que anda pelas ruas? É um número indefinido. Vocês já pensaram na labareda de pecados que isso representa todos os dias, subindo até Deus e injuriando-O?

Agora vocês podem imaginar Nosso Senhor no Horto das Oliveiras. Ele sofreu prevendo todos esses pecados. Mas vocês podem diminuir essa dor evitando que alguns cometam pecado mortal. Como? Pelo [apostolado]<sup>27</sup>. Vocês trazendo mais uma alma para a Congregação, com muita probabilidade evitam que essa alma se perca; e, portanto, evitam uma torrente de pecados, de ações censuráveis, etc.<sup>28</sup> Um só rapaz que vocês tragam e que pratique seriamente os seus deveres, é um turbulo que vocês acendem e que fica aceso, fazendo subir incenso aos pés de Nossa Senhora e aos pés de NSJC continuamente<sup>29</sup>.

Dada essa glória por uma só alma, se justifica largamente [o apostolado].

\*

Mas o [apostolado] tem um efeito que vai muito além de [salvar] uma só alma. [Aqueles que] que não ficam [na Congregação], ou ao menos os que freqüentam por algum tempo, levam a vida inteira uma recordação que diminui a força de impulso com que eles vão caindo dentro do mal, e que pode até representar alguma graça na hora da morte.

De maneira que o número dos que se salvam --que nós não podemos saber qual é-- é muito maior do que o número dos que simplesmente perseveram dentro da Congregação<sup>30</sup>.

##### 2. O reto amor próprio

<sup>25</sup> SD 21/2/87 (K 16)

<sup>26</sup> Palavrinha hispanos 1/2/83

<sup>27</sup> Palavrinha Belo Horizonte 5/6/83 (K 13)

<sup>28</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81 (RN 612))

<sup>29</sup> Palavrinha Belo Horizonte 5/6/83 (K 13)

<sup>30</sup> Despachinho 6/12/88 (K 22)

Nossa Senhora tem pena do pecador e quer que ele não peque. Sobre tudo Ela tem amor ao Divino Filho dEla e não quer que Ele seja ofendido. A toda forma de ofensa ao Divino Filho dEla que nós consigamos evitar que alguém faça, corresponde uma bênção que baixa sobre nós do mais alto dos Céus <sup>31</sup>.

Para obter graças e para obter que Nossa Senhora nos aproxime dEla, nós devemos aproximar dEla os outros. Portanto, o apostolado é uma prática muitíssimo agradável a Ela e muito próprio a favorecer a concessão de graças para nós <sup>32</sup>.

Alguém dirá: "mas eu não me sinto digno disso, eu deveria ser melhor, e por isso não chamo". Diga a Nossa Senhora: "Minha Mãe, eu não sou tão virtuoso quanto eu quereria, mas eu obtive um, dois, três que são virtuosos; por causa deles, tende pena de mim. Eu Vos trago aqui estes filhos [para que] sejam bons por mim".

Há um modo melhor de agradar a Nossa Senhora? Não é um raciocínio que tem de encher Nossa Senhora de misericórdia e de ternura? Ela [não] me dará o bem que eu fiz ao outro?

[Portanto], um dos melhores meios de nós curarmos os nossos pecados é oferecer a Nossa Senhora almas que nós atraímos para Ela <sup>33</sup>. Se eu tenho infidelidades e quero resgatar essas infidelidades aos olhos da Justiça Divina, não há coisa mais própria para conseguir graças para mim do que eu fazer bem à alma dos outros <sup>34</sup>.

Quem [tem] dificuldade com o orgulho, com a sensualidade, etc., ou está tentado pelo demônio de qualquer maneira, ou pelas "malarum inclinationem nostrarum", êste deve fazer apostolado, porque ele consegue por esta forma muito mais benefícios para sua própria alma.

\*

A Igreja sempre considerou que fazer esmolas leva a Divina Providência a ser generosa para com o homem "esmolaire". Mas a esmola de um conselho vale incomparavelmente mais do que a esmola de um dinheiro <sup>35</sup>.

Tratar de doentes, distribuir alimentos para os pobres, etc., é excelente. Porém, mais cedo ou mais tarde eles morrem, e o benefício que eu fiz para eles passou. Agora, se eu for instrumento de Nossa Senhora para tirar uma alma de dentro do pecado e esta alma se salvar, o bem que eu produzo é sobrenatural e eterno (\*). Nós devemos aproveitar a ocasião de distribuir esmola ou de tratar de doentes, etc., para fazer apostolado, porque normalmente pode haver outro que trate do doente, e muitas vezes o homem que Deus põe no [meu] caminho e que eu poderia pôr no caminho do bem, este homem, se eu não puser, não vai encontrar um outro que faça isto. Eu fico responsável <sup>36</sup> (\*\*).

-----  
 (\*) Qualquer alma vale mais do que o Santo Sepulcro de NSJC, porque a alma é imortal, foi criada à imagem e semelhança dEle, e para salvar uma só alma Ele se teria encarnado e teria sofrido tudo quanto sofreu.

A alma do rapaz perto do qual vocês estão passando vale mais do que o Santo Sepulcro. E vocês que iriam com entusiasmo fazer uma Cruzada para libertar o Santo Sepulcro não são capazes de abordar o rapaz?

(\*\*) [Vamos dizer que] a gente está passando pela rua, olha para [um rapaz aproveitável, mas não o aborda].

No dia do Juízo Deus vai perguntar aos senhores: "em tal data passou [perto de você] tal rapaz, você devia tê-lo abordado, esse rapaz se perdeu, por que é que você não abordou?" <sup>37</sup>

-----

Agora, digamos que um rapaz que levamos para dentro da Congregação, morre em estado de graça, vai para o Céu. O que que significa ir para o Céu? Os tronos dos anjos que pecaram ficaram vagos, e os homens [que se salvam] preenchem esses tronos. De maneira que aquele que na terra era um simples menino, no Céu é um príncipe e dá glória a Deus por toda a eternidade. Os senhores querem uma coisa mais magnífica do que isso?

E que alegria encontrar com todos aqueles para cuja salvação um apóstolo foi um intermediário! [Neste sentido] São João Bosco conta que, num sonho que teve, ele sentiu-se de repente numa planície magnífica, veio uma legião de meninos cantando em direção a ele e na frente vinha São Domingos Sávio, que disse para ele: "grande número destes meninos são alunos de seu tempo de professor, outros são alunos de colégios formados por seus alunos, são santos no Céu e vieram todos para cantar ao senhor a nossa gratidão". Até o fim do mundo é de desejar que os padres salesianos estejam salvando gente. Na raiz está São João Bosco. Os senhores podem imaginar a glória que ele tem no Céu.

<sup>31</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81 (RN 612)

<sup>32</sup> Despachinho 6/12/88

<sup>33</sup> Palavrinha Belo Horizonte 5/6/83 e Simpósio de Curitiba 27/10/69 (RN 437)

<sup>34</sup> Simpósio de Curitiba 27/10/69 (RN 437)

<sup>35</sup> Despachinho 6/12/88

<sup>36</sup> SD 28/3/87

<sup>37</sup> Palavrinha Belo Horizonte 5/6/83

Tanto mais que os teólogos ensinam que quando uma alma vai para o Céu, a felicidade fundamental, essencial, nunca se altera. Mas há uma felicidade accidental, de um nível menor, que se altera conforme na terra o benefício que a pessoa deixou esteja continuando a fazer bem.

Os senhores junto comigo --cada um a seu modo, segundo a sua idade, as possibilidades que tenha, etc.-- tem uma participação no bem total que a Congregação faça até o fim do mundo. E os senhores morrendo, a todo momento recebem mais um pagamento, mais um pagamento, dessa alma, daquela alma, daquela outra alma que se salvou.

E o homem no Céu é recompensado não apenas pelo que fez, mas pelo que queria ter feito. [Quer dizer, se] os senhores fazem apostolado para trazer 8 rapazes para a Congregação e os rapazes recusam, os senhores são recompensados como se eles tivessem tomado o caminho do bem.

Então, nunca ninguém perde o tempo fazendo apostolado, porque nós depositamos no "banco" de Deus um cheque que será pago no dia em que nós formos para o Céu <sup>38</sup>.

\*

Deus, por uma série de razões --às quais a misericórdia dEle evidentemente está muito longe de ser estranha--, pela virtude de um, Ele faz depois bem para uma porção de outros. E um que vocês tragam é uma razão para ele trazer outro, trazer outro, numa espécie de bola-de-neve do bem.

Vocês estão aqui por causa disso: cada um de vocês foi chamado por algum outro, [que por sua vez] foi chamado por outro, por outro.

E por causa disso a Escritura diz "o irmão que salva seu irmão, salva sua própria alma e brilhará no Céu como um sol por toda a eternidade". Isso ela diz de um irmão que traz outro irmão. Quanto mais um que traz muitos outros <sup>39</sup>.

### **3. Se Deus nos fez um bem, devemos fazer um bem análogo ao próximo. E se nosso Fundador faz apostolado conosco, nós devemos fazer apostolado com os outros**

Os senhores conhecem a parábola do Evangelho, de um homem que devia a outro uma grande quantia e foi perdoado; mas que por sua vez era credor [em relação a um terceiro] que lhe devia menos, e cobrou extorsivamente desse [terceiro] a dívida. Então, [aquele que o tinha perdoado] soube disso e mandou prender o homem e disse: "você deveria ter agido com o próximo como eu agi com você, não é? Como você não agiu, eu faço a você o mal que você fez ao outro".

Agora, vem a Providência, toma um de nós e dá uma porção de graças. Nós temos em torno de nós uma porção de outras pessoas que não receberam essas graças. Se eu quero que a Providência mantenha as graças que me deu e aumente, eu devo fazer aos outros o bem que eu recebi de Deus.

É uma aplicação dessa parábola num campo ligeiramente diverso, mas é absolutamente a mesma coisa.

Os senhores imaginem uma pessoa que vai num hospital e aprende gratuitamente um modo de tratar pelo qual ele sara de uma doença que ela tem. Ela sai do hospital e encontra [outrem] que sofre da mesma doença. Essa pessoa olha para o outro e não lhe faz bem nenhum. Se ela aprendeu como é que a gente sara, ela não deve dar uma indicação? Não é uma obrigação, uma vez que ela recebeu, de dar também? Me parece que sim.

Ora, isto Nossa Senhora espera de nós. Ela nos dá muitas graças, Ela espera que nós façamos análogo bem a outro. Está na lógica das coisas. Eu provoco a Deus retirar as graças que Ele me deu se eu não comunico essas graças a outro <sup>40</sup>.

Deus quer que os homens se salvem uns pelos outros <sup>41</sup>.

\*

Os senhores não tem a convicção de que, se eu não fizesse apostolado, cometeria pecado mortal? Se eu dissesse, por exemplo, "bom, já estou com alguma idade, agora vou descansar, quero ir para a Suíça, a Congregação que se arranje como quiser", os senhores não tem a sensação de que seria uma coisa tão monstruosa, tão absurda, tão contrária ao meu dever, à minha vocação, que eu cometeria pecado mortal?

Agora, o que vale de mim para os senhores, vale dos senhores para terceiros. Por que é que eu tenho obrigação de cuidar dos senhores e os senhores não tem obrigação de cuidar dos outros? A Congregação não é exatamente um

<sup>38</sup> SD 28/3/87

<sup>39</sup> Palavrinha Belo Horizonte 5/6/83

<sup>40</sup> Simpósio Curitiba 27/10/69 (RN 437)

<sup>41</sup> Texto sem data 31 (RN 75)

fogo que deve arder e contaminar tudo? Então, eu tenho obrigação em relação aos senhores e os senhores não tem obrigação em relação a ninguém?

Há uma porção de pessoas que no dia do Juízo vão apresentar-se diante dos senhores ou para os louvar pelo apostolado que fizeram, ou para pedir a sua condenação pelo apostolado que não fizeram.

Eu encerro com um sonho de Dom Bosco. [Quando] ele era seminarista, teve um sonho em que viu uma quantidade inumerável de pessoas de muitos lugares, junto à cama dele e fazendo assim com todo empenho. Eram almas que suplicavam a ele que fundasse a ordem religiosa que faria um benefício enorme em muitas partes do mundo.

Mas esse pedido, que era de todos esses pagãos para Dom Bosco, era [também] para os padres por meio de quem Dom Bosco agia, porque ele sozinho não podia nada.

Bom, "mutatis mutandis", a situação se renova. O que é que eu posso fazer em matéria de apostolado sem os membros da Congregação? Não são eles os instrumentos normais de meu apostolado? Então eles não participam da minha responsabilidade como devem participar do meu prêmio? E se eles não participarem bem, eles não incorrem num castigo? <sup>42</sup>

## B. Do ponto de vista metafísico

### 1. A ordem do ser, fundamento do apostolado. Aquilo que o homem tem no seu interior tende a comunicar-se

Tudo quanto de autêntico existe no homem tende a expandir-se, e se não se expandir fica depauperado. Assim, a idéia que o homem não enuncia, a atitude que ele não toma, o sentimento que ele não comunica, normalmente, para o comum das pessoas, tende a estiolar-se nele, a morrer dentro dele. Não é que a coisa reprimida se transforme numa espécie de câncer dentro da alma, como diz Freud. Eu digo uma coisa diferente, eu digo que ela morre.

Por exemplo, uma pessoa visita esta sede pela primeira vez, compreende o valor da sede e gosta muito da sede. O normal é que ela tenha a tendência a dizer isso. Se ela não dizer, algo da adesão que ela dá ao valor desta sede, tende a perecer. Para o comum das pessoas isso é assim.

Um filho gosta extremamente de seu pai ou de sua mãe. Se ele nunca externa esse sentimento, o amor que ele tem pelo pai e pela mãe cai.

Dois amigos que são extremamente chegados um ao outro. Ainda que seja de um modo implícito e velado, eles manifestam essa amizade um ao outro. Se nunca manifestarem, a amizade tende a desaparecer.

Portanto, se o homem tem valores de sua vida interior dentro de sua alma e ele não externa esses valores, esses valores tendem a morrer dentro dele.

Se o homem, por exemplo, é entusiasta da Santa Igreja Católica, está numa roda onde se ataca a Igreja Católica e ele fica quieto, o amor que ele tem à Igreja Católica fica ferido com isso, fica comprimido e se estiola com isso. O normal é que ele fale, que ele diga: "não, eu não penso assim, a Igreja não merece essa crítica, eu vou provar que não merece. Pelo contrário, a posição anti-católica é errada, ela tem isso de errado, aquilo de errado". É uma necessidade da vida interior. A vida interior tende a comunicar-se como o fogo tende a incendiar outras coisas. E se a vida interior não se comunica, ela se comprime e ela estiola.

Uma disposição de vida interior que não se comunica é como uma chama que não tende a queimar nada. Chama que não tende a queimar nada é uma chama de pintura, pintada num quadro. Mas a chama, por pouco que ela tenha calor, ela tende a arder e pôr as outras coisas em combustão. O amor à Igreja, por pouco que exista, tende a comunicar-se a outro, tende a expandir-se diante de outros <sup>43</sup>.

### 2. A ordem hierárquica do universo. Princípio dos termômetros

Há na ordem da criação posta por Deus alguma coisa meio parecida com o termômetro. O termômetro tem aqueles graus, mas tem um determinado ponto [para cima do qual] é o mundo da febre, e para baixo é o mundo da saúde. É uma barra que indica: "aqui começou a doença".

Assim também na ordem criada por Deus existe uma barra. Mas é uma barra muito mais nítida do que a do termômetro, [porque] tem o tamanho do abismo que vai entre a verdade e o erro, entre o bem e o mal, entre o belo e o feio.

<sup>42</sup> Simpósio Curitiba 27/10/69 (RN 437)

<sup>43</sup> Simpósio Curitiba 27/10/69 (RN 437)

Então há uma primeira desigualdade que é do que é verdadeiro, bom e belo em relação àquilo que é errado, ruim e feio.

Agora, para baixo do errado, ruim e feio existe toda uma hierarquia de cabeça para baixo, que é das coisas em graus diversos erradas, ruins e feias. Para cima existe toda gradação do bem.

\*

Como é que o que é verdadeiro considera aquilo que é errado? Vamos dizer, por exemplo, um calculista que faz cálculos muito certo e muito rápido, e outro calculista faz cálculos errados.

O que faz cálculo certo é um homem certo, apresenta um cálculo útil, verdadeiro, bom. O que faz o cálculo errado é um podre, um torto, o cálculo dele não vale nada, é uma elucubração fundada em nada, é portanto um inútil.

Não sei se percebem a superioridade por onde o útil, o certo afunda e exclui o errado. É uma superioridade fundamental por onde ele vê no outro o contrário de si mesmo, e por onde o ser vê o não-ser: aquilo não é.

Vamos tomar uma outra coisa. Como é que um vassalo leal vê um vassalo felão? Um é um vassalo válido, honrado, cumpre seu dever. O outro é um mentiroso, um Judas Iscariote. Resultado: há uma desigualdade por onde um é o contrário do outro e esguicha um nojo, uma rejeição no outro; é uma superioridade aborrecida enojada, que repele e que persegue.

[Entre] o limpo e o sujo, é mais fácil notar [o que quero dizer]. Por exemplo, uma pessoa dá uma risada, aparece os dentes limpos, normal. Outra pessoa dá uma risada e aparece os dentes avermelhados ou pardacentos de tão sujos. A boca certa parece uma trombeta que se abre para emitir sons cristalinos, a boa errada dá a impressão de um antro do qual sai bafos horríveis. [Há] uma diferença, um choque, que exclui e que rejeita a outra, atira a outra no lixo.

\*

Agora, assim como na coluna do termômetro da saúde há graus, depois na coluna do verdadeiro, do bom e do belo há graus também. O que na virtude a gente nota de um modo fácilimo.

Vamos dizer um eremita vê um outro eremita durante um incêndio, ele corre pequeno risco de pegar fogo nele, mas ele puxa o outro para fora. É um ato de coragem. Mas um eremita que resolve fazer uma operação e dar um rim para um outro, para o outro não morrer, faz uma coisa muito mais insigne, porque é ficar a vida inteira doente, a vida inteira ameaçada de morte. É um grau de coragem muito mais alto.

Como é que um indivíduo de coragem mais alta considera o de coragem mais baixa? Entre o da coragem mais alta e o da coragem mais baixa se estabelece uma distinção pela qual o da coragem mais baixa se enleva pelo da coragem mais alta, vendo nele a plenitude de si próprio; e o da coragem mais alta olha para o da coragem mais baixa não com desprezo nem com nojo, mas se enleva vendo no outro a raiz quadrada de si mesmo, e portanto gosta de ver, porque um homem que se ama a si próprio ama a raiz quadrada de si mesmo, mas nota a diferença e tem uma sensação de afinidade, de coesão, e tem vontade de dar e deseja elevar o outro até uma posição maior (\*), porque dói a todo homem reto que um outro não seja pleno. Então ele tem vontade de fazer apostolado:

-----  
 (\*) [Em outros termos], quem está debaixo, admira a diferença e deseja de se servir dessa diferença não como uma barreira mas como um canal. O que está de cima, nessa diferença ama a diferença e também não vê na diferença uma barreira mas vê um canal, quer dizer, ele quer elevar o que está debaixo.  
 No todo [há] uma sucção para o mais alto.  
 -----

"Fulano é corajoso. Como seria ótimo que ele fosse tão corajoso quanto eu! Como seria até melhor se ele fosse mais corajoso do que eu! E como seria esplendido se nós fizéssemos uma emulação de coragem, rumo ao absoluto da coragem!"

[Agora], a relação que há entre [o de maior coragem] e o de menor coragem não é a relação que há entre o corajoso e o poltrão; mas é de algum modo como a relação entre um corajoso e um poltrão. Não é mesma coisa mas tem algo de parecido.

De maneira que um homem corajoso não poderia dizer a um menos corajoso do que ele: "você é um poltrão". Mas na medida em que o homem menos corajoso recuse de ficar mais corajoso, ele poderia dizer: "há algo de poltrão em sua alma", porque essa recusa da perfeição maior é algo de aderente ao defeito que o sujeito deixou, um resquício desse defeito ficou na alma. De maneira que há algo de rejeitável dentro disso.

Então, quando a coragem menor está voltada para a admiração da coragem maior e tende a atingi-la, ela não tem defeito nenhum. A partir do momento em que ela se fixa, ela toma uma projeção do defeito. A partir do momento em que ela combate, ela passa a ser defeito (\*\*).

-----  
 (\*) O homem de coragem menor que diz: "não se deve ser tão corajoso quanto o de coragem maior", aquele, embora não seja poltrão, entrou no reino dos poltrões, porque ele começou a combater a coragem <sup>44</sup>.  
 -----

### C. Do ponto de vista psicológico. O instinto de sociabilidade, fundamento do apostolado

O homem é, por sua natureza, um ser sociável. E porque é sociável, ele procura entes semelhantes a si para o convívio (\*).

-----  
 (\*) Ninguém gosta de um convívio com indivíduos com os quais está na mais completa contradição. Indivíduos com os quais a gente possa ter uma harmoniosa diversidade, sim; uma contradição, não. Por exemplo, é normal que um pintor aprecie a companhia de um escultor por aquilo que o pintor tem de diferente com o escultor. Mas não se compreende que um artista goste do convívio de um homem que abomina a arte. Então, as diversidades harmônicas favorecem as relações. A contradição torna as relações impossíveis.  
 -----

E porque o homem tem instinto de sociabilidade, ele, pelo menos subconscientemente, tende no convívio a adaptar os outros a si, a modelar os outros de maneira a ficarem parecidos com ele.

Então, se alguém é católico, deve querer catolicizar aqueles com quem está. É necessário. Ou então ele não é seriamente católico.

Mas aqui há uma recíproca importante. É que se o homem que é católico não procura catolicizar os outros, ele se deixa descatholicizar pelos outros. Quer dizer, se eu estou num ambiente e eu não procuro modelar o ambiente segundo eu, eu me deixo modelar pelo ambiente. É inevitável.

Os senhores imaginem uma pessoa que tenha, por exemplo, muitos dotes musicais e que passa a vida inteira numa oficina mecânica aonde se considera que a música é uma espécie de mimo de maricas e de idiotas, e que [o que] é bonito é o barulho do escapamento aberto, o ferro, a bigorna, o malho. Se ele não reage contra essa opinião, dentro de algum tempo a sua própria convicção da superioridade da música pode estar abalada.

Quer dizer, quando nós não modelamos os outros a nós, nós, queiramos ou não queiramos, estamos permitindo que os outros nos modelem a eles. A vida é uma modelagem recíproca contínua. Resta saber quem tem mais força.

Resultado: ou eu faço apostolado ou as minhas convicções mingam <sup>45</sup>.

### D. Do ponto de vista da opinião pública

#### 1. Ruptura do mito segundo o qual "nós não representamos o futuro"

[Há na opinião pública] um bloco gelatinoso, a-ideológico, cuja maior convicção é "é preciso acompanhar o fio dos acontecimentos, porque o que vai sucedendo na História é mais ou menos irresistível".

Em virtude disso, esse bloco opõe contra nós uma objeção preliminar que os componentes dele não tem a coragem de levantar, mas que está no espírito deles, e que é a seguinte: "todas as idéias que vocês afirmam são do passado; e como são idéias do passado o futuro não os acompanha; e como o futuro não os acompanha vocês serão necessariamente derrotados; e como vocês serão necessariamente derrotados, eu não quero segui-los, porque o futuro vai para um outro rumo".

Se nós pudéssemos demonstrar que a Congregação representa o futuro, essas pessoas mudariam de atitude em relação a nós. E se mudássemos a atitude do 50% dessas pessoas, já estaríamos com a partida potencialmente ganha.

<sup>44</sup> Eremita São Paulo Apóstolo 7/10/74 (ER 110)

<sup>45</sup> Simpósio Curitiba 27/10/69 (RN 437)

Porque os que não pensam contra nós sobretudo por isso, entretanto ainda nesse ponto são largamente influenciados por isso. De maneira tal que, em última análise, [inclusive] os que não nos seguissem perderiam muito da firmeza do ataque, muito da convicção do ataque.

Compreende-se então que o nosso problema consiste antes de tudo em multiplicarmos o nosso recrutamento. De tal maneira que se nós, em vez de sermos 10 fossemos 10 mil, pesariamos incomparavelmente mais sobre [a opinião pública]. Quanto mais gente recrutarmos, tanto mais o impacto da presença da Congregação vai se tornando persuasivo.

\*

Daí vem o espanto que a Congregação causa. Esse espanto procede do fato de que uma ideologia que eles reputavam passada não poderia produzir frutos. Ora, eles vêem essa ideologia produzir frutos, apesar de tudo. Não são frutos colossais, mas são frutos vivos, saudáveis e em crescimento. E isso causa-lhes uma surpresa tão grande e um desconcerto tão grande, que é por isso, a meu ver, e preponderantemente por isso, que a Congregação se tornou uma organização célebre no país.

[A respeito disto], uma pessoa me pôs o seguinte problema:

*Existe num bairro X de São Paulo, uma escola de rabinos, [cujos alunos] deixam crescer a barba e usam sempre chapéu. A presença deles marca muito o bairro e no bairro eles se tornaram muito conhecidos.*

*O rapazes da Congregação se vestem de um modo diferente, cortam o cabelo de um modo diferente, falam de um modo diferente, vivem de um modo diferente, causam em ponto maior a impressão que os rabinos todos causam no Brasil.*

*Mas esses rabinos nem por isso produzem uma solicitação para que se fique judeu.*

*[Da mesma maneira] também não se pode sustentar que a TFP esteja produzindo na opinião pública brasileira um "glissement", um deslizar no rumo da CR.*

Acontece que os rabinos causam estranheza e uma certa rejeição da parte dos católicos --que não se misturam facilmente com os judeus, mesmo em nossa época de ecumenismo. Chamam a atenção como tudo que é diferente chama atenção. Mas eles não causam nem um pouco essa forma especial de surpresa, que é a idéia de que gente nascida no mesmo meio que os brasileiros, sujeita ao processo histórico a que estão sujeitos os brasileiros, de repente tenha sofrido uma determinada ação por onde eles [se] desgarram [do] processo histórico e tomam um rumo diferente. É algo da própria massa deles, é algo do próprio ambiente deles que se volta contra o rumo que eles iam tomando.

Os rabinos não. A gente sabe que aquilo é uma coisa que está estagnada ao longo da História, que continuará estagnada até o fim do mundo, e que vive de uma vida interna necessariamente circunscrita nos seus efeitos. De maneira que a gente olha para aquilo talvez com uma certa surpresa: "como isto ainda não morreu?", talvez, no máximo. Mas ninguém tem a sensação de que seu próprio país está sendo trabalhado por uma força oposta.

Esta sensação se tem quando se vê a Congregação. Rapazes do meio geral, tirados do magma ao qual todo mundo pertence e que tomam o sentido que a Congregação toma.

\*

[Bom, além do crescimento quantitativo], devemos fazer sentir a eles que temos as manifestações de vitalidade próprias aos movimentos que surgem.

Por exemplo, dizermos que existem núcleos da Congregação no Brasil inteiro, já espanta. Dizermos que existem núcleos da Congregação em toda América do Sul, espanta mais. Dizermos que a Congregação já transpôs o Oceano Atlântico e passou para Portugal e Espanha, espanta mais ainda.

Mas [é preciso] dizermos [isto] numa linguagem displicente. Depois de termos falado por exemplo do núcleo de Taquarembó, displicentemente falarmos do grupo de Nova York, é um murro: "como Nova York?, mas então lá? de onde saem todas as extravagâncias, todas as vibrações desordenadas e todos os impulsos para o caos, lá vocês chegaram?"

Isto faz estremecer a justo titulo muita gente: "esse pessoal da Congregação teve tanta audácia --a audácia é um sinal precursor de vitória, o germe da vitória-- que na cidade símbolo do que não são eles, eles colocaram o estandarte deles. O que mais essa gente não ousará?"

Quer dizer, nós devemos tomar todos os sintomas de vitalidade que a Congregação tem e enunciá-los àqueles junto a quem estamos fazendo apostolado, com ar de quem não pensa na coisa. Por exemplo, a gente dizer para eles: "a Sede do Reino de Maria encanta nossos grupos do ABC. Tem um mundo de filhos de operários que vem fazer uma espécie de recolhimento, tanto eles se entusiasmam com esta [casa] toda cheia de tradições que está aqui" <sup>46</sup>.

<sup>46</sup> 1/9/72 (ER 141)

## 2. Ruptura do mito segundo o qual "a CR não pega e ninguém adere a ela". Operação "Concorde"

Nos dias de hoje o desprezo do mundo vai para aqueles que são poucos. O mundo de hoje sempre respeita a multidão. Quando somos muitos, ainda que não sejamos maioria, o mundo não tem coragem de fazer uma objeção válida: ele simplesmente se embasbaca e se cala.

De maneira que, numa cidade onde haja 10 colaboradores da Congregação, os habitantes podem torcer o nariz, dar risada e dizer que aquilo é uma seitazinha de fanáticos. Na mesma cidade havendo 100 colaboradores, nossos adversários ululam de ódio, mas já não dão risada. Se houver 200, uns começam a dizer: "olha, meu filho, aquilo é interessante, pode entrar lá".

[Portanto], nosso cartão de visita perante esse mundo é o número.

\*

[Isto é assim em virtude do seguinte princípio]: o número dos "excomungados", dos que são rejeitados, dos que são postos à margem nunca pode ser muito grande numa sociedade, porque a sociedade se cinde, e isso ocasiona uma guerra interna que essa sociedade não gosta de ter. De maneira que quando muitos fazem alguma coisa, ainda que sejam uma minoria --mas uma minoria polpuda-- , a censura contra o que fazem cai muito.

Imaginemos um navio com 50 pessoas. De repente um homem toma um hábito esquisito qualquer, por exemplo, de fazer a gravata correr do lado de atrás da roupa. Há risos, faz-se uma certa pressão moral sobre ele a fim de colocar a gravata no lugar certo. Suponhamos que ele seja pertinaz e que ao cabo de algum tempo haja 10 pondo a gravata para atrás. É possível organizar uma pressão para acabar com isso? 10 é uma minoria em relação a 50. Ou rompemos e formamos um gueto com eles --mas são numerosos demais para se formar um gueto, pois os grandes guetos não se sustentam e arrebentam-- ou acabamos tolerando aquilo, achando normal.

\*

Podemos observar bem isto numa cidade pequena:

Ela venera a capital e acha que esta é o canal por onde ela conhece o que se pensa no mundo de hoje. Toda cidade pequena sabe que é mais conservadora do que a capital e que esta é mais moderna. Ela respeita a capital porque a metrópole representa a opinião mundial e a cidade pequena representa apenas uma opinião local.

As pessoas da cidade pequena pensam que é inteiramente impossível existir hoje, nos grandes centros, um homem verdadeiramente católico contra-revolucionário. Pensam que nos centros pequenos existe algum amor à tradição, mas que é fruto do atraso; nas grandes cidades não há mais gente tradicionalista; isso morreu, isso desapareceu.

Imaginem que, de repente, vêm na pequena cidade um grupo de 200, de 300 rapazes cantando: "Queremos Deus, que é nosso Rei, queremos Deus, que é nosso Pai", de capa, passeando e irmanados com o grupinho local, desprezado por elas. Elas vêm na grande capital a existência de bolsões tradicionalistas que não imaginavam haver e que a imagem que elas tem da capital é falsa.

Essas pessoas não tem grandes relações na capital. E o grupinho desprezado por elas é tratado de irmão para irmão por gente vinda da capital, que o prestigia, dá-lhe importância, vai à sua sede, passeia com eles pela rua, etc. Resultado: de repente ficam fazendo o papel de caipira, e o núcleo, que era tido como rotineiro e atrasado, fica fazendo o papel de quem está na ponta da lança. Conclusão: ganhamos a partida.

Qual seria o efeito em uma das nossas cidades se de repente saísse uma notícia assim: "Congregação nova-iorquina visita São Paulo. Numa flotilha de 20 supersônicos Concorde especialmente fretados, desceu ontem no Brasil uma delegação da próspera Congregação nova-iorquina. Foi recebida no Aeroporto de Congonhas aos brados, por representantes das Congregações de toda América Latina. Cantaram, desfilaram e entraram pelo centro, fizeram isso e mais aquilo..." ?

Quebrou a oposição local que apresentava a Congregação como uma coisa antiquada, fora da época, impossível de florescer em nossos dias.

Ora, o efeito que uma Congregação nova-iorquina produziria em nossas cidades maiores, nós podemos produzir nas cidades médias e pequenas.

\*

[Isso posto, é preciso esclarecer que] numa cidade grande como Buenos Aires, o indivíduo não mede tanto o número em proporção ao tamanho da cidade --já que fica perdido no meio da multidão--, como em proporção ao



âmbito normal de elementos com que um homem age. Para um homem, 200 é muito, e se dissermos que um certo grupo, muito radical, qualquer que seja, tem 200 membros em um grande centro, isso pesa muito.

Suponhamos algo bem extravagante como dormir debaixo da terra e que se diga que há em Buenos Aires um grupinho de 10 que gostam de dormir debaixo da terra, fazem um buraco e dormem. Sai gargalhada. Se se souber que esse grupo em pouco tempo passou a 200, todo mundo diz: "incrível! há 200 com essa mania!". Está preparado para que alguém diga: "olha, há algo de bom em dormir debaixo da terra".

Isto porém não está apenas na proporção do número. O número é indispensável, mas é preciso também a intensidade:

Se houver um grupinho de 10 que digam que gostam de dormir debaixo da terra, o impacto é um. Se houver um grupinho de 10 que digam que o maior prazer que o homem pode ter nesta vida é dormir debaixo da terra, o impacto já é outro. Se houver um grupo de 200 que são entusiastas de dormir debaixo da terra, o impacto é bem outro. Se 200 puserem a capa e forem fazer propaganda de dormir debaixo da terra, pega-se fogo numa cidade. Não que a cidade toda adira, mas a atitude dela perante aquilo com o que ela não concorda muda.

\*

Simplificando o panorama, temos o seguinte: cada cidade suporta sobre si como uma garra do demônio, um mito de que em nossa época a CR não pega, não prospera, é ridícula, não é aceita, não obtendo a adesão de ninguém e muito menos dos jovens.

A principal objeção para as pessoas chamadas não se tornarem contra-revolucionárias é o medo de enfrentar esse mito. A principal razão do desânimo dos contra-revolucionários dentro das organizações contra-revolucionárias é o peso desse mito. A principal razão das apostasias é a covardia diante desse mito. Esse é o nosso grande obstáculo. Nenhuma doutrina nos faz tanto mal quanto essa ilusão que o demônio espalha pelo mundo e que os fatos provam ser uma ilusão (\*).

-----  
 (\*) Querem ver a prova que é uma ilusão? Se os senhores não conhecessem a Congregação, os senhores não a achariam impossível?  
 -----

Portanto, a essência da vitória de nossa Causa consiste em quebrar esse mito. E esse mito se quebra exatamente atraindo gente.

É essa a condição do sucesso. Naturalmente, o número com qualidade. Não queremos palhaços que vão desdourar o nome da Congregação. É o número de uma Congregação autêntica.

Há mil razões sobrenaturais que valem mais do que esta para querermos fazer proselitismo: a salvação de nossas almas, o amor à Igreja Católica, NSJC, etc. Mas a mais importante é esta.<sup>7</sup>

\*

Agora compreendemos bem por que uma Congregação pequena tem muita dificuldade de crescer. Logo no começo, para que ela exista, Nossa Senhora suscita algumas vocações muito fortes. Essas vocações aglutinam outras, e depois há a dificuldade, também natural, de crescer. Mas a partir do momento em que Nossa Senhora prova seus filhos e depois começa a mandar gente, a força inimiga começa a cair. A Congregação tomada como um bloco está nesta situação.

Estamos com o adversário numa "pulseada", em que nossa mão está quase embaixo e a dele está por sobre a nossa. A medida em que a nossa for se elevando, a dele vai perdendo energia. Não quer dizer que ele vai perder a partida, mas perde a força do ataque. A partir do momento em que nossa mão está quase na vertical, começam as conversões. É a bola de neve que rola pela montanha. A questão são os primeiros momentos da "pulseada".

Os que não compreendem esta teoria, quando vão fazer proselitismo, vão completamente sumidos, sucumbidos e embasbacados<sup>47</sup>.

### 3. Ruptura da unanimidade

<sup>47</sup> Terceira reunião do Simpósio de Curitiba - outubro de 69 (

A Congregação tem muitos modos de ser prejudicial ao socialismo e ao comunismo, mas o modo pelo qual ela mais prejudica o socialismo e o comunismo consiste em existir. No seguinte sentido:

Os senhores imaginem que a Congregação existisse sob a forma de um grupo de escritores --eu seria um deles-- que publica de vez em quando um livro, um artigo no jornal, 50 ou 60 senhores que se reúnem num salão bem arranjado, rezam, depois sentam-se e então segundo a ordem do dia começam a tratar de assuntos doutrinários. Se a Congregação fosse só isto, ela incomodava pouco aos socialistas e comunistas.

O que mais machuca a eles é perceberem que a Congregação é um movimento constituído de gente que se consagra inteiramente a ela, que timbra em levar uma vida inteiramente de acordo com os Mandamentos da Lei de Deus, que procura praticar a perfeição evangélica, e que renuncia a tudo levada apenas por este ideal: combater o socialismo e o comunismo, lutar por Deus e pela Igreja!

Isto é como rasgar um tapete: o tapete [fica] escangalhado, porque não tem conserto.

Algo disto se passa com as sociedades humanas. Há aquela aparência de unanimidade, [segundo a qual] todos pensam e querem o mesmo. Qualquer um fica intimidado de se levantar e dizer "pois eu não quero". Por causa disto muita gente não ousa tomar idéias contrárias ao curso da [Revolução]. Ora, levanta-se a Congregação e diz: "nós somos por volta de 1500 e nós não queremos, nós nos opomos, nós pensamos o contrário".

Alguém dirá: "mas o que que representa isto numa população de 150 milhões de habitantes, que tem o Brasil? Nada!"

Eu digo: bobo, é a mesma coisa que representa um corte neste tapete! Olhe o leão. Imagine que bem onde está o Tau tivesse um rasgão. Que tamanho tem o [rasgão]? É pequeno em comparação com a superfície do [leão], mas estraga o [leão].

Assim nós estragamos a unanimidade. E nossa finalidade é romper a unanimidade.

\*

Agora, para esta ruptura da unanimidade que faz vacilar todos os adversários, convergem dois fatores: a qualidade e a quantidade.

Se eles de fora olham para nós e vêem que estamos persuadidos, decididos, e que olhamos para eles dentro dos olhos, [o tamanho] do rasgão é muito maior.

Há duas formas de rasgão: discreto e indiscreto. O rasgão discreto abre, fica aberto. O rasgão indiscreto abre beijo e fica uma beijama de lado a lado, é o pior rasgão. Se nós somos simplesmente corretos, abrimos neles um corte discreto; se nós somos ufanos, abrimos na R um rasgão indiscreto, beijudo, pamm!

Por causa disto, é preciso que os membros da Congregação por toda parte se apresentem com o estilo Congregação, com a ufanía Congregação, com a segurança Congregação de quem diz o seguinte "você, patife, poltrão, pode estar caçoando de mim, mas eu não me incomodo, porque no mais alto do Céu Deus me aponta com alegria e diz aquele servo me é fiel!" Na luta contra o adversário temos que ser de um modo que o tímido seja ele e os corajosos sermos nós. [Devemos] ter uma segurança e uma afirmatividade que espante a ele.

Para isto a gente tem que estar cheio de seu próprio ideal, cheio de fé católica apostólica romana, possuindo o estado de graça, amando a Na.Sra., adorando a NSJC, e tal.

Conforme a idade, conforme a condição de cada um, deve-se ter medo de brigar com a Congregação. E sempre que se polemiza contra a Congregação, a Congregação deve saber dar uma resposta por onde o adversário não tenha o que responder.

Daí também o karatê. Quer dizer, eles devem saber que atacando um membro da Congregação, corre-lhes mal. O karatê deve ser usado com inteligência, nunca deve ser usado no ataque, porque vão dizer que somos os agressores. Quando eles nos atacarem, devemos dizer a eles "agressores", e aí vá o karatê, pamm!

Então o karatê existe sobretudo para meter uns merecidos murros numa canalha comunista? Não. Existe para provar aos que estão vendo, que nós, diante do comunismo, não nos derretemos, não fugimos, não temos medo.

[De maneira que] nós, que somos acusados de sermos uns carolas, beatos, efeminados, entusiastas de uma Idade Média que a poeira já consumiu há muito tempo, nos levantamos na fina ponta da ação e vamos para frente! As cabeças giram e nós estragamos o jogo deles!

\*

Mas qualidade só não basta. Nós devemos ter também quantidade. Como é que se obtém quantidade? Atraindo os que não são da Congregação. Este crescimento quantitativo é feito pelos [apóstolos].

Por causa disto os meus enjollras não devem estar procurando meter-se em tudo quanto aparece na Congregação, com entusiasmo que eu louvo, mas deixando a abordagem <sup>48</sup>.

<sup>48</sup> SD 7/2/87

#### 4. Ruptura do "glissement" da opinião pública para a esquerda

Nem sempre as táticas [de apostolado] devem ser usadas somente onde haja pessoas chamadas. Convém que o método seja usado também onde haja inimigos e indiferentes e não haja nenhuma pessoa chamada.

Em suma, convém para todos os ambientes, porque é uma coisa boa para a Congregação, que por toda parte onde está presente um colaborador da Congregação, se sinta ela ali presente, pela participação que ele toma na conversa. Impressiona muito mais, dá outra idéia da força da Congregação.

Numa conversa onde haja 1 que é da Congregação, 10 que sejam indiferentes e 5 contra a Congregação, os indiferentes vão dar razão, na aparência, aos que são contra. Mas já não se deixam levar tanto como se ali não houvesse um da Congregação.

Explicando melhor, tomem uma roda onde há 10 tipos que, em matéria de divórcio, são mais ou menos indiferentes; 5 são divorcistas furiosos e nenhum é anti-divorcista.

Dos que são indiferentes, pelo fato de estarem em contato com alguns divorcistas furiosos, a maior parte tenderá a se deixar influenciar pelo divorcismo e a achar que, por haver muita gente que quer o divórcio, quem sabe se isso é uma fatalidade como tantas outras. Portanto, se os divorcistas fizerem mais barulho, para se ter calma dentro de casa, mais vale a pena fazer o divórcio.

Mas se na roda há um anti-divorcista furibundo, os indiferentes vão colocar-se na posição clássica do cretino: "há um certo exagero de ambos os lados, não convém fazer o divórcio, mas também não é uma coisa tão ruim quanto ele diz". Assim evitamos que 10 cretinos caminhem para o lado da R, o que já é muito, ainda que não convertamos ninguém para a causa do anti-divorcismo.

Se toda a Congregação fizesse isto, seria uma verdadeira maravilha <sup>49</sup>.

#### 5. Ruptura do isolamento dos bons

O que é que seria o Brasil se nós tivéssemos 10 mil membros?

Nós hoje temos espalhados por São Paulo e por outros Estados mais ou menos 1.300 cooperadores.

Os senhores somem a presença desses 1.300 cooperadores no Brasil, mais a presença dos propulsores de apostolado, dos coletores de donativos --eles fazem um certo apostolado de presença quando passam pelas cidades-- e dos êremos itinerantes. O resultado disso é que mais ou menos pelo Brasil inteiro se tem conhecimento da Congregação. [O que por sua vez tem como resultado o número enorme pessoas vem aos Encontros de CCEE]. Porque isso é gente que na grande maioria das vezes não apenas ouviu falar de nós, mas teve algum contato conosco.

Eles são brasileiros-brasileiros, não são brasileiros filhos da imigração. [São portanto pessoas que] não dão muita importância ao que lem, nem ao que [acontece] à distância. Eles precisam ver e pegar. Quando eles viram e pegaram, eles tomaram uma certa noção e se põem em movimento.

Não acho isso uma qualidade. É um defeito com o qual precisamos contar.

Essa gente, se vem cá em tão grande número, não vem porque tenha lido coisas escritas nossas. Veio porque tomou contato com gente nossa.

Bem, se com essas presenças abnegadas dos propulsores de apostolado, de êremos itinerantes, de coletores de donativos viajando pelo Brasil, vem esta gente, como é que seria se nós tivéssemos 10 vezes mais [cooperadores]? Nós teríamos 10 vezes [mais CCEE].

Só isso? Há mais: é que o Brasil inteiro ficariam muito mais marcado pelo perfume da presença da Congregação. E com isso um número enorme de gente que não tem coragem de se dizer da Congregação, porque se sente isolada, sentiria rompida as algemas do isolamento, se abriria e caminharia também em relação a nós.

Os senhores precisam notar que todos os que vem para os [Encontros] são a coluna vanguardeira e corajosa de uma longa fileira de tímidos a quem a R intimida. Mas cada vez que eles forem mais numerosos, maior será o número de tímidos que os acompanhará.

Por esta regra, se nós formos muito mais, nós levaremos muito mais longe as coisas. Se tivéssemos menos gente, viria em progressão geométrica menos gente. Um que deserta, cinco que fogem. Um que vem, três que afluem.

Os senhores devem observar, durante os Encontros, uma espécie de maravilhamento em que todos ficam, porque vêem que são tantos. [E quando] eles voltam para suas respectivas cidades, [voltam] mais de nariz em pé com a R, do

<sup>49</sup> SD 6/3/70

que vieram. Quer dizer, por toda parte onde eles estiverem, a R encontra em algum lugar uma parede, uma carranca onde ela não encontrava obstáculos.

Os senhores imaginem multiplicado isso por 10. Como era [para] a R?

Agora, para isso é preciso compenetração. Havendo compenetração a gente age. Agindo neste espírito, neste amor, "eu vou fazer para conquistar mais [um], porque é um passo glorioso na conquista do Brasil para Nossa Senhora", a coisa sai e nós caminhamos para os 10 mil <sup>50</sup>.

### E. Do ponto de vista da Congregação

Todo mundo sabe que dentro das nossas várias atividades apostólicas e dentro dos vários modos de progredir que a Congregação tem, quer dizer, influência sobre a opinião pública, influência sobre novos países, influência nos países onde já existe, etc., eu não reputo nenhuma forma de progresso tão essencial e tão importante quanto o crescimento qualitativo e quantitativo da própria Congregação. Para mim isso passa antes de qualquer coisa <sup>51</sup>.

Para a Congregação não ser apresentada como uma organização poeirenta, voltada apenas para o passado, que apenas perpetua um passado que a imensa maioria das pessoas considera morto, que teve plenitude no tempo em que foi fundada mas depois minguou, é preciso empanturrarmos [a Congregação] de novinhos <sup>52</sup>.

A Congregação será uma organização com plena atualidade e na crista da onda na medida em que ela tiver sempre gente nova, bem moça.

De outro lado, é muito benfazejo interiormente para a Congregação, porque todo organismo que renova seu sangue é um organismo vivo. Pelo contrário, um organismo que fica estagnado, que não renova o seu sangue, é um organismo que tende a adoecer de todas as formas possíveis. [Nosso] pessoal, vendo como a Congregação continua a impressionar bem a juventude e a atrair a juventude, fica animado, entusiasmado <sup>53</sup>.

O modo de combater a sensação de que as coisas não vão para adiante (cfr. descrição da tentação antiprofética por excelência, no item do apostolado interno), é recrutando. O recrutamento tem uma importância para a fixação que talvez vocês ainda não tenham tido a experiência suficiente para calcular.

Imaginem quando vocês eram novos na Congregação: se depois de vocês não tivesse entrado ninguém, em que estado de desânimo vocês estariam? É ou não é verdade que a fixação de vocês teria sido muito mais difícil se não tivessem entrado os novos? Os novos são o oxigênio de uma Congregação <sup>54</sup>.

### F. No que diz respeito à Bagarre

Vindo a Bagarre, os golpes decisivos não devem ser travados por muitas pessoas, mas por punhados de gente <sup>55</sup>.

A Causa nossa lucra muito em que os [cooperadores] sejam o mais possível numerosos para agir durante a Bagarre. [Se os aproveitáveis não forem] recolhidos agora, vai ser difícil que sejam recolhidos durante a Bagarre. Por isso é premente a necessidade de vocês trabalharem muito [agora] <sup>56</sup>.

Nós temos responsabilidade para trazer como fruto de nosso esforço todos aqueles que digam "sim". Por poucos que eles sejam, Nossa Senhora os multiplicará na hora do Grand Retour e da Bagarre. No Grand Retour, chamando alguns ou aumentando prodigiosamente nossa capacidade de apostolado de maneira que chamemos muitos outros. Provavelmente uma coisa e outra. Na hora da Bagarre, Nossa Senhora castigará muitos mas também atrairá muitos.

De qualquer maneira nós somos os únicos que fazem um apostolado eficazmente contra-revolucionário e temos nesse sentido uma missão admirável, que se realizará ainda que sejam necessários milagres para isso. E então cada vez que pareça o nosso apostolado pouco rendoso, [devemos] pensar que caminhamos para o milagre, para a multiplicação dos pães. E com essa confiança no milagre [devemos] tocar para frente <sup>57</sup>.

<sup>50</sup> 27/7/84

<sup>51</sup> Reunião propulsores de apostolado 5/2/85

<sup>52</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81 (RN 612)

<sup>53</sup> Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)

<sup>54</sup> Reunião para colombianos, 6/10/89

<sup>55</sup> Despachinho 6/12/88

<sup>56</sup> Reunião para chilenos, 4/8/89

<sup>57</sup> Despachinho 6/12/88

## G. A sede de almas e o senso apostólico

### 1. Beleza de toda alma

Se é verdade que o universo inteiro foi criado para que o homem o conhecesse e, através dele, subisse a Deus, a obra prima do universo sensível que temos diante de nós, é o homem. Mas o homem mais enquanto alma do que enquanto corpo, porque não há nada, na natureza, mais belo do que as almas<sup>58</sup>.

Toda alma, qualquer que seja, desfigurada pelo pecado original, pelos pecados atuais, tem uma beleza --pelo menos potencial-- que a gente deveria saber entender. Enquanto o indivíduo não está condenado no inferno, existe algo nele que está sendo procurado pela graça, [há] algo nele que ainda pode vir a ser bom. E ainda que ele esteja carregado com todas as culpas possíveis, a gente percebe o que que ele seria se ele fosse bom. E percebendo a alma humana na sua ordem, no seu esplendor, por uma espécie de reconstituição quase arqueológica, a gente ainda tem uma censura maior dele como ele é, porque a gente compreende que obra divina ele expandeu para [se] transformar naquilo<sup>59</sup> (\*).

-----  
 (\*) Embora a alma seja bela por sua natureza espiritual, sem a virtude fica desordenada e se torna hedionda. Não há nada de mais bonito do que as almas em estado de virtude, como não há nada de mais horrendo do que as almas em estado de pecado<sup>60</sup>.  
 -----

Creio que isso era o que levava Nosso Senhor a ter paciência com os Apóstolos. Como é que Ele continuou a amá-los depois do papel que fizeram após a Ceia Eucarística? Um dos elementos desse amor era a consideração do que havia neles de potencialmente bom, e que Ele sabia que ia se transformar nos homens confirmados em graça e santos quando recebessem Pentecostes.

O homem contemporâneo não sabe compreender a beleza de uma alma. A nossa educação, o nosso feitio, o nosso modo de ser não nos prepara para [ver] a beleza das almas. Razão pela qual passamos junto dos outros sem ter em relação aos outros nem sentimento de afinidade nem de heterogeneidade<sup>61</sup>.

Imaginemos um hotel. [De repente], do quarto onde está alojada uma família, sai esta menina. [Ninguém sabe] que ela é Santa Terezinha. Quais seriam as impressões que ela causaria [nas pessoas que olhassem para ela]?

A reação mais freqüente seria a de não perceber [a santidade dela]: "hum! uma menina". Ou então: "que bobagem, essa corda na mão". Ou qualquer pensamento ultra-rasteiro desse gênero.

[Outras pessoas teriam] uma vaguíssima impressão de santidade. Achar-lá-iam engraçadinha, brincariam um pouco com ela, gostariam de ouvir um pouquinho o timbre de sua voz, e quando muito concluiriam: "as filhas de Mr. Martin são todas muito agradáveis. A que mais me distrai é a Terezinha". É uma reação egoística, utilitária. Essas pessoas percebem vagamente a santidade, ela lhes agrada e a tomam como instrumento de prazer --um prazer santo, legítimo, sem nada de censurável. Alguém até poderia dizer: "essa menina gosta muito de mim".

Poucos diriam: "Essa menina tem 8 anos. Quantos riscos correrá ao longo da vida quando chegar ao termo da carreira que Deus lhe estabeleceu! O que poderei fazer para não deteriorar e subir no firmamento da santidade? Eu desejo isso mais do que tudo; tenho a certeza de que Deus quer realizar esse desígnio de Deus. Quando o vir, serei como Simeão que viu o Menino Jesus encanecido, poderei dizer "Senhor, mandai agora em paz o vosso servo, porque os meus olhos já viram o meu Salvador".



<sup>58</sup> Texto sem data 23 (K 26)

<sup>59</sup> Pará 15/5/68 (RN 171)

<sup>60</sup> Texto sem data 23 (K 26)

<sup>61</sup> Reunião Pará 15/5/68 (RN 171)

Estes são os que tem o senso e a sede das almas. É isto que faz de nós apóstolos: é o vermos uma alma e termos sede da perfeição dessa alma <sup>62</sup>. Ninguém consegue ser apóstolo dos últimos tempos, nem de [nenhum] tempo, se não tem sede das almas <sup>63</sup>(\*). Para alguém fazer um apostolado fecundo precisa ter sede das almas <sup>64</sup>(\*\*). Nada faz tão bem para uma alma --ainda que a alma rejeite-- quanto ela sentir que a gente tem sede dela, não para si mas para Nosso Senhor <sup>65</sup>. A pessoa verdadeiramente apostólica deve ter a sede que NSJC teve das almas, deve ter o "sitio" dEle <sup>66</sup>.

-----  
 (\*) O carisma de fazer proselitismo --carisma participado por Na. Sra., notem bem--, todos os que militam na Congregação o tem. Esse carisma é tanto maior quanto mais [o militante] tiver sede de recrutar gente, e é tanto menor quanto menos ele tiver sede de trazer gente <sup>67</sup>.

(\*\*) Minha experiência me leva a [afirmar que] é fecundo no apostolado quem tem vida interior, mas uma vida interior da qual faça parte saliente o desejo ardente de trazer almas para a Congregação <sup>68</sup>.

(São João Bosco gostava de dizer: "Da mihi anima, cetera tolle"). [Isto é]: privai-me de tudo, provai-me de todos os modos, dai-me almas como fruto do meu apostolado. O apóstolo sabugo diz: "Da mihi cetera, anima tolle", dai-me toda bagatela e levai as almas, eu não me incomodo com as almas <sup>69</sup>. Este considera o seu grupo mais ou menos como um burocrata considera a sua repartição: para ele o funcionamento daquilo é uma tristeza, não tem o menor empenho de que entre muito dinheiro, [apenas] quer tirar o seu ordenadinho para ter o mês garantido. Este não compreendeu que nós queremos conquistar o mundo para Nossa Senhora. Este não recruta ninguém <sup>70</sup>. [Não fixa ninguém, porque] o apostolado de fixação se faz da sede de almas <sup>71</sup>. E Nossa Senhora não manda [para ele] as boas vocações. Ela manda as boas vocações quando o homem que está trabalhando está pronto para colher essas boas vocações e tem o espírito aberto para esta idéia:

Eu estou conquistando tal lugar --pode ser uma grande cidade ou uma pequena, pouco importa--, porque para aqui fui mandado e devo conquistá-lo inteiramente, porque o mundo não se conquista no ar, mas concretamente, palmo a palmo. Este é o palmo de que eu estou encarregado, este palmo eu farei frutificar, farei nascer. E ainda que ninguém apareça durante 3 ou 5 anos, eu todo dia vou procurar mais um, vou falar com mais outro, com o mesmo ânimo que tive no primeiro dia.

E disto ele tem um desejo tão intenso que, se no momento em que o apostolado está começando a frutificar ele for removido, ele não se lamenta e entrega o fruto de seu apostolado ao seu sucessor. Não se incomoda que ninguém fique sabendo que ele [nessa cidade] foi um vitorioso. Nossa Senhora sabe que ele serviu <sup>72</sup>.

## 2. Características de sede de almas

Eu tenho a impressão de que há 2 espécies de [homens]: uns tem sede de almas, outros tem sede de utilidade.

Essa sede de utilidade pode ser de todas as formas possíveis:

[Há pessoas] que pensam o seguinte: "eu tenho todo o que quero, a vida do meu corpo está bem atendida, e portanto não preciso de mais nada, nem mais ninguém". É uma forma de utilitarismo que enquanto diz respeito apenas ao corpo é evidentemente mais baixo do que o utilitarismo que diz respeito à alma.

Outra forma, menos vil, desse utilitarismo é o desejo romântico de conviver com outra alma.

Temos [portanto] 3 categorias: os que tem apenas a necessidade de um convívio material, os que tem a necessidade de um convívio de almas mas um convívio interessado, e os que tem uma sede de almas desinteressado.

O espírito humano gosta das coisas ou porque se parecem com ele e o tonificam, ou porque são diferentes dele, mas de uma diferença harmônica, e o completam.

Bom, o que caracteriza a pessoa que caiu para o estado do puro utilitarismo material é que ela não tem a menor necessidade nem de semelhanças nem de dessemelhanças; ela é fechada em si como uma torre e não se incomoda do convívio de ninguém que seja semelhante ou dissemelhante com ela. Mais ainda: os objetos materiais que a cercam não

<sup>62</sup> Texto sem data 23 (Sede de Almas II) (K 26)

<sup>63</sup> Reunião Pará 15/5/68 (RN 171)

<sup>64</sup> Texto sem data 23 (Sede de Almas II) (K 26)

<sup>65</sup> Reunião Pará 15/5/68 (RN 171)

<sup>66</sup> Texto sem data 23 (Sede de Almas II) (K 26)

<sup>67</sup> Simpósio de Curitiba, outubro de 1969, III reunião

<sup>68</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 25/10/91

<sup>69</sup> Reunião para Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>70</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 25/10/91

<sup>71</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>72</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 25/10/91

tem para ela significado espiritual; tem quando muito uma conotação artística puramente sensível: tal côr agrada aos olhos ou não, tal som deleita aos ouvidos ou não.

Agora o romântico como é? Ele sente necessidade de um contato de alma, quer para se completar, quer para sentir afinidade, mas ele procura ainda por uma utilidade: é o desejo de ser adorado por outra alma <sup>73</sup>.

[E o que caracteriza a sede de almas?]

Ter sede de algo é querer como que beber, incorporar aquilo à própria pessoa <sup>74</sup>. Mas é uma apetência e atração puramente espiritual de alma para alma, em que o corpo "non tiene per niente" <sup>75</sup>. A nossa virtude deve ter sede de unir-se à virtude das outras almas. O melhor de nosso instinto de sociabilidade é a apetência que tem nossa virtude de encontrar-se com a virtude das outras almas e de corroborar-se ali, para assim crescer no amor de Deus. Quando duas almas virtuosas se conhecem reciprocamente, extinguem a sede que uma tem da outra. "Simile simili gaudet" - o semelhante agrada o semelhante. [É o caso] do famoso encontro entre São Domingos, São Francisco e Santo Ângelo, numa sacristia de Roma: caíram de joelhos um diante do outro --não se conheciam-- e cantaram louvores a Deus; por assim dizer, a alma de cada um penetrou na alma do outro, uniu-se a ela, se satisfaz e se densedentou.

[Note-se que não se trata de uma] amizade romântica, em que uma alma tem sede da outra para satisfazer seu sentimentalismo. Muito menos de uma simpatia utilitária, para servir-se do outro como de um instrumento.

[Pela sede de almas, a gente] olha para um indivíduo e percebe: "Esse homem se fosse virtuoso seria de tal jeito. Como seria belo que ele fosse desse jeito! Como eu estaria disposto a trabalhar, a lutar, a rezar, a sofrer, para conseguir que ele fosse desse jeito! Ainda que ele não me conhecesse e não soubesse quem foi que lutou por ele, pouco importa. Nem faço questão que me estime por isso, a não ser na medida em que a estima é uma virtude que ele deva ter. Eu o veria passar regenerado e compreenderia que a obra de Deus, tendo-o em vista, se realizou."

Quer dizer, é uma forma de amizade que não exige retribuição.

[Note-se também que] para a pessoa ser sensível à santidade de uma alma, ela precisa amá-la mais do que a si mesma <sup>76</sup>.

### 3. Posições do espírito humano perante a beleza das criaturas: a) a que deriva em amor próprio; b) a que deriva em amor de Deus e em sede de almas

[Consideremos] um homem perante um rio caudaloso e profundo, que corre sozinho durante a noite, pensando em tudo aquilo que pode simbolizar esse rio.

É claro que nisso há uma certa elevação de espírito. Porque é um modo de perceber que todas as coisas naturais são símbolos de realidades de caráter metafísico. Mas diante disso o homem é capaz de tomar uma atitude ordenada e outra atitude desordenada.

A posição desordenada consiste no seguinte: "Como eu subo e cresço desenvolvendo-me na meditação da beleza disso!". Quer dizer, o termo final dessa consideração não é Deus, mas sou eu enquanto tendo haurido uma grandeza. É uma posição egoística, que leva o homem a fechar-se e a não querer se abrir nem sequer para os discípulos, mas pensar o seguinte: "Oh outros homens burros, eu não comunico a vocês o oceano que eu levo dentro de mim! Dentro do meu espírito habitam valores que vocês, ricos vulgares ou plebe ignora, são incapazes de compreender".

Esta posição não dá sede das almas, nem sede de Deus, porque eu me densedento em mim, eu me bebo, eu me nutro de mim. Eu não preciso de nada nem de ninguém. O ídolo diante do qual eu vivo e para o qual eu vivo sou eu, compreendendo e enriquecido dessas coisas.

Na posição certa, depois de conhecer [a beleza] desse rio, eu tenho um movimento de enlevo e de veneração: "Como por detrás disso há um Deus único e verdadeiro, do Qual isto não é senão um símbolo. E como em Deus isto existe de um modo increado que eu nem posso imaginar como é". Depois ternura; quer dizer, isso desperta não só admiração e respeito, mas amor: "Como Ele é superior a mim! Como Ele é adorável!"

É certo que nesta posição eu encontro a satisfação de tudo quanto a minha alma precisa: a divina afinidade comigo, ao mesmo tempo a divina dissemelhança de mim, e portanto um repouso inteiro. Mas se por absurdo eu não encontrasse ali o repouso inteiro, ainda amaria, porque Ele é Ele, e porque é daquele jeito.

Quer dizer, o termo final [da meditação] não sou eu, mas é Ele. E o movimento não é de egoísmo, mas é um movimento de me dar desinteressadamente. E isto é que é propriamente o holocausto.

Esta é a posição adequada e que provoca na alma a sede de Deus.

Restar-me-ia mostrar como isto provoca paralelamente a sede das almas.

\*

<sup>73</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>74</sup> Texto sem data 23 (Sede de Almas II)

<sup>75</sup> Reunião Pará 15/5/68 (RN 171)

<sup>76</sup> Texto sem data 23 (Sede de Almas II)

Por uma questão de afinidade que tem suas raízes na própria metafísica, quando a gente bate num cristal que tem uma nota "do", os outros cristais capazes de emitir a mesma nota, vibram com isso. [Pela mesma razão], aquilo que toca aos seres da mesma natureza que eu, toca a mim mesmo, não por egoísmo, mas por conaturalidade. É uma solidariedade que não tem em si mesmo um caráter egoísta.

Por causa disto, eu compreendo a bem dizer na minha própria natureza a injúria que há a Deus, a quem eu amo, que uma alma não seja segundo Deus, e por outro lado compreendo como dá glória a Deus que essa alma seja segundo Ele.

Aqui se dá exatamente a sede e o zelo pelas almas. Vem disto. Supõe uma estrutura de espírito por onde a gente conheça o valor da alma, tenha subido até Deus (\*) e saiba medir e sentir a ordem profunda que há em que uma alma seja segundo Deus, e a profunda desordem que há em que uma alma seja desconforme a Deus (\*\*). Se eu tenho o "sensus animarum", para mim o progresso dessa alma é um gáudio, e o declínio ou estagnação dela é um tormento.

----- (\*) A gente mais se eleva a Deus considerando a beleza das almas, do que considerando a beleza das coisas materiais.

(\*\*) Isto não deve ser concebido em termos abstratos, mas em termos concretos em cada alma.

-----

O senso psicológico vem daí. Quando a gente tem uma idéia precisa e exigente do que é a conformidade com Deus, a gente sente isso nos outros. Vamos dizer, um de nós e um bom músico ouvindo um coro: quando uma nota do coro está errada, um de nós pode não perceber, mas o bom músico imediatamente sente. Por que? Porque os valores da música estão de tal maneira presentes no espírito dele, ele os ama de tal maneira, e detesta de tal maneira a cacofonia, que ele se tornou perspicaz. Ora, isto se transpõe para o amor de Deus. O senso psicológico é o notar a cacofonia das almas e a harmonia.

É por causa disto que as almas que tem muita sede das almas são almas psicólogas. É por causa disto também que todo santo é muito penetrante. Nós não ouvimos contar o caso de um santo que não tenha tido esse senso para tratar com as almas, esse tato, essa finura, esse discernimento <sup>77</sup>.

## IV . "RAZÕES" PARA NÃO FAZER APOSTOLADO

### A. "Aqui todo mundo é tão revolucionário, tão deteriorado e tão distante da Congregação, que é inútil tentar fazer apostolado"

Em matéria de proselitismo nas escolas secundárias, em geral, surgem idéias desta natureza: "aqui parece que todo mundo é revolucionário".

É claro que um colégio --como também a rua-- visto por um observador desatento, poderá dar a ilusão de que é infenso às nossas idéias.

Mas nós temos experiência "n" vezes repetida de que isto não é verdade e de que há muita gente com simpatias contra-revolucionárias no meio da multidão. O mesmo se dá com o colégio. O colégio é miniatura da cidade ou do bairro onde ele existe, e num bairro onde há muita gente anti-divorcista, contrária ao progressismo, há muita gente ultramontanável.

Todo mundo tem a ilusão de que todo mundo é revolucionário. Mas quando alguém dá um brado contra-revolucionário, uma porção de gente diz "praesto sum!" e dá solidariedade. No colégio é preciso arranjar um primeiro aluno que dê um brado de desconformidade e grite: "Quis ut Domina?" - "Quem como Na. Sra.?", e que depois de ser vaiado arranje um punhadinho de alguns que digam: "nós estamos de acordo com ele, ninguém é como Nossa Senhora!". Começa então uma expansão geral e se funda um núcleo naquele colégio, que é aí o que um núcleo da Congregação é numa cidade <sup>78</sup>.

\*

<sup>77</sup> Reunião Pará 15/5/68 (RN 171)

<sup>78</sup> Simpósio de Curitiba, conferência de abertura, outubro de 1969



Outro mito análogo é achar que hoje em dia os indivíduos não tem mais mentalidade). [Mas] o suficiente de mentalidade para vir a ter mentalidade, esses indivíduos tem. Do contrário teriam deixado de ser humanos. E esse mínimo, esse pequeno gancho que tem, dá para eles aceitarem o Grupo e ir formando uma mentalidade <sup>79</sup>.

\*

[Na mesma linha], muitos [cooperadores] pensam o seguinte: "o que está lá fora é uma coisa tão baixa e tão diferente, que eu não compreendo como a Congregação existe". Acham uma coisa tão esquisita existir a Congregação, que adquirem uma espécie de mentalidade de gueto (\*), ou, para dar um exemplo mais bonito e mais glorioso, de catacumba: um daqueles corredores subterrâneos, onde os primitivos cristãos realizavam suas cerimônias.

----- (\*) O gueto era, nas cidades medievais, um bairro isolado dos outros, dentro do qual os cristãos não podiam entrar e no qual os judeus eram obrigados a morar.  
-----

Esta mentalidade cria um desânimo em que o indivíduo perde a vontade de atrair outras pessoas para a Congregação, e cai na moleira, na insegurança e na cegueira ao se mover fora do nosso ambiente. Dentro da Congregação, ele se sente natural.

Isto começa por ser, antes de tudo, uma inibição de caráter preternatural, feita pelo demônio. E é natural que o demônio o faça, porque se o demônio não quer a expansão da Congregação, ele há de criar uma tentação para evitar que a Congregação se expanda.

Para vencer esta tentação é preciso uma deliberação explícita e consciente de jamais abandonar o ideal da Congregação, preferindo-o a tudo, até à própria vida. Se houver essa deliberação, crescerá a sede de ver a Congregação [se expandir] <sup>80</sup>.

## B. O pânico da opinião do adversário, o respeito humano

O obstáculo maior que nós teremos para nossa atuação apostólica é o pânico <sup>81</sup>.

Imaginem numa faculdade um militante da Congregação. É ou não é verdade que ele tende ao silêncio e tende a encostar-se pelas paredes? Como sabe que ele é minoritário e mau visto, ele ao invés de procurar vencer a onda saltando em cima dela, procura furá-la por baixo <sup>82</sup>, e encolhidinho arma uma ratoeirinha apostólica para não fazer barulho e para pegar depressa alguém que aparece no cantinho <sup>83</sup>.

Este peso da covardia, meus filhos, eu o senti na minha própria pele. Eu tinha acessos de pânico de enfrentar a opinião do meu ambiente. Eu senti o que é o dilacerar de um homem respeitado pelos outros, considerado, que se levanta de uma tribuna de honra e vai se sentar voluntariamente num lugar tido como um banco de infâmia. Jogar fora a roupagem da consideração geral, meter em si a túnica escarneçada de NSJC e dizer: "não sr., vamos para a luta! eu agüento qualquer luta!", isto é muito mais duro do que uma guerra (\*).

----- (\*) A maior forma de desprendimento não consiste em arriscar a vida num campo de batalha, mas em enfrentar completamente a opinião pública. Distanciar-se dos padrões da sociedade aonde a gente vive é um ato de heroísmo muito maior do que lutar na guerra, é um ato de coragem maior do que o ato de coragem dos cruzados!  
-----

[Observem esta fotografia]: [Ao lado poder-se-ia escrever o seguinte]:

Foto de André moço

*"Aqui está um moço que resolveu meter o peito contra a onda inteira. Quem caçar comigo tem encrenca grossa, porque eu estou pronto para qualquer briga, em qualquer momento e com qualquer pessoa. Saibam que a fé me dá*

<sup>79</sup> Simpósio de Curitiba, 28/10/69 (RN 438))

<sup>80</sup> Simpósio de Curitiba, outubro de 1969, III reunião

<sup>81</sup> Reunião do 12/2/74, grupo Estandartes de Lepanto (ER 142)

<sup>82</sup> Reunião do 7/8/73, São Bento (ER 141)

<sup>83</sup> Reunião eremos de Ativismo Individual e Apóstolos Itinerantes 29/5/74 (ER 81)

*recursos para tolher qualquer um, basta me olhar para compreender. Se quiser experimentar mais, venha, eu estou pronto. Até dormindo podem me acordar que eu levanto para lutar".*

Na nossa situação de minoritários e perseguidos, a única saída é esta. O resto não é saída, é fuga <sup>84</sup>.

O pânico vem da idéia errada de que o adversário é um colosso. O adversário nunca é um colosso. Quando nós temos confiança em Na. Sra. e Ela nos ajuda, nós sabemos nos sobrepor a qualquer um. Pode ser que [numa discussão] o outro seja aplaudido e nós vaiados. Não tem importância nenhuma. Se nós mostramos fé verdadeira e íntegra, os outros acabam engolindo.

Os mártires no Coliseu eram vaiados, mas depois, à noite aparecia mais gente às reuniões das catacumbas. É assim que a Igreja se recrutou. Ela não recrutou com gente que evitava vaias, que evitava feras, Ela se recrutou obtendo admiração das pessoas que compreendiam quanto vale alguém que diante das feras e das vaias se mantém de cabeça em pé. Cabeça em pé, esta é a nossa fórmula, isto é o que devemos fazer <sup>85</sup>.

Os [revolucionários] não são uns colossos. O militante mole da Congregação tem mais personalidade do que eles. Se o militante mole da Congregação estivesse num ambiente onde tudo o favorece, ele virava um leão.

O [revolucionário] sai [nas cidades hodiernas] com ares de campeão, porque está na onda da opinião pública. Ele não está combatendo de frente. É um pulha! Ele tomou todos os jeitos que a moda lhe impôs, às vezes contra as convicções dele. Para conseguir ser aplaudido, para ser alguém, ele está remando de acordo com a maré. [Isto chega a tal ponto que], mesmo hoje, se não fosse feio nas rodas comuns sociais o indivíduo ser casto, haveria um número não pequeno de rapazes castos.

Quer dizer, não nos deixemos deslumbrar pensando que [os revolucionários] são mais fortes do que nós. Eles são mais fracos do que o mais fraco dos militantes da Congregação <sup>86</sup>.

\*

Se [alguém] quer ser apóstolo sem ser atacado nem ter inimigos, desista de ser apóstolo, porque não é possível. Até o fim do mundo haverá gente que vai rir dos que são bons, vai debicar, vai menosprezá-los. Nós teremos gente que irá caçar de nós, que vai pisar em nós, porque nós fazemos a mais extraordinária das coisas: nós fazemos apostolado. A coisa é grande demais para não ser odiada e atacada.

O verdadeiro apóstolo, o verdadeiro grande homem --ainda que ele não seja apóstolo--, é aquele contra cujo peito arrebentam todas as tempestades e que quando as tempestades passaram continua ele mesmo. Devemos ser portanto uns devoradores de tempestades, devemos ir de encontro a elas, devemos compreender que nós crescemos com elas e que o homem é como o granito, que é bonito na medida em que se percebe que ele lutou. Esse granito novinho da Catedral de São Paulo não convence. Mas o granito trágico de Notre Dame, aquele convence: houve incêndios, houve cenas da Rev. Francesa, houve profanações, houve guerras, houve glórias, houve todo o drama da história dentro dele, no alto daquela torre a bandeira do Vietcong blasfemamente foi erçada, também será içada um outro estandarte um belo dia no alto dela. Está bem, a torre fica e [as tempestades] passam. E a Notre Dame de pedra continua a sorrir indiferente a tudo, olhando só para seu Menino.

Então meus caros, não queiram ser apóstolos de ratoeira com medo que se ria de vós ou falem mal de vós <sup>87</sup>.

O respeito humano é a vergonha de ser bom. O bom não deve ter vergonha de ser bom. Esses monstros que estão aí é que devem ter vergonha de ser maus <sup>88</sup>.

## V. O QUE EU DESEJO DOS APOSTOLOS ITINERANTES? - META DO APOSTOLADO

Pergunta: O que o senhor deseja de nós?

A expressão "o que eu desejo de alguém" tem 3 sentidos diferentes.

O primeiro sentido é: o que é que eu desejaria como meta máxima de nosso apostolado? É o que nós devemos de qualquer maneira tentar obter.

No segundo sentido, significa o seguinte: [considerando] todos os obstáculos que há para conseguir isto, que nível de esforço eu desejo da pessoa? Então a pergunta já não recai sobre a meta, mas sobre o esforço.

O terceiro sentido é: na realidade a gente nunca obtém tudo quanto deseja, quanto é que o senhor espera que nós possamos obter?

[Feita esta distinção], eu passo a responder cada uma das perguntas.

<sup>84</sup> Reunião do 7/8/73, São Bento (ER 141)

<sup>85</sup> Reunião do 12/2/74, grupo Estandartes de Lepanto, (ER 142)

<sup>86</sup> Reunião do 7/8/73, São Bento (ER 141)

<sup>87</sup> Reunião eremos de Ativismo Individual e Apóstolos Itinerantes 29/5/74 (ER 81)

<sup>88</sup> Palavrinha baianos, 30/6/88 (RN 682)

### A. O que eu desejo como meta quantitativa: 10 mil cooperadores

Eu desejo 10 mil <sup>89</sup>. O normal para um país como o Brasil seria que a Congregação tivesse 10 mil membros <sup>90</sup>. Quer dizer, esta é a meta para a qual nós devemos caminhar. E não é impossível que determinadas circunstâncias nos aproximem de termos esses 10 mil (\*). Em todo caso eu desejo que nós trabalhemos com todo o afinco como se esses 10 mil estivessem na nossa alça de mira. Nosso esforço deve ser graduado de acordo com isso <sup>91</sup>.

----- (\*) Ao mesmo tempo que vemos desenvolver extraordinariamente o trabalho do demônio, também vão sendo criadas circunstâncias para o recrutamento cada vez mais fecundo da Congregação <sup>92</sup>. E com o curso do tempo o recrutamento pode ter a seu serviço meios imensamente mais originais do que os meios de que agora dispomos.

-----

Alguém poderá me dizer: "Modere seu otimismo. A Bagarre está às portas e o senhor acha que há tempo para [recrutar] esses 10 mil?"

Nossa Senhora é tão insondavelmente boa e misericordiosa que, **se agora nós fizermos o propósito [de sermos sérios], teremos a possibilidade de fazer com que esses 10 mil se suscitem, ou daqui até a Bagarre, ou daqui até os primeiros lances da Bagarre**. Nossa Senhora nos deixa esperar isto. Quer dizer, nada está perdido se nós aproveitarmos os últimos minutos <sup>93</sup>.

Quando a gente quer muito transpor um obstáculo, a gente encontra os meios de transpor. Vamos supor que do outro lado dessa porta esteja um tesouro de 10 milhões de libras esterlinas em ouro e alguém diga a algum dos senhores: "se você conseguir abrir essa porta, sem quebrá-la, sem quebrar o vidro e sem instrumentos, você ganha aquele tesouro". Muitos dos senhores farão prodígios, mas abrem a porta. Se disserem: "do outro lado da porta existe uma cédula de 1 cruzeiro para pegar", os senhores dizem: "é uma proposta gagá, essa porta não pode ser aberta nessas condições". Ambas as atitudes são razoáveis, porque há um "não pode" e outro "não pode". O "não pode" da diligência comum e o "não pode" da suma diligência. O "não pode" da suma diligência faz com que a gente faça maravilhas <sup>94</sup>.

\*

O que nós deveríamos ter para o nosso apostolado pegar?

Evidentemente a primeira coisa é vida interior <sup>95</sup>. Muitos dos senhores, quando vão fazer apostolado, tem de antemão [uma] sensação de insucesso, uma espécie de triste certeza interior de que não vai dar certo. Essa sensação resulta de medirmos apenas a desproporção entre nossos recursos e a imensidade dos obstáculos. Se nós confiássemos na graça mais do que em nós, todo o panorama mudaria. Essa sensação deve ser remediada pelos senhores pela virtude e pela oração <sup>96</sup>.

[Em segundo lugar], para que a Congregação multiplique o seu recrutamento é preciso que ela seja capaz de agir junto à opinião pública de todos os modos pelos quais ela possa agir <sup>97</sup>. O ponto fundamental para a Congregação é encontrar um ambiente geral em que ela se expanda muito <sup>98</sup>.

[Terceira coisa, é preciso]:

- atrair para a Congregação os que estão fora dela;
- fixar na Congregação os que atraímos para ela;
- transformar a pessoa assim fixada em um recrutador e apóstolo cada vez mais fervoroso e operante.

[Aqui cabe lembrar o princípio da] bola de neve: um pedregulho se destaca no alto da montanha, move certa coisa que vai rolando; à medida que rola, rolam outras coisas junto; quando chega em baixo é toda uma encosta da montanha que desceu. Assim deve ser também o nosso apostolado: nós devemos mover uns, que movem outros, que movem outros. Só nós nunca conseguiremos esse resultado. Somos muito poucos para isso. Por isso é que eu falei em transformar aqueles que os senhores recrutaram em outros tantos recrutadores <sup>99</sup>.

<sup>89</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 4/1/72 (ER 136)

<sup>90</sup> SD 23/10/71 (?)

<sup>91</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 4/1/72 (ER 136)

<sup>92</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/9/72 (ER 140)

<sup>93</sup> Reunião do 27/7/84

<sup>94</sup> Simpósio de Curitiba, 28/10/69 (RN 438)

<sup>95</sup> Reunião do 1/9/72 (ER 141)

<sup>96</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 11/1/72 (ER 136)

<sup>97</sup> Reunião do 1/9/72 (ER 141)

<sup>98</sup> CSN 28/12/91

<sup>99</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 11/1/72 (ER 136)

\*

Existe [portanto] para os senhores uma grande responsabilidade, uma grande missão, uma grande tarefa a realizar. O trabalho dos senhores pode pesar profundamente sobre os acontecimentos <sup>100</sup>.

## B. O que eu desejo como esforço para conseguir essa meta: servidão apostólica

Segundo sentido: o que eu desejo como esforço para que os senhores consigam esses 10 mil é tempo inteiro e alma inteira. Eu chamo tempo inteiro o seguinte: que os senhores tomem o cuidado de não terem durante o dia um minuto jogado fora, [de tal maneira] que o tempo seja inteiramente bem empregado (cfr. Sexta parte, I, b, quid eremítico da vocação do apóstolo) <sup>101</sup>. Nunca o mais moço deve ter a impressão que o mais velho está descarregando o serviço nele, e que ele --mais velho-- está trabalhando pouco. O mais velho, o quidam, o apóstolo itinerante, deve estar continuamente ocupado. E se não está ocupado, está rezando <sup>102</sup>.

Depois, alma inteira: que tudo quanto os senhores façam tenha o empenho completo de suas almas <sup>103</sup>.

\*

Eu estou realmente contente com o resultado que o [trabalho dos senhores] tem produzido, eu vejo que tem sido muito abençoado por Nossa Senhora. O que não é nenhuma razão para esmorecermos, mas pelo contrário, para nós trabalharmos ainda mais. Porque se Nossa Senhora, pelos resultados obtidos nos indica que o trabalho é grato a Ela, Ela nos promete implicitamente ainda melhores resultados se nós deitarmos mais esforço em todos os sentidos que esse esforço possa ser deitado <sup>104</sup>.

\*

Quando a gente quer chegar mesmo aos 10 mil, a gente faz como um homem que quer subir uma montanha. [Na ascensão, a gente encontra] montinho, descidinha, ervinha, agarra de cá, pega um arbustozinho para não cair, mais adiante segura um tufo de ervas, etc. Aquilo se desdobra portanto numa porção de ascençõeszinhas. [De maneira que] a gente não fica o tempo inteiro olhando para o píncaro da montanha, mas a gente dá o passo imediato. E de montículo em montículo, de ervinha em ervinha, de arbusto em arbusto, de pedra em pedra, de buraco em buraco, a gente acaba subindo a montanha.

Muitíssimas vezes o nosso apostolado se realiza assim:

A gente vai para uma cidade e tem que fazer apostolado com uns tipinhos em relação aos quais tem a sensação de uma verdadeira servidão, porque a gente fica diante deles olhando o que é que eles querem, o que é que eles pensam, qual é a hora que eles preferem, adivinhar qual é o tema que eles querem tratar, tratar desse tema e parar quando se percebe que eles não querem mais. Quer dizer, nós vamos com a idéia de chefiar um grupo numa cidade, mas de fato aquele junto ao qual fazemos apostolado manda em nós.

Por isso Nosso Senhor disse aos apóstolos: "Eu não vim para ser servido, mas vim para servir", quando Ele lhes lavou os pés. Os apóstolos eram ignorantões, tabaréus, pocas. Nosso Senhor durante 3 anos os agüentou exatamente como estou dizendo: parábolas, passeios em comum, conversas, milagres, doutrinas, tudo, à hora e ao tempo que eles queriam. Ingratidões de todo tamanho, a tal ponto que Ele disse: "As aves tem seus ninhos, as raposas tem suas tocas e o Filho do Homem não tem uma pedra para repousar a cabeça". Quer dizer, não havia quem O quisesse, quem O amasse, quem Lhe desse uma retribuição.

Nós, no sentido espiritual da palavra, por assim dizer temos que lavar os pés daqueles junto a quem fazemos apostolado. Com dignidade, com compostura, sem nos baratearmos, portanto meio disfarçadamente, nós temos que estar pelo que eles quiserem, considerando sempre que de toda alma que consigamos nós podemos trazer todo um facho de gente depois, e que a simples existência de um grupo de 4 ou 5 que sejam, já é um chamariz para outros (\*).

----- (\*) Se eu for contar todo o trabalho que me deu o grupo da Pará ... é uma coisa transcendental! [a gente] não pode ter idéia!

O prof. Furquim era o único fumante e enchia os cinzeiros das detestáveis cinzas do cigarro dele. Ele saía [da sede] mais cedo do que nós porque era casado e tinha obrigações em casa. E como não tínhamos criada para limpar, tratava-se de saber quem era que jogava fora os tocos de cigarro, e eles então brigavam um com o outro por causa disso. Então,

<sup>100</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/9/72 (ER 140)

<sup>101</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 4/1/72 (ER 136)

<sup>102</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 16/7/89

<sup>103</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 4/1/72 (ER 136)

<sup>104</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/9/72 (ER 140)

sem eles perceberem, eu ficava no fim, batia todos os cinzeiros e arranjava os cinzeiros, para ir depois para casa sozinho, para não dar briga entre eles, para não comprometer a coesão do grupo. Tão frágil era o Grupo nos primórdios. Bem, se eu tivesse [dito] a mim mesmo: "eu me formei, eu fiquei deputado, fiquei diretor do Legionário, eu fiz isso e aquilo, para ser limpador de cinzeiros desses homens?", não teria havido a Congregação, porque se não tivesse havido a Pará, não teria havido a Martim, e se não tivesse havido a Martim não teria havido o resto. Quer dizer, até lá a coisa tem que ir. E daí para frente.

-----

Não é verdade, meus filhos, que tanto quanto me era possível eu fiz o mesmo com cada um dos senhores, de um modo ou doutro, ou por uma palavra direta, ou por um cumprimento, ou por um sorriso, ou por um olhar durante uma reunião? Façamos pelos outros!

Quando eu vir aquele junto a quem eu devo fazer apostolado babar, esquivar-se, fazer de tudo, não é uma boa ocasião para eu pedir perdão a Na. Sra. e pensar quantas vezes no meu passado eu fiz isso com Ela? Não é justo que o outro faça comigo o que eu fiz com Ela?

Que cálculo devemos fazer com eles? O cálculo que fez a graça conosco. Nós éramos tíbios, reticentes, pocas, mas a graça nos colheu num momento e fez de nós apóstolos itinerantes. [Da mesma maneira] devemos ir disputando passo por passo, milímetro por milímetro, ocasião por ocasião, com qualquer um. Dia virá em que a graça entre e faça o trabalho dela por inteiro. Nós devemos ter então uma aplicação profética de todos os instantes, de todos os minutos, de todas as ocasiões, fazendo tudo quanto for necessário por eles, com dignidade e sem que eles percebam --porque eles não estão sequer à altura de perceber e de agradecer tanta dedicação.

Isto é que é lutar com a alma inteira<sup>105</sup>.

O mais moço deve perceber que o mais velho tem, por uma razão superior, uma disposição de se sacrificar sem limites pelo mais moço.

O mais velho deve dar a convicção de que é capaz de qualquer sacrifício, a qualquer hora do dia ou qualquer hora da noite, para atender a uma alma que está precisando de um conselho, para atender uma pessoa de mau humor que está precisando de paciência, para atender uma pessoa que está desanimada e que precisa ser animada.

Aí [o mais moço] deve poder dispor de um mais velho como um déspota dispõe daquilo que ele manda. Aí os nossos subordinados são os nossos déspotas, na hora do sacrifício.

Aí, nessa hora, [os apostolando] tem a sensação da autenticidade da autoridade. Eles tem a sensação de que verdadeiramente aquela Causa é aceita com entusiasmo, com o fundo da alma, pelo mais velho.

Instintivamente o apostolando quer ver, em última análise, como é que os outros cumprem aquilo que mandam a ele fazer. Então ele faz a regra de três: "se aquele aderiu de fato ao ensinamento que ele dá, eu também vou aderir".

Por causa disso também, o mais moço deve sentir no mais velho, que o maior interesse do mais velho não está voltado nele --mais moço--, mas está voltado na Causa. De maneira que ele percebe que de fato o querem, mas que o querem por uma razão muito superior a ele. O querem por amor a Deus, à Causa Católica, à Contra-Revolução<sup>106</sup>.

### C. O que eu desejo como resultado palpável

A terceira coisa é perguntar o que é que eu quero, o que eu espero dos Srs. como resultado palpável?

Se os Srs. trabalharem assim, eu não sei o que é que vai resultar, porque a fecundidade do apostolado não é como a fecundidade de uma lavoura. Na lavoura, a gente planta cana, por exemplo, [e em] tal estação dá cana.

O êxito da ação dos Srs. não consiste em quantos os Srs. conseguiram, mas em saber se os Srs. fizeram tudo para conseguir. Porque eu posso admitir que haja um apóstolo itinerante que trabalhe arduamente numa cidade durante 2, 3 anos e não consiga nada; ao cabo de um quarto ano aparece um grupo que é dos melhores do Brasil; ou aparecem 2 ou 3 indivíduos que valem grupos inteiros.

Eu tenho certeza que se os Srs. fizerem tudo, os Srs. terão tudo. A todo trabalho corresponderá toda paga e que se Na. Sra. tardar Ela virá com juros.

De maneira que dos Srs. eu não quero tanto resultado quanto esforço, porque eu sei à cegas o esforço dá resultado.

Por isso mesmo também não vou medi-los pelo número dos rapazes que trouxeram, mas de acordo com o "quantum" que os Srs. estão fazendo.

Essa medida não é a de um feitor de escravos, com chibata na mão. Em relação a cada membro da congregação eu devo ser um pai; e em relação àqueles que deixam tudo para seguir o chamado de Na. Sra., eu devo ser pai e mãe e

<sup>105</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 4/1/72 (ER 136)

<sup>106</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 16/7/89

mais do que isso se houver. Eu devo na limitação dos meus meios procurar personificar toda ternura, toda bondade, todo carinho, toda misericórdia de Na. Sra. E isto é que eu desejo fazer com cada um dos Srs.

Tanto é que os Srs. me terão interpretado mal se alguma vez algum dos Srs. julgou receber de mim um olhar severo. Pode ter recebido olhares muito interrogativos, mas nesta interrogação sempre um afeto, nunca um castigo. Pode ter percebido de mim uma sondagem de olhar, mas na ponta dessa sondagem nunca havia uma ameaça. E no trato nunca, nunca, nunca houve algo que não fosse tão amável e tão atencioso até o extremo limite do amável, do atencioso. Se alguém sentiu o contrário, me interpretou mal <sup>107</sup>.

#### **D. Somos poucos e tempos pouco tempo. Portanto fazamos apostolado só com os ultramontanáveis**

[Isso posto], é preciso considerar que nosso tempo sendo pouco e nós sendo poucos, devemos escolher o terreno onde jogamos as sementes. Então jogamos para muitos e, conforme as reações que vem, nós distinguimos o terreno -- quer dizer, sabemos ver se a pessoa presta ou não presta. É preciso procurar muito para encontrar alguns [que prestem], porque nos dias de hoje são muito poucos <sup>108</sup>.

Nosso proselitismo não pode ser feito para atrair todo mundo, porque não é todo mundo que tem chamado <sup>109</sup> (\*).

----- (\*) Algum tempo atrás, a alguns novatos de um Estado X do Brasil que foram me visitar, eu disse o seguinte:

Em relação à Congregação há duas posições possíveis. Uma é a gente jogar dentro da arena, outra é a gente ser torcedor na arquibancada batendo palma. Eu não estou pedindo a vocês que desçam na arena para lutar, mas que vocês pelo menos fiquem na arquibancada batendo palma, constituindo uma rede de mini-correspondentes.

Aparte: O senhor deu certa vez esta idéia na Argentina, para ser proposta aos rapazes que em determinado momento se percebe que não são capazes de dar um passo sem ficarem um pouco assustados.

E depois outra coisa: facilita que eles eventualmente conheçam gente que queira entrar para a Congregação <sup>110</sup>.

-----

A Congregação é uma elite, não pode ser a maioria <sup>111</sup>. Por definição, ela tem que ser uma minoria. Ela pode levar atrás de si maiorias, nesta ou naquela emergência, mas ela enquanto tal tem que ser minoria. Se a Congregação nos dias de hoje fosse maioria, ela seria uma organização que pactuou com a R. Ora, ela está em luta com a R. Logo, ela tem de ser uma minoria <sup>112</sup>.

Um pão que tenha mais fermento do que massa [é inconcebível]. Tem que haver um pouco de fermento e grande massa. Assim também, nós somos fermento. A massa para fermentar é enorme, nós precisamos de muito fermento, [é verdade], mas não podemos ter tanta quantidade quanto a massa. Eu quero dos senhores minoria, mas uma minoria grande e decidida, para fermentar uma massa duríssima de fermentar <sup>113</sup>.

#### **E. O que eu desejo como meta qualitativa. Tipo humano que se trata de formar**

Uma coisa é chamar uma pessoa para a prática dos Mandamentos, para ser um bom católico, e se Deus quiser, um muito bom católico. Outra coisa é chamar para a Congregação <sup>114</sup> (\*).

----- (\*) [Na Congregação], não se trata só de praticar esta ou aquela virtude, mas de praticar todas as virtudes de maneira a possuir o estado de graça, e mais do que praticar todas as virtudes e possuir o estado de graça, [trata-se de] possuir uma certa mentalidade que é o espírito dessas virtudes.

[No tempo que eu era moço], as senhoras que praticavam a religião, eram boas mães de família, cumpriam seus deveres, nunca tinham roubado na vida, nunca tinham pecado contra a castidade, etc., mas o espírito dessas virtudes não tinham. De maneira tal que elas eram ao mesmo tempo irrepreensíveis e totalmente vazias.

Isto se podia dizer de algum modo dos católicos praticantes antes do tempo das Congregações Marianas: eram pessoas comuns, boas, etc., mas que não passavam dessa história.

<sup>107</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 4/1/72 (ER 136)

<sup>108</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 19/12/78

<sup>109</sup> Texto sem data 17, título original "Proselitismo, proposições falsas e verdadeiras"

<sup>110</sup> Reunião eremo Nossa Senhora do Bom Sucesso, 2/5/77

<sup>111</sup> Reunião do 19/2/72 (RN 381)

<sup>112</sup> Texto sem data 17, título original "Proselitismo, proposições falsas e verdadeiras"

<sup>113</sup> Reunião do 19/2/72 (RN 381)

<sup>114</sup> SD 21/3/387

Havia também eclesiásticos nessas condições. A gente via que levavam uma vida correta. Mas não tinham a chama dos Apóstolos dos Últimos Tempos. E se a gente dêsse São Luís Grignon para eles lerem, eles se consagravam como escravos, mas dava tudo na mesma, porque não tinham as condições para compreender qualquer coisa que não fosse aquela piedadezinha terra-terra.

Se eu tivesse aquele estado de espírito, acabava prevaricando, passava para o lado da R e não ia para o Céu. Aquela boa velha, que podia até gostar de mim, ela, pelas condições dela, podia ir para o Céu.

Agora, o que é que é isso? É uma excelência da virtude da Fé, por onde se conhece o espírito da Igreja no que ele tem de mais autêntico, de mais saliente, de mais ótimo. Uma excelência da caridade [por onde] se ama a Igreja especialmente enquanto espezinhada, enquanto posta de lado pelos que não viam as coisas como são. E a esperança: é tão absurdo que isto não seja como eu acho que deve ser, que tenho esperança absoluta de fazer isso reviver.

A Congregação tem contrabandos dentro dela de indivíduos que não querem ser assim e que querem imitar [essas boas velhas senhoras].

Ou a gente limpa a face do católico dos reflexos psicológicos do espírito da [boa] senhora, ou a gente perde a partida. A gente tem que ter o brilho do espírito que está em nós <sup>115</sup>.

Na Congregação, o aspecto mais importante da formação é o aspecto religioso. Quer dizer, se trata de ajudar aqueles que entram na Congregação a levarem uma vida sem pecado. Mas não basta isso. É preciso, na Congregação, a gente ter a esperança séria de chegar à santidade de altar, ainda que seja pelo método mais rápido, mais direto, talvez mais dolorido, mas mais certo que é o martírio (\*).

----- (\*) Para merecer [o martírio] é preciso ter a alma muito bem cuidada. Sobretudo para não ficar com medo e passar para o outro lado. E para isso é preciso rezar, rezar para ficar no reto caminho até o fim. É preciso os senhores irem preparando a mentalidade dos rapazes para essa eventualidade. Nós vivemos numa época em que violências de toda ordem são possíveis <sup>116</sup>.

## VI. HISTÓRICO E MISTÉRIOS DE NOSSA EXPANSÃO

[Na história de nossa expansão é curioso notar o seguinte]:

1) [Depois que] escrevi "Em Defesa" e fundei um movimento novo o andar térreo do prédio da Rua Martim Francisco que ocupamos hoje, nós passamos anos procurando gente, mas não aparecia ninguém.

Inexplicavelmente em determinado momento em São Paulo começou o fluxo de gente, fundando um grupo depois do outro, um grupo depois do outro e o movimento foi crescendo em marcha batida até agora mais ou menos <sup>117</sup>.

2) De cada geração [que aparecia], entrava um chumaço de pessoas; depois daquela geração um ou outro, de cada 5 ou 10 anos, se convertia; [então a gente] apelava para a geração seguinte. [Quer dizer], é uma regra de crescimento da Congregação: migrar de geração em geração. Aonde nós falamos e nos ouvem, da geração que nos ouvem, nós pegamos [alguns]. Depois não gastamos muito tempo, já vamos para a geração [seguinte], porque continuamente tem gerações que vão aparecendo no horizonte <sup>118</sup>.

Por exemplo, houve o tempo dos nisseis. Entraram nisseis de todos os lados, [até] pelas janelas entraram nisseis, com muita alegria para nós. Em certo momento diminui muito [a entrada deles], depois cessa.

As expansões iam assim, formando esferas ligadas entre si por um fio condutor, que seria meio parecido com o fio condutor do rosário. E se formava assim um rosário de gerações.

[Em outros termos], a vocação era como um frasco contendo um líquido precioso que de vez em quando pinga uma gota. Essas gotas vão se somando num cálice igualmente precioso. E fora disso zero <sup>119</sup>.

3) A Congregação Paulista recebeu de Na. Sra. uma tal capacidade de expansão que ela encontrou meios de se estender por um país grande como um continente, por toda a América do Sul e por todo [o mundo].

Entretanto, o que é que nós deitamos na própria cidade onde nós vivemos? Era normal que a Congregação Paulista tivesse em São Paulo uma expansão muito maior do que tem, porque quem faz tais proezas de expansão ao longe, seria de admitir que ao perto tivesse uma expansão muito maior.

[Quer dizer], essa capacidade de expansão para fora, fica meio comprimida e meio impedida de se dilatar inteira na própria cidade onde ela está <sup>120</sup>.

<sup>115</sup> CSN 24/11/90

<sup>116</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 25/10/92 e reunião Apóstolos Itinerantes 19/12/78

<sup>117</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>118</sup> Sede Reino de Maria 4/3/81 (RN 612)

<sup>119</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 11/11/81 (ER 216)

<sup>120</sup> São Milas, 4/8/72 (ER 139)

[Também em cada cidade onde temos sede, o número de cooperadores] podia ter sido muito maior. A Providência multiplicou bastante o número de membros da Congregação, mas nunca multiplicou muito na mesma cidade. Os grupos vão se multiplicando como gotas de orvalho sobre uma plantação, em nenhum lugar é uma taça com água <sup>121</sup>.

O mesmo se poderia dizer das várias Congregações nacionais: argentina, chilena, uruguaia, espanhola, portuguesa, o que quiserem.

Daí o caráter arquipelágico da Congregação. A Congregação é um arquipélago. A geografia da Congregação é da Oceania, onde há Estados que são constituídos de 100 ilhas, de 200 ilhas, etc. A nós nos é dado aumentar o tamanho dessas ilhas, mas transformar essas ilhas em continentes não parece <sup>122</sup>.

As vocações não são concentradas num país só. Vai aumentando o número de Congregações em vários países, [mas cada Congregação] não toma em mãos a condução do [respectivo] país <sup>123</sup>.

4) Muito freqüentemente nossos núcleos de colaboradores tem a seguinte trajetória:

A primeira fase é a formação do núcleo pela aglutinação dos primeiros elementos. A isso sucede uma espécie de longa seca, em que se tenta uma série de providências e de métodos de recrutamento, e pura e simplesmente não aparece quem tenha ar de ser chamado para a ação que desenvolvemos. Mais tarde, vem de repente um verão espiritual, as pessoas começam a entrar e o núcleo começa a crescer.

Esta é a trajetória normal, porque infelizmente na história de um núcleo pode haver infidelidades e crises que a complicam.

O que deduzir do período de secura?

Um homem não se forma apenas aprendendo doutrina. Também é preciso que ele saiba perseverar apesar dos obstáculos. Entre estes, os mais difíceis não são os obstáculos palpáveis, ponderáveis, os quais se pode enfrentar de peito aberto, mas são os obstáculos imponderáveis.

Por exemplo, entrar numa polêmica tremenda, enfrentar adversários, ver que falam mal de nós nos púlpitos e nos jornais, isso não é o mais difícil. O mais difícil é estar numa sedezinha bem arranjadinha, com a sensação imponderável de que entra dia sai dia, entra ano sai ano, a semente não frutifica e tem-se a impressão de que a Congregação está fulminada pela esterilidade. É o período de asfixia do núcleo, em que ele fica com ar rarefeito. Nestas circunstâncias dizer "eu confio contra toda aparência, persevero, vou para frente" é [muito heróico].

Disto devemos deduzir o seguinte: se essa rarefação acontece tão freqüentemente, não é um castigo necessário da infidelidade. Pode ser que alguma infidelidade contribua para essa asfixia. Mas há um plano da Providência dentro disso. Qual é esse plano?

Nosso movimento precisa ter muita fé para crer longa e obstinadamente contra todas as aparências. Esta fé precisa ser provada. E a pior das provas é a asfixia. O período de asfixia é, pois, o melhor dos aprendizados. A história da Congregação do Brasil e de suas congêneres é cheia de frustrações. Mas é assim que as coisas se fazem, e quem não tem espírito sobrenatural para confiar contra todas as [aparências], este não perseverará durante os acontecimentos previstos em Fátima <sup>124</sup>.

[Todas essas peculiaridades de nossa expansão que acima enunciamos, são] mistérios que correspondem a algum desígnio da Providência no qual nós vamos ter que tomar conhecimento durante a Bagarre, porque ao meu ver isto se relaciona com a Bagarre <sup>125</sup>.

5) O apostolado de abordagem irrompeu na Congregação como uma novidade com quem ninguém pensava e a respeito da qual ninguém refletiu nos primeiros instantes, porque ela parecia contrária àquilo que se poderia esperar e porque seus frutos eram também inesperados.

[Quando] começaram as abordagens, a vocação começou a deitar um chuveiro contínuo e não de vez em quando um pingo ou outro, [a tal ponto que] no cálice tudo estala e é preciso transformar o cálice em taça para caber tudo quanto vêm, e o movimento geral da expansão da Congregação muda em todos os países.

6) Numa cidade muito pequena, mais ou menos todo mundo se conhece e se saúda. Quando o ambiente é maior, só se saúdam as pessoas que se conhecem e só conversam entre si as pessoas que se saúdam e se conhecem, porque do contrário a cidade cai num caos. Isso era até 5 ou 6 anos atrás observado como um principio inabalável em todas as cidades. Ninguém ia abordar um desconhecido. E se abordasse, seria mal visto. E portanto a associação que fosse propagada assim se desacreditaria.

Em certo momento essa regra essencial do convívio se volatiliza, aparece a geração enjolras e na rua tanto dá abordar quanto não abordar alguém, e alguns se deixam atrair sem sofrer imediatamente pressões, detrações e máfias. Coisa que antigamente não acontecia, era uma coisa de não pensar.

<sup>121</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>122</sup> São Milas, 4/8/72 (ER 139)

<sup>123</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 11/11/81 (ER 216)

<sup>124</sup> Simpósio de Curitiba, outubro de 69, III reunião

<sup>125</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92



E por isso o apostolado de abordagem floresce mais nos centros grandes do que nos pequenos. Nos pequenos a bem dizer não existe <sup>126</sup>.

7) No tempo [que os cooperadores geração nova ingressaram na Congregação], a opinião pública de uma cidade era como um alvéolo ou como um formigueiro: cada um tinha a sua tendência, suas atitudes, seus preconceitos já formados, etc. E um menino de mais ou menos 15 anos de idade já tinha formado uma opinião para a vida inteira. Resultado: o apostolado era difícilimo.

Bom, com o caos que está hoje, ninguém tem opinião a respeito de nada, porque tudo está numa desordem, tudo está numa sarabanda. Então a opinião pública está mais ou menos como um formigueiro que tomou um pontapé. O pontapé no formigueiro é a Bagarre na opinião pública. Ou a Bagarre é o pontapé no formigueiro chamado mundo. O resultado é que estamos diante de uma facilidade de angariar gente que antigamente não havia <sup>127</sup>.

8) Por que a Providência permite ou dispõe que [nossa expansão] se facilite de tal maneira, e põe gente que vai de encontro aos senhores?

Tudo leva a crer que durante a Bagarre vai ser preciso um número de pessoas proporcionado para o grande número de conversões que tem que haver, porque ainda que tenha que sobrar muita gente, ainda tem muita gente se convertendo. Tem se a impressão que a Providência está com toda pressa chamando os enjorras para completar o número: "venham logo porque Eu quero muita gente! enchei! O mundo tem que se multiplicar, o gênero humano tem que continuar depois da Bagarre. Vinde!" <sup>128</sup>

## VII. SIMBOLOS, ESPLENDORES E GLORIAS DO APOSTOLADO

### A. A parte da chama que mais queima, que mais visa para o alto e que ateia o incêndio

Existem na natureza mil figuras que podem representar a beleza [do que os senhores fazem].

Por exemplo, a chama de uma vela. Ela tem 3 zonas diferentes: tem uma zona de azul profundo que adere imediatamente ao pavio; depois tem uma zona de um fundo dourado, um pouco mais claro, que constitui o corpo da chama; e depois tem uma parte avermelhada, que é a ponta da chama e a parte mais quente da chama, é a parte por onde o fogo de propaga.

Ora, a Congregação pode ser considerada debaixo de certo ponto de vista uma chama.

A beleza da chama está em grande parte naquela zona que adere imediatamente ao pavio. Se não houvesse aquela zona, os gases que a combustão tira do pavio para produzir o incêndio, não se desprenderiam. De maneira que é aquela zona que queima o pavio e que comunica o necessário para que o resto da chama exista.

Ela é mais obscura, mais interior, ninguém a vê, ou ao menos ninguém olha para ela no primeiro deslumbramento em que a chama produz diante dos olhos. Mas ela é indispensável para que a chama seja chama.

Nós podemos comparar a isso os eremitas do Ativismo Individual, que ficam bem exatamente aderentes ao pavio que é a Congregação, que passam a sua vida em boa parte nos estudos por onde da doutrina tiram o calor necessário para comunicar a todo o apostolado e são os propulsores da grande chama de nosso apostolado.

Nós poderíamos, de outro lado, comparar o grosso da chama, a parte dourada da chama, ao apostolado desenvolvido pela massa dos elementos do Grupo, cada um na sua esfera de ação, no meio em que é chamado a atuar.

Mas não tem dúvida que há uma glória especial em pertencer à ponta da chama. É a mais quente, é a que visa mais para o alto, é aquela que indica o esforço para contagiar, para queimar, e que lembra aquelas palavras de Nosso Senhor: "Eu vim trazer o fogo à terra e o que eu quero senão que arda". O ardor da chama, o ponto de contágio da chama está exatamente naquela parte mais quente. Esta parte pode ser comparada aos meus apóstolos itinerantes, tão distantes do pavio, mas ao mesmo tempo recebendo através de outras zonas o calor que vem do pavio e a matéria que vem do pavio, e levando para longe o calor da chama e ateando o incêndio.

Vós sois a Congregação enquanto expansão, enquanto conquista, enquanto contágio. Haverá uma coisa mais bonita que isso?

Diz o evangelho de São João que "a luz brilhou nas trevas e as trevas não conseguiram ocultá-la". Por que é que não conseguem? Porque a luz tem umas pontas de chama que rasgam a treva. Essas pontas de chama são os apóstolos itinerantes, que rasgam essas trevas e que vão abrindo os espaços da luz <sup>129</sup>.

<sup>126</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 11/11/81 (ER 216)

<sup>127</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81 (RN 612)

<sup>128</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 11/11/81 (ER 216)

<sup>129</sup> Reunião para Eremos de Ativismo Individual e Apóstolos Itinerantes 29/5/74 (ER 81)

O apóstolo itinerante leva uma vida dura para fundar grupos e ajudar a Congregação para ir para frente. Então ele apanha, é desprezado, é ignorado, vive sozinho, etc., mas ele tem essa alegria: ele fez nascer sóis. Cada grupo que nasce é um sol<sup>130</sup>.

É um verdadeiro gáudio ir percebendo que a integridade do espírito católico vai nascendo na alma de um outro que já tem a fé católica, que a mentalidade dele vai-se catolizando cada vez mais. Isto deve ser visto mais ou menos como quem vê o nascer do sol. O espírito católico, como o sol que se levanta num determinado ponto do horizonte, vai-se alargando, até tomar a mentalidade inteira. Mas com esse encanto especial, que é o fato de que estamos ajudando a fazer nascer esse sol.

Imaginem a situação de um homem que vivesse no Pólo Norte e que ele pudesse de alguma forma apressar o nascer do sol. Podem fazer idéia da alegria que teria se visse que ajudou a levantar no horizonte o sol, que agora brilha sobre ele. Uma das maiores alegrias que um homem pode ter na vida é ver que o sol da fé católica começou a brilhar na alma de um outro<sup>131</sup>.

## B. A vítima que aceita o holocausto

Há horas em que o eremita de estudo de apostolado individual diz "meu Deus, como seria mais bonito eu estar na ponta da chama lutando! como eu sentiria respiração! como eu sentiria ar! aquilo que é bom!"

E há horas em que o apóstolo itinerante diz "meu Deus, como seria bonito estar num êremo, rezando o ofício, praticando a obediência, dirigido por um quidam em vez de carregar o peso insuportável de ter que me dirigir a mim mesmo e resolver originalmente os mil problemas concretos que ninguém resolve".

A hora mais bonita é [quando a gente] quer fazer o que o outro faz, mas renuncia à vontade própria e diz: "era bom fazer o que o outro está fazendo, mas eu vou fazer o que me mandaram fazer, aqui é meu lugar, aonde a obediência me pôs, eu quero estar aqui porque aqui está a vontade de Na. Sra."

Os que fazem isto, ao cabo de algum tempo acabam capazes de fazer uma coisa e outra. Os que não são capazes de fazer isto, não são capazes de fazer uma coisa nem outra: a gente pondo como apóstolo itinerante, ele tem saudade do êremo; pondo no êremo, ele fica com vontade da ação; no fundo o que ele não quer é dedicação; e sem a dedicação não se faz uma coisa nem outra.

O pulchrum está em ser da parte azul da chama, [ou] da parte dourada da chama, [ou] da parte vermelha da chama. Há um pulchrum mais belo do que ser chama. É ser a vítima que é queimada pela chama, é ser a vítima que aceita o holocausto e diz: "eu de qualquer jeito aceito, se me puserem na parte quente da chama eu vou queimar, se me pôrem na parte dourada da chama vou brilhar, se me puserem na parte escura da chama vou alimentar a chama da qual eu como que não faço parte; mas onde eu estiver, eu vou me imolar, vou fazer o que mandarem, não vou fazer o que quero".

Houve Alguém que fez isto: Ele, sentindo-se abandonado, em determinado momento bradou ao alto do Céu "meu Pai, meu Pai, por que me abandonaste?", e depois inclinando a cabeça disse "consumatum est". Aquela inclinação da cabeça não é apenas o ato do cadáver cuja cabeça pende, mas tem um símbolo como quem diz "fiat" até o fim. Assim também nós.

Há momentos em que nós não sabemos o que dizer de nós mesmos, mas inclinamos a cabeça e dizemos "está consumado", quer dizer, "eu aceitei qualquer sacrifício, eu não admiti nenhum limite, todas as dores que vierem sobre mim eu assumi, sem fugir de nenhuma; com isto eu estou acabrunhado, mas aceito; seja feita a Vossa vontade e não a minha".

Nós temos que ter, meus filhos, um gênero de alma dado ao sacrifício, aonde a gente compreende o admirável da situação em que a gente está, não procura o admirável da situação onde a gente não está, porque quem não é capaz de ver o admirável da situação em que está, não é capaz de ver duravelmente o admirável da situação em que não está.

## C. Os guerreiros mais audaciosos do exército de Nossa Senhora

[Também podemos] nos comparar a um exército.

<sup>130</sup> Reunião para Eremita São Paulo Apóstolo, sem data 2, realizada na Sede do Reino de Maria (ER 128)

<sup>131</sup> SD 5/8/89 (RN 75)

Um exército tem as academias militares, onde o espírito militar se forma e onde as grandes doutrinas se engendram. Tem o comando, onde a supervisão de toda a tropa se faz e os planos de guerra se traçam e a direção se executa. Tem a tropa, que se espalha pelo campo de batalha e vai vencendo.

Mas [tem também] aqueles que são os filamentos mais audaciosos e mais capilares do exército, que se infiltram inimigo adentro, ou que fazem o papel da pára-quedistas e voam por cima das fileiras dos adversários para conquistar terreno para o país ao qual pertencem.

[Na Congregação], os êremos de estudo de Ativismo Individual fazem parte desse elemento nosso que estuda e irradia o nosso espírito militante. Depois há outros que são a grande falange. Há os pára-quedistas de Na. Sra., que são os senhores, que vão cair de pára-quedas em cidades onde a Congregação não existe, onde ela é fraquinha, onde ela é mais um peso para carregar do que um ponto de sustentação, aonde a gente tem que lutar contra ventos e contra tempestades para que essa plantinha vinge, sendo quase mais fácil a gente plantar mais outras árvores do que proteger contra os ventos a plantinha que começou a nascer e que está a toda hora querendo morrer, do apostolando túbio, do apostolando desinteressado, ao qual é preciso dar uma [sustentação] a toda hora para ele se reabilitar, para ele voltar à luta, até que ele meio desmaiante traga pela mão um outro meio desmaiante como ele e depois um outro e forma um grupo meio desmaiante pelo qual um dia entra aquele que vai ser o fundamento do grupo <sup>132</sup>.

[Nesta ordem de idéias], cada apóstolo itinerante [pode ser comparado a] um bastão de Condé que é jogado num lugar. Mas é um bastão e [ao mesmo tempo] é um guerreiro que deve ali abrir frente e agir. Os outros vão atrás, vão pelo apoio da Comissão do Movimento, mas ele é que tem que abrir seu próprio caminho. É muito mais do que atirar um bastão <sup>133</sup>.

\*

Quando vier o Reino de Maria, quando no mundo brilhar um outro sol e outras estrelas, quando o sorriso de Na. Sra. iluminar toda a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, nesse momento vos perguntarão: "vós o que fazíeis a meia noite do gênero humano, naquelas tardes terríveis em que as trevas tinham chegado ao seu auge?"

E vós podereis responder: eu era o sentinela avançado, eu era destacado para longe, eu vivia nos grupos frágeis e pequenos, eu vivia sem o apoio nem o amparo de uma organização ou uma estrutura grande, eu era incumbido de devastar as terras que pertenciam ao adversário e de implantar ali o estandarte de Na. Sra.

Eu tive fraquezas, mas Na. Sra. teve pena de mim. Ela me deu resoluções que eram maiores do que minha própria força e me fez fazer feitos que eram maiores do que minha própria pessoa. Ela venceu na minha pequenez. E por isso eu digo: "Magnificat, anima mea Dominum, et exultabit spiritus meus, in Deo salutari meo", e minha alma se rejubila em Deus, Deus meu salvador, minha alma engrandece a Na. Sra. e se rejubila nela que é a luz do meu Salvador, o elo que nos une a Ele.

E no momento em que o Profeta era negado, recusado, combatido, eu me aproximei dele, eu me deixei atrair por ele, eu me tornei ele. E nessa época de independência e de revolta infame, eu assumi o jugo da dependência. Nessa época em que todo mundo corria atrás da sensualidade, eu tomei o lírio da castidade como ornato da minha vida e o único encanto que eu procurava na terra. Nessa época em que todo mundo corria atrás do ouro, eu renunciei ao ouro para viver no regime da pobreza.

Tudo isto eu fiz porque Maria me deu forças. Maria me dê forças até o fim da vida para que eu seja assim. E quando os meus olhos se fecharem para esta vida e se abrirem para [o Céu], eu verei os que me precederam e estarão junto a Dr. André aos pés de Na. Sra. cantando a sua glória por toda a eternidade e levando os outros para o céu também <sup>134</sup>.

#### D. A beleza do apostolado vista em função do sobrenatural

O apóstolo não pode fazer apostolado sem receber para isso uma graça especial. Quer dizer, baixa sobre ele uma graça e o convida no interior de sua alma: "olha esse, olha aquele, olha aquele outro; meu filho, chame-o porque Eu o quero junto de Mim". E pelo sopro da graça, vai falar com o outro, e começa a abordagem, e começando a abordagem, começa o apostolado.

Os senhores querem ver como isto é bonito? Eu estou fazendo um ato de apostolado junto aos senhores. Nós estamos reunidos nesta sala 300 pessoas, mais ou menos. Desde que eu saí da reunião em Jazna Gora, eu saí com o intuito de vir aqui. Os senhores também desde manhã tinham o intuito de vir aqui. Este intuito o que que era? É como se o dedo de Deus tivesse tocado no interior de cada um de nós, e levados todos nós por essa ação da graça, nós estávamos

<sup>132</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes e Apóstolos Itinerantes 29/5/74 (ER 81)

<sup>133</sup> Reunião preparatório do I Capítulo dos Apóstolos Itinerantes, março de 1977

<sup>134</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 12/6/73 (ER 97)

resolvidos de nos encontrar à noite. Eu, para aproximá-los de Nossa Senhora. Os senhores porque estão persuadidos de que nesta reunião à noite podem receber uma ajuda para se aproximarem de Nossa Senhora.

Resultado: eu estou falando e a graça está ajudando minha razão, dispondo a minha vontade, para que eu diga aos senhores o que eu estou dizendo. E ela está dispondo as almas dos senhores para receberem bem o que eu estou dizendo.

De maneira que a gente olha e tem uma sala comum, com 300 pessoas. Mas na realidade a coisa é muito mais profunda.

[O apostolado] é portanto um acontecimento muito mais belo do que um simples ato pelo qual se recruta gente para uma ação científica, esportiva, ou qualquer coisa assim, porque aí entra apenas o homem. Aqui não, aqui está entrando o sobrenatural. E sem nós nos darmos conta, a Providência está agindo intensamente em nós.

Os senhores viram em catedrais aquelas ogivas que se encontram e às vezes formam uma série de galerias. Sem percebermos, as nossas almas estão se encontrando em Nossa Senhora. Cada uma de nossas almas relacionada com a outra, [constitui algo] à maneira [do arco] de uma ogiva, [dando origem a] uma ogiva de 300 arcos, grandiosa, constituída para louvar a Nossa Senhora. É evidentemente uma coisa muito bonita, maravilhosa.

Não se pode nesta terra desenvolver, em certo sentido, uma ação mais magnífica do que o apostolado <sup>135</sup>.

### E. A beleza do apostolado vista em função de suas regras

Pergunta: "qual é o pulchrum da aplicação das regras de ação individual em si considerada e na aplicação delas nas circunstâncias atuais?"

Há tantos pulchrums nas aplicações das regras de apostolado individual que se [poderia] fazer uma conferência a respeito disso.

Os senhores imaginem um homem saudável, robusto, que tem pendurado nele um demônio asqueroso, um demônio que representa uma doença medonha, uma lepra, que vai invadindo o homem. Chega alguém lá, faz um exorcismo, enxota o demônio e o homem começa a reverdecer.

Essa ação tem dois pulchrums. Um é o de pegar o mal e esmagá-lo, e se é belo ver esmagado o esmagador, [é belo] ver o horrendo jogado ao horror. Outro é ver o saudável, o reto que se reintegra e que toma a sua plenitude.

Ora, isto é também com a regra do Ativismo Individual. É belo nós vermos uma alma que tem um defeito horrível e o apóstolo que toma as regras adequadas e vai resgatando a alma daquele defeito, vai cortando fora as lepras daquele homem e deixando a carne saudável. Daqui a pouco ele se recompõe, ele está saudável. Isto tem um pulchrum lindíssimo.

Mas há outro pulchrum. É o pulchrum da regra, cuja execução obtém seu efeito, em si mesmo, independente de qualquer coisa, por um princípio de ordem, porque a coisa ordenada tem seu efeito. É bonito a gente tomar a regra certa e produzir sobre a mente humana o efeito certo.

É tão nobre a mente humana, é tão nobre a regra que atua sobre a mente humana, é tão belo movimentar a alma para o bem, para a verdade, que isto tem um pulchrum absolutamente superior, que já é de outra natureza. Está na natureza da operação <sup>136</sup>.

\*\*\*

<sup>135</sup> SD 28/3/87

<sup>136</sup> Reunião eremos de Ativismo Individual e Apóstolos Itinerantes 29/5/74 (ER 81)

## SEGUNDA PARTE - O ULTRAMONTANÁVEL

### I. A MOCIDADE CONTEMPORÂNEA

#### A. Classificação em função do grau de adesão ao respectivo ambiente

##### 1. O alveolado e o desalveolado

Alvéolo se chama aqueles quadrinhos que se encontram nas colmeias de abelha. Cada abelha mora num daqueles quadrinhos. O [rapaz] alveolado tem um alvéolo que é o seu ambientezinho, dentro do qual ele mora <sup>137</sup>.

Ele pertence a uma família em que o pai e a mãe pensam do mesmo modo a respeito de como viver, do que é que pode dar sentido à vida, e de como o filho deve ser para poder aproveitar a vida.

Ele aceita essa influência que se exerce sobre ele, segue o caminho que seus pais indicam, e segue a moda dentro da qual a família se colocou (\*), porque em geral os pais seguem determinada moda e a moda indica o rumo que o filho tem que ter <sup>138</sup> (\*\*).

-----  
 (\*) A família unida mas de espírito revolucionário é mais maléfica do que a família desunida, nesse sentido especial de que para fazer aceitar as idéias más da família, a família revolucionária unida tem mais influência do que a família revolucionária desunida.

É como por exemplo entre dois padres. Um padre tem todos os ares conservadores, mas mentalidade progressista; e outro padre tem ares progressista e mentalidade conservadora. Embora em si mesmo seja melhor ter uma boa aparência do que uma má aparência, o que faz mais mal é o de aparência conservadora <sup>139</sup>.

(\*\*) Aqui é preciso notar que há moda para tudo. Não há só moda no traje. Isso é um aspecto da moda. Mas há moda quanto aos modos de pensar, de agir, de gesticular, de entoar a voz, de agradar os outros, de ser impertinente com os outros, etc. Todos os atos da vida de uma pessoa que está encaixada assim são regidos por um modo de ser que tem uma certa coerência. Há uma coerência entre o modo de vestir, o modo de falar, o modo de gesticular, o modo de comer, etc. A moda é um regulamento completo da vida.

Por detrás desse regulamento existem alguns princípios que as pessoas não percebem <sup>140</sup>.

-----  
 Ele aceita o tipo [humano] que prevalece no ambiente ao qual pertence, quer fazer a vida naquela linha e se instala inteiramente dentro do sistema que ele herda.

É educado na seguinte idéia: a vida foi feita para que o homem fundamentalmente a goze, [quer através] de toda espécie de prazeres, [quer através] do prazer do trabalho.

E de tal maneira tem marcado que esse é o sentido da vida, que dedicar-se a uma Causa, trabalhar por um ideal, lhe parece uma coisa sem sentido, sesquipedal, não existe, é de um louco <sup>141</sup>.

\*

O desalveolado é o filho de uma família tão desunida que ele não recebe de casa um padrão de modo de pensar de nada <sup>142</sup>. Ele toma as idéias como estão flutuando no ar e pensa daquele jeito. Mas como aquilo tem sobre ele uma influência muito menor do que o que a família diz, e como a família não lhe diz nada, só briga ou se separa, o resultado é que ele não tem mentalidade nenhuma, não tem estado de espírito nenhum <sup>143</sup>.

Ele vive perambulando pelas ruas --mais ou menos como uma abelha da qual queimaram a colmeia e que fica voando sem ter o que fazer-- porque não tem quem se interesse por ele. Quer dizer, o pai e a mãe foram casados --não é uma hipótese que necessariamente acontece--, depois se separaram, o filho lembra para eles um passado pouco grato, então pode acontecer --e na prática acontece com certa freqüência-- que os pais se desinteressem dele.

Há graus de desinteresse. Às vezes é o desinteresse completo: o menino roda pela rua, não tem família, não tem nada.

<sup>137</sup> SD 21/3/87

<sup>138</sup> SD 14/3/87

<sup>139</sup> Jantar EANS 11/3/87

<sup>140</sup> SD 14/3/87

<sup>141</sup> SD 21/3/87

<sup>142</sup> SD 21/3/87 e Jantar EANS 11/3/87

<sup>143</sup> Jantar EANS 11/3/87

Às vezes é um grau de desinteresse um pouco menor: o pai [e a mãe] entram numa combinação, o menino mora em casa da mãe, mas o pai paga o quarto para o menino, um padrinho entra com a comida. Mas no novo lar onde ele é filho apenas da mulher --ou apenas do homem-- ele também não tem raiz, porque ele não tem o ambiente incomparável de uma família verdadeiramente unida.

Às vezes é outra coisa: o pai e a mãe trabalham o dia inteiro e o menino leva a vida sozinho.

O desalveolado não tem moda para seguir, não tem tipo humano que ele queira imitar <sup>144</sup>.

Muitos [desalveolados] são mais fáceis de se encaixar dentro de um ideal. Não tem aquele culto do interesse pessoal [que caracteriza os alveolados] <sup>145</sup>.

Agora, não devemos pensar que todo desalveolado é um anjinho, vítima do ambiente da casa dele. Ele, em geral, é um diabrete também. A família, mesmo brigada e em ponto de rachar, pelo seu próprio mecanismo ensina algumas coisas boas. E o rapaz apostata do lar, não porque o pai ou a mãe são ruins, mas porque o pai ou a mãe procuraram mandar fazer ele uma coisa boa, e ele não quis.

A rua para ele significa a liberdade. E a liberdade para ele significa a fantasia, o pecado.

Ele vai procurar as atmosferas onde o prazer é mais fácil, onde há mais diversão e onde todo o relaxamento do menino pode transbordar como um vulcão.

Este é o desalveolado característico. Eu não digo que todo menino chegue até este ponto, mas que, a chegar até o fim do caminho, a coisa é esta <sup>146</sup>.

## 2. Engrenagem da moda. Graus de adesão dos alveolados à moda

É evidente que hoje há um gênero de moço que não gosta de pensar, não gosta de estudar, não gosta de obedecer, não gosta de regras, não tem vontade de trabalhar, e por pouco não toma droga --ou toma. A única coisa que quer realmente é viver à vontade uma vida de gozo, de prazer, de irreflexão, largado pela rua.

O arquétipo do moço assim é o quebrador de lampião, dizedor de imoralidade para as moças que passam, furador de pneumático dos inimigos, escrivinhador de coisas obscenas nas paredes, etc.

Também é evidente que esse gênero de moço é o que é mais posto em foco pela R. De maneira que se o moço é assim, ele é o que chama mais atenção e é tido como o mais importante no ambiente do bairro onde ele mora, na roda que ele frequenta. Os outros são importantes e bem vistos na medida em que são como esse sem-vergonha. Na medida em que um moço não é assim, ele vai ficando apagado, passa despercebido, ninguém presta atenção, ninguém tem admiração por ele, tem prevenção e até desprezo por ele.

De maneira que esse sem-vergonha é um pólo da moda. E um grande número de moços, ou porque acha gostosa a vida daquele sujeito, ou porque quer bancar o importantão e chamar a atenção sobre si, tende a ser como aquele, ou iguala aquele ou supera aquele.

A Revolução apresenta isso como se fosse um produto espontâneo do ambiente, como uma erva que nasce do chão. Mas não é verdade. Se não houvesse toda uma engrenagem para produzir rapazes assim e pôr em foco rapazes assim --quer dizer, se não fosse a televisão, o cinema, as revistas e um público organizado nas conversas e nas rodas para dar valor ao sujeito assim--, esse sujeito atrairia alguns e [repeliria] muitos outros. Seria um indivíduo discutido entre 100 outros e desprezado muito por aqueles que não topassem a parada com ele.

Portanto aquela posição eminente de polo da moda em que ele está é uma posição artificial, constituída em torno dele de propósito para agir num determinado rumo, segundo certo plano das Forças Secretas.

E a influência que ele tem sobre os outros é relativa, não é absoluta como a gente pensa.

Muitos fazem isso porque gostam, independente da [celebridade]. A grande maioria faz isso por causa da celebridade e porque gosta.

Mas há outros que procedem assim [meio a contragosto]: não conhecem a vida, são inexperientes, se olham para si mesmos e dizem: "esquisito, eu não sou como todo moço de hoje, mas eu não quero que me digam que eu sou moço diferente dos outros. Como eu não quero imitar esse até o fim, eu vou imitar mais ou menos, o suficiente para não causar estranheza, mas eu me afundo também" <sup>147</sup>.

<sup>144</sup> SD 21/3/87

<sup>145</sup> SD 14/3/87

<sup>146</sup> SD 21/3/87

<sup>147</sup> Jantar EANS 11/3/87

## B. Classificação em função do grau de adesão ao "stablishment"

### 1. Establishmentosos gozadores, establishmentosos carreirosos e establishmentosos estagnados

Os rapazes encantados com o "stablishment" acham que a finalidade da vida neste mundo é gozá-la tanto quanto possível.

Alguns consideram o gozo da vida sob a forma de prazeres. Outros consideram sob a forma de uma vida normal, cheia de estudo, cheia de trabalho e do cumprimento tranqüilo do dever.

Os que que querem levar uma vida de prazer não querem ouvir do apostolado dos Srs., porque não gostam de pensar, detestam idéias, e sobretudo detestam idéias sérias. A objeção que eles tem contra os Srs. não é do divórcio, isso, aquilo, mas é que os Srs. desmancham o prazer deles.

Os outros não querem ouvir falar de coisas que atrapalhem o ideal do trabalho e do desenvolvimento. Aparece diante de um destes um dos Srs. com capa, com estandarte, proclamando que seu trabalho está sendo serrado por baixo e que o "stablishment" está ameaçando ruir, a reação dele é olhar para os Srs. como se fossem transparentes e de vidro: não viu, não ouviu.

\*

Há um [terceiro] estilo de establishmentosos, que não querem ir para a frente e consideram que estão perfeitamente bem instalados na vida. É a casinha, a vidinha, o confortinho, a segurança, a tranqüilidadezinha, aposentadoria e pensões no fim da vida, sombra, sapato largo e água fresca.

Eles também não querem ouvir falar dos Srs. porque os Srs. falam de algo que vai perturbar a "chacunière" deles

148

### 2. Ruminantes que gostam de ruminar, ruminantes que ruminam meio a contragosto, e "J.O.E"

Em todas as classes sociais existem [moços] que são NANE para o hippismo, que tem aparência de serem NANE para tudo, que se incomodam cada vez menos com a R e apenas ruminam. Nós poderíamos chamá-los a classe dos ruminantes.

Quase todos por algum lado pertencem a esta categoria. Quer dizer, rapaz que não tem algo disto, fora da Congregação, [praticamente] não existe no Brasil.

Nesta classe dos ruminantes há alguns indivíduos que são ruminantes "lo que se dice" ruminantes. Fazem o que a família mandar. Se o pai diz: "é preciso ser engenheiro, porque dá dinheiro", o sujeito fica engenheiro. Se o pai diz para ele: "vale a pena cortar uma orelha porque pode entrar no instituto de reformado quando ficar velho", o sujeito corta a orelha. Tem preguiça de escolher, de optar, de tomar o seu próprio rumo; vão na cadência. A única coisa que eles querem é ruminar. Comem, bebem, dormem, mas não analisam o que comem nem o que bebem. Ruminam por amor à ruminância, gostam de ruminar e não gostam de fazer outra coisa senão ruminar.

[Outra] categoria são os ruminantes recusantes. Esta categoria é muito mais interessante. É gente que desanimou de encontrar uma explicação para qualquer coisa, que não entende o que é a vida e que acha que nada tem sentido. Gente que recusa o mundo establishmental por não encontrar nada nele. Para [um rapaz desta categoria] o mundo do "stablishment" é vazio. Ele segue, cansado, a sua marcha.

Nessa atitude haverá talvez o vício de ruminar, mas há sobretudo uma procura cansada e decepcionada de algo que ele não encontra.

Este indivíduo é susceptível de ser arrastado por desespero em qualquer momento para [o hippismo], mas também para a Congregação. Este pode ser chamado para a Congregação.

Agora há uma [outra] categoria que eu chamaria dos J.O.E. --Jovens Old Stablishment. As famílias que vão saindo do proletariado e que querem ejetar os filhos para a pequena burguesia com vistas para a grande, não percebem que o "stablishment" morreu --porque elas não tem a podridão do "stablishment"-- e formam os filhos com a idéia de que a revolução hippie é uma loucura, que não se deve nem prestar atenção nisso, isso vai desaparecer com o tempo, e que a única coisa séria é carreira e dinheiro (\*).

---

<sup>148</sup> São Milas 19/2/72 (RN 381)

(\*) NB: Que diferença há entre os J.O.E. e os establishmentosos carreirosos acima mencionados? O resumidor não encontrou nenhum texto que respondesse de modo "tranchant" a questão.

Ao que parece, os J.O.E. tem 3 características: estão saindo do proletariado; suas famílias não tem a podridão do "stablishment"; prestam ouvido ao nosso "discurso".

-----

Esta categoria também pode ser aproveitada por nós na medida em que nós tivermos material para provar a eles que, ao contrário do que imaginam os círculos sociais, o navio está afundando. Chega para um rapaz e diz para ele: "meu caro, esse ideal que estão ensinando para você é um ideal envelhecido. Olha, está acontecendo assim, assim e assim. De fato essa carreirosa não tem mais sentido. Você deve se dar ao ideal de salvação da civilização católica, porque você queira ou não queira, você vai ser tragado por esse dilúvio, não tem conversa, não adianta. Aqui está esse documento, aquele documento, aquele outro documento" <sup>149</sup>.

### 3. Os inconformes com o "stablishment"

No meio de toda essa gente, há almas que se sentem saturadas disso --quer do jardimzinho, quer do jardimão, quer da fortuninha, quer da fortunona--, que tem sede de uma outra coisa, que queriam uma outra coisa, que estão à espera de alguém que lhes diga uma outra coisa e que convide para uma outra coisa. Almas que sentem que este mundo está tão asfiziado, tão abafado, que algo está para acontecer.

Estas almas são muito mais numerosas do que os Srs. podem imaginar. A prova disso é o movimento hippy.

O movimento hippy é uma porção de gente que de tanto se revolver nas cisternas cheias de lama do "stablishment", em determinado momento não agüentou e quis sair de todo jeito. É gente que quis o mal maior, não quis o mal menor, não quis o bem, mas que de qualquer maneira tentou pular fora. Não agüentou a asfixia dessa ordem de coisas. E muitos ficaram hippy e não agüentaram a asfixia porque eles não tiveram gente da Congregação para os chamar do outro lado <sup>150</sup>.

### C. Classificação em função do grau de adesão à IV Revolução

A mocidade hippie é a mocidade que se desvinculou da sociedade de consumo, da respectiva classe social, do respectivo lar e de qualquer profissão. É uma mocidade que não deixou uma classe para passar para outra, não deixou um lar para fundar outro, não deixou uma profissão para tomar outra, mas que constitui um magma de gente perfeitamente anárquica.

Uma segunda categoria é a mocidade que tende para o hippismo, [e que por sua vez se divide em semi-desvinculados e vinculados com aparência de desvinculados].

O semi-desvinculado é um tipo de moço que se apresenta como um hippie total, mas que mora na casa do pai e da mãe porque é gratuito, mas não almoça, não janta, não come, [a não ser] de um modo completamente esporádico. Não toma banho, não faz nada, vive do dinheiro que o pai ou a mãe dão, de vez em quando rouba algo [da casa] para ele viver 2 dias, 3 dias.

Ele meio tem classe social, porque va a algumas festas da respectiva classe, mas também freqüenta o ambiente [hippie]. Ele tem uma meia profissão; por exemplo, poderia ser fotógrafo na Praça da República e 4 horas por dia atender de fato, o resto é [selvagem].

Ele está entre 2 pés.

Agora o vinculado com aparência de desvinculado: é estudante; dorme, come e bebe em casa; pertence a sua classe social; mas nas aparências --ora mais ousadas, ora menos--, é [desvinculado]. Ele tem uma meia ruptura ou um traço de ruptura [em relação ao "stablishment"] <sup>151</sup>.

\*

---

<sup>149</sup> São Milas 7/7/72 (ER 139)

<sup>150</sup> São Milas 19/2/72 (RN 381)

<sup>151</sup> São Milas 7/7/72 (ER 139)



[Em outros termos]:

[Uns são] os hippies furiosos, totais, da magia, que vivem em núcleos muito fechados e não tem entrada na sociedade de consumo. [Constituem] aquilo que poderíamos chamar o hippismo negro, que quer a mudança completa de estilos de vida e de tipo humano, a destruição de todas as estruturas, e prossegue esse objetivo por meio da violência.

Em torno do hippismo negro há uma periferia mais vasta, que poderíamos chamar o hippismo branco. [Os hippies brancos] tem entrada na sociedade de consumo, mas sem fazer parte dela. Moram nas cidades dela, mas não vivem à maneira dela. Não atacam ninguém, não agridem ninguém (\*), circulam livremente, são até mais ou menos discretamente favorecidos pelas autoridades, e a razão é que eles não praticam nenhuma atividade ilegal, eles se limitam a viver à sua maneira.

-----  
 (\*) Porém, enquanto os hippies negros praticam contra a sociedade de consumo uma agressão física, material, [os hippies brancos] praticam contra ela uma agressão psicológica, moral. Porque quando numa cidade que vive em ordem, limpa, moralizada, entra uma horda de hippies sujos, que se vestem contrariamente aos bons costumes e desordenam tudo, [se produz] uma subversão psicológica, moral, consuetudinária.  
 -----

Agora, em volta desse hippismo branco tem o meio hippismo branco. O que é isso? É toda uma corrente de rapazes e moças que moram nas casas das suas famílias, mas levam uma vida escandalosa dentro dos quadros da família.

Depois, há em volta não mais os hippies de nenhum desses graus, mas os hippiformes: os sujeitos que se vestem à la hippie, que falam um pouco à la hippie, mas levam uma vida completamente normal <sup>152</sup>.

\*

Se o mundo burguês pode ser comparado a uma praia, as várias categorias de hippismo podem ser comparadas à onda que vai perdendo a sua força à medida que chega à praia. Então, bem próximo da praia, tem [o vinculado com aparência de desvinculado]; menos próximo da praia, tem [o semidesvinculado]; fora da praia, longe, tem [o desvinculado]. Exatamente como acontece no mar, aonde as espumas das ondas mais fortes são as que estão por detrás e as mais fracas são as que vão morrendo junto à praia <sup>153</sup>.

O movimento hippie visto no seu conjunto tem um núcleo duro e um protoplasma que vai se tornando tanto mais mole quanto mais chega até à periferia.

O movimento hippie tem toda uma organização em vários graus [que] cerca a sociedade de consumo, que penetra dentro dela e que vai aproveitando todas as formas de solidariedade que pode encontrar.

Quando encontra uma solidariedade completa, chupa os indivíduos para o hippismo negro. Quando encontra uma solidariedade incompleta, organiza-os [no hippismo branco]. Quando encontra apenas uma certa moleza, uma certa condescendência, coloca-os [entre os semi-hippies e hippiformes] <sup>154</sup>.

\*

No Brasil, nas primeiras classes sociais, praticamente só há hippies de algumas dessas categorias. Alguns se deixam arrastar a contragosto, outros entram com certa indiferença, outros aceitam com entusiasmo. Mas salvo as exceções, só há hippies.

Uma outra categoria, que eu não [classificaria entre] os não-hippies, são os indivíduos de todas as classes sociais picados pela mosca de imitação da primeira classe social. Isto se encontram até em filho de verdureiro. São granfinos de subúrbio. Estes se entregaram também. Tudo isto potencialmente a rev. hippie trago <sup>155</sup>.

## II. CONCEITUAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DO ULTRAMONTANAVEL

<sup>152</sup> São Milas 4/8/72 (ER 139)

<sup>153</sup> São Milas 7/7/72 (ER 139)

<sup>154</sup> São Milas 4/8/72 (ER 139)

<sup>155</sup> São Milas 7/7/72 (ER 139)

### A. Sua posição perante o mundo contemporâneo: descontentamento

O ultramontanável é um descontente. Se quisermos encontrar ultramontanáveis devemos procurar entre os descontentes, entre os desajustados, entre aqueles que não se engrenam na vida moderna <sup>156</sup>. Só devemos atrair aqueles que são frontalmente contrários ao espírito dos ambientes revolucionários que os envolvem <sup>157</sup>.

Não devemos procurar os homens plenamente satisfeitos com tudo --satisfeitos não no sentido de que tenham tudo quanto querem, mas no sentido de que se sentem ajustados, entrosados no mundo atual, bem instalados na vida, sem crise interna nenhuma (\*). Estes dificilmente são ultramontanáveis, porque já se deixaram levar pela onda de nosso século; acham a vida [que levamos] irracional, inútil e sem sentido; não querem nada de comum conosco; e não [dá] para falarmos de crises e de problemas para eles <sup>158</sup>.

-----  
 (\*) [Aqui é preciso esclarecer que] o menino que ri muito [não é necessariamente] feliz. Eu vi muitos meninos que riam muito para abafar uma espécie de pranto que existe internamente na alma deles <sup>159</sup>.  
 -----

[Também não devemos procurar o rapaz] irrefletido, "contento di sé al mondo", que presta atenção em tudo quanto acontece em torno dele e se engolfa no que acontece em torno dele. Então, se ele entra na rodoviária de SP, não tem objeções contra aquilo. Se está guiando automóvel e vê um automóvel que rolou, pára: "o que será que aconteceu? oh! capotou? oh! ah!". Mais adiante vê um minhocão novo que estão construindo: "uh! que coisa formidável!". Mais adiante vê uma fábrica que estão fazendo, ele acha a fábrica um colosso. Quer dizer, ele entra em tudo, se interessa por tudo e participa de tudo. A gente mostra para ele a fotografia de um jorro de água muito bonito em Versailles, ou [do castelo] de Neueschwanstein, ele olha e diz um pouco: "que bonito", mas 5 minutos depois está pensando em outra coisa.

Este não ultramontanável porque é um indivíduo inteiramente identificado com o mundo da R, que se sente inteiramente bem com a R e que nunca reflete a respeito de nada. Salvo um milagre --com o qual não se pode contar--, êste não se interessará [pela CR] <sup>160</sup>.

\*

Por que o ultramontanável é um descontente? Em primeiro lugar, porque sua alma pede algo além do pragmatismo. Ele sente que não realizou plenamente a sua vocação; quer alguma coisa de bom, que não consegue ou que não está conseguindo, mas que deseja ardentemente; e por isso não se sente bem dentro da sociedade em que vive. Ele sente que ganhar dinheiro, levantar todos os dias às 6 horas da manhã para entrar em seu trabalho às 8, ou tratar de seus negócios particulares, ou levar sua vida de família, isto só não basta. Há algo superior, há algo de mais elevado, que o fundo bom de sua alma [procura] ardentemente. Ele gosta de viver para as idéias, gosta de pensar em idéias, de discutir idéias, enfim, ele não é um espírito terra-terra.

Outro motivo pelo qual ele é descontente é porque essa sua aspiração é de algum modo contrária à ortodoxia oficial do mundo --há um "Syllabus" das verdades condenadas pelo século XX. Ora, o ultramontanável tomou uma posição contrária a essa ortodoxia oficial do século XX. Ele sente que essas suas aspirações se opõem às verdades, às normas, aos princípios dominantes, àquilo que todo mundo em nossos dias vive.

Trata-se [portanto] de um santo descontentamento, que não envolve revolta, que não envolve ambições não satisfeitas. O revoltado sente aspiração, não para algo que esteja acima do pragmatismo, mas para algo inferior ao pragmatismo, que seria seu egoísmo. E seguindo esse algo, é oposto à ortodoxia oficial do mundo <sup>161</sup>.

\*

Uma pessoa que tem valor hoje em dia, mesmo que seja muito jovem, dificilmente é uma pessoa despreocupada. Para ter valor é preciso ser preocupado. E entre dois jovens, o mais despreocupado será sempre o menos interessante.

<sup>156</sup> Texto sem data 26, título original da reunião "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes" (RN 132)

<sup>157</sup> Síntese de duas reuniões feitas em janeiro de 1967 (K26 -1, título "Crítica RCR dos ambientes")

<sup>158</sup> Texto sem data 26, título original da reunião "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes" (RN 132); reunião para sulafricanos, janeiro de 1983; e SD 21/3/87

<sup>159</sup> SD 4/4/87

<sup>160</sup> Reunião para Apóstolos Itinerantes 19/12/78

<sup>161</sup> Texto sem data 26, (RN 132), título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"

As pessoas com caras muito extravagantes, barbudos, etc., nem sempre são os mais distantes de nós. Alguns deles são gente que desgarrou deste mundo porque não encontraram o caminho verdadeiro, tem um certo senso do maravilhoso. Portanto até esta gente é preferível ao sujeito despreocupado ou bem instalado <sup>162</sup>.

O ultramontanável tem uma certa tendência a isolar-se, a refletir (\*). A gente percebe que ele tem problemas; que encontra nesses problemas um ponto de sofrimento; e que em algo do que a gente diz encontra uma solução para o sofrimento dele <sup>163</sup>(\*\*).

-----  
 (\*) O elemento pensante, menos escravizado à civilização da imagem, evidentemente é muito mais apto a ser assumido por nós do que outro qualquer <sup>164</sup>.

(\*\*) A gente [deve] se habituar a ver nas caras quais são os sintomas desse espírito de adesão admirativa ou de adesão aflita. A gente para o indivíduo ou é um palácio ou uma tábua de salvação. O indivíduo nos olha ou como um homem encantado querendo entrar no paraíso ou como um naufrago que quer pegar uma tábua. Então olhem para as caras. Se os senhores virem algum com a cara de naufrago que encontrou a tábua, esse serve. Se virem algum com a cara de maravilhado, esse serve. Se encontrarem algum dos duros, mas que voltam e voltam, não percam muito tempo com eles. Inclusive porque se eles entrarem, eles vão afastar os ultramontanáveis verdadeiros que os senhores conseguiram. Não percam seu tempo com as pessoas com quem os senhores tem que fazer concessões, [sob pena de] os senhores adquiriram o espírito dele, o apostolando são os senhores e o apóstolo é ele. [No fundo] o apóstolo é o demônio e os senhores apostolando do demônio <sup>165</sup>.

-----

## B. Sua posição perante a R, a CR, a Cristandade, a Bagarre e o Reino de Maria

### 1. Ele vê a R com clareza e tem dissonância em relação a ela

A graça começa a trabalhar a alma [do ultramontanável] antes mesmo dele pertencer ao Grupo, instilando-lhe uma visão clara e um desgosto profundo pelas coisas da Revolução.

Ele não tem sequer uma idéia do que seja a Revolução --essa idéia só vai adquirir dentro do Grupo--, mas ele conhece 1, 2, 3, 4 ou 5 defeitos de alma do mundo revolucionário que o desagradam profundamente. Ele se sente exilado do mundo revolucionário <sup>166</sup>. Sente que no fundo de sua alma os restos de inocência batismal que ele tem entram numa tal fricção com o conjunto do ambiente onde ele está, que o conjunto do ambiente não lhe agrada. E ele compreende que para ele a solução é um ambiente totalmente diferente <sup>167</sup>.

[A batalha da vida não é] para ganhar dinheiro, mas para ser ele mesmo, para não se deixar esmagar pelo ambiente, para se realizar inteiramente, para ter o direito de se expandir como ele quer <sup>168</sup>.

Eu dou 2 exemplos <sup>169</sup>:

Imaginem um menino de 15 anos, que tem uma noção --que lhe vem da inocência primeva, ou de restos da inocência primeva-- de como a vida de família deve ser e ele deseja aquilo.

Mas ele começa a abrir os olhos para a vida da família e nota que algumas dessas qualidades não existem. Então é por exemplo a mãe que pela manhã anda de short, fumando e com uma parte do busto a nu, e brinca com os filhos de maneira a imitar luta de box, e a criança dá um soco no queixo da mãe, a mãe dá uma gargalhada enorme, finge que cai no chão, põe as pernas para o ar e depois sai correndo atrás da criança, etc.

Ora, um menino sobre o qual brilha a estrela de uma graça especial, porque quer bem sua mãe, gostaria que a atitude dela fosse diferente. Gostaria que ela fosse antes de tudo uma senhora respeitável, e que desse a ele um rumo na vida, fosse uma mestra, uma guia, fosse um consolo nas circunstâncias de aflição, fosse uma alegria nas situações difíceis.

<sup>162</sup> Reunião para sulfricanos janeiro de 1983

<sup>163</sup> Reunião para Apóstolos Itinerantes 19/12/78

<sup>164</sup> Reunião para Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)

<sup>165</sup> Reunião para Apóstolos Itinerantes 19/12/78

<sup>166</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>167</sup> Reunião do 24/7/84 e Reunião para propulsores de apostolado 5/2/85

<sup>168</sup> SD 4/4/87

<sup>169</sup> Reunião do 24/7/84 e Reunião para propulsores de apostolado 5/2/85

Isso que o menino esperava da mãe, a mãe não dá. E não só a mãe não dá, mas pela atitude da mãe, pela atitude que ele vê que as amigas da mãe tem, e que as parentes da mãe tem com outras crianças da família, ele percebe que a instituição da maternidade está de pernas para o ar, e que a vida recusa a ele logo de começo aquilo para que o mais íntimo de sua alma está voltado e que ele queria inalar.

O menino sente com isso uma decepção. Mas junto com essa decepção sente uma noção de que isso o envolve inteiro. E sente que quando numa cidade todas as famílias são assim, no mundo está tudo errado.

Ele então se sente estranho e não sabe o que fazer de si mesmo. Ele entra numa espécie de crise.

Isso seria uma primeira graça, que abre os olhos para o mal e que faz ver a Revolução dentro do mundo <sup>170</sup>.

[O segundo exemplo é o seguinte]:

Um menino está de férias, vai para a casa de um fazendeiro. Esse fazendeiro é bruto, passa pitos monumentais nos filhos, grita com todo mundo, é confuso e incontentável.

O rapaz sente nessa brutalidade alguma coisa que o contunde, porque ele acha que as relações humanas não devem ser assim; compreende que uma pessoa grite e seja enérgica diante do mal, mas então com uma razão definida e que os outros compreendem qual é, não é por uma expansão de mal humor.

Ele vê, por outro lado, que esse homem fuma o dia inteiro, as mãos estão todas manchadas de cigarro, tem uma bigodeira que já está amarelada de tanto cigarro, e joga toco de cigarro em qualquer lado. Diz palavrões imorais e às vezes blasfêmias simplesmente porque recebe uma carta do banco com um erro na conta. Tem fassuras.

Esse homem, para ele, condensa a idéia de um indivíduo errado, como não se deve ser.

Quando o moço vai à cidade, encontra gente da idade dele que não zanga tanto, mas que mais ou menos [segue] aquele modelo: diz palavrão, às vezes briga dizendo desaforo, às vezes é indelicado, caçoa de um modo sarcástico e sem pena de uma pessoa que ele notou que tem algum defeito, ou que não tem, freqüenta fassuras.

Ele percebe que isso é 1, 2, 20, 50. E ele quase não se move para nenhum lado que ele não encontre essa atmosfera mais intensa em um, menos intensa em outro.

Daí ele passa para a idéia de uma humanidade que é diferente dele e dentro da qual ele não sabe e não quer viver, porque tem um atrito com aquela gente. Ele não quer modificar-se para ser como aqueles, mas de outro lado também ele não pode viver isolado de todo mundo. E ele tem para si um caminho que ele não sabe qual é.

A idéia de um mundo em crise, contra o qual mundo ele está em crise, é muito definida para uns, para outros é menos definida, mas é um problema que o faz sofrer e cuja solução ele não percebe <sup>171</sup>.

## 2. Ele está à procura da CR

Então o menino fica diante de uma das maiores encruzilhadas da vida: ou ele fica daquele jeito como são os outros, se prostitui em certo sentido da palavra, se vulgariza e se entrega; ou ele resiste no seu interior e ele começa então uma perambulação, uma peregrinação de ponto em ponto, à procura de uma outra coisa. É uma espécie de êxodo que o menino empreende.

Não que ele vá procurar metodicamente, mas é um movimento instintivo. Como ele ali não cabe bem, ele procura fora. Então ele procura brincar na rua, no jardim público, na casa dos amigos; aceita de bom grado todo convite que se lhe faça, subconscientemente com o intuito de conhecer outro ambiente. Demora-se exageradamente nas casas onde vai, porque julga encontrar alguma coisa disso na casa A, na casa B, na casa D. Sonha de olhos abertos e de olhos fechados: "se pudesse morar na casa A, na casa B, etc., se fosse filho do casal C ou D, ou irmão de X, de Y ou de Z, como é que seria a vida?" Quando anda na rua, olha para dentro das janelas abertas para ver como são as casas dos outros, para ver se encontra um ambiente que o satisfaça.

É uma época ao mesmo tempo de sonhos e de êxodos em espírito. Muitas vezes --nem sempre-- é a graça que está levando a pessoa a dar os primeiros passos para onde ela encontrará NSJC.

O menino não percebe, mas durante esse período ele vai fazendo uma porção de modelos ideais. Esses modelos ideais --quando o menino tem Tau, ou quando ele é chamado a vir a ter o Tau-- tem um quê de CR. É a vocação que começa a abrir as suas primeiras flores numa alma de cá, de lá e de acolá <sup>172</sup>.

<sup>170</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>171</sup> Reunião propulsores de apostolado 5/2/85

<sup>172</sup> Reunião do 24/7/84

### 3. O encontro com a vocação

Quando eu digo que [o ultramontanável espera o contato com a Congregação], não quero dizer que espere conscientemente. É uma coisa que subconscientemente a sua alma quereria se fosse capaz de explicitar o que ela quer. Como não é capaz, não explicita.

Mas encontrando o rapaz da Congregação, aquilo faz como que um flash. E no fundo da cabeça aparece a idéia: "se todo mundo fosse assim, quanto problema meu estaria resolvido!"

Quando o rapaz percebe que não é apenas aquele conhecido que ele encontrou, mas que é toda uma roda, todo um mundo de acordo com o que ele quereria, que ele nunca imaginou encontrar e que abre as portas para ele, [ele entra para a Congregação].

O rapaz entra levado por uma certa luz de inocência que ele tinha, à qual ele não quer renunciar, e que ele tem a boa surpresa de encontrar dentro da Congregação ainda mais forte do que ele tinha visto.

Que era essa luz? Quando o menino é inocente, entrevê uma porção de coisas altas, nobres, luminosas, que fazem a candura e o encanto dele. Gosta de ouvir contar a história sagrada, gosta de todas as formas de maravilhoso, gosta até de ouvir contar conto de fada, porque representa um mundo mais alto, mais elevado, mais nobre do que este.

Ele tem o sentido confuso de que este mundo aqui não o satisfaz, e que é só fugindo para uma zona maravilhosa --que a ele se apresenta um pouco como o sobrenatural e um pouco como o irreal-- que ele encontra uma atmosfera que não é a do mundo contemporâneo.

Isto é o que nós podemos chamar em embrião o ideal. Quer dizer, uma coisa que transcende, [algo] bem mais alto do que os objetivos comuns da vida de cada homem. Não há emprego, viagem, êxito que corresponda a esse mundo que a criança imagina ou entrevê no tempo de sua infância.

Então, há um amor para este ideal, o indivíduo gostaria de viver neste ideal, de caminhar por este ideal e ele encontrando essas brutalidades, essas deformações do mundo contemporâneo, ele sente um choque.

De fato ele tomou o primeiro contato com a R e a CR. Porque o fazendeiro e todo o ambiente criado pelo fazendeiro, depois [a mãe revolucionária e a crise na instituição da maternidade], isto é a Revolução. A Revolução também convida para um mundo que ainda não existe; o para onde ela vai é pior do que onde ela está; e ela está continuamente caminhando para algo pior.

Então, confusamente tem um horror, do qual [quer] afastar-se, e um ideal para o qual tende. É a R e a CR.

\*

**Bom, quando a pessoa encontra a vocação, encontra o Tau.** Esse encontro com o Tau desperta no jovem dois tipos de reação diferentes.

Se ele procurava fervorosamente isso [e] tem uma porção de padrões contra-revolucionários armados dentro da alma, quando encontra ele tem uma explosão.

Se ele procurava preguiçosamente, quando ele encontra, é preciso que alguém o guie e que comece a lhe dizer: "olhe, aqui tem relação com tal coisa; tal coisa é assim, assim, tal outra coisa é assim". Não é uma explosão. Ele encontra aos poucos, por meio de um guia, mas ele encontra.

São duas caminhadas diferentes. De qualquer forma, ele entra e percebe: "aqui é o meu lugar", fica maravilhado com aquilo, fica encantado e diz: "mas aqui que coisa estúpida!"

Então os senhores estão vendo que há uma crise, uma procura, um encontro. São os 3 elementos dessa caminhada.

O que vinha desde o começo, que orientou a sua procura e que é o encanto do seu encontro, é a idéia de que aquela coisa errada que ele tinha conhecido tem que acabar.

Quando ele encontra o Tau, vem duas idéias: "isso começou a acabar, porque tem essa gente aqui; afinal eu vejo quem está deitando a mão para derrubar a árvore podre, e eu estou sendo convidado a deitar a mão para derrubar a árvore podre também. Vamos juntos! E essa árvore está tão podre que não pode deixar de cair logo" <sup>173</sup>(\*).

-----  
 (\*) [Se quisermos aprofundar mais como se põe o chamado na alma do ultramontanável, podemos considerar os seguintes pontos]:

1. A crise e a ruptura com o mundo revolucionário é tão profunda e tão completa, que ele compreende que ele está imerso no absurdo, naquilo que não pode demorar, e portanto tem a certeza de que Nossa Senhora virá e resolverá o caso.

[Portanto], pertencer à Congregação é sentir ao mesmo tempo:

. o chamado de alterar esse mundo;

. uma grande esperança, uma certeza: "nesta obra aqui, todo o esforço que eu faço ajuda a derrubar o que é ruim, ajuda a destruir a destruição, e os que querem derrubar a derrubada, derrubar-la-ão, os que querem destruir a destruição, destruí-la-ão, Nossa Senhora vencerá!" Algo diz na alma que é absurdo que não aconteça isso;

. uma grande saudade, uma grande nostalgia do passado verdadeiro da Civilização Cristã <sup>174</sup>.

2. O apostolando que presta tem uma grande esperança de sair de dentro deste mundo, que ele com 15, 16 anos já [teve] tempo de ver que não presta para nada, e de [entrar] num mundo de que ele tem vagas idéias, mas para as quais ele tem muito mais tendência do que imagina, porque quando se fala a ele de coisas desse mundo futuro, como aliás também do mundo passado, o seu coração bate. Ao ouvir falar da Idade Média e do Reino de Maria, ele vibra.

Se o coração dele bate à vista disso, é porque há nele uma raiz que tende para aquilo, há um fundo de inocência, um fundo de virtude que tende àquilo.

Eu me reporto a mim mesmo, talvez com 12 anos, tomando um trem na Estação da Luz com meu pai, e ao passar diante de uma exposição de livretos originais eu vi um livro escrito: "Carlos Magno e seus 12 pares de França". O meu coração bateu!, bateu de saudade de um passado que eu não conheci, bateu de esperança de um futuro que eu ainda não tinha entrevisto <sup>175</sup>.

3. Aos olhos da pessoa chamada se põe com uma clareza particular a noção da crise do mundo contemporâneo, da Bagarre e do Reino de Maria que estão para vir. Ela compreende que há uma beleza em lutar nessas circunstâncias, um ideal, um heroísmo, um serviço de Nossa Senhora. E resolve dar-se a isso. Mas não resolve sem uma graça. Essa graça é um chamado <sup>176</sup>.

-----

Então começa para um, o super-entusiasmo; para outro o entusiasmo e a dedicação. O que teve maravilhamento dá uma dedicação heróica, o outro dá uma dedicação simples. Às vezes Nossa Senhora promove alguém, por uma bondade especial, do simples entusiasmo e da simples dedicação para alguma coisa de heróico.

Nessa situação o mundo [da Congregação] é um pequeno paraíso. Cada coisa é uma maravilha, cada homem é um herói, cada aspecto do panorama interno é uma coisa estupenda, etc.

Naturalmente, um enjolrras levado assim pela graça é como uma pessoa que viaja nas asas de um anjo. Ele vai de todo jeito <sup>177</sup>.

### C. Sua posição perante o ultramontanismo. Diferença entre ultramontanável "estricto sensu", ultramontanável "lato sensu" e não-ultramontanável

Ultramontanável é aquele que tem disposições mais ou menos próximas para o ultramontanismo. Chamamos ultramontanismo aquela posição que quer tomar a doutrina católica em toda a sua genuinidade, portanto sem concessão nenhuma para com os princípios de nosso tempo, especialmente para com os princípios da Revolução Francesa. O ultramontanismo é a própria doutrina católica tomada em toda sua pureza, mas ao mesmo tempo significa, e sobretudo em nossos dias, um aprofundamento, um cuidado especial para com certas virtudes. E é preciso ter um conjunto de idéias muito típicas para que alguém seja ultramontano.

Agora, será que ultramontanáveis são todos os homens? ou só são alguns poucos?

Todos os homens recebem a graça para se santificarem. Mas nem todos recebem certas graças especiais para certos apostolados especiais.

Todo mundo tem graças, ou pelo menos teve, para praticar o ultramontanismo num ou noutro ponto. Mas a algumas almas --sobretudo em nossos dias, onde os horrores da Revolução Francesa vão degenerando a prática da religião católica-- Nosso Senhor chama para serem ultramontanos completos, quer dizer, para terem o conjunto de todas as teses ultramontanas, para viverem o ultramontanismo total, pleno. Estes são propriamente os ultramontanáveis.

Poderíamos dizer que não são ultramontanáveis aqueles que já rejeitaram certas graças recebidas de tal forma que a gente vê que não lhe serão oferecidas de novo. Isto não quer dizer que eles não tenham a graça para a salvação. Enquanto o homem está vivo, ele pode se salvar. Mas aquelas graças especiais, particularíssimas, aqueles dons

<sup>174</sup> SD 21/3/87

<sup>175</sup> SD 11/4/87

<sup>176</sup> Reunião universitários colombianos 10/1/89

<sup>177</sup> Reunião do 24/7/84

excepcionais que ele tinha recebido para ver os problemas da Igreja em toda a sua profundidade e extensão [e] levar uma vida seríssima de apostolado, essas graças já foram recusadas. Este é propriamente o não-ultramontanável.

Podemos portanto estabelecer 3 grupos de pessoas:

- 1) o ultramontanável pleno: é aquele que foi chamado para conhecer e viver todas as teses ultramontanas;
- 2) o não-ultramontanável num sentido imperfeito, é aquele que por certa estreiteza de visão às vezes, ou por vocação talvez, ou por um outro motivo, mas não por ter recusado a graça, vai viver apenas uma ou outra faceta do ultramontanismo. Em geral são as almas mais fracas, mais incapazes de compreender a totalidade de nossas teses;
- 3) o não-ultramontanável no sentido pleno, é aquele que recusou [certa] graça [e] que ele não vai receber outra vez<sup>178</sup>.

#### D. Vertentes por onde ele vê o ultramontanismo

O que é uma vertente? Os livros de geografia falam da vertente de um rio. O que é a vertente de um rio? É o lado para o qual o rio corre espontaneamente. O que é que faz com que um rio corra espontaneamente para um lado? É o declínio do terreno: para onde o terreno afunda, lá vai a água; onde o terreno não afunda, a água não vai. A vertente é o declive de terreno por onde o rio caminha espontaneamente.

As vertentes de espírito são categorias de temas para os quais o espírito humano tende a ser atraído. Esses temas podem ser religiosos, político-sociais e psicológicos<sup>179</sup>. [As vertentes também podem ser definidas como] feitos, modos de ser, modos de Nossa Senhora chamar cada qual<sup>180</sup>.

##### 1. A vertente religiosa

O ultramontanável da vertente religiosa é aquele que compreende o ultramontanismo sob o ponto de vista religioso<sup>181</sup>.

Ele, pelo seu feitio, tem uma inclinação que espontaneamente [o leva] a falar sobre temas religiosos; mostra interessa pela moral, pela doutrina católica, pela Revelação, pela Sagrada Escritura, pela História da Igreja, [pela vida] dos santos<sup>182</sup>, pelos anjos, por Nossa Senhora, por NSJC, pela imortalidade da alma, pelos novíssimos do homem -- morte, juízo, Céu e inferno--, etc.<sup>183</sup>

Ele tem um gosto muito grande da certeza sobre os problemas fundamentais de nossa vida. Tem gosto do sobrenatural<sup>184</sup>.

E se sente atraído pelo modo ortodoxo, perfeito com que a Congregação apresenta essa temática. E através disso compreende depois os outros aspectos da Contra-Revolução<sup>185</sup>.

##### 2. A vertente político-social

O ultramontanável da vertente político-social compreende muito bem a Revolução Francesa, a hierarquização da sociedade, o regime monárquico, a luta entre comunistas e anticomunistas. Ele se interessa pelos problemas sociais, pelos problemas econômicos, pelas 3 Revoluções<sup>186</sup>.

Gosta muito de conversar sobre política, sobre o destino do [país]; lê a secção de economia nos jornais e acha muito interessante, lê a bolsa: "as ações da Firestone subiram 3 pontos e foi por tal coisa assim e assado", gosta de ouvir falar sobre dinheiro: como se coloca, o que se faz com ele, como se troca, se o dólar subiu, e daí para fora. Tem um pendor de espírito por onde a alma dele vai para esse lado<sup>187</sup>.

<sup>178</sup> Texto sem data 26, (RN 132), título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"

<sup>179</sup> SD 29/7/89

<sup>180</sup> SD 11/4/87

<sup>181</sup> Texto sem data 26, (RN 132), título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"; e texto sem data 03 (ER 129), título original "As 3 vertentes, os 2 mitos, o papel das historietas e probleminhas"

<sup>182</sup> SD 29/7/89

<sup>183</sup> SD 11/4/87

<sup>184</sup> Texto sem data 26, (RN 132), título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"; e texto sem data 03 (ER 129), título original "As 3 vertentes, os 2 mitos, o papel das historietas e probleminhas"

<sup>185</sup> SD 11/4/87

<sup>186</sup> Texto sem data 26, (RN 132), título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"; e SD 11/4/87

<sup>187</sup> SD 29/7/89

### 3. A vertente psicológica

O ultramontanável da vertente psicológica se interessa por nossos assuntos sobretudo a [partir] do seguinte problema: "como devo ser eu, como deve ser minha alma, que ideal eu devo ter de mim mesmo --que é um ideal sobretudo psicológico--, como manusear-me a mim mesmo para atingir esse ideal?"<sup>188</sup>

Tem um pendor natural do espírito para o problema das apetências, modos de ser, tipos humanos<sup>189</sup>, e mentalidades: como é a cabeça de um, de outro, como faz, como pensa, como as pessoas evoluem, mudam, etc.<sup>190</sup>

Acha que o importante é a sanidade psicológica, a plena posse de todas as faculdades do homem, o domínio sobre a sua vontade, tudo isto não com um sentido religioso, mas com uns certos lados de naturalismo<sup>191</sup>.

(Afirmar que a vertente psicológica é a das pessoas que se interessam pelos ambientes-costumes, é uma tese errada), tirada inteiramente do mundo da lua<sup>192</sup>.

### 4. Unidade e variedade das 3 vertentes

(Poderia se dizer que na vertente psicológica a pessoa se preocupa com as coisas dentro de si, e que nas outras duas vertentes a pessoa se preocupa com as coisas fora de si). [Portanto, as preocupações preponderantes são]: eu, a sociedade temporal, a sociedade espiritual.

[A vertente religiosa é um apelo para fazer metafísica a propósito das realidades sobrenaturais; a vertente político-social é um apelo para fazer metafísica a propósito dos assuntos políticos, e a vertente psicológica é um apelo para fazer metafísica a propósito dos assuntos psicológicos]. O senso metafísico invade todos os campos. E é a propósito do a partir do quê a gente quer fazer metafísica que se distinguem as vertentes<sup>193</sup>.

As 3 [vertentes] não são 3 campos isolados, autônomos, sem nenhuma relação entre si; mas estão profundamente entrelaçados, há uma profunda unidade entre eles; e a plenitude de qualquer uma delas coincide com a plenitude das outras. Alguém para ser plenamente ultramontano no sentido político-social, tem que ser também plenamente ultramontano no sentido psicológico e no sentido religioso<sup>194</sup>. Cada uma das vertentes precisa evitar o exclusivismo e incluir em seu horizonte as outras duas vertentes --mas sempre as verá com um acento agudo colocado na própria vertente<sup>195</sup>.

[Assim sendo], para mostrar, por exemplo, para alguém da vertente religiosa que ele deve ser também das outras 2 vertentes, pode se utilizar quase que somente dos argumentos religiosos: se ele for perfeito ali, ele acaba concordando.

### 5. Diferença entre ultramontanável, ultramontano e não-ultramontanável

O ultramontanável é tipicamente aquele que se acha numa ou noutra dessas vertentes; que tem, talvez, um pouco de duas delas, mas que ainda não chegou a ter a plenitude de todas.

[Então, por exemplo], ele sente um desejo muito grande de ser contemplativo, mas não compreendeu ainda os aspectos político-sociais, nem [psicológicos] do ultramontanismo; ou tem aspirações profundas de uma vida psicológica séria e elevada, mas não compreende que a Revolução Francesa é má, nem compreende a necessidade de uma vida religiosa profunda.

Portanto o ultramontanável é eminentemente um coxo, é eminentemente alguém que tem uma perna mas não tem as duas, que conhece a verdade em alguns pontos mas não conhece a verdade completa.

<sup>188</sup> Texto sem data 26, (RN 132), título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"; e texto sem data 03 (ER 129), título original "As 3 vertentes, os 2 mitos, o papel das historietas e probleminhas"

<sup>189</sup> Texto sem data 26, (RN 132), título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"; e texto sem data 03 (ER 129), título original "As 3 vertentes, os 2 mitos, o papel das historietas e probleminhas"; e SD 29/7/89

<sup>190</sup> SD 11/4/87 e SD 29/7/89

<sup>191</sup> Texto sem data 26, (RN 132), título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"; e texto sem data 03 (ER 129), título original "As 3 vertentes, os 2 mitos, o papel das historietas e probleminhas"

<sup>192</sup> Texto sem data 03 (ER 129), título original "As 3 vertentes, os 2 mitos, o papel das historietas e probleminhas"

<sup>193</sup> MNF pasta 41, pp. 86 e 87

<sup>194</sup> Texto sem data 26, (RN 132), título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"

<sup>195</sup> Texto sem data 03 (ER 129), título original "As 3 vertentes, os 2 mitos, o papel das historietas e probleminhas"



Possuir um ou outro ponto do ultramontanismo é fácil. São raros os homens que não tenham um ou outro ponto de aspiração boa em sua alma. O difícil é possuir o ultramontanismo em sua integridade e as 3 vertentes em sua plenitude.

Só é ultramontano quem tem as 3 vertentes. É ultramontanável quem tem uma vertente e não tem outra.

É não-ultramontanável, ou se se quiser pseudo-ultramontanável, aquele que tem uma vertente, mas que de modo sério, profundo e definitivo tomou uma posição errada em outro terreno. Por exemplo, um rapaz monarquista que no [campo] religioso tomou claramente uma posição [ateia]. Nada impede que se faça uma ou outra tentativa de apostolado com ele, mas devemos tomar cuidado, sob pena de desviarmos todo nosso trabalho, acabando por tornarmo-nos um grupo pseudo-ultramontano, ou de ficarmos a vida toda martelando sem conseguir nada. [Mais ainda, sob pena de] esse rapaz começar a ser um elemento de desagregação do grupo, porque se é verdade que o ultramontanismo é contagioso, o ultramontanismo do demônio é também muito contagioso. Conservar estes elementos dentro de um grupo é mais um elemento de desagregação, do que de serviço de nossa Causa. É necessário ter coragem de abandonar esse rapaz <sup>196</sup>.

#### **E. Ele compreende e admira nossa luta**

Em uma ou outra ocasião em que tenho visto muita gente nova reunida, colhi a impressão de que alguns se aproximam da Congregação sem terem sentido a verdadeira fibra da Congregação, aquilo que constitui a alma da Congregação, a posição CR da Congregação; e que entram sem saber muito por que entraram.

O indivíduo que entra para a Congregação precisa ter chamado. O chamado, por sua vez, só se define, só se manifesta quando ele, antes de ter procurado contato conosco, tenha sentido que somos da luta, que estamos em luta, que a posição normal de nossas almas é a luta e que nossa luta é colossal. Ele precisa ter compreensão da luta e admiração por ela. É um elemento fundamental do Tau, sem o qual o Tau não existe.

A partir deste princípio compreendemos que nosso proselitismo não deve ser de sorriso, embora possa entrar de vez em quando algum sorriso; mas tem que fazer sentir a grandeza de nossa luta, dar ao indivíduo entusiasmo para entrar na luta, e, tanto quanto possível, fazê-lo perceber contra quem vai entrar em luta. Por isto é um proselitismo que tem que dividir, que tem que criar campos adversários ao nosso <sup>197</sup>.

#### **F. Ele tem "antenas" para captar nosso "discurso"**

Quando a gente faz apostolado, encontra dois categorias de jovens:

Uns, são como muralhas. A gente pode dizer as coisas mais extraordinárias, mais entusiasmantes, mais próprias a comover e eles não se comovem, não se interessam, "ahhh, ahhh". Às vezes por amabilidade dizem que estão de acordo, mas no fundo não estão de acordo nem em desacordo. Com eles não é possível nem sequer uma discussão.

Com outros a gente fala e percebe que tem uma certa luminosidade --que se nota às vezes pelos olhos e por algum brilho na cara--, que corresponde ao que a gente está dizendo. Ele se interessa, sorrie, pergunta, quer saber alguma coisa mais. É possível marcar outro encontro com ele <sup>198</sup>.

#### **G. Ele tem senso do maravilhoso**

Eu quero gente maravilhável. Ser maravilhável é ser ável de ter Tau, é ter uma capacidade, uma possibilidade de ter Tau <sup>199</sup>.

<sup>196</sup> Texto sem data 26, (RN 132), título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"

<sup>197</sup> Texto sem data 17, (título original: "Proselitismo: proposições falsas e verdadeiras")

<sup>198</sup> RA (?) 29/1/89

<sup>199</sup> Praesto Sum, 21/8/96, leitura de comentário feito pelo SDP na Espanha em 1988

### III. TIPOS DE ULTRAMONTANAWEIS E NORMAS PARA O APOSTOLADO COM ELES

A primeira coisa que deve ser detectada e diferenciada logo no começo [do apostolado] é o modo de um indivíduo entrar para o Grupo. O apóstolo itinerante, quando trata com um enjolrras novo, deve ter inteiramente claro que tipo de enjolrras é esse, porque se ele não sabe com quem está tratando, não saberá como fazer apostolado <sup>200</sup>.

#### A. Os que se movem pelo amor de Deus, os que se movem pelo amor próprio, os híbridos

Em face da situação [do ultramontanável perante a R], ele pode tomar duas atitudes ao entrar para a Congregação:

Uma é com amor por aquele mundo [maravilhoso] que não existe mas que deveria existir, [junto com] uma execração por este mundo que está vencendo e que a gente não quereria que existisse. Então, uma atitude de alma que se traduziria nas seguintes palavras: "eu combaterei para que o mundo seja como eu quero e para que o mundo não seja como ele está sendo".

[A outra atitude seria a seguinte]: "Desde que eu não conviva com [os revolucionários], não seja pressionado por [eles] e não seja obrigado a ser como eles, pouco me incomoda o que aconteça lá fora. Eu aqui tenho sombra, sapato largo, água fresca e jornal de grande letra".

A primeira atitude revela maior amor de Deus. A segunda é um amor de Deus quase que egocêntrico, [a tal ponto] que a gente se pergunta se o amor de si não é maior do que o amor de Deus aí.

[Os primeiros entram para a Congregação como] águias que começam a olhar para o sol. [Os outros] entram para a Congregação como coelhos acuados por cachorros e que encontram de repente um lugar onde os cachorros não podem entrar, com a esperança de que cesse a luta.

Ao coelho fugitivo, [o apóstolo deve] fazer compreender que não lhe basta ter fugido do mal, é preciso reformar o mundo, por amor de Deus.

[Agora, há uma terceira atitude]: um bom número de enjolrras é meio coelho meio águia. [E os próprios apóstolos itinerantes, alguns dias são águias, outros dias são coelhos, e na maior parte dos dias são meio águia meio coelho, e às vezes no mesmo dia mudam]. Em geral, pelo menos no Brasil, a maior parte dos adolescentes não gosta de escolher entre uma coisa e outra. Escolher é meio contra certo estado temperamental nosso. E aquilo fica numa espécie de marmelada meio híbrida: há restos de ideal e há importantes partes de medo.

\*

O apóstolo itinerante tem que tomar como programa de ser águia o dia inteiro, senão ele não sabe o que dizer ao outro.

Quando entra um novo na sede e o apóstolo não sabe por onde pegar a conversa, é porque ele mesmo está parado, sem rumo, e não sabe que rumo dar para o outro. Nesta situação o novo diz: "que vim fazer aqui? não tenho que fazer nada aqui", e volta para casa. Por que? Ele foi procurar com o misto de águia e de coelho, o vôo de águia, e não encontrou.

Se ele [permanece] na sede, dá ele elemento negativo, é o sabugo precoce. E como ele frequenta só o Grupo, ele esquece do mal que havia fora, e começa a achar que se entrar no mundo fora não vai ser tão ruim assim, e começa a atração. [Quer dizer], o coelho está dentro da coelheira não [com] os olhos postos para a luz que nasce no fundo da coelheira, mas está olhando otimista para o mundo fora. É a apostasia que o chama.

Se o apóstolo não percebe isso e não tem meios de atalhar essa situação, o sujeito começa a apodrecer dentro do Grupo, de tal maneira que no dia em que ele sai é uma limpeza. Ele entrou cheio de esperança, mas por culpa do apóstolo e dele, em certo sentido mais do apóstolo do que dele, ele acaba voltando as costas para onde Deus o chamava.

E notem, o mundo percebe isso, e tanto percebe que tem carícias com o indivíduo que está em vias de apostatar

<sup>201</sup>.

<sup>200</sup> MNF 11/10/74 e Reunião para propulsores de apostolado 5/2/85

<sup>201</sup> Reunião para propulsores de apostolado 5/2/85

## B. Os preocupados com o problema individual da salvação eterna; os entusiasmados com o flash do ideal; os intermediários

[Um primeiro tipo de indivíduo] entra para o Grupo preocupado sobretudo com a salvação eterna, cristalizado com o horror que há aí fora; consente a ser baldeado a uma posição de idealismo, de heroísmo, de amor à Causa.

Outro tipo entra para o Grupo por amor à Causa, não tão preocupado com o problema da salvação eterna. [No momento oportuno], a gente deve fazer compreender a ele que ele só pode servir adequadamente à Causa se cuidar também da sua salvação eterna.

O primeiro não entra com um flash e não tem propriamente um flash para desenvolver, tem antes uma certeza para adquirir. Durante o processo de aquisição dessa certeza a Providência vai dando flashes, até que o indivíduo se torne flashoso.

Enquanto que o outro entra num flash e deve ter algo [que] desenvolva nele esse flash. [Convém] de vez em quando ir despertando nele a reflexão, não no ar, mas a propósito dos flashes que tivera, de maneira que fique habituado a levantar questões doutrinárias.

\*

O rapaz da primeira pista é gerado por famílias direitas, educado com restos de constantinianismo e compreendendo que não deve deixar-se tragar pela corrupção contemporânea. Ele ouve falar em casa de horrores, mas não tem nenhuma idéia [da Bagarre]. Quer conservar a ordem atualmente vigente. E é um pouco sujeito à idéia "sê casto e terás todo o resto".

É preciso haver para este uma série de conferências que mostrem que essa coisa é muito justa, muito nobre, que ele deve defender os valores que há dentro disso, mas que esses valores estão de tal maneira comprometidos que quase não são salváveis. [A] causa [disso] é muito profunda: são as 3 Revoluções, que começaram há 400 anos. E então mostrar a ele o valor [do] sobrenatural.

Agora, o dirigente deveria estar atento para o primeiro momento em que os flashes aparecessem, ou provocar um pouco esses flashes a respeito do pulchrum do seguinte [modo]:

Em vez de apresentar um pulchrum para o qual ele não tem a vista feita e que o assusta, é [preciso] mostrar como a pequena ordem doméstica e social que ele acha verdadeira e bem organizada, também é bonita. Aí entra o anacronismo [criativo] para essa gente: a pequena cidade burguesa da Idade Média, a pequena vida de família, o vigário da paróquia salvando as almas, o pequeno feudo, o castelo, etc. Depois num degradé chega até as Cruzadas. Ou seja, a transferência do problema individual para a Causa, por um processo lógico no sentido de que a partir do que ele admite, leva-lo logicamente ao que não admite, que é o esquema ideal de toda conversão, como de todo o conhecimento humano.

Aí o material adequado não precisa ser opulento porque a alma dele pede uma persuasão calma antes do entusiasmo.

Aos poucos se mostrará o contraste da aldeia medieval com os hereges, com o céu muçulmano que se parece com a boite que tem perto da casa dele, enche a mãe dele de horror, e relações deste gênero para criar a idéia do bem e do mal a propósito daquilo que ele vê que é bem e que é mal. Até que a idéia da luta esteja montada. E então a idéia da luta é grandiosa, universal, abarca por supereminência a lutazinha que ele viu. Aí vem a idéia de uma entrega total formidável.

Eu tenho impressão que aí devem nascer flashes e ele se entusiasma, se alegra, passa a ser então o Carlos Magno, o par dos pares, o protetor, a muralha da Cristandade.

Depois dar sob este ângulo a RCR.

\*

[O curso para o flashoso seria o seguinte]:

1. Explicação do flash. A pessoa que orienta o curso deveria ensinar a ele o que é o flash e ajudá-lo a encontrar e descrever o seu próprio flash.

2. Defesa do flash. Depois deveria suscitar os problemas [que] ele tem curiosidade de conhecer, ou as objeções às quais ele tem que responder --então a polêmica contra os que [negam] aquilo. Fazer o sujeito raciocinar e estudar em defesa do flash --que é como o flashoso estuda.

Haveria também uma matéria a ser dada de início, que seriam as 3 Revoluções e a RCR em geral.

[Os flashosos] seriam introduzidos no anacronismo criativo como ele é agora, logo de cara. Então castelos, lutas, Chanson de Roland, etc. Então: "veja estas coisas que você admira, o ambiente em torno de você critica: essa alabarda representada uma ameaça a quem pensa de outra forma, essa roupa cara representa um insulto aos pobres, todo mundo deve vestir-se de modo modesto"...

Aí entraria o problema da pureza: "veja que isto aqui fica bem com uma cara pura".

\*

[Currículo para os intermediários]:

Os dois tipos acima [descritos] são casos rombudos, dados com exagero pedagógico. Nas encostas de todos os tipos há situações intermediárias. Para estas almas de posições intermediárias, a gente [precisa] compor um currículo que tivesse ora uma, ora outra coisa <sup>202</sup>.

### **C. Os que chegam ao ideal a partir do problema pessoal e os que chegam ao problema pessoal a partir do ideal**

Há dois caminhos no modo das almas serem atraídas pela graça e de serem levadas à santidade.

Determinadas almas são chamadas pela graça sobretudo a propósito de si mesmas, e cuja principal preocupação é primeiro evitar o inferno para si, e depois conseguir a própria santificação.

Outro tipo de almas é o contrário: é chamado pela graça pela preocupação do problema da época, [isto é] pela consideração da Revolução: a R não pode vencer, é péssima, é preciso lutar, etc.

Então, uns chegam ao ideal a partir do problema pessoal. Outros chegam ao problema pessoal pelo ideal: começam pensando primeiro no ideal --por exemplo, o ódio à Rev. Francesa-- e depois chegam à conclusão de que precisam ser puros, piedosos, honestos, etc., por fidelidade a esse ideal.

Santo Inácio de Loyola foi chamado a partir de uma consideração pessoal. O que pareceria incrível, porque [se diria] que a consideração pessoal é a porta baixa, e que o grande pórtico é o ideal. Ele se converteu lendo vidas de santos e pensando "se esses puderam, por que não eu?". [Houve] aí um desejo de plena realização individual, que o levou a ser o herói da Contra-Reforma. Quer dizer, ele se tornou puro, se tornou abnegado, deixou o mundo, começou a pedir esmolas, foi estudar numa escola primária no meio da molecada que dava risada dele, pegou a espada dele e depositou no santuário de Na. Sra. de Montserrat, mas depois, de "proche en proche", chegou a ser o campeão da Contra-Reforma e uma das mais altas expressões da CR em todos os tempos.

O que é próprio ao caminho individual --se quiserem chamar isso assim-- é que as almas andam nele habitualmente passo a passo, não tem a velocidade de um corisco, e progridem mais levadas pelo revés e pelo risco do que pelo ideal. Santo Inácio se entregou e abandonou o mundanismo em última análise porque ele receava ficar mundano; o medo do mundanismo o levou a um extremo de não mundanismo; e esse extremo o levou depois aos outros ideais dele. Mas foi uma atitude de legítima defesa. Quer dizer, tanto tanto fugiu, que agrediu e chegou ao auge do heroísmo.

O modelo da outra via é Santa Teresinha do Menino Jesus: inteiramente lógica, caminhando de heroísmo em heroísmo, muito menos para fugir do que para avançar, e continuamente ilibada e imaculada em tudo quanto ela fazia.

Umhas almas são levadas à virtude pela fuga e outras almas são levadas à virtude pela resolução heróica de dar mais, simplesmente por amor e porque querem dar mais. São vias de Nossa Senhora. E não adianta nós estarmos escarafunchando qual é a melhor. O verdadeiro é cada um seguir aquilo para o qual foi chamado <sup>203</sup>.

### **D. Os que estavam nos esperando e se entusiasmam; os que não nos esperavam mas se interessam; os poltrões**

Há 3 tipos de simpatizante:

Há almas que já estavam elocubrando mais ou menos o que a gente pensa, e que estavam à espera de um apóstolo para aderir, para concordar, para tomar fogo. Se entusiasmam. Aí o apostolado é simples, caminha [muito] bem, é apostolado de entusiasmo, é o melhor que há <sup>204</sup>. [Quanto mais profundo é o entusiasmo, tanto mais há possibilidade de uma adesão intensa, vivaz e profunda] <sup>205</sup>. O verdadeiro é preparar uma ocasião de encontro com este [tipo de] apostolando que não seja na presença dos outros --na sede, num café, numa esquina--, para poderem ter uma

<sup>202</sup> MNF 11/10/74

<sup>203</sup> Eremo de Elias, 28/6/73 (ER 98)

<sup>204</sup> SD 15/2/74 (ER 142)

<sup>205</sup> ER 132-133

série de conversas que os outros não entenderiam e em que a gente pode ganhar cem por cento de velocidade. Com estes a gente deve procurar voar, porque eles se interessam a gente logo dando tudo.

Bem, agora existe outro tipo de [apostolando] que não estava à espera dos senhores, não ansiava por aparecer a Congregação, mas que tem um certo fundo de bom espírito, de maneira que a gente começando a expor nossa doutrina, ele se interessa. Com estes a gente deve andar devagar, porque vão topando a parada à força de lógica, não intuem nada, a partir de certo momento começam a perceber que nós estamos oferecendo uma cruz e começam a querer tirar o corpo. Então antes deles quererem tirar o corpo, é preciso a gente explicar a eles que essa cruz não é tão grande quanto parece.

Como é que a gente explica? Mostrando logo na primeira ocasião, à maneira de conversa mole, todo o tamanho, a importância, o grande, o maravilhoso --mas o maravilhoso terreno-- da Congregação, porque então eles dizem: "bem, aquilo lá também tem uma certa respiração, vamos andar mais um pouco".

O terceiro [tipo de] apostolado é mais difícil, é dos que tem no fundo um certo Tau mas que logo nas primeiras palavras percebem a cruz e procuram fugir. Se os senhores não tiverem uma outra coisa que fazer, preocupem-se com estes poltrões. Às vezes algum poltrão se converte, mas é raro. **A mais difícil das conversões é a do poltrão. De maneira que não vale a pena perder muito tempo. Se depois de um trabalho insano, à guindaste, ele chegar a ir a uma sede e ele acabar entrando, vai dar um desses preguiçosos que a gente leva a vida arrastando**<sup>206</sup>.

---

<sup>206</sup> SD 15/2/74

## TERCEIRA PARTE - PROCESSO DA SANTIFICAÇÃO DO APOSTOLANDO

### I. FASE UM - DA DETECTAÇÃO DO ULTRAMONTANAVEL ATÉ SUA CONVERSÃO EM ULTRAMONTANO

#### A. Detectação do ultramontanável

Passemos agora à exposição de como detectar o ultramontanável.

#### 1. Há ultramontanáveis por toda parte

Primeiro princípio: há ultramontanáveis por toda parte, em todos os ambientes. Mas isto não quer dizer que haja em todo e qualquer ambientezinho. Em todo ambiente um pouco mais largo que se possa conceber, encontra-se um ou outro ultramontanável (\*).

-----  
 (\*) Por que? Como explicar isto?

De um lado, é o Espírito Santo que faz isto, porque Ele sopra onde quer, derrama suas graças onde quer, na sociedade toda, em todos os cantos Ele prepara algumas almas para o ultramontanismo.

Mas há também um elemento natural e que pode ser muito explorado por nós. É a cristalização.

Vamos supor uma velha senhora que tenha certos princípios de moral, cuja filha vai adotando as modas modernas muito devagarinho, uma atrás da outra. A velha senhora pode nem perceber. Depois de 2 anos ela pode estar admitindo que sua filha use os maillots mais imorais. Mas se a filha, em vez de ir devagarinho, de repente usasse os maillots mais imorais, isto provocaria na mãe uma cristalização. Quer dizer, devido ao salto que foi dado, ela como que leva um susto e diz que aquilo não pode fazer.

Ora, na sociedade em que vivemos, muita gente, a toda hora, é colocada diante desses pulos muitos grandes <sup>207</sup>.

Quanto mais o indivíduo vive num ambiente péssimo, tanto mais ele nota o mal do ambiente em que está. E a tentação dele é de afundar no mal ainda pior. Mas por causa disso há uma possibilidade de cristalização dentro dele, pela qual algo dentro dele quereria o ótimo. É uma coisa natural, se compreende pelo jogo natural da razão humana <sup>208</sup>.

[Então], quando houver possibilidade de uma cristalização, podemos apresá-la pondo em evidência tudo o que há de absurdo, de incongruente naquilo.

-----  
 [Em conseqüência], devemos procurar ter relações --relações por alto-- com muitos ambientes, para podermos detectar aí os ultramontanáveis. Deus nos livre de prejudicar trabalhos mais importantes para ter essas relações. Mas como norma geral não devemos procurar nos fechar.

#### 2. De preferência devemos procurar os ultramontanáveis entre os moços e mocinhos

Que ambientes, então, devemos escolher, uma vez que por toda parte há ultramontanos?

Devemos, de preferência, procurar os moços. Não devemos ter a fantasia de que com velhos decrépitos conseguiremos alguma coisa. Porque há um certo quê de altruísmo, de anti-pragmatismo num moço, que já não se encontra mais num velho de 60 anos. Pode ser uma pessoa excelente, é aconselhável mesmo que se faça com ele um certo apostolado, mas não tenhamos ilusão de que vamos conseguir muita coisa dele.

Nós temos um campo de apostolado muito definido, temos um objetivo muito claro. Se começarmos a experimentar apostolado em ambientes secundários, onde a coisa é muito duvidosa, sobretudo onde os perigos são maiores, estamos perdendo tempo, estamos francamente tomando o caminho errado <sup>209</sup>.

<sup>207</sup> Texto sem data 26, título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"

<sup>208</sup> Jantar EANS 11/3/87

<sup>209</sup> Texto sem data 26, título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"

E se é mais fácil recrutar enjorras de 17, 18 anos, é mais difícil recrutar moços de 27, 28 anos. Bem, e evidentemente será mais difícil recrutar homens de 37, 38 anos. 57, 58 quase impossível <sup>210</sup>.

A nota principal de nossa preocupação são os moços e mocinhos, e em igualdade de condições, preferir o moço ao mocinho.

Considerando a gravidade da situação atual da Civilização Cristã devemos preferir pessoas que possam agir logo, ao invés de outras que possam agir daqui a 10 anos. Ora, o moço está na plena possibilidade de uma atuação imediata, enquanto o mocinho é um projeto de moço.

O menino em geral, salvo exceções, é muito infantil e muito preocupado com certas coisas. No Brasil, a época áurea para o recrutamento é a do mocinho; o mocinho é que começa a ter preocupações ideológicas; é na época de mocinho que se formam os rumos ideológicos da pessoa <sup>211</sup>. Os anos decisivos para a formação da mentalidade de um jovem, não são os da universidade, como na Europa; mas são, aqui no Brasil, os 4 anos finais do curso secundário, por causa da extraordinária precocidade do brasileiro para o bem e para o mal, e por causa do feitio extraordinariamente intuitivo do espírito brasileiro. São os anos em que as mentalidades se fixam; são também os anos em que, por isso mesmo, elas são mais moldáveis; o homem, em geral, acaba sendo, durante a vida inteira, aquilo que começou a ser nesse período <sup>212</sup>.

É preciso cancelar apostolado com criança. Desprestigia a Congregação ter criança pelo meio. 14 anos já é um limite que vai raspando. Mas, enfim, a título excepcional vá lá 14 anos. Menos do que isso não se pode imaginar <sup>213</sup>.

Agora, tudo isto exige uma imensidade de equilíbrio. Não quer dizer que se se tiver uma ocasião natural para trazer um menino para a Congregação, deixemos de fazê-lo <sup>214</sup>.

### 3. E entre os moços e os mocinhos, devemos preferir os que estão postos de lado pela R

[Onde estivermos] <sup>215</sup> devemos perceber quais são os que não nos repudiariam, e procurá-los, porque os há por toda parte. Precisamos saber discernir aqueles que conversariam conosco, e que são os que conversam pouco com os outros, porque são exatamente os congelados <sup>216</sup>.

[Se o ambiente for uma Faculdade ou um colégio], devemos ter a preocupação principal de atrair para nós, não os alunos mais célebres --porque em geral eles tem uma camarilha em torno de si--, mas os alunos que sobressaem menos, mais apagados, mais [postos] de lado. Esses são mais atraíveis por nós <sup>217</sup>.

### 4. Onde estivermos devemos suscitar jeitosamente casos CR que dividam as águas

Onde estivermos devemos suscitar casos contra-revolucionários. Digam uma coisa e olhem em torno de si: quem gostou é um contra-revolucionário em potencial, quem ficou quieto deve ser abordado sozinho --porque pode ser um amigo que não tem coragem de falar--, quem vaiu não é aproveitável <sup>218</sup>.

Um dos modos mais eficientes para detectar, é a pessoa ir se lançando [e] estudar as reações favoráveis, as reações contrárias, e os silêncios, porque muitas vezes é no silêncio que está o aliado potencial <sup>219</sup>.

Quando a gente coloca serralagem de madeira misturada com limalha de ferro, e coloca no meio um ímã muito forte, aos poucos o ímã vai exercendo uma atração sobre o ferro, e o ferro vai caminhando através da serralha de madeira até grudar no ímã. Assim também é uma pessoa que entra num [ambiente] e toma uma atitude corajosa lá dentro: "Eu penso assim, eu acho assim, eu sinto assim". Sai toda uma campanha contra, naturalmente, mas alguns que estão ali e que gostariam de encontrar um apoio para suas tendências, um apoio para suas idéias, começam a pensar: "homem, olha lá, hein, está vendo? isso é bem verdade", e começam a se aproximar <sup>220</sup>.

Não sei bem quais são os temas que estão em foco nos colégios secundários hoje, mas o melhor é sempre bater na tecla anticomunista. Por exemplo, dizer o seguinte: "Achei que foi muito bem feito o governo pôr a pena de

<sup>210</sup> SD 7/2/87

<sup>211</sup> Texto sem data 17, título original : "Proselitismo: proposições falsas e verdadeiras"

<sup>212</sup> Simpósio de Curitiba, outubro de 1969, conferência de abertura

<sup>213</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>214</sup> Texto sem data 17, título original : "Proselitismo: proposições falsas e verdadeiras"

<sup>215</sup> RN 132, texto sem data

<sup>216</sup> Reunião do 25/5/70

<sup>217</sup> Reunião do 3/10/89

<sup>218</sup> Simpósio de Curitiba, III Reunião, outubro de 1969

<sup>219</sup> Reunião do 25/5/70

<sup>220</sup> Reunião da noite, 2/9/64

morte contra os terroristas. Primeiro, porque sou simpático à pena de morte. Segundo, porque sou simpático a que se matem os terroristas"<sup>221</sup> (\*).

-----  
 (\*) Eu dou um exemplo [adequado para a Espanha]. Digamos que na universidade há um campeonato de basket-ball, está interessando enormemente, etc. Vocês bancarem que estão se interessando também é a mesma coisa que tomar um copo cheio de espírito revolucionário e beber, porque vocês sentem como eles e se intoxicam.

Então o que tem que fazer é criticar à bola-ao-cesto no momento em que o assunto bola-ao-cesto está o mais atual possível.

Mas o apóstolo deve ter a inocência da pomba e a astúcia da serpente. Quer dizer, conforme o caso e conforme o apóstolo, ele vai contra o basket-ball. Ele dirá: "Isso é besteira! Que grande problema tem meter a bola dentro daquele saco furado? Que entusiasmo você tem por isso?" Cai o mundo em cima dele. Mas depois tem 4 ou 5 que dizem: "Homem, mas aquilo é verdade, hein".

Outras vezes não: em vez de ir por aí, dizer o seguinte: "Mas eu aspirava para nós, moços espanhóis, uma coisa mais viva do que bola-ao-cesto. Isso é um esporte anglo-saxão, que serve para aquele fleugma anglo-saxão, mas não serve para nossa vitalidade. Espanta-me que vocês sintam sua vitalidade satisfeita com isso. O esporte para homens precisa ter pelo menos uma pontinha de brutalidade. Eu não encontro isso no bola-ao-cesto. A vitória do bola-ao-cesto não é a de um contendor contra isso, é quase uma espécie de vazio e de cordialidade rotária". Então dar uns cutucões assim. O outro diz: "não, mas o que é isso?", etc. Cria o caso e discute <sup>222</sup>.

-----

Os senhores prestem atenção como correm os espíritos: um sujeito favorável à pena de morte é, em geral, um homem que é lógico; se é lógico, pode ser aproveitável. O sujeito contrário à pena de morte é, em geral, um molenga. O que fica meio na dúvida pode ser aproveitado.

\*

Num colégio, numa Faculdade, não se deve perder muito tempo com a mesma roda. Deve-se sondar toda a Faculdade, procurar conhecer todos, ir lançando de lado quem não interessa. Isso de ficar sempre conversando com a mesma rodinha não é bom, porque nessa rodinha em pouco tempo se definem os obstáculos, as neutralidades e as simpatias, e fica-se com 2 ou 3 elementos de segunda categoria ao cabo de um ano de trabalho. O verdadeiro é ir jogando a sonda para vários lados, procurar conversar de cá, de acolá. Primeiro conversar coisas neutras: a chuva e o bom tempo. Depois aplicar o princípio do caso contra-revolucionário.

\*

Na maior parte das vezes não é psicológico chegar numa roda e soltar desde logo uma "monstruosidade" para a opinião daquela roda. Por exemplo dizer: "o que resolve todos os nossos problemas é o princípio de subsidiariedade". Em medicina os remédios muito fortes às vezes salvam, às vezes matam. Quando o médico é bom, deve dá-los; quando o médico é um pouco pernibambo, tome cuidado porque mata o cliente.

Deve-se tomar um ponto qualquer, digamos a pena de morte, ou a reforma agrária, ou as reformas de base, ou qualquer outra questão; e depois, de "proche en proche", ir seguindo através das teses que tem afinidade com a primeira. A partir de qualquer idéia CR há um filão para todas as outras idéias CR. Todas as idéias CR são solidárias entre si. Quando se vê que alguém tem uma delas, é provável que tenha todas as outras, ou que possa vir a ter todas as outras. Então dizemos uma e vamos ver no que vai dar o resto.

Por exemplo, um homem que é a favor da pena de morte, deve ser a favor da disciplina na vida na sociedade. Então se pode lamentar a indisciplina geral que há em todas as coisas: na vida estudantil, nas relações entre pais e filhos, etc. E daí chegar até uma concepção hierárquica, porque o homem que ama muito as penalidades é um homem que tem propensão para uma concepção hierárquica.

[Neste sentido] seria muito interessante a [Comissão do Movimento] mandar, por exemplo, cada 3 meses, um boletim com 2 ou 3 temas do momento e a marcha de "proche en proche", de maneira que os senhores saibam como agir. Mas para que esse boletim tivesse vivacidade, seria preciso que os senhores se reunissem nos respectivos núcleos e mandassem para a [Comissão do Movimento] a lista dos 5 temas do mês. De maneira que, com esses temas, poderíamos construir uma marcha de "proche en proche" nos vários locais. E creio que seria uma matéria muito interessante para reuniões, daria muita vida a elas <sup>223</sup>.

<sup>221</sup> Simpósio de Curitiba, III Reunião, outubro de 1969

<sup>222</sup> Reunião do 3/10/89

<sup>223</sup> Simpósio de Curitiba, outubro de 1969, III reunião



## 5. Devemos formar grupinhos CR nos vários ambientes

[Bom, isso feito], se eu tivesse hoje a idade de vocês, procuraria formar grupinhos nos vários lugares, nos vários ambientes, nas várias instituições, para eles serem congregaçõezinhas nos vários lugares onde estivessem e ter na soma de todos eles uma congregação<sup>224</sup>.

### B. Abordagem

Se de cada 100 rapazes 5 tivessem desejo de entrar para a Congregação, as ameaças de Fátima não tinham razão de ser.

[No entanto, as estatísticas mostram que de cada 100 abordados, mais ou menos 5% se fixam como cooperadores].

Donde se deduz que os anjos põem no caminho dos senhores, no meio de muitos equívocos e de muitos enganos, que são normais, gente ultramontanável que está esparsa pela população; e que a Providência veio preparando de longe "essinho", "aquelinho" e "aquele outrinho" para esse momento; e que os anjos esperam que os senhores abordem.

Não é nada de extraordinário que o anjo da guarda do rapaz que vai ser abordado e o anjo da guarda do abordante se combinem entre si: "eu vou fazer o meu tutelado passar a tantas horas por tal lugar, para ele encontrar o seu tutelado". E o demônio intervém para não ir. Se trava então uma batalha. E essa batalha se decide no momento em que o abordante está andando de um lado e o abordado do outro, se olham e o abordante tem por exemplo um momento de preguiça, de tédio e não aborda, ou em que o abordado, se deixando tentar, olha com tão má cara que desanima o abordante. O destino de uma alma às vezes se joga lá<sup>225</sup>.

### 1. A abordagem bem sucedida. Como abordar?

A abordagem é bem sucedida com aqueles que por qualquer razão estão sofrendo, tem problema pessoal. Com os que não tem problema pessoal [e estão], com a cara contente, contentes pelo simples fato de que existem, a abordagem não dá certo<sup>226</sup>.

E a experiência mostra que a abordagem ideal se faz na classe social média e média baixa. A classe alta é muito sapa, muito maçonizada e não permite aos filhos que entrem na Congregação<sup>227</sup>.

A gente não deve fazer abordagem como quem leva barreiras. Mas deve ter uma atitude pessoal de quem é muito aberto, dar a impressão à pessoa a quem a gente aborda que vai ter um contato conosco muito fácil e muito acessível. Portanto, [convém apresentar-se] com uma cara muito despreocupada, muito gentil, uma cara de quem não vai tratar de nada importante<sup>228</sup>.

O elemento básico da abordagem é um entreolhar-se e acontecer um certo imbricamento: se deu imbricamento, sai abordagem; se não deu, não adianta, que a abordagem não sai. [Quer dizer], a abordagem é mais visualizada do que propriamente falada<sup>229</sup>(\*).

-----  
(\*). No contato com pessoas entra um fato RCR: logo que duas se encontram, elas podem não se dar conta disso, mas cada uma vê o fundo da alma da outra, [e em função disso] se afasta, ou se sente atraída, ou fica numa interrogação, numa hesitação a respeito da outra.

Nós, vistos do alto de nosso ideal, temo-lo pouco; vistos do fundo do abismo, resplandecemos com ele e os outros o sentem<sup>230</sup>.

<sup>224</sup> Palavras aos Grupos do Interior, 4/2/80 (RN 612)

<sup>225</sup> Reunião para Apóstolos Itinerantes 11/11/81 (ER 216)

<sup>226</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81, (ER 612)

<sup>227</sup> Palavrinha hispanos 1/2/83

<sup>228</sup> Reunião do 24/8/83

<sup>229</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81, (ER 612)

<sup>230</sup> Reunião do 25/5/70

-----

No comecinho, o que dizer um para o outro, depois que se olharam? Eu tenho a impressão de que é tudo e nada. São 2 ou 3 palavras das mais fofas e vagas possíveis, que o outro responde do mesmo modo, pelo timbre de voz psy-compreendeu-se. Um de repente espicha um tema e conforme for a coisa vai para frente ou não vai<sup>231</sup> (\*).

-----

(\*) É preciso ser ágil, porque se [a gente puxa um tema] e o rapaz responde: "não, eu não me interesso por isso", morreu a conversa. [Nesse caso] desembarquem logo desse tema e joguem-se em outro. É preciso ter muitos assuntos e muitos modos de entrar no assunto, mais ou menos guardados na cabeça. De maneira que, quando chegue a hora de conversar, a gente sabe entrar com uma coisa dessas<sup>232</sup>.

-----

[O abordante] deve ter um tom de voz benevolente, afável, macio. Há certos tons de voz que matam a conversa antes da conversa ter começado. A gente aborda, por exemplo, perguntando que horas são, olhando para o próprio relógio: "podia me dizer que horas são, faz favor?" Dá corda no relógio. Diz: "muito obrigado, eu estou precisando ir a tal lugar, queria saber isso". E fica ao lado do sujeito esperando o ônibus que o sujeito vai tomar.

- *O fim do ônibus é tal, não é? ah, eu preciso ir para lá, ta-tá, estou com hora marcada, etc. Você mora no caminho?*

O sujeito vai responder logo em que rua mora.

- *Onde é que fica?*

O sujeito explica. Aí vai nascendo uma conversinha: "Ah, eu já passei por lá". Qualquer coisa. Se tem algum da Saúde ou de Acies Ordinata que mora por lá: "ah, eu tenho um amigo que mora ali perto, você conhece?" Começa uma conversa.

Se eu dizer: "eu estou precisando ir a tal lugar assim e estava atrapalhado", [a frase] "estava atrapalhado" convida [o outro a responder] alguma coisa.

[O abordante] precisa arranjar uns pretextos pequenos por onde a conversa pegue a respeito de bagatela, porque com desconhecido a gente começa conversando bagatela. Começar conversando coisa importante com desconhecido, por exemplo: "você admira o Imperador Carlos Magno?", é a mesma coisa que perguntar a ele de disco voador: não tem propósito, não pode ser. Então é preciso que a gente saiba de cor 20, 30 saidazinhas. Por exemplo: "eu estou tomando um curso de karatê". O karatê é esplêndido tema. O sujeito lhes garante que fica espantado e pergunta.

- *Não, é um curso de karatê estupendo que dão lá em tal lugar assim, são tantas horas por dia, nós devemos saber em tanto tempo jogar karatê. Você nunca jogou karatê?*

Podem estar certos de que se ele jogou um pouquinho ele vai contar com todos os pormenores. Os senhores se interessam, viram de lado, prestam atenção. O que ele conta é pau, mas os senhores vão examinar a alma dele como está evoluindo<sup>233</sup>. Aí vão orientando para algum ponto que a gente veja que com a cara dele pega<sup>234</sup>(\*). Vão habilmente sondando um tema político-social, um tema religioso, um tema psicológico. Vão introduzindo um tema desses para ver o que que o outro pega. E sabendo o tema que o outro pega, aí começa mesmo a conversa<sup>235</sup>.

-----

(\*) É preciso ter um certo senso por onde, olhando para a cara dele, a gente saiba qual é seu estado de espírito e saiba quais são as conseqüências necessárias que esse estado de espírito comporta.

[Então por exemplo, se] um indivíduo tem habitualmente uma disposição de espírito de seriedade, daí eu deduzo que ele deve gostar de ver como as coisas são --que é o próprio do homem sério--, e que deve ser acessível na demonstração lógica, honesta e verdadeira. Mas muito freqüentemente um indivíduo que se preserva assim cai no egoísmo<sup>236</sup>.

-----

A gente deve apresentar um semblante em que a pessoa perceba a seguinte coisa: "Se eu falar com ele a respeito meu ou do que eu estou pensando, o que acontece comigo, vou ter uma boa repercussão, porque ele me achará interessante".

<sup>231</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81, (ER 612)

<sup>232</sup> SD 22/7/89

<sup>233</sup> SD 21/2/87

<sup>234</sup> Reunião do 24/8/83

<sup>235</sup> SD 29/7/89

<sup>236</sup> Texto esquemático, sem data 31 (RN 75)

Eu garanto que ele logo de início, embora não conscientemente, vai notar nos senhores alguma coisa de diferente. Esse diferente que ele acha, meio ele recusa, meio ele aceita. E os senhores continuando a conversar, essa coisa de diferente, que no fundo é a graça, está agindo sobre ele e está atraindo a ele <sup>237</sup>.

Depois que a conversa está um pouco orientada, mostram: "conhece aqui o Desafio? Eu sou propagandista desta revista. Já viu? Olhe aqui tal coisa assim, assim..."

Se o rapaz dizer: "ah, você é da Congregação, é?" - "Sou sim, você não é?", como se fosse a coisa mais normal do mundo. E pega! A abordagem começou! <sup>238</sup>

Tendo ocasião, os senhores combinam um encontro: "Você precisa assistir um dia nosso karatê, vá lá, é em tal lugar assim" <sup>239</sup>.

## 2. Idade do abordante

A abordagem na rua precisa ser feita por uma pessoa da mesma idade ou quase da mesma idade. Um homem com 10 anos de diferença de idade em relação ao outro, abordar na rua para puxar um assunto, não pega, não sai comunicação <sup>240</sup>, fica uma coisa esquisita, não vai de acordo com os costumes, até poderia ser venenosamente interpretado <sup>241</sup>.

Resultado: os apóstolos itinerantes que tem a alegria de ter enjorlas, ponham esses enjorlas nesse trabalho <sup>242</sup>.

## 3. Momento psicológico da abordagem

Em via de regra, numa roda, quando o indivíduo brutal está alegre, é o que está mais longe de nós; e quando ele está na baixa, é o que está mais próximo de nós. Porque o indivíduo muito cheio de animação, tem em geral essa animação para efeito externo, porque é bonito ter. Mas, muitas vezes, ele não agüenta o papel dele e cai em baixa.

Na hora em que ele está alegrão, é melhor não se aproximar dele --exceto se ele tiver um raio da graça--, porque ele tripudia à la King-Kong quem for se aproximar. Mas quando ele está na baixa é a hora em que ele tem nostalgia do que a gente pode dar a ele. É esta a hora que a gente deve espreitar e aproximar-se.

[Os moços liderados por ele] não tem nenhuma convicção própria e topam qualquer um e de qualquer jeito. Quando estão na presença dos líderes do mal, não vale a pena a gente aproximar-se deles, porque eles, para agradar os líderes do mal, vão agredir a gente. Mas quando eles estão sós, a gente pode aproximar-se a vontade.

[Quer dizer], é preciso saber discernir a "hora do repouso", a hora de um certo isolamento, a hora do encontro consigo mesmo, a hora de olhar de frente o seu próprio fracasso, sua própria imundície. É a hora que a graça fala. Pois nessa hora essa gente não tem quem lhe dê a mão.

Se soubermos discernir esta hora e soubermos falar nesta hora, poderemos encontrar um ouvido atento <sup>243</sup>.

## 4. Pensamentos pré-abordagem

Bom, quando saiam [para fazer abordagem]:

- lembrem-se que a principal coisa que vão fazer é [a abordagem]. Até o preferível é sair só para isso e não para mais nada. Depois sair para outra coisa, para não haver confusão e para se compenetrar bem;

- tenham a convicção de que, desta vez, pode ser que encontrem o [apostolando] desejado;

- se não encontrar desta vez, esta vez prepara nas vias da Providência o terreno para a vez que encontrem o [apostolando] desejado; ou para que um outro esteja encontrando um [apostolando]. Mas uma coisa é positiva: esta saída vai dar um grande fruto, [independente de que] os senhores o vejam ou não o vejam <sup>244</sup>;

<sup>237</sup> SD 21/2/87

<sup>238</sup> Reunião do 24/8/83

<sup>239</sup> SD 21/2/87

<sup>240</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81 (RN 612)

<sup>241</sup> 20/3/79

<sup>242</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81 (RN 612)

<sup>243</sup> Reunião do 25/5/70

<sup>244</sup> 20/3/79

- não é agradável a gente oferecer e receber uma recusa. Mas a gente vive de oferecer, ser recusado e aceitar o que eles dão. E quem não estiver habituado a isso e tiver amor próprio a esse respeito, precisa recomeçar a educação da estaca zero. Por que? Porque a personificação da honra, da glória e da divindade foi sem dúvida NSJC, quanto Ele procurou e quanto Ele foi recusado! com que dignidade viveu, ensinou, fez milagres, morreu, ressurgiu e subiu aos céus! Quer dizer, isso não vem ao caso, simplesmente <sup>245</sup>.

## 5. Abordando se aprende a fazer abordagem

[Quando era mocinho, tive que receber aulas de] natação. Mamãe, muito ciosa dos assuntos espirituais, não quis que eu tivesse natação com grupo de rapazes, porque era uma hora de imoralidade, de algazarra, etc. Então a piscina era alugada só para mim.

Chegava lá e [a professora] me convidava para descer a piscina: "agora, põe-se na posição horizontal". Eu respondia: "não porque caio com a cabeça no chão". Ela me disse: "O que era preciso era jogar você dentro d'água, que aprende a nadar". Eu pensei comigo: "eu sinto que nesse caso nadaria".

É a mesma coisa com abordagem: quer aprender abordagem? aborde, não espere ser um elemento eminente e que sabe tal coisa e que chegou na idade de ouro para abordar. Isso é pretexto de quem é tímido e tem preguiça de vencer a própria timidez. Portanto vá, aborde. Esperniando se aprende a andar <sup>246</sup>.

## C. Atração e aproximação

### 1. Uma vez que o ultramontanável foi encontrado, deve ser procurado com urgência

[Uma vez que o ultramontanável foi encontrado], deve ser procurado com urgência, porque 15 dias na vida de um rapaz pode mudar o rumo.

São Pedro diz: "Eu tenho medo de Jesus que passa e não volta mais". [Se nós deixamos passar a ocasião de procurar imediatamente esses rapazes], pode ser que [aquela] ocasião depois não volte mais.

O rapaz, quando termina as férias que ele passou à beira-mar ou nos bordos de uma piscina, ou num lugar de alta montanha mas numa intimidade constante com moços e moças, [será que] volta [com boa] disposição de espírito para ser chamado por vocês?

Quem sabe se algum desses, tendo sido procurado antes, quando vai para as férias, ele de vez em quando se lembra: "não, tem aquele rapaz que me convidou, tem aquela Congregação onde eu estive, quando eu voltar eu vou ter um apoio".

É meu desejo que procurem o quanto antes todos os rapazes novos que se aproximaram, e tanto quanto possível convidem eles para uma reunião no mesmo dia, para eles todos verem que há um movimento com muitos jovens nessa direção, que o número e o ardor desses jovens está crescendo, e compreenderem que eles não estão isolados (\*). Na reunião expliquem o que é a Congregação, etc. Se não for possível marcar uma reunião em que venham todos, porque os horários não coincidem, façam 2 ou 3 reuniões diferentes, mas convidem todos.

-----  
 (\*) O mundo exerce uma pressão enorme sobre esses rapazes, como que dizendo, muda ou expressamente: "você sozinho pensa assim, o mundo inteiro vai noutra direção, você vai ficar um isolado que vai contra toda a massa da população? você não será meio maluco?" <sup>247</sup>  
 -----

\*

Agora, como atrair o ultramontanável para a sede? como retê-lo na sede? como fazê-lo progredir? <sup>248</sup> como convencer? como arrastar?

<sup>245</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81 (RN 612)

<sup>246</sup> SD 7/2/87

<sup>247</sup> Reunião para universitários colombianos, 10/1/89

<sup>248</sup> Reunião do 30/7/71

## 2. Obstáculos vivenciais do ultramontanável para ser atraído e aproximado

Quando os senhores tratarem com os ultramontanáveis, eles vão [pôr] aos senhores uma porção de objeções, os senhores começam a discutir com as objeções que eles dizem, e na melhor das hipóteses os senhores os convencerão de que as objeções deles são falsas, mas não os moverão. [Porque] as verdadeiras objeções, as objeções dinâmicas, eles não as dizem, ou se disserem, dizem apenas pela metade. Eles só se moverão quando as objeções verdadeiras deles entrarem em cena.

[Tomem por exemplo, vários rapazes]. Um é a favor do divórcio, outro a favor da reforma agrária, outro é contrário a todas as tradições, outro é um adorador da civilização mecânica, outro é imoderadamente oposto à atual civilização e quer destruir tudo, um outro é meio socialista, um outro acha que o comunismo tem razão num ponto ou noutro.

Essas são as razões que eles vão dar para os senhores. Mas é impossível que os Srs. não sintam que quando eles estão discutindo, eles estão até certo ponto repetindo fórmulas que eles ouviram de outros, e é impossível que os senhores não sintam que tendo demolido os argumentos deles, eles não ficam contentes, eles ficam aborrecidos, e não ficam com vontade de seguir os senhores, mas de ficar mais ainda onde estavam. Ao menos em muitos casos isso se dará assim.

Agora, por que? Porque por detrás da cabeça eles tem outro gênero de objeções. E essas objeções trata-se de nós conhecermos bem aqui, para nós podermos levar a luta onde ela está e não levar a luta onde ela não está.

[Isso posto], vejamos quais são as dificuldades que eles tem para atender o chamado que os senhores fazem

<sup>249</sup>

### a. A tendência a não sair do respectivo meio

Por timidez, inibição, por uma porção de coisas, a tendência da maior parte dos rapazes é não sair do respectivo meio --que é de seus primos, amigos, etc. Sair desse meio para freqüentar outro meio, para alguns temperamentos toma verdadeiros ares de aventura.

Então, um primeiro problema importante é atrair a pessoa de maneira a ela começar a deixar de freqüentar o seu próprio meio para freqüentar a sede da Congregação.

### b. O medo de se engajar numa coisa meio misteriosa

Depois uma coisa que é um "x" para eles, é que para eles até certo ponto os senhores são um mistério. Isso de meio misterioso que há nos senhores e na Congregação, de um lado atrai (\*), mas de outro lado mete um pouco de medo de procurar. O sujeito um pouco no subconsciente tem esta idéia: "se eu me engajo nisso onde é que eu vou parar?" <sup>250</sup> [Na primeira impressão que o apóstolo causa, inevitavelmente o rapaz] fica desde logo com a idéia de que ele vai se meter numa coisa que vai manipulá-lo e que ele não sabe para onde é que vai <sup>251</sup>.

-----  
 (\*) Eu lhes dou um conselho: não falem a respeito de si mesmos. Eles devem saber como os Srs. se chamam, que idade tem, de onde são e acabou-se. Porque os Srs. atrairão os rapazes na medida em que forem um pouco misteriosos para eles.

Se os Srs. querem prender os rapazes na sede, os Srs. guardem, a respeito dos Srs., de sua vocação, de tudo o mais, um pouquinho de mistério. Que eles vejam os Srs. de longe, através de uma distância prestigiosa. Isto atrai.

Não [se trata de] andar com cara de mistério. Mas é deixar assim uma névoazinha, em que o sujeito olha para a gente e diz "curioso, eu acharia que há uma névoa nele". Aqui a coisa é bem achada. Não véus, aqui já é mau achado, já passou da conta <sup>252</sup>.

O apóstolo não deve fazer um jogo, mas deve ser tal, que o mais moço tratando com ele, sinta no apóstolo qualquer coisa que ele mais moço não sabe entender bem; e compreenda que aquilo que o apóstolo fez, fez por superiores razões, por superiores motivos.

<sup>249</sup> Reunião do 19/2/72 (RN 381), X Sefac

<sup>250</sup> Reunião para o Eremo São Paulo Apóstolo 14/9/71 (ER 135)

<sup>251</sup> Despachinho sobre apostolado em Campos 13/8/90

<sup>252</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

O apóstolo deve ser para o mais moço mais ou menos como uma selva fecunda, atraente e não conhecida, que deve dar vontade de entrar; e não como um matinho ralo, aberto, que a gente olha e em meia hora está conhecido o mato<sup>253</sup>.

Os Srs. tomem o papel do Padre numa cidade qualquer, há uns 10 anos atrás. Uma das coisas que atraia para o Padre é que ele era sempre um pouco misterioso. Ele nunca se misturava inteiramente com tudo, nunca era inteiramente conhecido de ninguém. Todo mundo ficava farto da banalidade da cidadezinha e se voltava para o único recanto da cidade ainda não conhecido que era o Padre. Era uma das altas sabedorias da Igreja pre-conciliar. Ela hoje põe um Padre de camiseta, jogando bilhar e bebendo cachaça. Quem é que procura por Padre hoje? Padre hoje corre atrás de todo mundo como corretor. Ninguém procura por Padre. Antigamente não<sup>254</sup>.

[Agora, para a gente ser assim, precisa] ter cogitações superiores<sup>255</sup>.

-----

Uma coisa que facilita muito [o apostolado neste sentido], e que eu aprovo, é o que fazem na Saúde: os pais são convidados para ir lá em certos dias --como dia das mães-- e vêem aquele movimento, os jogos, o ambiente, tomam contato, entram nos quartos, etc. Para desfazimento de máfia isso é importante, porque quebra aquela atmosfera de mistério.

Outra coisa: se o rapaz encontrar muito novato [na sede], ele compreende que ele é um dos novatos, e se sente mais à vontade com isso<sup>256</sup>.

### c. O medo de ser ridicularizado como heresia branca

[Bom, uma terceira dificuldade é a seguinte]:

Há uma [concepção] errada e subconsciente, que data das campanhas anti-clericais do século passado, segundo a qual o católico praticante, sobretudo o homem casto, é tímido, efeminado, mole, sem varonilidade, sem coragem e sem capacidade de se afirmar.

E por causa do medo do ridículo [muitos rapazes] não tomam posição do nosso lado. Não tem medo dos Srs. serem assim; tem medo de seguindo os Srs. eles ficarem nos seus respectivos ambientes com a fama de serem assim; tem medo que caçoem deles.

Nós temos que destruir isso. Destruído isso, nós levaremos atrás de nós as pessoas.

Agora, como é que se destrui uma coisa dessas? Antes de tudo, tendo nós a inteira convicção de que essa [concepção] é completamente falsa.

Nenhuma virtude prepara tanto para a varonilidade como a pureza. Porque para um homem ser verdadeiramente casto, ele tem que tomar a seguinte deliberação:

"Dada a impureza com sua sordície e sua abominação, custe-me o que custar, eu não serei assim. E por isso eu me imporei todos os sacrifícios, renunciarei a todas as coisas necessárias, mas inflexivelmente e implacavelmente, haja o que houver, eu não consentirei nos maus pensamentos, nos maus olhares, nos maus contatos, eu atravessarei todas as barreiras, eu não me incomodarei com o riso. Nada do que faz os homens capitularem me fará capitular a mim, com a graça de Deus".

Ora, um homem que é capaz dessa deliberação, quando chegar a hora de qualquer luta, é capaz de toda forma de heroísmo.

Eu quisera que os senhores se habilitassem a ser assim. Eu quisera que os senhores se habilitassem a, nos lugares onde os senhores tem que enfrentar gente, enfrentarem como esse leão rompante. Esse é o símbolo da atitude dos senhores. Analisem o leão: ele [não tem] nada de um bicho nervoso, é calmo, sereno, completamente senhor de si. Olhem para as garras: ele mais agarra o chão do que pisa. Agora olhem como ele está de pé num equilíbrio perfeito: nada o derruba, ele vai para a frente num passo certo, ele vai com as garras prontas a ir segurando. Mas digno, nobre, forte. A cauda fica um pouco mais alta do que a cabeça para dar idéia de um garbo tal que é quase como uma auréola.

Se os senhores entrarem assim nas suas faculdades e colégios, e se conseguirem ser cada vez mais parecidos com isso, os senhores quebram o respeito humano daqueles que quereriam ser filhos da epopéia e não tem coragem para isso, dos que são nauseados do "stablishment" e quereriam ir atrás dos senhores mas que tem medo da gargalhada. Se os senhores quebrarem a tirania da gargalhada, os senhores terão feito o melhor dos apostolados.

Os senhores são objeto da agressão moral todos os dias, porque todos os dias há um ou outro que caço dos Srs. nos seus colégios, ou se não caço mantém uma atitude de desdém que é como se fosse uma caçoada. Diante disso

<sup>253</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 16/7/89

<sup>254</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

<sup>255</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 16/7/89

<sup>256</sup> Despachinho sobre apostolado em Campos 13/8/90

é preciso tomar a atitude de quem não tem medo de discutir e que responde ao pé da letra para a caçoada. O mais importante não é de ter um argumento bem feito, mas é ter peito e responder com coragem. Quer dizer, o que eles tem que ver é que nós somos o que somos com ufania, de cabeça erguida; e que ainda que mil rissem de nós, nós estaríamos igualmente seguros, porque nós temos a razão, nós temos a Fé; e se começam a nos cercar, [devemos] enfrentar a batalha e discutir com calor, com entusiasmo.

Para isso, não é preciso ter ar mega, porque o mega é ridículo, não convence a ninguém, mas é questão de porte físico: ereto, com a cabeça alta, com voz forte, clara, bem empastada. O nosso modo de olhar não é como de quem olha uma girafa numa exposição, mas é de um homem que está em plena nobilitação, e que a gente olhando para ele percebe que se mexer com ele, ele salta inteiro. Não é um olhar furioso de touro bravo, mas é um olhar calmo de touro embravecido, com quem é melhor não mexer. Sejam assim e muitas almas virão atrás dos senhores (\*).

-----  
 (\*) Alguém poderá me dizer: "tudo isso é muito bonito, mas eu me sinto mole e não tenho nem de longe essa energia de que o senhor fala".

Eu digo: meu caro, siga o meu exemplo. Nos remotos tempos de minha meninice eu fui o menino mais mole que eu conheci em minha vida. Eu tinha o temperamento mais cordato que pode haver no mundo. Durante o primeiro ano [no] colégio São Luís eu fui quase sapecado por todo mundo.

Mas Nossa Senhora, misericordiosa, paciente, bondosa para comigo, me fez compreender o seguinte: "ou eu deixo de ser mole, ou eu tenho que levar uma vida apanhando de todo mundo. Apanhar não quero, perder-me não quero. Logo tenho que ser enérgico. Agora, por mais mole, mais inútil e mais pirão que eu sou, Ela é minha Mãe, Ela me ama e me quer bem; e eu pedindo a Ela mesma, eu conseguiria dEla a graça de perseverar na pureza e a graça de ser um verdadeiro leão de energia".

Uma vez, duas vezes conseguia me zangar, me zangava um pouquinho, logo em seguida me achatavam. Como um pássaro que começa a voar e que cai. Depois o pássaro começa a voar [de novo], o vento toca o pássaro e o pássaro vai meio tocado pelo vento e meio tocado pelas próprias asas. Assim eu fui tendo umas zangas de maior envergadura, um pouco tocado por umas cóleras que nasciam em mim e um pouco tocado pela firme resolução de não me deixar escangalhar pelos outros. Afinal de contas, comecei a dar os meus vôos. Depois, passei o resto de minha vida voando. Eu o devo a Ela <sup>257</sup>.

-----  
 Não se trata de entrar de repente [no colégio ou] na faculdade com cara de cena. A gente compõe no espelho uma cara de cena e entra com a cara de cena. Porque a minha geração nova 10 minutos depois esqueceu a cena e a cara. É preciso fazer outra coisa. É pedir a Nossa Senhora a graça da inteligência e da detestação integral daquilo que é revolucionário. Quando nós somos inteiramente intransigentes, a intransigência transparece em nós, a combatividade se denota em nós, sem nós fazermos cena <sup>258</sup>.

Nada atrai mais do que a intransigência, que tem 2 aspectos: um é nunca dizer que o bem é mal e que o mal é bem; e outro é chegar para o mau e dizer: "você não vale dois caracóis", mostrando até onde vai o mal.

O primeiro grau de intransigência deve se ter sempre, por toda parte, com todo mundo. Agir de outro modo é apostasia.

Quanto ao segundo grau, deve se sempre estar interiormente disposto a combater e agredir [o revolucionário] a qualquer momento, mas [isto] não significa que [a gente] agrida sempre. É preciso analisar, conforme as regras e os princípios RCR, o que vale mais a pena, se o ataque frontal, se modalidades menos diretas, etc. <sup>259</sup>

A radicalidade é, em si mesma, a que consegue entusiasmar, a que consegue atrair. Isto [significa], não que quem é radical certamente atrai muita gente; mas que o que pode ser atraído a favor da CR, o será pela radicalidade <sup>260</sup>.

Há na verdade e no bem um quê por onde, dizendo as coisas como são, e sendo como se deve ser, os outros podem rir, podem caçar; entretanto, no fundo, o remorso se lhes instala na alma e eles nos entendem.

Quando temos a coragem de proclamar as nossas idéias, podemos ser caluniados; incompreendidos nunca. É preciso ter coragem. Sem ela não se consegue nada. Quando um colaborador da Congregação se apresenta claramente, corajosamente como tal, e revida ao ataque do adversário, se impõe ao respeito.

Para não recorrer a noções sobrenaturais, mas falar apenas das naturais, [isto tem a seguinte razão]: todo homem ama a perfeição daquilo que é próprio a ele. Se um relojoeiro conhecer um relojoeiro perfeito, ele o admira. Se um engraxate conhecer um engraxate perfeito, ele o admira. Se um sábio conhecer um sábio perfeito, ele o admira. O homem admira o homem perfeito. E o homem perfeito só é verdadeiramente perfeito quando é inteiramente varonil.

<sup>257</sup> Reunião do 19/2/72, X Sefac (RN 381)

<sup>258</sup> Simpósio Curitiba, 28/10/69 (RN 438)

<sup>259</sup> Diretório para ação de nossos jovens colaboradores em seus colégios

<sup>260</sup> MNF 11/6/92

Homem tímido, inibido, medroso, covarde, não é homem perfeito. Todos nós, quando vemos um homem que a favor de sua posição luta corajosamente até o fim, o respeitamos.

A opinião pública gosta de ser enfrentada, de ser domada, é uma fera singular que foi feita para apanhar. E quando vê que se vai em cima dela com destemor, ela se encanta.

A Congregação tem uma verdadeira epopéia de heroísmo realizado. Os senhores coletivamente são de uma coragem de cruzados medievais. Mas eu quero que sejam individualmente o que são coletivamente. Juntos puxamos o bigode de um leão; sozinhos ficamos perplexos diante de um gato. Somos ótimos guerreiros; sabemos ser, no sentido psicológico da opinião pública, ótimos guerrilheiros. Façamos a guerrilha doutrinária individual nos nossos ambientes. Tem o mesmo efeito do que a guerra coletiva: falemos, brademos, urremos! essa gente se curva.

Há uma expressão que diz que o sangue dos mártires é semente de cristãos. O homem que recebe uma afronta por amor a Na. Sra., não arreda pé e continua de cabeça erguida, freqüentemente vale mais do que aquele que derrama o seu sangue. É isso que eu quero e é isso que Na. Sra. pede. Nosso proselitismo individual deve ver assim <sup>261</sup>.

#### d. O receio de se engajar numa instituição que não tem garra. Papel do mostruário na destruição desse mito

Uma outra objeção que se apresenta ao jovem que se aproxima da Congregação é a seguinte: "essa entidade congrega um punhadinho de gente com idéias completamente diferentes das dominantes, sem nenhuma possibilidade de se impor. Aderindo, a gente engancha-se num partido a priori destinado à derrota. Essas idéias no dia de hoje não tem nenhuma capacidade de serem recebidas pelo público, por algum velho talvez, mas pela juventude de nenhum modo".

Esta objeção rebate-se apenas com fatos e não com parlapatices.

[Neste sentido] é enorme o proveito que se pode tirar, para recrutamento no curso secundário e universitário, de mostruários bem feitos, colocando em evidência o que é a Congregação <sup>262</sup>, nossa saga, nossa gesta, porque revelam aos rapazes possibilidades da Congregação que só no contato pessoal com os militantes não podem vislumbrar <sup>263</sup>.

Eu teria muito empenho de que em todos os grupos --sob a responsabilidade e propulsão de um membro da Comissão de Expansão em cada cidade-- se colocasse um mostruário, não num lugar de passagem, mas num lugar da sede onde a pessoa tivesse um pouco de tentação de estar, de ficar e que pudesse então folhear, ler, etc. Passa-se muitas vezes por lá, olha-se muitas vezes aquilo e firma-se na atenção.

Bom, o mostruário deveria [apresentar]:

- a imensidade da Congregação no Brasil e no Exterior <sup>264</sup>;
- fotografias das sedes dos EEUU e dos grupos do Exterior, a francesadinha fazendo campanha diante de Notre Dame, essas coisas assim <sup>265</sup>;
- estatísticas do número de sedes [no Brasil], especificando as residências sociais, etc.;
- fotografias e estatísticas de todas as sedes [no Brasil], especificando as residências sociais, etc.; as pensões que a Congregação mantém para universitários, os restaurantes, os ambulatórios médicos em São Paulo e no Rio de Janeiro, "as pessoas que dirigem os ambulatórios são tais e tais";
- mapas do serviço de malotes que vão para todos os lugares;
- a coleção de todos os livros e jornais do Movimento em suas várias edições, [bem como dados a respeito de sua] saída enorme;
- coleções bonitas, encadernadas de [nossa revista];
- mapas com todos os lugares onde [nossa revista] tem agências, representantes e assinantes no Brasil;
- jornais conexos conosco que se publicam no [Exterior] e os últimos números de várias revistas afins com as nossas;
- as nossas grandes campanhas, todas vitoriosas;
- fotografia bem tirada da coleção completa encadernada das 209.000 assinaturas de nossa interpelação à Ação Católica;
- a fotografia daquele abaixo-assinado de bispos para o Concílio, [porque] prova que 250 e tantos bispos pensam de acordo com as teses da RCR;
- as cartas de Mons. Staffa e do Cardeal Montini, o prefácio de Mons. Carboni à RCR <sup>266</sup>;
- xerox do "New York Times" grande, talvez com tradução ao lado, para poderem ver, explicando que é o maior jornal do mundo, tira-se tantas páginas e que se ocupa da Congregação, etc. <sup>267</sup>;

<sup>261</sup> Simpósio de Curitiba, outubro de 1969, III Reunião

<sup>262</sup> Diretório para ação de nossos jovens colaboradores em seus colégios

<sup>263</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 18/12/78

<sup>264</sup> Diretório para ação de nossos jovens colaboradores em seus colégios e Reunião da Noite 2/9/64

<sup>265</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 18/12/78

<sup>266</sup> Diretório para ação de nossos jovens colaboradores em seus colégios e Reunião da Noite 2/9/64



- [a presença de inúmeros] moços;
- fotografias do nosso último Congresso de Serra Negra.

Tudo isso, apresentado em conjunto, aturde a pessoa, que não imaginava encontrar [tanto]. É uma coisa que intuitivamente faz bem à cabeça, porque não é qualquer [instituição] que apresenta um [tal] acerbo de obras.

Assim, aquela objeção de que a Congregação não vai adiante, não agarra ninguém, não segura ninguém, fica insustentável --pois é exatamente o contrário que se dá: a Congregação está numa franca e inesperada expansão. Isso quebra a idéia de que nós somos um grupinho que não tem engrenagem com o público --pelo contrário, um grupo que levanta uma coisa dessas tem "emprise" sobre o público. E sem que a gente esteja obrigado a dizer: "olha, note tal coisa, eu vou te contar". Não, isso entra por osmose e entrando por osmose é muito mais eficaz do que a gente dizendo para cada um <sup>268</sup>.

Tudo isso é uma afirmação de prestígio, de poder, que entra pelos olhos e que impressiona. Constitui uma espécie de brasão de honra do Grupo, que daria peso e que atrairia mais do que móveis luxuosos ou ambiente bonito, porque daria a prova do vigor da organização <sup>269</sup>.

[Então], um rapaz de Taquarembó entra na sede, [olha aquilo] e percebe que entra em contato, vejam bem, não com um mundo humanamente mais importante não, mas com um mundo mythico que varou todos os obstáculos e chegou a essa plenitude. Isto dá certeza ao [rapaz] de que ele está engajado num bólido que vai para frente <sup>270</sup>.

Agora, mais vale ter um mostruário concreto, palpável, realizado, bom, sem ser lindo, do que um mostruário lindo, o mais completo possível e que demora um ano e mais para ficar pronto. Um mostruário concreto é o que há de mais urgente <sup>271</sup>. O material fotográfico [deve ser] variado, abundante <sup>272</sup>.

### 3. Outros obstáculos

Na ordem da persuasão:

a) A indiferença a todos os problemas doutrinários, o desinteresse por tudo quanto não seja questãozinha pessoal no âmbito palpável e imediato da vida de cada um.

É preciso provar que essa posição, que muitos adotam como natural, é profundamente errada.

b) Os mil erros doutrinários que saturam o ambiente e que de um ou doutro modo penetram na imensa maioria das mentes, quer sob a forma de dúvidas, quer de convicções erradas.

[Na ordem da inclinação da vontade]:

Os mil atrativos opostos à nossa vocação:

- Atrativos ilícitos (são milhões, pecados de toda ordem)
- Atrativos lícitos de uma vida de comodismo egoístico dentro da "virtude".

### 4. Vias para atrair e aproximar alguém: o raciocínio e a simpatia

Em tese, há 2 meios para persuadir alguém:

Um é o raciocínio: pelo puro raciocínio a gente mostra que aquilo é direito, é verdadeiro; a pessoa se convence e adere.

Outro é a simpatia. Os Srs. sabem bem como o problema da simpatia é importante para nós brasileiros. A gente obtém a simpatia da pessoa não para nós, mas para a Causa; e obtendo a simpatia da pessoa, facilita a convicção doutrinária depois. A gente abre as vias para o raciocínio por meio da simpatia, faz aderir em alguns pontos, faz intuir que aquilo que nós queremos é verdadeiro, e depois persuade a pessoa.

Eu dou exemplos de uma coisa e doutra:

Eu chego diante de um indivíduo e digo a ele o seguinte:

1ro. ponto: a Igreja Católica é a mestra de toda verdade e de todo ordem.

2do. ponto: seus ensinamentos, por isto mesmo, dão a um país toda a prosperidade, toda a grandeza, todo o bem-estar.

<sup>267</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 18/12/78

<sup>268</sup> Diretório para ação de nossos jovens colaboradores em seus colégios e Reunião da Noite 2/9/64

<sup>269</sup> Reunião da Noite, 2/9/64

<sup>270</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 18/12/78

<sup>271</sup> Diretório para ação de nossos jovens colaboradores em seus colégios

<sup>272</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 18/12/78

3ro. ponto: sobretudo ajudam as almas a se santificar, a conquistar o céu, a evitar o inferno.

Ora, esses ensinamentos estão continuamente violados nos dias de hoje. O comunismo estimula a negação mais radical desses ensinamentos. Os socialistas, demo-cristãos e progressistas não são senão agentes do comunismo. Nós somos colocados diante de uma colossal ofensiva organizada do caos, do mal e da desordem. Nós precisamos fazer a ofensiva do bem, da verdade, da ordem.

Ora, só quem faz isto adequadamente no meio civil, em termos de doutrina católica, é a Congregação. Ela não só o faz, mas o faz esplendidamente. Olha aqui os resultados obtidos. Logo, entre para a Congregação.

Tudo aí é racional. Os argumentos se vão desenvolvendo com a ordem e a cadência de uma formação militar em passo de parada.

No outro modo a gente olha mais a psicologia do indivíduo. Vê que é um indivíduo direito, sério, com algumas boas tendências, meio posto de lado pelos outros, e que fica com nó subconsciente contra os líderes subversivos da classe.

A gente se aproxima perto dele quando ele está encostado na parede, sozinho, ou quando ele está jururu, olhando assim. A gente dá um sorrizinho para ele: "como vai você? está bom?", etc. A certa altura passa um [dos líderes revolucionários da classe], a gente diz: "mas que cavalão, hein!" O rapaz, que tem aquela raivinha daquele sujeito, diz: "mas, realmente é um cavalão, nem tinha pensado nisso, é um cavalão mesmo".

A gente diz: "pois é, um tipo assim que coisa esquisita, esse pessoal aqui, na nossa classe, faz algumas coisas que chocam um pouco a gente, não acha?" E pega alguma coisa que já tenha chocado a ele. Por exemplo um berreiro que fazem ou qualquer coisa assim.

Ele topa um pouquinho a parada. Aí a gente desenvolve um pouco mais: "podia ser diferente, não? nós dois não somos assim, a gente vê que somos uma fraternosa, uma ..."

Um passo para frente. Ele fica simpatizando com a gente, fica achando que ele ficaria contente de concordar conosco em alguns pontos.

Bem, mais adiante, faz um elogiozinho para ele: "mas como você percebe bem isso! com que lucidez você acompanha isso! eu gosto de ver!" Há gente que passa 1 ano, 2 anos sem ouvir uma palavra de elogio, de estímulo. A gente não deve fazer um elogio insincero --seria maquiavelismo--, mas um elogio sincero, diplomático.

Daqui ha pouquinho a gente captou o que Santo Inácio de Loyola chamava muito expressivamente "captatio benevolentiae", a captação da benevolência do sujeito, do bem querer do sujeito.

Depois disto a gente toca um pouco mais para adiante e diz: "você sabe, um ambiente onde você se daria muito bem é o ambiente que eu frequento", etc.

Já um pouco mais adiante: "é da Congregação, tem rapazes formidáveis, que seriam muito bons amigos para você". Resolver um problema pessoal dele. "Seria interessante um dia vermos..."

Depois, ao cabo de algum tempo, ele está pronto para compreender melhor o raciocínio doutrinário pelo qual depois ele aderiria a nós. Então não seria quase preciso insistir sobre doutrina. Ele acabaria descobrindo. Para as almas predispostas assim, a verdade quase que se apresenta por si mesma, não precisa toda essa montagem piramidal que eu dei no começo para convencer.

[Isso feito, é preciso] fazer o indivíduo deixar uma série de idéias erradas que ele tem e aderir assim às idéias verdadeiras de que os Srs. são os porta-vozes <sup>273</sup>.

## 5. Como apresentar a Congregação?

Agora, como devemos agir para apresentar o ultramontanismo?

Aqui podemos estabelecer um princípio: o ultramontanismo é um fogo contagioso, que passa de uma alma para outra, desde que seja exposto com alma, com ardor, de modo total, em sua plenitude.

Mas não somos nós que conseguimos esse contágio. Trata-se da força da verdade e da graça.

Quer dizer, uma vez que se trata de difundir a doutrina católica em sua plenitude, há uma graça especial ligada ao apostolado, desde que ele seja feito como deve. De modo que, sempre que fazemos apostolado, o Espírito Santo simultaneamente toca a alma, dispondo-a para receber aquela graça que está sendo dada.

Por isso o ultramontanismo é um fogo contagioso.

Entretanto, devemos dizer as verdades sem [açodação], esperando um momento oportuno. O que queremos fazer é uma obra, não nossa, mas de Deus, que não precisa de nervos ou [açodações] para ser feita. Devemos ter a paciência de saber esperar um momento para dizer as verdades <sup>274</sup>.

<sup>273</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 11/1/72 (ER 136)

<sup>274</sup> Texto sem data 26, título originário "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes" (RN 132)

\*

No momento de vocês contar alguma coisa [aos apostolados, seria bom que] deixassem transparecer como é a vida de vocês, apresentando a vida da Congregação como uma aventura, um conto, de maneira que [os apostolados] tivessem esperança --quão verdadeira-- de entrarem dentro do legendário entrando na Congregação e de ver na Congregação uma alternativa para a vida de todos os dias<sup>275</sup>.

\*

A gente nota que [os enjolrras] ficam achando que nada tem sentido, ficam jogados, muito sem rumo. O que não chega a constituir uma tragédia para eles. No entanto, é do contrário do [caos daí fora] que no fundo eles gostam na Congregação.

Não quero dizer que eles possuam a idéia de uma ordem do universo como ela é, a partir de Deus, etc. Mas eu pergunto se não ruma para aí o tema que mais os atrai. [Porque] é fora de dúvida que a era da psicologia em boa parte passou.

E para efeito de apostolado é preciso ter um pragmatismo absoluto: o que for interessando vai se dando.

Pode ser que (o que mais atrai seja uma confiança pessoal no Profetismo da Congregação). Eles verem uma pessoa que, enquanto sendo muito católica, pela graça de Nossa Senhora, é inteiramente ordenada, que funda um movimento em que as pessoas dão exemplos insignes de ordem, e que entra em choque com a desordem aí de fora, dá a eles uma certa idéia da ordem do universo<sup>276</sup>.

## 6. Como tocar o apostolado de atração e aproximação?

### a. É preciso proceder de "proche en proche"

Muitas vezes conhecemos pessoas que não são inteiramente católicas. Não negam a religião católica, pois se dizem católicas, mas há nelas algum traço de alma no qual o espírito católico vive de um modo especial.

É o caso de um determinado rapaz, católico mais ou menos como todo mundo, mas que tem muito pudor, é muito exigente, muito idealista no que diz respeito à pureza e que se agrada em ver gente pura.

Isso forma um traço de união de almas, que se deve usar mostrando a ele que quem ama tanto a castidade e a pureza deve amar também muitas outras virtudes, intimamente conexas com a pureza. Por exemplo, quem é puro ama ter as coisas em ordem; quem é impuro ama a desordem. O rapaz puro deve desenvolver também o senso da ordem, do bom gosto, das maneiras delicadas, amáveis, o senso do heroísmo, o senso do combate.

Ao desenvolver tudo isso, se faz com que desse tronco, que é o amor à pureza, brotem os outros galhos. Essas virtudes são mais ou menos ligadas à pureza, e a partir dela se desenvolvem as outras<sup>277</sup>.

\*

Em princípio, não se deve começar o proselitismo individual entrando diretamente em certos assuntos<sup>278</sup>.

Os senhores procurem mostrar-se sérios, conhecedores da tradição e da Civilização Cristã, entusiasmados com todos os aspectos sublimes da Igreja Católica.

Aos poucos vão fazendo que [os apostolados] vão compreendendo essas coisas e vão admirando também. A Providência fará o resto.

Os senhores devem começar então a fazê-los rezar gradualmente. A primeiríssima coisa é [dar] uma medalha milagrosa de Nossa Senhora das Graças. Depois, [dar] de presente um terço, [ensinar] como rezar o terço. Não se deve levar o sujeito para dentro da piedade pelo pescoço. Devemos criar condições para que ele queira ser piedoso. Dá-se algum conselho. Se o sujeito é meio lento, se faz alguma insistência. Às vezes é bom fazer uma insistência, mas sempre com propósito<sup>279</sup>.

<sup>275</sup> Eremo Nossa Senhora do Bom Sucesso, 2/5/77

<sup>276</sup> Texto sem data 25, título original "Variações no problema das 3 vertentes"

<sup>277</sup> SD 5/8/89

<sup>278</sup> Diretório para a ação de nossos jovens colaboradores em seus colégios (ER 132)

<sup>279</sup> SD 21/3/87

### **b. É preciso proceder em função dos pontos-chaves da psicologia do apostolando**

A gente não pode fazer apostolado do seguinte modo: encontra um colega que tem vários defeitos e diz para ele: "não se mente, não se rouba, não se peca contra a castidade". Seria ineficaz.

Diante de um indivíduo que tem vários defeitos eu não devo repreender todos os defeitos logo de cara indistintamente. Devo começar por uns para atingir outros. Porque a doutrina católica ensina que a psicologia dos homens é organizada à maneira de uma pirâmide: [nossas qualidades e] nossos defeitos estão sujeitos a uma hierarquia; temos certas qualidades mestras em torno das quais nossas qualidades se desenvolvem, bem como certos defeitos capitais, que se forem resolvidos suprimem todos nossos outros defeitos.

Portanto, se quero fazer apostolado junto a um amigo ou um parente, etc., a primeira coisa que tenho que fazer é saber qual é, no fundo dessa alma, o defeito capital, a qualidade [mestra] e quais os lados por onde ela pode ser chamada a realizar algo de nobre, católico, bom.

[Quer dizer, a gente] toma uma alma como quem toma uma fortaleza: ocupando posições fundamentais e depois agindo no sentido de verdadeiramente levar essa alma para o bem.

\*

No apostolado social acontece o mesmo. Porque cada ambiente humano, cada nação, cada povo, também tem determinados valores e determinados defeitos que o dominam completamente. Corrigido esse defeito, corrige-se o ambiente.

\*

Existe apenas um vício capital em cada indivíduo? Existe um pelo menos. Mas havendo 2 ou 3, o normal é que esses 2 ou 3 se entrelacem de tal maneira que vencido um, talvez os outros estejam quase liquidados. Porque há uma certa unidade no egoísmo humano contraposto a Deus.

O vício dos vícios, que é propriamente a razão de todo pecado, é o homem não se habituar a fazer coisas desagradáveis. Para ele vencer um vício precisa ter o hábito de fazer coisas desagradáveis, esse hábito é a arma de guerra que nos habilita para todo o resto. Se formos capazes de impor à nossa pessoa uma coisa desagradável, aí temos a matéria para o domínio de todo o resto<sup>280</sup>.

### **c. É preciso proceder em função da vertente do apostolando**

No apostolado a Congregação abre diante dos olhos [do rapaz um] horizonte muito amplo, muito largo. E esse horizonte lhe interessa mais por algum ponto.

O apóstolo deve descobrir qual é a vertente do apostolando novo, para saber levá-lo por aí. Porque não há coisa mais errada do que uma pessoa levar um indivíduo para uma coisa para a qual ele não está sendo chamado pela Providência.

Como é que se nota que um indivíduo tem [tal vertente]? É pondo na sede uma porção de coisas sobre tudo: uma capela muito bonita, relíquias, livros com vidas de santos, coisas históricas, coisas das 3 Revoluções, coisas psicológicas e vendo para o que ele se interessa mais.

Não é portanto impor à pessoa um caminho que a gente quer, mas é oferecer vários caminhos. O que ele seguir é o que a graça está pedindo na alma dele. É uma atitude portanto de muito respeito ao movimento da alma de cada um<sup>281</sup>.

Agora, aqui precisamos tomar muito cuidado para não nos deixarmos conduzir pela nossa própria vertente. Por exemplo, um [apóstolo] é da vertente religiosa, vai conversar com um rapaz e percebe que o rapaz na vertente religiosa é 100%. Não é por isso que vai achar que o rapaz é ultramontanável. Talvez ele já tenha tomado uma posição errada nas [outras] vertentes. É preciso, portanto, nos colocarmos sob o ponto de vista do ultramontanismo pleno e não nos deixarmos levar por nossa própria vertente.

\*

<sup>280</sup> Texto sem data 31 (RN 75)

<sup>281</sup> SD 11/4/87

Verificada [qual é a vertente do rapaz, aparece o seguinte] problema: como chegar á plenitude da vertente a que ele pertence?<sup>282</sup>

É preciso ir dando de acordo com o que a pessoa goste. Quer dizer, na própria tendência.

E portanto nós não devemos fazer assim: "Eu gosto de tal coisa assim e portanto eu vou comentar com ele porque me distraio". Isto é uma bobagem porque eu não estou falando para mim, eu estou falando para ele.

A gente para isto precisa deixar que o apostolando fale, a gente não deve parlapatar longamente para ele coisas, fazer conferencinhas em que a gente aparece, de maneira que ele acabe dizendo: "o senhor fulano é culto". Isto é vaidade, não vale nada. Eu não faço questão nenhuma que ele me ache culto, eu faço questão que ele ame a Deus. Eu devo consultar as vias de Deus, eu bem pouco importo no caso.

Então, a gente deve ver o que é que o enjolrras gosta mais. Porque o que gosta mais é um apetite da alma dele.

Quando a gente está oferecendo um jantar, a gente não põe a comida no prato do sujeito e diz: "olha aqui, isto aqui é muito gostoso, agora coma". A gente manda o garçom passar com vários pratos e várias vezes, de maneira tal que o convidado escolha o prato que prefere, e na hora de servir o dono da casa ou a dona da casa finge que não percebe que ele está escolhendo, para deixá-lo inteiramente à vontade para escolher. Assim faz o apostolo: ele oferece várias coisas para ver, sob a forma de uma conversa, etc., deixa o indivíduo escolher o que ele quer, e procura fazer com que ele faça perguntas.

É mais ou menos a comparação com culinária: quando o indivíduo é um bom cozinheiro, quem come o prato que ele fez pede mais um pouco; quando o cozinheiro é vagabundo, o sujeito come um pouco e diz: "homem, já não agüento, eu não vejo a hora de sair daqui". Assim também, quem sabe apresentar bem um assunto, deixa, porque provocou no outro a fome do assunto. Aquele que vai engurgitar o outro com assunto, deixa náusea. Não se deve fazer isto<sup>283</sup>.

Digamos que o rapaz tenha horror à Revolução Francesa. Devemos mostrar a ele que só no ultramontanismo a vertente dele atinge sua plenitude; isto é, que para ele ter as idéias dele levadas até suas últimas conseqüências, ele deve ser ultramontano. [Então], se ele é político-socialmente ultramontano, devemos mostrar que nesse campo somos mais ainda do que ele.

Daí a seguinte conseqüência para nossa vida espiritual: é que se de fato nós não formos mais ultramontanos do que ele, mesmo na vertente dele, nós teremos nosso apostolado altamente prejudicado.

\*

Agora, o que devemos fazer para que ele atinja a plenitude do ultramontanismo nas outras vertentes? A técnica errada, para esse rapaz que compreende a Revolução Francesa, seria a seguinte: depois de ter martelado a Revolução Francesa e que a coisa está madura para eu entrar na vertente religiosa, eu começo a tratar dos problemas religiosos por meio de raciocínios que não tem relação nenhuma com a vertente político-social.

Não se trata de [fazer] considerações paralelas, de ordem diferente, que a gente começa a introduzir num determinado momento. Mas se trata de um trabalho de explicitação e de dedução único, que vai subindo sempre mais, para alturas mais arejadas.

Portanto, considerando a própria Revolução Francesa, eu posso chegar a provar a ele que ele precisa comungar freqüentemente. Por que? porque uma vez que a luz primordial dele vai nesse sentido, se eu não encaixar todo o resto nessa luz primordial, estarei correndo perigo de perder o meu tempo e perder aquela alma. A luz dele vai nessa direção e ele só compreende bem um problema quando esse problema é colocado debaixo do foco dessa luz<sup>284</sup>.

[Quer dizer, o apostolando] caminha por [determinada] via para se tornar cada vez mais fervoroso. Aí compreende as duas outras vertentes, fica integrado naquilo. [Porque] qualquer um que progrida bem numa das vertentes, adquire as duas outras<sup>285</sup>.

\*

[Como proceder com] um apostolando que, por exemplo, não se interessa pela política internacional?

Nós não podemos atraí-lo com aquilo de que ele não quer saber. Temos que conversar com ele sobre os temas que são nossos, mas que possam interessar a ele.

E logo que ele toma uma certa estabilidade, devemos ir abrindo o espírito dele pelo interesse pela política internacional, porque o membro da Congregação se interessa pela RCR, e a RCR não se dá só aqui no bairro, dá-se em escala mundial<sup>286</sup>.

<sup>282</sup> Texto sem data 26, título originário "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes" (RN 132)

<sup>283</sup> SD 11/4/87

<sup>284</sup> Texto sem data 26, título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"

<sup>285</sup> SD 11/4/87

\*

Que fazer quando o rapaz não muda e não foi possível levá-lo para as outras vertentes?

Temos 2 casos a considerar: a) ele fica na sua vertente, mas negando as outras; b) ele fica na sua vertente, mas sem negar as outras.

[O rapaz do primeiro caso] simplesmente ele deixou de ser ultramontanável. Por um motivo de higiene interna do Grupo, para a minha própria perseverança e aperfeiçoamento no ultramontanismo, devo ter a coragem de abandoná-lo (cfr. Segunda Parte, II, D,5, Conceituação e características do ultramontanável, sua posição perante o ultramontanismo).

[O rapaz do segundo caso] não é ultramontano pleno, mas nele há filões de ultramontanismo pleno. Ele pode não ter correspondido plenamente à graça, pode ser um fraco, pode ter mentalidade estreita, mas é uma pessoa com a qual eu ainda posso colaborar. É possível até mesmo que ele pertença a um grupo, será um elemento secundário no grupo, nunca poderá ser uma força viva ali dentro, mas ele pode continuar a trabalhar <sup>287</sup>.

## 7. Erros a evitar: megalice, apropriação, falta de seriedade, "sopleteo", apresentações doutrinárias à margem da psicologia

Eu previno muito contra os seguintes erros:

a) "Tal rapaz assim, que quero atrair, vai querer saber o que é que eu sou e o que é que eu valho; então preciso dar uma boa impressão para ele. Preciso ser verboso, estar bem vestido, preciso ter prestígio pessoal aos olhos dele". Resultado: começa a megalhar em vez de fazer apostolado <sup>288</sup>.

Os senhores nunca se comparem com seu apostolando. Não há homem que se comparando não fica com certa rivalidade e no fundo fica se achando muito superior. O apostolando nota quando o apóstolo está se achando superior. Isto afasta. Porque ninguém gosta de sentir que o outro está se julgando superior. Então a gente não deve fazer.

Isto vai tão longe que a Igreja, que tem a [tarefa], dada por NSJC, de evangelizar todos os povos, recomenda aos missionários --muitas vezes formados em grandes universidades da Europa-- nunca tomar uma atitude de quem está achando "como o meu país é diferente e melhor! como eu sou mais do que esta gente!"

b) É totalmente errado cada um considerar que aquele que levou para a Congregação é uma espécie de conquista pessoal dele. Porque nós não conquistamos ninguém para nós, nós conquistamos para o Senhor de todas as coisas visíveis e invisíveis, [que] é Deus. Se nós servimos de instrumentos de Deus para levar aquilo que é de Deus, está tudo pronto, seja por nosso intermédio, seja por outro, a mim não me importa, a mim me importa que tal alma se salve. E ela se salvará pelo caminho que Deus pôs para ela <sup>289</sup>.

c) Contar piadas para atrair gente, é baixa de nível, porque não é a porta por onde se entra <sup>290</sup>.

É preciso não brincar, porque o apostolado de vocês será fecundo na medida em que Na. Sra. se utilizar de vocês para chamar, e Nossa Senhora não utiliza brincalhões <sup>291</sup>.

A substância do apostolado é incutir confiança para atrair as pessoas a Nossa Senhora. Agora, confiança como é que os senhores vão conseguir? Vocês vão conseguir sendo sérios.

[Imaginem os senhores que, de um lado estão perante o campeão na brincadeira, e doutro lado estão perante] um rapaz de maneiras afáveis, gentil, bem disposto, alegre, mas nunca brinca, é um homem sério. Os senhores são levados a confiar [em qual dos dois?]

Portanto, os senhores não devem brincar entre si, não devem brincar com os outros, não devem brincar com os rapazes que fazem apostolado.

Eu desenvolvi um apostolado relativamente bem sucedido, nunca brincando. Eu poderei durante a reunião dizer um dito, mas nunca é um gracejo no sentido próprio da palavra. E eu gostaria que nosso ambiente fosse tal que nem esse dito mais ou menos engraçado eu fosse obrigado a dizer.

Em princípio [dizer] uma coisa engraçada para responder a um sujeito que está debicando de nossas coisas, é uma coisa boa e às vezes é o único jeito. Porque em certas situações, se a gente vai responder a um debique com um raciocínio muito sério, muito solene, etc., a gente se expõe a outro debique. Mas é uma coisa a ser usada raramente, quando não há outro meio senão esse.

<sup>286</sup> Reunião do 15/2/74 (ER 142)

<sup>287</sup> Texto sem data 26, título original "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"

<sup>288</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

<sup>289</sup> SD 11/4/87

<sup>290</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

<sup>291</sup> Palavrinha 22/5/88 (RN 682)

[Mas notem que] há um risco. Se os senhores forem se habilitar a responder uma coisa engraçada apenas de vez em quando, os senhores começam a excogitar o que que responderão de vez em quando. E os senhores começarão a preparar uma porção de respostas engraçadas, em vez de preparar as respostas sérias (\*). E com o hábito que os senhores tem de brincar, se a gente vai conceder que os senhores preparem uma coisa enorme de contra-brincadeira, os senhores passam da conta. Quase todos os senhores todos estão meio viciados em brincadeira. Se os senhores vão se habituar a responder de vez em quando uma brincadeira, [procedem] como o fumante que largou de fumar e põe um cigarro na boca: ele logo depois compra uma carteira de cigarro e fuma todo.

-----  
 (\*) Muitas vezes os senhores brincam porque não tem o argumento sério para dar. Isto é uma das piores coisas da brincadeira. É que a pessoa pretende trocar a brincadeira pelo estudo, pela argumentação séria. Resultado: o apostolado fica vazio, porque o apostolado é a transmissão de um argumento, de uma tese <sup>292</sup>.  
 -----

d) Tenho a impressão de que algumas coisas do volume II [dos Torrões] são próprias a entusiasmar aqueles que avançam atraídos pelo esplendor da Congregação. Essas coisas são igualmente úteis para a fixação. Mas há algumas coisas úteis para a fixação que não são igualmente úteis para o recrutamento.

O que é que são? São coisas que são tão puxadas que a pessoa não compreende logo pela primeira vez. Há lá uma história que, não sei bem que pessoas, por fervor, bebiam da água do banho de um santo. Eu acho muito bonito, mas é uma coisa que choca <sup>293</sup>.

e) Outra dificuldade que se tem no proselitismo decorre do fato de se procurar fazer com um moço um trabalho que se poderia qualificar de lógico e não de psicológico.

Procura-se dar uma série de idéias --o que é louvável--, mas não se tem a preocupação de proporcionar inteiramente as idéias à capacidade de compreensão dele. A gente não se pergunta o que é que o outro está com vontade de ouvir naquela hora. Muitas vezes o proselitismo fracassa porque se faz o outro ouvir aquilo que nós estamos com vontade de dizer. E às vezes [o apóstolo] trata somente dos assuntos que conhece bem para ter prestígio junto ao prosélito. Dessa idéia de se prestigiar, à pretensão, há um milésimo de milímetro de distância.

Não é este o modo correto de agir, mas deve-se perguntar o que faz [bem] aos outros ouvir, estando na obrigação de saber falar a respeito.

As mesmas doutrinas tem que ser apresentadas no momento psicológico oportuno, de forma oportuna.

Às vezes faz-se uma apresentação doutrinária quase exclusivamente científica. É verdade que a Congregação forma os jovens militantes para um proselitismo feito com base ideológica, sem a qual se torna vazio. Mas daí a dizer que basta a doutrina, é muito diferente.

Recomenda-se [então] uma atenção especialíssima para os aspectos psicológicos do proselitismo, que dotarão os colaboradores de elementos eficazes para conseguirmos vitórias cada vez maiores. Não é apenas o argumento lógico que importa, mas sobretudo o psicológico.

Além disso, é preciso lembrar que, à medida que se vai expondo as doutrinas, vai se pedindo sacrifícios implícitos, levantando-se dificuldades temperamentais como estas: "papai não pensa assim", "titio vai rir de mim", "tal padre, que minha família tem por santo, já disse uma coisa diferente disso", "meus colegas vão debochar de mim", etc.

O rapaz vai sendo solicitado para uma série de sacrifícios, e se o propagandista prossegue deitando a catarata de sua sabedoria sobre ele, [e não] trata de lhe dar as razões para o moverem a esse sacrifício, o proselitismo fracassa.

Essas razões são, entre outras, as seguintes: "muitos pensam assim, portanto você não estará só", "você terá oportunidade de atrair muitos para nossa Causa", "Nossa Senhora vai abençoá-lo", "recorra aos Sacramentos", "recorra à oração", etc. <sup>294</sup>

## D. Conversão

### 1. Enormidade da **ruptura com o mundo** e do pulo que dá quem está fora do Grupo e entra para o Grupo

A pessoa entra para a nossa vocação em geral com uma enorme ruptura com o mundo. Para entrar pela pradaria bendita da CR foi preciso uma ruptura profunda (\*) e às vezes trágica.

-----  
<sup>292</sup> Reunião para Eremo São Paulo Apóstolo, sem data 2, ER 128

<sup>293</sup> Reunião do 27/7/84

<sup>294</sup> Diretório para a ação de nossos jovens colaboradores em seus colégios (ER 132-133)

(\* **Se a ruptura é completa, traz a paz. Se ela não é completa, ela deixa uma inquietação constante.** Se a pessoa fica entre os limites do bem e do mal, com um pé no bem e outro pé no mal, constantemente hesitando, a pessoa de vez em quando tem que fazer um esforço enorme para não cair no mal. E se de vez em quando tem que fazer um esforço enorme para não cair no mal, uma vez ou outra cai. Porque uma pessoa que não teve coragem de romper inteiramente com aquilo com que estava ligado, não terá coragem de fazer sempre o esforço heróico contra a tentação renascente que ela mesma alimentou <sup>295</sup>.

-----

Quem faz a trajetória da condição de quem está de fora do Grupo e nunca conheceu o Grupo, para a condição de quem está dentro do Grupo, faz uma das maiores viagens que a pessoa possa imaginar.

Porque o espírito viaja entre dois opostos: o mundo da R, no qual vivemos hoje, e o mundo da CR, para o qual nós tendemos como sendo o nosso futuro.

As pessoas que caminham deste presente, para esse futuro carregado de aroma de passado, em certo sentido dão um pulo muito para frente, num outro sentido dão um pulo muito para atrás. Porque o Reino de Maria tem que ser de algum modo uma renovação, um contato com aquilo que se rompeu por ocasião da I Revolução, e de outro modo tem que ser o contrário do que é o mundo de hoje.

Esse passado e esse futuro são como dois pólos elétricos que não se tocam entre si e dos quais a Congregação é o arco voltaico.

Os senhores já devem ter visto nos trilhos de estrada de ferro, uns homens trabalhando para soldar, com uma espécie de máscara, com um vidro de côr para impedir que o excesso de brilho da solda fira os olhos; uma ponta por onde passa uma corrente elétrica fortíssima, e não encosta no outro metal, fica a pequena distância do outro metal, mas a atração da eletricidade para com o outro metal é tão grande que ela dá um pulo pelo ar, por assim dizer por cima do vazio, para penetrar na outra ponta. Isto é a Congregação: aqui está a Idade Média, anterior ao protestantismo, ao humanismo e à renascença; e aqui está o Reino de Maria.

Quase todos os vestígios da Idade Média estão apagados sobre a face da terra, e se diria que ela está definitivamente morta, aparece um movimento, este movimento se estende já [por] 15 ou 16 nações, com a tendência a se estender por novas nações ainda. Nos países onde ele existe, ele vai deitando raízes de lá, de cá, de acolá, cada vez mais. Ele vai portanto se encorpando, mas dando um pulo sobre o vazio, que é a época de hoje, vazia de tudo aquilo que temos nostalgia, vazia de tudo aquilo que nós esperamos, porque uma época nasce de outra, mas o Reino de Maria não nascerá desta época.

Nós somos o pulo no ar, o pulo no vácuo. E esse pulo no vácuo de algum modo o enjolrras tem que dá-lo <sup>296</sup>.

## 2. A adesão é refletida. A abordagem é convertente

O abordado muitas vezes é uma abelha à procura de alvéolo. Pelo próprio contexto da decadência em que estamos, como as colmeias estão todas se derretendo, os alvéolos afundando uns nos outros e a podridão enchendo as colmeias, muita gente se sente sem alvéolo e se sente ao léu. Muitos [estão] desejosos de uma amizade séria, de uma compreensão boa, de uma estima verdadeira, de ser alguém em algum lugar e não ser um grão de areia solto ao vento pela rua.

Esse desejo de amizade é muito verdadeiro, mas [é preciso considerar que] há pilhas de meios de fazer amizade por aí.

O que que se passa para que o tipo de amizade oferecida na Congregação seja aceita? Por que é que o indivíduo adere aqui e na maior parte das vezes acaba metendo-se inteiramente na Congregação e fazendo aqui o futuro de sua vida, o caminho de sua vida?

É evidente que se trata de uma conversão, que se exprime por exemplo assim:

Eu estou tomando água. Os Srs. me vêem tomar água e percebem neste modo de tomar água um modo de ser e uma mentalidade que não são as correntes. Os Srs. não saberiam dizer o que é, mas percebem que é, e diante disto optam não por este modo de tomar água, mas por esta mentalidade, optam por este modo de ser que é um programa de vida interna: deve se ser assim e o bom seria que o mundo fosse assim.

É claro que não é só isso. São 100 coisinhas assim --é o hábito, são todos os adornos desta sala-- que tem as suas características e que falam acerca de um só feitio mental, de um só modo de mentalidade, mas tão diferente do mundo de hoje que a partir dele se define um mundo novo. E os Srs. querem esse mundo novo e não querem o mundo oposto. E os Srs. na profundidade de suas almas dizem: "aqui é a moradia para minha alma, aqui eu quero estar, aqui eu quero viver, aqui eu quero lutar".

---

<sup>295</sup> SD 16/2/85

<sup>296</sup> SD 11/4/87



Agora, os Srs. imaginem que choque teriam se de repente tocasse o telefone, viesse alguém e me trouxesse uma notícia que me fosse desagradável, eu pegasse esse copo, jogasse no chão de raiva e pisasse o copo. Um modo de ser oposto. Isso feito num escritório qualquer aí fora, num bar, paga a conta do copo e está acabado, não tem mais nada, ninguém se incomoda. Conosco seria inadmissível: "Como foi isso? Não compreendo, já não me sinto em casa". Quer dizer, essa adesão da alma ao todo de nosso modo de ser é uma adesão refletida e é uma adesão cheia de finuras e que pede uma coerência muito grande em todos os modos de ser.

Eu digo intencionalmente que ela é muito refletida e os Srs. tem todos uma mesma apetência de alma que começou a nascer antes de nos conhecerem e que veio à tona quando nos conheceram.

Os Srs. então tinham um certo apelo para isso no fundo de suas almas. Poderiam até ter se entregue pela miséria das coisas a um ideal oposto, mas de fato quando lhes tocou este ideal os Srs. abandonaram aquilo e vieram para cá. Foi o que de fato se passou com o Srs. Isso se chama uma conversão.

Agora, a abordagem é convertente. Os Srs. querendo ou não querendo, abordando fazem sentir tudo isto a quem abordam. Por mil outros pequenos imponderáveis --a gente não sabe quais são, mas existem-- os Srs. fazem sentir isto àqueles a quem abordam. E esses, se abrem a alma, dizem "sim". E o convite de ir à sede significa no fundo o seguinte: "você está vendo como eu sou? lá na sede tem uma porção de coisas como sou eu. E se você quer mais desse perfume para a sua alma, mais desse oxigênio para seus pulmões, mais dessa luz para seus olhos, vá lá".

Se ele diz "sim" a esse convite da graça, ele vai. Ele chega lá e percebe mais, ele percebe que não é só que muitos são assim, mas que é uma espécie de civilização assim dentro daquelas paredes. É um mundo assim. E que ele é convidado a entrar naquele mundo. Com mais um pouco de tempo ele percebe que aquele mundo quer conquistar outro e que ele é convidado para uma batalha.

Então, esses entram e depois aos poucos, desde o primeiro momento, vão relacionando isso com a Fé e com a Igreja. Depois aos poucos vão relacionando doutrinariamente, compreendendo segundo a razão como é que uma coisa se liga com outra, vão recebendo a sua formação. Estão militantes, batalhadores de uma idéia que enleva a sua via <sup>297</sup>.

### 3. Mas a razão determinante da adesão é o flash

Quando no Auditório São Miguel há reunião dos mais jovens, eu me coloco diante daquela massa de rapazes e me pergunto: "do que eu estou dizendo, o que que eles vão aproveitando?"

Eles acompanham e até entendem bem o que a gente diz, mas a gente tem a impressão que a razão determinante da adesão deles não é tanto aquilo que a gente está dizendo mas é mais um certo flash que eles tem enquanto a gente fala, é um imponderável por onde eles vêem um certo maravilhoso. Deu flash, aderiu. Não deu, aquilo entra por um ouvido, sai pelo outro.

Portanto o apostolado com eles tem que depender fundamentalmente de a gente, antes e durante o apostolado, rezar para Na. Sra. tomar a cada um de vocês como ocasião para este lumen fazer-se ver a eles. O mais importante nem é propriamente rezar, é ter na cabeça que, ou Na. Sra. faz, ou não sai.

Minha própria ação pessoal não daria fruto se não fosse primordialmente este flash.

É verdade que o flash sempre foi necessário para todas as gerações. Mas [antes] a gente tinha certeza que, expondo certas idéias, vinha um certo flash. E hoje expondo as idéias, a gente não tem certeza se o flash vem. No tempo [da geração nova] o flash, por assim dizer, acompanhava mais ou menos metodicamente o desenvolvimento das nossas idéias. Hoje não acompanha; o flash se produz por razões que a gente não sabe bem quais são.

E não é só a exposição das idéias. Vamos dizer por exemplo o JC. Eu percebo que há dias em que ele está menos ajudado pela graça e há outros dias em que está ajudado pela graça.

Qualquer "know-how", qualquer "savoir faire" é inútil desde que este fenômeno [não seja considerado]. Não quer dizer que os senhores façam apostolado de qualquer jeito. Façam o melhor que possam. Como por exemplo eu faço a reunião para os mais moços do Auditório São Miguel o melhor que eu posso. Isto é claro. Vou dizer mais: é certo que o flash não viria se eu não fizesse a reunião o melhor que eu possa. Mas não está nem um pouco garantido que eu fazendo o melhor que eu possa, o flash venha. Aqui está a questão <sup>298</sup>.

### 4. Processo da fixação: interesse, consonância, adesão consciente

<sup>297</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 11/11/81 (ER 216)

<sup>298</sup> Eremo Nossa Senhora do Bum Sucesso 2/5/77

Os senhores tomem um enjolrras que foi abordado, [visitou a sede], se interessou pelas reuniões, pelos quadros, pela atmosfera toda da sede, gostou, começou a freqüentar, tomou o hábito de freqüentar e ficou portanto um "habitué".

Se ele tomou o hábito de ir é porque ele gostou e se estabeleceu uma consonância. Consonante quer dizer "uma coisa soa com a outra, um som que vai com outro". Os senhores já devem ter visto isto com cristais: a gente tem um copo de cristal, bate, tem outro copo do mesmo cristal perto, o outro copo repercute o mesmo som, dá o eco. Isso é consonância: uma coisa vai com a outra.

Assim também entre o enjolrras que nós estamos falando e a Congregação: deu-se uma consonância. O que se trata na Congregação encontra eco na alma dele; mas de outro lado também, o que encontra eco na alma dele, aquilo de que ele gosta de falar interessa na Congregação. Todos os sons de alma que ele ouve dentro da Congregação lhe agradam; e de outro lado, o que ele diz, o que ele faz, o modo de ser dele agrada dentro da Congregação. Produziu-se a consonância.

Essa consonância torna o convívio agradável, atraente, e é evidentemente um fator muito grande na fixação.

O que é que é a fixação? A fixação não é a simples aquisição do hábito de freqüentar. Mas é mais. É algo por onde a pessoa fica aderente à Congregação. É quando a pessoa, além de ter consonância, compreende a razão profunda dessa consonância, e por isso adere sabendo ao que é que está aderindo. Adere com toda a sua alma, com toda a sua compreensão, porque está entendendo. [Quer dizer], a compreensão é o mais alto grau desse processo. Sem ter compreendido, aquilo não adiantou nada.

Essas várias etapas correspondem então à abordagem; à fixação; na fixação [a] um progresso até que se produza essa consonância da alma inteira com tudo quanto há dentro da Congregação; depois, além da consonância, essa [compreensão] profunda.

Essas várias etapas estão na natureza humana. São etapas pelas quais passa o espírito humano normalmente. E mais ou menos [é o que] se passa com o homem em relação a tudo que ele freqüenta, a tudo que ele faz: ele se fixa através desse processo. Vamos dizer por exemplo, uma família se muda, vai para um bairro onde não morava antes. Naturalmente daí a pouco os vizinhos estão cumprimentando, depois começam as visitas. Por que é que a gente freqüenta muito a casa do vizinho A e foge de ir para a casa do vizinho B? [A gente evita de ir para a casa do vizinho B] porque aquilo é sem graça, insípido. Ou se não é isso, é porque aquilo arranha, [produz] um choque, e a gente não gosta de ir para a casa de ninguém para se chocar. A gente vai para encontrar o macio, o agradável da concórdia, da concordância.

Agora, essa compreensão faz-se na Congregação em torno do que? em torno de que ponto?

Foi escrito um livro, chamado RCR, que se destina exatamente a apontar, para os que entram na Congregação, o que é a Congregação, o que pensa a Congregação, em torno do que ela gira; sustenta que no mundo de hoje há, não 5, nem 30, nem 200, mas 2 mentalidades opostas: a da R e a da CR; a Congregação é a CR e ela está oposta à R como um gládio. Os senhores já viram, ou ao menos ouviram descrever, briga de bodes e briga de carneiros: entestam, um mete a testa no outro e lá vai aquele negócio. Então, há uma entestagem nossa com a R.

Os senhores notarão aí o empenho da Congregação em ser compreendida, a Congregação procura o mais possível se explicar, em tudo e por tudo. Por que razão? Primeiro para os senhores a entenderem, aderirem sabendo o que é. Segundo lugar, para os senhores terem o hábito de entender as coisas e de aceitá-las quando elas são razoáveis e conformes à Fé, e rejeitá-las quando são contrárias à Fé. Em terceiro lugar, para os senhores saberem explicar para os outros.

Tomem [por exemplo] essa taça aqui. Os senhores vêem que é de cristal talhado de tal maneira que forma bonitos desenhos, mas que esses desenhos fazem jogar a luz, a luz brilha na taça, a água que recebe difunde a luz dentro da taça, e daí vem um jorro muito bonito, porque a luz passando pela água toma a beleza da água, e passando pelo cristal toma a beleza do cristal. A luz chega à nossa retina singularmente embelezada. Acontece ainda que essa água é gaseificada e as bolazinhas de gás que ficam depositadas no fundo do copo vão subindo, e ao subir elas movimentam discretamente a água, e esse movimento movimenta a luz.

Agora, alguém que dissesse: "eu acho agradável ver esse copo de cristal", toma uma atitude CR. E quem dissesse: "eu não gosto que esse copo esteja aqui, e se pudesse acabaria com todos os cristais do mundo e substituiria por copos modernos, de vidro transparente, com a forma de um cilindro, inteiramente lisos e sem desenhos; sem aquelas bolhas movediças e leves, mas com bolhas de ar aprisionadas dentro do vidro, à maneira de defeito dentro do vidro; a gente bebe naquele tubo e não dá trabalho para lavar", esse toma uma atitude R. Por que?

Os senhores devem saber explicar como é que a R e a CR estão metidas nisso.

O contra-revolucionário quando encontra uma superioridade qualquer --superioridade de idade, de companhia mais agradável, de talento, de educação, de instrução, de inteligência, sobretudo de virtude--, fica encantado, porque gosta da hierarquia, gosta da ordem, gosta do respeito, gosta de reverenciar, gosta de homenagear, gosta de ver aquilo que é mais do que ele, admira, quer bem, deseja servir e conservar, porque ele vê em cada desigualdade legítima um degrau à mais que o aproxima de Deus.

É essa posição que faz também com que ele admire os objetos mais bonitos ou admire as coisas que tem grande valor, que tem grande alcance artístico, porque elas são superiores ao comum e tudo o que é superior merece admiração.

Quando o revolucionário vê a desigualdade, fica com inveja, não fica com admiração, odeia e procura derrubar. Não pode suportar que outros tenham mais do que ele. É uma alma tapada, fechada, obturada, cega ao que é superior, porque aquilo que é superior lhe faz mal, ela procura não olhar.

Um é filho da luz e outro filho da trevas. Por que? Os senhores tomem uma alma que admira: quando ela admira, ela se ilumina, fica contente, tem alegria. Os senhores tomem uma alma que inveja: ela fica aborrecida, indignada, triste, com as sombras da inveja dentro da alma; não há o que lhe baste; quer tirar dos outros continuamente.

Os senhores observem o mundo de hoje e notem que a todo momento e continuamente, o que há é uma revolta do que é menos contra o que é mais, uma negação da homenagem devida a quem é mais, uma revolta contra todas as desigualdades mais explicáveis.

Então, um enjolrras que está em vias de fixação, ele deve entender que assim a Congregação vê as coisas, deve compreendê-las. Se ele tem alguma objeção, ele pode e deve fazer [a objeção], é razoável que ele pergunte. Ele será tratado com toda a bondade, receberá todas as explicações, etc. Não há dúvida nenhuma. Mas ele deve amar essas desigualdades, ele deve amar o respeito, ele deve amar o amor, ele deve ser aquele que vive na sociedade do amor e da veneração<sup>299</sup>.

## 5. Graus da adesão dos apostolados ao chamado: veleidade, resolução definida e séria, ato de vontade heróico

Querer é como entender: é um ato que tem vários graus. Assim como há vários graus de entender, há vários graus de querer.

A forma mais vaga de querer é um querer que quase não é um querer, chama-se veleidade. Por exemplo, um indivíduo que vai ao museu, vê ali uma coleção de taças muito bonitas e diz: "um belo dia, quando eu tiver tempo, compro um livro sobre essas taças". De fato morre sem ter [comprado] o livro. Ele quis ou não quis? Ele propriamente não quis. Ele teve uma veleidade, um vago ato de vontade, que não tem nenhum pouco a maturidade e a seriedade do querer, que não produz efeitos.

Assim também seria uma pessoa a quem os senhores pusessem o ideal da Congregação e que dissesse: "é bom sim, olha um dia eu vou entrar para a Congregação".

Agora, o segundo grau do querer é quando a pessoa quer e resolve: "eu vou fazer tal coisa", mas então resolve determinadamente, "em tal ocasião, em tal lugar, empregando tais meios".

Alguém por exemplo diz: "eu vou entrar na Congregação daqui a uma semana, quando eu tiver preparado a situação em casa para isso e está acabado". É um plano definido e que a pessoa de fato começa a realizar, ou ao menos a resolução é tal que é certo que começará a realizar.

Então nós temos o segundo ato de vontade já muito mais sério. O ato de vontade sério é aquele pelo qual a pessoa entrará na Congregação ainda que encontre obstáculos graves e inesperados.

Será um ato de vontade heróico se a pessoa vencer as maiores dificuldades e passar pelos maiores sacrifícios para entrar na Congregação.

Os senhores devem pedir que por meio dos senhores a graça inspire o ato [de vontade] sério, ou o ato [de vontade] heróico. Porque os outros de pouco adianta<sup>300</sup>.

## II. FASE DOIS - FIXAÇÃO DO APOSTOLANDO NA CONGREGAÇÃO

### A. O apostolado de fixação: um caminho razoável, cheio de respeito e de Fé

O enjolrras já foi abordado, foi tocado pela graça, correspondeu e deixou-se atrair ou quis ser atraído. Veio à sede, compareceu algumas vezes e tomou um pequeno hábito inicial de comparecer à sede com uma certa regularidade.

Como ajudá-lo a percorrer as etapas seguintes do progresso e se habituar a ir sempre à sede, e ali [resolver], pelo convívio, pela reflexão, aderir à Congregação e entregar inteiramente as suas horas disponíveis à Congregação?

<sup>299</sup> SD 2/5/87

<sup>300</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

Isto me leva a perguntar: o que ele era antes? como era sua mentalidade? o que o atraiu? a que ele tende por si mesmo a ser? Porque conforme foi [o apostolado de atração], assim deve ser depois o apostolado de fixação.

Quer dizer, em vez de ser de fora para dentro uma incrustação numa mentalidade de alguma coisa que não está nela, o processo é o contrário: é tomar uma mentalidade; tratar de descrevê-la; ver o que dentro dela é bom e é atraído para a Igreja Católica; fazê-la ver melhor esses pontos que a atraem, de maneira que ela sinta o nexo, a união dela com a verdadeira doutrina católica --não só em matéria religiosa, mas também em matéria sócio-econômica, cultural, etc.-- e com os interesses da Cristandade em nossos dias, ou seja, com os interesses da R e da CR. Esse é o trajeto para percorrer.

Isso se faz com grande respeito à alma de cada um, vendo em cada um como é que ele se move e ajudando-o a mover-se. Não é empurrando pelo braço, nem metendo um anzol --como se faz com o peixe, que morde o anzol e depois o pescador puxa de qualquer jeito. Trata-se de ver o movimento dele como é, e fazer com que ele sinta, pela compreensão, o sadio desejo de entrar mais a fundo e subir mais alto, tudo isso pelo próprio dinamismo da alma dele.

[Foi assim o caminho por onde os senhores entraram e se fixaram]. Assim também é o caminho que devem percorrer os outros. Um caminho razoável, um caminho cheio de respeito, mas sobretudo um caminho cheio de Fé <sup>301</sup>.

## B. Obstáculos para a fixação

### 1. Os ambientes dos apostolandos

Os apostolandos que estão tomando com a Congregação os primeiros contactos e que suscitam verdadeiras esperanças, [encontram] obstáculos de várias ordens, conforme o ambiente a que eles pertençam. **Os rapazes, em geral, se deixam influenciar pela família e seguem a impulsão que a família lhes dá.**

a) Os ambientes mundanos --no pior sentido da palavra-- procuram encaminhar os jovens para praias, clubes noturnos, para as más diversões, para o jet-set, e levem uma vida dividida entre a aventura moral permanente e os altos negócios, entre a possibilidade de ruir e a possibilidade de encontrar êxitos brilhantes.

b) [Outras] famílias querem para seus filhos uma vida operosa, lucrativa, mas séria e sem riscos. Querem que seus filhos sejam homens moralizados, bons pais de família, católicos --porém não demais--; que tenham, portanto, uma vida sem despesas nem gastos excessivos; e que possam, como fruto de um trabalho ordenado, ir sendo promovidos, fazendo economias e ficando ricos. Naturalmente, de uma riqueza que não lhes permitirá entrar no jet-set.

Estas famílias abominam o jet-set; tem muitas vezes um certo nível espiritual, quer dizer, são elas mesmas moralizadas, tem alguma piedade, etc. Porém não tomam na menor consideração, na estruturação de suas vidas, o momento atual, com a necessidade premente de dedicação a uma causa que é a causa de todos, e que pode levar água abaixo, de um momento para outro, quer a Igreja, quer a Civilização Cristã, quer o "stablishment" a que estas famílias pertençam, quer seu próprio país. Para elas, esses são problemas gerais que cabe à classe política resolver. Não educam os filhos com a idéia de uma causa a defender, de uma civilização a salvar, de um mundo que está ruindo, cujos inimigos é preciso combater, etc. Qualquer idéia de Cruzada, de Bagarre, de Reino de Maria, lhes é completamente estranha.

Enquanto as famílias do jet-set abominam a Congregação, estas famílias simpatizam com a Congregação na medida em que fiquem esperando que com nosso apoio os filhos recusem as solicitações do mundo do tipo "a" e se mantenham no tipo "b". **Ademais, elas percebem que a Congregação dá uma certa cultura, um certo verniz, e acham que esse verniz e essa cultura podem ser fatores úteis no progresso profissional dos filhos.**

Mas quando elas notam que nós temos no mais alto grau a noção de um dever a cumprir, em favor da Igreja, da Civilização Cristã, da Pátria, etc., e achamos que é preciso que muitos jovens entreguem toda sua vida a isto, estas famílias passam a ficar irredutivelmente nossas inimigas.

c) [Uma terceira categoria de famílias são aquelas] cujos filhos são ameaçados de ficarem comunistas, socialistas, etc. Estas famílias, muitas vezes, detestam que seus filhos desviem as suas intenções, seu tempo livre, para trabalhar por essas causas que, ademais, estas famílias sentem destrutivas de si mesmas e contrárias às convicções que elas tem. Porém não deixa de ser verdade que tais famílias, postas eventualmente na escolha entre a pertença à Congregação e a pertença ao partido comunista, preferiram que os filhos caíam no comunismo do que pertençam à Congregação.

Para esta atitude disparatada concorre, pelo menos subconscientemente no espírito delas, a idéia de que o mundo que elas freqüentam censura menos asperamente um comunista do que um membro da Congregação. E que, se o

<sup>301</sup> SD 4/4/87

filho fazer carreira no partido comunista, terá uma situação mundana muito menos detestada do que ele [ser] um dos líderes da Congregação. De maneira que, por isso, estas famílias acabam tendo mais indulgência para com o filho que avança no comunismo, do que com o filho que avança no anticomunismo. Exceto se for o caso de um falsa-direita, que dá possibilidades de carreira política e cujas fileiras são em boa parte constituídas por "tradicionalistas".

\*

Bom, o apóstolo deve perceber bem em que situação está a família de cada jovem, para agir em conformidade com essa realidade.

Sobretudo nessa época é preciso evitar que eles desistam da caminhada por medo do choque com a família, e que, de outro lado, eles travem um entrechoque incompreensivo, agressivo e contraproducente em relação à própria família <sup>302</sup>.

## 2. A carreirosa

[A "carreirosa" também constitui um obstáculo para a fixação].

[Note-se que para a geração enjolrra] este problema é muito menos torrencial [do que para a geração nova. Nos enjolrras] não existe pretensões de grandes carreiras, mas existe uma outra preocupação: ficar um sujeito que não possa conseguir um emprego bom. E, às vezes, há uma idéia de pequena promoção de um grau ou dois acima do normal. Carreiras fulgurantes acabou. É uma atração para um mundo medíocre <sup>303</sup>.

É legítimo que uma pessoa deve habilitar-se para trabalhar e para ganhar alguma coisa. Mas não deve fazer disso a finalidade de sua vida, porque a finalidade da vida de um homem é servir a Deus nesta terra. É fato que ele se mantendo, ele realiza em parte o plano de Deus, que quer que os homens trabalhem para se manterem. Mas a alguns homens Deus dá uma vocação e chama.

A gente que por causa da carreira não segue esse chamado faz o papel do moço rico do Evangelho. O Evangelho nos conta que Nosso Senhor olhou para ele, o amou e deu um chamado afetuoso: "deixe todas as suas coisas e siga-me". Ele não quis e se retirou cheio de tristeza. Mas o que consta por fontes extra-oficiais é que ele depois se tornou um inimigo mortal de Nosso Senhor, e que entre os que apedrejavam Nosso Senhor, quando Nosso Senhor estava morrendo na cruz, estava ele <sup>304</sup>.

## C. É preciso que o apostolando compreenda e apeteça consagrar-se à Causa CR

Uma pessoa que tende a entrar para a Congregação deve ser compreensiva e apetente da idéia de consagrar-se a uma causa e de viver para essa causa.

Este é o ponto capital do apostolado, principalmente para os que começam. Não é o caso de se lhes dizer isto muito francamente no começo, mas é preciso que eles primeiro se interessem, se entusiasmem pela Causa, em segundo lugar compreendam a amplitude do ataque que a Igreja e a Civilização Cristã estão sofrendo, e em terceiro lugar compreendam a importância do maquinismo que faz essa destruição, e a completa falta de sentido da vida deles, quando essa destruição for de tal maneira levada a cabo, que eles tenham que viver num mundo socialista.

Depois disto bem visto, eles estão com o espírito preparado para uma luta de uma vida inteira, e fazem uma censura interior aos próprios meios que não percebem isso.

É o momento de pôr diante dos olhos deles esta realidade: a Igreja e a Civilização Cristã estão sendo objeto de um cerco geral e terrível. Trabalham nesse cerco, noite e dia, pagos ou não pagos, indivíduos que não fazem outra coisa senão destruí-las.

Se, do lado delas, não há gente que também dedique sua vida inteira para se opor a essa destruição, e destruir os destruidores, se torna impossível esperar que, dia mais dia menos, a Civilização Cristã esteja arruinada e a Igreja, que é imortal, esteja, entretanto, reduzida ao último grau compatível com a promessa de imortalidade feita por Nosso Senhor no Evangelho.

Este é o período difícil, em que os jovens vão compreendendo melhor a necessidade de estar o dia inteiro na Congregação ou com gente da Congregação. Este fato vem da percepção, que se põe no espírito deles, de que, sendo tão

<sup>302</sup> Grafonema para apóstolo da França 2/5/91

<sup>303</sup> Despachinho II, 23/7/86

<sup>304</sup> Reunião universitários colombianos 10/1/89

poucos os que socorrem a Igreja e a Civilização Cristã nessa situação, os que chegam a perceber essa situação tem implicitamente uma vocação para atuar nesse sentido, e que o meio que eles freqüentam não só não vê isto, mas tem uma psicologia infensa a ver isto, que antipatiza com isto. Então, eles se sentem mais ou menos "mis au ban" do convívio familiar. Aí é a hora em que eles devem, mais do que nunca, ter o apoio da Congregação. Ou seja, encontrar gente que lhes explique as situações, fale, apoie, etc. E também que oriente o modo pelo qual eles devem tornar receptiva a família para a escolha de ideais, que corresponde à liberdade que as leis lhes dão de escolherem o próprio rumo na vida depois dos 18 anos.

#### D. Papel das reuniões, do estudo, das conversas e do convívio nesse sentido

Para conseguir que um jovem chegue a perceber toda a situação em que estão a Civilização Cristã, a Igreja, etc., há muita argumentação para dar, há muitas objeções deles a ouvir, há muitos aspectos magníficos de nossa luta a desdobrar diante deles, para que se entusiasmem "rationabiliter" --ou seja, razoável e sensatamente-- por esses ideais, etc. E como isto é uma matéria muito grande, é preciso que o apostolando dê o maior tempo possível para ir conhecendo, analisando e estudando essa matéria.

Mas nem tudo isto se faz só por leituras. É preciso conversas. E então, quer com os apostolandos que já estão mais avançados, quer com os que estão nos primeiros passos, o grande problema é criar uma situação em que se obtenha do rapaz o maior tempo de convívio possível com a Congregação (\*). Ou seja, convidá-lo à toda hora para alguma coisa, como levar para jornais um comunicado, fazer uma visita a uma família com quem se quer tomar contato, fazer uma pequena viagem [para uma cidade] próxima para ver algum apostolando <sup>305</sup>, coletar assinaturas de [nossa revista], campanhas, abordagens, etc. <sup>306(\*\*)</sup>.

-----  
 (\*) É errado o seguinte cálculo: "como esses rapazes que estão aqui são muito solicitados por muitas coisas fora, eu vou solicitar pouco, para que a corda não arrebente, e portanto eu vou apresentar a eles o nível mínimo de solicitações para que eles não desanimem". Então a primeira coisa para o apostolado de fixação seria pedir pouco.

Ora, com vocês não é o que eu estou fazendo. Porque eu estou continuamente convidando para [um] alto ideal, para uma posição de profunda ruptura com o que está aí fora. Mas ao mesmo tempo eu estou fazendo vocês sentirem o esplendor e o deleite desta posição.

A minha mensagem não é a seguinte: "olhe, fique aqui, porque no total não custa tanto". Mas é o contrário: "olha, rompa ainda mais, porque você tem tal recompensa já nesta terra". Quer dizer, levando o ideal às suas últimas manifestações e aos mais altos esplendores é que atraímos, e não entrando por uma política de concessão que amarfanha o ideal.

[É preciso] criar uma atmosfera de entusiasmo em 2 pontos: horror para o que está fora; e apresentar o belo e o pulchrum do que nós temos. Se a gente não sabe apresentar isto, a fixação não está bem feita.

Os senhores dirão: "mas então pouca gente ficará conosco". Eu digo: acho que não, e que é o único jeito de ficarem. Mas se ficarem poucos, ficam de fato, ficam os que merecem ficar, ficam aqueles que a gente quer que fiquem <sup>307</sup>.

(\*\*) (Isso quanto às atividades externas da Congregação. Agora), quando estiverem na sede, [a gente pode convidar o rapaz a levar uma] vida tanto quanto possível próxima de um Êremo <sup>308</sup>.

-----

As conferências e as reuniões formais em regra são de uma importância capital. Mas precisam ser coadjuvadas por esta companhia contínua. Senão, ou por falta de tempo para vir a conhecer inteiramente nossas doutrinas e nossos panoramas, ou porque estão sendo absorvidos pela família para um ambiente que abstrai completamente do aspecto Cruzada de nossos dias, os rapazes afundam.

#### E. O apóstolo deve proceder "de proche en proche" e com lealdade

<sup>305</sup> Grafonema para apóstolo na França 2/5/91

<sup>306</sup> Despachinho 13/8/90, sobre apostolado em Campos

<sup>307</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 18/12/78

<sup>308</sup> Despachinho 13/8/90, sobre apostolado em Campos

Assim como um curso de ciências naturais ao longo do curso secundário se divide em vários anos, e à medida que o aluno vai progredindo vai conhecendo novos dados, assim também a ["congregalogia"] comporta vários panoramas sucessivos, que convém serem apresentados gradualmente.

Porém, se um rapaz faz uma pergunta que é prematura ao estágio em que ele está, e que pede explicações mais longas, deve-se ter muito cuidado em não evitar de dar a ele essas explicações, nem em tirar o corpo, etc., mas em ser inteiramente leal e dar-lhe as explicações que ele peça. Se ele não compreende agora, compreende-as-á mais tarde.

Será mesmo o caso de dizer a ele isto, na hipótese de ele não conseguir assimilar o que está se lhe dizendo. Mas ele deve ter bem a noção de que está diante de uma matéria grande que tem que ir sendo estudada gradualmente <sup>309</sup>.

## F. O apóstolo deve saber contar fatinhos. O apóstolado com os cacetes

[O apóstolo deve] saber contar com entusiasmo, com interesse um mundo de fatos da história do Grupo e da história universal.

Para fazer uma narração de maneira que calhe bem, é preciso conhecer os fatos com todos os pormenores e contar os pormenores (\*). E não aparecer para um rapaz que está com 16 ou 17 anos e contar para ele só o que se passou há 10 anos atrás na Congregação. Vir histórias do tempo do Jango... o tempo do Jango para eles é o tempo de Pedro Alvares Cabral já. Tem que ser fato contemporâneo, concreto! Mesmo alguns [recortes], na medida que não sejam comentários, mas noticiosos são interessantes. Neste sentido, nós temos um arquivo punk opulento: "houve tal fato, houve tal fato, tal fato assim".

-----  
 (\*) Mamãe era muito bem dotada para fazer isso. O gato de botas contado por ela era um gato de botas com séries de circunstâncias.

Por exemplo, havia um certo episódio em que o marques de Carabás se encontrava com o gato de botas num campo. Então mamãe descrevia o campo, era um trigal todo de ouro; o trigal quando batia o vento, dava a impressão da lã de um tapete macio. Pela estrada passava uma carruagem dourada com plumas e com vidros bombeados; dentro, com o chapéu de 3 bicos com plumas, sentado sozinho, o marques de Carabás. Ohhh!

[A descrição mais ou menos correspondia] às carruagens que eu tinha gostado em Versailles; quer dizer, ela talvez dissesse isso porque notou o flash que eu tinha tido com as carruagens.

Depois ela me contava que em certo momento, eu não sei por que, o marques de Carabás puxava uma sacola que ele tinha pendente na cintura, que era toda dourada, não sei o que, e tirava umas moedas de ouro e dava ao gato de botas.

Eu então ouvia aquilo e no dia seguinte eu pedia para ela contar tudo de novo, mas era para fazer perguntas para ela. Eu perguntava para ela: "Mamãe, mas descreva um pouco como era a bolsa dourada do marques de Carabás". E ela inventava uma bolsa dourada e eu retificava a coisa: "mas não era assim, mamãe?" E ela dizia: "Não, pensando bem era assim". E ela adaptava a bolsa à minha imaginação --quando eu não imaginava coisas absurdas.

"Mas me diga uma coisa, mamãe, a bolsa do marques de Carabás tinha umas miçangas feitas de metal dourado e que pendiam assim?" Ela dizia: "Tinham, meu filho, exatamente, você adivinhou bem". E ela me ia fazendo compor o ambiente do marques de Carabás.

E depois havia um episódio que era mais ou menos isso, que o marques de Carabás e o gato entravam no castelo e tinha um banquete. E ela me descrevia o banquete. Eu queria saber se tinha maionese, se tinha tal outra coisa assim, se tinha vinho, e se tinha não sei mais o que. E com isso, sem perceber, ela ia fazendo conferências de ambientes-costumes para mim.

-----  
 O ambiente tem muita importância. Mas a criação e utilização do ambiente supõe que vocês antes se tenham habituado a contar muita coisa. Aí começa a fazer a ambientação. Porque antes não começa. A ambientação é uma coisa delicadíssima e que supõe inclusive o conhecimento e a prática de regras, de modos de ser antigos, que hoje saíram completamente.

Por exemplo as seguintes regras: nunca ter diante de si um grupo de interlocutores sem dirigir a palavra a todos. Nunca se pôr num estado de espírito em que a gente esteja assim: "esse é tão cacete que para esse eu não tenho nada para lhe dizer", porque todo homem civilizado tem que saber tratar o cacete como trata o não cacete, do contrário fracassou.

<sup>309</sup> Grafonema para apóstolo na França 2/5/91

Agora, eu desconfio que os meus queridos apóstolos itinerantes não sabem fazer isso com os cacetes, e que alguns não sabem conversar.

Vou dizer mais: eles tem respeito humano de atrair alguns porque [os respectivos círculos mundanos] julgariam esse tipo de gente desprezível. Então, chega um fulaninho: "hum, aquele? logo eu? um homem como eu? eu vou tratar com aquela coisinha?" Não é coisinha! Nosso Senhor Jesus Cristo se encarnou e morreu na cruz por aquele. Então eu vou me pôr diante dele como se só houvesse ele no mundo e conversar com ele como se a minha atenção estivesse posta toda nele.

O jeito de não achar alguém cacete é a gente tratar de descobrir no indivíduo quais são os lados bonitos da alma dele e tratá-lo como se ele tivesse só aqueles lados bonitos. Porque começa a nascer um lindo jogo com aquele cacetão. É fazer nascer na alma dele alguma coisa que está submersa, a catedral "engloutie"<sup>310</sup>.

### **G. O apóstolo deve tratar o apostolando com respeito, seriedade e bondade; deve dar-lhe oportunidade de falar a respeito dele**

Quando me apresentam um novato, percebo que ele olha com atenção para ver com que cara está sendo olhado. Se ele não encontra uma disposição de alma muito benévola, muito atenta, acabou-se. Qualquer que seja a idade dele, a classe social, o nível de educação, o nível de inteligência, [todo apostolando] traz consigo a pergunta: "como é que vão me tratar? eles me quererão ali dentro vendo que eu não sou inteligente?" É preciso que note que por mais que ele seja pobre, pouco inteligente, de um meio modesto, ou qualquer outra coisa, ele foi chamado por Nossa Senhora e é recebido de coração aberto.

Então um apóstolo burocrático, que chega para o apostolando e diz: "Bem, minha hora de atender você chegava até 6:00 horas, são 6:00, você se quiser apareça aqui outro dia que eu explico a você o resto". Liquida o caso. Se ele quiser ficar conversando mais [tempo], se der jeito para fazer mais bem à alma dele, ele deve sentir que a gente vai ficar o tempo que ele quiser. Se a gente tiver uma necessidade, explique: "agora eu tenho que ir ao médico, estou sentindo tal coisa, você vai me desculpar, mas venha outra vez aqui, me dará muito gosto, estão aqueles lá, vamos até lá, você vai conversar com os outros", leva até os outros e sai amável.

Tanto quanto as circunstâncias tornem razoável, ele deve ser tratado com respeito até. Os senhores querendo atrair gente, respeitem-os. Não há coisa que um homem aprecie mais do que ser respeitado, ser tratado com consideração, seriamente, de maneira que se dê atenção ao que ele diz. As coisas que ele diz vale a pena responder. E quando ele faz a confidência de uma miséria dele, ele deve ser bem atendido, tratado com respeito, com afeto e perdoado. Nós não temos o dom de perdoar os pecados, mas se quiser, nós deixamos passar, não fiquemos com a coisa na cabeça como uma acusação contra ele<sup>311</sup>.

[É preciso que o apóstolo] seja sempre amável, sempre afável, sempre agradável. Nunca zanga, nunca cria casinho porque o novato deixou um clipe fora do lugar, porque não limpou uma mesa, porque não fez o serviço<sup>312</sup>.

Depois os senhores no apostolado nunca devem esquecer-se de um princípio francês que é o seguinte: quando eu recebo uma visita e quero que meu visitante demore, eu falo com ele sobre ele; quando eu quero que ele vá embora logo, eu falo a ele sobre mim. Se os senhores querem fixar mesmo, dêem ao rapaz a oportunidade de falar sobre ele, contar [como é o] colégio dele, como são os amigos dele, quais são as matérias que ele gosta estudar, que ele não gosta de estudar, se ele gosta de música, se ele gosta do quê. Falem a ele sobre ele, que eu lhes garanto que ele vai [achar] sempre o tema interessantíssimo<sup>313</sup>.

Se um rapaz está sozinho, ou está conversando pouco, [convém] ir falar com ele, porque todo novo que chega a uma sede e que se isola, está se sentindo mal, e se está se sentindo mal, está à caminho de sair<sup>314</sup>.

<sup>310</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 18/12/78

<sup>311</sup> SD 11/4/87

<sup>312</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 18/12/78

<sup>313</sup> SD 11/4/87

<sup>314</sup> Texto sem data 15 (ER 137)



## H. O apostolando é mais sensível à voz de um congênere do que à voz do apóstolo. Política apostólica

Em geral, a pessoa é muito mais sensível à ação de alguém da mesma geração, do que à ação das gerações mais velhas. À medida em que a distância da idade vai aumentando, a insensibilidade entre as gerações vai se acentuando também.

[Neste sentido, me lembro que quando] eu estive em Aachen, nós paramos numa loja para comprar algumas coisas, eu fiquei dentro do automóvel, e estava vendo uma rua com muito fluxo de pessoas, etc. De repente passaram dois casais, em sentidos diversos: um casal vinha para cá, outro para lá. Pararam para se cumprimentar. Cada um levava uma criancinha já capaz de andar, pela mão, para a criança não extraviar.

Cada uma das duas crianças estava voltada para cem coisas. Quando viu que o outro casal tinha uma criança ali, que ela não conhecia --eu vi que não se conheciam--, ficaram elétricas uma criança pela outra. Em poucos minutos tinham arranjado um jeito de estarem uma perto da outra, e conversando. Porque cada um procura se modelar segundo o de sua geração e não [segundo] os de outras gerações.

Portanto, um problema capital para todo apóstolo é saber movimentar seus apostolandos, como o jogador de xadrez movimenta as peças: "Dentro de tal grupinho, quem tem influência sobre quem? como é que eu posso influir por meio de A sobre B? por meio de B sobre C? qual é a roda política da influência do Azinho sobre o Bezinho, sobre o Cezinho ou Dezinho? como é que se joga isso? E o que é que eu faço --com ares de quem não está percebendo-- para fazer com que os melhores tenham mais influência e os piores sejam empurrados de lado ou postos para fora? (\*)"

-----  
 (\*) [Em relação a esses], a gente, em primeiro lugar, tenta converter. Não conseguindo converter, tenta neutralizar. Não conseguindo neutralizar, olho da rua! Não tem outro remédio <sup>315</sup>.  
 -----

[Neste sentido], não é muito prático que a gente encarregue da fixação [de um apostolando de] vertente religiosa um que é entusiasmado pela vertente sócio-econômica <sup>316</sup>.

## I. Papel da sede

Imaginem uma balança com duas conchas e há uma falta de peso, de maneira que uma concha abaixa e outra fica alta. Há dois sistemas para a gente recompor o equilíbrio. Um é tirar algo do peso que está em excesso. Outro é pôr [um] novo peso na concha que está alta.

Quando o rapaz está dentro da Congregação, normalmente deveria estar numa situação em que o peso do nosso lado da balança faz baixar a concha para nós e o outro lado fica assim. Quando a atração do mundo é muito forte, os pesos da balança se desequilibram em sentido oposto.

Então há 2 problemas: um é ver como é que tira o peso que está a favor do mundo; e outro problema é como fazer [para] pôr o peso do lado bom.

De longe o mais importante é aumentar a atração, porque havendo a atração o rapaz fica, ou pelo menos tem condições de ficar. Não havendo atração, a gente pode dar a ele os meios que for para combater fora, ele não fica. Inclusive porque ainda que [os ambientes que ele freqüenta fossem bons] e que não [o] afastassem tanto de nós, acabava sendo que ele, por não encontrar raízes, saía.

De maneira que a principal pergunta do apostolado de fixação é como dar vontade de estar dentro da sede, como transformar a presença [do neófito] na sede numa alegria, num elemento de ânimo e não num sacrifício. Porque se a coisa for na base de nós oferecermos o tédio e [os ambientes da R] oferecem o prazer, ou se nós falarmos o mal do prazer que eles dão sem nós darmos um prazer, a batalha está mal engajada <sup>317</sup>.

Mas não devemos fazer esse tipo de baixa de nível de começar a conversar com o sujeito sobre marcas de automóvel para atrair o sujeito, para ele ficar na sede custe o que custar. Se o [rapaz] está em crise, a gente pode fazer isso de passagem, raríssimamente, para ver se segura. O normal é tratar de nossas coisas, levar nossa vida, mas cuidar de ver que a pessoa tome o gosto da vida na Congregação como a vida na Congregação deve ser.

---

<sup>315</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 16/7/89

<sup>316</sup> SD 11/4/87

<sup>317</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 18/12/78

Então, [o problema é] como obter que a sede tenha verdadeiramente o ambiente capaz de dar ao rapaz a fisionomia verdadeira do Grupo? <sup>318</sup>

Eu elogio muito que a sede esteja bem arranjada materialmente, mas é secundário. O importante é que seja abençoada, que tenha ambiente, onde o rapaz entre e se sinta convidado à virtude, se sinta convidado a ficar, se sinta bem à vontade, porque encontra paz para sua alma, encontra força, ele vai haurir lá capacidade de reação.

Para fixar as pessoas numa sede, antes de tudo [é preciso] pedir que Na. Sra. mande os anjos tornarem a sede aprazível, apreciável, agradável <sup>319</sup>.

[Mas junto com a oração], o modo de atrair as graças consiste em tomar uma posição militante, na sede, contra os erros que infectam os ambientes revolucionários da cidade; em criar um ambiente oposto aos ambientes revolucionários da cidade; e em dar aos [apostolados] uma formação diametralmente contrária ao espírito desses ambientes. Numa cidade onde o ambiente é de indefinição, por exemplo, a formação a ser dada deve ser frontalmente de definição.

Os que se aproximam da CR percebem a razão de ser deles na sede quando [na sede] encontram o contrário dos ambientes revolucionários que conhecem.

[Se em lugar disto] encontram uma coisa meio aguada, uma adaptação, a sede não atrai e fica vazia <sup>320</sup>; (tanto faz estar lá como em outro ambiente) <sup>321</sup>; as graças caem poucas, ou por outra, são muitas e entram poucas, porque são rejeitadas; e não nasce a admiração que eles devem ter em relação aos militantes da CR, e que uns e outros devem ter em relação aos mais velhos e aos dirigentes da Congregação.

Os [apostolados] querem ver em nós almas que se sacrificam de fato pela CR, que estão inteiras na CR. Agora, se em algum lugar houver um estado de espírito de não oposição frontal aos ambientes deformados pela Revolução... <sup>322</sup>(\*).

-----  
 (\*) Isso depois repercute nas relações comigo. Porque quem não está inteiramente voltado [contra o espírito da cidade], pode teoricamente me ter em conta de chefe, pode ter uma adesão teórica sem limite ao que eu digo, mas a comunicação de alma [comigo] faz-se de um modo incompleto.

O nosso espírito se comunica de pessoa a pessoa. A graça é assim --é só ler Dom Chautard--, vai por uma espécie de osmose de pessoa a pessoa. Essa osmose se dá de um modo muito precário, muito insuficiente por causa [da falta de reação ao espírito da cidade].

Como progredir nessa matéria? (Em primeiro lugar rezar, em segundo lugar ouvir esta fita e pensar nestas coisas). Em terceiro lugar fazer exercícios da presença de Deus quando a gente estiver em presença dos homens.

Por exemplo, você está tratando concretamente com uma pessoa ou está andando numa rua, você diz: "eu sei, pelas graças da vocação, que eu devo ver esta realidade assim, assim, assado; sei que esta gente toda tem uma concepção da vida errada; eu estou, no momento, em face deles, nesta hora, reafirmando as minhas convicções ou não? Eu ao olhar eles, vendo eles, estou fazendo uma atitude de separação interior em relação a eles, porque eles pensam desse jeito, sim ou não?"

E fazer isto concretamente o dia inteiro. Aqui está o exercício efetivo da coisa. É preciso viver com a alma de moralista sociólogo. [Por exemplo], ouça esta musiquinha. É de caipirada brasileira. Mas é preciso eu criticar esta música enquanto eu estou ouvindo ela, e rejeitar o efeito que ela está produzindo em mim <sup>323</sup>.

-----  
 Em cada lugar, aqueles que se dedicam ao recrutamento de novos contra-revolucionários, devem fazer a modelagem do ambiente da sede, dos estilos da vida interna, das técnicas de apostolado, etc., de modo a que tudo reflita um estado de espírito o mais definidamente possível contrário ao estado de espírito, aos estilos de vida, aos erros explícitos ou implícitos, que impregnaram os ambientes revolucionários que os envolvem fora da sede.

E criar um ambiente digno, elevado, e que fale de combatividade, sublimidade, etc., em oposição à conaturalidade com a vulgaridade, com o descomposto, com o igualitarismo, com o brinca-brinca, com a idéia de que todos os homens são bons, etc. Pôrem nas paredes quadros e gravuras adequadas, indicando uma coisa completamente diferente e elevada.

A sede deve ser tal como seria se Nossa Senhora estivesse presente. Não sendo assim, não está bom <sup>324</sup>.

<sup>318</sup> Reunião para o Eremo São Paulo Apóstolo 14/9/71 (ER 135)

<sup>319</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>320</sup> Síntese de duas reuniões feitas em janeiro de 1967 (K26 -1)

<sup>321</sup> Conversa fevereiro de 1967, (RN 137)

<sup>322</sup> Síntese de duas reuniões feitas em janeiro de 1967 (K26 -1)

<sup>323</sup> Conversa fevereiro de 1967, (RN 137)

<sup>324</sup> Síntese de duas reuniões feitas em janeiro de 1967 (K26 -1)

\*

O que atrai o enjolrras, não é o ornato da sede, mas é o estado de alma daquele que ele vai encontrar na sede. [Portanto], mal humor nunca, carranca nunca --a não ser nos casos em que for necessário--, megalice nunca. Nunca fazer comentários malévolos, nem mesmo severos, a respeito do enjolrras A, que está fora, diante do enjolrras B, porque o enjolrras B pensa: "quando eu estiver fora, o que é que vai sair?" Eles precisam encontrar na sede a boa acolhida paterna e materna da Congregação<sup>325</sup>.

\*

Em muitos lugares, a pessoa entra, ao cabo de algum tempo é solicitada, dentro do Grupo, por um modo de viver a vida do Grupo que é uma espécie de edição dentro do Grupo da vida fora.

O novo que entra, encontra um antigo inteiramente esclerosado, e diz "Salve Maria", pensando encontrar um herói. O esclerosado olha para o novato e diz: "quem é esse menino que vem perturbar a estagnação na sede?" De repente o novato chega perto [de outros] para ver o que eles dizem. É um clube: conversa sobre mundanismo de toda ordem, a respeito de dinheiro, título que subiu, que caiu, o que está comprando barato, caro, opiniões megas a respeito de política, mania de ouvir música clássica. Há também senadores.

O novato fica com uma idéia falsa do Grupo, e às vezes entorta e entra torto, ou então sai, ou fica dentro do Grupo mais ou menos como um prisioneiro dentro da cadeia --quer dizer, não pode sair, a graça de Maria cerca o sujeito, mas ele fica com um olho para fora, a vontade para fora e o tema interessante dentro é o que se dá fora. Tudo quanto o mundo tem que não é diretamente pecado, atrai a ele.

Não se deve abrir guerra declarada contra o clube, porque se o clube está lá é porque Na. Sra. ainda quer fazer algum bem para o clube. Não podemos azedar, encrascar, mas procurar veladamente, por meio de cursos, salas onde fazer reuniões, escolher lugares onde se possa desenvolver a atividade sem que venha muita gente que não seja do próprio ambiente. Se for preciso, avisar. Quanto ao mais, não se incomodar.

Se os novos percebem diferenças, apelar para questão veterano.

\*

Deve-se atender para que os novatos freqüentem a sede todos os dias, porque a plena assimilação de um membro da Congregação é que ele freqüente a sede todos os dias<sup>326</sup>.

## J. O apostolado com mocosongos

Pergunta: (Como fazer com os mocosongos?)

Eu não daria a palavra de ordem "mocosongos dentro", mas eu daria a palavra de ordem "tentem desmocosongar os mocosongos".

Eu vou fazer um elogio dos lados plausíveis da alma do mocosongos, quer dizer dos lados aonde se encontra a ponta da flecha da catedral "engloutie" do mocosongos.

O mocosongos é um indivíduo que se defunga (?) pouco pela Revolução, porque se ele se tivesse deixado engajar bastante, ele seria um homem super-ativo. E se ele se deixou engajar pouco, um lado da alma dele foi pouco sensível à R. Isto é uma coisa nobre, isto é um lado positivo que o mocosongos tem.

Depois ele tem uma forma de segurança por onde ele não liga para a opinião pública. De maneira que há muito não-mocosongos que apenas é não-mocosongos porque está escravizado à opinião pública. Mas se fosse moda ser mocosongos, ele no dia seguinte seria mocosongos. Tão pouco consistente que ele é. O mocosongos não: ele pega a opinião pública e [faz] NANE e cochila aos olhos de todo mundo com desprezo. Tem o seu ladinho apreciável.

Então, a gente trabalha o mocosongos assim: "olha, nós dois temos um lado comum, hein. Nós não ligamos para esse pessoal fora que vive correndo por aí. Eu gosto de ver um homem indiferente à opinião pública como você. Você parece não ser combativo, mas veja o vazio que se forma em torno de você; você não é como os outros, em torno de você há um vazio, acham você sem graça, mas olha como você fica firme! Isso mostra que você é um homem que tem uma bela combatividade".

Isto dito 2, 5 vezes: ou ele não procura mais pelos senhores, ou...

<sup>325</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

<sup>326</sup> Reunião para Eremo São Paulo Apóstolo 14/9/71 (ER 135)

Depois outra: o mocorongo tem em geral uma rodinha de admiradores onde ele vive aconchegado --é a casa, outras vezes será a paróquia, outras coisas assim. Chegar para ele e dizer: "eu acho interessante, você se sente bem nesse ambiente assim, porque fora nada é assim; você [percebe] bem o contraste de como você se sente mal fora? Porque pelo menos fora eles [se] sentem mal com você. Por que que não procuram você? Deve ser por alguma"<sup>327</sup>.

#### K. É preciso completar a ação por meio da oração

Isso posto, os senhores devem completar a ação por meio de oração. Nas horas em que a coisa vai melhor, os senhores por uma palavra a Nossa Senhora, apenas assim: "Minha Mãe, obrigado", se alegrem; na hora em que a coisa vai pior: "Auxílio dos cristãos, rogai por nós", ou então "Doce Coração de Maria, tende piedade de nós"<sup>328</sup>.

#### L. Modelo do apostolado de fixação: o que é feito conosco pelo nosso Fundador

Eu vou falar talvez de um modo pouco modesto, mas enfim vou falar. Nós estamos conversando aqui. Apesar de nós estarmos tratando de um assunto sério, vocês notarão que o meu esforço desde o começo da reunião é, de um lado, tratar do assunto; mas de outro lado, fazer o que eu posso para tornar a reunião aprazível para vocês.

Por exemplo, eu estou o tempo inteiro dirigindo olhar a todo mundo, não há um aqui que não tenha recebido um olhar de minha parte engajando a se pôr dentro da reunião.

Bem, de outro lado estou durante todo esse tempo procurando comunicar à reunião [um] caráter de distinção e de elevação que é diferente da vida rotineira de todos os dias, de maneira que vocês tenham a atração própria a essa elevação e a essa distinção.

De outro lado, estou procurando tocar o assunto do modo mais vivo possível para que vocês tenham interesse e facilidade de pegar a reunião. Se eu transformasse esta reunião numa reunião de puro falar mal dos que estão fora, vocês sairiam daqui menos animados do que saem em virtude dessa parcela de contributo que eu dou para vocês se sentirem bem aqui.

Há [portanto] uma regra de 3: eu estou para vocês, como vocês estão para eles. Eu devo fixá-los, como vocês devem fixar a eles<sup>329</sup>.

### III. FASE TRÊS- FIXAÇÃO E SANTIFICAÇÃO DE QUEM JÁ É COOPERADOR DA CONGREGAÇÃO

Eu devo tratar agora o que diz respeito a conservar [e] santificar o jovem que entrou para a Congregação<sup>330</sup>.

#### A. Sintomas da decadência de um cooperador

1) O primeiro sintoma de que a crise veio é quando a gente nota que um enjolrras que vinha à sede cheio de uma esperança de que na sede iriam acontecer coisas maravilhosas, de repente entra mas já não maravilhado<sup>331</sup>.

Há, literalmente, apostolandos movidos por uma tal graça que, à medida que vão chegando mais perto da sede, andam mais depressa e quase correndo. Se um dia, por exemplo, a gente vê um desses chegar devagarinho, com dois ou três, e ficar conversando no portão um assuntinho qualquer, pensem: "a crise começou". Não é algo de mau que entrou, é algo de um bem que diminuiu. Toda crise começa com a diminuição de um bem.

<sup>327</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 18/12/78

<sup>328</sup> SD 11/4/87

<sup>329</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 18/12/78

<sup>330</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

<sup>331</sup> Reunião do 27/7/84

O mesmo se dá nas reuniões: hoje ele assiste correto, e foi um entusiasmado, amanhã será um desanimado. Era uma pessoa que tomava parte ativa em todos os assuntos, perguntava, se interessava. Não pergunta mais. Nas conversas a gente se dirige a ele: "Você tem algo a dizer?" - "Não senhor".

Não há o mínimo sinal de que queira abandonar o Grupo. Se disserem isto, ele responde que é uma calúnia. Porém não percebe que a má semente da apostasia está germinando. Todo entusiasmo, ao diminuir, abre caminho para a porta da rua.

2) Aos que andam bem, a radicalidade atrai, eles exclamam: "fenomenal!" Os corretos murmuram: "é, pode ser", e se resignam a uma oração a mais, um trabalho a mais; não tem mais entusiasmo. Estejam certos: estão decaindo<sup>332</sup>.

3) Outro sintoma é o indivíduo estar com uma forma de tristeza que o esfria um pouco em relação à Congregação.

4) Outro sintoma se manifesta naquele que se sente desprezado. Assim como há o doente imaginário, existe o desprezado imaginário, que vive fabricando o desprezo e desconfiando.

5) Quando a pessoa não gosta de falar das notícias que dizem respeito à Causa, próxima ou remotamente, em toda a sua amplitude, não tem zelo pela Causa.

A pessoa zelosa gosta de tratar não só das atividades da Congregação que lhe são ligadas, mas também dos serviços dos outros. Quando eu trato com pessoas incumbidas desses, daqueles e daqueles outros serviços, e durante a conversa falo sobre o que de bom faz um outro, costume prestar atenção para ver como é que elas estão. Porque se elas reagem mal, se por indiferença mudam logo de assunto, algo no departamento delas está começando a degradingolar.

Isto é assim porque o ideal é um só, e nosso entusiasmo, nosso empenho deve ser igual para com tudo.

6) [A pessoa zelosa] não se interessa apenas pelo desenvolvimento da Congregação. Cada ato bem posto alegra-a, e cada fato revolucionário dói-lhe. [Portanto, não ter este espírito é outro sintoma].

7) Não ter interesse por acontecimentos históricos é outro sintoma. Porque não posso compreender que, estando eu colocado dentro do mecanismo das 3 Revoluções, não me interesse a Revolução Protestante ou a Revolução Francesa ou a Revolução Russa. No clima dessas Revoluções vejo os dias para os quais eu estou preparado e ordenado. E se tenho fome desses dias, devo procurar ler aquilo<sup>333</sup>.

## B. Velocidades do ensabugamento

Há duas espécies de sabugos. Há os sabugos que ficam sabugos e está acabado. Há outros que não ficam propriamente sabugos, mas passam por um decréscimo de entusiasmo que ainda não é sabugice, mas com o tempo, e até um pouco lentamente, se transformará em sabugice.

Em última análise, há o ensabugamento rápido, brusco; e há ensabugamento lento, às vezes bem lento<sup>334</sup>.

## C. Provas e tentações pela quais pode passar o cooperador. Normas do apostolado de fixação para cada caso

### 1. A crise da aridez

#### a. Os dois períodos da vida espiritual: consolações e aridezes

Em geral, quando a coisa anda normalmente, há um período de bem-estar, de muita consolação, em que a união comigo é para o membro do Grupo uma espécie de condição de felicidade. A alma se enleva, se julga no sétimo Céu.

Durante esse tempo o demônio não mexe, porque se for mexer encontra uma reação tão violenta que ele apenas perde terreno.

É um período inesquecível. Pode acontecer que a pessoa saia de dentro desse período, mas esquecer-se do período, ela não esquece. Pode acontecer que a pessoa, até apostática, tenha medo de pensar nesse período, porque ela compreende que tudo que ela fez depois foi errado.

Mas esse período não pode durar eternamente, porque se durasse eternamente o homem não teria quase mérito de ir para o Céu.

<sup>332</sup> SD 27/4/84

<sup>333</sup> Texto sem data 19, título originário "Apostolado e salvação da própria alma"

<sup>334</sup> Despachinho 6/12/88

Portanto tem que vir um segundo período da vida espiritual em que Deus começa a provar o homem <sup>335</sup> para ver qual é sua fidelidade, para eliminar os defeitos que não foram eliminados na fase anterior, e por esta forma passar para uma fase mais alta <sup>336</sup>.

Então Ele cria condições que tornam a perseverança menos jubilosa, menos radiosa e portanto mais difícil;

- as graças sensíveis diminuem e a alma fica numa espécie de *secura*;
- a figura do Fundador começa a aparecer, não com pecados ou manchas, mas sem brilho, sem reluzimento nenhum, sem nada de extraordinário; é um bom homem, mas não passa disso;
- o lumen da vocação, o próprio ideal da CR, a beleza da CR, a glória da CR começam a fanar;
- a pessoa começa a perceber defeitos na Fundação e no Fundador <sup>337</sup>.

\*

Esta provação <sup>338</sup> se dá também com outras entidades, pessoas, ambientes ou coisas da Igreja.

Em geral, quando uma pessoa se converte, passa por exemplo do protestantismo para a Religião Católica, ela tem um período de "emerveillement". Depois isso vai passando e a pessoa cai na vida de todos os dias. A mesma coisa se dá --não é geral, mas com certa frequência-- por ocasião da Primeira Comunhão: a pessoa comunga e passa, vamos dizer, um mês ou um ano comungando com um fervor extraordinário e lhe parece que a Comunhão franqueia todas as maravilhas; depois, de repente isso começa a mirrar.

Isto que se dá dentro da vida espiritual comum do homem fervoroso, dá-se de modo incomparavelmente mais elevado e intenso na vida dos místicos: *gáudios, alegrias, transportes, noites escuras também, desolações terríveis* <sup>339</sup>.

\*

Como se pode distinguir isto da *sabugice*? A distinção não é muito importante porque o indivíduo que está na provação é tentado de *sabugice*. Então há uma tentação de *sabugice* posta pelo demônio, à qual ele consente mais ou menos uma vez que ele não tenha uma formação especializada. E há uma coisa que independe de todo o fervor dele, e que é que a luz se apagou <sup>340</sup>.

A aridez *culposa*, que S. Tomás de Aquino chama de *assedia*, é a inapetência das coisas espirituais, e vem dos maus hábitos e de toda espécie de pecados. A aridez que não é *culposa* vem apenas do fato de que a graça atua na nossa inteligência, na nossa vontade, porém não na nossa sensibilidade, para pôr a prova o nosso amor <sup>341</sup>.

## b. O que deve aconselhar o apóstolo à pessoa provada?

[O apóstolo precisa explicar ao rapaz provado] o que é a aridez, no que consiste, a aparência de decadência que isso traz, a necessidade dessa provação <sup>342</sup>. Deve mostrar que isto não é necessariamente resultado de uma infidelidade dele, mas é uma provação pela qual podem passar almas muito fiéis <sup>343</sup>.

Precisa mostrar que a aridez não é o despertar de um sonho, mas é, pelo contrário, o apagar de uma luz, e que o sujeito vê mal na aridez. Esse é o grande sofisma do demônio no negócio. Apaga-se uma luz e ele diz: "olha agora como você está vendo bem!" <sup>344</sup>

Precisa convencê-lo do seguinte: "Se sempre enxerguei todas as coisas bem, minha vista é normal. Mas se de repente comecei a ver tudo torto, não vou dizer que as coisas estão se entortando. Algo aconteceu com a minha vista, vou procurar o oculista. Assim também em relação ao entusiasmo: minha vista espiritual adoeceu, não estou vendo mais as coisas como são".

E jamais permitir que diga: "o entusiasmo me fez ver as coisas erradas" <sup>345</sup>.

O entusiasmo é uma lente de aumento; [com ele] a gente vê as coisas melhor <sup>346</sup>.

<sup>335</sup> Chá Sede do Reino de Maria, sem data SR

<sup>336</sup> Chá Sede do Reino de Maria, sem data SR e Despacho Colômbia 14/2/91

<sup>337</sup> Chá Sede do Reino de Maria, sem data SR

<sup>338</sup> Despachinho 6/12/88

<sup>339</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>340</sup> Despachinho 6/12/88

<sup>341</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 11/1/72 (ER 136)

<sup>342</sup> Despachinho 6/12/88

<sup>343</sup> Reunião do 27/7/84

<sup>344</sup> SD 27/7/84 e Despachinho 6/12/88

<sup>345</sup> SD 27/7/84

<sup>346</sup> Reunião do 27/7/84

Eu tive uma pequena noção disto em Santiago de Compostela considerando em frente da catedral um grupo ornamental representando Santiago matando mouros. O prédio estava um tanto iluminado, mas essa parte estava mais firmemente iluminada.

Quando é que o indivíduo vê melhor o grupo: quando apaga a iluminação e o grupo se apresenta como ele é? ou quando acende a iluminação e os predicados mais profundos do grupo estrutural que não aparecem à luz comum do dia ganham realce?

Evidentemente o indivíduo vê melhor o grupo composto por Santiago e os mouros quando está acesa a luz. Mas ele é levado a dizer o contrário: "isso é uma ilusão de ótica causada pela luz".

Ora, a provação do Tau é especificamente essa. Eu não conheço imagem melhor para exprimir o que é a aridez no Tau senão isso. Não é uma realidade que se vê melhor. Mas é uma luz que faz ver melhor a coisa e que provisoriamente, por provação, se apaga <sup>347</sup>.

A teologia ensina que a graça atual --atual quer dizer produz um ato-- ilumina com aspectos sobrenaturais aquilo de natural que os meus olhos estão vendo, e me faz discernir naquilo uma beleza de que aquilo é apenas o símbolo, uma beleza que está no Céu, na ordem sobrenatural. A graça me faz ver [isso] filtrado através dessa beleza natural.

Resultado: quando eu olho e tenho esse encanto, eu estou vendo o sobrenatural maravilhoso transparecendo através do natural. Quando eu olho e não tenho esse encanto, é porque por desígnio da Providência, para me provar, a lâmpada do sobrenatural está apagada, e eu então só vejo a natureza.

Então, não é dizer que quando eu vejo só o natural eu estou vendo uma mentira. Aquilo pela natureza é só assim. Mas eu estou vendo uma realidade incompleta, porque na criação não existe apenas o natural; por detrás e por cima existe na ordem sobrenatural uma realidade simbolizada por aquilo, e que eu não estou vendo, e que de fato tem um certo nexa com aquilo <sup>348</sup>.

[Então, o apóstolo] deve explicar que é preciso saber resistir, continuando a ver as coisas como no tempo do entusiasmo <sup>349</sup>, e que a resistência consiste num esforço de memória:

Naquele tempo em que Deus tinha para comigo uma atitude tal que parecia a atitude de Deus com Adão no Paraíso, quando à tarde baixava o sol e vinha vento fresco, eu via as coisas da vocação melhor, direito. Agora não estou vendo porque estou passando por uma provação.

Mas eu não acredito em nada do que esta escuridão está me dizendo. Se eu fosse acreditar no que a escuridão me diz, eu faria o papel de um cego que acredita que tudo é sempre noite porque ele não vê nada. Mas o que eu não vejo existe.

Por causa deste ato de fidelidade e de saudades ao que eu vi, eu tenho esperança de que verei de novo, verei mais e verei melhor.

Aí renasce a aurora e recomeça outro dia <sup>350</sup>.

### c. Fixação das almas que amaram e das almas que fruíram esses reluzimentos

Quando a alma recebe aquele jorro das consolações celestes, ela pode ter duas reações diferentes.

Ela ama. Mas "ama" o que quer dizer? Não é só dizer que ela fica encantada, mas fica com tanto entusiasmo que ela tem vontade de se dar, de entregar-se. Ela ama aquilo de tal maneira que compreende que aquilo voltará, e para ter um pouco mais de contato com aquilo, ela consente em passar pelo túnel escuro. E ela se põe a andar com decisão alimentada pelo vago perfume e pela esperança daquilo que diz no fundo dela: "voltarei!"

Outra reação é a dos que simplesmente fruíram. Na fruição a gente recebe, mas não se dá, não tem vontade de se dedicar, só quer chupar.

É claro que os primeiros tem condições boas de perseverança. Os outros não tem essas condições a não ser muito fracas, muito pernibambas.

Daí vem o modo pelo qual se deve tratar as duas espécies de almas para o apostolado de fixação.

Então, com o rapaz que correspondeu bem, amou e se dedicou, acontece o seguinte:

Em internatos, conventos, quartéis, se põem nos corredores durante a noite lâmpadas pequenas que difundem uma claridade sóbria, discreta, apenas para a pessoa se orientar bem de noite. Nessas almas ficam luzes assim ao longo do corredor. Ficam restos de impressão, restos de emoção, restos de sensação, que não tem aquela pujança de outrora mas que são como o perfume de uma flor que foi comprimida e guardada nas páginas de um livro. A flor impregna o livro que a comprimiu, quer dizer, perfuma até o ambiente contrário em que vive.

<sup>347</sup> SD 27/7/84

<sup>348</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>349</sup> SD 27/7/84

<sup>350</sup> Chá Sede do Reino de Maria sem data SR

Por exemplo, há quanto tempo eu tive minhas primeiras impressões sobre a Igreja Católica na igreja do Coração de Jesus! Pois bem, alguma coisa me ficou até hoje. E nenhuma vez eu me ponho a elogiar a Igreja Católica sem que algumas daquelas impressões revivam em mim à maneira de uma recordação que tem apenas um pouco de perfume, mas como esse perfume diz! como ele fala! quanta ordenação ele põe numa porção de coisas! e quanto isso me ajudou nas horas difíceis para eu me dizer a mim mesmo o seguinte: "Você quer romper com aquele perfume?"

Então, essas almas, a gente tem a preocupação de ir robustecendo por meio de raciocínios, de exemplos, de comparações, etc., para dar ânimo, porque a coisa não pode ficar só em perfume. Mas ao mesmo tempo nós sabemos que à medida que fazemos isso, a graça, que sabe quando é necessário dar mais uma coisa dessas ao homem, de vez em quando intervém e dá. E a pessoa vai se movendo. A fixação vai se fazendo.

Agora, quando a pessoa foi mais degustadora do que propriamente amadora --no sentido da pessoa que ama-- daquela graça, a gente deve tratar com uma especial bondade, tem que ajudar a andar, tem que dar ânimo, tem que consolar, porque a toda hora ela está perdendo o fôlego. Na nossa paciência a Providência fará passar um pouco do perfume necessário para ela. [É preciso ter] uma paciência que não se cansa diante de nada, a que nenhuma injustiça exacerba, a que nenhum desprezo irrita, a que nenhum olvido impacienta.

Muitas vezes quando a alma da pessoa que está em crise é mais injusta conosco e nós somos mais pacientes, no fundo ela está testando nossa autenticidade. Quando ela percebe que nossa paciência é invencível, ela interiormente se ajoelha e diz: "eu fui deliciosamente vencido".

A alma mais forte deve ser tratada com amizade mais profunda, e portanto até ser convidada a ouvir alguma repreensão. A alma mais fraca deve ser tratada com mão de enfermeira, com mão de mãe.

Isso quer dizer que a gente nunca deve repreender [o irmão pernibambo]? Nada anda se a gente não repreende. Precisa repreender. Mas como repreender! com que cuidado! com que precisão! Nunca quando a gente está irritado, nunca por um ressentimento pessoal, mas apenas para salvar aquela alma, para fazer bem, para que sobre ela brilhe a luz que outrora um dia brilhou. Quando há muita doçura, fica preparado o terreno para a gente fazer uma repreensão. É o progresso se mede não pela receptividade para com a doçura. Receptivo para com a doçura qualquer indivíduo que não seja um Judas o é. A questão é ser receptivo para com a advertência.

Alguém dirá: "Isso me dá vontade de ser pernibambo". Eu digo: meu filho, eu tenho pena que você faça essa reflexão. Numa casa de família para o irmão doente vão os melhores pedaços, a melhor cadeira, o trato mais condescendente. Ele é doente. Mas quem quereria ser doente para ser tratado assim?

#### **d. Como se pode preparar remotamente o rapaz para enfrentar a prova?**

Muito de passagem os senhores peguem certos costumes da Igreja. Havia um hábito de, no dia da Primeira Comunhão, os pais ou parentes mandarem para a criança um mundo de presentes: livrinhos de oração lindos, tercinhos de prata e até de ouro. Dependia dos recursos financeiros, cada um mandava o que podia. Por que isso? É para ajudar a fixar na beleza dessas lembranças um pouco do aromas daquelas graças.

Nesse sentido, se nossa situação permitisse de nós fazermos belos presentes para o dia do recebimento da capa, seria verdadeiramente interessante.

## **2. A demora da Bagarre**

### **a. A esperança da Bagarre, problema "princeps" de nossa vida espiritual**

Uma vez que a pessoa é atraída para a Congregação, ela tem uma visão da Congregação que a enche de alegria, de entusiasmo, de dedicação, de generosidade.

Mas ao cabo de algum tempo essa entrada áurea vai definhando, vai murchando --não é necessário, mas acontece com frequência--, e a pessoa passa para uma outra fase, na qual ela [cessa] de ver os defeitos que via no mundo antes de entrar para a Congregação, começa a ver defeitos na Congregação, e baixa de entusiasmo e dedicação. Então um grande número sai. Outros não saem, ficam, mas perdem uma boa parte do seu entusiasmo. E alguns só são os que ficam com entusiasmo.

Então começa uma caminhada em condições duras, porque é a caminhada dos que perseveram apesar de não estar com entusiasmo, numa espécie de coluna que começa a andar pelo arenal dos anos e que passa por essas várias situações.

Por que é que o entusiasmo se perdeu? ou por que é que o entusiasmo ficou comprometido?

O problema da pureza, o problema da família, o problema do emprego, os problemas dos membros do Grupo entre si; e depois o exemplo que dão ou não dão os mais velhos --nem sempre é o melhor (\*) --, tudo isso são questões



que gravitam em torno de um ponto central: a questão da esperança da Bagarre. Esses outros pontos colaterais existem realmente, e podem ser tratados autonomamente do problema central, mas sobretudo devem ser tratados em função do problema central <sup>351</sup>. Quando a pressão da pureza ou o amor próprio estão aumentando, um fenômeno de desesperança profética está no fundo da coisa. Porque o demônio diz: "olha aqui, isto está tardando muito, a solução para você é a impureza, a solução para você é o orgulho, procure fazer carreira dentro do Grupo" <sup>352</sup>.

-----  
 (\*) Toda organização carrega um pouco do peso de sua esclerose. Uma família onde não há velhos é uma família onde todo mundo morre prematuramente. Não é uma coisa elogiosa para a família. O velho é de um certo peso, não tem por onde escapar. Assim também todo grupo tem seus velhos. E há alguns velhos que se conservam mais ou menos na ativa; há outros velhos que são esclerosados, que se arrastam, que tem tosse de bronquite, etc. O mais moço olha para esse tipo de velho e diz: "que caverna é essa? que coisa é essa?"  
 -----

### **b. Toda nossa vocação está orientada em função da Bagarre**

Pode parecer um absurdo o que vou dizer, mas habitualmente a esperança da Bagarre começa antes da pessoa ter idéia da Bagarre. A esperança da Bagarre é o que leva o menino a se entusiasmar <sup>353</sup>; ele tem a impressão de que a Bagarre e o Reino de Maria vem logo, e que portanto essa vida é toda ela uma vida provisória e que não vai demorar <sup>354</sup>.

É uma espécie de prenúncio profético no qual ele deve crer sempre. Por que? porque ele viu que o mundo não vai para frente, ele viu que o mundo tem que cair, ele viu que ele encontrou uma graça tão grande que não pode ser estéril. Essa graça grande é a CR.

Nossa vocação não é uma vocação qualquer. É uma vocação dada para uma determinada obra: a CR. E a CR não é uma obra qualquer, é uma obra sobretudo de Nossa Senhora. Se Ela não ajudar a nossa ação concreta, é ridículo pensar que um pingo como nós, sem dinheiro, sem nada, vai conseguir sacudir o mundo. Ou Nossa Senhora atua ou não sai absolutamente nada. Na realidade, é para que Ela intervenha que nos é dada a vocação. E portanto toda nossa vocação é orientada para o dia dessa intervenção. E é inerente à nossa vocação a esperança profética de que haverá essa vitória e de que nós participaremos dessa vitória <sup>355</sup>.

Nós temos uma vocação em função da Bagarre. Nós não podemos duvidar --por um sinal muito claro-- que nós fomos chamados [nesse sentido]. Esse sinal é o seguinte:

Se os senhores se põem dentro do Grupo, os senhores tem forças para resistir às tentações, praticar os Mandamentos e salvar suas almas. Imaginem-se fora do Grupo: os senhores de fato não vão salvar suas almas. Isso quer dizer que a graça que lhes é dada para estar aqui não lhes é dada para estar em outros lugares.

Ora, a única coisa que nos reúne aqui é a perspectiva da Bagarre, porque se não devesse vir a Bagarre, e todos nós que estamos aqui devêssemos morrer de velhos, nós desanimávamos na mesma hora!

A graça, portanto, nos atrai para essa perspectiva.

Agora, se a graça está dizendo que isso é assim, embora as aparências sejam em sentido contrário, eu devo acreditar na graça. Se eu acreditar em que a Bagarre virá, eu tenho um prêmio: eu me encho de força para a luta; se eu deixar de acreditar, esse prêmio sai <sup>356</sup>.

### **c. Razões da demora da Bagarre**

Quem tem uma vocação é tentado contra essa vocação. O drama de toda vocação normalmente é o ponto da vocação. E a vocação floresce na medida em que a pessoa resista a essa tentação.

Por exemplo, Santo Afonso de Ligório, foi 2 ou 3 vezes expulso por uns intrigantes da Congregação que ele fundou, mas ele ficou fiel à vocação e todas as vezes, depois da Santa Sé ter aprovado sua expulsão, a Santa Sé [reconsiderou] o assunto e mandou reintegrar. Monsenhor Ezequiel Moreno, Bispo de Pasto, uma vocação anti-liberal, o

<sup>351</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>352</sup> Reunião encarregados apostolado na Espanha 3/10/89

<sup>353</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>354</sup> Reunião encarregados apostolado na Espanha 3/10/89

<sup>355</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>356</sup> Praesto Sum 23/7/84

Papa Leão XIII manda calar a boca. Aqui, Dom Vital a mesma coisa com Pio IX, que quase deu razão ao governo imperial maçônico contra Dom Vital <sup>357</sup>.

[Ora, acontece que] a vocação da Congregação é uma vocação profética. Quer dizer, nós vivemos da crença em algo que nos faz esperar um acontecimento futuro gigantesco, um dos mais altos acontecimentos da História, que é o "desplomamiento" e a proclamação do Reino de Maria, com a abertura de uma nova era que São Luís Grignon de Montfort descreve muito bem. [A demora daquilo, o fato de que aquilo não vem logo] é a grande provação nossa <sup>358</sup>.

[Quando] passa 1 ano, 2 anos, 5 anos, ergue-se como uma naja essa coisa: "Olha aqui, você já está com 30 anos, acabou a mocidade! O que você fez da sua mocidade? Isto é o que você esperava da sua mocidade?"

Em geral não é e há sempre um resíduo de decepção. Essa decepção é a tentação. E essa tentação vai se tornando mais aguda à medida em que a idade vai ficando mais extrema e o tempo de luta vai ficando mais extremo.

O sabugo é o homem que diante dessa tentação não resistiu: "é, eu não tenho coragem de dizer não para a vocação, eu continuo portanto neste caminho; mas se é verdade que eu não disse não à vocação, a minha vocação não me disse sim, ela não confirmou as minhas esperanças e eu fico sentado nesse sofá, abatido, aborrecido, sem alento, esperando uma coisa que eu não espero muito, andando num caminho onde eu não sinto muito a firmeza dos meus passos, e tocando o barco".

É a tentação anti-profética por excelência, pela qual, em geral, as pessoas tem que passar <sup>359</sup>.

\*

Deus tem ou não o direito de ter as suas demoras? Em geral, quando Deus promete uma coisa, Ele demora, e depois de ter feito uma grande promessa, Ele põe uma grande delonga, porque é um tal ato de bondade dEle ter chamado, que Ele quer uma prova de que nós amamos essa bondade dEle <sup>360</sup>.

A Providência quer que paguemos a Deus a graça da vocação esperando contra toda esperança o dia que deve chegar <sup>361</sup>.

#### d. Como reagir contra esta tentação?

Bem, é preciso que nós saibamos reagir contra a tentação, compreendendo que as vocações que tem algum caráter profético, quanto mais proféticas são, mais passam por isto.

É engano achar que o Profetismo consiste na realização pronta da vocação esperada. Ele consiste na provação e na impressão do fracasso, e no crer contra toda esperança <sup>362</sup>. O ato de fé pelo qual a gente crê, apesar de parecer que não vai ser, esta é a vitória da alma com uma vocação profética (\*). A força de esperar até o último instante é a força que nos torna dignos do Profetismo <sup>363</sup>.

-----  
 (\*) Nosso modelo a esse respeito é nosso pai, o Profeta Elias, que do alto do monte Carmelo rezou num dia que o homem contemporâneo chamaria "céu de brigadeiro", um azul inexorável, no auge de uma seca que nada fazia cessar. Rezou, rezou, rezou para que viesse chuva. Foi-lhe revelado que a chuva viria. Demorou muito, ele teve que rezar muito. E quando veio, veio só uma nuvemzinha. Quando veio a nuvemzinha, ele mandou avisar ao rei que vinha a tempestade. Era só uma nuvemzinha, mas ele cria tanto que, diante do menor sinal, ele ficou certo: "vem a chuva". Assim devemos ser nós, nós devemos viver o dia-a-dia cheios dessa esperança: a Bagarre vem!  
 -----

Se nós cremos nisso, todos os perfumes daquelas horas primeiras se reacendem para nós. Se nós não cremos nisso, os perfumes daquela hora primeira desbotam para nós. Para nós a condição de não sabugarmos é cremos nas esperanças dessa hora primeira <sup>364</sup>.

<sup>357</sup> Reunião colombianos 9/10/89

<sup>358</sup> Reunião encarregados apostolado na Espanha 3/10/89

<sup>359</sup> Reunião colombianos 6/10/89

<sup>360</sup> Praesto Sum 23/7/84

<sup>361</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>362</sup> Reunião colombianos 6/10/89

<sup>363</sup> Reunião encarregados apostolado na Espanha 3/10/89

<sup>364</sup> Reunião do 24/7/84

### e. Sintomas de que a gente não está reagindo bem a esta tentação

À maior parte das pessoas o demônio não dá uma tentação que cristalize. Ele dá tentação macia, que não cristaliza e que arrasta à meias.

Então, em concreto, como é que se dá a coisa? Está demorando muito a Bagarre para vir, a gente está meio desanimado, e aparece de repente na sua cabeça uma sugestão assim:

"Eu passeando hoje pela rua vi um rapaz que tinha um relógio pulseira de tal e tal jeito. Ouvi que ele explicava para o companheiro tais e tais condições do relógio. Quem sabe se eu pedisse para papai um relógio assim? Eu posso ir almoçar em casa no domingo e voltar com um relógio desses. E quando puxar as horas, cioso de ver qual é o efeito, olhando muito mais com olho assim para o público do que para o mostrador, eu digo: são tais horas e hoje é dia tanto do mês".

No mês que vem é um par de sapatos novos. Para que? Para tornar a vida mais gostosinha enquanto a Bagarre não vem. Não é que eu não creia que ela vem. Ela vem! isso é certo. Mas como eu estou crendo pouco nela, que ela já não me dá alento, eu vou procurar essas porcarias, para ver se nelas eu agüento a decepção e continuo aqui dentro.

Então o indivíduo começa a se encher de balangandãs e de porcarias, de pequenas coisas assim.

Se não é isso e ele não tem aqui uma família que pode dar essas coisas, ele começa a ficar engraçado, a contar piadas, a procurar ter amigos com as riquezas da iniquidade, ele bajula os amigos para fazer popularidade, para ver se se torna importante dentro do Êremo.

Outros sintomas: quando o indivíduo ensabuga assim, ou ele se isola, congela e fica uma múmia dentro do Grupo; ou ele tem o temperamento muito irrequieto e começa a brigar com todo mundo e gosta de lançar uns contra os outros; ou ele executa mal os serviços. Estejam certos: ele deixou de esperar na Bagarre a plenos pulmões como devia.

Se a esperança da Bagarre começa a perder o caráter de oxigênio puro para os pulmões da alma, o indivíduo começa a querer arranjar um ninho gostoso para si, onde gozar a vida dentro do Grupo, porque ele não ousa sair do Grupo. E como ele não ousa, ele quer trazer o que está lá fora aqui para dentro e fazer a sua vidinha aqui dentro. E se ele começa a fabricar para si uma vidinha, ele fica mega, fica isso, fica aquilo <sup>365</sup>.

### f. Como se perde a esperança da Bagarre?

Na história do Brasil, [como os senhores sabem, houve uma guerra entre os portugueses e os calvinistas franceses].

Os portugueses instalaram-se na ilha de Villegaignon. [De um lado, eles tinham as naves calvinistas francesas, que queriam entrar na barra do Rio de Janeiro, mas eles as repeliam com armas de fogo]. Do outro lado, tinham a terra firme, onde estavam os tamoios, índios pagãos ferocíssimos, [aliados dos calvinistas].

Os portugueses necessitavam os meios de subsistência que tem em terra firme, porque não podiam viver de perpétuas pescarias em canoazinhas em torno da ilha de Villegaignon, e não podiam plantar porque a ilha era feita de rochedos.

Tendo que fazer incursões em terra firme, eles mal chegavam à praia, que os tamoios vinham como aluvião em cima deles.

Assim eles sobreviveram durante algum tempo. Mas heroicamente. E acabou sendo que deu tempo para os Reis de Portugal organizarem a remessa ordenada de recursos para o Brasil, e por essa remessa ordenada acabarem dando aos portugueses a possibilidade de empurrar para dentro os tamoios. E assim muito lentamente se fez a conquista do território do Rio de Janeiro.

Agora imaginem que um chefe sagaz dos tamoios tivesse dado aos tamoios o seguinte conselho:

"Vocês retirem-se mais para o interior, permitam que os portugueses venham aqui pegar viveres à vontade uma vez [por mês]. Se eles descerem mais de uma vez por mês, soltem a saraivada em cima deles. Acontece então um modus vivendi. Eles ficam vivendo confortavelmente dentro da ilha, estão num panorama lindo, estão em condições muito conveniente, amolecem. Ao cabo de 10 anos assim, nós com as nossas pirogas atravessamos até lá e liquidamos com eles".

Seria um conselho serpentino, mas muito acertado.

De algum modo a Revolução sempre fez isso conosco. Tirando as ocasiões de grandes batalhas avulsas --de ano em ano uma, de 2 em 2 anos, de 3 em 3 anos uma--, o resto era uma luta tendendo a nos esmagar com todas as pressões psicológicas que se possa imaginar. Era uma luta em que, pelo desprezo, o adversário visava nos abater o ânimo. Era só sairmos à rua, que nós notávamos esse desprezo sobre todas as formas.

<sup>365</sup> Praesto Sum 23/7/84

Mas, de outro lado, recolhidos no sossego de nossas casas, algo nos dizia: "isso durará sempre! não tem o grande futuro, não tem o pulchrum da batalha [com que vocês sonham]; então resignai-vos, habituai-vos à humilhação como sendo a condição normal de vossa vida, mas senti o gostosinho da humilhação; é a regularidade, é o risonho, é o normal. Perdei, oh perdei, o senso da batalha que vem logo! Gozai a vidinha e amolecei!"

Sob o tacão da bota, a estratégia recomendava: "Reajam pouco". Na proteção das belas sedes, o afeto paterno não podia dizer: "reagi com insolência contra o tacão da bota", porque explodia. Não era possível preparar sedes sem a vida regular, porque [o pessoal] deteriorar-se-ia. Era preciso que dentro dessas sedes houvesse uma atração para que tudo não se desconjuntasse.

Bem, o único jeito de resistir a essa guerra psicológica revolucionária era dizer o seguinte: "atenção, o adversário pode cair sobre nós de um momento para outro. Não cruzemos os braços na luta ideológica. Pelo contrário, estejamos prontos para o revide mais furioso, a qualquer momento, de noite ou de dia". [Quem assumisse este] estado de espírito, teria travado a maior batalha da História. Por que? porque isso de ficar de atalhia, quando tudo fala de tranqüilidade, isso de ficar de sobreaviso quando tudo sugere desarmamento, esta posição é uma das mais nobres ou talvez a mais nobre forma de heroísmo, e de heroísmo profético, que espera, espera, espera <sup>366</sup>(\*).

-----  
 (\*) Embora [às vezes] nós não vejamos a Bagarre se aproximar, devemos estar atentos para ela. Devemos estar com a atenção posta para toda espécie de coisa que a gente não vê. Para o perigo que não parece provável, para esse [devemos estar] preparados. É indispensável estarmos com o espírito sempre pronto para o perigo improvável, como se o perigo fosse muito provável.

A gente tem que ser uma pessoa que não está sempre voltada para o aparente, mas tem que saber crer na Bagarre mesmo quando a aparência não é essa, e tem que saber refletir <sup>367</sup>.

As aparências são filhas de Deus, a gente deve amá-las e, tanto quanto possível, aproveitá-las. Mas quando elas se distanciam, a gente deve manter a convicção e o estado de espírito [de vigilância e combatividade] <sup>368</sup>.

As aparências não dão todo o quadro da realidade. Há uma porção de outras coisas que não são aparentes que a gente tem que tomar em consideração para ter o panorama completo. Então quando tudo fala de tranqüilidade, [é preciso] ter em vista o perigo.

Aliás, por expressa recomendação de Nosso Senhor nós devemos fazer assim a respeito da morte <sup>369</sup>.

-----  
 Manda a verdade histórica que se diga que nossa reação não se limitou só a isso. A nossa reação consistiu também em nos expandirmos pelas frestas entre a massa dos tamoios, em converter os tamoios, em fazer caravanas por entre os tamoios, em salpicar o território dos tamoios com postos avançados nossos de todos os lados, em recrutar simpatizantes por entre os tamoios, e portanto em abalar de um modo surpreendente o poderio tamoio.

Mas obra também pequenininha, de ourivesaria: é mais um, é mais outro que a gente pega. A gente manda alguém para uma Pirituba qualquer para fazer apostolado, não dá certo, vai para outro lado, mexe de cá, de lá e de acolá. Afinal alguma coisa se consegue.

E quando ao cabo de muito tempo a gente vai reunir aqueles farelos que conquistamos ao longo de décadas de tranqüilidade, de tranqüilidade na humilhação e sob o ódio dos outros, a gente de repente verifica surpresa: são mil!

\*

[Outra forma de guerra psicológica usada contra nós é a alternância de extremas tensões e de extremos relaxamentos]:

Nosso adversário de vez em quando joga nas nossas posições uma bomba incendiária, são os estrondos. Apagada a bomba incendiária, ele verifica que não pudera destruir a fortaleza heróica. Então, logo no dia seguinte de acabar o estrondo, a moleira burguesa nos cerca de todos os lados.

Encerrado aquele estrondo, dias depois nós temos a impressão que é há um ano atrás que ele acabou, e que nós voltamos para a vidoca, para aquela vidoca que o estrondo tornou mais atraente, porque como a gente lutou, teve problemas, etc., apagada a bomba incendiária é preciso pôr a casa em ordem. E no pôr a casa em ordem, cantam os passarinhos, está lindo o Êremo, está uma beleza a nossa vida, han-han-han... A alma vai amolecendo.

Quer dizer, o demônio empregou conosco um sistema que era: das extremas tensões para o extremo relaxamento; passar de um extremo para outro, de um extremo para outro, para gastar, para quebrar, para inutilizar.

---

<sup>366</sup> Chá São Bento 19/7/84

<sup>367</sup> Praesto Sum 23/7/84

<sup>368</sup> Chá São Bento 19/7/84

<sup>369</sup> Praesto Sum 23/7/84

O que é que Nossa Senhora teria querido de nós? Nossa Senhora queria de nós que nós compreendêssemos que a qualquer momento o adversário poderia voltar, e que nós tivéssemos a vigilância e a prontidão para a luta, que nos mantivéssemos animados. Aí teríamos vencido o adversário verdadeiro, que era muito menos a bomba que o adversário podia soltar, do que esse gás tóxico, essa coisa mefítica da vida de todos os dias que parece não ter "lendemain"<sup>370</sup>.

\*

Poucas coisas concorrem tanto para nos dar desânimo quanto a impressão de que esse mundo de pecado e de maldição é de uma solidez elefantisíaca, não há quem derrube. Fica-se com a idéia do esforço inútil.

É preciso nós termos a idéia de toda fragilidade interna desse mundo, a ponto de sabermos que esse mundo está para cair pela sua fragilidade interna, para nós compreendermos o sentido do safanão que nós damos nele<sup>371</sup>.

### **g. Como preparar os novatos antes da tentação se apresentar?**

É preciso vocês lentamente não só irem se preparando para isso, mas ajudarem os mais moços a lutar contra essa tentação. Não falando a eles o que eu estou dizendo, porque isso vai criar para eles o problema antes de ter aparecido. Mas apresentando continuamente o panorama da Congregação como uma réplica preparatória à tentação, quando ela vier, e que consiste nisso: a dificuldade extraordinária que há em recrutar gente para a Congregação, numa ocasião em que o mundo inteiro vai numa linha oposta.

Não é em vão que milhões de indivíduos apostatam de um modo ou de outro: porque deixam o estado de graça, ou porque deixam a Fé Católica, ou porque prevaricam na Fé Católica --quer dizer, fingindo estar dentro da Igreja, de fato estão fora da Igreja, corrompem a Igreja. Se não fosse o fato de uma atração enorme e de uma caudal colossal [isso não aconteceria].

Conseguir pescar os peixes dentro de uma água que vai correndo, e tirar os peixes da correnteza e pôr num outro lugar, é uma coisa muito maior do que uma pescaria comum.

E portanto se compreende que seja um milagre que a Congregação seja o que é, pregando o que prega. Sem uma graça especial muito grande a Congregação não existiria. Ela é enorme! Existir em 20 países, no mundo de hoje, e ter possibilidade de abrir sedes em [outros países, é muita coisa]. Proporcionalmente aos adversários, ela não é enorme, ela é pequena. Mas ela tem toda a eficácia e todas as possibilidades da guerrilha em face de um exército regular.

Quando [houverem] lances [da Congregação], vocês devem mostrarem para eles: "isto tem este efeito, este alcance, é uma coisa muito grande", para eles terem consciência de que um meio milagre está feito, e que se trata de conseguir o restante do milagre, mas que a parte mais dura foi essa.

[Procedendo assim], é muito mais fácil de manter o entusiasmo, o fervor<sup>372</sup>.

\*

Para dar à gente a confiança de que essa graça não é estéril, a gente a vê dia-a-dia conquistar ao adversário um terreno improvável. Quando os senhores começaram esse caminho, os senhores imaginavam que nós íamos poder reunir 2.000 CCEE num auditório para uma conferência? Era impossível, mas foi feito.

Se um homem, a quem foi prometido que ele plantará tulipas em todo o deserto do Saara, conseguir em cada ano que passa plantar mais uma tulipa, ele não tem o direito de duvidar de que um dia ele encherá o deserto de tulipas. Por uma regra clara: se foi feito para ele um milagre --uma tulipa no deserto é um milagre--, por pequeno que seja o milagre, ele deve acreditar na palavra que lhe disse: "o deserto, por obra de tuas mãos, florescerá com tulipas". Um pequeno milagre? Não há pequeno milagre, o milagre é uma coisa colossal!

Ora, coisas assim a Providência a toda hora faz para nós. A toda hora nós vemos acontecer coisas improváveis que nós desejamos ardentemente, fizemos tentativas e fracassamos, mas depois vamos ver, onde menos esperávamos lá está a tulipa nascendo. É assim e nisso nós devemos confiar<sup>373</sup>.

---

<sup>370</sup> Chá São Bento 19/7/84

<sup>371</sup> Reunião do 27/7/84

<sup>372</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>373</sup> Reunião do 24/7/84

#### h. Como proceder uma vez que a tentação se apresenta?

Agora, quando a gente percebe que o problema vai nascendo, falar um pouco em Fátima, demonstrar que a Bagarre vem, etc., é sempre uma conferência que vale a pena renovar, mas não é o eixo. O eixo é compreender que o que ocasionou a morte da esperança da Bagarre é que o amor foi fraco, e a tentação da impureza, do mundanismo, do orgulho, foi tomando conta, e que, em face disso, era preciso fazer caminho em ordem inversa.

Os apóstolos devem rezar e pedir a Nossa Senhora, além das graças interiores para [a pessoa que está perdendo a esperança da Bagarre], uma outra graça: é o senso da hora de Deus. Há uma determinada hora em que convém dizer isso e há horas em que não convém dizer. Quando eles percebem que Nossa Senhora preparou o caminho, digam: "meu caro, você veja um pouco, Dr. X fez essa conferência sobre o senso da Bagarre e eu estive me examinando e não estou contente comigo a esse respeito". Podem dizer sem mentir, porque nenhum homem deve estar permanentemente contente consigo mesmo. "Tem tal coisa, tal outra e tal outra ainda. Você me daria um conselho?"

Ele fará uma confidência: "eu também não estou contente". Encetem a conversa. Ponham-se o tempo inteiro como meio culpado do pecado dele. Em geral não se ponham no seguinte papel: "eu inocente, você culpado". Digam: "nós, etc., etc.", então propomos tal coisa, conversamos. E tratem da coisa como Nossa Senhora ajudar <sup>374</sup>.

[Podem] dar a noção do que é a vocação, do que é o Profetismo, do que é a vocação profética, das grandes esperas que o Profetismo traz consigo, e como é preciso esperar dentro da aridez, dentro do deserto, dentro de tudo o mais, esperar, esperar, esperar, porque acaba se dando (\*).

-----  
 (\*) A gente pode apresentar para eles algumas coisas sintomáticas:

- São Joaquim e Santa Ana: eram muito velhos, não podiam mais conceber, eles continuavam a esperar. Bem, mas o Messias eles só esperavam pela linha masculina, não pela linha feminina, porque o Messias só podia descender por via masculina. Afinal nasce a criança esperada. Mas nasce uma menina. Como é que eles podiam imaginar que essa menina ia ser Esposa do Espírito Santo?

- São José: já velho, voto de castidade, de repente recebe indicação da graça, "você tem que casar". Bom, vamos lá. Vão vários homens apresentar-se a Na. Sra. em condições de casar com Ela. E o que foi dito lá é que aquele cujo bastão florisse, esse tinha que se casar com Ela. Com certeza São José achava que o bastão dele não ia florir. Imaginem a cara dele quando olhou para o bastão e se formou um lírio. Bem, depois imaginem quando ele viu que Na. Sra. tinha concebido. Ele não duvidou de Na. Sra., mas ele não compreendeu. Afinal veio um anjo. Assim mesmo veio num sonho, hein. E revelou a ele o que havia <sup>375</sup>.

-----

### 3. A crise do amor próprio

As instituições, as nações, etc., tem um quid, que [corresponde ao] que elas tem de melhor. Quanto mais elas crescerem naquele quid, mais elas crescerão inteiras em todos os seus aspectos.

Vamos dizer uma nação pequena como Portugal. Ela teve em determinado momento um certo quid que foi extraordinário e houve um certo momento em que a noção desse quid começou a decair nos portugueses. O quid do Portugal pitoresco, agradável, que compraz, etc., já não é o quid dos portugueses que encontraram o caminho do Cabo das Tormentas.

O que era lumen? Era uma qualidade moral super excelente, que resultava de eles verem --talvez por uma espécie de graça mística ordinária-- uma certa virtude que mobilizava todas as disposições de alma deles, e os levava ao ataque. Era uma certa forma de Fé, uma certa forma de destemor, que são a Fé e o destemor como o português a tem, à la português.

E como eles pararam de ver isso, não só eles pararam de fazer, mas eles começaram a achar monótono o cântico dessas coisas. De maneira que os Lusíadas, que teria deixado fora de si os homens do tempo de Dom Afonso Henrique, já não encantava mais os portugueses do período da decadência.

<sup>374</sup> Reunião do 24/7/84 e Reunião encarregados do apostolado na Espanha 3/10/89

<sup>375</sup> Reunião encarregados do apostolado na Espanha 3/10/89

Isso que se deu com os portugueses, deu-se com todos os povos da Europa. E se nós hoje lamentamos que a Europa não é senão a recordação mau cheirosa do que ela foi, é porque em determinado momento cada país da Europa fechou os olhos para seu próprio lumen.

Bom, essa mesma coisa dá-se com os indivíduos. Quando o indivíduo recebe o Tau, ele vê alguma coisa na ordem do universo, na Igreja, naqueles com quem ele deve caminhar nas vias de Deus, e vê em si.

Eu insisto no ver em si. O indivíduo vê honestamente seus defeitos, seus pecados, mas também tem uma noção de seu Tau e de suas virtudes, não megalala mas se sente altamente dignificado. É uma espécie de respeito por si mesmo a essa luz.

Quando a pessoa vai correspondendo a isso, vai para frente.

Quando a pessoa não corresponde a isso, a noção interior e objetiva da dignidade própria começa a se apagar; a pessoa [cessa de] perceber a dignidade que o Tau põe nela, [já] não tem ufania disso, acha que isso vale para si, mas que o público não dá importância a isso. Passa a ter um desejo errado de sua própria dignidade e vai correndo atrás de honrarias, de situação, de dinheiro, para valer alguma coisa aos olhos dos outros. Começa a se admirar e pensa que essa admiração que tem de si próprio lhe serve de estímulo (\*), mas é o contrário: ela em minutos se desvia e desenvolve o amor próprio. E o amor próprio --que é talvez o mais repugnante dos defeitos morais-- fecha completamente para a pessoa o Tau e introduz um fator de moleza dentro da alma. A pessoa se julga posta diante de tanta evidência que não tolera a menor restrição; fica incapaz das grandes resoluções e dos grandes heroísmos. Aí a fidelidade vai se tornando difícilíssima, como uma navegação noturna sem estrelas para orientar, nem farol para esclarecer. E então perde o Tau <sup>376</sup>. A pessoa vê em torno de si outros que tem qualidades, mas não admira, e se compara com eles. Aparece a impureza. A religião [parece] impraticável, [porque] a pessoa está fazendo muito esforço para evitar a impureza, mas não consegue porque o amor próprio está endemoninhando a alma dela <sup>377</sup>.

-----  
 (\*) Esse comprazer-se com seu próprio talento, com suas próprias qualidades, por mais legítimo que seja, é um marco tão perigoso que se o sujeito faz, perece dentro de pouco tempo. A pessoa julga que isso não tem importância, "porque é matéria de atitude perante si, não tem nada que ver com a moral". Tem que ver com o primeiro Mandamento! Porque quando o indivíduo cede a isso, deixa de amar a Deus sobre todas as coisas.

É verdade que ele possa ser admirável, mas para as qualidades dele ele tem que ser cego. Se ele for cego, os outros verão; se ele vê, os outros ficarão cegos <sup>378</sup>.

-----  
 \*

[Nestas circunstâncias], a gente precisa não favorecer a vaidade do sujeito em nada, mas evitar enormemente de contundi-lo em qualquer coisa. Porque aí dá ao demônio a possibilidade:

"Está vendo? eu já tinha dito isso a você, eles não dão a você todo valor que você tem de fato. Então agora é preciso que você mostre bem direito quem você é."

O demônio trabalha assim: de um lado [estimula] a megalice; [mas] depois [incute] momentos de deflação: "eu não sou nada, não valho nada, quem é minha família? do que que adianta viver?" É um processo que se repete depois quando o sujeito se pergunta se é o caso de apostatar: se apostatar, ele é um colosso que vai fazer tais coisas, tais coisas, tais coisas; mas também ele é o último dos homens, ele não vai ter nem o que ele tem dentro da Congregação, então é melhor aturar qualquer coisa, etc.

O jeito que a gente tem de fazer o mal ao demônio no caso é muito macio: pena. O sujeito tem que sentir que a gente intui quanto ele está sofrendo e que a gente tem pena do sofrimento dele.

Depois de ter aturado muito, ter apanhado e ter passado por algumas humilhações --porque isso a gente irriga com o sangue da gente--, o diretor espiritual, um belo dia, com bondade, procura a ele e diz a ele a questão do amor próprio. Aí muda tudo.

Tudo seria diferente se o sujeito compreendesse a solução, que é de nunca se comparar com ninguém, a nenhum propósito. Se ele estivesse ao lado do Churchill, ele não se compararia. E se ele estivesse ao lado de um lixeiro, também não se compararia. Ainda que seja evidente que ele é mais, ou evidente que é menos, não pense nisso, não admire suas qualidades, que você corrige seus defeitos. Essa é a fórmula, é o ponto de partida <sup>379</sup>.

---

<sup>376</sup> MNF 4/5/90

<sup>377</sup> Despacho 27/5/93

<sup>378</sup> MNF 4/5/90

<sup>379</sup> Despacho 27/5/93

#### 4. A crise da carreirosa

É um elemento integrante de nossa vocação a idéia de que, correspondendo nós à graça, nós recebamos, individualmente cada um, uma glória muito apreciável nesta terra e nesta vida.

Quando a pessoa recebe a vocação, entra nos elementos de estímulo ao Tau uma santa apetência -- subconsciente ou consciente-- de participar da glória de todos os que combaterem conosco na vitória final.

O Tau abre para o indivíduo grandes horizontes e dá-lhe uma vontade de lutar, de batalhar e de fazer coisas na proporção da grandeza desses horizontes. O Tau levanta para ele uma sede de participar de uma cavalaria mythica.

Essa prelibação ou pressentimento que nós temos participa de um certo caracter profético. Se dá bastante no tempo em que a vocação não tem nuvens. E é um elemento que conforta a vocação e que nos leva a ter para com a vocação uma fidelidade especial.

Agora, em determinado momento, por desígnios misteriosos da Providência, em muitas almas isso se apaga um tanto, à maneira de aridez. A pessoa se dá conta de que o tempo vai passando e que as aptidões, as capacidades dela reais --às vezes ela exagera, às vezes ela subestima-- não estão sendo aproveitadas; ou que se estão sendo aproveitadas, é para uma coisa muito menor do que ela poderia dar. O que equiivale, portanto, também a um não aproveitamento (\*).

-----  
 (\*) [Fenômeno análogo se repete com as pessoas que] tem uma ação de presença que é exclusiva, ou que pelo menos vale mais do que a ação ativa delas. E como essa ação de presença parece nada, porque não é percebida por aquelas que a exercem, e porque aquelas que a exercem tem a impressão que isso é um "far niente", [essas pessoas pensam que] a vocação rejeita elas, sem elas compreenderem por quê.

De fato, de vez em quando, a Providência faz já com que essas pessoas de repente sejam ultra aproveitadas para alguma coisa. Elas pensam que é sobretudo pelo que elas fazem, mas no fundo é sobretudo porque elas são.

-----

Esta situação equiivale a uma frustração dessa esperança profética e heróica de participar da cavalaria mythica que eu acabo de falar há pouco. Por sua vez, essa diminuição de esperança faz murchar o Tau. E fazendo murchar o Tau, produz a crise.

A pessoa cede à tentação, se esquece dessa esperança, e se volta para as glórias terrenas, para não ficar completamente sem sentido aquela esperança primeira. Daí o querer brilhar em coisinhas secundárias pelo desespero de que aquela glória prenunciada não veio. E às vezes quase como quem toma uma desforra de Deus.

Se ela tenta fazer essa carreira, a Providência não a desajuda, mas criam-se circunstâncias por onde acaba sendo que ela vê que não dá certo. Se, pelo contrário, ela não tenta fazer a carreira, ela fica dentro do Grupo amargurada, abatida e com uma espécie de vontade psicológica de assistir a reunião no fundo dos "irmãos separados", para poder estar ali sonhando na carreira que ela estaria fazendo.

Isto é muito importante para explicar para a pessoa de preferência antes de entrar na crise. Porque quando começa a crise a pessoa já não vê claro.

[Agora], para ajudar as almas [que estão] nessas condições, nós temos que antes de tudo debelar do caminho, por uma ação "removens proibens", uma série de obstáculos para que a pessoa esteja bem em condições de aproveitar o remédio que se procurará pôr a disposição dela.

O principal obstáculo é que diante dessa situação que eu descrevi, o indivíduo vai procurar na vida espiritual [clássica] os corretivos necessários e encontra princípios muito santos, muito sábios, mas que não lhe dizem nada à sua alma. Então, "que todas as coisas terrenas não valem nada", "sic transit gloria mundi", "vanitas vanitatem et omnia vanitas", "meu filho, resigne-se, ponha-se bem quietinho no seu caminho, e receba isto bem direitinho, que você terá depois no Céu uma recompensa colossal, um violino e uma nuvem azul sobre a qual sentar-se".

Essa visão leva o indivíduo então a dizer o seguinte: "aquela cavalaria mythica com a qual eu sonhava é vaidade, querer uma glória na terra é o começo da perdição das almas. Disse São Tal: não procures a glória na terra porque a perderás no Céu, despreza a glória na terra e a ganharás no Céu. Então eu vou me afundar nisso". Afunda-se e dá um membro do Grupo desapontado, amargurado e para sempre fanado.

O erro em que incidiu essa pessoa foi procurar a solução nos manuais que servem para os indivíduos chamados para as vias comuns de santificação. Mas a questão é que Nossa Senhora nos chamou para algo de especial. E tendo chamado para algo de especial, deu-nos uma vocação especial. E deu-nos a vocação de deitar a atenção sobre certos aspectos da doutrina católica que, por concisão, esses autores excelentes da via comum não mencionam.

Pode-se dizer licitamente que as coisas desta terra não valem nada e que só valem as coisas do Céu. Mas é preciso entender que isto tem um certo sentido assim: é que o bem absoluto está nas coisas do Céu e que os bens da terra são bens relativos, e podem até não ser bens, podem ser coisas que sejam nocivas, que façam mal. Mas não se pode dizer que nunca um bem da terra não tenha um certo valor.

Nós vemos em vários exemplos bíblicos pessoas virtuosas que são recompensadas depois de períodos de prova com bens da vida terrena, e depois [com] os do Céu. Exemplo Jó: ele perdeu a mulher, os filhos, a fortuna e a



saúde; depois Deus lhe deu não apenas o Céu, mas lhe deu na terra alguma coisa que era terrena e vinha cheia de elementos de santificação, porque estava na via de Jô, e que ajudaram Jô a se santificar ainda mais.

Quer dizer, devemos compreender que na nossa via, isto é, na via da esperança como que profética de realizar a vitória sobre a R e de conduzir as coisas para a procissão triunfal do começo do Reino de Maria, nós teremos um pagamento muito maior do que nós jamais poderíamos imaginar. Mas que esta via tem também suas dificuldades e seus percalços. Se não tivesse, era imperioso duvidar de que esta via fosse a verdadeira. Sem a cruz de NSJC não se vai para frente.

Esses prenúncios de glória se realizam sempre, mas de um modo que a gente nem sempre imagina. A Sagrada Escritura, por exemplo, fala a respeito da glória do Messias: é o Rei que ensinará de ponta a ponta da terra, e seu trono está firmado no Céu, e não sei o quê, etc. Quem lê sem uma certa "souplesse" de espírito, é levado a pensar numa carreira política, como pode ser a carreira de um rei. [Essa glória] realizou-se de ponta a ponta, em parte na dor e nas lágrimas durante a vida terrena dEle, e só se realizou inteiramente sem dor e sem lágrimas depois da vida terrena dEle.

Com os Apóstolos também realizou-se de ponta a ponta. Mas pelo muito que eles carregaram a cruz de Nosso Senhor e pelo martírio. Depois eles tiveram esse reino. Mas tiveram nesta terra, não é só na outra terra.

Isto conduz a que nem sempre esses prenúncios assim devam ser entendidos como eles soam. Eles tem qualquer coisa de simbólico e que surpreende. Não é dizer que nós esperamos uma coisa e vai sair completamente outra. Vai sair inteiramente o que esperávamos, e até mais do que esperávamos. O "modus" é que muda, pode ser mutável<sup>380</sup>.

## 5. A crise da pureza (\*)

(\*) Procurar na Quarta Parte, III, G

## 6. O balanço das vantagens e "desvantagens" de pertencer à Congregação

Outra causa possível [de apostasia] é a seguinte:

Inconscientemente o rapaz faz um balanço das vantagens e desvantagens humanas dele ao entrar para a Congregação.

Ele era um desalveolado, quer dizer, um homem que não tinha vínculos com nada, um isolado. Entra na Congregação e sente que esse isolamento pode romper-se, ele pode encontrar um ambiente amigo. Isto para ele faz muito bem.

Depois ele tem um impulso que faz parte do senso do ser e que o leva a querer o maravilhoso. A Congregação apresenta o maravilhoso por mil lados e faz com que ele saia de um sono pastoso e semi-drogado [e ingresse] num mundo real encantador. Ele se encanta e passa a viver na Congregação.

Isso é as vantagens. Agora os inconvenientes:

Ele sente a pressão da opinião pública contra ele. Por toda parte onde ele andar, ele se sente um contestado, um isolado, um combatido.

Em segundo lugar, ele entra para a Congregação, começa a ver a R e a CR em tudo, sente que aos poucos vai se instalando no espírito dele uma seriedade e uma coerência de viver que é contrária ao hábito de despreocupação e de vagabundagem em que ele vivia antes. Ora, o gosto de andar despreocupado por todos os lados é um vício que está no homem. E disso ele tem saudade.

\*

Bom, a respeito da pressão da opinião pública, a gente deve falar com ele francamente:

Essa pressão existe, você a sofre e a deve enfrentar e ela não é gostosa.

É preciso dar as razões superiores para suportar essa pressão: a Paixão e Morte de NSJC, o amor ao heroísmo, como a vida de luta é nobre, digna, etc. E acrescentar o seguinte:

Se você vai procurar quem no seu colégio persegue a você, pondo você no ridículo, você nota que é uma minoria que encontra repercussão na grande maioria, mas que se essa minoria fosse isolada, ela não tinha nenhum efeito.

<sup>380</sup> MNF 11/5/90

A maioria não tomaria a iniciativa de caçoar de você. Ela só toma porque uma minoria faz. O que quer dizer que esses caçadores fazem rir os outros, mas os outros de si, espontaneamente não seriam assim.

Os da maioria riem apenas para não ficar mal com esses que caçoam. Se alguém não acompanha a eles no riso, fica apagado naquele conjunto; e se acompanha, é elevado. Quer dizer, há uma espécie de recompensa para quem ri muito e uma espécie de castigo para quem ri pouco. Mas a maioria, se pudesse, não ria de você.

Há uma ditadura de uma turminha que dirige a gargalhada e que dirige tudo. Os outros são perseguidos.

É preciso comentar isso com os colegas e assim furar o balão. Imagine o bem para um colégio em neutralizar o turma do riso!

Então, no colégio dizer, eventualmente, numa discussão: Vocês querem fazer crer que estão todos dando risada de mim; é você, você, você que riem; e quem não acompanhar vocês, vocês vão em cima desses; e vocês outros não tem coragem de não rir. Eles vão dizer que não, vão fazer uma sarabanda. Mas depois, fuuu...

Bom, se não for isso, podia fazer mimeografada uma coisa sobre isso, ou publicar no jornalzinho do colégio um artigo cujo título podia ser "O riso: instrumento da tirania? ou expansão da liberdade juvenil?" E dizer: Olha aqui, alguém me deu esta nota sobre o riso. Você o que é que pensa disso?

Fura o balão! De qualquer maneira vocês concluem por aí. Vocês digam o seguinte:

A Congregação enfrenta poderes que ninguém enfrenta: rádio, televisão, jornais. Todo mundo tem pânico disso. A Congregação enfrentou tantos estrondos (mostra a lista de estrondos). Já se escreveu que dava para derrubar um governo. Está aí a Congregação.

Mais ainda, ela é pouco noticiada pelos jornais, rádio e TV. E quando noticiada, é carga contrária enorme. Como é que ela se tornou conhecida no Brasil inteiro?

É porque aqueles de que vocês riem são aqueles que vocês admiram.

Agora, não é a melhor hora para tratar disso quando eles estão caçoando, porque aí a investida está montada. É preciso na sala de aula procurar os mais tranqüilos, que são os que riem menos, e com esses começar a fazer esse comentário, preparando a opinião pública interna para a hora em que vocês disserem em público. Vocês dirigem um cochicho antes.

\*

Agora, a tentação de flunar a gente evita tornando a sede o mais atraente possível (cfr. Terceira Parte, Fase II, letra I)<sup>381</sup>.

## 7. A fidelidade ao Tau vista em função dos mitos que orientam a vida do homem

Quando [nas reuniões] me dizem que "não há objeção", [acho que] tanto quanto caiba não há. Mas há objeções. Como é que a objeção se põe?

Quase todas as pessoas compõem seu horizonte mental de 2 elementos diversos, até opostos:

Um é aquilo que elas pelo raciocínio vêem.

Outro é a ilusões decorrentes de modos primários, infantis, imaginários de ver a vida. São impressões que, como caem no gosto, a pessoa não analisa. De um lado isso lhe parece evidente e de outro lado lhe parece balofo. E enquanto balofo a pessoa prefere não entrar naquilo, porque vai ter uma desilusão, e ninguém gosta de desilusão. E fica então com um mundo de coisas na cabeça que são ilusórias e que constituem depois uma espécie de frouxíssimo e molíssimo corpo de doutrina. O indivíduo não passa a ter a ilusão porque raciocinou; é o contrário, porque ele aceitou a ilusão sem raciocinar.

Mas há uma certa coerência natural, uma certa concatenação nessas várias ilusões, que são todas filhas das mesmas fantasias dele, tem a marca dele e não tem a marca dos outros. E na cabeça do sujeito isto tem a firmeza, não da convicção lógica, mas do apego: ele gosta que seja assim, ele vive para que isso seja assim, não quer outra coisa que não seja isso.

Eu vou dar um exemplo com um menino de um colégio, porque estou persuadido que esses erros todos nascem timidamente ao longo do curso primário, e robustamente ao longo do curso secundário:

<sup>381</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

[Quando eu era menino], a rua Albuquerque Lins e toda aquela baixada para o Pacaembú era assim: os terrenos eram de particulares que não tinham construído [ali nada], não estavam divididos e estava cheios de vegetação silvestre.

A Fraúlein nos levava lá para pegar borboletas. E eu, embora muito preguiçoso para me mexer, atrás das borboletas eu me mexia, seduzido pela cor. Corríamos por ali minha irmã, uma prima que foi educada conosco e eu.

Bom, imagine que de repente ali pelo meio eu encontrasse um outro bando de meninos brincando. Podia facilmente me dar a ilusão de que aquele bando era muito mais atraente, muito mais divertido, muito mais agradável, etc., do que o meu. Porque no grupo que eu freqüentava faltavam algumas coisas que o meu temperamento e o meu modo de ser desejavam.

[Digamos que] uma das crianças [desse bando] abre um saco com doces e que [convida] para mim um pedaço de cake inglês. É um bolo com camadas de cores diferentes que me entusiasmava. Como aquilo e estabeleço a seguinte idéia: "aquelas crianças todas concordam comigo nisso e naquilo; logo, numa porção de outras coisas; tem tal mentalidade, convém idealmente a mim".

Então pode ser objeto de um sonho de olhos abertos para mim: "se eu pertencesse àquela gente lá, se eu fosse o filho de alguém lá, se eu me desse com aquela gente", etc.

Se forma uma ilusão [não tanto à procura de qualidades morais, mas à procura do agradável, à procura de uma alegria para os sentimentos da gente. Essa ilusão] consiste em última análise em atribuir às pessoas a mentalidade que nós queríamos que elas tivessem, para nós vivermos bem e termos um convívio agradável com elas. A idéia é sempre com um ambiente aonde a gente é muitíssimo querido, "chatouillé", sem o que a ilusão não se forma.

[Em relação à "F" o sujeito tem ilusões como as] que eu acabo de dizer, mas também tem a sensação do poder da proteção que a "F" dispensa à gente, do prestígio que a "F" tem e que faz com que a gente sinta ali um apoio. É o egoísmo mais uma vez em cena.

Toda criança numa certa idade forma uma "F" de ilusão. E essa "F" de ilusão é mais ativa do que a "F" real.

Na primeira infância essa mitificação do pai e da mãe é mais ou menos inevitável, e tem a seguinte razão: o pai e a mãe, enquanto pai e mãe, tem de um modo ou doutro à criança um afeto que o comum das pessoas não tem; por causa disso, a criança deduz daí que o pai ou a mãe é muito melhor do que os outros, porque ser bom para a criança é ser bom para ela. Isso de ser boa em princípio... É ser boa para ela. E ela sente alguma coisa da grandeza do amor paterno, da grandeza do amor materno, que ela então mitifica. "Meu pai é assim para todos os efeitos, minha mãe é assim para todos os efeitos".

Mas depois começa para o espírito equilibrado a reanálise. E a reanálise confirma muitas qualidades e aponta também muitos defeitos. E até às vezes um período de ruptura dos adolescentes com os pais [é] por causa das sucessivas decepções que os pais dão, e porque o adolescente se recusa a reconhecer nos pais algumas qualidades que tem.

Com o tempo, as ilusões que o sujeito tem se transferem do terreno do afeto para o terreno da carreira. Então é uma ilusão sobre a própria capacidade de fazer carreira e sobre a carreira que vai encontrar. De maneira que a vida é para ele uma "linda aurora de um róseo porvir".

Então ele entra para a Faculdade de Direito certo de que vai ser Presidente da República. É o sonho de quase todo estudante de Direito. Quando ele chega no último ano, está louco para arranjar um lugar de promotor público no interior. Porque ele passa [do sonho de ser] Presidente da República a Governador de Estado, depois a Deputado Estadual, depois ele quer ter apenas um grande escritório de advocacia, depois, se ele cavar, para começar, um lugarzinho de promotor público no interior, ele fica contentíssimo.

É uma segunda geração de sonhos que ele forma. Depois podem vir outros sonhos assim em levas, mas é como um cake inglês: uns restos de tudo isso fica na alma, e é esse caos de ilusões que orientam o homem. (São como camadas geológicas de sonhos).

Numa civilização onde tenha entrado o mito do amor sentimental fica quase impossível, sem ajuda do sobrenatural e de direção espiritual, fugir do nascimento de uma porção de mitos não sexuais.

\*

(Agora, isto é diferente do sonho inocente. A criança inocente se sente numa terra de exílio e sonha com um mundo maravilhoso, paradisíaco); sonha por admiração desinteressada. E aqui é o sonho do egoísta.

A criança medieval não tinha esses sonhos [egocêntricos]. Acho que foi com o humanismo que o egoísmo se entumeceu de um modo inenarrável, e que os sonhos [inocentes] se deformaram.

[Como se opera a deformação?] Vamos tomar o caso que eu figurei de 2 bandos de crianças que se encontram na rua Albuquerque Lins. A criança descontente com o próprio bando em geral procura no outro bando uma coisa boa. Mas num sentido da palavra "bom" em que o gostoso e o louvável se confundem. Acontece que nesse procurar a coisa boa e ao mesmo tempo gostosa, vai se acentuando o desejo do gostoso mais do que do bom, e muito rapidamente. E nisso vem a deformação.

\*

(Quando a gente encontra o Tau, a gente encontra uma plenitude: "isso é que desejava e mais até". E as ilusões egocêntricas que a pessoa tinha até esse momento ficam como que apagadas), como quando nasce o sol: as estrelas somem.

(Mas depois, infelizmente, surge um novo mito a desviar a visão verdadeira que o Tau trouxe). Esse mito que surge é uma revivescência dos maus mitos de outrora.

Quando o sol aparece, quer dizer, quando vem o Tau, o Tau leva nossas almas a admirarem e se deleitarem com muitas coisas que não são gostosas, mas são admiráveis em si. Quando o Tau começa a diminuir, o sujeito vai gostando das coisas que o Tau mostrou, mais porque é gostoso e não porque é admirável em si. E daí começa a decadência.

\*

Esse banco de ilusões semi-pensadas constitui toda uma visão da vida, toda uma visão de si próprio, a que a pessoa adere como a ostra ao barco --ou para usar uma expressão medieval "sicut lepra cuti", como a lepra adere à cutis do homem-- e forma um só todo com o homem.

A pessoa não tem a coragem de conferir com toda honestidade essas ilusões com a doutrina da Igreja, e muito menos ainda de conferir com doutrinas que eu dou e que são conseqüências da doutrina da Igreja. Em conseqüência a pessoa fica bipartida [entre] o mundo da ilusão e o mundo da convicção contra-revolucionária.

A convicção contra-revolucionária debilita a ilusão? Às vezes um pouco. A ilusão debilita a convicção contra-revolucionária? Sempre e muito.

O Tau apresenta todo um universo de beleza, de bondade, etc., mas pede a retificação de todas as ilusões. Vejam bem que eu não estou falando eliminação de todas as ilusões, porque nessas ilusões pode entrar pelo meio alguma coisa de verdadeiro e de bom. Feita essa retificação, o indivíduo correspondeu ao Tau. Se ele não fez a retificação, ele não correspondeu ao Tau. (O Tau seria como um molde, a pessoa precisaria retificar toda a mitologia de acordo com esse molde).

A retificação se faz quando a gente ama tanto o Tau que, notando contradições, não as tolera, e quer eliminar o que é contrário ao Tau. E a mediocridade, a moleza, o apego, levam algumas almas a não amar tanto assim o Tau, e viverem no conúbio indecente do Tau com isso. O resultado é que isso vai lentamente corroendo o Tau.

Retificar é dolorido e não é "piacevoli", não é simpático nem nada. Onde nó comigo.

[É preciso esclarecer que] tudo aquilo de que a alma legitimamente precisa, ela encontra esplendidamente na fidelidade primeira pré-Tau e depois no Tau. O que se propõe a nós não é portanto uma vida de raciocínio seco, quase um calvinismo católico, mas é uma vida cheia de sentimento, de união, etc., na qual tudo favorece o papel do raciocínio, e o raciocínio se ergue como um monumento em cima de uma estátua<sup>382</sup>.

## 8. O desejo de gozar uma felicidade no padrão da Bagarre Azul

Muita gente tem a idéia de que o homem, para ser feliz, precisa não recusar nada a si próprio, atender todos os seus caprichos e fazer tudo quanto deseja.

[E entre os nossos] alguns começam a oscilar como um pêndulo entre o seguinte:

"Quem sabe se em vez de trabalhar para a Causa da CR, eu trabalhando fora poderia gozar dessa felicidade? Eu poderia levar uma vida virtuosa, porque me casaria com uma boa senhora, nós formaríamos uma roda ampla de casais de uma vida muito pura, formaríamos uma sociedade muito pura, praticando os Mandamentos, etc., tudo direitinho. E eu afinal de contas salvava a minha alma".

Para combater essa tentação [e] verificarmos a frustração [desse tipo de] vida, vale a pena ler o seguinte artigo:

*A morte de Cristina Onassis.*

*Herdeira do célebre Aristóteles Onassis, Cristina Onassis, 37 anos, morreu (...) em uma propriedade localizada a 40 km. de Buenos Aires (...).*

*Uma pesquisa e autópsia foram ordenadas pela justiça argentina para determinar as causas exatas dessa morte. Talvez devida a um suicídio provocado por um abuso de drogas que a morta utilizava regularmente.*

*(...) Ela viveu com demasiada riqueza e morreu demasiadamente jovem. (...) Pobre jovem rica!*

<sup>382</sup> MNF 10/5/90

*Cristina Onassis tinha tudo para ser infeliz na sua espinhosa e insondável procura da felicidade. Uma vida por demais cheia, infelicidades demais, por demais casamentos, por demais divórcios, por demais quilos, por demais caprichos, "trop vite" satisfeitos, para no final das contas chegar a uma solidão por demais extrema.*

*(...) poder-se-ia dizer que ela nasceu com uma colher de ouro na boca. [O pai dela] tinha tudo para que não faltasse nada à criança querida. E isso era demais a essa arte de não faltar nada. (...) [seus] caprichos [eram] satisfeitos antes mesmo de serem expressos.*

*(...) A infelicidade será omnipresente desde muito cedo. O divórcio dos pais e depois a morte de sua mãe. A morte ainda de seu irmão Alexandre, falecido num acidente de avião. (...) Toda a existência adulta de Cristina Onassis será assim ritmada, entre 4 maridos repudiados e 100 regimes recomeçados. (...) Ela é em 1988 ainda imensamente rica: 500 milhões de dólares, (...) em meio ao desinteresse progressivo (...) pelos negócios.*

*(...) Cristina Onassis, em 1988, passa a vida viajando com sua filha numa espécie de frenesi de férias, de sol, de praia, de procura egoísta da felicidade. É aí, em um campo argentino, que o destino ou o desespero a aguardava.*

Os senhores percebem bem a frustração disso. É alguém que realizou o sonho de milhões. Milhões e milhões de pessoas sonham com isso. Este alguém teve isso já ao nascer. A gente vai ver no que dá: é uma inquietação, uma agitação, etc., tremenda. E a própria situação de fastígio em que está, deixa a pessoa numa espécie de vertigem, numa espécie de mal estar: quer mais, quer coisas que não pode querer, que não deve querer, mas já não tem idéia do que deve, porque pode tudo, logo não deve nada e lá vai daí para frente, até chegar a uma coisa em que ela talvez se tenha suicidado. O fim dessa biografia termina num inquérito, numa repartição de policia da Argentina.

\*

Alguém dirá: "isso o senhor deveria dizer para os apóstatas, para ajudá-los a voltarem e não para nós que estamos aqui dentro".

Não é verdade. São Paulo tem este conselho: "quem está de pé, cuide para não cair". Quem está dentro, cuide de não sair. Evite imaginações dessas que vem ao espírito.

Mas há mais: muitas vezes o apóstolo não é bem sucedido porque ele tem no subconsciente um desejo desses e então Nossa Senhora não faz dele o canal da graça para salvar os outros. Ela quer que a alma dele seja um canal cristalino, desentupido de qualquer coisa. Se ele está entupido pelo sonho semi-consentido desse tipo de felicidade, ele será um homem que carrega a sua vocação apenas como uma cruz e não como uma fonte de felicidade.

\*

Como é que a gente pode medir isto em si?

Procure ver no que você presta atenção quando sai à rua. Se passa um automóvel de luxo e você presta atenção maravilhado; se passa diante de um banco importante e você se maravilha; se passa uma senhora muito bem vestida e o luxo dela impressiona você, essas coisas todas indicam no subconsciente de você a presença desse sonho, desse delírio.

Resultado: grandes esforços na vida espiritual, mas progressos pequenos.

Nessas condições os senhores tem o com que fazer um exame de consciência permanente. Isto aqui domina tudo, leva a pessoa a ter todas as fraquezas, todas as misérias, todas as ignominias.

[Os homens] que tem o espírito penetrado pelo desejo de comer pelo menos um lambisco dessa vida assim, não querem que este mundo acabe sem eles gozarem algo, e então a cada sintoma da Bagarre que a gente apresenta, eles relativizam: "não, não é tanto assim, aconteceu muitas vezes isso", etc. Mas aí a má causa se nutre do mau efeito que ela produz: o sujeito ama esse mundo, forma a ilusão que não vem a Bagarre --ao menos duvida-- e cresce nele o desejo mau que originou isso. E aquilo vai num circulo vicioso <sup>383</sup>.

## 9. O desejo de construir uma vidoca dentro da Congregação

[Uma dificuldade para a gente ingressar na Congregação é a atração exercida pelo mundo aí fora. Então tivemos que] convencermo-nos de que devíamos seguir o rumo oposto e tomarmos o rumo oposto. Tomamos, chegamos à Congregação. Aparece outra dificuldade: nós queremos fazer a vidoca dentro da Congregação.

Uma coisa é a gente concordar com a Congregação e entrar dentro dela, até fechar-se dentro dela como numa fortaleza, para tocar a sua vida. Outra coisa é a gente fazer da Causa da Congregação a sua própria causa, e fazer da preocupação de expandir a Congregação a preocupação dominante de sua vida.

<sup>383</sup> SD 18/1/89

Imaginem a vida na ilha Fernando de Noronha para um indivíduo que está num barquinho pequenininho, longe da ilha e com medo de se perder. Ele vê o farol à noite, vê as luzes de Fernando de Noronha e pensa: "lá tem a estabilidade do chão, água doce, comida, segurança. Eu remo como um desesperado para chegar até Fernando de Noronha".

Bom, chega em Fernando de Noronha, o primeiro movimento é alegria. Segundo, começa o tédio: "eu já conheci a ilha Fernando de Noronha inteira; o que me atraía para Fernando de Noronha, que era o medo de soçobrar, já não me atrai, porque aqui já não mais corro risco nenhum; estou seguro aqui".

Resultado: "Sair, jamais, porque eu me perco; mas em Fernando de Noronha vou organizar uma vasta chacuniere".

Ora, muita gente é tendente a fazer da Congregação uma espécie de Fernando de Noronha. A gente não quer ir para o inferno nem por nada. Depois, ama bastante a Na. Sra. e a Causa Católica para não querer romper com a Congregação. Mas não querer romper é uma coisa. Servir é outra.

É preciso persuadir que isso é errado. É muito fácil persuadir. É preciso mover a vontade a não fazer assim. Isto é extraordinariamente difícil.

Como produzir este ato de vontade?

Mil coisas se movem contra este ato de vontade, a primeira das quais, elementar, brutal, bárbara, é a seguinte: "eu vivo só para mim e para mais ninguém; em consequência eu não quero dar a minha vida para uma Causa, por um ideal, eu quero levar a minha vidinha. Deus fez o inferno, eu não quero ir para lá dentro, mas ainda é na minha vantagem; Deus deu um céu muito agradável, eu quero chegar até lá, ainda é minha vantagem".

Servir uma Causa só pelo ideal da Causa, desinteressadamente, de maneira que a gente faria o que faz, ainda que não houvesse nem céu nem inferno, este é o que verdadeiramente se dedica à Causa Católica<sup>384</sup>.

## D. O apostolado interno

### 1. Conceito

[Há duas formas de apostolado]: o externo e o interno. Pelo apostolado externo [aproximamos] uma pessoa de fora da Congregação para dentro dela. Pelo apostolado interno aproximamos ainda mais da Congregação e de Nossa Senhora pessoas que [já] estão no Movimento; as atraímos para uma adesão maior.

É evidente que devemos fazer uma coisa e outra. Mas o apostolado feito dentro da Congregação é mais importante do que o apostolado externo debaixo de todos os pontos de vista.

Na Congregação todos nós temos o dever de fazer apostolado com todos nós (\*). Dentro da Congregação cada um tem uma responsabilidade --guardadas as medidas e proporções-- pela alma dos outros. É uma responsabilidade primordial, que passa por cima de todas as outras. Um membro da Congregação que não faça apostolado interno não é bom membro.

-----  
 (\*) [No entanto], é razoável que os portadores de uma decadência contagiosa sejam evitados, e que só os não-contagiáveis trabalhem com eles.  
 -----

## 2. Por que razões devemos fazer apostolado interno? Fundamentos do apostolado interno

### a. Do ponto de vista do amor ao próximo

Estou na Congregação tendo em vista que o católico deve salvar sua alma (\*). Mas salvar minha alma não é apenas evitar o inferno, é santificá-la, quer dizer, levá-la a toda perfeição que Deus tinha em vista quando fui criado<sup>385</sup>.

-----

<sup>384</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 11/1/72 (ER 136)

<sup>385</sup> SD, Rio de Janeiro, 30/6/70

(\*) Mas uma pessoa que entre para a Congregação com a idéia única de salvar sua alma, e que não tenha outra razão para estar entre nós senão salvá-la, essa pessoa veria muito mal a Congregação. A Congregação não existe só para salvar as almas.

O que não invalida o seguinte: a Congregação é indispensável, ou como que indispensável, para a salvação daqueles que foram chamados para ela. Segundo, que eu, estando na Congregação, devo apreciar enormemente tudo quanto ela dá para a salvação de minha alma.

[De fato] está na natureza das coisas que eu cuide antes de tudo da minha obrigação direta de me santificar e de me unir a Deus. Mas não posso dizer que no universo o mais importante é a salvação de minha alma.

Imaginemos um cruzado que vai libertar o Santo Sepulcro. Ele sabe que pode morrer mártir nessa Cruzada. Ele naturalmente estima muito a possibilidade. Mas não pode dizer: "no fundo, o Sepulcro de Cristo tanto se me dá; eu vou lá porque posso morrer mártir e ir para o Céu". Esse homem pensaria muito mal, porque a Cruzada não é só para salvar as almas dos que estão ali; é para libertar o Sepulcro de Cristo.

Assim também, a Congregação é para derrubar a R e instaurar o Reino de Maria; ela não se reduz a uma cooperativa para salvação das almas<sup>386</sup>.

Para conseguir isso, devo cumprir o meu dever. [Ora, acontece que] um dos Mandamentos é o amor ao próximo. E um colaborador da Congregação é mais próximo de nós do que alguém de nosso ambiente ou do que um amigo nosso de infância (\*).

(\*) [Certa vez] uma mulher disse para Nosso Senhor: "Bem-aventurado o ventre que Te trouxe e os peitos a que foste amamentado". No momento que ela elogiava Nossa Senhora, Ele corrigiu a mulher dizendo: "antes bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática".

Quer dizer, quem cumpre a vontade de Deus, aquele que atende ao chamado que lhe é feito, é mais bem-aventurado, na proporção em que o chamado é mais alto, e em que ele o cumpre.

Ora, um colaborador da Congregação que atende a esse chamado é sumamente próximo de mim por isso.

E se ele não atende esse chamado? [Nesse caso], Deus, que lhe fez esse chamado e que me pôs perto dele, [também] deseja de mim que eu faça bem a ele, para que ele tenha essa bem-aventurança.

Ninguém pode fazer bem a um colaborador da Congregação senão outro colaborador da Congregação, porque estamos isolados, e se nós não nos fizermos bem, ninguém nos fará bem.

Ser irmão de alguém pelo ideal, é a mais alta razão pela qual se pode ser irmão de uma pessoa.

O nosso próximo de nós nada pode receber de melhor do que [o apostolado interno]. Nenhum dom é mais precioso.

Os senhores já imaginaram, quando se escrever a história do Reino de Maria, a glória que vão ter aqueles que sustentaram a Causa de Nossa Senhora nas densas trevas do demônio, aqueles a quem Nossa Senhora concedeu a graça de Lhe prestar supremos serviços nesta hora de suprema desolação?

Mas isso que se dirá no Reino de Maria é pouco. Os senhores já imaginaram a maravilha da entrada no Céu da alma que lutou nesta terra por nossa Causa? O que é entrada no Paraíso Celeste de um militante que morre fiel? O Céu todo vela a face de horror diante da infidelidade dos homens; mas vendo subir uma alma que foi fiel, há a aclamação, o amor, a glória, o cortejo, o alto lugar, a eternidade. Pode haver coisa melhor do que o sorriso especialíssimo de Nossa Senhora, sem falar no que o próprio Deus disse a Abraão: "Eu sou a tua recompensa excessivamente grande"? Portanto, ao imaginar o que será a entrada de um de nós no Céu, podemos nos perguntar se há um dom mais magnífico do que ajudar alguém a cumprir sua vocação.

Mas também nenhuma recusa é mais cruel. Há uma coisa pior do que estar a meu lado um pobre molambo, precisando de uma palavra de santificação, e eu a recuso, dizendo a ele: "para você não! Arranje-se como souber, como puder e como quiser!"?

Há silêncios, indiferenças, omissões, bravezas, impertinências, pretensões que [podem perder a alma de um irmão nosso].

Se um de nós encontrasse um indivíduo morrendo de fome na rua, não teria coragem de Lhe recusar um dinheiro. Considerar-se-ia um assassino se recusasse. O que significa ver uma pessoa que poderia melhorar e que por minha causa não melhora? Pode passar 500 ou mil anos de tormentos no Purgatório ou ficar lá até o fim do mundo, porque não me incomodo [com ela].

<sup>386</sup> Texto sem data 19, título originário "Apostolado e salvação da própria alma"

### b. Do ponto de vista do reto amor próprio

Ninguém ama a si mesmo seriamente se não faz apostolado dentro da Congregação <sup>387</sup>.

O modo de fixar-se é fixar os outros. O bem que nós fizemos aos outros por amor de Deus, Deus nos fará a nós <sup>388</sup>.

E se não tenho pena dos outros, como é que posso chegar diante de Deus e pedir que tenha pena de mim?

Seria como aquele homem da parábola que tinha uma dívida, chegou a hora de pagar e ele não tinha com quem fazê-lo, então pediu ao credor que o perdoasse. O homem foi perdoado. Mas pouco depois encontrou [um terceiro] que lhe devia dinheiro e disse: "como é que você não me paga? isto não tem propósito, vou mandar prende-o". O primeiro credor soube disso e indignou-se: "agora cobro a dívida dele, porque se ele não teve pena do [terceiro], não terei pena dele".

Nosso Senhor diz: "se estás para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e depois vem fazer a tua oferta".

Nós vamos para o pé do altar com uma sem cerimônia única e pedimos de tudo, sem nos lembrarmos do que fizemos ou deixamos de fazer ao nosso próximo?

### c. Do ponto de vista do amor a Deus

[Agora] vou provar que trabalhar pela santificação dos colaboradores da Congregação é uma ação eminente de amor a Deus.

Deus tem para cada homem um amor infinito, de tal maneira que NSJC teria se encarnado e teria morrido na cruz ainda que fosse para salvar um só homem. Quando Ele morreu na cruz, conheceu cada homem que ia remir, quis a redenção para cada homem. e quis que as almas sejam salvas umas pelas outras --senão Ele não teria feito a Igreja.

[Portanto, se não] trabalhamos pelas almas dos outros, o Sangue dEle cai inutilmente.

### d. Do ponto de vista da expansão da Congregação

Se nos dedicarmos primordialmente ao apostolado interno, o bem feito às almas que entram é enorme, [porque] cada colaborador da Congregação se transforma num apóstolo e traz muitos outros.

Para que o apostolado [externo] seja coroado de êxito, precisa ser abençoado. E para que o apostolado de uma pessoa seja abençoado é preciso que ela seja fervorosa.

Se um grupo quer crescer, ele deve sobretudo se perguntar a si mesmo se está em condições de fazer apostolado externo. E para estar em condições ele precisa do apostolado interno <sup>389</sup>.

### e. Do ponto de vista da missão da Congregação

Na ordem da destruição da Revolução e da implantação do Reino de Maria, eu devo considerar a Congregação como uma falange espiritual. Ora, a primeira preocupação de toda associação é que ela esteja à altura de sua própria missão, porque se não estiver, a Causa está perdida. De maneira que a preocupação de manter cada militante em condições de atuar tem que ser evidentemente uma preocupação prévia.

Manter elevada a moral da tropa, estimulá-la, dar-lhe condições de saúde para lutar, dar-lhe alimentação, cobertura, apoio logístico, é evidente que está dentro do que há de mais fundamental na condução de uma guerra. Porque se esses fatores internos de perseverança se perdem, a guerra se perde <sup>390</sup>.

<sup>387</sup> SD 30/6/70 (Rio de Janeiro)

<sup>388</sup> SD 21/2/87

<sup>389</sup> SD 30/6/70 (Rio de Janeiro)

<sup>390</sup> Texto sem data 19, título originário "Apostolado e salvação da própria alma"



Adenauer dizia que a primeira obrigação de todo partido político é ocupar inteiramente a área de opinião para a qual ele se destina. Então, se é um partido monarquista, [sua primeira obrigação é procurar] que todos os monarquistas do país entrem no partido. Assim também para nós a principal preocupação é ocuparmos inteiramente a [área] interna da Congregação, de maneira que não haja [cooperadores] inertes, mal-humorados, dormientes, etc. Assim a Congregação é inteiramente nossa.

Nós somos responsáveis perante Nossa Senhora pelos instrumentos que Ela nos deu. Esses nós devemos [aproveitar] a fundo <sup>391</sup>.

### 3. O conhecimento, apreço e amor à vocação: ponto capital do apostolado interno

Como nós temos uma vocação para pertencer à Congregação, o ponto por onde todas as virtudes e bons impulsos de nossa alma tomam força, é o conhecimento da vocação, o apreço da vocação, e o amor à vocação.

O conhecimento é ver claramente no que consiste a vocação; ter-lhe apreço quer dizer saber colocá-la no nível de consideração que ela merece; e o amor é o querê-la bem, o dar-se a ela.

Isto acontece de modo análogo numa ordem religiosa. Compreende-se que, tendo a Providência chamado uma pessoa para uma ordem religiosa, Ela quer que a pessoa possua o espírito da ordem. E que na medida em que conheça, aprecie e ame esse espírito, essa pessoa adquire todas as virtudes que foi chamada a adquirir dentro da ordem.

Logo, o ponto capital para nós fazermos apostolado dentro do nosso ambiente, junto a qualquer um, é nós nos perguntarmos se esse, aquele ou aquele outro está crescendo --ou está decaindo-- nessas 3 atitudes: o conhecimento, o apreço e o amor à vocação <sup>392</sup>.

### 4. Como fazer apostolado interno?

1) A [gente] faz apostolado interno antes de tudo rezando por todos os da Congregação.

2) Rezando especialmente pelas almas mais necessitadas, [isto é], as que estão em perigo e as encalhadas.

3) Oferecendo algum sofrimento pela Congregação. Um dos melhores sofrimentos que se pode oferecer é suportar os que não vão bem, os encalhados, etc. Isto é muito mais meritório do que cilício, flagelação, jejum ou qualquer outra coisa.

4) Dando o bom exemplo. Este é antes de tudo o cumprimento do dever --o dever da piedade, o dever da assiduidade, o dever do apostolado, etc. Outra forma de cumprir o dever é prestar atenção benévola no outro: "aquele melhorou, graças a Deus! Aquele piorou, que pena! Outro encalhou, Nossa Senhora desencalhai-o!"

5) Antes mesmo de [analisar se podemos fazer algum bem ao outro], devemos fazer o bem "a priori". Devemos ser como Nosso Senhor, de Quem São Pedro disse: "passou pela terra fazendo o bem" <sup>393</sup>.

6) Todo homem, antes mesmo de querer o afeto dos outros, quer ser respeitado pelos outros séria e sinceramente. O respeito não se cifra num conjunto de regras de educação, mas é uma verdadeira consideração --conforme a situação e a idade de cada um-- dada àquele individualmente. É sobre este ponto que depois se insere a amabilidade e a gentileza. [O respeito] põe a amizade numa chave superior à simples camaradagem. Quando o respeito mútuo se manifesta numa relação, Deus está presente <sup>394</sup>.

Quando os senhores, como chefes de grupo, virem que sua respectiva sede está pouco animada, que as pessoas tem pouco que conversar entre si, e que não há interesse nas reuniões, não tenham dúvida: um dos fatores é que o respeito recíproco decaiu.

Se vocês não se tratarem com muito respeito e cada um percebendo no outro a chama sagrada da vocação, o convívio fica insuportável <sup>395</sup>.

O melhor apostolado dentro da Congregação é o apostolado do respeito. [Portanto], não fazer "broma" um com outro, não caçoar nunca <sup>396</sup>.

7) Por causa disto também nunca descompor ninguém.

<sup>391</sup> Reunião colombianos 6/10/89

<sup>392</sup> Texto sem data 19, título originário "Apostolado e salvação da própria alma"

<sup>393</sup> SD 30/6/70 (Rio de Janeiro)

<sup>394</sup> SD 5/8/89 e SD 30/6/70 (Rio de Janeiro)

<sup>395</sup> Reunião encarregados apostolado na Espanha 3/10/89

<sup>396</sup> SD 5/8/89 e SD 30/6/70 (Rio de Janeiro)

Suponhamos um rapaz que passa algum tempo sem aparecer [na sede]. Assim que ele transpõe os umbrais da porta, poderia cair um estilete em cima dele: "Eh fulano, há quanto tempo não aparece, hein?" Ele já não viria de medo de sentir aquele estilete.

Não é assim que se atrai ninguém. Aqui sim cabe o famoso dito de São Francisco de Sales, de que não é com vinagre que se atrai as abelhas.

8) Se for necessário corrigir alguém, deve-se continuamente estar se referindo aos nossos próprios defeitos também. Nunca usar fórmulas como por exemplo: "você anda mal". Diga: "nós andamos mal". Procure, na hora de corrigir alguém, dizer uma coisa amena, ser o mais respeitoso e o mais afetuoso que se possa ser, levar isso ao último limite cabível. Não devemos ter um trato apenas um pouco respeitoso e um pouco afetuoso, mas sim o mais respeitoso e o mais afetuoso que se possa ser. Falar, por assim dizer, de joelhos e com o coração na mão <sup>397</sup>(\*).

-----  
 (\*) Entretanto, não se deve ter "dodói". Fazer cócegas em filhinho, isso nunca! [É preciso] agradar e ser atencioso, mas [conservando-se] sempre varonil. Quer dizer, paternalidade absoluta e varonilidade absoluta. Um varão, mesmo quando é muito amável ou muito atencioso, deve deixar sentir atrás de si que não se toque nos princípios, porque sai chispa de todo tamanho.  
 -----

9) Depois de se ter preparado o terreno e quando não se está colérico, pode-se dizer a coisa mais dura do mundo <sup>398</sup>.

10) Um colaborador da Congregação deve estar em condições de conversar com qualquer um; deve ter a preocupação de estar dentro de um grupo de maneira tal que tenha facilidade de conversar com todos, não seja estranho para ninguém e tenha --a propósito e com o tempo-- liberdade de chamar a qualquer um para dar um conselho.

Deve haver um modo de ser dentro da Congregação e um modo de cumprimentar a cada um, de tal maneira que não se seja um estranho para ninguém e que em contato com qualquer um, a gente sinta que é conhecido, que notam sua presença, sabem o seu nome, tem uma idéia do que faz, etc.

11) Sempre ter uma conversa com alguém. Basta conversar com alguém sobre sua pessoa, que ele me diz tudo o que eu quiser, porque cada um gosta imensamente de falar sobre si próprio. Então, se eu quero fazer bem à alma de alguém, vou falar sobre ele, vou dar-lhe oportunidade de explicar algo de nossa doutrina. Os senhores não calculam o bem que faz para uma alma que não vai bem, ela perceber que está nos fazendo bem.

12) Muitos poderiam objetar o seguinte: "eu não sei o que dizer para os outros, não sei como postar-me diante dos outros". A resposta está numa fórmula de Santo Agostinho: "Dilige et quod vis fac" - Ame e depois faça o que quiser. Interesse-se mesmo pelos outros e saberá o que dizer <sup>399</sup>.

13) Ao ver alguém que não gosta de determinado assunto, não é boa tática sentar-se ao seu lado em todas as refeições para falar daquilo. Cuidado! assim pode-se dar uma náusea do tema a ele. É preciso ser hábil.

14) Um outro modo de fazer apostolado interno é caçar a tristeza que esfria alguém em relação à Congregação. Muitas vezes ela vem do fato do indivíduo estar "mal atualizado": não sabe de alguma informação ou de uma conferência mais recente. O verdadeiro é procurar e contar. Não é olhar assim de lado: "hum! caipirão!" Isso é péssimo, afasta todas as graças de Nossa Senhora <sup>400</sup>.

15) Assim como a corrente elétrica que anima uma cidade está sujeita a altos e baixos, as graças que Nossa Senhora nos dá às vezes são mais intensas, outras menos.

Nos momentos de menos intensidade nossa, cada um dos outros pode e deve ser um canal para ajudarnos. Como nós devemos estar a disposição dos outros o dia inteiro para ajudar a eles. Assim, quem está com mais graças, comunica a quem está com menos, e quem está com menos recebe de quem está com mais. Assim se faz o convívio segundo o amor de Deus <sup>401</sup>.

16) A coisa mais importante do Grupo, nesta esfera de assuntos, logo depois da união comigo, é a boa paz entre os senhores. Que é inclusive uma condição para a união comigo. É uma espécie de fruto e de causa com a união comigo.

Portanto, quando a gente opina uma coisa que cria num outro um caso em que essa união vai ficar prejudicada, a gente cede e por amor de Deus deixa correr a coisa.

Alguém dirá: "mas eu consentirei que o Grupo sofra esse prejuízo?" Consinta, consinta, porque o que ele ganha na linha superior do acordo com todos é muito mais.

<sup>397</sup> SD 30/6/70 (Rio de Janeiro)

<sup>398</sup> Texto sem data 19, título originário "Apostolado e salvação da própria alma"

<sup>399</sup> SD 30/6/70 (Rio de Janeiro)

<sup>400</sup> Texto sem data 19, título originário "Apostolado e salvação da própria alma"

<sup>401</sup> RA (?) 29/1/81

Nas horas do desacordo a gente não deve se deixar levar pela paixão. Mas deve dizer: "eu vou suportar este outro para conseguir que Nossa Senhora me suporte, porque eu aos olhos de Nossa estou carregado de faltas". O mérito está em aceitar uma injustiça, em curvar a cabeça diante de uma coisa que outro fez mal feita, etc.

Se a gente se entrega a essas reivindicações, fica uma alma de contato insuportável. Praticando [o que estou aconselhando], vocês fazem bem aos outros e dão aos outros o desejo de aproximar-se de vocês, de tratar bem com vocês, etc.

Se nós imaginássemos NSJC no alto da cruz discutindo com os judeus e pondo os pingos nos "i", vocês não acham que o sacrifício da cruz perderia muito de sua grandeza? A atração do sacrifício da cruz não está precisamente naquela paz serena com que Ele deixa correr tudo?

Vocês nunca me viram perder a paciência com ninguém. Eu trato do melhor modo que posso, mesmo quando a minha função me obriga a pôr um pingo no "i".

Na Congregação, ser chefe é muito menos mandar do que suportar. O papel do chefe é receber, é ser paciente, é ser humilde, ser flexível, etc. O que ao próprio chefe dá paz, aumenta a capacidade dele trabalhar, aumenta a clareza de visão das coisas, aumenta a autoridade moral dele sobre os outros, porque se vê nele um Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo.

Mas o que se diz do chefe diz-se dos outros. Quando o chefe talvez não seja assim, a gente deve ser em nome do chefe, e tomar essa atitude <sup>402</sup>.

17) A história do [relacionamento entre muitos de nós] é: conhecimento de longe, simpatia de longe, amizade de perto, saciedade por se conhecerem perto demais. A proximidade excessiva leva a perceber defeitos e lacunas do outro. [Portanto], a posição correta é manter certa distância, evitar familiaridades, e ter trato cerimonioso --uma pessoa só é interessante quando tem algo de pouco conhecido <sup>403</sup>.

A intimidade é muito boa, desde que no modo de ter essa intimidade não fique ausente a idéia que são dois membros da Congregação que estão presentes. Essa intimidade deve ser tal que nunca tome um ar que baixe o nível entre dois cooperadores. Mesmo na grande intimidade deve haver uma certa distinção. Daí o ideal da intimidade respeitosa <sup>404</sup>.

## 5. Cruz e Exemplo do apostolado interno

O apostolado interno é tremendamente duro, porque o apóstolo tem que se dobrar, se humilhar, fazer de tudo!

É duro, em primeiro lugar, [porque] os que vão bem tem a tentação de, com o intuito de progredir sempre mais, só estar entre outros que também vão bem. Isto dá em espírito de clã e em megalomania. Constitui-se uma roda de "alta elegância espiritual", de "santos". Quem se aproxima dela pertence a uma espécie de granfinagem interna, está no vento, está na moda.

Estou longe de desaconselhar que os mais fervorosos tenham especiais relações entre si. Mas especiais é uma coisa; exclusivas ou quase exclusivas é outra bem diferente.

[Em segundo lugar], aliás é um dos sintomas da deterioração, porque o tfbio ou decadente tem um excesso de condescendência, de admiração, etc., pelos revolucionários, e é severo para com as pessoas da Congregação. De maneira tal que se alguém fizer para ele uma gentileza, uma amabilidade do outro mundo, procura agradecer, etc., ele recebe aquilo quieto, frio, quase não responde e se safa na primeira ocasião.

\*

Há um Exemplo que nos deve animar por esta forma de apostolado: houve Alguém que lavou os pés de seus Apóstolos na própria noite em que eles iam abandoná-Lo; e que quando foi lavar os pés do traidor, para ver se o comovia, abraçou-o pelas pernas e longamente o acariciou.

Se Ele fez isso, quem sou eu para não fazer o mesmo? Devo estar disposto a tudo! devo estar disposto a ser calcado aos pés, a ser desprezado, a ser evitado, a ser tratado assim, a que não correspondam as minhas gentilezas mais elementares, e a fazer o meu apostolado sempre com a mesma boa vontade, sem queixa, nem zanga, nem mau humor, voltando sempre como se eu tivesse sido tratado como um rei na véspera. E depois me dar por bem pago (\*).

-----  
 (\*) Quem não vê o prêmio de uma coisa destas?

<sup>402</sup> Despacho Colômbia 14/2/91

<sup>403</sup> Texto sem data 10, (ER 132-133)

<sup>404</sup> Texto sem data 19, título originário "Apostolado e salvação da própria alma"

Bem-aventurado esbofeteamento em que nós pagamos os nossos pecados e pagamos os pecados dos outros. O apostolado interno é por excelência o meio de desencalhar a vida interior. Ninguém fica santo e ninguém progride na vida espiritual sem o apostolado interno.

-----

E não só porque Alguém me deu esse exemplo, mas porque Alguém faz comigo assim: eu sou ingrato para com Ele, e apesar disso todos os dias Ele está no Santíssimo Sacramento a minha espera, e Ele me acompanha com a graça o dia inteiro <sup>405</sup>.

## 6. Oração para o apostolado interno

*Oh Coração Imaculado e Sapiencial de Maria, dai-me uma chama inextinguível de zelo pela perseverança e santificação daqueles a quem concedestes a graça de Vos prestar supremos serviços nesta hora de suprema desolação.*

*Oh Mãe do Bom Conselho, lembrai-me desse dever, esclarecei-me sobre como cumpri-lo, dai-me forças para ser sempre fiel a ele. Amem* <sup>406</sup>.

### E. Apostolado de fixação

#### 1. Como fazer apostolado de fixação?

1) Se a gente falar para os enjorras "vai haver 1) tal prova", desvia a atenção das graças que ainda reluzem e cria a prova. Essas provas a Providência as mantém meio veladas, e nós não devemos revelar o que Deus vela. Ele tem suas intenções.

2) Nós devemos ter um fervor contagioso, de maneira que o rapaz que está começando a cambalear, olhe para nós e diga: "Não deve ser, porque em Fulano de Tal eu encontro uma torre".

Quer dizer, sejam firmes e os senhores contagiarão firmeza. Eu não nego que, apresentando-se a prova, se deva dizer alguma coisa, mas sempre será secundário em relação ao exemplo pessoal e ao contato pessoal.

Agora, como é que os senhores devem ter essa firmeza? Lembrando-se das outras pessoas firmes que os senhores conhecem. É uma regra de três: os senhores se lembram de outras, outras se lembram de outras, e assim a gente chega até o fim do caminho. É por esta forma que os condutos da firmeza andam por todas as capilaridades do apostolado <sup>407</sup>.

3) (Pôr fora um rapaz que entra em crise, dar penitências, "seu miserável!" etc.), não vai, é uma bobagem. Eu não [procedo com dureza]. É preciso certa bondade, jeito, diplomacia, amabilidade, mesmo [em relação a todo um grupo de cooperadores em decadência] <sup>408</sup>.

4) Quando diante de nós se comenta que alguém está esfriando, começa-se por concordar: "está mesmo", porque não está de acordo com o senso das proporções ter para um que não é frio o mesmo apreço que se tem pelo que é. Mas logo depois deve-se dizer: "o que é que nós dois fizemos por ele? o que é que nós dois vamos fazer por ele? pelo menos rezamos por ele?"

E no modo de tratar a pessoa que esfriou, ela não deve sentir-se desprezada, mas deve sentir-se convidada, atraída. Porque, do contrário, (se forma em torno dela um isolamento que acaba na saída da pessoa) <sup>409</sup>.

5) [No apostolado de fixação, a gente faz] o possível para [o rapaz provado] se sentir bem dentro da Congregação. É preciso repetirmos com ele, de algum modo, o que já foi feito na abordagem.

Quando nós chegamos na sede, a nossa principal preocupação não deve ser a de conversar com aqueles com quem nós gostamos mais de conversar. Mas é ver aqueles que não estão conversando com ninguém, que estão com uma cara tristonha, com ar que não compreendem, e irmãos conversar com aqueles. Porque são os que estão em perigo. Uma cara de uma pessoa que está achando pau a Congregação, é a cara de quem está pensando em sair. Se está pensando em sair, merece ser protegido.

Mas a gente não vai logo se aproximando daqueles. Deve [proceder] com jeito. Entra, bebe um copo d'água, conversa com 2, 3 outros, depois a gente passa [perto] e diz uma palavra amável: "Fulano, como vai você?" - "Bem...".

<sup>405</sup> SD 30/6/70 (Rio de Janeiro)

<sup>406</sup> Oração ditada no SD 30/6/70 (Rio de Janeiro)

<sup>407</sup> Reunião do 27/7/84

<sup>408</sup> Texto sem data 19, título originário "Apostolado e salvação da própria alma" e Despacho 27/5/93

<sup>409</sup> Texto sem data 19, título originário "Apostolado e salvação da própria alma"

Puxa uma prosinha com ele sobre qualquer coisa. A gente fala de um tema, vendo que ele não gosta de um gênero fala de outro. Sobretudo leva-o a falar a respeito de si mesmo. Esse é o tema que sempre dá certo.

6) Não procurem mostrar-se e sobretudo não megalem! Nada fecha tanto uma alma para o apostolado do que perceber que o apóstolo é mega. O sujeito se sente humilhado e se fecha.

Porque ele fica achando: "ele veio falar comigo só para poder megalar, ele sente que eu sou inferior a ele e sente que ele vai me dizer umas coisas por onde a superioridade dele vai aparecer, e ele então vai beber isso como se bebe um vinho, e eu sou o bobo que estou batendo incenso para ele".

7) Incluam umas jaculatórias durante a conversa, peçam a Nossa Senhora: "Regina Apostolorum, ora pro nobis". Ou então peçam ao anjo da guarda dele isto: "olhe, eu vou atrair aquele, depois não se esqueça de mim!" Eu garanto que, na medida que se possa dizer que um anjo sorri, o anjo da guarda dele sorri e o dos senhores também.

8) A graça às vezes toca as pessoas nos momentos mais inesperados. Disso eu tenho nem sei quantos casos em minha vida. A gente está fazendo bem para uma pessoa, diz uma porção de coisas, a pessoa não se incomoda. De repente a pessoa diz uma coisa que pega. É porque nessa hora a graça tocou.

Então, os senhores podem perder uma hora de conversa com um saco de batatas diante dos senhores. Nunca digam: "perdi meu tempo". A gente não sabe se ele chegando em casa, à noite, enquanto ele está pondo a pijama para dormir, sozinho no quarto dele, se não veio de repente o que a gente disse, e ali bateu a graça.

No dia seguinte ele não vai contar aos senhores: "olha, você sabe, aquele seu pensamento me foi benfazejo". Não vai contar, porque a gratidão é uma virtude rara e nasce só quando a pessoa progrediu muito.

Mas os senhores estão vendo o homem de repente melhorado. Quem sabe se foi o esforço dos senhores?

Os senhores dirão: "mas quem sabe se não foi?". Eu digo: sempre foi<sup>410</sup>.

Às vezes nós nos penitenciamos por uma alma a mais não poder, e vemos de repente que essa alma está resplandecendo de alegria. A gente pergunta: "o que é que houve?", na esperança que a pessoa diga: "ah, é que o senhor me disse tal coisa assim". Mas não, algum outro dentro do Grupo lhe disse uma banalidade e ele se encantou! fez bem a ele! enquanto eu citei para ele até São Tomás de Aquino e não lhe fez bem nenhum! Não é a reação adequada a gente dizer: "olhe Fulano, se você se deu tão bem com ele, comece a procurá-lo"? A graça pode pôr a mim nessa provação. É preciso fazer.

9) Às vezes a gente acompanha um indivíduo até o último ponto do desânimo e da improbabilidade, e quando ele está afundando na lama de repente começa "Salve Regina, Mater Misericordiae".

Isto quer dizer que não devemos desanimar acerca de ninguém. Isto nos deve levar a ter confiança sempre-sempre, sempre-sempre, sempre-sempre. Pode ser que os menos bons nos abandonem, nós não os abandonaremos nunca. E por causa disso, nas minhas orações da manhã, sempre-sempre-sempre eu rezo pelos que são, pelos que foram e pelos que podem vir a ser cooperadores da Congregação<sup>411</sup>.

## 2. Vias do apostolado de fixação: o entusiasmo pela doutrina de S. Luís Grignon e o entusiasmo pela pessoa de S. Luís Grignon

O apóstolo itinerante só faz apostolado de fixação e santificação --não tanto o apostolado de pinçagem ou rede-- se tiver bem clara a ação e condições de agir numa das [seguintes] pistas:

Ou ele tem uma certa cultura e é capaz de desenvolver de modo agradável a doutrina, dá doutrina, atrai por meio dessa doutrina, metodicamente convence e entusiasma pela doutrina.

Ou então é um "entraîneur" de S. Luís Grignon e da união com Nossa Senhora, conta episódios tirados da vida de São Luís, conhece bem a história do Grupo, inclusive do grupo de SP, e ele fala de tudo isso.

Então, as duas vias são: da doutrina e do entusiasmo por aquilo que se divisa em São Luís --que é doutrina também, mas o é numa pista própria.

Agora, se eu me perguntasse até que medida nossos apóstolos itinerantes estão especializados nessas 2 vias e dispõem de material de treinamento nessas 2 vias e tem sequer uma noção de que essas 2 vias são necessárias, pelo que me ficou na retina no contato com eles, eu fico hesitante.

\*

Outra coisa que queria dizer é a seguinte: a tática do Ativismo está para o [ideal visto ora pelo estudo, ora pelo entusiasmo] mais ou menos como a torneira da água está para a água. A tática de Ativismo conduz uma determinada doutrina, um determinado espírito a terceiros.

<sup>410</sup> SD 21/2/87

<sup>411</sup> Reunião do 24/7/84

Não adianta de nada eu ter uma tubulação bem feita mas não ter água que circula nessa tubulação. Então é evidente que eu devo ter a água --que é uma dessas 2 coisas, ou melhor, dito no total ambas, com preponderância ora de uma coisa, ora de outra-- como meio para exercer minha tática de apostolado. Então, as táticas de apostolado são magníficas desde que alimentadas por estas coisas.

Bem, eu creio que o verdadeiro, o mais das vezes, seria começar pela devoção a S. Luís Grignon, ligeiramente entremeada de conhecimentos doutrinários, etc., que levem a compreender S. Luís. Bem, mas que depois com o tempo, se vai metodizando seu conhecimento em ordem, fazendo nascer a doutrina <sup>412</sup>.

### 3. Papel das conversas de "Estado Maior"

Vamos dizer que os senhores vão a uma corrida de cavalos. No intervalo entre uma corrida e outra, os senhores encontrarão no público atitudes muito diferentes:

Há gente que está ali apenas para ser visto pelos outros e para ver as modas, os trajes, ou as nudezes como é que estão. Para eles o principal não é a corrida, mas o intervalo da corrida. Cavalo entra muito pouco ali.

Mas há gente que vai para uma parte onde os cavalos costumam estar e gostam de conversar sobre os cavalos ali perto. Contam coisas: "aquele cavalo vai ganhar, porque a cara dele está não sei de que jeito, a orelha ..."

Entre os que conversam sobre a corrida de cavalos forma-se naturalmente uma rodinha pequena de entendidos, que pegam de tal maneira o creme do assunto, que quem não é entendido não compreende aquilo. Depois tem a rodinha dos meio entendidos. Depois tem a rodinha dos que estão ali para bancar que são entendidos, mas não são, e que naturalmente é a maior parte.

[Quer dizer], há em todos os meios uma força por onde os que são mais de dentro, mais entendidos, em certos momentos tendem a conversar como especialistas.

Ora, o apóstolo itinerante e os que estão fixados, estão em matéria de Congregação, uns para os outros, como os especialistas: conhecem muito mais coisas. Por que? porque tem mais vida na Congregação, ouviram falar mais coisas, etc., eles sabem comentar, entendem o ângulo interessante da coisa.

Para que o apóstolo itinerante forme bem os que já estão fixados, é preciso que eles tenham ocasiões --que aparecem naturalmente-- em que conversem só entre eles e falem à vontade sobre coisas que nem sempre os novatos entendem bem. Conversas de degustação próprias a estimular o entusiasmo, lembranças: "Fulano, lembra-se de tal coisa? nós estávamos juntos", etc., conversas de "Estado Maior", "olha aqui um bonito trecho de um livro que eu li, olha aqui um pedaço de uma fita que eu ouvi; veja tal coisa", etc. E o outro também dá uma coisa que viu. A reciprocidade é fundamental nessas coisas.

Não se trata de fazer uma coisa secreta, oculta, e muito menos de parar com ares misteriosos quando entra o novato na sala. [Neste caso] vão mudando lentamente de assunto, para [engajar] a ele [na conversa] <sup>413</sup>.

<sup>412</sup> Conversa com Sr. Leo sobre apostolado, São Bento, dezembro de 1976 (K3-5)

<sup>413</sup> Reunião propulsores de apostolado 19/4/85 (RN 666)

## QUARTA PARTE - "INSTRUMENTOS" COM OS QUAIS A GENTE PODE AJUDAR O APOSTOLANDO A PERCORRER O PROCESSO QUE VAI DA DETETAÇÃO À SANTIFICAÇÃO DELE

### I. O ATIVISMO INDIVIDUAL

#### A. Conceito e modalidades de Ativismo Individual. Diferença com ação coletiva e com Opinião Pública

A vocação específica da Congregação é de estar em relação à opinião pública como um diretor espiritual está em relação a um penitente. É guiar a alma da opinião pública, a alma de um país. Naturalmente, é preciso saber entender a analogia: um país não vai se confessar a nós.

Há 2 modos de exercer essa função junto ao país. Um modo é pelo Ativismo de Opinião Pública propriamente dito e outro é pelo Ativismo Individual.

O Êremo de Amparo de Na. Sra. estuda o Ativismo de Opinião Pública. O Êremo de Petrópolis estuda o Ativismo Individual.

O Ativismo de Opinião Pública é a atuação de um grupo sobre um país inteiro, ou sobre grupos tão vastos que um indivíduo só não poderia atingir. Este apostolado nunca é feito por um indivíduo só, nem sobre um indivíduo só. Ele é feito por um grupo sobre uma coletividade mais ou menos vasta <sup>414</sup>.

O Ativismo Individual é uma ação destinada a causar dano à R ou a fazer progredir a CR, exercida diretamente por um indivíduo ou um pequeno número de indivíduos: a) sobre outro indivíduo (\*); b) sobre um grupo de indivíduos, ou sobre um grupo social cujas dimensões o tornem passível de ser influenciado simplesmente por um indivíduo ou por um grupo.

-----  
 (\*) [Portanto], a ação de um indivíduo sobre outro para recrutá-lo é um tipo de Ativismo Individual.  
 -----

A ação globalmente considerada da Congregação sobre a nação brasileira, não é uma Ação Individual, porque transcende muito da ação do indivíduo sobre o indivíduo. Agora a ação dos senhores indo na Escola Politécnica fazer campanha da Congregação é uma Ação Individual porque é uma equipe, é verdade que uma equipe de uma associação, mas que é indivíduos agindo junto a indivíduos. Um grupo que entra num teatro onde está se fazendo um comício e que quer criar uma atmosfera de gelo ou de entusiasmo no comício, é ainda Ativismo Individual.

Quer dizer, o que caracteriza a Ação Individual é o porte individual da ação que está sendo feita, distinta do porte maior da ação coletiva. O Ativismo Individual comporta o emprego apenas dos meios de ação inerentes a um indivíduo ou a um pequeno número de indivíduos, sem a utilização de instrumentos publicitários, como jornais, rádio, etc. No Ativismo Individual a ação é puramente individual, dispensando outros recursos, e em que o homem entra inteiro.

O âmbito do Ativismo Individual não é toda a opinião pública de um país ou de uma cidade, mas é a opinião de um determinado ambiente [ou de um indivíduo] <sup>415</sup>.

A matéria prima do Ativismo Individual é o indivíduo. Do Ativismo Público é a coletividade <sup>416</sup>.

\*

Agora, notem o seguinte: sem Ativismo Individual não há Congregação e não haverá RM.

Porque no RM a R vai a todo momento procurar recomeçar. Não renascer logo, como uma explosão, mas procurando organizadamente deteriorar o RM --incluir otimismo, fazer esquecer a Bagarre, bonacheironismo, etc.--, para depois passar para o primeiro núcleo de revolucionários. E o modo de evitar que a R consiga isso é haver uma Congregação que esteja fazendo continuamente o contrário. Ora, isso não se conseguirá só por processo de opinião pública, é preciso Ativismo Individual <sup>417</sup>.

\*

<sup>414</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

<sup>415</sup> Curitiba 21/5/71 (ER 132-133) ("Esquema da ação individual" e "Ação individual I")

<sup>416</sup> Curitiba 21/5/71 (ER 132-133) ("Esquema da ação individual")

<sup>417</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

Uma soma de ações individuais pode constituir uma ação coletiva.

É evidente que os limites da Ação Individual podem ser dilatados quando o grupo de Ação Individual é muito potente, muito competente.

E há ocasiões em que se combinam a Ação Individual e a ação coletiva. Por exemplo, quando temos um grupo de cooperadores que distribuem um jornal. Não é a pura circulação do jornal por si que garante a eficácia da operação empreendida, mas é uma ação de militante conjugada com a do jornal.

(Um cooperador abordando uma pessoa durante uma campanha para pedir assinatura) é uma operação de Ativismo Individual que fica como que englobada e transcendida numa ação coletiva muito mais importante, e por causa disso mesmo já tendo em vista um público que o Ativismo Individual nunca abrangeria.

Quer dizer, essas duas formas de ação se distinguem, mas na prática muitas vezes se combinam <sup>418</sup>.

## **B. Princípio da transposições: as regras da modalidade mais elementar de Ativismo Individual se aplicam às modalidades mais complexas**

É mais interessante considerar primeiro [a ação] de um ativista sobre um indivíduo, para depois dar [a ação] de um ativista sobre um grupo [pequeno], e depois de um grupo de ativistas sobre um grupo maior<sup>419</sup>.

Porque bem conhecido o apostolado individual no seu elemento menor --o indivíduo--, o restante são transposições. Os critérios da Ação Individual sempre vão se transpondo. A matéria prima do estudo é o indivíduo.

Considerando por exemplo, que uma pessoa pode fazer dentro de um grupo [pequeno] o papel do pecado capital, enquanto outro pode fazer o da luz primordial, por um transplante, pode se aplicar todo o método para um grupo, "mutatis mutandis".

E bem conhecida a psicologia de um grupo pequeno, pode se, por sua vez, fazer o transplante para um grupo maior. Considerando que num grupo maior se formam correntes mais ou menos definidas e que essas correntes se relacionam umas com as outras como os indivíduos dentro de um grupo pequeno, a transposição se torna fácil.

Quanto à ação de uma equipe sobre um grupo circunscrito, ainda aqui se trata de uma transposição. Já não é um apóstolo individual, mas um grupo que atua <sup>420</sup>.

## **C. Ação de indivíduo a indivíduo**

### **1. O verdadeiro apóstolo percebe a luta RCR no interior de cada alma, e procede em função disso**

Nós teríamos verdadeiros apóstolos individuais, verdadeiros militantes, se em contato com uma criança de colégio ou com um velho de 60, 70 anos, eles olhassem e percebessem nesse velho ou nessa criança: "a R existe em estado assim e a CR existe em tal outro estado assim". E depois soubessem que tem que tratar de tal jeito e de tal outro jeito para contrariar a influência da R e estimular a CR.

Ver a R e a CR presentes, atuando no interior de cada um, isto é o que forma propriamente o apóstolo individual. Este senso para a orientação espiritual dos outros, para o trato, etc., é indispensável.

Se a pessoa não se adestrar a ver isso, o apostolado é apostolado de cego. Resulta daí, muitas vezes, uma espécie de embaraço no apostolado: "eu vou dizer o que para ele?" O apostolando some porque a pessoa não está habituada a discernir a RCR no indivíduo. Fazer apostolado é ver a R e a CR em todo indivíduo.

O fio da meada da cabeça de todo mundo está em função da RCR <sup>421</sup>.

### **2. Como perceber a luta RCR no interior de cada alma? Como intervir nessa luta?**

#### **I. DESCRIÇÃO DO CAMPO DE AÇÃO**

##### **A. Descrição psicológica do indivíduo**

<sup>418</sup> Curitiba 21/5/71 (ER 132-133) ("Ação individual I")

<sup>419</sup> Curitiba 21/5/71 (ER 132-133) ("Esquema da ação individual")

<sup>420</sup> (ER 132-133), "Ação indivíduo – grupo" e "Ação grupo – grupo")

<sup>421</sup> Reunião do 25/5/70 (ER 132-133)



- B. Análise do jogo RCR
- C. Pontos de adesão, insensibilidade e repulsa

#### METODO PARA CONHECER UM INDIVÍDUO

- A. Montagem ideológica
  1. coleta das idéias do indivíduo
  2. relacionamento dos dados:
    - congruências
    - incongruências
    - correntes de idéias
  3. grau de dinamismo dos grupos de idéias
  4. definição:
    - do rumo preponderante
    - das energias que dão rumos não preponderantes que nos interessa acentuar
- B. Montagem tendencial
 

Sob 2 aspectos: orgulho e sensualidade

  1. coleta das tendências do indivíduo
  2. relacionamento dos dados
  3. grau de dinamismo
  4. definição:
    - do rumo preponderante
    - das energias que dão rumos não preponderantes que nos interessa acentuar
- C. Relacionamento geral e "unum" do indivíduo

#### II. MONTAGEM DO ATIVISTA

#### III. RELACIONAMENTO DE I E II

#### IV. CIRCUNSTANCIAS

#### V. PLANO

- A. O que pretendo:
  1. o que seria o ideal
  2. o que razoavelmente eu posso conseguir
  3. por que etapas (que etapas cada alma deve percorrer para chegar ao ponto desejado)
- B. Como fazer
  1. como abordá-lo
  2. como manter contato freqüente com ele
  3. como influenciá-lo
- C. Modos de agir: atrair, cindir, amedrontar

\*

[Agora analisemos o esquema, ponto por ponto]:

Esse esquema toma o indivíduo, eu, as circunstâncias, o plano inicial, as etapas da ação, as sucessivas adaptações que as circunstâncias vão impondo e os dados novos que vão aparecendo. [Em outros termos], toma o autor da ação, o paciente de ação e a ação em si mesma.

Descrição do campo de ação:

1. A descrição da psicologia do indivíduo.
2. Análise dele dentro do jogo RCR: aquela mentalidade onde se situa no jogo RCR? quais os pontos possíveis de adesão, os pontos de insensibilidade e os pontos de repulsa?

Aí se tem a descrição teórica do campo no que diz respeito ao indivíduo.

Método para conhecer o indivíduo. Montagem ideológica:

Antes de eu fazer um plano de ação, [preciso ter], não um conhecimento exaustivo do indivíduo, mas um certo número de opiniões dele.

[E para conhecer as opiniões de um indivíduo] a gente tem que perguntar "quais são as idéias dele?"

Essas idéias [podem ser] conscientes e subconscientes. Às vezes as pessoas tem idéias subconscientes, mas que a gente pode perceber, deduzindo dos atos, etc. Evidentemente, [trata-se] de idéias que dizem respeito à R e à CR. Às vezes dizem respeito de longe, mas dizem respeito.

[Por exemplo, vejo] o que é que tal indivíduo pensa a respeito da Reforma Agrária, mais adiante vejo o que é que ele pensa sobre arte moderna, mais adiante vejo se ele não é um admirador da "american way of life". Estas coisas todas vão me permitindo montar um inventário de um certo número de opiniões.

As coisas mais insignificantes indicam a [ideologia] do indivíduo. Por exemplo, gostar de usar a meia completamente solta para baixo, é uma certa forma de relaxamento, é um nó contra a liga. Esse nó é irmão do nó

contra o colarinho, do nó contra a gravata, do nó contra tudo quanto é laço. No fundo é uma afirmação de anarquismo, muito larvado, muito velado, mas é.

\*

Depois dessa coleta de dados temos o relacionamento dos dados. O relacionamento responde às seguintes perguntas:

1. Entre quais dessas opiniões existe um denominador comum?

2. Entre quais delas, pelo contrário, existe uma incongruência?

Em geral a gente chega então a [perceber] sistemas de idéias congruentes ou incongruentes dentro da cabeça do indivíduo.

Então, o relacionamento dos dados envolve uma primeira tarefa que é apurar as congruências e as incongruências. Depois encontrar as correntes de idéias que há na cabeça dele. A última tarefa é [ver], na mentalidade dele, que dinamismo, que grau de força recíproca tem os grupos de idéias heterogêneos?

Feita a definição do rumo preponderante, o indivíduo está conhecido.

(Determinar o rumo preponderante é, em última análise, determinar se a pessoa é revolucionária ou contra-revolucionária).

Agora, quem fala em rumos preponderantes, fala em rumos não preponderantes, em rumos anti-rumo, que também é preciso conhecer.

[Por exemplo], pode haver uma pessoa que no somatório geral das forças é revolucionária, mas em cuja alma o dinamismo revolucionário está diminuindo. [Quer dizer], há uma força contrária que está atuando [na alma dela], que está vencendo no momento e que precisa ser acentuada.

Infelizmente, pode se dar o mesmo com o contra-revolucionário em decadência.

Além disso pode haver uma pessoa que tenha o rumo preponderante R, mas que tem movimentos, impulsos, contra-rumos CR, apesar do rumo preponderante ser R. Convém conhecer esses contra-rumos para poder estimulá-los e travar a marcha da R naquela [alma].

Às vezes é anti-rumo o rumo que o indivíduo tem, não para ficar revolucionário ou contra-revolucionário, mas para não se interessar pelo problema RCR. [Aqui é o caso de ter presente que] a indiferença ante o problema é uma forma de R.

\*

Montagem tendencial

Feita a montagem ideológica, devemos considerar a montagem [tendencial]:

É impossível a gente fazer um inventário dos ângulos todos que podem importar na montagem do indivíduo. Mas os ângulos habitualmente mais importantes no comum dos indivíduos são o orgulho e a sensualidade.

O orgulho é tudo quanto, quer no [presente], quer num futuro remoto, um indivíduo gostaria de ser, que qualidades ele quer ter, que cargos ele quer ter, que poder ele quer ter, que influencia ele quer ter, de que espécie de afeto ele gosta de ser cercado.

A sensualidade é tomada num sentido muito vasto: é o conjunto das coisas que o indivíduo concede ao seu próprio corpo. O corpo aqui não é propriamente o corpo, mas os estados da alma a respeito do corpo.

Então, como é que ele é em matéria de tudo quanto é notoriamente gostoso? se ele dorme muito, se ele come muito, se o prazer dele está na inércia ou na atividade, se está na estética ou se ele é indiferente a qualquer forma de estética ou de arte, se ele tem muita consonância no que diz respeito às ciências da matéria --se delicia estudar a teoria dos vasos comunicantes, por exemplo-- e tudo quanto daí segue.

Evidentemente aqui figura também a sexualidade. É uma coisa que fica quase que na pura psicologia, num puro fenômeno intelectual mas que desce um pouco para o corpo: a forma de sentimentalismo que comanda o trato com a pessoa. O trato deve ser adaptado, até certo ponto à forma de sentimentalismo da pessoa com quem a gente trata.

Tomados esses dados, impõe-se mais um trabalho: é preciso fazer o relacionamento deles --as linhas de coerência, de contradição-- e depois as proporções de força, o peso que cada fator constitui dentro da psicologia do indivíduo.

\*

Outros fatores condicionantes

Isso é a parte puramente ideológica e psicológica, porque há ainda os dados nacionais, que dão um colorido especial a cada uma dessas coisas.

Por [exemplo], uma coisa é o argentino sentimental e outra coisa é o chileno sentimental. O sentimentalismo do argentino é explosivo, à la tango; o chileno é sentimental também, mas daquele jeitinho que já temos visto.

E dentro [de uma nacionalidade há ainda classificações. Por exemplo], há o árabe místico, o árabe comercial e o árabe politiqueiro. No árabe místico, a cólera, o ressentimento, etc., é uma; no árabe comercial é outra; no árabe politiqueiro é outra. O tipo do árabe politiqueiro é o rei Hussein, que dá a vida por uma futrica. O árabe místico se senta em cima de um tapete, com umas almofadas, um prato de prata ou de ouro, e umas tâmaras rachadas, fica comendo aquilo olhando para a beira-mar e pensando na lua.

[Na montagem da psicologia do indivíduo também entraria o temperamento dele --se ele é colérico, apático, ambicioso, desconfiado, tímido, etc.]

\*

#### Relacionamento geral dos dados e "unum" do indivíduo

Depois de montado todo esse quadro, a gente deve procurar o mais precioso do quadro, que é a unidade, o "unum" do indivíduo, o por onde o indivíduo não é um conjunto de peças de mosaico, mas é um mosaico. E o relacionamento geral: "é o fulano".

O quadro de um indivíduo CR poderia ser, por exemplo, assim: "ele é um contra-revolucionário, com predominância de tal vertente, mas solicitações colaterais para tais outras vertentes, tendo movimentos revolucionários secundários dominados mais ou menos em tais e tais direções. Ele é árabe e enquanto árabe isto tem tais e tais conotações".

\*

#### Montagem do ativista. Relacionamento entre a montagem do indivíduo e a montagem do ativista

Seria uma coisa muito curiosa eu me estudar como eu estudo outro e montar a minha psicologia como eu montei a de um outro. Seria até para a vida interior uma coisa magnífica <sup>422</sup>(\*).

-----  
 (\*) O indivíduo que faz RCR ao vivo, deve fazer RCR ao vivo em si mesmo antes de tudo: ou ele se julga e se critica com os padrões com que ele julga e critica os outros, ou ele é um desinfetante infetado, ele carrega dentro de si aquilo que ele quer desinfetar ou desinfestar nos outros e aí não pega <sup>423</sup>.  
 -----

A noção que o ativista tem de si mesmo em face desse campo: "dado que esse é como ele é, e dado que eu sou como sou, que possibilidades de ação tenho?"

Porque essas possibilidades, sem nenhuma culpa do ativista, podem às vezes serem mínimas. Ninguém deve se julgar obrigado a fazer apostolado com êxitos com toda espécie de pessoas.

\*

#### Circunstâncias

Até que ponto as circunstâncias que rodeiam a ação dele podem ser aproveitadas? Há uma porção de circunstâncias materiais que favorecem --por exemplo, a sala de espera de um dentista, etc.

\*

#### Plano de ação

Depois o ativista deve traçar o plano de ação individual sobre o indivíduo:

"Posto que ele é assim, que espécie de plano eu posso estabelecer? o que é que há de afim, de contraditório, que relacionamento há entre ele e eu, por onde me seja possível abordá-lo, manter contato freqüente com ele e influenciá-lo?"

Aqui é preciso distinguir o plano A --que uma montagem estabelece "a priori"--, do plano B, C e D, que são as modificações que as circunstâncias vão impondo ao plano.

<sup>422</sup> (ER 132-133) "Esquema da Ação Individual", 21/5/71; e (ER 134) reunião do 21/5/71 para o Eremo São Paulo Apóstolo

<sup>423</sup> Conversa com Sr. Leo sobre apostolado, dezembro de 1976

O mais importante é como a gente deve influenciar. [Porque] nunca uma pessoa está em presença de outra sem exercer sobre a outra uma influência. Ainda que a outra recuse essa influência, eu marquei essa outra, porque determinei nela a recusa.

O que é influenciar? Evidentemente é tirar a pessoa da influência da R, pelo menos em alguma medida e pôr a pessoa sob a influência da CR.

Mas isto não é apenas ter tornado a ela mais [próxima] a uma posição da CR. Eu posso também ter debilitado nela uma posição revolucionária (\*).

-----  
 (\*) Vamos dizer que alguém [descobre] um documento provando que Stalin ofereceu proclamar o capitalismo na Rússia se os magnatas norte-americanos cedessem para ele tanto em dinheiro. Se esse documento fosse publicado, ainda que nenhum comunista deixasse de ficar comunista, aquilo diminuiria a intensidade da ilusão comunista no espírito de muitos.  
 -----

Pode ser que por um ato de fidelidade à R ela se enfureça e fique mais revolucionária. Quer dizer, não é verdade que necessariamente quebra, pode também aumentar, mas marcou-se. O risco de nossa ação é que muitas vezes ela exacerba o mal que há nos outros, isto é verdade. O profeta Simeão disse de NSJC que Ele foi posto para a salvação e para perdição de muitos em Israel, porque muitos realmente se tornaram piores recusando a salvação.

[Agora], é preciso distinguir duas forma de influência: a estática e a dinâmica. Influência estática é [por exemplo] o seguinte: um sujeito passa pelo Viaduto e vê [uma campanha nossa]; aquilo tudo produz na pessoa um efeito, e aquele efeito fica. Outra coisa é a influência dinâmica: [a gente] diz algo a alguém, e aquilo cai como uma semente numa zona da alma dele, e ao longo dos tempos vai germinar. Esta é a melhor forma de influência.

[Estas considerações a respeito da influência facilitam ao ativista fazer o plano de ação, porque ele pode dizer]: "eu vou tentar exercer sobre tal indivíduo tais formas de influência".

\*

O modo de agir sobre um indivíduo, não é só por uma influência estática e outra dinâmica, mas é tríplice: atraindo, cindindo ou amedrontando.

Atrair o indivíduo é fazer que ele caminhe para a CR total pela afinidade que ele tem comigo.

O que é o cindir? Quando eu vejo que ele tem um principio bom e eu mostro a ele que ele não pode ter um principio mau, sob pena de renunciar ao bom, então crio nele uma espécie de cissão. Por exemplo, eu quero provar ao indivíduo que ele não deve frequentar casas de meretrício. Eu digo a ele: "você despreza a meretriz?" Ele responde: "desprezo". Eu digo: "você pagando para cometer pecado com ela, torna-se cúmplice do ato dela e da mesma infâmia". Eu cindo o indivíduo. Porque tomo um principio bom dele, que é o horror ao meretrício, e o coloco em oposição a um principio ruim, que é que ele pode frequentar a casa de meretrício sem incorrer naquela infâmia.

Esta cissão é boa quando eu tenho certeza que o principio [bom é] mais forte e vai prevalecer. Se não estou dando terreno à R.

O amedrontamento consiste em mostrar ao indivíduo aonde a opinião dele o leva. Por exemplo: "por mais um pouco, você é comunista". Não é portanto uma cissão com o estado de espírito atual, mas [com] um estado de espírito futuro, para o qual ele caminha. Ou então, mostrar-lhe que todas as pessoas que ele tem em conta de [honestas] não pensam assim. Ele, de medo de ficar mal diante do meio dele, muda de convicção. Ainda é um modo de influenciar <sup>424</sup>.

\*

[A gente também pode perceber os lados CR na mente de alguém comparando esse alguém com outrem que seja mais CR. Pelo seguinte]:

Perceber os vestígios da CR na mente dos outros, é perceber partes esparsas da CR que vogam na mente dos outros. [Agora, a gente percebe as partes esparsas da CR em função do todo da CR]. Quer dizer, sem ter uma idéia do que é a plenitude da CR, ninguém pode ver o que é que tem relação com a CR, o que é que a compõe.

<sup>424</sup> (ER 132-133) "Esquema da Ação Individual", 21/5/71; e (ER 134) reunião do 21/5/71 para o Eremo São Paulo Apóstolo

[Então é preciso] tomar algum companheiro do Grupo que se considere que oferece a maior densidade de CR que se possa ter diante dos olhos, e comparar os outros com esse. Vendo o contraste a gente faz a diferenciação

425

\*

A montagem do quadro psicológico de um indivíduo é uma coisa tão complexa, que a gente não pode desde logo fazer isso. É preciso ir montando o quadro aos poucos, de "proche en proche", perguntando: "de momento quais são os dados certos, os duvidosos e os duvidosíssimos a respeito da pessoa?", para ir esclarecendo no convívio, organicamente, às vezes ao longo de anos, até montar inteiramente a psicologia da pessoa<sup>426</sup>.

Como é que eu aprendi a ler nas almas e a tratar com as almas? Como é que os Srs. vão conseguir isso?

Eu aprendi a ler nas almas levado pelo desejo de convertê-las. É o desejo de convertê-las que nos confere os meios de fazer a leitura das almas. Quer dizer, se eu me aproximo de uma determinada alma, com toda vontade de convertê-la, eu pego a alma por onde pegar. O mais importante para os Srs. não é propriamente pegarem o ponto por onde pegar, mas em qualquer ponto aprender a fazer o diário de uma alma.

Como é que se adquire a capacidade de definir o feitiço psicológico de um indivíduo? Para mim, é na ação. Tirando nota, quase que dia a dia, das observações que a gente faz durante a ação; e depois procurando estruturar todas essas coisas de maneira a fazer um correlacionamento "uno" a respeito daquele indivíduo.

Então, terminado o contato com um [indivíduo], os senhores devem se perguntar:

- *"O que que eu pude observar nele hoje para preencher os claros desse esquema? o que que eu pude observar quanto às idéias dele? o que que eu pude observar quanto às tendências dele?"*

- *"Eu adiantei o meu objetivo com ele? o aproximei mais de mim? ficou campo aberto para uma próxima conversa? ou ele vai fugir de mim? o que que devo fazer para que haja uma próxima conversa, à vista do que eu observei com ele? Nessa próxima conversa, como é que devo tocar as coisas para evitar os pontos em que eu caí errado e dar os pontos em que eu caí certo?"*

Por menos que seja, escrevam. E ainda que seja uma coisa muito duvidosa, escrevam também. O melhor método para explicitar [as idéias da gente] é escrever. Ponham como certo o que os Srs. tem como certo, ponham como incerto o que os Srs. tem como incerto. O que for uma coisa muito improvável, não escrevam, porque se não a respeito de um só homem os Srs. encheriam um caderno.

Na terceira, quarta, quinta conversa é que esse quadro vai começando a se iluminar por dentro para os Srs. a respeito daquele indivíduo em concreto.

O caderno do aprendiz de Ativismo Individual poderia ser um diário com cada conversa que teve com o indivíduo. Mas dividindo conversa por conversa, e não fazendo uma maçaroca das várias conversas do dia.

Muitas vezes os Srs. dirão: "não encontro dados". Esforcem-se e rezem, que os dados começam a aparecer. Todo aluno que vai aprender nadar na piscina não quer que o professor de natação o jogue dentro d'água. Mas é preciso cair dentro da água e começar a fazer, porque o Ativismo Individual --a palavra o diz-- é uma atividade, é uma coisa operacional em que a doutrina é adquirida na operação e depois ilumina a operação.

[Agora], a perfeição da arte está em não precisar conversar, mas em pegar uma fotografia e dizer "aqui está, é fulano". Eu os convido para isto, eu acho que com o auxílio de Na. Sra. os Srs. podem obter isto. Evidentemente sem muito senso católico e muito auxílio da graça, isto não entra. Porque entra conjugado com isto um dom do Espírito Santo chamado discernimento dos espíritos. É um carisma que se trata de obter.

Os Srs. vão ver que esse trabalho traz para os Srs. um dos tais prêmios incomparáveis que Na. Sra. dá para quem abandona tudo para segui-La. É que os Srs. vão compreender depois que sem essa ciência nada é ciência. A própria religião católica a gente não conhece bem quando não sabe isso. A alma é a obra prima do que Deus criou, e quem não é capaz de ver almas, passou pela vida sem ver nada.

Eu dou um exemplo para me exprimir. Imaginem uma pessoa surda e para a qual todos os barulhos chegam aos ouvidos meio desordenados. Ela vê as pessoas conversando, não entende nada do que elas estão falando, acha aquilo uma bobeira. Mas imaginem que ele ponha um aparelho para o ouvido e para ouvir. Essa pessoa evidentemente vê que tudo faz sentido, tudo se define, tudo se precisa.

[Depois que a gente se pergunta] "como seria fulano se fosse ultramontano?", começa a sentir dor por ele não ser ultramontano, e faz o esforço, até com sangue, para ele ser ultramontano, para que aquele plano de Deus se realize. Isso dá sentido à vida. O resto é rolar pela vida sem a gente saber o que quer dos outros.

A minha alma está posta inteiramente nisso. Os Srs. observem a mais modesta das pequenas cenas do Grupo, eu passar pela sala do expediente e cumprimentar as pessoas que estão lá. A cada um que eu cumprimento

<sup>425</sup> Reunião intitulada "RCR aplicada", 25/5/70, (ER 132-133)

<sup>426</sup> Reunião para Eremo Luz Profética 11/10/72 (ER 140)

eu dou algo de substancial. Como seria possível fazer isso sem a ciência das almas longamente meditada e adquirida?<sup>427</sup>

### 3. Modalidades da ação de indivíduo a indivíduo

#### a. Quando o outro é CR, R ou semi-CR

A ação RCR se desenvolve sobre indivíduos de 3 categorias consideradas em tese: um contra-revolucionário (CR), um semi-contrarrevolucionário (SCR) --que no fundo é um revolucionário com um certo matiz--, e depois o revolucionário (R) no qual os restos CR são tão pequenos, que ele deve ser qualificado com um R completo.

\*

O apostolado junto a um indivíduo que não tem nada de R, destina-se a ver o por onde a mentalidade dele apresenta algo que a R pode destruir, e auxiliar ali a resistir às investidas que ele receba.

Isso envolve 2 aspectos. O primeiro aspecto é positivo e consiste em afervorá-lo no amor daquilo que ele ama na CR. O segundo é negativo, é acender a vigilância àquilo que ele tem de fraco.

\*

No indivíduo que é nítida e categoricamente R, o que nele há de CR é tão mingado que como que não conta no procedimento, na mentalidade, no estado de espírito habitual dele.

Ele está habitualmente numa posição de militância e de agressão --nos mil modos que essa agressão pode ter-- contra aquilo que é bom, contra aquilo que é católico e direito.

Com esse indivíduo o modo que a gente tem de agir, consiste em primeiro lugar em quebrar o ímpeto dele, porque toda paixão má que encontra algo que lhe resista, ela no primeiro momento se enfurece, mas depois perde alguma coisa de seu vigor. Então, opor uma resistência.

E em segundo lugar, em mostrar a ele que a posição CR não diminui a plenitude humana de ninguém, mas a aumenta.

Exemplos: sobre Frei, uma aula de karatê não produziria a menor das importâncias. Mas ele perceber que o inimigo dele fez uma velhacaria bem jogada, ele tem ódio, mas respeito. Quer dizer, é preciso tratar de superá-lo, ou pelo menos impressioná-lo no campo que ele admira, que é o campo da velhacaria, pois ele é velhaco.

Lenin não era conversível, salvo um enorme milagre como seria a conversão de Judas. Mas havia 2 meios de fazer mal à R em Lenin: primeiro, desafiá-lo de um modo escancarado, prototípico; fazer o contrário do que ele queria, tomando o ar de um aristocrata negligente, cômodo, displicente, que ouve o que ele diz e depois responde: "não é". Com isto, ele sairia de dentro da própria pele, de furor. E mostrar depois a inutilidade do ímpeto fazendo-o concordar, sob a ameaça de morrer.

O segundo meio seria enfrentá-lo de um modo súbito, de brutalidade tão grande e diante de uma ostentação de força tão prodigiosa, que ele se sentisse pequenino.

\*

Para o semi-CR [o jeito] é somar as táticas R e CR.

\*

O que foi dito acima fica tudo em teoria se não se adquirir o meio de observar muito as almas. Porque a variedade das situações nas diversas almas é tão prodigiosa, que os princípios teóricos, sem um grande adestramento de observação da realidade, servem de pouco<sup>428</sup>.

<sup>427</sup> Reunião Eremo de Petrópolis (ou São Paulo Apóstolo), 1/7/71 (ER 132-133)

<sup>428</sup> Reunião intitulada "RCR aplicada", 25/5/70, (ER 132-133)

## b. Quando o outro está fora de seu ambiente e quando está dentro de seu ambiente

[Uma modalidade de Ativismo de indivíduo a indivíduo] é quando a gente age sobre uma pessoa [à margem] do ambiente da pessoa. Por exemplo, se a gente se encontram todos os dias com um rapaz na sala de espera de um dentista ou de um médico com pouca clientela. Quer dizer, o indivíduo está fora de seu ambiente, está só em contato com o apóstolo, e o contato é de pessoa a pessoa.

Agora, outra [modalidade], muito mais freqüente, é quando a pessoa exerce um apostolado sobre alguém, mas dentro do contexto desse alguém, dentro do grupo onde esse alguém naturalmente se encontra: o colégio, a faculdade, a família, o bairro, etc. A característica aqui é que o apostolando é atingido pelo apóstolo dentro de um determinado meio e as reações desse meio vão influir no modo do apostolando receber o apostolado.

Em termos menos abstratos, se os Srs. vão fazer apostolado num colégio ou numa faculdade, a ação dos Srs. não poderá ficar isolada. Será uma ação exercida normalmente em público diante de outros, e a reação que os outros tiverem diante da conduta dos Srs. vai influenciar a atitude que o apostolando vai tomar.

Então o apóstolo tem que ter duas preocupações: o apostolando e o ambiente que cerca o apostolando. Porque se ele não atuar sobre o ambiente também, o apostolando corre o risco de, pressionado pelo ambiente, não se deixar influenciar pelo apóstolo <sup>429</sup>.

## D. Esquema da ação de indivíduo a ambiente

- I. Conceito e importância
- II. Campo de ação - Opinião pública em ambientes restritos
  1. Teoria da opinião pública
    - a. Mecanismo de sua formação e influência
    - b. Método revolucionário de formação de opinião pública
  2. Conhecimento das categorias de homens
  3. Os tipos humanos
    - a. Conhecimento da psicologia dos tipos humanos
    - b. Crítica
  4. Psicologia dos diversos grupos sociais quanto a:
    - a. religião
    - b. raça
    - c. nacionalidade
    - d. classe social
    - e. profissão
- III. A ação
  1. Objetivo
    - a. quanto à importância:
      - . principais
      - . secundários
    - b. Quanto ao tempo:
      - . próximos
      - . remotos
  2. Tática (frente às categorias)
  3. Processo - seus métodos:
    - a. lógico
    - b. tendencial
  4. Princípios e normas
  5. Obstáculos
    - a. sobrenaturais
    - b. Preternaturais
    - c. Humanos
      - . independentes do ativista:
        - vicio capital
        - vicio capital do paciente ou do ambiente
        - contágio da opinião pública
      - . dependentes do ativista:
        - defeitos morais
        - defeitos naturais
  6. Virtudes características
  7. Meios de ação
  8. Predicados e dons

<sup>429</sup> SD 15/2/74 (ER 142)

IV. Conhecimentos complementares <sup>430</sup>

## E. Teoria dos ambientes

## 1. Pressão, pressão exercida por uma pessoa, pressão exercida por um ambiente

O que é propriamente uma pressão?

Por exemplo, a gente pressiona com a mão quando pega aqui. Mas é só quando pega aqui? Não. Quando pega para puxar. A pressão é um ato pelo qual a gente se apodera de algo e tende a puxar para onde a gente quer. Isso é uma das maneiras de pressão.

Quando se fala de pressão do ambiente, o ambiente em que a gente está, [isto é], o conjunto das pessoas [com quem a gente está num lugar], quer encaminhar-nos para onde nós não queremos.

Bem, e o que é a pressão de uma pessoa? Nós temos relação com uma pessoa que não gostaria que nós fôssemos como somos, pensássemos como pensamos, e vivêssemos como vivemos. Essa pessoa exerce sobre nós uma pressão.

Os meios pelos quais uma pessoa pode pressionar a outra são a persuasão, a ameaça e a amizade.

A gente deve resistir a toda pressão da persuasão? Não. A gente deve analisar o que a pessoa nos diz. Se a pessoa tem razão, a nobreza de nossa alma consiste em lhe dar razão: "você tem razão, eu vou fazer o que você está me aconselhando". Se a pessoa não tem razão, a nobreza de nossa alma consiste em dizer: "não, você não tem razão", e em dar um argumento contra.

Não há um homem que não esteja a altura de, sendo interpelado por outro homem, defender diante dele o direito e a verdade. [O menor] servo da terra diante do maior potentado, se esse potentado ataca a doutrina de NSJC, tem que ser homem para dizer: "eu não estou de acordo".

Todo homem considera uma vergonha levar uma bofetada e não responder. É uma vergonha maior ainda ter que ouvir um argumento contra suas convicções mais sagradas e não saber responder. O legítimo amor que eu me devo a mim mesmo me leva a responder com uma outra bofetada. Mas mais importante que o amor que eu devo ter a mim mesmo é o amor que eu devo ter a Deus. Ver Deus ofendido? 5 bofetadas! Bem entendido, eu não estou falando aqui da bofetada física, eu estou falando aqui do argumento.

O argumento tem uma vantagem muito grande: dispensa a brutalidade. Porque quem argumenta não precisa ser bruto. Ele tem as pinças do argumento, ele tem o bisturi fino do argumento: tsssttt! Conforme o caso ele pode argumentar sorrindo <sup>431</sup>.

Não adianta fazer apostolado sem saber argumentar, e argumentar está ao alcance de qualquer um, basta ter estudado, pensado um pouco e não ser mudo <sup>432</sup>.

Vocês dirão: "mas eu terei sempre razão?" Minha resposta é: às vezes terá, às vezes não terá, como acontece a todo homem. Mas o homem que segue a doutrina infalível da Igreja Católica tem razão sempre.

Bom, a pressão que um grupo humano faz sobre um indivíduo, sobretudo se esse grupo é grande, aperta muito mais do que a pressão feita por outro indivíduo. E em geral resistir a um ambiente supõe mais energia do que resistir a um indivíduo. Por exemplo, passa um rapaz da Congregação, de capa, diante de uma faculdade, estão todos saindo, e há uma vaia de toda faculdade. Aquilo pega muito mais do que se tivesse sido vaiado por uma só pessoa. E pode acontecer que à noite, na hora de dormir, o sujeito ainda carregue na cabeça a vaia que tomou. Vendo um consenso de muitos contra ele, ele tem a miniatura da impressão que o mundo inteiro está contra ele.

Como é que a gente deve [proceder] em face de um ambiente? Fundamentalmente todas as regras que eu dei para a gente tomar atitude diante de um indivíduo contrário, valem para cada um dos indivíduos que compõe o ambiente contrário, porque todo ambiente é feito pela soma de indivíduos.

Mas é preciso aí distinguir uma coisa: é que o ambiente é uma realidade mais complexa do que o indivíduo. E que na luta contra o ambiente a gente tem certos recursos que contra o indivíduo a gente não tem. Como de outro lado, o ambiente tem contra nós recursos maiores do que tem o indivíduo <sup>433</sup>.

## 2. Ambiente, ambiente material e ambiente psicológico

<sup>430</sup> Texto sem data 9, título originário "Esquema da ação individual" (ER 130)

<sup>431</sup> SD 25/4/87

<sup>432</sup> SD 15/2/74 (ER 142)

<sup>433</sup> SD 25/4/87



A linguagem de hoje em dia é muito confusa a respeito do [conceito de ambiente]. A palavra ambiente tomou com a degradação do vocabulário uma série de significados.

Por exemplo, a gente poderia dizer:

- "estávamos num ônibus num ambiente muito fechado", [isto é], todas as janelas estavam fechadas. Aí ambiente significa a atmosfera material que se respira.

- "o ambiente em Curitiba é tranquilo hoje" - aí ambiente é um certo estado temperamental da cidade no dia de hoje.

[Quem fala em "ambiente de almas", usa a palavra "ambiente" no seu sentido originário. Quem fala em "ambiente material", usa a palavra "ambiente" num sentido analógico].

O que que é um ambiente de almas? [Consideremos] um determinado grupo social, ainda que minúsculo, uma família por exemplo. Do convívio entre pai, mãe e filhos resulta uma tônica; quer dizer certos pontos desse convívio carregam algumas disposições temperamentais, alguns modos de ser, algumas idéias. Isto é o que se chama o ambiente. É o que portanto mais de um põe em comum no seu convívio e que passa a ser algo que terceiros notam como uma coisa já distinta deles.

Um ambiente não quer dizer necessariamente uma concórdia. Pode haver num casal um ambiente de discórdia, mas então eles põem em comum o desacordo.

As opiniões, os estados de alma, as disposições temperamentais, etc., enquanto externadas e participadas constituem um ambiente.

Então poderíamos dizer por exemplo: "eu cheguei numa casa onde encontrei um ambiente piedoso, numa outra casa encontrei um ambiente socialista, noutra casa encontrei um ambiente chacunieroso, em tal clube encontrei um ambiente de opulência". São disposições de espírito postas em comum.

Não se forma ambiente portanto quando várias pessoas tem certas disposições de espírito, mas que de nenhum modo se põem em comum nem sequer pelos imponderáveis.

Essa é a idéia originária de ambiente.

Agora, essa idéia transposta para o campo material, [se refere] ao conjunto de influências materiais que um determinado ser vivo sofre no local onde ele está.

Por exemplo, "tal gás constitui ambiente propício, ou ambiente desfavorável, para a expansão ou para o desaparecimento de tal vírus". Se eu imaginar 5 corpos materiais, dos quais nenhum exerce nenhuma ação sobre o outro, aí não se pode falar em ambiente.

Os Srs. estão vendo portanto a analogia entre o ambiente espiritual --ou psicológico-- e o ambiente material.

Daí, por uma imprecisão da linguagem, e até uma incorreção da linguagem, passou-se a designar como ambiente também os grupos sociais. Então por exemplo é forçado dizer: "a Faculdade de Direito é um ambiente muito marcado pela Buscha". Porque a Faculdade de Direito não é um ambiente. Ela pode ter um ambiente. Ela é um grupo social, não é um ambiente.

Um grupo pode formar um ambiente. Quase todo grupo cria um ambiente, ainda que seja um ambiente de vazio, porque o vazio é ainda um ambiente. Mas o ambiente não é o grupo. Como por exemplo numa sala de música, as notas do concerto que enchem a sala não são a sala de música. E exatamente o errado da linguagem de hoje é identificar grupo com ambiente.

### 3. Articulação dos ambientes

Para estudar a articulação do ambiente poderíamos considerar:

- a articulação das pessoas dentro do ambiente
- a articulação das opiniões dentro do ambiente.

#### a. Articulação das pessoas. Teoria da liderança

Num ambiente nós temos os "boss", isto é, os que tem liderança. Depois temos os que são liderados. E depois temos aqueles que são os elos que vinculam o líder aos liderados. Em outros termos, há: os que lideram e não são liderados; os que lideram e são liderados; os que não lideram e são liderados. Num grupinho, por menor que seja, digamos de 6 pessoas, um tem a liderança, 2 o admiram e aplaudem muito, e por isso ele se impõe aos 3 outros.

Quer dizer, todo grupo que tenha liderança --porque há grupos que não tem liderança-- é concebido como uma pirâmide.

Nós podemos num grupo considerar lideranças para efeitos diferentes. Por exemplo, numa turma de segundo ciclo de colégio um será o líder do grupo na hora do esporte, outro será o líder do grupo na hora da desordem --muitas vezes é o mesmo--, o aluno mais estudioso da sala seria o que empurra o grupo para frente na hora do estudo. Quer dizer, uma mesma unidade, um mesmo grupo pode ter lideranças para efeitos diferentes, mas [isto] não destrói a idéia piramidal das lideranças.

Bom, há grupos que são horizontais, não tem pirâmide. Neles a articulação é feita de um equilíbrio de várias influências que se aceitam e se rejeitam em alguma medida, porque para compreender bem um grupo é preciso ter em consideração que ele não é feito apenas de um conjunto de aceitações, é feito também de um conjunto de rejeições (\*).

-----  
 (\*) Vamos tomar um grupo [de rapazes] da Congregação de origens raciais muito diferentes: um é descendente próximo de italiano, outro de alemão, outro de árabe, etc. A rejeição das influências nacionais de maneira a nenhuma prevalecer sobre a outra, é um elemento constitutivo do grupo, porque se cada um fosse insistir nas suas coisas nacionais o grupo se expandia.  
 -----

O que é que vem a ser propriamente um líder? Há duas espécies de líder: o líder completo e o líder incompleto.

O líder incompleto é aquele que, de um modo mais ou menos consciente ou subconsciente, pode até ser de um modo inteiramente consciente, captou o que é que um certo número de pessoas deseja, e se revela capaz --ou o mais capaz-- de as levar a realizar aquele desejo. Ele tem uma certa forma de mando, não na escolha da meta, mas na escolha dos meios para atingir a meta.

O líder completo é o que cria no indivíduo a vontade de uma meta, e depois guia-o para a meta que ele apontou.

O fundo da liderança é um fenômeno de adesão da inteligência e da vontade a uma determinada meta.

O líder incompleto aponta uma meta, convence, indica os meios, mas não é quem cria o amor à meta. O convencer da meta não é o criar o amor à meta. (Ele move a inteligência das pessoas, não a vontade). Às vezes é um subordinado quem transforma aquilo em amor --e portanto participa da liderança.

O amor é de uma importância enorme, porque a liderança é sempre um fenômeno de amor, não é um fenômeno de ódio, nem é um fenômeno de medo. A liderança se completa bem com um certo temor, mas ela não vive do temor. Tomem um homem dirigindo 5 que o temem: em certo momento esses 5 que o temem jogam esse homem no chão, porque ninguém vive do temor. Ou há pelo menos por algum lado um certo amor, ou não há liderança.

O líder completo deve portanto saber despertar amor também. O líder incompleto não tem a capacidade de arrastar pelo amor.

## **b. Articulação das opiniões**

Dentro de um grupo, de uma coletividade, uma vez emitida uma opinião, se estabelece uma atitude de todos perante essa opinião. Nenhuma opinião é emitida dentro de um grupo sem que provoque uma atitude, ainda que essa atitude seja não provocar atitude, porque o não manifestar uma atitude é tomar uma atitude, evidentemente.

As várias [atitudes] a que uma idéia pode dar lugar são as seguintes:

Uma pessoa manifesta uma opinião dentro de um grupo e o grupo continua todo indiferente. [A atitude que as pessoas desse grupo tomam é uma atitude] de afastamento e de congelamento. Aquela opinião morre e a pessoa guarda aquilo para si.

Agora, pode acontecer que a opinião, ao contrário de morrer, morda, no sentido de provocar simpatia ou antipatia. Aí se estabelece uma articulação. No primeiro caso não houve articulação, houve uma desarticulação, aquela opinião ficou desarticulada no ambiente. No segundo caso houve uma articulação, que será uma articulação positiva quando a relação é de simpatia, e será uma articulação negativa quando a relação é de antipatia. Pode também ser de antipatia e simpatia da parte do mesmo indivíduo, [quando] ele em relação a uma idéia tem uma

antipatia por algum lado e uma simpatia por outro lado. Como também pode ser outra coisa, uma antipatia de uns, mas maciça, e uma simpatia de outros, mas compacta também (\*).

-----  
 (\*) Vamos dizer, a Rainha da Inglaterra vai para os EEUU. Aquilo pode produzir uma reação bipartida no grosso do público americano: de um lado raiva porque as maneiras dela não se coadunam com o povo; mas por outro lado admiração precisamente pelo que ela tem de aristocrático. Então ao mesmo tempo aplausos com reservas.  
 -----

[Essas atitudes] tendem depois de um primeiro impacto a se consolidar. Quer dizer, todo mundo tende depois do primeiro impacto a definir a sua atitude. Depois de definidas as atitudes, quando elas são diferentes, aquele meio social procura uma harmonia entre as atitudes, e se estabelece então um [acordo], por exemplo, de não falar de um assunto de rixa ou de só falar de um determinado modo para evitar rixa, qualquer coisa assim. Aí o processo de articulação teve seu fim.

O que é que se chama aqui articulação? É a situação na qual opiniões ou tendências diferentes entram dentro de um "modus vivendi" recíproco, que permite a manutenção da vida comum (\*). Quando por causa de um choque excessivamente forte de opiniões, um grupo social entra em luta e se desfaz, aí já não [se trata de] uma articulação, mas de uma desarticulação.

-----  
 (\*) Vamos dizer por exemplo que o Sr. trabalhe num ambiente muito R. O Sr. entra, eles percebem que o Sr. é CR, e há a primeira explosão. Bem, mas a coisa não pode manter-se inteiramente numa primeira explosão, tem que chegar a um estado estável, tem que se estabelecer um estilo de relações quotidianas, por mais tenso que seja. Esse sistema da vida de todos os dias é o "modus vivendi".

Se todo aquele grupo [de cooperadores] que atuou na Faculdade de Direito de SP pertencesse à Faculdade de Direito de SP, e comparecesse sempre, era um impacto enorme. Mas com os que ficaram lá estabeleceu-se praticamente um "modus vivendi": ficou entendido que cai a casa em cima deles se eles fizerem uma ação pública, mas que uma ação privada eles podem fazer. Isto se chama um "modus vivendi", é um acordo tácito. Não quer dizer um acordo cordial, nem que fizeram as pazes. Por exemplo 5 inimigos de morte que são presos numa mesma cadeia por uma razão política, eles podem continuar a ter vontade de se matar, mas enquanto estão na mesma sala há pelo menos o acordo de não se falarem. Eles se articularam dessa maneira.

(Agora, nosso objetivo último, evidentemente hoje em dia é impossível atingir, mas é não ter nem essas articulações com os revolucionários).

A questão é a seguinte: eles obrigados a manterem uma articulação onde nós tenhamos prestígio, aos poucos vão tendo sabugos, e a nossa posição vai melhorando. De maneira que em determinado momento é possível que nós fiquemos 2 minorias num mundo de sabugos. O que então já melhorou a situação. Remotíssimamente seria possível montarmos neles.

(Mas também eles podem montar em nós). Se a gente por exemplo for se iludir e querer levar uma vidinha gostosinha dentro da articulação, eles pisam. Vence a batalha articulada aquele que vigiou mais e se manteve durante mais tempo na vida não gostosa.  
 -----

Essa articulação tem vários modos. Há por exemplo articulações em que um indivíduo fica dentro de um grupo pequeno como o animal perseguido por outros em cima dele, ou então fica não um, mas 2 ou 3 como uma minoria acuada por 5 ou 6.

Pode também ser uma articulação de respeito recíproco, ou pela moleza da maioria, ou porque as forças estão de tal maneira divididas, que para não romper o vínculo comum é preciso estabelecer um respeito, que não é um respeito interno, mas é uma conduta respeitosa externa.

A Congregação, que em geral é minoritária, ou um grupo de elementos da Congregação, em que espécie de articulação devem querer entrar? Eles devem querer a seguinte forma de articulação: que eles sejam uma minoria prestigiosa e respeitada. Não é tão importante que eles sejam estimados, benquistos. É mais ou menos impossível que sejam benquistos pela grossa maioria, porque o filho das trevas jamais quer bem ao filho da luz. Mas eles podem ter uma minoria prestigiosa e respeitada, minoria cuja situação se tornaria ainda mais aceitável se ela tiver em torno de si uma espécie de arrabalde de simpatizantes, que não são propriamente da Congregação, mas que por essa ou aquela razão simpatizam com ela, e com os quais portanto ela mantém umas relações de cordialidade, mas com reserva. Isso é a melhor situação que uma minoria pode ter em face de uma maioria fortemente contrária.

Daí os Srs. vêem que minha orientação dentro de cada país onde a Congregação tem um grupo consiste sempre em cercar a Congregação desses vários elementos:

- prestígio, pelas instalações, pela natureza das obras publicadas;
- respeito, pela sinceridade, pela dignidade das atitudes, das convicções;
- e depois, quando possível, uma espécie de subúrbio de simpatizantes.

Bem, isso na escala do país. Mas se repete para os ativistas individuais na escala do indivíduo. Quer dizer, um indivíduo que está num grupo onde todo mundo é R, ele deve tender para constituir para si essa situação; quer dizer se fazer respeitar, ainda que seja pelo murro, mas se fazer respeitar; de se fazer admirar pela sua sinceridade, pela sua coerência, etc., ainda que os outros falem mal; e depois ter algum simpatizante.

#### 4. Em que medida um cooperador pode participar de um ambiente?

Pergunta: Um membro da Congregação, que estuda e faz apostolado numa Faculdade, em que medida pode fazer parte do ambiente da Faculdade? Se ele não participasse de algum modo, não poderia exercer ali nenhuma influência.

Um estudante totalmente contra-revolucionário não pode participar do ambiente R da Faculdade [que frequenta].

Vamos imaginar que A fosse inteiramente CR, e houvesse 15 sujeitos da mesma cidade onde ele nasceu espalhados pela Faculdade e meio solidários com ele porque são conterrâneos. Então estabeleceu-se naquele ambiente entre o CR e os outros um patriotismo regional, que faz com que ele tenha uma participação no ambiente da Faculdade, não enquanto [ambiente] R, mas a outro título.

No convívio do contra-revolucionário com os revolucionários, situações dessas podem dar-se, mas muito precariamente, na medida em que o CR faça silêncios cautos. Se ele se mostrar inteiramente como ele é, essas situações não duram.

(Quer dizer, de tal maneira domina o panorama o problema RCR, que ou eles nos aceitam ou eles rompem). O que leva a esta conclusão: é que o bom membro do Grupo a bem dizer não tem amigos fora do Grupo. Ele só tem amigos em quem está para entrar para o Grupo, porque a fricção das mentalidades é grande demais.

O que a gente pode admitir é que por causa do patriotismo regional, a fricção com os conterrâneos seja menor do que com os outros. Mas que o indivíduo participe através dos conterrâneos pura e simplesmente da vida da Faculdade, isso não é possível.

(Se diminui a fricção e o CR é inteiramente fiel, isto se dá por debilidade dos R). Se ele por exemplo arranjou que os 15 conterrâneos dele digam "Fulano tem idéias de que eu não participo, mas é muito simpático, muito agradável, nós gostamos muito dele, não concebemos uma boa roda de amigos sem a presença dele", etc., se isto se der, é uma vitória da CR. O que é que aconteceu? É que ele trincou em algo o ambiente R da Faculdade, que deixou de ser inteiramente R, para ser a soma heterogênea e a coexistência hostil da R com uma parcela da CR.

(Geralmente quando diminui a fricção é por causa do CR que) encolhe as garras.

Através desses sentimentos de parentesco, vínculos de coterraneidade, etc., o CR pode tirar um certo partido. Mas sem a gente conviver com essas [pessoas], porque o espírito da R é tão contagioso, que a vantagem tática não é compensada. A fórmula é, conservando a distância, um sistema de sorrisos, certas pequenas atenções, um cumprimento amistoso "Fulano, como vai?", etc. Às vezes esses pequenos favores permitem à gente de alimentar nos outros uns restos de simpatia, que amortecem o impacto da R contra nós. Isso a gente deve fazer. Eu toda vida fiz e faço.

#### 5. Classificação dos ambientes e dos grupos de indivíduos: pequenos, médios e grandes; homogêneos e heterogêneos; sem consistência, esporádicos e fixos

Do ponto de vista do Ativismo Individual, pequeno ambiente é aquele que é susceptível de ser influenciado diretamente por um indivíduo só. Ambiente médio é o que é susceptível de ser influenciado por um indivíduo através de influências inarticuladas que ele desperta. O ambiente grande é o que só pode ser influenciado por uma equipe de indivíduos<sup>434</sup>.

\*

[Os ambientes também podem ser classificados em] homogêneos e heterogêneos.

<sup>434</sup> (ER 132-133), Curitiba 21/5/71, "Ação individual I"

Um ambiente heterogêneo é por exemplo uma estação de ônibus: há gente de toda ordem que passa por lá, que entra, que sai, que se cruza, que não tem nada de comum, que está reunida ali de modo acidental.

Um ambiente homogêneo pode ser, por exemplo, as famílias que habitam no mesmo bairro, ou que freqüentam o mesmo clube. Podem ter uma homogeneidade entre si, quer dizer uma semelhança, uma ligação por onde todas pensam de um mesmo modo, vivem mais ou menos do mesmo modo e reagem diante dos fatos mais ou menos do mesmo modo.

Nós somos um ambiente homogêneo. E devemos ser assim, sob pena de nós nos desfazermos.

Em face de nós não há heterogêneos. Porque em face de nós a tendência é de se unirem contra. Contra nós todos são um. Em relação a nós, a nota dominante do ambiente é homogênea contra nós.

De maneira que, por exemplo, se um rapaz vestido à maneira comum passa perto de uma estação de ônibus, [ninguém se incomoda com aquilo]. Mas se ele estiver com a capa, segurando o estandarte e olhando: psssttt! Haverá algumas manifestações de solidariedade, é verdade. Mas haverá muito mais cutucões e perguntas e malícias do que solidariedade.

[Essa] homogeneidade [contra nós, pode ser] mais larga: é do pessoal que está na estação de ônibus. [E pode ser] mais apertada: são de círculos pequenos muito fechados entre si e que formam muito mais proximamente as suas mentalidades<sup>435</sup>.

\*

[Por fim, há ambientes, ou mais exatamente grupos de indivíduos]:

- que não tem nenhuma consistência;

- que se reúnem às vezes. Por exemplo o público que de vez em quando se encontra num mesmo cinema.

Não é um público inteiramente definitivo, não são inteiramente os mesmos que voltam;

- que são fixos embora não tomando a vida inteira da pessoa. Por exemplo, uma Faculdade<sup>436</sup>.

## F. Ação de indivíduo a ambiente. A conquista de um ambiente por um cooperador

### 1. O senso do mal, pressuposto para a luta em qualquer ambiente

Uma das mil contradições nas quais se frita o mundo de hoje é esta: "ninguém confia em ninguém, e todo mundo sabe que ninguém é bom"; mas quando se trata de cumprir os Mandamentos, de ser honesto: "não, é bom rapaz, precisa ter confiança nele, ele é direito, tão bonzinho, é novo ainda, depois mais velho pode ser que ele se perca, mas por enquanto ele é inocente, não pense nisto, etc."

Os senhores tem experiência própria de que há rapazes da idade dos senhores, e muito mais moços que os senhores, de 7, 8, 10 anos, e que já são monstros.

E se nós olharmos para nós, notamos um mundo de inclinações más. Por que que o outro não terá também inclinações más? A tendência para o mal que eu noto em mim, com estas ou aquelas variantes, tem que existir do mesmo modo nos outros.

Então devemos saber desconfiar dos outros desde a nossa primeira idade.

\*

Entrando no meio dos maus um homem que não toma a defesa da Causa Católica, passa despercebido. Não há um preconceito contra ele, não há uma inimizade organizada contra ele.

Mas em qualquer lugar onde esteja [um católico], se ele procede como católico e se faz conhecer como católico, há uma porção de gente que fica com simpatia ou antipatia. E os maus instintivamente se organizam contra ele.

Então a primeira coisa que faz o combatente católico entrando num ambiente é tratar de descobrir quais são os maus e que jogo vão jogar contra ele.

Os senhores dirão: "mas afinal de contas o número de maus é tão grande assim?" Minha resposta é: muito maior do que os senhores pensam. A pergunta hoje em dia é quase esta: há bons sobre a face da terra? onde estão eles?

<sup>435</sup> SD 25/4/87

<sup>436</sup> (ER 132-133), Curitiba 21/5/71, "Ação individual I"

[Segunda providência]: "por mais que o mau me agrade, por mais que me seja simpático (\*), por mais que procure valorizar-me --porque às vezes os maus fazem para nos perder--, cuidado! E eu não vou ficar agradecido".

-----  
 (\*) Os senhores devem perceber até que ponto os senhores tem xodó, tem simpatia excessiva, mal fundada, sem razão, por êste, por aquele, por aquele outro. Porque nunca uma pessoa tem uma simpatia desarrazoada por quem é bom; para com o bom a gente tem a simpatia dos razoáveis; as simpatias imbecis, cheias de ilusão a gente tem com o mau. Cuidado com nossas simpatias, elas são muitas vezes a porta do mal.  
 Agora, também cuidado com nossas antipatias! Porque muitas vezes nós antipatizamos com os outros por inveja.  
 -----

Ou nós compreendemos que o bem é odiado e tratamos todos os homens com cortesia, mas com a desconfiança de quem está em plena batalha, ou nós estamos com a batalha perdida.

\*

A gente não forma o instinto batalhador da gente apenas na hora em que alguém está nos agredindo. Nós temos que habitualmente olhar as pessoas com olhar de análise. De maneira que estando num ônibus, num trem, num automóvel, qualquer coisa, com outras pessoas, [examinemos]: "como é este, como é aquele, como será aquele outro". Tratar com todo mundo com desconfiança, com um pé atrás; quando deixa, acaba a conversa, procura lembrar-se da conversa e procura imaginar aquele como é, que conclusão eu tiro daquilo, daquilo, ter a ficha de todo mundo pronta na cabeça. Sem cabeça fichário não há combatente. Sabendo como são os outros, a gente sabe lutar com os outros.

Bem, alguém dirá: "mas eu não tenho o senso psicológico do senhor e não sei ver o inimigo". Eu digo: na medida que seja necessário para a salvação da alma de cada um, saberá.

- Mas isto supõe uma vida de luta, para a qual eu não tenho coragem.

Eu digo: meu filho, se é seu dever, ou Deus não existe --o que é um absurdo--, ou você terá as graças necessárias para cumprir o seu dever<sup>437</sup>.

## 2. A luta num ambiente muito vasto. Papel dos mais influentes

Aparte: Como o senhor fazia apostolado na Congregação Mariana de Santa Cecília no começo?

A Congregação Mariana era muitíssimo mais vasta do que qualquer grupo [nosso] em cidade do interior do Brasil. A Congregação Mariana de Santa Cecília tinha 200 a 300 membros. E portanto tinha muita gente com quem mexer.

Eu não tardei em perceber que, na impossibilidade de atuar diretamente sobre todos, era preciso atuar sobre aqueles que pudessem atuar sobre os outros.

[Então], na rodinha dos mais influentes nós conversávamos quase toda noite. Eu não tinha nada combinado com eles, mas terminada a conversa, eles espalhavam o que tinham ouvido com a naturalidade com que, por exemplo, um pássaro leva o polem no bico, sem nem saber que ele está levando o polem no bico. Isto levedava toda a Congregação Mariana.

Uma ou outra vez me convidavam para fazer uma conferência, uma reunião. Eu fazia. Mas o principal era o hábito de, onde eu estivesse, formar uma rodinha. E essa rodinha ser variada. A rodinha das noites era mais ou menos fixa, aberta para quem quisesse, não era camarilha<sup>438</sup>.

## 3. A luta num ambiente esporádico: não deixar nada sem resposta. Formas de nossa defesa

Que atitude deve tomar [um cooperador] num ambiente onde ele está de passagem? Por exemplo, ele está esperando que encham o tanque do automóvel numa bomba de gasolina, passa um grupo de estudantes e vaia. O que ele pode fazer?

<sup>437</sup> SD 7/3/87

<sup>438</sup> Reunião propulsores de apostolado, 19/4/85 (RN 666)

O princípio é não deixar nada sem resposta. Porque nunca podemos permitir que se pense que estamos com medo. Quer dizer, a atitude normal que a pessoa deve tomar é olhar e responder de frente alguma coisa à vaia que leva.

Se puder responder uma coisa engraçada, mas que dê na cabeça, é o ideal.

Se não é engraçado, não se meta a fazer graça, tome uma atitude de desempenho e diga qualquer coisa: "não ligo para vocês, eu estou firme na minha posição, não mudo".

A gente tem que ter peito e saber responder. Quando fica claro que eles estão fazendo pressão, a gente deve pôr a eles em contradição consigo mesmos. Começa a gritar: "liberdade, liberdade". Quer dizer: "Vivem falando em liberdade, eu não tenho liberdade? Então por que vem com essa história aqui? Eu estou usando a liberdade que vocês proclamam que todo mundo tem. Liberdade! Vocês não querem liberdade, vocês são tiranos. Di-ta-do-res! di-ta-do-res!"

Se o dono da bomba vem avisar que o tanque está cheio, caminhar para a porta do automóvel bem devagarzinho, sentar-se dentro, logo que possa, porque a situação não está boa, e de dentro do automóvel grite mais uma vez, pé lá e pssttt! Força. Esperteza sem força adianta pouco. Força sem esperteza adianta menos ainda. Nós devemos ter ambas as coisas.

Há um número infinito de coisas que se podem fazer. Uma delas, muito preciosa, é o karatê. Para quem tem nossa posição é uma fraqueza agredir com o karatê. O homem que pode responder com um argumento e responde com um passo de karatê, dá provas de que o corpo dele vale mais do que a alma. Ele tem que arranjar a coisa pela argumentação. Mas se ele for agredido, ele tem que saber dar um passo e surrar o outro! Jamais agridam. Nunca deixem de, agredidos, pssttt! Nunca deixem de gritar antes: "agressor, agressor, liberdade, liberdade". Até é estratégico dar um pulo para atrás e o valentão avança. Aí fica provado que o agressor foi ele.

\*

Se [o cooperador] não reagiu, faltou à caridade com eles. Porque eles acham que o católico verdadeiro como nós, pelo fato de ser casto, pelo fato de ser ordeiro, não é varonil. E faz bem à alma deles ver que a fé católica, integralmente professada e praticada, é heróica!

\*

Nós devemos ser polidos, amáveis, atenciosos com todo mundo, não tem dúvida. Desde que sintamos que estão tomando a nosso respeito uma atitude de agressão --eu não digo agressão física só, agressão psicológica-- nós devemos ir mudando. E à medida que eles enfezam, nós enfezamos também!

Nós devemos preferir tocar as coisas por bem do que por mal. Mas não havendo remédio, temos que estar prontos para tocar por mal.

#### 4. A luta num ambiente fixo: descolar a cabeça da cauda da serpente

Como é que nós fazemos nos ambientes com os quais temos que conviver permanentemente?

No colégio formam-se rodas, grupos de alunos. Nesses grupos a gente vai ver, as pessoas que estão lá, estão reunidas pelas mais variadas razões: um ficou amigo do outro porque moram no mesmo bairro, porque são primos, porque estão sentados na mesma carteira. E assim por diante.

Bem, quando aparece um contra-revolucionário no meio, a gente vê que a atitude do grupo não é uniforme diante do contra-revolucionário, que há sempre um ou dois chefes que começam o ataque, e que há pessoas que acompanham muito, há pessoas que acompanham menos e há pessoas que assistem na aparência indiferentes.

Isso quer dizer que, nas mentalidades, há dosagens de R, ou de CR, diferentes segundo cada indivíduo. [Os mais revolucionários são os] que ficam furibundos e chefiam a oposição. Os que antipatizam mas não ficam indignados são menos revolucionários; esses apoiam um pouco o furibundo, mas não agridem tanto quanto o furibundo. Os que olham indiferentes tem uma dose de CR muito pequena.

[Devemos] fixar bem na memória quem fica quieto na hora do ataque, [porque] é um aliado potencial. Esse em geral é uma pessoa mais apagada e que ninguém agrada muito. A gente passando perto dele, o mais amável dos sorrisos, e começa a querer formar uma relação com ele fora do grupo. Vamos dizer que um dos senhores tenha moto, aquele vai ter que tomar o metrô, "fulano, sobe aqui atrás, eu vou na direção que você mora". Ele sobe e se agarra aos senhores. Quando desce, solta o indivíduo na casa dele, conversa um pouco antes. Aquele vai sendo descolado dos chefes indignados.

O mesmo a gente faz com aqueles que se indignam pouco. A gente observa e percebe se há um lado por [onde] eles simpatizam com a gente, onde tem o mesmo modo de pensar. [Então a gente estimula esse lado. De maneira que eles acabem] pensando: "caramba! aqueles sujeitos que são furiosos com [os da Congregação] são meio unilaterais, porque eles tem uns lados simpáticos".

Esta tática de descolamento interno do grupo deve ser feita de preferência quando os chefes não estão presentes, porque esses chefes percebem essas coisas e começam a máfia.

Ao cabo de algum tempo as bases deles mudaram de atitude.

Bem, quando num grupo os chefinhos são tão mambembes que não tem a direção daquilo, os senhores observem se [as bases] gostam de uma coisa qualquer interessante, como por exemplo soltar balão.

Soltar balão é uma coisa que tem seu lado maravilhoso. Se os senhores tem na biblioteca um álbum de balões, levem lá e mostrem: "olha isto e tal". E no elogiar o balão, ponham uma atitude de alma admirativa. Hoje em dia mostrar admiração por uma coisa bonita é fazer CR, porque tudo está de tal maneira decadente que todas as coisas a todo momento estão ficando mais feias, mais ridículas, mais tortas, mais deformadas. O apostolado do belo é uma forma de fazer apostolado. Elogiem isso, depois vejam, se eles aderem a isso, elogiem uma coisa próxima ao balão, e depois uma outra. Depois do balão elogiem as estrelas. Não abrindo um pouco a alma deles para o maravilhoso. Aos poucos eles vão caminhando para a Congregação<sup>439</sup>.

## 5. A luta num ambiente completamente desconhecido

### a. É preciso tirar uma "radiografia" do ambiente

Um apóstolo chega a um ambiente aonde ele não conhece ninguém e onde ninguém o conhece também, vê apenas que ele é da Congregação, mais nada. O que é que o ele tem que fazer?

Ele tem que se pôr a seguinte [questão]:

Provavelmente esse ambiente é parecido com todos os ambientes congêneres. Portanto aí deve haver uma opinião coletiva, um estado de alma de frieza e de alheamento em relação aos problemas tratados pela Congregação; e uma idéia muito vaga e ao mesmo tempo rica a respeito do que é que a Congregação seja.

Aí deve haver algumas pessoas que logo que percebam que há [um] da Congregação, se organizam para agir contra; como deve haver algumas pessoas que tem simpatia, mas que, em via de regra, não tem coragem de agir a favor.

De maneira que o primeiro contato é difícil, porque é feito com adversários que falam; com neutros ou pseudo-neutros que não se interessam; e com simpatizantes que não falam<sup>440</sup>, não se movem e não se organizam (\*). Uma surpresa que os senhores nunca tiveram é entrar num ambiente e notar os simpatizantes dos senhores organizados para lhes fazerem bem<sup>441</sup>. É a mais desfavorável das situações.

-----  
 (\*) [Note-se que] em todos os [ambientes] normalmente existem essas 3 categorias de pessoas.  
 -----

[O apóstolo] tem que tomar uma atitude inicial firme, digna e clara --sem provocação, porque provocar nós não devemos--, que faça com que essas 3 categorias se revelem, porque assim a gente ganha tempo e quem presta aparece.

Essa atitude vai encontrar necessariamente a antipatia de alguns e a indiferença de outros. É preciso portanto que essa atitude inicial já preveja um modo prestigioso de se situar diante da antipatia de uns e da indiferença de outros.

Isto vai facilitar com que os bons se manifestem. Os bons em geral estão oprimidos pelo ambiente revolucionário e são tímidos, eles se manifestarão e terão coragem na medida em que vejam que o apóstolo pode entestar com os maus e pode interessar os neutros.

De maneira que então o objetivo é: prestígio com uns, interesse com outros, para dar coragem aos simpatizantes para aparecerem, porque em todo ambiente existe um lençol de petróleo de simpatia para conosco, um lençol subjacente, que será maior ou menor, mas é preciso deitar sonda no ponto certo e fazer o petróleo jorrar.

<sup>439</sup> SD 25/4/87

<sup>440</sup> SD 15/2/74 (ER 142)

<sup>441</sup> SD 7/3/87



O modo de deitar a sonda no ponto certo é ferir com a sonda os adversários e os neutros e por esta maneira fazer jorrar o petróleo dos simpatizantes <sup>442</sup>.

[Por exemplo] dar uma sapecada, não no comunismo, porque muitos concordarão, mas no socialismo: "o socialismo vai levando o mundo à perdição; democracia cristã, esquerda católica, não vale nada, é a ganzua onde o comunismo abre a porta".

Haverá sempre um que diga não. Em face desse um que diga que não, os Srs. vão ter as atitudes dos outros. Está revelado o ambiente. É como um teste, é a radiografia do ambiente. Falem mal da esquerda católica, que o ambiente se define <sup>443</sup>.

#### **b. O riso, forma do ataque dos filhos das trevas**

Quando um filho das trevas sabe que qualquer pessoa --não só uma pessoa da Congregação-- vai fazer qualquer coisa de bom num lugar, ele tem a tendência a cerrar de cima, inundando de gargalhadas --porque sabe bem que não tem argumentos--, para desmoralizar aquela pessoa diante dos outros e obrigá-la a se calar e sumir do ambiente. Isso em geral é uma coisa instintiva inerente ao mal, muitas vezes organizada.

[Quer dizer], o riso é o primeiro adversário que os Srs. vão encontrar diante dos Srs.

Os neutros diante disso ou vão ficar olhando como torcedores, para ver o colosso do colégio bater espiritualmente no que entrou de fora, ou não vão nem olhar isso, dão com os ombros.

O que deve fazer um membro da Congregação?

#### **c. O contra-debique e o karatê, formas de nossa defesa**

Se o membro da Congregação souber responder um debique com outro debique, ele deve fazê-lo (\*). Para o debique não há coisa melhor do que o contra-debique bem feito. Mas o debique sem ponta é a condição certa da derrota esmagadora. Ai de quem pretende usar esse dom sem o ter!

-----  
 (\*) Eu tenho encontrado poucas pessoas com a verdadeira arte do sarcasmo e do debique. Essa arte em geral leva para o mal. Quando o sujeito tem, não dá boa coisa. Se algum dos Srs. tem, use mas tome cuidado, porque é um fogo que queima quem o usa.  
 -----

Se ele consegue contra-debicar bem, o resultado é que o debicador do colégio, sentindo-se fraco, chama alguns outros para baterem palmas para ele e criarem ambiente em torno dele. Isto também é uma coisa meio instintiva, meio organizada.

Então o nosso contra-debicador tem que dizer: "que é isso? você agora foi trazer uns tipos para rirem junto com você?" E debique disso.

Se ele fizer isto, dá em agressão.

E se ele souber jiu-jitsu, ele ganhou a partida. Porque se ele entra sempre em legítima defesa e põe no chão 2 ou 3, aí ele deu coragem ao ultramontanável entocado e medroso, que diz: "eu não pensei que a gente sendo bom pudesse ser engraçado, pudesse ser forte e pudesse estender os outros no chão. Então, raiou a aurora para mim! e eu vou agora começar a lutar, vou me ligar a este que vai me ensinar isso e eu vou agora começar a segui-lo. Então o caminho que eu supunha intransitável, esse caminho é transitável".

#### **d. O apostolado da seriedade, forma "princeps" de nossa defesa**

Vamos supor que um [cooperador] não tenha a arte do contra-debique. Ele deve entrar com um jeito que não dê ao debicante muita possibilidade de debicar. A minha experiência é que diante de uma cara realmente séria muitos não encontram coragem para debicarem.

<sup>442</sup> SD 15/2/74 (ER 142)

<sup>443</sup> Reunião estandartes de Lepanto, 12/2/74 (ER 142)

Bem, se debicam, existe uma seriedade por onde o debique não repercute e cai no chão. Quer dizer, a questão é a gente ser sério.

Ser sério não é fazer cara amarrada, não é entrar no colégio ou na faculdade com cara de indivíduo de poucos amigos. Mas trata-se antes de tudo da seguinte atitude de alma interior:

"Eu sei que tenho razão e que estou com a verdade, sei justificar a verdade, sei que Na. Sra. me ajuda, e portanto eu não tenho razão de ter medo de ninguém".

O primeiro elemento da seriedade é não ter medo. Se a gente entra num colégio com medo, com uma seriedade de encomenda, com um olhar furtivo para ver o que vai acontecer, com olhos medrosos dentro da cara corajosa, os outros pegam e a gente está perdido.

A gente tem que formar a nossa própria segurança anteriormente. Tem que dizer o seguinte: "pode ser que no colégio eu não alcance a melhor, porque aparece alguém que discute melhor que eu. Se eu não tiver culpa, não tem nada. Nossa Senhora toma bem o meu esforço e Ela fará com que frutifique, e eu voltarei de novo, porque não foi prometida a vitória aos que são mais inteligentes, foi prometida a vitória aos que são mais dedicados".

Há uma recomendação de Nosso Senhor que diz aos Apóstolos "não tendes medo quando fordes arrastados diante dos grandes da terra, porque o Espírito Santo vos ensinará o que dizer".

A gente não deve ter medo de um colega sanhudo, porque a graça nos ajudará a dizer o que devemos, e no total se nós sairmos na aparência derrotados, mas nós formos perseverantes, a graça acabará suscitando algum apostolando no lugar.

Quer dizer, portanto, inseguro nunca, medroso nunca, porque a nossa ação ainda que na aparência não leve a melhor, acaba dando certo.

Outro elemento intrínseco da seriedade, porque é corolário dessa segurança, é o seguinte: não se deve entrar com ar tímido, mas a gente deve entrar de peito aberto, de pescoço alto, de cabeça alta e olhando as coisas bem de frente, com calma e com toda naturalidade. O olhar, sem ser de provocação nem ter aspecto feroz, pode até ter um aspecto amável, deve ser um olhar de cima. Olhar de cima ainda quando não se é alto, porque não se precisa ser alto para isso.

Se eu não fosse tão ocupado, gostaria de dar um curso de como olhar de cima, como conduzir a cabeça, como entrar e como dirigir a palavra. Faz parte da seriedade o uso da palavra.

Em geral o rapaz geração nova não tem o hábito de modular as palavras de maneira que elas tenham a expressão no próprio som (\*). As frases não sobem e descem em grandes harmonias. Começa a falar de mansinho e depois vai falando um pouquinho mais alto e um pouquinho mais firme na medida em que ele se desinibe e distrai, depois pára de repente. São as 3 coisas que a gente não deve fazer quando cultiva o insubstituível apostolado da seriedade.

-----  
 (\*) A língua portuguesa se presta enormemente para inflexões de toda ordem, para sonoridades de todo jeito. E a dicção brasileira mais ainda.

É preciso saber modular a voz. Não abordar os outros com uma vocecinha qualquer. Eu prefiro ainda voz de trovão. Não é o ideal, mas ainda prefiro o trombone à clarineta. Porque o homem que faz o apostolado da seriedade, se ele aborda alguém, deve abordar com timbre, e qualquer um pode ter um timbre forte e quente para perguntar qualquer coisa. "Que horas são? por favor", o "por favor" faz o papel da cortesia, mas no "que horas são?" está dito o seguinte: "isto está sonoro e de boca cheia, responda direito!"<sup>444</sup>

-----  
 \*

A Congregação deve saber combater mostrando hábitos e costumes que estão no extremo oposto do hábito de não ter hábito e do costume de não ter costume.

Outro dia ainda vi um rapazinho --pelo traje e por tudo o mais vi que ele era militante da Congregação-- que vinha descendo a avenida Angélica, a passos largos. Era um novatinho mesmo, ele deve se julgar um veterano, porque já tem 3 [anos] na Congregação.

Ele estava mais ou menos no trecho compreendido entre a Av. Higienópolis, onde tem um movimento mini-sapo enorme. Ele fendeu aquilo tudo, de paletó, de gravata, cabelo cortado, enfim, tudo quanto os Srs. sabem, e sério, olhando para frente, num passo assim decidido, muito apressado. E quando havia alguém no caminho, ele instintivamente ladeava e retomava o eixo que ele tinha tomado antes. Ia portanto seguindo uma linha reta, que tinha assim umas corcovas inevitáveis, porque ele não podia afastar as pessoas do caminho, mas depois voltava para aquele eixo, de maneira que a marcha dele ia naquela direção.

444 SD 15/2/74 (ER 142)

Ali tem gente vestida com esses andrajos de malha de hoje. Ali é o ponto por excelência do arrastamento, do andar devagar, da indecisão, do olhar assim...

Aquele rapazinho fendeu aquilo mais ou menos como uma seta poderia cortar um ar sereno.

Muita gente terá visto e terá pensado o seguinte: "esse rapaz é da Congregação, esse rapaz tem uma meta, tem um fim porque ele tem uma convicção e ele não olha para os lados porque ele tem uma rejeição..."<sup>445</sup>

## 6. A luta num ambiente homogeneamente hostil - Apostolado do prestígio

Vamos imaginar que um apóstolo itinerante encontra-se num ambiente completamente hostil, no qual ele nota que não pode trazer ninguém para a Congregação.

O apostolado aí consiste em tomar uma atitude por onde a Congregação saia prestigiada. Porque [a gente] abre o caminho a outros que não estão naquele ambiente, mas que podem vir a ser influenciados por aquele ambiente. Não é apostolado portanto para trazer os que estão lá, mas é para fazer com que os que estão lá tomem uma atitude que leve outros a se aproximarem da Congregação.

Entrar nesse tipo de ambiente, sorrir para todo mundo e agradar todo mundo, é pura e simplesmente uma tática pífia. Porque quando os sujeitos são hostis a nós, eles não mudam e querem nos combater. E se a gente banca o poca, convida os outros para pular em cima da gente.

Eles tem a cabeça cheia de que o homem católico ou o moço católico é mole, sem energia, incapaz de se impor aos outros. Então o que nós temos que mostrar para eles é que somos capazes de nos impor. E ao contrário de estar sorrindo, temos que entrar com uma face amável, mas com ar de quem está disposto a brigar se for preciso. Provocar briga nunca, é uma besteira; fugir da briga nunca também, é um erro pior. Se o sujeito vier por cima de nós, nós devemos saber agüentar. O primeiro debiquezinho: "perdão, eu não entendi bem, o Sr. está querendo dar a entender tal coisa? espere um pouco, eu vou lhe responder já, é tal, tal e tal". Dá na cabeça e depois firme, resoluto como quem quer dizer: "está bom, se quiser brigar mais eu vou até onde for, recuar eu não recuo".

[Isto não quer dizer] que o [cooperador] deve andar pela rua com cara de vaca brava. Ele deve cumprir as regras de educação em relação a todo mundo. Mas [de tal maneira] que o outro veja bem que ele é educado porque ele quer ser educado, e que se forem mexer com ele, a encrenca é monumental.

Se ele discutir bem e for enérgico, o outro, ou os outros, ainda que não queiram, ainda que façam máfia contra ele, estarão respeitando a ele.

Isto é prestígio! O primeiro passo do prestígio junto ao inimigo é o medo. O saber meter medo é a primeira coisa de um homem inteiramente varonil.

Aliás é a impressão que coletivamente a Congregação causa: ela é uma organização que se cerca quase de poesia, mas [também] de heroísmo, e não se brinca com ela.

Eu quisera que a Comissão do Movimento adestrasse os Srs. [a respeito de] como é que a gente faz para meter medo.

Bem entendido, isto não vale para os círculos mundanos. Os Srs. são quase todos menores de idade e se começam a brigar com os CCMM de frente, os Srs. caem sob os rigores da lei, e os CCMM obrigam os Srs. a saírem da Congregação. Isto vale para o colégio, vale para gente que são da idade dos Srs.<sup>446</sup>

\*

[Isso posto, é preciso esclarecer que a ação de um cooperador num ambiente hostil não só é determinada] por um instinto de apostolado, mas também pela glória que dá a Deus.

(Vamos dizer que numa aula onde todo mundo é ímpio, um rapaz diz que o bem é o igual ao mal, defende o amor livre, etc.). Em princípio é o caso de a gente discutir. Primeiro porque nós nunca sabemos se de repente a graça vai fecundar nossa palavra e abrir um caminho na alma daquele miserável. Em segundo lugar porque é uma glória para Deus que numa aula de ateus um católico se levante, sustente a boa doutrina com altanaria, ainda que ninguém se converta, e combata os inimigos deDeus<sup>447</sup>.

<sup>445</sup> Reunião do 1/9/72 (ER 141)

<sup>446</sup> Reunião estandartes de Lepanto, 12/2/74 (ER 142)

<sup>447</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 11/1/72 (ER 136)

## 7. A luta num ambiente homoganeamente simpático: enriquecer os pontos de afinidade

No caso de estarmos [num ambiente de] pessoas simpatizantes da Congregação e que não vão ser da Congregação por essas ou aquelas razões, o apostolado consiste no seguinte:

É nós aumentarmos essa simpatia, de maneira que as pessoas que tomarem contato com aquele ambiente e que possam vir a ser da Congregação, encontrem um caminho mais simples para chegar até a Congregação.

[Mais exatamente], nós devemos procurar ver quais são os pontos por onde essas pessoas simpatizam conosco. E procurar pela nossa conduta fazer ver a essas pessoas que não se enganaram e tem de razão de simpatizar.

Eu imagino por exemplo uma pessoa que é muito piedosa, que vê que a Congregação forma rapazes que tem piedade. É bom que na conversa ela perceba que a Congregação forma mesmo e nossa piedade é séria. Nós aumentamos com isto a simpatia.

Sempre com um fundinho de quadro de meter medo, mas menor, pois não é um ambiente hostil.

## 8. A luta num ambiente heterogêneo: cutucar o adversário

Num ambiente misturado, onde tem um ultramontanável, 3 neutros e um adversário, o que é que a gente deve fazer?

Jeitosamente a gente deve puxar uma discussão com o adversário, enfrentá-lo, ir atrás dele como um busca-pé. Porque o neutro, conforme o caso, fica de nosso lado; e o ultramontanável fica contentíssimo e nos admira, porque ele percebe que pegamos pelo nariz àquele de quem ele tem medo. E o que é preciso não é que os outros nos achem bonzinhos, é preciso que os outros nos admirem. Se há uma coisa por onde os homens se façam admirar pelos outros, não é a inteligência, não é a cultura, senão secundariamente. Um homem se faz admirar pelos outros quando ele tem virtude e na ponta dessa virtude tem coragem. Virtude com coragem o ultramontanável fica encantado, o Tau dele brilha <sup>448</sup>.

## 9. A luta nos ambientes onde o pendão da R foi erguido e nos ambientes onde o pendão da R ainda não foi erguido

Nos ambientes muito intoxicados por atitudes revolucionárias declaradas, onde o pendão da R está erguido, quase sempre é interessante levantar com igual força o pendão da CR.

Nos ambientes onde o pendão da R não foi erguido, é mais interessante começar por combater algo que o ambiente também combate --o comunismo por exemplo--, e não algo que o ambiente rejeitará. Aqueles que se revelarem mais ardorosamente de nosso lado, atrair com jeito para nossas doutrinas <sup>449</sup>.

## 10. A vitória

No que consiste ganhar uma batalha [dentro de um ambiente ou grupo de indivíduos]?

Consiste em ter tomado uma posição por onde aqueles que tem alguma coisa de bom dentro da alma, se tenham sentido estimulados, e ao menos naquele ponto que eles tem de bom eles tenham nos dado a razão. É só isto.

Pode ser que êste que tem alguma coisa de bom dentro da alma seja ruim. Há gente ruim que tem alguma coisinha de bom na alma. Se nós tomamos uma posição corajosa, no abismo sujo da alma dele há uma coisa que brilha e diz: "aquele afinal!"

A maior parte dos que constituem uma roda são sempre moleirões, que não gostam de lutar e tomar partido. Quando a roda se desfaz, vão comentar a conversa e então vão dizer: "olha, o Fulano --o mau-- disse isso, disse aquilo, eu dou razão a ele".

<sup>448</sup> Reunião estandartes de Lepanto, 12/2/74 (ER 142)

<sup>449</sup> (ER 132-133), "Diretório para a ação de nossos jovens colaboradores em seus colégios"

Mas quando numa roda os que são moleirões saem dando razão parte aos senhores, parte aos maus, quem ganhou foram os senhores. Este é o ponto importante da estratégia. Os maus só podem vencer com um público unanime a favor deles. Quando o público não é unanime, eles acabam perdendo a batalha.

\*

Pode acontecer que a pessoa saia ridicularizada, escarnecida e até perseguida.

Mas isso é para nós uma verdadeira vitória numa outra ordem: bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor à virtude, porque deles será o Reino do Céu.

Quer dizer: "eu fui caçoado, mas ganhei o Céu, imitei NSJC. O resto, que uma média dúzia de canalhas e de asnos me tenha chamado disto, daquilo, não tem importância nenhuma. Eu ali tinha meus olhos postos nEle, imitei a Ele, acabou-se! Incomparavelmente melhor Ele tinha os Olhos postos em mim" <sup>450</sup>.

## 11. Em toda parte a gente pode (e deve) fazer apostolado

[Isso posto, percebe-se que em] toda parte uma pessoa pode fazer apostolado.

Numa sala de espera de um dentista um membro da Congregação pode fazer apostolado, porque se encontra com a cruz de eremita, ou com o distintivo, paletó, gravata, cabelo cortado, vão logo ver que é da Congregação.

A respeito nosso a curiosidade é tanta, que [as pessoas que estão na sala] vão ver que cara o rapaz faz enquanto está esperando o dentista. Há uma cara de quem está pensando, refletindo. Outra coisa é a cara de quem fica acompanhando o vô do mosquito.

O cooperador tem que estar sério, arrogante, com um ar de meio alheio ao ambiente e pensando em alguma outra coisa. A seriedade incute respeito. E o que a Congregação quer é respeito. Cooperador com cara de bobo, traz um desrespeito completo.

Um cooperador lendo na sala de espera de um barbeiro ou de um dentista, só isto já causa uma ruptura. Sobretudo se vão ver o livro e percebem que é por exemplo o "Tratado da Verdadeira Devoção".

Todo mundo que encontra um cooperador, faz uma idéia da Congregação inteira através [dele]. A Congregação está sendo julgada nesse ambiente na sua pessoa. Se todos os cooperadores pensarem que não tem muita importância o efeito que cada um causa num ambiente, a Congregação não vai para frente. Ela vive do fato de que em cada ambiente, cada um faça tudo quanto possa. É como numa batalha, um soldado [não] pode dizer "eu vou lutar molemente porque aqui eu só tenho um fuzil". Se todos os soldados pensarem assim não há batalha. Nós temos que lutar de corpo inteiro em cada ambiente, como se a Causa inteira só dependesse de nós. Os Srs. tem em cada um dos Srs. o destino da Congregação nas suas mãos <sup>451</sup>.

## 12. A ação de um indivíduo sobre um ambiente vista através do apostolado da conversa

(Quando a pessoa começa um trabalho numa roda, tem mais que escutar do que falar, e não entrar falando). O que corresponde ao método ensinado por São Tomás: ver, julgar, depois agir.

[Uma vez feito isso, se põe o problema de como começar a conversa, do que conversar, como manter a conversa, com quem conversar, etc.]

[Nesse sentido] pareceu-nos interessante desenvolver um método que pudesse auxiliar nossos jovens colaboradores. Esse [método] consistiria fundamentalmente no seguinte:

a) coleta da lista dos temas que estão interessando nos diversos ambientes;

b) escolha dos interlocutores com os quais tratar desses temas;

c) informação a nossos colaboradores sobre esses temas, com a indicação de como desenvolvê-los de maneira contra-revolucionária;

d) coleta das repercussões.

Através de um serviço de circulares devemos portanto receber dos militantes que estão em colégios, ginásios e faculdades, os temas que estão interessando de momento. E mandar com a possível brevidade pequenos desenvolvimentos sobre aqueles temas, indicando como levantar a temática contra-revolucionária a propósito deles.

<sup>450</sup> SD 7/3/87

<sup>451</sup> Reunião estandartes de Lepanto, 12/2/74 (ER 142)

O indivíduo deve procurar então os vários interessados que ele tem em torno de si, e puxar as conversas de acordo com este procedimento.

#### a. Coleta das temáticas que estão no foco das atenções

Em primeiro lugar, é preciso efetuar um trabalho de investigação de quais são os temas que no momento estão interessando no ambiente. Porque verificou-se que o problema não é propriamente a inexistência de temas de um certo porte que interessem nesses ambientes, mas é que o tema interessa quando cai no agrado do ambiente por uma razão qualquer.

O colaborador da Congregação não pode abordar um tema que interesse a nós, mas não ao [ambiente no qual ele está], porque assim não encontrará ressonância para o que quer dizer. Ele tem de fazer comentários contra-revolucionários a partir do tema que interessa no momento, e eventualmente conduzir a outros temas que interessem.

O tema do momento, quando tem certa consistência, normalmente dura mais ou menos 3 meses entre o nascer, a vida e a sobrevida. Depois entram em decadência. Mas falando deles ainda há quem ouça.

Durante os períodos de campanha da Congregação, como ela sempre traumatiza muito a cidade, a própria campanha, a própria Congregação podem ser temas de conversa, e devem então ser os temas de preferência.

Para a mentalidade brasileira, a atualidade dos problemas é de uma importância super-soberana.

#### b. Classificação dos interlocutores

Passemos a seguir para o problema da escolha do interlocutor. Classificamos as pessoas, em 4 grandes categorias:

- Categoria A, seria das pessoas que tem interesse por assuntos religiosos ou político-sociais.

No momento em que se realizava o Simposium de Curitiba, estes temas eram os seguintes: a guerra do Vietnã, o conflito árabe-israelense, as possibilidades de uma guerra mundial, a revolta contra o Papa, o marcusianismo estudantil, os "hippies" e assuntos conexos. Naturalmente algumas dessas coisas já mudaram um pouco.

- Categoria B, seria das pessoas que tem interesse por fatos diversos em geral, por exemplo, a ida à lua --que era recente naquele tempo--, ou a morte de Marighela, os terroristas dominicanos, etc.

Qual é a distinção que há entre os da primeira e da segunda categoria?

O indivíduo da primeira categoria gostaria de um comentário um tanto doutrinário sobre o assunto. Por exemplo, se foi justo matar ao Marighela, ou se ele representa um perigo maior do que a ala dita pacífica e russa do Partido Comunista Brasileiro, etc.

O da segunda categoria gosta de falar do lado sensacionalista disso: como é que foi que aconteceu, se ele saltou ou não fora do automóvel, se foram 5 ou 6 tiros. É quase o lado "cowboy"; o lado "événementiel", do puro acontecimento. O indivíduo gosta do puro acontecer enquanto acontecer. Ele está à procura de outra notícia para ficar fora de fôlego. É viciado em sensações. Seria portanto um erro quereremos ter uma conversa doutrinária sobre o caso Marighela com ele. É preciso ir ensinando o indivíduo a pensar. Enquanto ele está no puro sensacionalismo não adianta. Ele nos vai achar cacete e vai embora.

- Categoria C, das pessoas que tem interesse apenas por acontecimentos que ocorrem em torno de si. São os microlôs, não vêem um palmo além da ponta do nariz ou do sapato.

[Por exemplo gostam de falar de] como é que vai ser o exame, se o próprio vestibular será difícil ou não, se houve uma briga no colégio, etc.

- Categoria D, seria das pessoas que tem interesse só por assuntos de caráter pessoal. São indivíduos que só conversam para contar o que fizeram, o que se passou com eles; gostam de contar suas próprias façanhas.

[Então, por exemplo], se andam de bicicleta, a trombada que eles quase deram, e um trator no qual esbarraram que ficou escangalhado no contato com a bicicleta, ou mil "milecanices" desse gênero.

[Também faz parte desta categoria] gente que gosta de contar seus próprios problemas. Porque ao menos no Brasil, nessa idade já vai solto o romantismo e vai solta a mania da excessiva introspecção e de estar olhando o tempo inteiro para si, e de quase viver num palco representando aos olhos de si mesmo e olhando furtivamente para ver o que os outros estão achando do ator. Então ficam encantados de ter quem queira ouvir aquela cantilena. Com paciência a partir de certo momento pode-se fazer bem para uma pessoa assim.

São portanto 4 gamas de interesse.

[Um] modo de [classificar] o interlocutor é, por exemplo, chegar numa roda, ver o que aí se conversa, e ver, pelo gênero de conversa, aproximadamente em qual das categorias ele se encaixa.

(Há indivíduos pouco loquazes que se interessam, mas não falam). Uma expressão de muito interesse da parte do sujeito que está quieto, equívale ao falar. O todo de sua atitude, indica alguma tomada de posição. Com estes a gente pode, depois, tentar ter particularmente uma conversa.

Assim a gente vai vendo quais são os que tem uma mentalidade um pouco acima da vulgaridade dos temas comuns, porque em geral os temas comuns são de um nível mais baixo do que a capacidade dos mais capazes --o que é forçoso nesta época de igualitarismo. Antigamente falavam os mais capazes e os menos capazes ouviam. Hoje não. A conversa é feita para os mais incapazes e os mais capazes piam um pouco. É preciso detectar os interessados por um tema mais alto e ter depois com eles uma conversa. Se é uma roda de pessoas que tem interesse por esses temas mais altos, deve-se frequentá-la com certa insistência para tentar trazê-la toda para o nosso lado. Há, pois, um processo de proselitismo de roda e um processo de proselitismo individual por estas formas.

### **c. O desenvolvimento do tema. Tática de "proche en proche"**

Para sabermos transformar os temas a abordar em temas úteis para o proselitismo, ao mesmo tempo que devemos dar o trato do tema, devemos também dizer alguns dados sobre ele, e sobretudo [devemos saber] o modo de passar dele para uma consideração de caráter contra-revolucionário. Quer dizer, dentro do próprio tema, fazer uma consideração de caráter contra-revolucionário que pique a pessoa e que provoque com ela uma discussão, de maneira que a controvérsia contra-revolucionária penetre dentro daquele ambiente. Com a penetração da controvérsia se dividem os campos e aparecem os que são nossos.

Então se trata de fazer o que em proselitismo se poderia chamar de desenvolvimento de "proche en proche", de ponto próximo a ponto próximo.

Vamos dizer que estão falando de fuzis e de caças. A gente ouve um pouco e em certo momento fala de tal fuzil usado na guerra do Vietnã. Se isso provocar certo interesse, tenta passar para a guerra do Vietnã. Aí pode comentar alguns dados a respeito dos exércitos católicos no Vietnã, sobre a importância desses exércitos na guerra do Vietnã, depois uma reflexão um pouco mais desenvolvida a respeito da importância de se ser católico para se ser herói.

### **d. O que evitar em matéria de conversa?**

(Num ambiente, o cooperador deve evitar) conversas imorais e rir diante de coisas imorais; deve conservar a fisionomia séria.

Em segundo lugar, deve evitar um tipo de conversa em que entrem termos de gíria vulgar; ele não deve ter sequer essas palavras no seu vocabulário; deve evitar mas sem ausentar-se [da roda] --a não ser que lhe faça mal internamente-- e deve tentar desviar a conversa<sup>452</sup>.

## **G. A conquista de um ambiente por uma equipe cooperadores**

### **1. Em relação a nós todo ambiente se divide em 3 categorias**

Face a nós a opinião pública brasileira se divide em 3 categorias:

Uma, daqueles que estão de acordo conosco, pelo menos de um modo geral. São uma quantidade de pessoas muito pequena.

Depois nós temos uma outra minoria que está inteiramente em desacordo com as nossas teses. São os comunistas, demo-cristãos, socialistas, etc.

---

<sup>452</sup> SD 6/3/70

Entre essas duas minorias do acordo inteiro e do desacordo completo nós temos uma imensa maioria que nem está de acordo conosco e nem está contra nós, que concorda com algumas das nossas teses e que discorda de outras de nossas teses.

## **2. Em qual dessas categorias devemos deitar o grosso de nosso esforço? Que objetivo devemos visar ao agir sobre essa categoria?**

O grosso de nosso esforço não deve consistir em passar para nosso lado a minoria que está inteiramente em desacordo conosco --porque isso é um trabalho [muito] difícil, exige [muito] tempo e nós somos poucos--, mas em atuar sobre essa maioria que está meio de acordo e meio em desacordo conosco.

Mas o que é que devemos querer e que esperanças podemos nutrir em relação a essa imensa maioria que está em semi-acordo e em semi-desacordo conosco?

É claro que o que mais devemos querer é que adotem as nossas teses inteiramente. Mas isto já sabemos de antemão que antes da Bagarre é extremamente difícil conseguir.

Então, o que devemos querer é que, sempre que nós sejamos atacados pela extrema esquerda, ao menos uma grande parte dessa maioria, em vez de tomar posição contra nós, tome uma posição de aparente imparcialidade e diga o seguinte:

"Eu estou em desacordo com eles em vários pontos, eles andam mal em vários pontos, mas vamos e venhamos, eles tem tais qualidades, tais méritos e nós estamos de acordo com eles em esses pontos assim".

Se nós conseguirmos deles que em vez de se deixarem fascinar pela esquerda, eles tenham a coragem de dizer a nosso respeito mais ou menos o que pensam, nós teremos obtido um resultado enorme.

No que consiste esse resultado?

O processo revolucionário pode ser comparado ao caminhar de uma cobra. A cobra tem uma cabeça, um corpo e uma cauda, e ela inteira vai andando numa determinada direção. A cobra da R é composta de uma extrema esquerda, de uma esquerda moderada e depois de um centro. A marcha da R faz-se de maneira tal que o centro caminha cada vez mais para a esquerda, e a esquerda moderada caminha cada vez mais para a extrema esquerda. É assim que a R progride. De maneira que ao cabo de algum tempo tudo vira extrema esquerda.

Se nós obrigarmos a parar uma parte dessa cobra, quer dizer, se nós obrigarmos a uma parte dessa opinião pública dizer aos comunistas: "[os da Congregação] em tal ponto tem razão", nós obrigamos implicitamente a dizer "eu não acompanho vocês neste, naquele ponto".

Resultado: o comunismo em vez de arrastar a maioria do país atrás de si, arrastará uma minoria cada vez menor, [ficando cada vez mais isolado]. É mais ou menos como se a cabeça da cobra começasse a andar sozinha e o corpo da cobra ficasse para atrás. Quer dizer, a maioria que está sendo devorada por essa minoria não fica nem nossa nem deles. Não ficando nem nossa nem deles, a R pára. A partir desse momento podem começar cristalizações e fenômenos de reação. E nossa posição perante a opinião pública muda enormemente.

## **3. Obstáculos que encontramos para levar atrás de nós os centristas**

### **a. A incoerência entre as convicções do centrista e a atitude temperamental que ele toma em relação a essas convicções**

Na posição dos [centristas], nós não temos que considerar apenas a ideologia. O homem, além de ter as suas idéias, tem a respeito de suas idéias uma posição temperamental que é de maior ou menor entusiasmo, e pode inclusive ser de completa indiferença. De maneira que pode haver uma pessoa que concorde conosco [numa idéia], mas que tenha em face dessa idéia uma atitude de tal tibieza, de tal indiferença, que ela não se incomoda com aquilo, enquanto aquilo é tudo para nós.

Em geral as pessoas se impressionam muito com certas coisas e são indiferentes em relação a outras. [Quer dizer], tem na sua mentalidade um ponto de atonia e um ponto de sensibilidade.

Vamos dizer por exemplo, uma pessoa vê alguém maltratar um animal e diz: "homem, ele bem poderia não maltratar aquele bicho". Pode haver outra pessoa que vê o mesmo fato e salta: "que bandido está perseguindo o gatinho! esse homem deveria ser morto! não vê que ele quer matar um gato? isso é um assassino, liquida com esse miserável!"

Ambas as pessoas acham a mesma coisa: não se deve maltratar um animal, mas em face dessa idéia as posições temperamentais são profundamente diferentes. [A primeira pessoa teve] uma certa apatia, [a outra foi] super-sensível.



Agora, todas as pessoas semi-contrarrevolucionárias que concordam conosco em alguns pontos e não concordam em outros pontos, elas são apáticas nos pontos em que concordam conosco e tem uma sensibilidade exagerada nos pontos em que estão em desacordo conosco.

Por exemplo, uma pessoa que é a favor do clergyman e contra a reforma agrária, em geral é furiosa defensora do clergyman e mole combatente contra a reforma agrária. Por que? porque no fundo os semi-contrarrevolucionários são revolucionários. Eles são sensíveis e simpáticos a tudo quanto vai na linha da R, e são insensíveis e átonos em tudo aquilo que vai na linha da CR.

No fundo eles estão de acordo conosco um pouco da boca para fora, pelo hábito de dizer, pelo hábito de pensar, por interesses pessoais, mas não tem a paixão da nossa posição, não tem o entusiasmo da nossa posição. O coração deles está do lado da R.

De maneira que aí se explica então um dos lados da dificuldade que temos de levar atrás de nós [esse setor da opinião pública].

## **b. O relativismo**

O espírito do homem contemporâneo, mais do que em todas as outras épocas, é levado ao relativismo.

Na nossa época as pessoas muito raramente tem certezas, elas tem umas convicções adquiridas por rotina, admitem como verdadeiro aquilo que todo mundo acha.

A certeza não é uma convicção que eu aceitei por preguiça, da qual eu não tenho uma persuasão verdadeira, de maneira que cede diante de qualquer obstáculo. Mas é uma convicção que de tal maneira penetrou no meu espírito, que eu não cedo diante de nenhum argumento, porque eu sei que aquilo é verdade: eu conheço, eu analisei, eu comprovei, eu tenho aquilo escrito na minha alma e ninguém tira aquilo.

Ora, acontece que a gente só é lógico e só é coerente com base nas verdades das quais a gente está inteiramente certo. Quando a gente tem verdades das quais não tem certeza, que a gente aceita porque foram herdadas por rotina, nas quais nunca se pensou seriamente, a gente não é coerente até o fim.

E o homem contemporâneo não gosta de certeza, porque a certeza impõe deveres e o homem contemporâneo não gosta de deveres.

Ele não tem certeza de nada.

Por causa disso, ele concordando conosco em alguns pontos, não concorda com as atitudes que tomamos a respeito desses pontos. Daí o nó que muitos semi-CR tem quando tratam conosco.

## **4. É preciso discutir questões doutrinárias. Se isto não adianta, o que é que a gente deve fazer?**

O modo pelo qual se pode conseguir esse objetivo é antes de tudo procurando discutir e tratando com eles de questões inteiramente doutrinárias.

Vamos tomar concretamente um caso:

Quando um rapaz, pertencente a uma família de semi-CR, entra para a Congregação, é mais ou menos como se um vulcão de água quente irrompesse de repente no meio dessa sala: todas as cadeiras se afastam, todos consideram espantados como é que apareceu uma coisa dessas. Depois do susto vem as discussões. Todo mundo procura tampar a fonte.

Depois das discussões chega um período de cansaço: "bom, ele é assim mesmo, nós não mudamos, ele não muda também, a gente tem de viver junto". Quer dizer, acaba havendo uma espécie de situação de resignação.

Na hora da resignação, nossa posição está fixada e a deles também.

Mas depois que a gente discutiu muito com eles e que eles não cedem, o que a gente deve fazer? [Quer dizer, qual é o método] para ser adotado em face daqueles com quem nós já discutimos tudo?

## **5. Cobrar do centrista coerência entre suas idéias CR e a atitude temperamental que ele toma em relação a essas idéias**

Todos, em todo o mundo, especialmente no Brasil, tem hoje em dia birra em relação ao homem coerente.

Quando por exemplo numa roda a gente diz: "olha, Fulano é um homem de uma coerência, de uma lógica de ferro, ele admite um princípio e vai até as últimas conseqüências", ninguém ousa dizer que não se deve ser assim, porque é demais dizer que a gente deve ser ilógico, mas há uma atmosfera de antipatia.

Se pelo contrário a gente diz: "é um homem de um grande coração, um espírito largo, ele sabe atenuar uns princípios pelos outros, de maneira que nunca exagera a lógica", cria-se em torno dele um ambiente simpático, embora um homem desses não valha nada.

Então, quando a gente trata com essas pessoas assim, deve dizer:

- *Você é contra a reforma agrária?*

- *Sou.*

- *Você se engana, você é contra a reforma agrária apaticamente, você é contra a reforma agrária sem entusiasmo, você não vê sua incoerência? porque se ha uma coisa em relação à qual você deve ser contra, você deve ser contra com mais entusiasmo.*

E pega e ataca não mais a idéia dele, mas ataca a posição dele perante a própria idéia.

O que é que acontece? Ele estrebucha inteiro. Porque é exatamente aquilo que ele não queria ouvir, ele perde a paz ideológica suína consigo mesmo. Eu lhes garanto que isso cria nesse nosso homem, feito de não querer se conhecer a si próprio, o mal-estar salvador, o mal-estar que o cinde contra si mesmo e que é o meio que a gente tem de tirar ao menos uma parte da alma dele das garras da R.

Isto é assim porque nós pusemos a nu aos olhos dele o péssimo estado temperamental dele diante de suas próprias convicções.

## 6. Falar do binômio medo-simpatia e do relativismo, dos quais o centrista é vítima

Bem, outra coisa que não se confunde com o que acabo de dizer, mas que tem seus pontos de conexão com o que acabo de dizer, é a questão do binômio medo-simpatia.

[Os centristas] ouviram falar que o comunismo matou o Tzar, a Tzarina, vários membros da família imperial, liquidou um grande número de nobres e um grande número de burgueses; que pouco mais ou menos o mesmo aconteceu na Espanha, na revolução parisiense de 1870, no México, em Cuba, etc.

Então pensam o seguinte: "Bem, se diante dessa situação eu vou me opor, eu morro. Agora, não é melhor eu viver no regime comunista do que eu ir para o cemitério? No fundo eu acho melhor. Que vão-se os anéis e fiquem-se os dedos".

De outro lado essas pessoas, por espírito igualitário, tem uma certa simpatia para com o comunismo.

[De maneira que], levadas ora pelo medo, ora pela simpatia, essas pessoas adotam uma posição de concessões progressivas em relação ao comunismo, e no fundo de suas mentes aderem ao comunismo.

[No trato com um homem desses], a gente deve fazer notar a ele a contradição em que está: "Fulano, você notou sua contradição? De um lado você acha que o comunismo não constitui um perigo; e doutro lado acha que se a gente combater o comunismo, corre risco de vida, porque o comunismo é perigoso.

Depois que ele esteja bem preso na contradição, a gente diz: "sabe que você sofre subconscientemente de uma baldeação ideológica inadvertida? porque você está atacado pelo binômio medo-simpatia".

- *Mas como binômio medo-simpatia?*

- *Olhe, eu vou descrever sua mentalidade, você é assim...*

Eu acredito que [ele estrebuche mais uma vez], mas fazemos com que ele perca a face um pouco para nós e um pouco para ele.

\*

[Outro jeito é] chegar para uma pessoa, vamos dizer que seja a esposa de um industrial, e perguntar: "a Sra. é contrária à reforma empresarial?"

Ela pensa: "Fulano perde a fábrica", então diz: "sou contrária".

- *A Sra. tem certeza? a Sra. [responde] com tanta moleza porque não tem toda certeza. A Sra. não será uma relativista?"*

É preciso saber pronunciar a palavra. Porque se eu vou dizer para alguém que ele é relativista, ele diz "quem sabe?" Mas se eu digo: "você não será um relativista?", [ele pensa]: "que lepra é essa relativismo que se atira sobre mim?".

A entoação do que a gente diz é 50% do sentido daquilo que se diz. Os franceses dizem "le ton fait la chanson", o tom faz a canção. O binômio medo-simpatia, o relativismo, etc., são entidades sinistras que saem de nossa boca como dragões.

É saber então dizer essas coisas e criar nos que estão meio conosco aquele mal-estar que fará o seguinte:

Eles ficam nodosos conosco, mas quando vier um esquerdista falar com eles, eles começam a dizer: "mas como é essa história? eu estou sendo trabalhado pelo binômio medo-simpatia, pela baldeação ideológica inadvertida? como é este negócio? relativismo, ponto de atonia..." Chega para o esquerdista e diz: "olha, também nem tanto, está compreendendo? eles afinal também ...", etc.

Eu não vou ter a ingenuidade de dizer que a todo mundo a quem os Srs. se dirijam nestes termos, isto ocorrerá por esta forma. Mas eu quero dizer que isto ocorrerá com muita gente, sobretudo se os Srs. falarem disso bastante, esses slogans entram, e esses slogans entrando fica uma espécie de trambolho no caminho da R.

E é esse trambolho no caminho da R que se trata exatamente de criar.

\*

Nós poderíamos nos perguntar se esta é uma luta eficiente.

Os Srs. imaginem de norte a sul do Brasil 2 mil pessoas que nos mais variados ambientes começam a falar de binômio medo-simpatia, de baldeação ideológica e de relativismo, de ponto de atonia e de impressionabilidade, etc. Os Srs. sabem o que acontece?

Se 2 mil pessoas falam, mas falam de fato com vontade de falar, não infectadas elas mesmas por esse defeito, mas combativas e enérgicas, pode-se dizer que pelo menos se pode multiplicar isto por 20, e 40 mil pessoas ouvem.

A máfia fica obrigada a começar a falar contra isso, porque se ela não falar contra isso ela perde a partida. E ela começa a rosnar no velho sussurro de bruxa velha que ela tem: "Pois é, inventaram agora essa história, parecem uns loucos: binômio medo-simpatia, não sei o que é". Ela é obrigada a falar isso. Mas falando, ela é obrigada a fazer propaganda e a multiplicar por 100 mil o que os Srs. espalharam por 40 mil.

E é assim que a mancha de azeite se espalha no papel. Põe-se uma gotinha e daqui ha pouco a folha está cheia de azeite<sup>453</sup>.

## **H. A conquista de um colégio por uma equipe de alunos-cooperadores**

### **1. Obstáculos para penetrar e agir num colégio**

#### **a. O medo de, pertencendo à Congregação, ser considerado heresia branca**

O grande problema do proselitismo no ensino secundário não está em convencer os outros de que a Igreja Católica é verdadeira, mas no respeito humano. É a vergonha de passar por católico devido à veiculação mafiosa de um perfil moral deformado do católico. Hoje em dia há o "cursilhista", o "progressista", etc., contra os quais o respeito humano não atua. O alvo é o católico apostólico romano autêntico.

Na época em que [eu] era estudante secundário, circulava a seguinte imagem do católico: um indivíduo a meio termo entre o homem e a mulher, mole, pouco aguerrido, que não praticava a impureza por falta de coragem e por não ter força de temperamento que o impelisse para a impureza, que não negava as verdades da fé também por falta de coragem de as analisar e por medo de verificar de repente serem falsas, e ter, neste caso, de abandonar a religião de seus pais. Resultava um indivíduo sem valor, ridículo e ninguém poderia querer passar por tal.

O ataque do respeito humano parte de pessoas que habitualmente se declaram católicas, mas dão a entender "à brasileira" que é ridículo levar a religião muito a sério.

#### **b. O medo de, pertencendo à Congregação, ser considerado anacrônico**

---

<sup>453</sup> Reunião do 5/2/66 (RN 65)

Além do respeito humano, os revolucionários lançam contra o verdadeiro católico a pecha de anacronismo:

"Antigamente os homens praticavam a religião. Mas hoje em dia, com o progresso, tornou-se anacrônico alguém ser inteiramente católico". Sobretudo se a gente tem as idéias político-sociais de um católico contra-revolucionário: ser favorável à monarquia, aristocracia, união Igreja-Estado, Inquisição, etc.

A solução não está em discutir se a Igreja é anacrônica ou não, mas em apresentar um fato: o número. E é o mesmo argumento com que hoje os cooperadores rebatem a crítica de anacrônicos: "Nós somos tantos, dos quais a grande maioria é de moços, e quanto menor a idade, maior o número". Isto basta para arrasar a objeção.

### c. Os líderes revolucionários

No Colégio São Luís havia sempre, numa classe de 20 ou 30 meninos, uns 2 ou 3 elementos de tal prestígio que arrastavam os outros atrás de si a títulos diversos.

O primeiro deles era o granfino. Aparecia mais bem vestido, com roupas mais numerosas, muito mais penteado que os outros, chegava no colégio com certo tipo de automóvel semelhante a automóvel de corrida italiano. Ele não fascinava a maioria da classe, mas conseguia atrair 3, 4 ou 5 que ficavam eletrizados com ele.

Outra fonte de prestígio, mas de um prestígio consistente, sólido, era a do insubordinado engraçado. Sabia dizer graças, enfrentava o professor, chefiava o espírito revolucionário armado da sátira. Os líderes engraçados eram, em geral, os líderes da sujeira. Contavam a piada porca, induziam para a imoralidade e perseguiram os que não eram assim do mesmo modo como perseguiram o professor, ou seja, pelo debique, pelo apelido e pela brincadeira.

O último tipo do prestígio era o esportivo. Os campeões de futebol eram muito apreciados, muito considerados. O esportista ou era burro e inteiramente neutro, ou o aliado natural do porco --os líderes esportivos e os da imoralidade andavam juntos.

Ainda existem os tipos de prestígio apontados: os granfinos, os da porcaria, os esportistas? (Hoje isto se repete de modo surpreendente). [Quer dizer], uma era inteira mudou e o modo de fazer Revolução nos colégios não mudou. Em parte porque a natureza humana, o demônio, as forças anti-sociais, não se modificam.

Merece menção ainda o aluno ridículo. Era, em geral, o aluno estudioso, colosso para decorar, que sabia tudo. [No colégio São Luís havia] um moço que se apresentava com cabelo completamente raspado, nariz adunco, olhinhos que pareciam de ave, pequeninhos no fundo da caixa das órbitas, completamente sem graça, desajeitado e mal arranjado. Era, entretanto, de uma ótima família tradicional. Ganhava todos os prêmios escolares. A sua caixa de madeira para guardar material escolar vivia impecável. Esse aluno era completamente desprestigiado.

Em cada classe havia uns 2 ou 3 colossos semelhantes. Todo mundo ria-se deles. Eram os errados da turma.

## 2. Como enfrentar os obstáculos?

### a. Tipo humano que os alunos-cooperadores devem tornar patente

Diante desses obstáculos, o católico, para se fazer respeitar, deveria patentear sua varonilidade intelectual, seu espírito lógico e coerente, que amarra o adversário pelo raciocínio, reduzindo-o ao silêncio. Deveria ser um polemista exímio.

Em segundo lugar, demonstrar varonilidade de vontade, ufania de ser católico, e agressividade na defesa da fé. Entrando num ambiente qualquer, devia começar proclamando sua qualidade de católico, suas idéias político-sociais, abrir uma discussão e levar a defesa de suas idéias até as últimas conseqüências, dar uma bofetada, se necessário.

Além disso, era preciso provar também, pelo modo de ser geral da pessoa, pela seriedade e peso da personalidade, que nada tinha de efeminado. Cortesia, sim, mas de homem, do qual é próprio saber meter medo. Por motivos táticos, é preciso ser amável com o revolucionário. Mas de tal modo que ele perceba que se as coisas não correrem por bem, correrão por mal, mas correrão. Sem o fator medo, o revolucionário torna-se arrogante. Não é com gentilezas que se desarma o revolucionário, mas ostentando um fundo de carranca: enquanto a boca sorri, os olhos fuzilam.

O homem que não está na posse habitual do estado de meter medo, ainda tem algo a conquistar: não chegou à plenitude de sua formação. Atualmente se ensina que o homem deve ser habitualmente amável para resolver tudo. O que não é verdade. Quem trata com revolucionário tem que saber meter medo.

### **b. Formas de nossa defesa: debique, discussão, karatê**

Os verdadeiros católicos precisam se defender continuamente dos adversários. Entre as formas de defesa distingue-se o debique, a discussão e a agressão física.

O sarcasmo, de si, não é coisa boa, é detestável; mas aplicado contra o revolucionário é bom, porque "muitas vezes menos é igual a mais". Ser espirituoso é melhor do que [ter] uma boa musculatura. Um sarcasmo bem feito, que pegue o adversário pelo lado do ridículo, vale mais do que um golpe de defesa pessoal. O contra-revolucionário autêntico não deve procurar refutar a Revolução exclusivamente por meio de graças. Mas, tendo este dom, constitui um meio muito prático. Entretanto, é raro alguém ser dotado desta veia sarcástica e ser bom católico. Em geral, o bom católico, produz sarcasmos miseráveis. Ou se é o rei do sarcasmo e se tem mais espírito que o líder mau, ou então é preferível não fazê-lo. O sarcasmo contra os membros do Movimento é sempre péssimo; não deve ser usado nunca, em hipótese nenhuma.

A defesa se faz de modo mais adequado quando há vários militantes no mesmo colégio. Eles devem estar sempre juntos, particularmente nas horas de combate, que são a entrada, o recreio e a saída --as aulas não oferecem problema--, formando um "pelotão de defesa". Se alguém se atrever a caçoar ou tomar atitude [agressiva], todos juntos contra-atacam como um rolo compressor [que] aniquila o revolucionário pelo debique.

[Convém] também esperarem na saída alguns cooperadores, de distintivo na lapela, da mesma idade, que estudam em outro colégio. Saem juntos, entram num automóvel e se dirigem para rumo ignorado. Sobretudo se saírem triunfantes e dando risada, a vitória será completa.

Agora, se para entestar com os líderes da Revolução [a gente] não tem o dom [do sarcasmo], há outra solução: a defesa pessoal.

Um jovem, na defesa de sua condição de católico, pode chegar até a luta física, desde que bem dirigida. É preciso que saiba lutar. Do contrário, [convém] agir através de terceiros, ou não se meter, porque apanhar é o que há de mais prejudicial para a Causa. Além disto, importa não transformar a luta num recurso habitual.

### **c. Objeções que os alunos-cooperadores podem levantar a respeito destas normas**

- "Essa manobra é impopular". Resposta é: com revolucionários é impossível sermos populares. É preciso cerrar de cima com o adversário.

- "Desse modo ninguém aderirá a nós". É o contrário. Muita gente não adere por falta de coragem. Vendo que levantamos a cabeça, aproximam-se. É precisamente este o modo de recrutar os que estão esmagados por uma opinião pública contrária.

- "Essa atitude conduziria ao orgulho, ao milecanismo". Resposta: O pretensioso ufana-se de ser católico porque esta condição acrescenta-lhe uma qualidade por onde se julga superior aos outros. A ufania de ser católico é diferente. O meu entusiasmo pela Religião Católica me dá alegria de ser católico pelo amor que tenho a Ela, e não pela vaidade de que Ela esteja presente em mim. Minha ufania é pela superioridade da Religião Católica, não de minha pessoa.

- "A gente tem que ser amável com todo mundo, a ironia é a coisa mais horrível". Resposta: os grandes polemistas da Igreja não foram assim, os cruzados não foram assim, os santos não foram assim, e está acabado!

### **d. Projetar audiovisuais**

É também muito útil para o recrutamento, conseguir passar slides sobre a Congregação ou assuntos afins. O slide produz grande efeito, facilitando a penetração no colégio, desde que haja um núcleo dentro que apoie a iniciativa.

### **e. Normas para o apóstolo itinerante e para a Comissão de Expansão**

Os responsáveis devem instruir os rapazes novos, que estão nos ginásios e colégios, sobre:

- a verdadeira natureza do adversário que tem em torno de si. Geralmente não fazem proselitismo porque não se dão conta deste ponto;

- o caráter ideológico da luta que eles estão travando contra o respeito humano.

Também devem ensinar a distinguir as lideranças [más], e persuadir [nossos rapazes] de que, logo que o grupo se tenha constituído e esteja um pouco mais adiantado, tem que derrubar esses ídolos, para que possam existir e respirar. É preciso fazer os [rapazes] compreenderem que no dia em que quebrarem as lideranças más, quebrarão a Revolução e tornarão o proselitismo muito mais fácil.

\*

Ao orientar uma defesa física, o responsável precisa ter senso de adaptação, de modo a não dar margem à acusação de que somos um grupo fascista ou nazista, que emprega a força como argumento. Trata-se de usar [a força] como o sal entra na comida: um pouquinho, mas é certo que da sabor.

A maneira de explicar a defesa pessoal [aos nossos rapazes] deve variar conforme o temperamento peculiar aos habitantes de cada Estado.

\*

[O apóstolo itinerante] deve analisar a psicologia dos jovens descobrindo a aptidão de cada um para as diversas [formas de defesa]. Nesta perspectiva, seria muito útil constituir em cada colégio uma equipe bem organizada, definindo bem as tarefas:

- Fulano ficará encarregado da defesa física, ainda que tenha que aprender noções de defesa pessoal;
- Tal outro, que sabe argumentar bem, sustentará a discussão;
- Tal outro, que é mais risonho, representará o elemento sorriso depois de ter saído da briga, será o elemento de conciliação.

É preciso planejar a campanha toda de maneira a enfrentar a Revolução dentro do colégio coordenadamente.

\*

Para que o recrutamento seja eficaz e a polêmica contra os revolucionários seja conduzida com sabedoria, nossos jovens devem ter uma certa finura para captar o que, em concreto, e não tirado da imaginação, estão dizendo contra a Congregação.

Estes dados devem ser levados aos responsáveis, que estudarão como responder, eventualmente consultando o Departamento de Expansão. Conforme o caso, responder-se-á por uma atitude, um gesto, um tapa, um argumento, ou pondo em circulação um rumor contrário.

O ideal é adestrar os meninos para fazer campanha "duas mil bocas". Com isto poderíamos transformar um colégio.

\*

Os responsáveis devem encarecer aos nossos amigos a conveniência de estarem sempre unidos, auxiliarem-se mutuamente, fazendo sentir no colégio que eles constituem um grupo coeso, ainda que sejam de idades um pouco diferentes. E depois organizar grupos de 8, 10, 15 elementos que vão à saída de outros colégios esperar um colega pertencente à Congregação também, prestigiando-o aos olhos dos outros.

Devem ser preferidos para essa forma de assistência os rapazes que estão sós ou quase sós nos respectivos colégios. Não compensa tanto mandar um grupo receber outro grupo. Mas um que está sozinho num colégio e não encontra companheiros, é prestigioso ser recebido freqüentemente por um grupo de amigos da mesma idade na porta. Mostra que se ele dentro do colégio é o "patinho feio", fora ele é o cisne, de maneira que se faz impor, etc.

\*

As Comissões de Expansão devem promover um ou [dois cursos] para explicar esta problemática por inteiro, embora de modo adequado à mentalidade de um mocinho. É óbvio que este Diretório não deve ser mostrado aos [mocinhos], pois não foi feito com esse fim.

### **3. Uma vez vencidos os obstáculos, o que fazer? como fazer?**

Uma vez visto como nossos jovens colaboradores devem agir para dominar os obstáculos à sua ação nos colégios, devemos ver como devem proceder no recrutamento.

Antes de tudo é preciso saber quem procurar. É tolice tentar converter os líderes revolucionários. Só mesmo o raio que prostrou São Paulo no caminho de Damasco converter-los-ia. É preciso procurar os mais tímidos, mais apagados, que aparecem menos, os que não dizem palavras porcas, e que por isso dão provas de sentir um certo mal-estar com o ambiente revolucionário do colégio.

#### 4. Como levantar as questões candentes? em que momento?

No curso secundário nota-se que, juntamente com o igualitarismo, a problemática da evolução causa brigas colossais. A evolução é uma questão tão viva, que vale a pena suscitá-la, mas documentadamente, fundamentadamente.

Devemos evitar a questão científica, que é complexa. Conduz a um tremedal sobre se o *pithecanthropus erectus* é autêntico ou não, se tal dente pertence àquele fassur, etc. Podemos nos perder facilmente nessa casuística.

É mais interessante levar a discussão para o lado filosófico, que bem tratado, resolve a questão. Os evolucionistas visam primordialmente afirmar um princípio filosófico através dos dados científicos. Podemos, pois, com maior segurança, refutá-los destruindo o princípio filosófico.

É mais político não entrar na questão da origem monogâmica do homem. Deve-se dar apenas 2 ou 3 argumentos mostrando o que está em jogo na questão. Porque tomando por base estritamente a Revelação, não há [Papa] que condene a hipótese de Adão ter sido um macaco ao qual Deus tenha inculido uma alma. Há, inclusive, um pronunciamento de Pio XII a respeito do chamado evolucionismo relativo, que não reprova nem condena esta tese.

Convém que os [professores-cooperadores e os alunos-cooperadores da Congregação] estejam preparados para apresentar a tradição em confronto com a evolução. O evolucionismo é uma concepção pela qual o presente é devorado pelo futuro, como o passado é devorado pelo presente. Para ele, a tradição não tem razão de ser, pois nada é estável, fixo e imutável.

Em alguns dos artigos para a "Folha de SP", [nós temos] explanado este tema, dando suas correlações com a Congregação.

\*

No caso do pecado original, a dificuldade não está na teoria, mas em ver claramente, com base na RCR, quais os lados psicológicos por onde os jovens são levados a simpatizar com a doutrina contrária ao dogma do pecado original. Ao refutar, os argumentos, além de doutrinários e sérios, devem ser psicológicos.

\*

Em que momento levantar uma questão candente junto aos alunos ou colegas para efeito de proselitismo? O propagandista tem sempre a tentação de achar que não é o momento de levantar a questão. Muitas vezes é o caso. Mas daí a dizer que se deva levantar sempre, é caminhar um pouco depressa demais.

É importante que os nossos amigos levistem as questões candentes junto aos responsáveis, e estes [junto] ao Departamento de Expansão, para se estudar o lado tendencial.

Os responsáveis devem encarecer constantemente aos nossos amigos a conveniência de fornecerem à Comissão de Expansão todas as objeções que encontrem não só na família, como também entre os colegas.

#### 5. Como proceder em relação ao professor R?

Assim como o rei herege não tem direito de reinar, também o professor que leva seus alunos ao erro não tem direito ao respeito deles. O aluno verdadeiramente bem orientado deve criá-lhe dificuldades, procurando desmoralizá-lo, para neutralizar o erro.

Nos pontos em que o professor erra, deve atacá-lo. E se, como argumento colateral, for preciso provar que o professor é ignorante, deve fazê-lo por meio de perguntas. O que ele nunca deve fazer dentro da sala é criar uma atmosfera revolucionária contra o professor. Isto já seria fazer o jogo da Revolução.

#### 6. Conselhos para o professor-cooperador da Congregação

Nossos sócios e militantes que forem professores devem levar [em consideração] que o aluno brasileiro está sempre com um olhar meio sarcástico colocado no professor, para ver se ele sabe ou não [a matéria], pelas respostas que dá às perguntas. O problema não está em saber se o professor tem razão, mas se tem o direito de bancar o professor, exigindo dele uma disciplina quando sabe pouco. Ficará encantado se descobrir que o professor sabe pouco.

Se o professor alega que a pergunta não está no esquema, o aluno conclui logo que ele não sabe responder.

Um professor muito seguro de si, que saiba [cerrar de] cima os alunos, pode quando muito dizer que as perguntas fora [do tema] serão respondidas no intervalo. E responder de fato. Mais do que isso é arriscado.

Os professores devem também tomar cuidado com as afirmações que fazem aos alunos, pois eles freqüentemente tiram a limpo com os pais e demais professores. O perigo está em despertar a máfia prematuramente.

Quando há no colégio um professor da Congregação e os militantes já são bem marcados, estes devem tomar todas as cautelas para não comprometê-lo. Onde não se sabe que o professor é da Congregação, ou ele não existe, o jogo pode ser mais livre.

## 7. Se apenas há um aluno-cooperador no colégio, o que ele deve fazer?

Vejam os casos de um [rapaz] que esteja sozinho. Qual seria o método ideal para agir no colégio?

A dificuldade em estabelecer normas concretas está na diferença dos dotes pessoais e das vias da graça. Cada um, além dos dotes pessoais, tem um modo especial pelo qual a graça abençoa o seu proselitismo.

O princípio dos princípios é este: o [rapaz] deve ter em vista criar um ambiente que atraia para o seu lado alguns cristalizados contra as atitudes dos revolucionários.

Se o rapaz possui dotes políticos, deve começar pelo cochicho: "olha, Fulano está dizendo tal coisa da evolução", "tal coisa assim eu não sei, veja lá", etc. Evitar, tanto quanto possível, criar problemas e situações em que possa ser perseguido. E procurar formar [um] círculo de pessoas que pensem como ele. Depois, então, deve procurar um incidente com os "brucutus" da sala, mas no qual os "brucutus" sustentem algo que a maioria não goste. Conquistada a maioria para o seu lado, desatar uma polêmica contra os "brucutus", acompanhado por vários. Isto seria o ideal. Este é o auge do proselitismo bem sucedido, que devemos visar.

Pode haver ainda o caso de um rapaz que se sinta muito dotado, não para essa política, mas para iniciar desde logo uma polêmica brilhantíssima, dar um esbarro em 3 ou 4 "leões" da Revolução, e com isto despertar simpatias e admirações, etc. Um ou outro, sentindo-se capacitado para isto, é o caso de fazê-lo, sobretudo se tiver o dom pouco freqüente de saber pôr em ridículo o adversário. Isto é o ideal.

Há alguns que tem um fogo e um jeito, por onde, criando uma questão, sabem dividir e arrastar alguns. Estes poderão confiar mais e ser mais arrojados, criando a divisão maior número de vezes <sup>454</sup>.

## I. A conquista de uma universidade por uma equipe de universitários-cooperadores

### 1. Que tipo de universidade devemos preferir?

[De preferência devemos trabalhar em Faculdades] de gente de nível econômico muito limitado; gente portanto muito pouco pretensiosa e que não tem muita esperança de fazer muita carreira, logo fácil de pegar, fazer movimento. É diferente dos "buscherosos" da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco <sup>455</sup>.

[Agora, é preciso] fazer uma distinção entre faculdades católicas e não católicas, porque as faculdades católicas mais ou menos estão todas sob a influência do progressismo, e portanto, logo que vocês se mostrem, eles percebem e arranjam um jeito de liquidar o apostolado de vocês. Pelo contrário, nas universidades do Estado ...

(Há universidades do Estado dominadas por professores do Opus Dei).

Com Opus Dei não é tão terrível, porque o Opus Dei tem um fundo de esperança de acabar pinçando a Congregação. E eu acho que a esperança provém de minha idade: que eu morra de um momento para outro e que a Congregação se deixe atrair por eles. Vocês estão vendo bem por onde. De maneira que eles não vão atacar de frente.

Portanto, com o Opus Dei o perigo não está em nós sermos perseguidos. O perigo está em que, exatamente porque tem alguns traços em comuns entre a Congregação e o Opus Dei --ilusórios, de superfície--, eles satisfazem nos alunos deles o por onde os alunos deles tenderiam para nós, e com isso eles nos roubam os neófitos. E é muito difícil

<sup>454</sup> (ER 132-133) Diretório para a ação de nossos jovens colaboradores em seus colégios

<sup>455</sup> Palavrinha Comissão Marquês de Comillas, 5/7/91



fazer um indivíduo deixar uma via parecida com a nossa --parecida na aparência--, mas mais mole, para tomar a nossa, que é mais dura <sup>456</sup>.

## 2. Jeitos para penetrar nas universidades

Valeria a pena entrar nas universidades de dois modos:

Se está nos hábitos acadêmicos, montar um "stand", quer dizer, uma barraca com publicações nossas, etc., uns dois que saibam discutir bem, conversar bem e fazer a propaganda <sup>457</sup>.

[Outro modo] seria preparar um número da [revista da Congregação] que tratasse de um certo tema que servisse para o apostolado universitário. Por exemplo, a respeito do indigenismo. Então vocês poderiam ir [à Faculdade] dizendo que vocês estão divulgando a revista, gostariam de fazer um inquérito sobre a opinião universitária, gostariam de ver se há alguns que se interessariam nessa questão, [e gostariam de] conversar um pouco nas salas. Não seria uma conferência nem uma exposição, mas uma conversa com um grupo de 5, 10 pessoas que se interessasse.

\*

A argumentação (para conseguir autorização dos diretores para entrar nas Faculdades) é a seguinte:

1. *Em todo o Ocidente, a mocidade universitária teve [e tem] um papel muito grande na formação da opinião pública. Por outro lado, a mocidade universitária entra em contato com a opinião pública e é influenciada por ela de modo especial. Disso resulta a entressagem entre a universidade e a vida. Não se fica apenas numa universidade livresca: são os problemas da vida repercutindo na universidade, e os desta naquela.*

2. *Isto especialmente se tornou verdade em São Paulo com a tradição da velha Faculdade de Direito. O papel histórico que ela teve no Império, na República, etc., vem exatamente do fato dos estudantes estarem continuamente ao par dos acontecimentos nacionais e internacionais e formando uma opinião.*

*Mas a vida de hoje tende a romper isto pelo excesso de absorção que ela cria em todos os setores.*

*Para que isto se restabeleça é preciso que os grandes problemas atuais sejam debatidos, sejam tratados também entre os estudantes.*

3. *Reconhecer isto, caracteriza um descortínio que não é de acordo com os padrões estabelecidos atualmente. Por causa disto, [nós gostaríamos] tomar contato com os estudantes, para ver o que pensam através de um inquérito sobre tal tema, debatendo-o com eles.*

Mas tenho uma certa sensação que o diretor iria ficar alarmado com o que estou dizendo, porque iria meter a Faculdade no forrobodó, pensando: "daqui ha pouco eles estarão fazendo manifestações, estarão se metendo em política e isso vai me dar uma dor da cabeça tremenda. Eu prefiro que eles paguem a matrícula, sigam o curso e saiam pela outra porta".

Contra isso há argumentos vitoriosos a dar, não para Faculdades de medicina e muito menos de engenharia, mas para Faculdades de filosofia e de direito:

*Nós acabamos de ver que as matérias aqui lecionadas formam uma opinião pública.*

(Dizer então tudo quanto acabei de dizer acima, e acrescentar):

*Esta calma que o senhor quer é quase a calma dos cemitérios. Nestes também não há desordens, pois nenhum dos pensionistas dos cemitérios se revolta. Os problemas de cada um se resolvem na sepultura adentro; ali pode haver gases que estouram, ossos que se decompõem, bichos que comem cadáveres. Em cima de cada lápide, o cemitério está direitinho, apesar de todos os dramas interiores próprios a cada sepultura. Assim também, cada aluno tem seus problemas, mas a Faculdade continua direitinha.*

*Que pensamento está se formando ali? qual será o dia de amanhã?*

(O diretor pode replicar que a mentalidade das Faculdades de hoje é de formar técnicos especialistas; e que quase todos os alunos trabalham e portanto já convivem com a sociedade). É gente desideologizada.

Um argumento seria o seguinte:

*Eles já convivem com a sociedade, mas dá no eleitorado que o senhor está vendo aqui: sem idéias, próprio a que se faça propaganda com a cara do candidato risonha, sobre os dizeres "Fulano é federal". Como estão em foco as eleições se entende que é candidato a deputado federal. Escolhem o Fulano só por sua cara e o resultado é o que se vê por aí: inúmeros moleques e aventureiros entrando para a política. Por que? Porque não foram formados senão para*

<sup>456</sup> Reunião encarregados do apostolado na Espanha, 3/10/89

<sup>457</sup> Reunião universitários colombianos 10/1/89

*cuidar de seu próprio dinheiro e profissões. Resultado: vêem as coisas do país e não sabem resolvê-las, não se interessam por elas*<sup>458</sup>.

### 3. Que tipo de universitário devemos procurar? Composição do corpo de alunos de uma universidade

Em geral, os alunos de uma universidade se dividem nas seguintes variantes:

**a.** Uns querem aprender uma profissão para, por meio do exercício da profissão, ganhar dinheiro. São egoístas e não se incomodam com ideais, com problemas [ideológicos]. Para eles a questão é passar no exame, ser aprovado e andar para frente.

Faz parte da mentalidade nhonhô deles a convicção de que o mundo vai ficar eternamente assim, e apenas melhorando e progredindo. E que não há crise nenhuma no mundo que seja uma crise séria, isso é exagero dos jornais, e que mesmo as crises sérias acabam se remediando. De maneira que a gente lutar para intervir numa crise, para eles é uma coisa sem sentido.

Essa gente em geral é de classe média-alta, classe média-média, mais raramente classe média-baixa.

Os pais tem empregos e entradas muito seguras. Sua vidinha está organizada. Cuidam muito de saúde. E na casa deles nunca se conversa a não ser a respeito da família.

Muitas vezes eles tem Fé e praticam a religião, mas não tem idéia de que devem servir a religião. Eles tem idéia que devem servir-se da religião, a religião para eles é um passaporte para terem na vida eterna uma continuação da vida segura que eles tiveram na terra.

Bom, pode acontecer que de repente, por uma graça de Nossa Senhora, um desses seja chamado e tenha um espírito mais largo, mais elevado. Mas é exceção.

**b.** [Depois tem] o aluno muito aplicado, que está sempre presente às aulas, que tem tudo muito direito. É muito calculador dos interesses dele, nada idealista e por causa disso apenas quer aprender as matérias necessárias para ser aprovado.

Se vocês tomarem a iniciativa de procurar esses rapazes, correm o risco de serem incompreendidos e até mafiados --porque como não compreendem nosso idealismo, ficam propensos a admitir que nós somos uma seita.

Em geral são da classe média e média-alta.

**c.** [Os alunos] de classe alta tem a idéia de que a felicidade consiste no brilho da vida, no prestígio pessoal, no luxo e nos prazeres impuros.

Acham que a vida é o trabalho para conservar a fortuna e para a aumentar. Depois o prazer. Mas o trabalho é o meio, o fim é o prazer.

Eles tem a mesma idéia que os da classe média-alta e média-média de que em nenhuma época histórica houve crises. As crises sociais se resolvem por si, a gente não tem que cuidar disso, cuide de sua própria fortuna. Mesmo porque, se [a nação] inteira cair, mas a fortuna deles ficar de pé, está tudo perfeito.

Acham de modo instintivo que só podem ter relações com gente do nível deles ou mais alto. De nível inferior é gente que não existe. Portanto, se algum de vocês não é desse nível e for procurá-los, eles descartam. Depois, vocês vão falar de coisas para eles que fundamentalmente não interessam a eles.

Então de nossa parte não devemos ter a idéia de procurar prevalentemente esses. Exceto alguma alma privilegiada que Nossa Senhora chame.

**d.** Há alguns rapazes, em geral de classe média-média ou média-baixa, em cujas casas fala-se mais de ideal, de cultura, de problemas gerais, etc., porque não tem aquela obsessão do egoísmo; e que [acham] que há coisas na vida que valem muito mais do que a carreira.

Esses entram para a universidade, vêem que a universidade é sacudida por movimentos esquerdistas, e a presença do movimento esquerdista coloca para eles um problema: "eu devo andar para a esquerda sim ou não?" Alguns rejeitam aquilo, não gostam, e ficam mais ou menos instintivamente à procura de uma bandeira anticomunista que se levante.

Estes tem uma certa seriedade de alma. Quando o professor ensina idéias contrárias à tradição [do país], procuram saber por que é que o professor está errado, procuram ter uma resposta, uma réplica para o professor, conversam entre si a respeito disso, formam uma rodinha sobre isso. Estes são os que nos convêm.

<sup>458</sup> Palavrinha Comissão Marquês de Comillas, 5/7/91

#### **4. Uma vez detectados os ultramontanáveis, formar um grupo, fazer campanhas dentro da universidade e editar uma revista**

É necessário que vocês tentem formar um núcleo de universitários que freqüentem a sede da Congregação.

Logo que vocês tenham um grupozinho universitário de 5 ou 6 --basta isso para universitários--, vocês com esse núcleo comecem uma campanha dentro da universidade. Mas é mais psicológico fazer com que a campanha dê a impressão de que ela nasceu na universidade.

Procurem fazer uma revistinha que saia sempre, ou pelo menos um número avulso de um folheto, tratando dos assuntos que são mais discutidos entre os rapazes da universidade interessados em idéias --ainda que sejam idéias contrárias às nossas. Aí apresentar ou aplausos ou refutações.

[Convém] que se veja que são moços que escrevem, moços que tem a possibilidade de vir a constituir um corpo de intelectuais de peso, de valor, que vai para frente.

O nome da [revista] deve ser escolhido um pouco em função da mentalidade dos rapazes novos que aparecerem. Eles não devem ter idéia que vocês estão por detrás deles fazendo uma coisa que eles não fariam.

#### **5. Composição do grupo de universitários ultramontanáveis. O tema da revista deve ser polêmico e atual**

Vai ser muito difícil que todos esses rapazes sejam da mesma Faculdade. É preciso explicar a eles que pode perfeitamente ir para a Faculdade de Direito e fazer uma campanha um rapaz da Politécnica, outro da Medicina, outro da Agronomia, sei lá mais do que. E até irem a outras universidades que não são aquela em que estudam, não tem importância: é um grupo de universitários!

Lancem a campanha escolhendo bem o ponto, que é o seguinte:

É preciso ser uma matéria em que haja desacordo, discussão e em que vocês façam um bonito papel na discussão, porque a discussão é a nossa vida.

Não tratem de assuntos que não estão sendo tratados no momento na Faculdade, porque o pessoal não se interessa.

Não ataquem o professor, mas digam: "é verdade tal coisa? eu diria que não porque isso, eu diria que sim porque aquilo".

#### **6. Apresentar-se ufanos de ser católicos**

Não procurem esconder que se trata de católicos, claramente católicos, declaradamente católicos, ufanamente católicos, eu quase diria agressivamente católicos. E portanto dizendo: "tal coisa é contrária à doutrina da Igreja por causa disso", desembaraçadamente. Vocês devem falar como se estivéssemos no Reino de Maria.

Vai sair encrenca. A encrenca é o sucesso! Do atrito e da discussão dos bons com os ruins sai a chama da vocação. E com esse fogo a gente acende a lamparina da capela.

#### **7. O apóstolo universitário precisa analisar o espírito da universidade e não se deixar infiltrar por ele**

Cada universidade, e cada faculdade na universidade, tem uma espécie de mentalidade própria, de espírito próprio (\*).

-----  
 (\*) [Os alunos de uma] Faculdade de Direito apreciam no mais alto grau a forma de ginástica de espírito que é preciso ter para conhecer a doutrina das leis e depois saber interpretar as leis de maneira a atender os interesses do cliente. Portanto, se é verboso, fala muito bem e sabe fazer a carambola da interpretação, aquele é o homem.

Em geral os alunos da Faculdade de Direito são um pouco mais cerimoniais, um pouco mais respeitosos uns dos outros, do que os das outras faculdades, porque faz parte do exercício da advocacia uma espécie de nobre debate

entre os advogados. Eles se preparam para esses debates tratando-se à maneira de pequenos parlamentares que estão discutindo entre si.

O espírito da Engenharia detesta isso, porque acha que todos esses floreios são chicanas, e que o que é positivo é a matemática, a régua, o prumo, etc., reduzidos a termos numéricos e palpáveis.

Para o aluno de Economia os problemas econômicos são os grandes problemas do mundo e é preciso a gente resolver esses problemas para resolver todo o resto, porque quando a economia está bem todo o resto está bem. A economia passa por cima de tudo. Quem governa a economia governa o mundo.

Medicina. Eles tem outra idéia. "Viver é ter saúde e morrer velho. E como todos os homens querem ter saúde e querem morrer velhos, dependem de nós médicos. Nós temos os cordéis que dirigem a vida, e o resto é bobagem. Do que adianta ser um economista e salvar a economia do país se ele morre de uma apendicite que ele não percebeu há tempos que tinha?"

-----

Vocês tem que conhecer, analisar e criticar o espírito da universidade, para não se deixarem infiltrar por ele

459

## **8. Como proceder em relação ao pessoal que tem um pensamento parecido com o nosso, mas tem uma posição em relação ao mundo moderno diferente da nossa?**

Os colegas universitários de vocês participam muito da mentalidade deste mundo que acaba. E vocês, graças a Nossa Senhora, já participam, e desejam participar ainda mais, da mentalidade de um mundo que começa.

É inevitável que haja, portanto, uma falta de entendimento entre vocês e eles. Porque eles acham que o que eles tem vai durar indefinidamente, e vocês acham que o que eles tem vai cair logo. De onde tudo fica meio desencontrado.

Precisamos ter bem isso em consideração para compreender como agir sobre eles.

Alguns pensam o contrário do que vocês pensam. Outros pensam mais ou menos como vocês pensam, mas não tem a mesma atitude de coração; eles não tem a esperança de um mundo dominado por esse pensamento, mas também não sentem muita necessidade, porque eles [se] sentem à vontade neste mundo, sem choque com a R.

E por causa disso, se vocês conversam com eles sobre a mudança deste mundo, e outras coisas assim, eles concordam, mas não tem pressa nem tem vontade, aquilo para eles é de um interesse relativo. Enquanto para vocês, que conhecem a Bagarre e conhecem as causas da decadência do mundo moderno, isso é de um interesse capital.

É curioso notar que esses que pensam parecido com vocês, vivendo num mundo que é o oposto do que eles pensam, eles não sentem o mesmo contraste [que vocês sentem]. E o mundo parece não persegui-los, enquanto a vocês o mundo os persegue.

Então, por exemplo, na casa deles, uma conhecida da família está vestida de modo indecente: eles conversam com ela como conversariam com uma moça vestida muito decentemente. E a moça indecente não vai procurar provocá-los como procuraria provocar a vocês.

O mundo mau como que procura um "status" com eles, em vez de combaté-los. E não procura sequer seduzi-los tanto, para que eles não sejam militantes.

Vocês encontram um [exemplo disto ao comparar] as atitude do Opus Dei com o mundo e a atitude da Congregação com o mundo. O Opus Dei arranja um jeito de não ser do mundo, mas não entrar em luta com o mundo, e o mundo não entra em luta com eles. Enquanto nós não somos do mundo, entramos em luta com o mundo, e o mundo pula em cima de nós.

A idéia de que o mundo está ameaçado de cair, a Bagarre, ou qualquer coisa de semelhante, a idéia de que NSJC é o fundamento de tudo, de maneira que sem Ele tudo rui, não figura nas coisas do Opus Dei. [Para o Opus Dei] a base de tudo é uma espécie de bondade natural que as pessoas tem, por onde o mundo não piora tanto assim. E por causa disso NSJC é um convidado que entra na festa do mundo, mas não procura segurar o mundo, não procura mostrar que é um horror o caminho em que ele vai, apenas sorri, agrada e mostra uma atitude benevolente. NSJC não é pedra de escândalo, não é luz para a revelação dos povos.

\*

[Agora, acontece que] vocês só podem se expandir, só podem conquistar terreno com quem tem pensamento parecido com o de vocês. E para vocês conquistarem esse [pessoal], há [vários] obstáculos acidentais, mas o grande obstáculo é esse.

Para derrubar esse obstáculo, não entrem logo com a RCR, mas poderiam fazer uma apostila, agradável de ver, com fotografias, que vocês [mostrassem] para eles e com a qual vocês pudessem argumentar com facilidade. Mas não entregar para eles levarem para casa, porque aí o outro lado pode querer preparar uma réplica, nós vamos ter que preparar uma tréplica, e passamos guerreando para fazer livros em vez de difundir livros.

Mas isto com alguns audio-visuais bem feitos.

[Então], a esse pessoal, seria preciso dizer no duro --sem mencionar o Opus Dei, porque não é o caso de entrar em guerra com ele por razões que depois posso explicar-- o seguinte:

#### **a. Tornar patente as diferenças entre nós e eles a respeito do bem e do mal no mundo atual**

A diferença entre vocês e nós, é que sobre o bem e o mal no mundo atual nós pensamos assim, e vocês pensam de outro jeito. Nós vamos apresentar a vocês a informação documentada de que isto é como eu estou dizendo. E fatos concretos, fatos positivos, etc.

Se o mundo continuar andando na mesma direção, daqui ha pouco chega a um ponto de explosão. Nós devemos batalhar para conseguir que isto não seja; e se isto for, o maior número possível de pessoas se salve para o bem.

Vocês não fazem isso, vocês vivem tranqüilamente, procuram as suas profissões, procuram seus regalos na vida, e dão para Deus o tempo que sobrar. Nós fazemos o contrário: nós vivemos para Deus e tomamos um pouco do tempo que sobra ainda para Deus! De maneira que vamos nitidamente expor as nossas diferenças, para vocês se conscientizarem e verem se é assim mesmo que vocês pensam.

#### **b. Mostrar que se não se observa a Lei de Deus, a ordem humana entra em caos**

A Lei de Deus contém as leis básicas da ordem entre os homens, e se os homens cumprissem a Lei de Deus perfeitamente, a Civilização geraria virtude, e por outro lado seria indestrutível, porque aquilo que se baseia na Lei de Deus não é destrutível.

Isto está na natureza das coisas, porque cada coisa tem uma ordem interna de acordo com a sua natureza. Se se respeita essa ordem interna, a coisa vai para frente. Não respeita, vai para atrás.

[Se a gente observa] as regras da ordem humana, a sociedade humana vai bem. Mas se a gente nega todos os princípios da ordem humana, quer dizer, não pratica nenhum dos Mandamentos seriamente, o resultado é o caos. A sociedade explode.

Para não parecer que foi imaginado por nós, isto se pode provar com textos de São Tomás, de Santo Agostinho --que imagina um reino onde o rei seja católico, os súditos também, esposo e esposa, etc.

#### **c. Apresentar fatos que provam que o mundo está se distanciando da Lei de Deus desde a Rev. Francesa até hoje**

Os fatos provam que o mundo vem se distanciando dos Mandamentos, gradualmente, desde a Revolução Francesa --que é um tema atual-- até nossos dias.

Aí recolher fatos --nacionais e internacionais-- nas modas, nas idéias, nas leis, no pensamento dos partidos políticos. E mostrar como cada vez mais o direito de propriedade, o direito da família, as tradições, etc., vem sendo negados.

A partir deste ponto, dizer: "vocês negam que nós estamos caminhando para um abismo? O que é que no nosso raciocínio está errado? Tenha a bondade de dizer".

#### **d. Fazer exercícios de RCR ao vivo, a propósito de coisas da vida cotidiana da universidade**

Bom, se vocês combatem uma coisa cuja realidade eles não sentem bem, um pouquinho como Dom Quixotes combatendo contra moinhos de vento, vocês constituem dentro da universidade um corpo estranho e não se misturam com eles.

[Quer dizer, é preciso vocês] mostrarem para eles que o modo [de ser], o modo de ver, o modo de agir deles é errado.

Na vida da Faculdade se vive de uma porção de bagatelas, mas essas bagatelas tem relação com a mentalidade e no fundo com a R e a CR.

Então, vocês, em vez de conduzir no começo uma luta de altas idéias e princípios, vejam quais são os pequenos temas que estão na vida da universidade e na vida interna deles, e fazem uma análise desses temas, debaixo do ponto de vista RCR, em conversas com eles. Aí vocês jogam "pólvora" dentro da vida cotidiana, que é o ponto onde eles gostam de tratar e gostam de mexer.

Por exemplo, os alunos granfinos começam a chegar num tipo novo de automóvel. Os outros podem não dizer nada quando o automóvel passa. Mas depois ficam impressionadíssimos: vão examinar o automóvel, comentam entre si, etc., em geral favoravelmente. Agora, se [um de vocês] souber comentar o que o automóvel tem de revolucionário na sua modificação, aí pega!

Quando [entrou na moda] deixar de usar sapato e começar a usar tênis exclusivamente, isso deveria ter sido objeto de um comentário de vocês.

Nós devemos estar ao par dessas pequenas coisas, porque elas indicam uma mentalidade, e um passo importante na R.

Tempo atrás apareceram correntes de relógio de uma seda grossa, em geral escura. A corrente de relógio com seda tinha uma certa analogia com o uso do sapato não de couro mas de camurça. Era um modo de efeminar um pouco os objetos de uso do homem e de constituir uma espécie de elegância meio mole para amolecer os espíritos da burguesia. Não se amolece só com isso, mas se amolece também com isso. A gente chamando a atenção para isso, evita esse amolecimento.

Algum tempo depois aparece corrente de relógio feita de metal. O uso invasor do metal prepara o espírito para a industrialização e para a criação de um ambiente muito mais de fábrica e de trabalho econômico, do que de trabalho intelectual.

Agora, se vocês não explicarem isto muito bem, vão passar por lunáticos, porque a maior parte das pessoas não vê as coisas assim e tem o hábito de pensar que essas coisas não tem significação. De maneira que é preciso ter um vocabulário muito bom, é preciso treinar bem na sede como pôr a questão. E só então pôr.

Bom, se eles começarem a dizer que é bagatela, respondam o seguinte: "Se isto é bagatela, por que é que vocês dão tanta importância a que nós usemos gravata? por que é que vocês dão tanta importância ao nosso corte de cabelo? por que vocês dão tanta importância a todo nosso modo de ser? Se o nosso modo de ser age tanto sobre vocês, por que é que o modo de vocês não age uns sobre os outros e sobre nós? Quer me responder?"

Apareçam todos vocês no mesmo dia na faculdade, com um relógio amarrado aqui, com barbante. Imediatamente eles vão perguntar: "por que você pôs barbante aí?"

- Essa é uma bagatela. Por que você está interessado? Você disse que isso não tem importância. Você quer me explicar?

Pega a eles no pulo!

\*

(Os rapazes anticomunistas que estão do nosso lado, muitas vezes usam tênis, pulseira de metal, etc.) Para evitar que eles sejam devorados pela falsa direita --uma de cujas características é a inércia nesses pontos de penetração-- , seria preciso dizer a eles, com jeito, que quem faz isso, acaba entregando pontos capilares para o comunismo.

Então, usar uma corrente de relógio tipo mecânico, não prepara diretamente o homem para ser comunista, mas prepara nele um estado de espírito que depois o torna receptivo à propaganda comunista. Debaixo desse ponto de vista é fazer o jogo do comunismo.

Não dizer nunca uma coisa assim: "quem usa essa corrente de relógio assim é comunista". Primeiro, não é. Em segundo lugar, eles vão responder: "o Cardeal Fulano usa..."

\*

Todo este conjunto de coisas é aplicável em povos gomosos, elásticos e onde custa muito mais uma coisa dar encrenca. Para outros povos seria preciso uma certa adaptação da coisa. Mas o princípio tem seu alcance <sup>460</sup>.

<sup>460</sup> Reunião chilenos 4/8/89

## II. A CONVERSA

### A. A conversa, flor da Cristandade que continuou a se desenvolver após da Idade Média

A história da Cristandade que veio desde a Idade Média até a Revolução Francesa, e de algum modo até nossos dias, apresenta uma linha crescente de decadência. Mas a par da linha de decadência apresenta uma certa linha em que continua a haver algum progresso, quer dizer, algumas virtualidades secundárias ainda continuaram a se desenvolver.

Uma imagem desse fenômeno é o defunto no qual cresce barba. Um resto de vitalidade orgânica, que já não é vida, ainda existe nele e é até capaz de fazer crescer alguma coisa.

Nessa linha, nos séculos XVII e XVIII nasceu uma flor da Civilização Católica, que morreu no século passado e que deitou um pouco de barba ainda neste século. Essa flor era o salão e a conversa.

O salão era o seguinte: eram certas casas onde moravam pessoas que conversavam muito bem, e que por causa do atrativo da conversa reuniam grupos de pessoas que iam lá para conversar. Era portanto uma forma ancestral do clube ou da sede.

A arte de conversar desenvolveu-se com tal brilho, ficou uma coisa tão magnífica, que passou a ser reputada a mais alta distração da vida, um prazer mais alto do que dançar, do que ir ao teatro, do que tudo <sup>461</sup>(\*).

-----  
 (\*) O homem é sociável e tem vontade de falar, e na vontade de falar ele tem vontade de comunicar-se para que o outro se comunique também. Esta é a sociabilidade. A pessoa não tem apenas a vontade de se expandir, mas tem vontade que o outro se expanda também. Daí nasce a sensação de harmonia. Esta harmonia foi o prazer da conversa <sup>462</sup>.  
 -----

Esta arte foi uma distração nova e um brilho novo do espírito humano que apareceu, mas que depois a R combateu e feneceu. A conversa tinha todas as regras de uma arte e toda a importância de uma arte, e da mais alta arte, porque é a arte do convívio humano <sup>463</sup>.

Na São Paulo anterior a 1930, trabalhava-se durante o dia, para a noite estar sossegado, conversar e tratar de variados assuntos. Os antigos encontravam a razão de ser de sua vida em um convívio dos espíritos, em uma conversa. E porque eles encontravam nisso sua razão de ser terrena, aprimoravam muito a conversa.

[Hoje] não se sabe conversar. Ou a conversa é uma série de porcarias e de imoralidades, ou é uma série de casinhos completamente sem importância, ou as pessoas ficam quietas <sup>464</sup>.

### B. O que é a conversa? como nasce? como se desenvolve?

Conversar é o trato que tem duas pessoas entre si, quando estão tendo algum lazer, alguma distração ou qualquer coisa assim.

Por exemplo, dois amigos estão viajando de avião. É natural que em certo momento, se a viagem não é muito longa, conversem um com o outro. Se é muito longa, dorme-se também: é uma parte agradável do percurso; há intervalos em que ambos ficam quietos, depois a propósito de qualquer coisinha, ao ser servido um lanche, uma qualquer comida, um comenta que está bom ou ruim e daí nasce uma conversa.

Assim, nessa alternância agradável entre silêncio e troca de idéias, de impressões, de recordações, de repente entra um assunto especialmente útil. Passeia-se através de vários assuntos como se pode passear por um jardim, onde se encontram flores, ora de um jeito, ora de outro, animais interessantes, um pavão, um cisne. É assim que se desenrola uma conversa <sup>465</sup>.

Na conversa a gente trata das observações da vida corrente enquanto considerada à luz da doutrina. Trata [também] de um pouco de doutrina. A conversa não é uma conferência; é uma forma de convivência que só tem sentido quando ela é centrada em torno dos mesmos ideais <sup>466</sup>.

<sup>461</sup> Texto sem data, do ano 66 (RN 61), título originário "A arte de conversar II"

<sup>462</sup> SD 21/2/87

<sup>463</sup> Texto sem data, do ano 66 (RN 61), título originário "A arte de conversar II"

<sup>464</sup> SD 6/3/70

<sup>465</sup> SD 22/7/89

<sup>466</sup> Conversa com Sr. Leo sobre apostolado, dezembro de 1976

## C. Importância da conversa

### 1. Do ponto de vista RCR

As maiores revoluções da História se fizeram, não com o cinema, rádio, televisão, mas por meio do falar humano.

Por exemplo, a Revolução Protestante. Não havia praticamente imprensa nesse tempo, Gutemberg por assim dizer acabava de imprimir os seus primeiros livros, os livros eram tão caros, tão grandes e tão difíceis de transportar, que não era por meio deles que a ação protestante se fazia. A ação protestante fez-se verbalmente, fez-se por meio de boca.

Qual foi o veículo da Revolução Francesa? Foi a imprensa? não, a imprensa ainda era muito rudimentar naquele tempo. De rádio, de televisão nem se falava. É claro que os livros dos enciclopedistas estavam muito difundidos, mas eles eram lidos pela elite e não foi a elite que foi atacar o palácio do rei, que foi massacrar os nobres, etc. Como é que chegou ao povinho o pensamento da Revolução? Por meio da propaganda oral <sup>467</sup>.

A arte de conversar foi o principal modo de tocar a opinião pública. A Europa se encheu de salões, e o sujeito que freqüentava um salão tinha ele mesmo um salão para gente mais poca, que por sua vez tinha outros salões. E pelo jogo dos salões se fez a propulsão da opinião européia --propulsão aliás revolucionária-- nos séculos XVII e XVIII <sup>468</sup>.

Para os Srs. terem idéia da importância dessa ação falada, basta considerar a mafia aqui. As calúnias que a mafia espalha contra nós nunca foram escritas, nunca foram impressas, circulam de boca em boca, e apenas pelo cochicho elas conseguiram fazer chegar as suas difamações a todos os lugares do Brasil. Os Srs. percebem a eficácia dessa campanha pelo número de pessoas que essa campanha tem atingido: nos últimos lugarejos do Brasil, quando aparece um [cooperador], a mafia levanta suas calúnias <sup>469</sup>.

\*

A arte de conversar é uma verdadeira arma de R ou de CR. Quem não tem essa arma é um catacego, vê algo, mas muito pouco, ou se quiserem é um gago tão gago que quase não fala na ordem da R ou da CR, do manuseio da opinião pública. A melhor arte para tocar a opinião pública é gente que saiba conversar.

É portanto um jogo cujas regras se deve conhecer.

### 2. Do ponto de vista da Congregação

Se eu não tivesse procurado haurir a arte de conversar da geração dos meus tios-avós e de minha avó, eu teria desfalcado a formação do Grupo de um de seus melhores fatores, porque o Grupo se formou no início na base de conversa. E ainda hoje um pouco da ação que eu possa desenvolver dentro do Grupo vem da arte de conversar.

Ao fazer as sedes, a minha intenção era fazer o Grupo até certo ponto funcionar como aquele salão antigo, [onde] as pessoas cultivam a arte de conversar e através da arte de conversar movem uma porção de coisas.

E do pouco que o Grupo tem nesse sentido --porque infelizmente tem muito pouco-- vive o pessoal do Grupo. Os Srs. querem ver a prova disso? Imaginem que no Grupo não houvesse as poucas conversas que há, o que que o Grupo seria? Por aí os Srs. vêem ainda a importância atual da arte de conversar. Nosso Movimento precisa ter uma grande equipe de gente que converse bem <sup>470</sup>.

Nós, ou sabemos conversar bem, ou nos condenamos a uma monotonia, a uma caceteação sem fim. Conversando bem, tornamos nosso convívio agradável. Tornando nosso convívio agradável, tornamos agradável o ambiente no qual devemos nos santificar, e evitamos uma porção de tentações que o homem tem quando está imerso na monotonia. A conversa é portanto uma arte na qual nossa fidelidade está à prova <sup>471</sup>.

\*

Cada [ordem religiosa] suscitada por Deus tem um espírito próprio e tem também seus recursos próprios, suas técnicas próprias. Na ordem dos dominicanos --chamada Ordem dos Pregadores-- os dominicanos devem aprender a pregar. Na ordem dos beneditinos se deve cultivar muito o canto sacro, a liturgia, as belas cerimônias. Um que não tenha jeito para isso não pode entrar na ordem dos beneditinos.

A pessoa que, a rogos de Nossa Senhora, Deus consentiu escolher para fundar a [Congregação], tem uma certa facilidade para conversa e uma tendência a fazer andar os assuntos por meio da conversa. Agora, isto foi dado ao Fundador evidentemente para que seja uma característica da [Congregação].

<sup>467</sup> Reunião do 5/2/66 (RN 65)

<sup>468</sup> Texto sem data, (RN 61), título originário "A arte de conversar II"

<sup>469</sup> Reunião do 5/2/66 (RN 65)

<sup>470</sup> Texto sem data, (RN 61), título originário "A arte de conversar II"

<sup>471</sup> SD 22/7/89



O interesse com que os senhores recebem esta exposição sobre a conversa prova que existe nos senhores um impulso para a conversa; os senhores vêem mais ou menos assim uma claridade que se abre para voar dentro dela, para se elevarem <sup>472</sup>.

### 3. Do ponto de vista do apostolado

O cultivo atualizado da arte de conversar é indispensável para o Grupo, não só para o Grupo na sua vida interna existir como deve, mas também para ele atrair gente e se expandir <sup>473</sup>.

A conversa é o modo de conseguir que o número de servidores, filhos e guerreiros de Nossa Senhora cresça ainda muito mais. A ação pela qual se tira alguém do mal e passa para o bem, ou pela qual se confirma alguém no bem, esta ação é fundamentalmente através de uma conversa <sup>474</sup>.

O primeiro instrumento do apostolado é a conversa. Quem conversa bem faz bem apostolado. Quem não conversa bem não faz bem apostolado. Por que? porque o apostolado é uma conversa. São Paulo diz: "fides ex audito", a fé nos vem pelo ouvido. Ora, pelo ouvido quer dizer pela voz humana, quer dizer nos vem numa conversa. É conversando que a gente instrui, que a gente forma, que a gente declara, que a gente afirma, que a gente proclama. É pela voz que o melhor da ação da graça entra nas nossas almas --a considerar o mundo dos sentidos <sup>475</sup>.

O processo para arregimentar gente para a Congregação necessariamente gira em torno da conversa. Porque não podemos cair na ingenuidade de [publicar] um anúncio num jornal: "Procuramos colaboradores. Apresentar-se em tal lugar e em tal ocasião". De repente se apresentam uns aluados dos quais não saberemos como nos desvencilhar. Então só temos 2 processos: a atuação do militante nos círculos daqueles com quem priva e a atuação em campanha. Mas a própria atuação em campanha dá logo em conversa, porque apresentando-se alguém atraído pela campanha, temos de começar a expor o que é a Congregação e temos que formar o indivíduo. Essa formação tem de ser por meio de uma conversa <sup>476</sup>.

Só atraí para uma sede da Congregação alguém que sabe conversar. Querer trazer gente para a nossa sede, sem ter um pouco de arte de conversação, é a mesma coisa que querer pescar sem isca: tem só o anzol, não há peixe que se aproxime. O peixe tem vontade de comer a isca, mas não o anzol. Se não houver algo que o atraia na conversa de quem o está convidando para a sede, não vai simplesmente.

Portanto, saber conversar bem é uma condição para atrair gente e para fixar as pessoas. A atração e a fixação dependem da boa conversa. As "armas" por excelência de um cooperador da Congregação para o apostolado são, antes de tudo, a oração, e logo depois, a conversa <sup>477</sup>.

\*

Os senhores me dirão: "mas os 2 recursos que temos [para arregimentar gente], a conversa e a reunião, são muito pouca coisa, porque contra nós luta a televisão e o atrativo da vida moderna. O que é que um de nós pode dar para um rapaz quando ele está sendo atraído por esses meios deslumbrantes de atração que existem hoje em dia?"

Acontece com a televisão o que acontece com todos os vícios: no primeiro período a pessoa gosta muito; no segundo período a pessoa vai procurá-la porque não sabe viver sem ela, mas não é que goste. Não pensem, portanto, que aquela gente que vai à televisão vai deslumbrada como parece.

Se os senhores são bons apóstolos, os senhores dão para [os rapazes] uma coisa nova que a televisão não dá e que vale incomparavelmente mais do que isso: é a atração que a graça exerce sobre as almas.

Essa atração às vezes a gente sente e às vezes não sente, mas nos atrai mesmo quando nós não sentimos, e [até] na maior aridez nos atrai. Nós somos canais dessa atração maravilhosa.

Eu já tenho visto gente perguntar: "mas como é que [vocês] atraem tanta gente?" Uma vez uma pessoa mundana foi à nossa sede da Martim, olhou um pouco aquela sala do fundo e me disse: "ah! agora me explico por que é que vocês saem dos lugares mais luxuosos e vem cá: é porque essa sala é linda!" Dá vontade de dar risada. Quantas salas há mais bonitas do que essa! Não é isso, nem de longe. É a graça!

Ora, para os senhores terem este atrativo, transmitirem a graça, precisam usar estes 2 meios que tem: a conversa e a reunião.

\*

<sup>472</sup> SD 21/2/87

<sup>473</sup> Texto sem data, (RN 61), título originário "A arte de conversar II"

<sup>474</sup> SD 22/7/89

<sup>475</sup> SD 14/2/87

<sup>476</sup> SD 6/3/70

<sup>477</sup> SD 2/7/89

Mas o que é mais importante? a reunião ou a conversa? Alguém, levado pelo exemplo do colégio, em que cada aula tem, teoricamente, mais importância do que o recreio, dirá: "naturalmente é a aula, depois vem o recreio".

Conosco não é assim. Psicologicamente é mais importante a conversa, depois a reunião.

Os senhores às vezes não tem a sensação de que os temas que propõem [na reunião são meio] do mundo da lua para os rapazinhos?<sup>478</sup> Se a reunião não tem conversa, o indivíduo fica boiando durante a reunião. A conversa [é o] que dá interesse à reunião<sup>479</sup>.

Na conversa o rapazinho ouve falar de um tema, de outro, de outro, porque o próprio da conversa é ser variada. Acaba sendo que daquelas 8 ou 10 coisas que ele ouviu, uma mais ou menos ele acha interessante e cola no espírito dele. Voltando para casa, se o pai dele tem um livro sobre isso, ele pega na estante e vai ver pelo menos as figuras. Se o pai ou o tio, ou a tia, ou a mãe, durante [o almoço] trata de passagem desse assunto, ele presta atenção.

Quer dizer, a conversa prepara o espírito do indivíduo para ele ter interesse pelos temas que tem afinidade com os temas da reunião, ou que tem a altura da reunião. A conversa é como um gancho para uma esfera mais alta. E se os senhores souberem tratar de vários temas, um pouco passageiramente, os senhores estarão semeando ganchos, estarão semeando anzóis com iscas de sabores diferentes. Um peixe morde uma isca, outro peixe morde outra isca<sup>480</sup>.

Para aprender a ser formador, é preciso aprender a conversar. Formar é antes de tudo conversar, em segundo lugar dar reuniões, em terceiro lugar atender casos pessoais<sup>481</sup>.

#### 4. Para fazer carreira é preciso saber conversar

Tomem um banquete. Há duas espécies de tipos: uns vão lá para comer, outros para fazer relações. Estes últimos são os que sabem viver. Para fazer relações [é preciso] saber conversar. Sem saber conversar não há possibilidade de se ser alguma coisa ou de fazer alguma coisa.

Na Embaixada da França na Áustria davam regularmente recepções. Distribuíam os convidados de acordo com os funcionários da Embaixada. E havia uma senhora que era o desespero da Embaixada, porque era casada com um homem a quem interessava muito a França agradar; o marido conversava normalmente, mas a mulher, por mais esforços que se fizesse, não se conseguia conversar com ela.

Apareceu um jovem candidato à diplomacia, um francês, que olhando para ela, sentou-se ao seu lado dizendo:

- *Madame, a senhora permite conversar um pouquinho?*

- *Pode.*

Daí ha pouco, para espanto dos outros, estavam numa conversa solta. Como se deu isso? Acontece que ela tinha como hobby a criação de frangos, e naquele ambiente seletto não encontrava ninguém que soubesse criar frangos, encontrou um jovem que tinha a coragem heróica de falar sobre isso com ela, desatou-se-lhe a língua.

Esse jovem divertiu-se? Foi uma noite paulérrima para ele. Mas ficou com a fama de saber como conversar com pessoas secas e como animar uma reunião. Com isso ele começou a ir para a frente na carreira dele.

Nossa carreira junto a Deus e a Nossa Senhora --que é junto a Quem nós queremos fazer carreira, o resto não nos interessa-- consiste em trazer gente, fazendo conversar as pessoas sobre assuntos de que gostam<sup>482</sup>.

#### D. Elementos

Na conversa podemos distinguir alguns elementos, dos quais ela depende.

##### 1. A presença, a fisionomia, o olhar, a voz, o "maintien" dos interlocutores

O primeiro elemento é a presença da pessoa que conversa. Há pessoas que são interessantes de presença. Mas há outras cuja presença não interessa, não dá vontade de conversar com elas, a cara não promete dizer nada, a atitude do corpo não promete dizer nada, a gente não tem vontade de ouvir, não tem vontade de abordar, também não tem vontade que a pessoa venha conversar conosco.

Um outro elemento, que faz parte da presença, é a fisionomia. Há fisionomias que nos dão vontade de conversar. Tem-se impressão, por exemplo pelo olhar, que a pessoa está compreendendo alguma coisa e a gente tem

<sup>478</sup> Reunião propulsores de apostolado 19/4/85 (RN 666)

<sup>479</sup> Despachinho 19/4/85

<sup>480</sup> Reunião propulsores de apostolado 19/4/85 (RN 666)

<sup>481</sup> Despachinho 19/4/85

<sup>482</sup> SD 22/7/89

vontade de dizer: "olha aqui, o que você está entendendo aí?" Agora, outros não: olham com olhar de peixe. A gente tem impressão que eles não vêem nada.

A voz é outro elemento da conversa. Há vozes monótonas: quen-quen-quen-quen-quen. Há vozes que são agradáveis de ouvir. Em geral a voz que tem pouca modulação é pau. Mas a voz que modula bem, com altos e baixos, atrai. Sobretudo se a pessoa sabe pôr o timbre de voz de acordo com aquilo que está dizendo, então realça o significado do que está pensando. A verdadeira música do pensamento humano é a voz <sup>483</sup>.

[Numa conversa] não posso fazer de minhas pernas e de minhas mãos qualquer uso. Por exemplo, conversar passando a mão pelo queixo. As atitudes, a expressão, o próprio olhar faz parte da conversa --e não é das partes menos importantes da conversa <sup>484</sup>.

## 2. A vida de pensamento dos interlocutores e o jeito de expor o pensamento

Agora, há outros elementos para a conversa que são muito mais nobres, porque tocam menos no corpo e tocam mais na alma.

Há pessoas que sabem visualizar um assunto, sabem tratar um assunto de maneira a serem atraentes, e há pessoas que não sabem fazer isso.

Há pessoas que aprendem coisas úteis para conversar e há pessoas que não sabem o que conversar de interessante. Por exemplo, um homem cujo trabalho seja de abrir o abdômen de ratos [mortos] num laboratório e passar para um cientista fazer experiência, [é pouco provável que ele tire daí alguma coisa interessante para conversar]. É diferente de um carrasco: ele pode não ser divertido, mas em todo caso terá coisas trágicas interessantíssimas para contar. A situação que teria coisas curiosíssimas a contar está lacrada por um silêncio: os senhores já imaginaram se um confessor pudesse falar, que coisas interessantes contaria?

A gente precisa ter analisado aquilo de que vai falar. Sem ter pensado nas coisas, sem ter prestado atenção nas coisas, a gente não tem o que conversar <sup>485</sup>.

O problema para se conversar bem é habituarmo-nos a ver tudo do ponto de vista católico. Pensando o que a Igreja ensina, o contraste se põe e a conversa nasce <sup>486</sup>.

Quando a pessoa se lembra do que viu em São Paulo, lê coisas que vem de São Paulo, lê História Sagrada, história da Cristandade, vidas dos santos, história das ordens religiosas, história da Congregação, etc., ou pensa nessas coisas --isto é o ideal--, ainda que seja um pouco, vai ficando com a memória povoada disso. E aí a pessoa fica em condições de conversar. Porque como ela tem isso na cabeça, sem ter o intuito de entouxar o tema no pobre novato, ela diz com naturalidade: "a propósito de tal coisa eu li tal coisa; a propósito de tal outra coisa eu estou me lembrando de tal coisa".

[Quer dizer], um elemento da conversa é ter o que dar <sup>487</sup>.

## 3. A graça

Quando a gente conversa, o principal interlocutor é a graça, e a gente quando nota que a conversa está pegando e está havendo uma certa graça, a gente deixa [outras tarefas] esperar um pouquinho <sup>488</sup>. Sempre que uma conversa toca em qualquer ponto da doutrina católica, é uma oração, porque a consideração de uma coisa segundo Deus é oração. E tem a promessa de Nosso Senhor, "quando dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, Eu estarei entre eles".

Como neste caso a conversa é fundamentalmente uma ação da graça nas pessoas que estão conversando, e a graça se obtém com orações, é preciso estar irrigando a conversa a toda hora com jaculatórias <sup>489</sup>, para a graça iluminar a mente daquele com quem se está falando, tornando-a sensível para o que se estiver dizendo, e iluminar o próprio apóstolo, de modo que ele saiba o que está dizendo, empregue as palavras adequadas, etc. <sup>490</sup>

A conversa, a ser considerada do lado sobrenatural, pode inclusive ter a aridez da oração, e então é mais meritória do que uma conversa que não tem aridez <sup>491</sup>.

<sup>483</sup> SD 14/2/87

<sup>484</sup> SD 22/7/89

<sup>485</sup> SD 14/2/87

<sup>486</sup> SD 29/7/89

<sup>487</sup> Reunião propulsores de apostolado 19/4/85 (RN 666)

<sup>488</sup> Despacho 27/5/93

<sup>489</sup> Texto sem data, do ano 1966, (RN 61), título originário "A Arte de conversar II"

<sup>490</sup> SD 22/7/89

<sup>491</sup> Texto sem data, do ano 1966, (RN 61), título originário "A Arte de conversar II"

### E. A conversa perfeita: mistura do espontâneo com o planejado

Para conversar é preciso ter uma arte? ou é uma coisa espontânea, que cada um diz o que quer? <sup>492</sup> É preciso, na conversa, entrar qualquer coisa de espontâneo, mas também qualquer coisa de muito refletido e muito bem pensado, de maneira que o espontâneo e o refletido se liguem um ao outro e assim se forme uma harmonia que é propriamente a arte de conversar.

Depois que o homem caiu no pecado original, a espontaneidade inteira tornou-se-lhe impossível. [Em] tudo o que o homem faz de modo inteiramente espontâneo sai besteira. Ele precisa saber o que diz, o que vai falar, aonde quer chegar com o outro, etc. De outro lado, tudo o que o homem faz completamente sem espontaneidade sai de uma artificialidade miserável.

É preciso saber compor bem o espontâneo com o dirigido, para se ter a conversação perfeita. É um pouquinho como quem faz uma salada de folhas de alface: a alface deve estar bem fresca, bem espontânea, como se fosse colhida naquele momento; porém, depois faz falta, antes de se pôr a salada na mesa, lavá-la bem, misturar sal, vinagre, um pouco de mostarda, azeite nas folhas. Só aí ela fica boa. É comida na sua espontaneidade, na sua vida, mas com certas regras que a fazem aceitável <sup>493</sup>.

Se há uma arte de usar a voz de maneira a poder cantar, tal será que não haja uma arte de usar a voz de maneira a poder conversar <sup>494</sup>.

### F. Regras da arte da conversa

#### 1. No que diz respeito à impositação dos interlocutores

##### a. Cada interlocutor acha interessante o outro. Jeitos para a gente achar interessante o interlocutor cacete, e para o interlocutor cacete achar interessante a gente

O mais interessante de uma conversa não é o tema que a gente está tratando, é a pessoa com quem a gente está tratando. E por causa disso, o outro que está conversando conosco, não quer tanto ouvir-nos tratar desse ou daquele tema, mas quer ver se nós somos interessantes.

Há pessoas interessantes e há pessoas desinteressantes. O que é uma pessoa interessante? É aquela com quem a gente conversa e percebe que se passam no espírito dela reações, repercussões que nos dariam vontade que a pessoa contasse. A pessoa desinteressante a gente olha e diz: "não tem nada ali dentro que dê vontade de saber".

Qual é o jeito que a gente tem de ser sempre interessante? <sup>495</sup> Se a gente é um egoísta que só se interessa por si, ninguém se interessa por ele. [Portanto] a gente deve se interessar pelos outros para saber conversar (\*).

-----(\*) Há um dito francês que diz o seguinte: "se eu quero reter meu visitante, lhe falo sobre ele; se eu quero que ele saia logo, falo sobre mim". É a chave da arte de conversar: saber conversar com os outros sobre os outros, dando aos outros a impressão que a gente tem interesse pelo outro e se esqueceu de si mesmo.  
-----

Agora, um modo de a gente [se interessar] mesmo pela pessoa mais desinteressante, consiste em considerar essa pessoa como uma fortaleza para conquistar. A partir desse momento a gente começa a jogar com o interlocutor uma partida de xadrez cujo ponto é a conquista da alma do interlocutor: a gente avança uma peça, quer dizer um tema, o cacete empurra para frente um comentário que mataria [a conversa], então a gente empurra outro tema. E assim como no xadrez algumas peças são mais fortes e outras menos, também na conversa com o X mais pau do mundo algumas peças são mais fortes e outras menos <sup>496</sup>.

Se a gente faz luzir o ideal CR a uma alma, a alma posta diante desse ideal começa a se interessar um pouco. A gente vai ver qual é a fechadura desse tesouro, como é que ela se fechou, por que defeito entrou. E faz toda uma estratégia, todo um jogo para que o lado bom da alma venha à tona e adira a Deus.

Eu lhes garanto que observar isto numa alma qualquer, e fazer na alma o jogo de Deus, é uma coisa que os anjos do Céu gostam de olhar. O jogo mais bonito e mais interessante da vida é o jogo das almas. A conquista de uma alma vale mais do que uma batalha, mais do que um ato de caridade, [mais do que] qualquer coisa, uma vez que valeu o Sangue de NSJC.

E se a gente procura colocar-se no ângulo de Deus, no prisma divino, fica mais inteligente, porque terá o verdadeiro ponto de vista donde as coisas se explicam.

<sup>492</sup> SD 14/2/87

<sup>493</sup> SD 22/7/89

<sup>494</sup> SD 14/2/87

<sup>495</sup> SD 21/2/87

<sup>496</sup> SD 14/2/87

Então se compreende que, logo ao abordar uma pessoa, é natural que a gente tenha uma fisionomia de benevolência -porque a gente olha ali e percebe logo qual é o jogo de Deus lá dentro- e tenha interesse em favorecer, em facilitar, em trazer essa alma [para o Grupo].

Aí o outro nota que ele dizendo alguma coisa, ele vai ter uma boa repercussão e a gente vai receber com interesse. Isso dá ao outro a vontade de falar e de se abrir. Abre-se até meio espantado, porque hoje essa boa vontade ninguém tem mais com ninguém.

Isso não é uma arte de tapear. Porque há coisas que ninguém tapeia. Uma delas é o fundo de boa vontade que o interlocutor tem conosco. A gente sente quando é puro sorriso e quando é um fundo de boa vontade real. A gente é benévolo por natureza. Os outros percebem e tem boa vontade de chegar perto. Com vontade de chegar perto, eles se abrem. E aí pode começar uma conversa interessante.

Esta posição sobrenatural diante da conversa é então a primeira regra da boa conversa. É uma regra tão importante que, a bem dizer, como que não tem segunda. Tem uma interrupção, depois vem as outras regras <sup>497</sup>.

\*

Com o homem mais cacete do mundo falem sempre sobre ele, porque aí ele se anima. E saibam ir tratando depois dos assuntos fazendo com que ele tenha uma certa noção do que é que aquilo importa a ele. Se ele não tiver uma certa noção do que aquilo importa a ele, ele não se incomoda.

[Eu dou um exemplo]. Um advogado vai visitar um bom cliente, mas muito cacete. Precisa ter com ele uma prosa animada. [Então] tem que levar um projeto de conversa com ele.

Vamos dizer que ele chame Pafúncio. Então vê no dicionário [o verbete] "Pafúncio". Houve 3 Pafúncios reis na Ásia Menor --eu estou imaginando--, houve um santo bispo chamado Pafúncio na Abissínia, houve um famoso cantor chamado Pafúncio no século passado, e vai daí por diante.

O advogado diz: "o que é que eu vou dizer para ele?" Conforme a cara dele, a hora que ele chega: "Fulano de Tal, eu não me esqueci que hoje é dia de São Pafúncio!"

- Ahhh, muito bem! --porque ele chama Pafúncio--, não sabia.

- É, o senhor tem um padroeiro, o senhor não sabia? É um santo que está rezando pelo senhor no Céu: São Pafúncio!

- Ahhh --como é o padroeiro dele, ele se interessa.

Então dá uma explicação, etc., etc., daquele Pafúncio. Se ele é um homem metido a recordações históricas, a gente dirá: "o senhor chama Pafúncio, qual dos reis Pafúncio o senhor julga maior?"

Ele não sabia que houve nenhum. A gente para ajudar um pouco diz: "o primeiro? o segundo? ou o terceiro?"

Ele joga a esmo: "o terceiro!", para não dizer que ele não sabe quem foi o terceiro rei Pafúncio.

- O senhor tem razão porque tará-tatá <sup>498</sup>.

### **b. Cada interlocutor está disposto a tratar de um tema que interesse ao outro**

Digamos que estou sentado aqui na sala lendo a "Folha" e digo para o Eduardo: "olha, que notícia interessante!" Eduardo está lendo outra notícia e diz: "é verdade". Daqui ha pouco o Eduardo me lê uma notícia, eu também digo: "é verdade".

Aqui cada um está egoísticamente pensando o seguinte: "se ele quiser falar sobre o que me interessa e nos termos que me interessa, eu até tenho pilhas de coisas para dizer para ele, sobretudo se ele quiser ficar quieto e eu falar indefinidamente. Mas como eu já sei que ele é um pau e sobre o que me interessa ele não fala, então eu vou ficar quieto e não falo nada. E se falar comigo, eu amorteço a conversa".

[Nessas condições] só sai conversa se os dois estão simultaneamente com vontade de falar a mesma coisa.

Há portanto um princípio em matéria de conversa que é: ir para a conversa não querendo tratar do tema que está na cabeça da gente, ou de um tema de exclusivo interesse da gente, mas disposto a tratar de qualquer tema. É como quem vai jantar em casa dos outros: é uma obrigação de cortesia estar disposto a comer qualquer comida.

### **c. Os interlocutores tem vontade de aprofundar o tema. E uns aos outros dão oportunidade de dizerem mais alguma coisa**

Quando dois ou mais estão juntos, tem que desenvolver um determinado tema, não como quem baba e quem boceja, mas com vontade, como quem está de fato disposto a entrar por aquele tema adentro e dar opiniões, dar

<sup>497</sup> SD 21/2/87

<sup>498</sup> SD 14/2/87

conceitos que convidem o outro a um comentário. E o outro, ainda que não esteja com vontade de conversar sobre aquilo, ele trata daquilo.

[Quer dizer], a conversa deve ser tal, que a gente trata do tema não com a tendência para fugir dele, mas com a tendência a abri-lo inteiro e considerá-lo em todos os aspectos.

Como é que a gente trata o tema de maneira a ser desenvolvido? Nunca procurando dizer a respeito do tema uma palavra final, definitiva, que fecha. Mas procurando dizer a respeito do tema algo que possa interessar mais ao interlocutor e lhe dê a oportunidade de ele dizer mais alguma coisa.

Por exemplo, alguém me diz: "Dr. André, vão mudar a mão do trânsito aqui", se eu respondo: "é, já li", é o mesmo que pegar sua boca e meter uma pedra dentro. Ainda que eu saiba que de fato já foi mudado, eu [devo dizer] em primeiro lugar: "você tem toda razão", para confirmar, porque é uma coisa que te coloca à vontade para conversar, e digo: "eu até já li no jornal", e já digo uma coisa que te convida a dizer qualquer coisa: "é até muito bom, porque o automóvel entra pela Jaguaribe, aliás toda as ruas de SP andam cheias".

[Isto] precisa ser feito com jeito, não "ex abrupto", pondo uns atalhozinhos que facilitem ao outro entrar.

É preciso um senso psicológico e um jogo contínuo que faz exatamente da conversa o mais alto dos jogos <sup>499</sup>.

#### **d. O prazer que um interlocutor tem ao tratar de um tema é partilhado pelos outros interlocutores**

Aquele que está dirigindo a conversa, para dirigi-la bem precisa encontrar um certo gosto na conversa.

Não é a gente ter o gosto de ouvir a si próprio. Isto é megalice e dá em monólogo: pa-papa-pa-pa-papa. Quanto mais fala, mais se entusiasma e mais dorme os outros. Mas a gente deve notar que o prazer que a gente está tendo em tratar daquele tema é partilhado pelo outro. Este é um prazer da conversa.

É mais ou menos como quem convida alguém para jantar e tem o gosto de ver que o outro está saboreando o jantar que a gente oferece.

#### **e. A gente adapta o que está dizendo à apetência do interlocutor**

Os senhores devem, durante a conversa, ver se o outro está gostando daquilo que os senhores dizem, ver o que é que está faltando, e modelar o que a gente está dizendo ao gosto do interlocutor. Eu procuro burilar o que eu digo ao gosto do auditório.

Um homem que está fazendo uma conversa, ou uma reunião conversada, está com a atenção constantemente voltada para aqueles com quem fala. De tal maneira que ele saiba ora animar os que estão animados, para que eles animem ainda mais e puxar os outros, ora dirigir-se àqueles que estão em zonas de atonia na roda, e acordá-los e inseri-los no curso.

Então há uma dupla adaptação: adaptação para os melhores e adaptação para os que não seriam propriamente os melhores. Inclusive adaptação ao sabugo. Adaptar-se ao sabugo não é fazer o que ele goste, mas é pô-lo agradável na linha reta. O "x" da conversa é a tentativa de ser agradável e interessante o tempo inteiro <sup>500</sup>.

Isto é parecido com o princípio de guerrilha do Mao-Tse-Tung: quando o adversário avança a gente recua, quando o adversário recua a gente avança. Quer dizer, quando o [interlocutor] se mostra desinteressado, a gente recua, à espera de melhor ocasião. Quando ele se mostra interessado, a gente avança até onde o interesse dele for <sup>501</sup>.

#### **f. É arriscado querer elevar o tema contra a vontade dos interlocutores**

(Tanto dentro como fora do Grupo, às vezes há conversas em que, ou a gente interpela um, interpela outro, ou a conversa não vai para frente).

Se a pessoa tem certeza de por esta forma conseguir interessar, vale a pena. Se a pessoa não tem certeza disso, é muito arriscado, porque então encontra uma espécie de fronda geral. E isto tanto no Grupo como fora do Grupo.

Vamos dizer, por exemplo, numa roda de homens de negócios, eu não vou entrar e de repente falar de Henrique IV. Não vai. É preciso se adaptar. É provável que nessa roda eu faça um papel muito apagado, por prudência. Em muitas rodas falo pouco, deixo passar. [O] ar que tomo então para não ficar de baixo é um ar assim muito de cima, mas não posso pretender empalmar a conversa.

<sup>499</sup> Texto sem data, do ano 1966, (RN 61), título originário "A Arte de conversar II"

<sup>500</sup> Reunião propulsores de apostolado 19/4/85 (RN 666)

<sup>501</sup> SD 9/7/71

Quer dizer, a pessoa precisa estar disposta a não conversar sobre o que quereria e conversar com resolução sobre um tema que o plenário possa aceitar, e que raras vezes é o tema ideal de cada um.

Em geral a conversa é sempre sobre um tema que interessa mais ou menos a todos e sobre o qual todos corajosamente conversam, à espera que de repente tome um rumo interessante.

Mas fora disso, querer empalmar a conversa ou fazer qualquer outra coisa para ela tocar para frente, não adianta.

#### **g. Como se sabe se a gente está conduzindo bem a conversa?**

Se a gente percebe que está determinando o interesse dos outros, ou que caminha para determinar, [a conversa está sendo bem conduzida]. Quando não caminha, qualquer coisa está errado. [Porque], trata-se de interessar o interlocutor na medida do possível<sup>502</sup>.

## **2. No que diz respeito ao tema**

### **a. Quanto mais elevado for um tema, maior é o acordo (ou o desacordo) entre os interlocutores**

Há assuntos vulgares, sem importância, que não estabelecem nenhuma ligação pessoal [entre os interlocutores], em que a pessoa pode concordar ou discordar e não há nada. Por exemplo, dois colegas tem um mesmo professor de química. O professor ensina que a água é um composto de "H<sub>2</sub>O", a gente fica sabendo isso, mas isso não estabelece vinculação especial nenhuma entre eles.

Porém, se [eles conversam a respeito] do modo de o professor lecionar ou tratar os alunos, já é uma coisa diferente. Porque aí o tema é mais profundo. Nas maneiras de lecionar há modos que indicam maior ou menor clareza de inteligência. E o apreciar bem a inteligência de um terceiro estabelece uma ponta de vínculo entre as pessoas.

Quer o aluno preste atenção nisso claramente, quer não, ele deseja ser lecionado em qualquer matéria por um professor cujo tipo humano lhe dê idéia de como um homem deve ser. Qualquer que seja a matéria, na primeira aula em que se veja o professor, no quarto de hora inicial, o aluno não presta muito atenção no que o professor diz, mas sim em que espécie de homem ele é. Qualquer coisa que deixe entrever qual é a psicologia, a mentalidade, o caráter dele, o aluno fica observando atentamente.

Então a discussão sobre o professor envolve uma coisa mais profunda, às vezes uma verdadeira concepção da vida.

Quando está em jogo algo que toca na concepção da vida --como ela deve ser, como deve ser o homem, a autoridade, o ensino e outras coisas dessa natureza-- aí entra uma afinidade maior de alma, porque o tema é mais profundo. E assim, quanto mais o tema é profundo, mais as afinidades se vão estabelecendo.

Um homem sobretudo sente afinidade com outro num ponto: qual é a sua religião? Não há tema que pegue [mais] a alma do homem no que tem de mais entranhado, do que o tema religioso.

Se um for protestante e o outro católico, está feita a divisão. E se são dois católicos, uma pergunta irrompe: "você é progressista ou tradicionalista?"

Quando se está conversando com outro e se percebe que tem a mesma fé, isso determina logicamente uma grande amizade, por cima de todas as outras diferenças [que puder haver entre eles], porque isso é que verdadeiramente une<sup>503</sup>.

### **b. A escolha do tema depende da psicologia do interlocutor**

Um indivíduo que quer vender alguma coisa, deve saber a que tipo de gente interessa o que ele está vendendo, e deve oferecer pelo lado por onde esse tipo de gente pode gostar daquilo.

Assim também é com a conversa. Dirigindo-nos a uma pessoa, devemos saber entender como é a pessoa e conversar de modo a que [a pessoa] esteja desejosa de falar sobre isso.

Agora, para escolher o tema sobre o qual uma pessoa gostaria de conversar, devemos nos esforçar por ver qual é o temperamento da pessoa. As formas de temperamento comandam, inspiram o tipo de temas que as pessoas gostam.

<sup>502</sup> Texto sem data, do ano 1966, (RN 61), título originário "A Arte de conversar II"

<sup>503</sup> SD 5/8/89

[Digamos] que um dos senhores esteja num ônibus. [É preciso] dar um olhar rápido para se ter mais ou menos a idéia de como é o sujeito. Mas isto sem que a pessoa se sinta examinada, pois ninguém quer andar com um companheiro que tenha ares de investigador da policia.

Algumas pessoas são muito vivas e estão a toda hora olhando para tudo o que se passa. Tem um olhar chispeante, relampagueante, gesticulam, etc. Com esses não se conversa como com outro que é quietão, pacífico: ele está olhando assim as coisas passar, está olhando mas não está vendo, está pensando alguma coisa, que também não é bem pensamento, não sabe bem onde está, só sabe que, quando o ônibus chegar, ele terá que fazer o sinal com a mão e [descer]. O simples modo de fazer um sinal para o ônibus parar já indica como é o sujeito: um faz de modo vivo, com inquietação de que o ônibus não páre; o outro, indolente, faz com a mão [mortiça].

Bom, no ônibus há um desses vivos. A gente senta-se ao lado dele, porque é o único lugar que está vazio, e de repente, vira-se para ele e diz: "Que grande homem foi José Bonifácio Andrade e Silva, o Patriarca da Independência!". [Aquilo] não pega. Porém, se os senhores disserem: "aquele automóvel está correndo demais e vai dar uma trombada de repente". Aí já quer saber. É o que se estiver passando na hora que lhe agradará à superficialidade. A gente começa com uma conversa tipo para macaco, para depois <sup>504</sup>, e por lenta evolução o trazer para uma questão que nos interessa <sup>505</sup>.

Agora, quando é um esquisitão que conversa pouco, os senhores tenham a certeza de que é um maníaco: ele tem um ou dois temas que quando entram na conversa, ele desanda. Então é preciso ir Tateando os assuntos, até encontrar-se o tema.

Qual é o sinal de que se encontrou o seu tema? Ele acende-se, muda de posição na cadeira e começa a falar às torrentes <sup>506</sup>.

\*

[O apóstolo, quando lê um livro, deve perguntar-se: "disto que estou lendo], o que é um tema que serve para fazer apostolado?" E [deve] ter pilhas de temas que podem servir para apostolado, porque sabe mais ou menos o que os outros gostam de ouvir, mais ou menos o que interessa à media das pessoas com quem trata.

Naturalmente, isto obedece às regras da confecção de um menu. Uma dona de casa, ao compor o cardápio, não pensa no que ela vai comer, mas no que os hóspedes dela vão comer.

Deve-se procurar conhecer a mentalidade média das pessoas a quem nos dirigimos. Conhecendo-a, vê-se o que contrasta ou o que confirma [essa mentalidade]. O que contrasta dá conversa, porque produz discussão. O que confirma, agrada o sujeito. Assim, se vai confirmando, contrastando, contrastando e confirmando.

### **c. Antes de entrar num tema, deve-se preparar o interlocutor. E quando se entra, é preciso acompanhar a ele no percurso**

Numa conversa, quando se quer tratar de algum tema com alguém, deve-se ter o cuidado de preparar a pessoa para o tema. Em segundo lugar, uma vez a pessoa preparada, não se deixa o tema jogado na cabeça do sujeito, como quem diz: "agora você se desamarre". É preciso fazer com o indivíduo o itinerário que se quer que ele faça. [Como?] Expondo com naturalidade o assunto, mas colocado-se no papel de um observador que está falando alto, e não de um conferencista, [de maneira a] perceberem juntos várias coisas que não tinham visto.

Então, é fazer não só que o tema entre na cabeça do sujeito, mas que a cabeça dele entre no tema <sup>507</sup>.

### **d. Na conversa a gente trata de vários temas, de modo orgânico, sem esgotá-los na primeira ocasião**

A boa conversa é como a salada de frutas. Os senhores não imaginam uma salada de frutas assim: uma taça grande, com líquidos ali, bebidas alcólicas lá, depois o setor das laranjas, o setor das pêras, ali não sei ... Perdeu a graça a salada de frutas. O gostoso é dividir numa porção de pedacinhos e misturar. De maneira que cada [pedacinho] que se põe na boca traz uma surpresa.

[Assim] é a prosa: a gente fala um pouquinho sobre um tema e vá gotejando o que sabe sobre isso ao longo do ano, misturando com outros temas.

Quer dizer, [na conversa a gente] tem que ter a sensação da variedade dentro da continuidade do pensamento. Essa variedade consola os [interlocutores] da monotonia da continuidade, atenua um pouco o tédio de uma exposição articulada <sup>508</sup>.

<sup>504</sup> SD 22/7/89

<sup>505</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 19/12/78 e SD 22/7/89

<sup>506</sup> SD 22/7/89

<sup>507</sup> SD 12/8/89



### e. Do começo ao auge, e do auge ao fim da conversa, a gente procede "de proche en proche"

É uma bobice [achar] que a conversa desde o começo tem que ser interessantíssima. O sujeito senta com o outro já vai dizendo um principio filosófico prodigioso. Isso é uma megalice. Mata a conversa.

Toda conversa começa por um tema banal, comum, que está ao alcance dos dois interlocutores (\*). Se eles não são senão moradores do mesmo bairro, eles conversam sobre o trânsito. Dá um começo de conversa que tem um certo calor<sup>509</sup>.

-----  
 (\*) (Conversar sobre coisa banal não é conversar sobre tema baixa de nível), mas é conversar sobre generalidades: "Fulano, há quanto tempo que não o vejo? o que é que você está fazendo?" O tema banal não é um tema de nível inferior àquele sobre o qual um cavaleiro deve conversar, mas é [um tema] que não tem valor intelectual nenhum. É um puro trocar de palavras até encontrarem dentro da conversa algo em que os dois percebam que há um interesse comum em desenvolvê-lo<sup>510</sup>.

[A gente conversa sobre tema banal] sempre com cuidado, porque isto pode alimentar o gosto pela banalidade.

- [Entre cooperadores] a conversa banal se justifica desde que todos estejam com vontade de sair dela para uma coisa mais alta e não estejam encontrando a porta de saída<sup>511</sup>.

- Com os rapazes que estiverem atraindo, os senhores devem falar de temas [banais] só na medida do indispensável para atraí-los ou para prendê-los. Fora disso, não<sup>512</sup>.

- [Com um apostolando] que não tem a menor noção de como se conversa e não tem vontade de conversar, [o jeito é] a gente conversar pouco, sobre coisa pouca, até o sujeito ficar um pouco mais à vontade; e para conseguir que ele fique um pouco mais à vontade o jeito é fazê-lo falar dos assuntos que interessam a ele.

Este recurso serve para começar [a conversa] ou para evitar que a conversa fracasse por falta de assunto e os interlocutores fiquem quietos se olhando.

Mas a propósito de qualquer coisa, a gente deve [propender] a sair daquele [assuntinho].

[Agora, quando nem] isto adianta, não adianta mesmo. Quer dizer, se a gente está na presença de um paquiderme, que não diz uma palavra, a gente não deve querer conversar a tudo custo e a todo transe. Se a gente percebe que a pessoa não está querendo conversar, não se pendurar. [Permanecer] colado, desprestigia e não adianta nada.

-----  
 Depois que [isso] pega, a gente amplia o tema, trata do tema, que é sempre um tema de interesse comum entre o interlocutor e a gente.

\*

Vamos por etapas. A primeira etapa é pegar um [tema] qualquer e entabular uma primeira interlocução. A segunda etapa é, desta primeira interlocução chegar a uma que tenha certo fogo e que se mantenha. Terceira etapa é puxar a conversa para o lado doutrinário.

Quando a gente começa o jogo com um interlocutor que não seja um bicho preguiça, mas que queira conversar também, a menor das conversas acaba tendo seu atrativo, sua amenidade. E se dá este fato curioso: conversando sobre bobagem uns 10 minutos, de repente aparece sempre um tema interessante e a conversa desliza para esse tema sem querer. O encontro do tema interessante dá-se como que organicamente no trato da coisa<sup>513</sup>.

\*

A conversa, [portanto], não é só esse comezinho. Ela vai se desenvolvendo, desenrolando. Não se deve forçar o outro a tratar do tema que se quer. Se ele se sentir forçado, dizendo por exemplo: "disso eu não quero tratar, vamos ver outra coisa", está quebrada a conversa. É preciso os senhores deixarem, no começo da conversa, ele tratar do que quiser. E depois os senhores precisam ter uma arte de fazer a conversa mudar para o tema que os senhores desejam (\*).

-----(\*) É preciso saber ir variando de tema com muito jeito, de modo muito macio, sem ele perceber. Nunca se passa de um tema a outro aos pulos, como um canguru. Deve-se ver sempre um tema parecido com aquele que

<sup>508</sup> Reunião propulsores de apostolado 19/4/85 (RN 666)

<sup>509</sup> Texto sem data, do ano 1966, (RN 61), título originário "A Arte de conversar II"

<sup>510</sup> SD 6/3/70

<sup>511</sup> Texto sem data, do ano 1966, (RN 61), título originário "A Arte de conversar II"

<sup>512</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

<sup>513</sup> Texto sem data, do ano 1966, (RN 61), título originário "A Arte de conversar II"

ele introduziu, um tema próximo. Depois a gente passa para outro mais próximo de nosso objetivo. E assim, de tema em tema, tentando chegar aonde se quer.

-----

Qual é o tema que os senhores querem? O tema que os senhores devem querer é um tema que faça bem [ao apostolando]. Quer dizer, não estamos para perder nosso tempo para conversar sobre assuntos que não conduzam ao amor de Deus, de Nossa Senhora, à prática dos Mandamentos e ao combate à R.

Na conversa devemos elevar o assunto até um tema superior. [O auge ou o teto de elevação consiste em] saber sempre distinguir o que é R do que é CR em todo tema que se tratar. Partir para a diferenciação desses 2 campos. Tudo tem que ver com a R e com a CR. Não há uma coisa que não seja R ou CR.

\*

Bom, quando se chega ao tema que se quer, aborda-se o tema, mas sempre de um modo agradável. Do contrário, o sujeito não entra. Qual é o modo agradável? Vamos dizer que o sujeito se interesse pelo II Centenário da Revolução Francesa. Não se deve dizer logo: "Eu acho que a Revolução Francesa foi um mal, porque [não deviu ter acabado com] a pompa da côrte".

A maior parte das pessoas já foi mafiada contra a pompa na côrte. Resultado: se os senhores vão dizer isso, o sujeito fica implicado. Devem procurar uma coisa com a qual ele não implique. Podem dizer:

- *A Revolução Francesa destruiu uma ordem de coisas que tinha muitos aspectos bonitos. Por exemplo, não sei se você ouviu falar no lindo complemento que havia depois que o rei era coroado. Depois da cerimônia cheia de pompa dentro da catedral, havia uma fila, que chegava a ter 2 mil ou mais de certos doentes, que se admitia que se o rei tocasse no dia da coroação, ficariam curados. Então o rei passava daquela pompa enorme para o contato pessoal com cada doente. Ele tocava na parte enferma do indivíduo e dizia: "O rei toca-te, que Deus te cure". Ia dizendo isso a cada um, acompanhado de uma palavra de bondade. O povo vendo aquela cena de bondade, ao lado de tanta majestade, ficava encantado.*

Aqui os senhores vêem que está focalizado um lado da cerimônia da coroação que é agradável, atraindo a simpatia de muita gente hoje em dia.

Deve-se evitar os temas que são impopulares. A brutalidade de hoje em dia é tal, que se se for elogiar certas coisas do Ancien Regime muito bonitas, também não compreenderão <sup>514</sup>.

\*

(Como se deve fazer para que uma conversa que já atingiu o seu auge, não morra em nível baixo?)

Quando um tema se vai esgotando, deve-se passar naturalmente para um tema afim.

Vamos dizer que eu conte a alguém a história de um [famoso] general de Bizâncio, que ficou tão popular, que o Imperador Justiniano pensou: "de repente vai querer-me derrubar para se colocar no meu lugar. Então, eu preciso matá-lo."

Devo saber, quando se aproximar o fim da história, transpor para algum fato da História moderna ou dos acontecimentos atuais ou da vida de todos os dias:

- *É curioso, todo mundo está falando muito dos candidatos à Presidência da República, mas não dos candidatos a vice-presidente. Ora, a escolha de um vice-presidente não é uma coisa fácil. Você, se fosse presidente, preferiria ter um vice-presidente burro? ou preferiria ter um tal vice-presidente que quando você oferecesse uma festa, todos se reúnem em torno dele, e não em torno de você? Justiniano em relação a esse seu general estava mais ou menos como um presidente em relação ao seu vice. Ele ficou nesse embaraço. O que se deve fazer nesse caso: tem-se o direito de sacrificar um general vitorioso?*

Isso se deve pôr, não como alguém que já sabe a solução, mas como alguém que está pensando alto sobre o problema. Daí já se passou para o segundo tema, esquecendo-se da primeira parte e a conversa não morreu no nível baixo. É preciso ter todo um itinerário de temas elevados conexos entre si <sup>515</sup>.

## G. O cumprimento, arte de inaugurar e de encerrar a conversa

A arte de cumprimentar faz parte da arte de conversar. Dizer "bom dia" é a coisa mais banal do mundo, mas quanta coisa a gente diz num "bom dia"! quantos pingos a gente põe nos "i" num "bom dia"! quanta gente a gente estimula e quanta gente a gente põe numa atitude interrogatória num "bom dia"! <sup>516</sup>

<sup>514</sup> SD 22/7/89

<sup>515</sup> SD 12/8/89

<sup>516</sup> Texto sem data, do ano 1966, (RN 61), título originário "A Arte de conversar II"

O Uma coisa que caracteriza muito o sujeito logo de início, para abrir uma conversa, é o estilo de gentileza. Caracteriza muito o que é que ele tem na alma de R e CR.

Se a gente é cerimonioso com ele e ele fica contente, a gente já percebe que ele tem uma alma aberta para um trato delicado e respeitoso, e que é acessível ao elogio de certas formas de valor, por exemplo tem provavelmente certo senso estético.

A um outro que cumprimenta com um aperto de mão forte e diz "Fulano, às suas ordens", a gente não vai falar com ele sobre coisas delicadas, mas tem que manifestar diante dele força.

Para um sujeito que cumprimenta com um "tá", e na hora de ir embora só diz para o outro "Tá, tchau!" e vai embora, ou nem diz nada, a Congregação tem que mostrar eficiência <sup>517</sup>.

O cumprimento [é portanto uma] arte de inaugurar e de encerrar a conversa.

## H. Como proceder em relação a um indivíduo de mal espírito numa conversa?

Com indivíduos de mal espírito ou de má vontade (que azedam a conversa), é um erro discutir com eles, porque seria dar a eles o centro do jogo.

O que a gente faz com um sujeito de mal espírito é não dar ocasião de falar, é campanha de silêncio, é ignorá-lo com toda cortesia, e nunca zanga. [Assim a gente] deixa ele sem provas de que ele está sofrendo violência, porque essas provas ele exploraria junto aos outros.

## I. Conversando se aprende a conversar

No século XVIII, e um pouco no século XIX, havia aulas, cursos, manuais e livros de conversação. De tal maneira isso é uma coisa que se aprende.

Naturalmente, [a aprendizagem] supõe parceiros que queiram aprender o jogo. Eu pressuponho que uma pessoa diga: "o que foi patrimônio da humanidade durante séculos eu posso aprender".

[E também] supõe tirocínio (\*), como todo jogo. Todo jogo se aprende na prática e não apenas na teoria <sup>518</sup>. A arte de saber conversar aprende-se ao longo da vida, vivendo e compreendendo como ela é, como se deve fazer, como deve ser <sup>519</sup>. Assim como jogando n'água a gente aprende a nadar, pondo a pessoa na conversa, a gente ensina a pessoa a conversar <sup>520</sup>.

-----(\*) "Tirocínio" é prática, experiência. A qualidade do sujeito que é experiente chama-se tirocínio. Vem de tiro, o hábito de dar tiro e acertar no alvo. O atirador tem tirocínio. Então por analogia ...

O tirocínio [para aprender a conversar] nunca deve ser custe o que custar, mas deve ser de tímidos ensaios iniciais, que a gente percebendo que não vão, a gente volta atrás, e recomeça incessantemente. Aí a gente acaba aprendendo.

[Agora notem o seguinte]: ou essas regras são praticadas pelos Srs. dentro do Grupo, e com aqueles que sabem conversar e que querem, para adquirir um tirocínio, [ou] só com os de fora isso não se adquire. Se dentro de um grupo a conversa funciona bem, o apostolado da conversa para fora vai bem. O apostolado da conversa dentro do Grupo é mais importante para nossa vida do que conversar para captar gente de fora.

\*

[Notem que pedindo aos senhores que aprendam essas regras], eu estou pedindo pouco, porque essas regras que eu acabei de dar aqui, afinal de contas são muito sumárias. Eu não estou falando em conversa aristocrática, nem em conversa intelectual brilhante. Isso é outra questão. Eu estou falando numa conversa autêntica e animada. Eu não [tratei] de nenhuma das condições não indispensáveis mas boas da conversa --como por exemplo o vocabulário abundante <sup>521</sup>.

<sup>517</sup> Esquema da ação individual, 21/5/71 (ER 132-133)

<sup>518</sup> Texto sem data, do ano 1966, (RN 61), título originário "A Arte de conversar II"

<sup>519</sup> SD 22/7/89

<sup>520</sup> SD 21/2/87

<sup>521</sup> Texto sem data, do ano 1966, (RN 61), título originário "A Arte de conversar II"

### III. A REUNIÃO

#### A. Regras da reunião bem feita

##### 1. A reunião precisa ser sobre vários temas, para satisfazer as apetências dos diversos tipos de apostolandos

Uma vez que os [apostolandos] são misturados --tem os que chamejam de ideal, tem os que entraram por recrutamento mal feito e estão recusando, e tem os que entraram por recrutamento bem feito mas que estão assim meio águia meio coelho (cfr. "Segunda Parte, III, A")--, numa reunião o apóstolo nunca deve tratar de um só tipo de questão; ou se for um só tipo de questão, sobre aquela questão não fazer um só tipo de comentário; mas fazer uma reunião que trata de passagem ou principalmente de vários temas, conforme os vários gostos, para que cada um encontre um pouquinho do que gosta na reunião, e nunca ninguém saia de uma reunião sem ter tido um proveito. Primeiro ponto.

Segundo ponto, seja tudo feito com uma tal naturalidade que ninguém perceba.

O tesouro de temas para tratar que tem um apóstolo itinerante deve ser como um doce de cascão: tem de tudo dentro de qualquer fatia. Doce de cascão, goiabada de cascão, pessegada de cascão, é servido em geral num caixotezinho de madeira, em que se põe a fruta inteira, com casca e tudo, e forma um misto de partes moles e partes duras; e quando são frutas que tem caroços pequenos agradáveis de mastigar --como a goiaba--, coloca dentro o caroço também, e forma uma espécie de miscelânea, de balbúrdia solidificada. E a gente come aquilo.

Quando o apóstolo itinerante está falando, conversando, lendo um jornal, etc., continuamente está pensando: "Isto seria um tema bom para a minha reunião, isto interessaria fulano, isto interessaria sicrano, isto não interessaria àquele outro". De maneira tal que, quando chega a hora da conversa à noite, ele tenha o que dar. Ele colheu de várias flores uma porção de sucos, como faz o beija-flor, e ele tem um mel seletivo, uma coisa ótima para degustar. Esta pluralidade de coisas faz com que ele saiba atrair e saiba fixar. Sem isso eu não vejo meio de fixar <sup>522</sup>.

##### 2. Os temas da reunião devem ter relação com fatos concretos de atualidade

No meu tempo de congregado mariano, era a coisa mais natural do mundo anunciar com uma semana de antecedência: "tal dia vai haver uma reunião em que o padre diretor da Congregação Mariana vai falar a respeito da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade". Numa semana os interesses, as preocupações, tudo muda. No [dia combinado], na hora da reunião tem a exposição sobre o Divino Espírito Santo. A gente acesta os holofotes, recebe aquilo e vai com aquilo na cabeça.

Mas isto hoje não é mais assim. O ensino primário e secundário decaíram tanto, e a televisão de tal maneira tonteou a pessoa, que a pessoa não é capaz desta forma de disciplina psicológica.

Então é preciso que a reunião tenha sempre uma relação com a atualidade. Fazer reunião que não tenha relação com a atualidade supõe que os rapazes estejam muito mais formados do que estão hoje.

Por exemplo, os senhores querem coisa mais sem vida do que uma reunião sobre a morte em dia comum?

- *Vamos falar sobre a morte.*

- *Haaaaa! o que?!*

Mas uma vez que todo o Brasil está acompanhando os va-e-vens da doença do Presidente Tancredo Neves e percebe que de um momento para outro ele pode comparecer diante de Deus, [uma reunião sobre a morte] tem todo o sabor do fato concreto. É um tema eminentemente teórico, mas que posto em relação com um fato concreto muito flagrante, a gente pode tratar.

A gente pode tratar de um tema interno da Congregação: "aconteceu tal coisa, tal outra". Depois faz uma aplicação doutrinária, faz um desenvolvimento doutrinário, a pessoa vai tomando gosto pela doutrina. Nascerá o dia bem-aventurado em que o homem estará com a cabeça em ordem e gostará de um curso bem ordenado.

Neste sentido não seria mal que os dirigentes tomassem fatos -nacionais ou internacionais- que estão bem em vista e mandassem esquemazinhos de reunião sobre aquilo.

##### 3. Os temas da reunião e os temas das conversas devem complementar-se

[Quando] o apóstolo itinerante conversa [com os apostolandos] e todo mundo fica com curiosidade por [determinado] tema, na hora de despedir, ele [pode] dizer: "venham amanhã, que eu me proponho fazer uma pequena

<sup>522</sup> Reunião propulsores de apostolado, 5/2/85

exposição [a respeito desse assunto] e depois debate". Não esqueçam do debate. Debate é fundamental para desenvolver as faculdades mentais, o raciocínio, a dialética, etc., até o português.

No dia seguinte o apóstolo fala sobre o tema. O ideal é uma reunião que é complemento da conversa.

#### 4. Convém que entre o expositor e os ouvintes haja intermediários

O apóstolo itinerante deve ser auxiliado pelos que já estão fixados.

É indispensável que entre o que faz a reunião e os que as assistem, na reunião haja alguns que ajudem ao que faz a reunião a entrar na carne viva do auditório, e são os intermediários.

Eles acompanham com interesse; se proibem a si próprios de prestar atenção em outras coisas durante a reunião; quando vêem alguma coisa que eles gostam, dão algum pequeno sinal discreto que outros percebem de que aquilo é para gostar, que aquilo é bom; às vezes se voltam para um e para outro e dizem: "hum, olha lá, hein", para estimular.

São dentro da reunião o que é o sal na culinária.

Com isso, os que estão longe vão sendo gradualmente atraídos; e os que estão [perto] começam a adquirir o hábito de frequentar <sup>523</sup>.

#### B. Os apostolandos precisam conhecer bem a doutrina católica e se exercitar na análise e crítica do mundo contemporâneo

[Os rapazes] entram com um pinguinho de doutrina católica na cabeça. Precisam conhecer bem a doutrina católica --pelo menos as noções elementares do catecismo, das vidas dos santos, etc. Porém, não precisam ser grandes especialistas.

Aí entraria junto os mártires, os heróis, a Cavalaria, etc.; de vez em quando misturar nisso um [aprofundamento] sobre tal ponto em São Luís Grignon de Montfort, tal ponto em Dom Chautard, etc.; apreciações da vida moderna, do mundo moderno (\*).

-----(\*) [Neste sentido os "Recortes do Dia" serviriam para] tomar os acontecimentos que tem interesse especial e vocês irem comentando com eles. Seria uma reuniãozinha para eles irem se habituando a criticar as coisas que eles vêem em torno de si. E sempre pedir para eles acrescentarem alguns fatos que eles tenham visto, por exemplo, nos últimos 15 dias. [As mudanças no terreno das modas, dos costumes, etc.], a gente pede que um analise, que outro analise, depois a gente analisa também. Para habituá-los ao espírito de análise e de separação <sup>524</sup>.

É preciso [fazer os apostolandos] contarem para os senhores todo dia o que é que se passou na luta deles contra o ambiente (cfr. "Quarta Parte, I, letras F, H e I"). De maneira que nunca falta tema para reunião à noite, porque convida a falar os outros sobre eles mesmos. Nessa hora a conversa pega fogo porque todo mundo gosta de falar de si.

O erro de muito apóstolo itinerante é começar a falar de si mesmo: "eu penso isto, eu acho aquilo, eu cheguei a tal conclusão". Eles não estão lá para ouvir falar dos senhores, eles estão lá para falar sobre eles: contar como foi no colégio, como foi no não sei o quê. Ouvir os outros contarem também. Aí os senhores fazem o comentário e aí os senhores reúnem a sua gente <sup>525</sup>.

-----

#### C. As historietas e "leçon des choses" despertam o apetite dos apostolandos

(As historietas tem dado certo para despertar a atenção dos apostolandos). Balduino IV é o ideal para eles.

(Também os probleminhas tem se manifestado muito úteis nesse sentido. Por exemplo, se a galinha pudesse pensar quando chegasse a hora dela morrer e ir para a panela, deveria ficar triste ou alegre? Ou então: numa família que

<sup>523</sup> Reunião propulsores de apostolado, 19/4/85 (RN 666)

<sup>524</sup> Reunião encarregados do apostolado na Espanha 3/10/89

<sup>525</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

só tem dinheiro para uma pessoa ir para a Europa, o que é que é mais normal: uma pessoa ir, depois todos os outros aproveitarem, ou se não podem ir todos não vai ninguém. É o problema do igualitarismo).

Se nós tivéssemos uma pessoa que soubesse inventar probleminhas de conteúdo, no fundo, metafísico, daria neles um apetite enorme. Aí a tal fome de Deus se despertava. Aí eles aproveitam muitíssimo, pois tem a sensação de estarem tocando com as mãos numa esfera de realidades que não sendo assim eles não conseguem captar <sup>526</sup>.

#### **D. Para os "aproximandos", 1 ou 2 reuniões por semana, e 1 período de conversa-mole sobre temas não-mole**

[Na sede], além de uma ou duas reuniões por semana [para os apostolandos em fase de aproximação], seria preciso [estabelecer] um período de conversa mole sobre tema não-mole.

Uma coisa é a conversa mole, e outra coisa é a conversa mole sobre um tema não-mole <sup>527</sup>.

#### **E. Nossa "ratio studiorum". Normas para um curso CR de história**

Nós poderíamos elaborar uma *ratio studiorum* contra-revolucionária, tomando em consideração a RCR, e feita para o homem atual.

Seria um curso secundário fazendo abstrair inteiramente as matérias daqui. A matéria fundamental seria história --história é fundamental hoje em dia para desintoxicar--, narrada e comentada ao mesmo tempo. E cursos paralelos para compreender bem a história.

Daí o indivíduo, se correspondesse à graça, deveria sair com apetência para estudar metafísica, teologia da história, guerra psicológica revolucionária e matérias assim.

A história deveria ter objetivos cumulativos:

O primeiro ano deveria começar, não por Adão quando saiu do Paraíso, mas pelas Cruzadas --e o curso de catecismo deveria começar pela devoção da Nossa Senhora segundo São Luís Grignon de Montfort--, para produzir o arrepio histórico.

O segundo ano seria a extensão desse entusiasmo para as duas pontas da história: o que ficou para atrás das Cruzadas e o que ficou para além das Cruzadas.

3ro. ponto: Depois mais adiante a história que some. O entusiasmo, a reflexão e a crítica do contrário.

4to. ponto: Séculos XVIII, XIX e XX. [Quer dizer], a Revolução para cá.

A reflexão é bonita enquanto serve à luta. Servindo à luta ela é filha do entusiasmo. O entusiasmo sobre as coisas evidentes cria maturidade para analisar e procurar aquilo que não é evidente <sup>528</sup>.

#### **F. Como estudar e como dar um curso sobre a Revolução Francesa**

Uma vez que a Revolução Francesa é um elemento capital de apostolado, vários rapazes me têm perguntado como estudar e como ensinar a Revolução Francesa. As duas perguntas são conexas, [porque] se a Revolução Francesa foi bem estudada, ela será bem ensinada.

#### **1. O eixo da questão gira em torno das objeções que os apostolandos tem a respeito do tema**

Para todos os problemas de apostolado dessa natureza, eu aconselho aos senhores que procurem definir quais são os obstáculos que vão encontrar e os senhores saberão resolver o problema. Quando os senhores querem encontrar a verdade, procurem onde está o erro, porque ele se mostra muito mais do que a verdade, ele é despuadorado. A gente o encontrando, toma um molde no sentido oposto e sai a verdade.

Então, aplicando aqui este método inerente à elaboração intelectual da Congregação, eu vou fazer a lista das objeções que um [apostolando] terá quando os senhores começarem a falar da Revolução Francesa. Os senhores deverão saber destruir essas objeções. E [para destruir essas objeções, os senhores, ao estudar este tema], deverão procurar aquilo que é capaz de destruir as objeções. Os senhores verão que nasce a verdade.

Bom, mas também é preciso conhecer as objeções dos mais velhos. Porque os jovens junto aos quais os senhores fazem apostolado vão falar em casa e em casa as objeções dos mais velhos vão impressionar os jovens.

<sup>526</sup> Texto sem data 3, (ER 129), título originário "As 3 vertentes, os 2 mitos, o papel das historietas e probleminhas"

<sup>527</sup> Despachinho 19/4/85

<sup>528</sup> Almoço 19/12/82

## 2. Objeções de quem recusa abordar o tema da Revolução Francesa

1) O anacronismo do tema: "Isto é uma coisa que se passou há muito tempo, há quase 200 anos, é um fato velhíssimo!" A gente deve procurar fatos que provem que a Revolução Francesa é a grande parábola da história do Ocidente decadente, é um acontecimento que contém lições para todos os séculos, e que a todo momento há situações políticas que repetem de algum modo as da Revolução Francesa.

Por exemplo, a conduta de Nixon diante da contestação nos EUA, tem muitos traços semelhantes com a imprevidência e a moleza de Luís XVI diante da Revolução Francesa que vinha subindo. A ferocidade da contestação que vai subindo nos EUA tem muito de semelhante com a ferocidade da Revolução Francesa. Semelhante não só porque é parecido, mas porque há uma unidade de espírito entre uma coisa e outra, que produz em épocas diferentes efeitos análogos.

Então, a propósito de fatos contemporâneos, é preciso saber contar fatos que provem isto. Em vez de dar doutrina --nem sempre se pode-- dizendo: "todas as coisas da Revolução Francesa se parecem com as de hoje", a gente dá uma analogia na ocasião que pega. E assim, nas ocasiões que vão se apresentando, vai dando uma coisa, vai dando outra.

2) O caráter circunscrito do tema: "a Revolução Francesa é um episódio da História da França. Seus efeitos, suas influências expiram no território francês. Se um francês não vai estudar Tiradentes, por que é que eu tenho que estudar Robespierre? Eu vou estudar a revolução brasileira, não vou estudar a Revolução Francesa."

[Neste caso] é preciso estudar procurando fatos que provem que a Revolução Francesa se estendeu a todo o Ocidente e depois a todo o Oriente. E que se hoje a China, o Vietcong ou o Chile são comunistas, deve-se à Revolução Francesa.

3) A insipidez do tema: "Eu gosto de fatos cheios de aventuras, cheios de suspense. Lá vem você com a inauguração dos Estados Gerais por Luís XVI, uma cena magnífica, mas parada. A sua Revolução Francesa serve para o museu de cera."

Bem, a Revolução Francesa é cheia de fatos heróicos e de um suspense incomparável, (quer do lado da CR, quer do lado da R). A fuga de Varennes por exemplo. É preciso conhecê-los e narrá-los.

4) "A Revolução Francesa tem um montão de assuntos confusos; é um tropel de gente que entra, que corre, que morre, que mata, uns pulam em cima dos outros. Ninguém entende esse mata-mata geral. Não é possível pôr em ordem isso. Eu não vou entrar nessa Babel cheia de saque. Eu gosto da minha vidinha agradável".

Bem, o [apóstolo deve] saber dar um quadro geral da Revolução Francesa: "teve tantas fases, tais datas, tais grandes linhas gerais, foi progressiva em tais pontos". Quer dizer, rapidamente reduzir aquilo a uma unidade de acontecimentos, para a pessoa entender logo.

5) "É assunto já julgado. Não oferece nada de novo, porque já está visto o que é. De maneira que não há razão para recomençar esse assunto. É uma questão encerrada".

[Aqui] é preciso citar autores contemporâneos --Funk Brentano, Pierre Gaxotte por exemplo-- que põem dúvidas a respeito dessa mentira.

## 3. Objeções de índole histórica a respeito do Ancien Regime

1) "A monarquia era absoluta, quer dizer, o rei dispunha da vida e dos bens de todos os cidadãos, conforme quisesse. Não havia tribunais, não havia nada que resistisse ao rei. O rei dominava tudo." A resposta é que o poder do rei era limitado pela jurisdição da Igreja, pela autonomia do Judiciário, pelos estados provinciais e gerais, franquias municipais, privilégios corporativos e privilégios nobiliárquicos. Quer dizer, não é verdade que fosse uma monarquia absoluta.

O Parlamento, como aliás vários outros órgãos do Estado, tinha o direito de fazer as chamadas "remontrances" ao rei, que eram críticas oficiais ao rei. Sem falar que se publicavam coisas contra o rei muitas vezes, e que não eram punidas. Hoje, pelo contrário, qualquer Chefe de Estado, mesmo dos Estados liberais, enquanto ele está no poder, tem muito mais atribuições do que tinha Luís XIV.

2) "Os nobres tinham todo o dinheiro e os plebeus viviam na miséria, trabalhando para os nobres".

A verdade é que as grandes fortunas, as profissões mais lucrativas, estavam em mãos dos plebeus --a burguesia faz parte da plebe.

Os trabalhadores manuais não viviam na miséria. Houve crises econômicas, por causa de geadas, de intempéries, etc. Mas isso era inevitável. Nessas ocasiões todo mundo apertava o cinto, o nobre como o plebeu.

3) "As leis eram de uma ferocidade inaudita, e as penas também".

Resposta: as leis daquele tempo eram mais severas que as leis de hoje, não porém do que as polícias de hoje. É uma diferença muito grande. Mesmo assim, muitas leis eram mais brandas. Por exemplo, não há uma prisão hoje branda como a Bastilha, ao contrário do que se diz. Naturalmente aí há uma porção de coisas para discutir. Por exemplo, o sistema de marcar certos criminosos a ferro com uma flor de lis, não é uma operação agradável. Mas se a gente toma em consideração que naquele tempo não havia anestésicos e que todas as operações eram assim, a frio...

4) "As tentativas do povo de melhorar a sua sorte eram afogadas em sangue".

Não houve revoluções sociais no Ancien Régime, porque não houve tentativas para acabar com os privilégios da nobreza. Houve apenas motins, por casos concretos, que eram reprimidos como todo motim.

5) "A corte vivia na depravação".

Era uma depravação que faria sorrir em qualquer capital moderna. Sorrir de anacrônica, de moderada, de inocentona. Havia figuras depravadas na corte e havia pessoas de uma extraordinária virtude. O Papa Pio VI declarou que Luís XVI e Maria Antonieta foram mártires.

#### 4. Objeções de índole histórica a respeito da Revolução Francesa propriamente dita

1) "Foi um movimento magnífico, heróico, espontâneo de um povo justiceiro". A resposta é o contrário. Não foi do povo, mas foi um acesso de selvageria de uma minoria de bandidos conspirando.

[Aqui deve-se tratar moderadamente do papel da maçonaria, para evitar que o apostolando pense que somos uns maníacos do assunto] sociedades secretas: "eles explicam tudo pela maçonaria". [O jeito é] narrar os fatos e dizer: "Olha, houve essa coincidência, houve aquela outra, por incrível que pareça houve aquela outra". Depois que a gente martelou isso, diz: "Bem, haverá uma conjuração atrás disso? Os bons historiadores dizem que sim. E no que é que eles se baseiam? bababa-bababa-baba." Dá toda a doutrina. Depois: "Aliás, foi o que disse a Santa Sé em tal documento condenando a maçonaria, o Papa ..... em 1730 já previa as revoluções que viriam para a Europa, etc." Depois fala de São Pio X e das conjurações do modernismo, fala do IDOC e dos grupos proféticos.

2) "Se teve abusos, foram pequenos em comparação com os abusos que eliminou".

É só dar o números de mortos, de confiscos, de sacrilégios, as dívidas com que a França ficou por causa das guerras que a Revolução provocou, e a gente compreende que é o contrário: um rio de sangue.

3) "Fundou um mundo novo, muito mais livre, muito mais igual, muito mais evoluído".

Resposta: deu origem a este mundo que está ruindo: comunismo entrando por toda parte, hippysmo, contestação, guerras, agitação, caos. Foi esse o mundo que fundou.

#### 5. Objeções de índole doutrinária

1) "A união entre a Igreja e o Estado, do Ancien Régime, é um mal". Quer dizer, é preciso ser laico. 2) "Só o sufrágio universal governa bem, e é o governo legítimo".

3) "Todas as desigualdades são injustas".

Bom, estas mentiras doutrinárias já foram muito estudadas entre nós. [De maneira que não vale a pena tratar delas aqui] <sup>529</sup>.

#### G. Reuniões de virginização

##### 1. Razão de ser deste tema. Em que medida, como e quando abordar o tema?

<sup>529</sup> SD 9/7/71



Nunca deixem de tratar da pureza com aqueles com quem os senhores fazem apostolado. Porque a maior dificuldade que há por detrás das cabeças, não é doutrinária, mas é a questão da pureza. Se a pureza fosse fácil e todo mundo nos aplaudisse, a Congregação tinha 100 mil membros, logo de cara <sup>530</sup>.

A maior parte das pessoas quando degradinga é por causa de razões de pureza. Pelo contrário, a pessoa muito fiel em matéria de pureza, é quase impossível decair. A pureza é a chave de toda a vida espiritual <sup>531</sup>.

A falta de [bons conselhos a respeito disto] está na raiz de freqüentes apostasias <sup>532</sup>.

Mas a pureza é talvez o único tema sobre o qual se deve conversar pouco. Porque conversa sobre pureza facilmente degenera. Sobretudo se é conversa entre dois(\*).

-----(\*) É preciso criar um clima onde um rapaz nunca se sinta obrigado a vir falar com os senhores. Venha se quiser. [E se vir, é preciso que] ele sinta que será tratado com todo respeito e bondade, por maior que seja a fraqueza que ele revele. O que [o rapaz] conta, aceitem e ouçam com uma caridade atenciosa; mas não estejam perguntando, nem entrando em pormenores, nem investigando a vida dele.

Se na cidade existe um padre à maneira de nosso virtuoso Cônego, devemos encaminhar o rapaz a ele. Se são padres à la moderna, é melhor não falar, porque nós sabemos o que vão dizer.

-----

O verdadeiro é expor em reunião, mas não como matéria obsessiva (\*), qual é a razão da pureza, por que é que existe o sexto e o noveno mandamentos, por que está na sabedoria e na bondade de Deus dar estes mandamentos, por que é que o homem deve amar e admirar a virgindade, por que é que sendo o ato [procriativo] legítimo --quando praticado no casamento-- entretanto é belo abster-se dele <sup>533</sup>.

-----

(\*) Ao tratar da questão da pureza, e portanto da sensualidade, nós devemos evitar duas posições erradas.

Uma é a que se adotava há uns 50, 100 anos atrás. Os pais, os professores, os mestres, jamais abordavam o assunto da pureza com seus filhos, com seus alunos, com seus dirigidos. Nas aulas de catecismo apenas se fazia a isso uma referência passageira <sup>534</sup>.

[A outra posição], muito mais errada e muito mais grave, é dos católicos progressistas que tratam da questão da pureza a todo propósito, como uma espécie de idéia fixa, em termos baixos que despertam a sensualidade. Esses "cursos de iniciação sexual" dão mais a idéia de um curso de iniciação para a impureza, do que um curso de formação da pureza. [Essa "educação sexual"] é completamente errada, porque não incute o mais importante, que é o pudor. O pudor é a vergonha, a discrição, eu quase diria a timidez que o homem deve ter ao tratar desses assuntos, por causa dos desregramentos da natureza humana ocasionados pelo pecado original. Tirando o sentimento de pudor e a sensação da sobrenaturalidade da castidade, nenhuma formação da pureza é verdadeira <sup>535</sup>.

Entre essas duas posições está a posição indicada pela Papa Pio XII na encíclica "Casti Conubii", em que ele [diz] que o tema da pureza deve ser tratado com elevação de linguagem, mas com toda a clareza, em auditórios em que estejam presentes pessoas de um sexo só <sup>536</sup>.

-----

A impureza é preciso tratar mais por alto. Não tanto falando da impureza em si mesma, mas da impureza como ponto de partida de todos os males. Porque a impureza em si mesma é tão impura, que ela tem que ser pega pelas pontas dos dedos, não se pode aprofundar muito. Por exemplo, temas degradantes como a homossexualidade, etc., é preciso falar o mínimo, para dizer que é péssimo, que é pecado contra a natureza, ta-tá, e muda de assunto <sup>537</sup>.

Agora, os senhores precisam ver como são [os apostolandos], adaptem [a reunião ao modo de ser deles], e descerem ao concreto <sup>538</sup>.

Devem abordar o problema, não logo no começo, mas depois que a pessoa começa a tomar um certo contato com a Congregação.

É sempre com muito respeito para com a pessoa. Evitem dar à pessoa a impressão de que os senhores estão a desprezando porque ela é impura. Falem com muita força contra a impureza, mas com muita consideração para não

<sup>530</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327 )

<sup>531</sup> SD 26/8/75

<sup>532</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

<sup>533</sup> Reunião propulsores de apostolado 19/4/85 (RN 666)

<sup>534</sup> Auditório Santa Sabedoria, 26/1/67

<sup>535</sup> Auditório Santa Sabedoria, 26/1/67 e Rua Pará 1/11/65

<sup>536</sup> Auditório Santa Sabedoria, 26/1/67

<sup>537</sup> Reunião propulsores de apostolado 19/4/85 (RN 666)

<sup>538</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

ofender ninguém, e nunca por exemplo dizer o seguinte: "bem, se você é impuro...". Mas dizer: "se um rapaz é impuro", "se um rapaz caiu", "se fôssemos impuros", "se tivéssemos caído" <sup>539</sup>.

## 2. Castidade absoluta e castidade matrimonial. Castidade do corpo e castidade da alma

A castidade tem 2 formas, modos de ser ou graus: a castidade absoluta --ou perfeita--, e a castidade conforme o estado --ou matrimonial. A castidade absoluta é a virtude praticada por aquele que se abstém completamente de qualquer ato sexual.

A castidade segundo o estado é a dos casados. A castidade matrimonial é daqueles que contraem justas núpcias e desta maneira assumem o encargo de multiplicar a espécie humana e de educar os seus próprios filhos. O casado pode praticar licitamente o ato sexual com a sua esposa ou marido, com mais ninguém <sup>540</sup>.

\*

A castidade tem dois elementos: a castidade do corpo e a castidade da alma. A castidade do corpo é a abstenção do ato sexual, ou a limitação do ato sexual quando se trata de casados.

Pela castidade da alma a pessoa não pensa sequer no pecado da impureza, evita qualquer reflexão, qualquer olhar, qualquer perfume, qualquer contato que possa despertar a apetência sexual.

É claro que a castidade da alma é o fator mais importante para a castidade do corpo. Quem tem a alma pura pode ter energias para manter o corpo puro; quem não tem a alma pura, se expõe ao risco gravíssimo de tanto desejar o pecado de impureza físico, que acaba caindo. E como a alma vale mais do que o corpo, pode se dizer que a pureza da alma é mais preciosa aos olhos de Deus do que a pureza do corpo <sup>541</sup>.

## 3. Razão de ser da castidade e do celibato do membro do Grupo

Um membro do Grupo é por definição uma pessoa casta, em cuja alma, portanto, não deve caber a impureza <sup>542</sup>. A Congregação, sem impor, recomenda o celibato absoluto aos seus membros <sup>543</sup>.

Mas por que um membro da Congregação, e mais especialmente um apóstolo itinerante, deve ser casto? E em segundo lugar, por que ele deve ser célibe, por que não deve casar?

São duas coisas diferentes. Mas só compreende bem a segunda pergunta quem entende a primeira. Quer dizer, é preciso compreender bem a razão de ser da castidade (\*).

-----(\*) NB: Para evitar que o leitor se extravie ao estudar a longa série de textos que continuação são transcritos, permitase-nos indicar o fio condutor da exposição:

A razão de ser da castidade, "in genere", é descrita em função de 2 pontos: os efeitos do pecado original sobre o instinto de procriação e as vantagens que a castidade traz para o ser humano. As glórias inerentes à castidade fazem parte das vantagens, mas foram colocadas em outro item para maior clareza da exposição.

Na conclusão, é descrita a razão de ser da castidade "in concreto" do membro do Grupo <sup>544</sup>.

### a. O instinto de procriação é bom em si, mas precisa ser regulado pela razão

O instinto da procriação, considerado em si mesmo, faz parte da natureza humana, faz parte do sentido do tato, e é bom. Corresponde ao meio pelo qual o homem realiza o mandato que Deus deu a nossos primeiros pais: "crescei e multiplicai-vos, enchei toda a terra".

Entretanto, razões absolutamente evidentes tornam necessário que o exercício deste instinto seja muito circunscrito, muito regulado. Porque depois do pecado original todos os instintos do homem foram sujeitos a uma certa depravação e é preciso que a razão humana esteja continuamente contendo este falseamento. Senão, o homem, movido por um instinto muito bom, faz coisas péssimas.

<sup>539</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

<sup>540</sup> SD 17/3/84 e SD 26/8/75

<sup>541</sup> SD 26/8/75

<sup>542</sup> SD 17/2/71

<sup>543</sup> SD 10/5/71

<sup>544</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)

Os senhores querem uma coisa melhor do que o instinto de conservação? Entretanto, os senhores querem uma coisa mais ridícula, mais capaz de desprezo, do que um homem que não sabe enfrentar o perigo porque não quer dominar o instinto de conservação? Não há nenhum dos senhores que não despreze um soldado que foge durante a guerra. Ora, o que é que esse soldado faz? Ele obedece ao instinto de conservação.

A bebedeira afinal de contas também corresponde a um dos instintos do homem. Mas ele abusa disso e dá então no ébrio, que é a coisa mais repelente que se possa imaginar.

E assim por diante, todos os vícios que o homem tem são o resultado de instintos que não se deixam dominar pela razão<sup>545</sup>.

## **b. Efeitos do pecado original sobre o sentido do tato. Vantagens do homem puro sobre o homem impuro**

Na escala dos sentidos do homem, o tato é o menos cognoscitivo<sup>546</sup>, é o que menos favorece o conhecimento do mundo externo e menos favorece as funções da alma. Quer dizer, a coisa menos inteligente, mais distante da inteligência, que é o simples pegar as coisas, é aquilo que pelo tato se pode obter<sup>547</sup>.

Sendo o sentido menos cognoscitivo, ele é o menos nobre dos sentidos e também o que está mais próximo da matéria.

Por causa disso o prazer do tato é o prazer menos elevado que existe no homem, o prazer em que o espírito tem menor participação e em que o corpo tem maior participação.

Facilmente se compreende que sendo este o sentido menos elevado, também foi o sentido mais atingido pelo pecado original.

Daí vem o fato de que o prazer do tato e a apetência do tato se apresentam no homem vulnerado pelo pecado original num estado de desbragamento, num desejo de paroxismo, numa veemência, que faz com que o homem ceda mais facilmente a este sentido do que a todos os outros<sup>548</sup> (\*).

-----  
 (\*) Este instinto é o que mais facilmente leva o homem para toda espécie de desordem, para toda espécie de ação ilícita<sup>549</sup>.

Os casos de todos os tempos provam isto. Se nós fôssemos tomar nota das guerras, das revoluções, das crises políticas, dos crimes, das perdas de fortuna, das dissensões ocasionadas pelo abuso do instinto sexual, isto não acabaria mais. São continuamente paixões ilícitas que levam reis a entrarem em guerra contra reis, povos a se revoltarem contra os seus reis, famílias a [se] desunirem entre si, pessoas a cometerem crimes, etc.

De tal maneira que há a seguinte regra constante: Onde existe a impureza, o policiamento tem que ser fortíssimo. Onde existe a pureza, o policiamento pode ser quase nenhum. Num baile de carnaval com 200 pessoas, tem que haver pelo menos 5 guardas bem armados. Numa procissão com 50 mil pessoas, uma meia dúzia de guardas para dirigir o trânsito basta, porque o ambiente de uma procissão é um ambiente de pureza. O ambiente de um baile de carnaval é um ambiente sem pureza, e aonde está a impureza se desenvolve todos os vícios e todas as violências. E pelo contrário, onde está a pureza, tudo é moderado, tudo é ponderado, tudo é criterioso, tudo obedece a uma regra<sup>550</sup>.

-----  
 Daí também vem o fato de que quando o homem cede [aos apelos] do sentido do tato, o império da alma se debilita e o poder do [corpo] se desenvolve no conjunto alma-corpo do homem<sup>551</sup>. Os direitos da alma vão desaparecendo ao mesmo tempo que [o corpo] vai comunicando algo da animalidade ao espírito; o espírito então se degrada e se desbota<sup>552</sup>; e o homem fica muito voltado para as coisas carnis, palpáveis, sensíveis<sup>553</sup>.

[É por isso que] o homem que se entrega ao vício da impureza fica um homem materializado. Em geral a sua inteligência diminui, porque ele perde o gosto do estudo, perde aquela força de se concentrar em assuntos elevados -- tudo quanto é elevado lhe causa tédio--, perde o gosto pela abstração --sem a qual não existe vida de inteligência--, o raciocínio se torna cambaleante e pouco penetrante, a fantasia começa a dominar e a invadir a alma. E a sua vontade se torna mole.

<sup>545</sup> Rua Pará 1/11/65

<sup>546</sup> SD 5/3/70

<sup>547</sup> Rua Pará 1/11/65

<sup>548</sup> SD 5/3/70

<sup>549</sup> Auditório Santa Sabedoria, 26/1/67

<sup>550</sup> Rua Pará 1/11/65

<sup>551</sup> SD 5/3/70

<sup>552</sup> Auditório Santa Sabedoria 26/1/67

<sup>553</sup> SD 5/3/70

A impureza vai fazendo do homem aquilo que a Escritura chama "animalis homo", o homem animal, o homem bicho, o homem matéria, que não percebe as coisas de Deus.

É por causa disso que todas as civilizações afundaram com a enorme cumplicidade da impureza.

O contrário é com a pureza. A pureza é a força de alma pela qual o homem ama a sua própria dignidade --o espírito tem uma dignidade imensamente superior à da matéria-- e gosta de lutar e dominar a matéria nos seus devidos limites. E gostando de dominar a matéria, se defende contra o vagalhão da impureza.

Daí vem a força do homem espiritual. Ele sabe tratar bem a matéria, porque a matéria é boa e foi criada por Deus. Ele sabe, portanto, cuidar da sua saúde, ele sabe tomar o repouso necessário para o seu corpo, ele sabe proporcionar ao que São Francisco de Assis chamava "o irmão corpo" até um razoável prazer. Mas ele estabelece um limite. Ele sabe que o homem foi concebido no pecado original e que o corpo a toda hora está querendo coisas que não deve: ou quer comer demais, ou quer beber demais, ou quer ficar demais deitado, ou quer ouvir demais música, ou quer cheirar demais perfume.

A sua principal luta é contra as desordens do menos elevado dos sentidos.

Ora, as melhores condições para ele manter essa luta são exatamente o estado de castidade perfeita <sup>554</sup>(\*).

-----(\*) Embora nossas almas constituam com nossos corpos uma só pessoa, que é a pessoa de cada um de nós, nós somos constituídos de dois elementos desiguais, dos quais um é tão superior em relação ao outro, que é quase à maneira de Deus para com a criatura.

Se isto é assim, eu devo querer que este conjunto esteja em ordem, e a ordem é o completo domínio da alma sobre o corpo, de maneira tal que o corpo esteja a serviço da alma e nunca a alma a serviço do corpo, e que a alma possa realizar toda a sua missão, em toda sua grandeza, sem que jamais uma solicitação inferior do corpo a diminua ou a condicione de um modo limitativo e deprimente em qualquer sentido.

Agora, a suprema qualidade para que essa harmonia exista é a castidade <sup>555</sup>.

-----

O homem casto adquire um domínio sobre si, uma transparência de espírito, que repercute até na sua inteligência, que fica mais destra, mais clara; os seus pensamentos são mais definidos <sup>556</sup>; [o homem casto] facilmente abstrai do que tem em torno de si e tem o olhar concentrado em coisas superiores <sup>557</sup>; a sua capacidade de expressão fica mais corrente, mais lógica; as suas ações são mais coerentes, simplesmente porque ele pratica a pureza! <sup>558</sup>

\*

O homem espiritual, o homem aberto para as coisas do espírito, o homem puro, o homem que não é carnal, tem os meios de perceber o que se passa nas almas. O seguinte trecho de São João da Cruz ("Subida del Monte Carmelo", nro.12, BAC, Vida y obras de San Juan de la Cruz, pag.661) põe em evidência isso:

*Pero es de saber que estos que tienen el espíritu purgado --purgado é o espírito limpo de toda espécie de coisas carnis--, con mucha facilidad naturalmente pueden conocer --quer dizer, no plano natural, sem recursos sobrenaturais--, y unos más que otros, lo que hay en el corazón o espíritu interior --espírito interior é a vida moral, o fundo da alma, quer dele, quer dos outros-- y las inclinaciones y talentos de las personas, y esto por indicios exteriores, aunque sean muy pequeños, como por palabras, movimientos y otras muestras.*

É uma coisa que vai tanto contra a doutrina heresia branca do juízo temerário, como mais eu não sei dizer.

O homem puro conhece em toda a medida o que à sua natureza é dado. Claro que se ele não é muito inteligente, ele não vai ver muita coisa. Mas pela pureza ele poderá ver tudo quanto, dentro de seus recursos mentais, lhe será dado.

A pureza portanto é um veículo indispensável para ver a R e a CR [nas almas].

Agora, qual é a técnica que o homem puro segue para ver isto? É a técnica que o Grupo costuma recomendar: "por indicios exteriores, aunque sean muy pequeños, como palabras, movimientos y otras cosas". Às vezes o Grupo por um olhar, por uma inflexão de voz, tira uma conclusão. Isso é exatamente o requinte da pureza. E quanto menor é o indicio que ela sabe interpretar, tanto mais ela se mostra requintada. O requinte do senso médico não consiste em perceber a doença por um pequeno indicio? O próprio do cretino é que precisa muita prova para ver. O próprio do homem lúcido é com pouco perceber muito.

Bem, continua: *Porque así como el demonio puede esto, porque es espíritu, así también lo puede el hombre espiritual, segun el dicho del Apóstol, que dice: "el hombre espiritual juzga a respecto de todas las cosas" (1 Cor. 2,15).*

<sup>554</sup> Auditório Santa Sabedoria 26/1/67

<sup>555</sup> Reunião para Eremita São Paulo Apóstolo 14/9/71 (ER 135)

<sup>556</sup> SD 15/12/84

<sup>557</sup> SD 10/5/71

<sup>558</sup> SD 15/12/84

É uma coisa fabulosa para justificar o Grupo: deita julgamento a respeito de tudo. A recíproca não é verdadeira: a gente [que] julga a respeito de tudo, é espiritual. Mas que o homem espiritual julga a respeito de tudo, não tem dúvida.

Vamos para frente: *Y otra vez dice: "El espíritu penetra todas las cosas, hasta las cosas profundas de Dios" (1 Cor. 2,10).*

Quer dizer, o homem espiritual percebe os mistérios de Deus, como é que a Providência costuma agir, quais são as regras pelas quais se percebe o que vai acontecer à vista dos hábitos de Deus. Isso é perscrutar as profundidades dos mistérios de Deus. Isso é próprio do homem puro.

*De donde, aunque naturalmente no pueden los espirituales conocer los pensamientos o lo que hay en el interior, por ilustración sobrenatural o por indicios bien lo pueden entender.*

Quer dizer, não é propriamente uma inspiração, mas é uma força que lhes vem de Deus, de por indícios perceberem. É então uma coisa que amplia as possibilidades da natureza. Existe uma graça portanto, que é a graça do discernimento dessas coisas.

*Y aunque en el conocimiento por indicios muchas veces se pueden enganar, las más veces aciertan.*

Isso eu acho magnífico, porque alguém pode objetar: "olha, de repente você se engana". Está bom, isso quer dizer que eu não faça uso dessa ilustração que Deus dá?

*Mas ni de lo uno ni de lo otro --no ponto sobrenatural e no ponto natural-- hay que fiarse, porque el demonio se entromete aqui grandemente y con mucha sutileza, como luego diremos, y así siempre se han de renunciar las tales inteligencias.*

Quer dizer, essa ilustração de Deus nós devemos receber com muito discernimento por sua vez, porque há possibilidade de a gente se enganar numa coisa ou noutra, por causa do demônio.

É a mesma coisa que ele recomenda com visões, com revelações, com fenômenos da vida mística, etc.

\*

[Bom], São João da Cruz diz que o homem puro naturalmente vê [tal e tal coisa]; depois que há uma graça acima e fica dotado de um sexto sentido, que é o discernimento do que se passa na cabeça dos outros.

Ora, esse sexto sentido é o que há de mais precioso para a luta criteriológica, para a luta política, para tudo. Pode [haver] algo que torne o homem mais forte do que ele ver o que se passa na cabeça do adversário e o adversário não vê o que se passa na cabeça dele? É uma compensação do fato de os filhos das trevas serem forçados, tarzanescos.

Se compreende então que o verdadeiro católico tem todas as condições de vitória. Ele luta com as armas da sutileza, com as armas do espírito. A verdadeira formação católica dá um homem de alto porte e altamente capaz de lutar. Apesar da força aparente do Esaú.

Se nós fossemos verdadeiros filhos da luz, não havia meio dos filhos das trevas nos pegarem. Nossa superioridade passaria pelos poros, de costas a nossa nuca teria uma expressão mais inteligente que os olhos deles, para dizer tudo de uma vez só. Todos os nossos complexos provém da falta de fé nestes princípios que eu estou dando aqui.

[Quando eu ouço um filho da luz explicar como foi derrotado por um filho das trevas, dizendo por exemplo] "ele me encontrou e me olhou [de tal jeito]", tendo vontade de dizer: "e onde é que andava a sua fé que tenha sido possível ele te olhar? você devia refulgir como um sol que não se ousa olhar de frente! Não me venha com nhe-nhe-nhe, você é um católico pulha que não tirou de sua fé os recursos necessários. Não venha culpar a Deus, que apoia àqueles que se apoiam nEle".

\*

Há uma outra coisa muito bonita ligada com isto. É que o olhar do homem puro não só percebe, mas fala. E às vezes fala mesmo, o sujeito [que foi olhado] não escapa, entendeu o que era aquilo. O divino exemplo disso é NSJC. Quando é que alguém disse tanto quanto Ele olhando para São Pedro?

Outro [exemplo] é Nosso Senhor olhando para Judas. Num olhar desses, que graça passou?

O último olhar de Jesus antes de morrer naturalmente foi dado a Nossa Senhora. Isso nem se discute. Olhar embaçado já pela agonia, mas ainda olhar. A gente pode admitir como provável que tenha sido a súmula de todos os olhares dEle no mundo. O que Ele então deitou a Nossa Senhora de queixa pela dor dEle, de pena da dor dEla, de afeto e de divino respeito pela Mãe dEle, é uma coisa que não tem palavras.

Agora, podem imaginar como Ela recolheu esse olhar e como até o fim da vida dEla esse olhar ficou na mente dEla<sup>559</sup>.

\*

[Bom, outra] das coisas reservadas aos castos é a coragem<sup>560</sup>.

<sup>559</sup> Reunião da Comissão B, 2/4/66 (RN 74)

<sup>560</sup> SD 5/10/85

A determinação no homem impuro não tem senão as expressões vulgares da brutalidade. Quando o homem impuro cede a uma paixão violenta qualquer, a uma inclinação violenta qualquer, pode ser que se resolva ao que ele quer e até que ele fique [assim] a vida inteira.

No homem puro a determinação vem da reflexão e da dedicação <sup>561</sup>. A coragem do guerreiro casto não é a coragem do valentão, mas aquela força de alma do homem em que o espírito prepondera sobre a matéria e que compreende a necessidade da luta, quer a luta com a força de vontade de que só os homens inteiramente castos são capazes, e parte para a luta com um heroísmo católico, um heroísmo raciocinado, um heroísmo inflexível, que faz exatamente com que ele vença em todas as batalhas.

Havia na Idade Média uma Ordem de Cavalaria, cujos membros faziam um quarto voto. Esse voto só os castos tem coragem de fazê-lo: nunca recuar diante do inimigo. O resultado era uma milícia inexpugnável e que ganhava vitórias com os maometanos na proporção de 10 contra 1. Ganhavam porque não recuavam e não recuavam porque eram castos.

Os senhores compreendem então o que é a castidade enquanto fator de virilização <sup>562</sup>.

\*

[Há mais vantagens ainda]: O instinto sexual tem isto de especial e de diferente dos outros instintos: ele, sendo um instinto que é legítimo em si, entretanto, o uso dele não é nem um pouco necessário para a vida humana. Antes pelo contrário, a experiência e a medicina provam que o homem que se abster desse ato, tem condição de saúde, de sanidade nervosa e de normalidade psíquica muito melhores do que o homem que pratica esse ato. Quer dizer, é uma função fisiológica que tem um lugar único entre as outras porque ela não exige de ser praticada. Não há nenhum inconveniente para a natureza humana [no seu não] uso.

A pureza favorece a saúde. Porque tudo quanto é avassalador, abrasador, torrencial, sacode o homem; e tudo quanto sacode, acaba quebrando. É natural que um homem, ou uma donzela, que leva uma vida casta, na temperança da vida casta, tem condições para uma vida orgânica, nervosa e psíquica muito melhor.

No tempo em que a massa do clero era exemplar, era grande o número de padres saudáveis, e era clássica a figura do padre velho nonagenário.

Porque o que faz mal ao homem não é de comprimir a matéria --criteriosamente é claro. O que faz mal é o contrário: é o demais dormir, o demais comer, o demais beber, o entregar-se à luxúria do corpo e à impureza.

E Deus nunca seria Deus se um Mandamento fosse nocivo à saúde humana <sup>563</sup>.

\*

Os Srs. tomem a vida de uma pessoa impura, que portanto se proporciona a si mesmo os prazeres pecaminosos da impureza. Comparem essa vida com a de uma pessoa pura, que recusa inteiramente esses prazeres. Qual é mais feliz?

É indiscutivelmente a pessoa pura. Porque a pessoa impura tem dentro de si uma efervescência, uma agitação, entrecortada por raros momentos de prazer, mas um prazer trasbordante, tempestuoso, delirante; no total essa é uma alma sobressaltada, inquieta e envergonhada. Pelo contrário, uma pessoa que mantém a vida pura tem a consciência tranqüila, tudo nela, todas as emoções, todos os movimentos são mais serenos, mais normais, mais comuns; a pessoa assim vive muito melhor.

É mais ou menos a mesma coisa do que o homem que toma tóxicos. Ele passa por certos prazeres, mas a vida dele é um inferno tomada no total, porque o tóxico faz mal para a saúde. A impureza muitas vezes faz mal para a saúde. A pessoa contrai doenças que são dificilmente curáveis, ou talvez até, não sei bem, não sejam curáveis.

Mas não é só doença não. A saúde da alma fica escangalhada. A pessoa fica cheia de emoções, de sensações, de apetências, de invejas, de ciúmeiras, de complexos, numa palavra de sujeira. E é isto que absolutamente produz a infelicidade da alma.

Houve um famoso libertino do século XVIII, Casanovas, que no fim de suas memórias disse: "A minha impureza foi a fonte de minha desgraça" <sup>564</sup>.

\*

[Em resumo], a pureza é uma condição para o homem dominar todos os seus maus instintos e para desenvolver todas as suas aptidões. Ele consegue [isto] de um modo conveniente no casamento, e de um modo super-excelente na virgindade, porque na virgindade esse equilíbrio da alma sobre o corpo é levado muito mais longe do que no casamento <sup>565</sup>.

<sup>561</sup> SD 28/4/83

<sup>562</sup> Auditório Santa Sabedoria 26/1/67

<sup>563</sup> Rua Pará 1/11/65

<sup>564</sup> SD 26/8/75

<sup>565</sup> Rua Pará 1/11/65

A castidade não é apenas a abstenção do ato sexual. É a abstenção do ato sexual por um primado do espírito, por um super valor, por uma super-excelência da criatura humana, por onde ela toma aquilo que há de melhor em si e apura ao máximo, enquanto ela toma o que há de mais fraco dentro de si e sujeita à proteção e ao governo daquilo que é mais forte e mais elevado. É uma ordem interna, é uma irradiação interna que dá uma respeitabilidade suprema àquele que é casto, àquele que é virgem<sup>566</sup>.

[De maneira que] é por amor à própria nobreza do seu próprio ser, que o homem deve amar a pureza<sup>567</sup>.

### c. Glórias da castidade

Mantendo-se completamente casto, recusando qualquer sujeição à impureza, o homem realiza as condições ótimas para o triunfo do espírito sobre a matéria. E nisto ele se nimba de glória, que é a glória do homem em seu elemento mais nobre que prevalece sobre o seu elemento menos nobre<sup>568</sup>.

A glória da castidade perfeita, da virgindade, é especial, não se compara com nenhuma outra glória, e figura tão alto que quando Nossa Senhora recebeu o convite do anjo para ser a Mãe de Deus, Ela levantou uma objeção: "como pode ser isto se Eu não conheço contato com nenhum homem?" Quer dizer, não Lhe passava pela cabeça que Ela pudesse ter que perder a sua virgindade, até mesmo para ser Mãe de Deus<sup>569</sup>.

[Aliás], a fecundidade de Nossa Senhora resultou de sua virgindade; Ela não teria sido escolhida para ser Mãe de Cristo se não fosse Virgem.

A virgindade de tal maneira no abismo de qualidades de Nossa Senhora tem um lugar eminente, que Ela passou a ser conhecida pelos séculos como a Virgem por excelência. Ela é aclamada como "Sancta Virgo virginum", a Virgem que em comparação com outras virgens é o que as outras virgens são em comparação com as que não são virgens. De tal maneira Ela é Virgem<sup>570</sup>.

Bom, o homem na virgindade perfeita, ou no estado de castidade recuperada, tem uma glória que é mil vezes maior do que a glória do casamento. São Paulo disse muito bem: "casai-vos, porque casar é bom; mas não vos caseis, porque não casar é melhor ainda". E nós podemos dizer: é muitíssimo melhor.

A bem-aventurança dos puros é a mais alta de todas as bem-aventuranças. "Bem-aventurados aqueles que são limpos de coração, porque eles verão a Deus"<sup>571</sup>. Isso não se dá só no Céu, isso começa a se dar na terra: o limpo de coração tem transparência para ver a Deus, vôo para ver a Deus<sup>572</sup>, ele está desligado das coisas da matéria e da terra, e tem a alma para subir para as coisas superiores, para as coisas de Deus<sup>573</sup>.

### d. Conclusão

[Isso tudo posto], nós chegamos à conclusão de que o exercício do ato procriativo, feito fora das regras da moral católica, é pura e simplesmente animalizante; feito dentro das regras da moral católica precisa cuidado para não ser animalizante (\*); e que a abstenção do ato sexual é altamente espiritualizante --quer dizer, aproxima o homem do anjo (\*\*)--; dá ao homem um domínio do corpo, por onde ele facilmente se interessa pelas coisas do espírito e pelas coisas elevadas; e aumenta a sua capacidade de amor de Deus, de virtude, de heroísmo, etc.

-----(\*) Com muita facilidade o exercício do ato procriativo animaliza o homem se o homem não tomar um certo cuidado --não em praticar o ato, porque o ato é lícito no casamento, mas quanto ao estado de espírito em que ele se entrega ao ato<sup>574</sup>.

O gozo sexual é um deleite tão torrencial, tão caudaloso, tão avassalador e tão diferente daquilo que é do espírito, que sem que se possa dizer que nele haja algo de intrinsecamente mal, ele entretanto exerce sobre o dinamismo do homem algo que o materializa, algo que o animaliza<sup>575</sup>.

É por isso que São Tomás de Aquino diz que de sí o casamento é um obstáculo superável para um indivíduo ficar santo de altar. O sacramento é dado para ajudar o homem a vencer o obstáculo. Mas é um obstáculo.

<sup>566</sup> Auditório Santa Sabedoria 26/1/67

<sup>567</sup> Rua Pará 1/11/65

<sup>568</sup> Auditório Santa Sabedoria, 26/1/67

<sup>569</sup> Rua Pará 1/11/65

<sup>570</sup> Auditório Santa Sabedoria, 26/1/67

<sup>571</sup> Rua Pará 1/11/65

<sup>572</sup> SD 5/3/70

<sup>573</sup> Rua Pará 1/11/65

<sup>574</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)

<sup>575</sup> Rua Pará 1/11/65

Os senhores vêem um reflexo curioso disto em certos ritos católicos da Igreja Oriental, nos quais é lícito aos padres casarem: na manhã seguinte à noite em que o padre praticou com sua esposa o ato nupcial, ele não pode celebrar Missa. Não por causa do ato nupcial, porque não tem o menor pecado, mas porque a repercussão que o ato tem no homem é tal que ele não tem condições de recolhimento e de sacralidade para dignamente celebrar a Missa<sup>576</sup>.

(\*\*) Porque o homem se espiritualiza na castidade perfeita, ele se parece com o [anjo]. Por causa disto São Tomás de Aquino foi chamado o Doutor Angélico. Ele era de uma pureza angélica. A ortodoxia angélica de sua doutrina vinha em grande parte da pureza ilibada de sua alma<sup>577</sup>.

-----

Agora, é claro que se nós queremos viver inteiramente para os mais altos ideais da mais alta das Causas, o adequado, o próprio, é nós termos a nossa alma inteiramente disponível para isto. E a inteira disponibilidade da alma, muito mais adequadamente se adquire no celibato do que no casamento, por todas as razões que eu dei aos senhores<sup>578</sup>. E porque entre o bom e o ótimo, se deve preferir o ótimo --se bem que não seja pecado ficar com o bom--, sobretudo quando se é chamado para a defesa de uma grande Causa.

Quando a Civilização Cristã está na situação que está, é nobre, é justo, é necessário que um grande número de almas não pensem em outra coisa a não ser na defesa da Causa Católica. E que para poder fazer isto de um modo mais intenso, procurem exatamente se absterem de todos os prazeres, inclusive da solicitação da carne.

Voltaire dizia que um exército composto por homens que verdadeiramente crêem em Deus, seria invencível, porque esses soldados não teriam medo de sofrer. Duplamente invencível será um exército de homens que verdadeiramente crêem em Deus e de homens castos, porque eles sabem coibir todas as manifestações desordenadas do medo e da carne, e sobretudo porque eles tem a alma aberta para os mais altos ideais<sup>579</sup>.

\*

O Reino de Maria será por alguns aspectos a Civilização da Castidade, o Reino de Pureza: - [Porque] vai ser o Reino dAquele que antes de tudo foi Virgem;

- [porque] ele terá que viver tendo como pedra de ângulo homens puros e mulheres puras nos mais variados estados de vida, como sacerdotes, como religiosos, como leigos vivendo dentro do século;

- [porque] vai ser o reino das proles abundantes e fecundas; o reino da educação sobrenatural, casta e forte; a Cidade de Deus perfeita, em que a Fé domina a alma e a alma domina a matéria.

Por isto é que se inculca tanto a castidade na Congregação. Não adianta nós querermos construir o Reino de Maria com pedras deterioradas, com madeira podre. O Reino de Maria não quer isso, não precisa disso; isso é o lixo que a Bagarre vai queimar. Os puros é que vencerão. Bem-aventurados os puros, porque só eles verão o Reino de Maria!<sup>580</sup>

#### 4. A Igreja aprova e recomenda o celibato dos leigos

A Igreja elogia o leigo, inclusive homem, que não fica padre, que continua no mundo como um leigo qualquer e que não casa. [É o que diz Pio XII no seguinte texto]: A castidade perfeita é a matéria de uns dos votos constitutivos do estado religioso.

A castidade perfeita exclui o casamento, é o estado de castidade integral exigido para os clérigos da Igreja Latina admitidos às ordens menores e também para os membros dos institutos seculares.

Mas é igualmente praticada por grande número de simples leigos, homens e mulheres, que sem viverem um estado público de perfeição, fizeram entretanto o propósito, ou mesmo o voto privado, de se absterem completamente do matrimônio, e dos prazeres da carne para mais livremente servirem ao próximo e mais facilmente se unirem a Deus.

O simples propósito, como no nosso caso, nós não temos nenhum voto, nós temos apenas uma deliberação.

Agora, então, o que que ele pensa disto, qual é a opinião dele? qual é o juízo da Igreja?

Dirigimo-nos com o coração paterno a todos e cada um destes diletos filhos e filhas que de algum modo consagraram a Deus corpo e alma, e os exortamos vivamente a continuarem na santa resolução e a porem em prática com diligência (cfr. RAQC, 4ta. edição, p.91).

Portanto ele louva que se tenha tomado esta deliberação, e exorta a que perseverem e pratiquem com energia, com diligência, com cuidado.

[Quer dizer] nós estamos procedendo de acordo com o elogio feito por Pio XII<sup>581</sup>.

<sup>576</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)

<sup>577</sup> Rua Pará 1/11/65

<sup>578</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)

<sup>579</sup> Rua Pará 1/11/65

<sup>580</sup> Auditório Santa Sabedoria 26/1/67

<sup>581</sup> 24/5/72, Sede na da Luz, (ER 60)



## 5. Como se punha a questão sexual nas gerações não-enjolrráticas e como se põe na geração enjolrras?

A sensualidade, no tempo [das gerações não-enjolrráticas] se apresentava como uma atração explosiva. Para [as gerações enjolrráticas] é uma atração que pode ser enorme, mas tem qualquer coisa que não explode, de maneira que não cria grandes crises de consciência, não cria grandes atrações estáveis, não inflama o sujeito, mas é quase uma pura necessidade física de passagem<sup>582</sup>.

Nas [geração não-enjolrráticas] a questão sexual vinha misturada com assuntos psicológicos. Havia o famoso mito do amor, tipo Romeu e Julieta: um sujeito se apaixona por uma outra, imagina nela uma alma conforme o físico dela, e por causa disso imagina que entrando numa união marital ou como que marital com ela, ele satisfaria suas necessidades de espírito.

Isso acabou no universo dos [enjolrras]. O fenômeno já não se dá dessa maneira.

O indivíduo tem determinada necessidade física, sugerida pelos instintos mal controlados por falta de vida espiritual, e tem mais ou menos uma necessidade indeterminada de satisfazer isso de qualquer maneira, ainda que seja por um ato de passagem, que não tenha mais significação moral.

A significação moral, a necessidade interior de uma intimidade de alma com outra pessoa que o complete, eles nem entenderiam.

Para eles isso é mais ou menos como o seguinte:

Existe nas cidades da Europa, em jardins, em parques, uns pavilhoezinhos pequenos, em geral limpíssimos por dentro. São as instalações sanitárias de uso público. Uma pessoa que está necessitando, chega lá, usa aquilo e depois continua a vida.

Bem, é a idéia que se tem do ato sexual hoje. Depois, não pode deixar de ser. Porque com a facilidade de satisfazê-lo com qualquer uma que passa, em qualquer lugar, acaba sendo que é isso mesmo. É como um bicho no campo: o galo tem todo aquele harém de galinhas no galinheiro, pega quem passou perto e está acabado. Entre eles não estabelecem mais conseqüências.

Às vezes eles tem uma atração por uma moça com a qual eles gostariam de ter um contato um pouco mais durável. Mas que eles sabem que vai ser instável. Porque mesmo se chegasse até casamento, era casamento instável como foi o da mãe dele ou como é do pai dele. De maneira que essa idéia do afeto para a vida inteira, que está na raiz da sentimentalidade conjugal ou concubinatória de algum tempo atrás, isso não tem.

## 6. Providências concretas para a gente não cair na impureza (\*)

-----(\*) O que eu vou dizer aqui, pode ser tratado em conjunto. O caso pessoal do indivíduo deve ser tratado em particular.

-----

### a. É preciso desmontar o mito de que a impureza é incontenível

[Os enjolrras] são trabalhados pelo instinto sexual, [que] os leva muito a uma tentação. O instinto vai subindo e começa a galopar. E a idéia deles é que cada vez a tentação vai ficando mais violenta; que ficando mais violenta, em certo momento aquilo precisa ceder; e que aquilo tem, portanto, qualquer coisa de incontenível.

Agora, eles vêem que a moral católica tradicional vem como um portão de bronze entre uma coisa e outra e proíbe: "não pode ser". Mas de outro lado eles julgam ter a experiência --e aqui está o erro, é o por onde nosso apostolado deve entrar-- de que esse portal de bronze tem que acabar se abrindo diante de um instinto que se torna tão tumultuoso que eles não agüentam mais.

Portanto o problema principal é desmontar na cabeça deles o mito de que não se agüenta isso<sup>583</sup>.

A pureza bem guardada é fácil; mal guardada é difícil. Com a pureza se dá o mesmo que com um homem que está em pé sobre uma esfera: enquanto ele está firme, ele se mantém; mas se ele começa a brincar, e ginga o corpo de

<sup>582</sup> Despachinho II, 23/7/86

<sup>583</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

um lado para outro, daí a pouco ele cai. Quer dizer, mantido o equilíbrio, mantida uma posição firme, ele pode ficar em pé por muito tempo. Mas um pouco que ele facilite, de fato ele cai <sup>584</sup>.

#### **b. É preciso governar os olhares e os pensamentos. E para isso convém ter uma lista de assuntos agradáveis de pensar**

Quando o [homem] se abstém de qualquer mau olhar, tem facilidade em se manter puro. Porque a tentação física vem da imaginação e a imaginação vem do olhar.

Não olhando a tentação não se apresenta, ou se apresenta raramente, e se apresenta sem culpa da pessoa. E é muito mais fácil nós resistirmos às tentações das quais nós não tenhamos culpa, do que às tentações das quais nós tenhamos culpa. É preciso portanto ter o máximo cuidado com os olhares <sup>585</sup>.

Quem não governa os maus olhares, não governa os maus pensamentos. Se o sujeito teve um mau olhar durante o dia, aquilo volta na hora de dormir à noite, ou [quando a gente] acorda durante a noite, ou de manhã ao acordar. São as horas críticas da pureza <sup>586</sup>.

Ora, [o enjoltra] nunca ouviu falar de exame de consciência, desviar o olhar, desviar o pensamento, nada disso. Ele vive como se vive na rua, olhando para qualquer lugar e fazendo aquilo que o instinto pede. Depois, não tem idéia de como desviar um mau olhar, um mau pensamento.

É preciso portanto dizer a ele o seguinte:

Uma tentação é como um verme roedor que começa a atuar numa madeira. Se o verme for atacado logo, puser um vermífugo, morre e a madeira continua: você tem um móvel por 100 anos. Mas se permitir que o verme continue a roer a madeira, em certo momento a madeira está perdida. Assim também sua alma.

Então é preciso extinguir a tentação quando ela está no começo. Se você tem tentação e você desvia sua atenção, procura não pensar nisso, a tentação não cresce. Se você consente em pensar quando você está tentado, é claro que a tentação vai subir como um furacão, e você todo dia vai ter que combater vários gigantes. Você se cansa.

Como é que a gente faz isso? Não tendo maus olhares na rua. Qual é o mau olhar na rua? É todo olhar que se dá para uma pessoa do outro sexo prestando atenção. Você procure não fazer isso, olhe para outro lugar, preste atenção em outra coisa que você encontra na rua. E se for tentado em ir atrás da pessoa, ou qualquer coisa assim, não [ceda].

[Mas] não adianta dizer para o sujeito "desvie a atenção". Ou a gente indica uma outra coisa em que ele pense, ou ele não desvia a atenção. Ele é fraco, culposamente fraco.

Então, a pessoa precisa ter uma lista de 5, 8, 10 assuntos que não tenham nada de mal, mas que sejam agradáveis pensar <sup>587</sup>. [De maneira que quando vem o mau pensamento, a gente começa a pensar [num daqueles assuntos] e a fantasia se fixa naquilo <sup>588</sup>.

Você está com muita vontade de pensar numa coisa ruim? Faça uma jaculatória, porque sem o auxílio da graça não se consegue nada. Mas depois pegue a lista desses temas, escolha um deles e procure pensar naquilo. Aí você afastou. Equivaleu aos efeitos de um exorcismo uma coisa dessas.

É gente tão songamonga hoje em dia que vocês tem que explicar que a lista tem que ficar no bolso e que logo que venha a tentação eles devem ter essa lista na mão, etc.

Depois um outro vai dizer de repente: "olhe, eu não segui mais seu conselho, porque acabou a lista". Então é preciso ajudar a fazer outra lista e dizer a ele: "não deixe acabar. Se você estiver nas 3 ou 4 últimas, vem falar comigo para renovar o estoque".

Agora, não façam essa coisa ingênua de os senhores darem a lista que os senhores achariam interessante. Não. É ajudá-lo a ele encontrar o que é interessante. E às vezes são coisas as mais bobas. Por exemplo:

- "como é que você faria se você tivesse uma criação de galinha?";

- "que viagem de avião você gostaria de fazer";

- "se quebrasse sua moto num momento em que você estivesse indo de São Paulo para Santos, e não houvesse nenhuma oficina própria, o que é que você faria? que ferramenta você precisaria ter a mais da que tem? como é que você vai arranjar dinheiro para conseguir essa ferramenta? você vai pedir para seu pai ou vai pedir para sua mãe? em que casa você compraria? onde é que se compra ferramenta mais barata?" <sup>589</sup>

Às vezes por mais que a gente reprima o olhar, sem consentimento, sem pecado da gente, cai nos olhos alguma coisa de ruim, e aquilo vem ao pensamento. [Neste caso também] é preciso saber distrair o pensamento [pensando num assunto dessa lista] <sup>590</sup>.

<sup>584</sup> Rua Pará, 1/11/65

<sup>585</sup> SD 26/8/75

<sup>586</sup> Rua Pará 1/11/65 e Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

<sup>587</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

<sup>588</sup> Rua Pará 1/11/65

<sup>589</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

<sup>590</sup> Rua Pará 1/11/65

E ter muito cuidado com a televisão, porque o que se vê na televisão em muitas ocasiões é mau.

**c. Em todo lugar e em todas as circunstâncias evitar as ocasiões de pecado. A gente vence a tentação fugindo dela**

O melhor conselho [em matéria] de pureza é não ser otimista. Os que pensam que a manutenção da pureza não pede muita atenção e muita prevenção, estes afundam, não vão para frente. Para manter a pureza é necessário ser muito previdente, perceber quais são as más ocasiões, as oportunidades perigosas, e manter-se longe dessas oportunidades <sup>591</sup>.

Então, quando você estiver esperando o ônibus, espere longe da banca de jornal. Quando passar pela banca de jornal, ou estiver perto de uma vitrine que você percebe que é de comércio de roupas femininas, etc., não olhe <sup>592</sup>. Não fique conversando nem fique parado perto de cinema onde tem anúncios que atraem de um modo desagradável. É bom abster-se de leituras de jornais, porque não há jornal hoje que não publique de repente e em qualquer seção qualquer coisa que faça um mal enorme à alma <sup>593</sup>. Evite de passar perto de uma faculdade na hora que está esvaziando e vai encontrar uma porção de alunas [na rua]. Evite as ocasiões, tenha o itinerário com muito cuidado <sup>594</sup>.

Anúncios imorais estão espalhados pela cidade inteira. É claro que qualquer um dá de repente com os olhos nisso. Mas se uma pessoa sabe que num determinado lugar há um anúncio imoral, que está no seu caminho habitual, ela já pode tomar uma precaução e desviar os seus olhos muito antes de passar por lá <sup>595</sup>.

Hoje em dia é difícil fazer um passeio [casto], porque as ruas enxameiam de tentação. Então não passeie. Você vai direto da casa para a escola, da escola para a casa, da casa para a sede, do colégio para a sede, procure estar na sede o maior tempo possível, sem trazer encrenca em casa.

Num lugar onde há elemento feminino em idade de criar um problema sexual, procure não estar. Porque ela vai procurar a você pelo menos tanto quanto você quereria procurar a ela.

Na faculdade procure estar numa rodinha que trate de temas que mais os homens gostem do que as mulheres, onde vão poucas mulheres. Quanto mais alto o tema tratado, tanto menor a afluência das moças capazes de fazerem o mal.

E ensinem a ele 2 velhos provérbios portugueses: "Entre santa e santo, muro de cal e canto", e "santa e santo, nem no mesmo altar" <sup>596</sup>.

\*

[A gente precisa] também evitar as coisas que por conexão despertam a impureza. Muitas vezes a pessoa, diante de alguma coisa que de si não é impura, tem uma sensação impura, por uma associação de imagens, por um fato fortuito do passado que ficou, por uma ligação qualquer. Por exemplo: uma pessoa sem saber por que, sente uma sensação impura quando vai ao lugar X, que de si não é um lugar impuro. A pessoa não deve ser escrupulosa, porque isso é um mal. Mas se sente isso, evite esse lugar <sup>597</sup>.

\*

[Ainda nesta ordem de idéias, vejamos a seguinte] ficha de São Gregório:

"Voltando de Constantinopla para Capadócia, São Gregório retirou-se para as terras de Arcanza, que herdara de seu pai. (...) malgrado sua austeridade, suas doenças continuas e sua extrema velhice, sentia ainda combates violentos da carne contra o espírito. (...) Por causa da vizinhança de algumas mulheres da família de um parente seu, abandonou o local onde vivia, embora o tivesse cultivado com trabalho e fosse perto de uma igreja".

[Quer dizer], no fim dessa vida ele se viu numa alternativa: morar num lugar onde não houvesse igreja e onde não houvesse mulheres que o tentassem, ou morar num lugar onde houvesse igreja e houvesse a tentação. E ele resolveu a coisa com muita humildade.

Um mega diria: "na igreja mora Jesus Sacramentado, perto dEle está Gregório, seu fiel servidor. O que não pode Gregório fortalecido pelo Pão dos Anjos? Eu vou permanecer aqui e enfrentar a tentação".

Ele fugiu. Porque a tentação a gente vence fugindo e não vence enfrentando. Ele levou tão longe a [fidelidade à castidade], que se privou do supremo dom espiritual que o homem pode ter na terra, que é o Santíssimo Sacramento <sup>598</sup>.

<sup>591</sup> Palavrinha 2/2/87

<sup>592</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

<sup>593</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/9/72

<sup>594</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

<sup>595</sup> SD 26/8/75

<sup>596</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

<sup>597</sup> SD 17/2/71

<sup>598</sup> SD 10/5/71

**d. Providências para antes de dormir**

Bem, à noite, quando estiver para dormir, tenha sempre na cabeceira da cama um livro com alguma coisa de interessante. Habitue-se a ler, uma história de quadrinhos que seja.

Não sei se seria o caso de traduzir a Becassine, hein. O precioso são os desenhos. Porque se der uma coisa de filosofia para ler...

E aconselhar a ele o seguinte:

Quando adormecer, nunca durma com as mãos debaixo da coberta. Você tem muita vontade de conseguir que entre para o Grupo seu primo fulano? Está bom, ofereça isso a Nossa Senhora para que ele entre para a Congregação. Mas [é preciso sugerir] um caso concreto que atraia a ele.

**e. Providências para tomar banho**

Por fim, a pessoa deve tomar cuidado no banhar-se: deve banhar o corpo inteiro, deve ensaboar tudo, mas rapidamente e sem fraquezas, sem condescendências; ensaboa, lava logo, acabou-se! sai daí!<sup>599</sup>

**7. Pontos para um exame de consciência diário a respeito da pureza**

Não creio que uma pessoa seja bem sucedida [em matéria de pureza] a menos que ela faça exame de consciência metódico e rigoroso, 2 ou 3 vezes por dia, (dos seguintes pontos):

**1) QUANTO AOS PENSAMENTOS**

- a. se tive pensamentos impuros;
- b. se logo que os tive rezei especialmente a Na.Sra.;
- c. se tratei de pensar em outros temas;
- d. ou se procurei uma companhia ou uma atividade que desviassem a minha atenção da tentação.

**2) QUANTO AOS OLHARES**

- a. se evitei de olhar para lugares, revistas, etc., em que eu sei haver coisas impuras;
- b. se passei por ruas onde há anúncios de cinema, de teatro, ou anúncios comerciais que me fazem mal; ou se, sendo obrigado a passar por lá, não baixei os olhos antes mesmo de me aproximar desses locais;
- c. se evitei o convívio de pessoas cuja vista me estimula à impureza.

**3) PALAVRAS**

- a. se disse palavras obscenas ou sujas. Do sujo para o obsceno há uma distância mínima;
- b. se evitei estar em rodas ou com amigos que dizem palavras obscenas ou sujas;
- c. se estando numa roda onde se dizem obscenidades ou sujeiras, mostrei [desacordo], não me interessei, etc.;
- d. se estando numa roda que inopinadamente começa a tratar de assuntos impuros ou obscenos, não me retirei assim que pude.

**4) OBRAS**

- a. se em ônibus ou em outros locais, evitei tactos impuros (\*);
- b. se evitei outros lugares onde esse tacto pode ocorrer;
- c. se tive uma relação impura com alguém.

-----(\*) O tacto impuro é uma ocasião de pecado muito mais grave do que a palavra impura. Se uma pessoa está num ônibus e começa um tacto impuro, ela deve parar e descer, aconteça o que acontecer. Às vezes a gente pode retirar-se imediatamente, por exemplo, a roda no pátio de um colégio, de uma faculdade. Outras vezes não pode, vamos dizer estão todos num automóvel que vai indo a toda pressa, etc., a pessoa não pode parar, descer e ficar andando na estrada. Compreende-se que a gente fique quieto. Mas então que atitude tomou: se deu idéia de que estava de acordo, se mostrou seu desacordo ficando quieto, ou até dizendo alguma coisa.

<sup>599</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

Em principio, a pessoa deve expor-se a inconvenientes mesmo graves para evitar um tacto impuro. Mas há ocasiões em que há uma verdadeira impossibilidade. Por exemplo, a pessoa é chamada por um parente próximo moribundo, se descer do ônibus tem que fazer um caminho longo a pé, pode não alcançar o moribundo, ora esse moribundo pode perder-se se não receber uma palavra dessa pessoa. É evidente que aí a pessoa deve continuar no ônibus. Mas deve ir rezando de maneira a não prestar atenção nesse tacto impuro, pensar em outras coisas, ao menos em toda medida do que for possível, e por esta forma não ter o deleite interno correspondente a esse tacto.

Se a pessoa vai perder um exame decisivo, e percebe que a tentação não é muito forte, que rezando ela consegue vencer, ainda se compreende que ela fique no ônibus rezando o tempo inteiro [com atenção]. Se a pessoa se sente fraca, é melhor descer do ônibus.

Eu não quero dizer que todo ônibus seja uma ocasião próxima e inevitável de contatos impuros. Se for uma ocasião próxima e inevitável de contatos impuros, eu não posso dizer a um rapaz que ele nunca ande de ônibus. Ele deve fazer o possível para ter uma motocicleta.

Se a pessoa embarca num navio nudista, a pessoa [não pode] se jogar dentro do mar, porque é suicídio. Mas arrependa-se de ter embarcado no navio, comece a pedir graças a Na.Sra.; se se arrependeu, terá as graças<sup>600</sup>.

## 8. Providências remotas para não cair na impureza

O homem não vai resistir a todas as ocasiões de tentação contra a pureza se ele trata de não cair apenas quando está diante de uma coisa impura. Ele tem que se preparar remotamente. Se de cada vez que vem a tentação, ele balanceia, é claro que de vez em quando há de cair. São Tomás de Aquino diz que algo que tanto pode acontecer como não acontecer, de vez em quando acontece.

Então ele precisa:

- [compreender] que é pecável, fraco, e que nas horas de tentação contra a pureza facilmente pode cair;
- refletir como é mau pecar contra a castidade, como se degrada o homem que não é capaz de conter as apetências de seu próprio corpo e que procede como um animal desregrado<sup>601</sup>; e ter uma intransigência completa, severa até o último ponto, [em relação à impureza]<sup>602</sup> (\*);
- saber bem o por que da pureza, o por que é nobre e belo ser puro, e compreender então que a gente faz uma coisa altamente agradável a Deus e racional praticando a pureza;
- ter um estado de alma habitual de admiração pela pureza (\*\*);
- tomar uma resolução firme, profunda, estável, de não pecar contra a castidade<sup>603</sup> (\*\*\*);
- [ser humilde], porque quando a pessoa é humilde, acaba sendo casta. Um homem muito cuidadoso para não admirar-se a si próprio, tem muito mais facilidade para ser puro. A humildade e a castidade são coisas conexas<sup>604</sup>;
- fazer pequenas mortificações. Por exemplo, banho frio, em vez de banho morno, porque quebra uma porção de molezas, viscosidades, inclusive quebra muita songa-monguice<sup>605</sup>.

-----(\*) Uma pessoa não é completamente pura quando não professa, em relação à impureza, uma rejeição, uma censura, uma execração, um horror completo. A pureza não se define apenas como um estado no qual o homem não pratica o ato impuro. É também uma integridade da alma pela qual o homem compreende perfeitamente a malícia da impureza, execra a impureza e não quer de nenhum modo a impureza para si. Ele tem compaixão do impuro que luta para sair da impureza. Isso sim. Mas o impuro impenitente, ele execra.

Por exemplo, hoje eu vinha passando pela Praça Vila Boim e vi uma criança de sexo indefinido, nua daqui para cima, brincando. A primeira impressão que a gente tem é de inocência. Se a pessoa consente na idéia de que aquilo é uma criança inocente, depois quando alguém for falar mal de outras crianças que andam semi-nuas, essa pessoa não concorda. É preciso a pessoa lembrar que aquela criança tem o pecado original, que aquilo é uma raiz de impureza ou já é impureza, que os pais que deixam aquela criança andar assim são uns pais infames.

[Agora, aqui] caberia o seguinte exame de consciência:

1) *eu sou capaz de explicar a mim mesmo ou a um outro, a qualquer momento, tudo por onde a impureza é censurável?*

<sup>600</sup> SD 26/8/75

<sup>601</sup> SD 15/12/84

<sup>602</sup> SD 17/2/71

<sup>603</sup> SD 15/12/84

<sup>604</sup> Reunião universitários colombianos 12/7/89

<sup>605</sup> Rua Pará 1/11/65

2) sempre que eu vejo algo de claramente impuro, eu me limito a desviar os olhos, ou procuro praticar uma execração, pela lembrança do que tudo isso tem de ruim? Mas muitas vezes não é prudente a pessoa estar fazendo um ato de execração da impureza no próprio momento da tentação, porque a tentação se enrosca na pessoa;

3) eu procuro, pelo menos de um modo habitual, ter um estado de espírito de execração da impureza? <sup>606</sup>

(\*\*) O jovem que quer praticar a pureza deve olhar para os que [são puros] e deve dizer: Como isto é belo, como é nobre, como é limpo! e como eu me entusiasmo com isso! Eu vou fazer o mesmo.

É absolutamente evidente que o homem casto se impõe [à admiração e] ao respeito dos outros, ainda quando os outros fingem caçoar <sup>607</sup>.

(\*\*\*) Engana-se quem pensa que [as providências acima enunciadas] bastam para garantir contra as tentações. Diminuem muito as tentações, mas não garantem contra as tentações. É preciso ter a firme resolução de não cair na impureza <sup>608</sup>.

De maneira que apenas a má inclinação se apresenta no horizonte, o rapaz diz "não, não e não!", e não cai na tentação, porque ele tem habitualmente a decisão de lutar contra a impureza <sup>609</sup>.

-----

\*

Uma coisa que [também] facilita a prática da pureza é a gente saber bem a diferença entre a tentação em que não houve pecado e a tentação em que houve pecado.

Só há pecado quando há um pleno consentimento na coisa. Um sonho impuro nunca é pecado, porque a pessoa não teve pleno consentimento. Uma tentação quando a gente está meio acordado, meio dormido, não pode ser de si pecado, pelo menos um pecado mortal, porque não há um consentimento inteiro.

E quando a pessoa não tem certeza se houve consentimento ou não, não houve pecado.

\*

Há gente que resolve praticar a pureza, mas que forma uma idéia assim:

- *Eu sou um coitado. Meu pai, minha mãe, meus irmãos, meus amigos não me compreenderam. Eu tenho, no fundo de minha alma, um tal anelo de afeto e tais particularidades de personalidade, que eu gostaria de encontrar uma moça que me compreendesse. Como eu seria feliz! Ela e eu viveríamos num conúbio perpétuo, nos entenderíamos completamente, etc.*

Esse sentimentalismo povoa a [cabeça da pessoa] de ideais falsos e que levam para a sexualidade. [Porque] estabelecido esse ideal sentimental da moça, a pessoa forma concomitantemente um ideal físico, e esse ideal físico traz uma excitação que evidentemente é nociva.

Se alguém quer conservar a castidade, acabe com esse sonho da alma irmã.

## 9. A castidade é fruto da graça e é inteiramente recuperável

Para o homem se resolver a ser casto, para o homem se resolver a ser fiel a sua esposa, é preciso uma tal força de alma que sem a graça de Deus, em 99,9% dos casos, não se consegue. E quando se consegue, consegue-se por orgulho e não por virtude.

Quer dizer, a castidade é um fruto da graça. Ela é superior às forças humanas. E o homem deve, por causa disto, pedir a graça da pureza. Castidade sem oração é uma quimera <sup>610</sup>. Eu não acredito que alguém consiga manter a pureza sem o auxílio sobrenatural da graça. O homem casto é portanto um milagre. Mas é um milagre muito freqüente. Basta pedir para receber essa graça, pedir às vezes com muita insistência <sup>611</sup>.

Se a pureza fosse uma coisa fácil, mais ou menos [como] tomar um copo d'água, não teria nenhuma importância. A glória da pureza está na dificuldade <sup>612</sup>. A castidade é difícil de guardar e é sobretudo difícil de reconquistar.

<sup>606</sup> SD 17/2/71

<sup>607</sup> SD 15/12/84

<sup>608</sup> Reunião universitários colombianos 12/7/89

<sup>609</sup> SD 15/12/84

<sup>610</sup> Rua Pará 1/11/65

<sup>611</sup> SD 26/8/75

<sup>612</sup> Palavrinha 2/2/87

Mas a castidade só é recuperável --ela é inteiramente recuperável--, só é preservável ao homem que compreende e reconhece a sua fraqueza, e que pede força a Nossa Senhora.

Os senhores podem imaginar Nossa Senhora, que hesitou em ser Mãe de Deus por causa da pureza, que tristeza Ela tem em ver um filho impuro, e que alegria em ter um filho puro! A virtude da pureza trata-se para nós de pedir insistentemente, sem nos cansar nunca, compreendendo que Ela também não se cansa nunca. E que ainda que algum dos senhores não ande bem nesta matéria, à força de pedir, vai se emendando e acaba vencendo.

Se entre vós houve aqueles que tiveram a desgraça de ofender a Deus [nesta matéria], eu digo: não desesperem nunca. Nossa Senhora, que é o Auxílio dos Cristãos e o Refúgio dos Pecadores, os auxiliará de maneira a recuperar essa virtude <sup>613</sup>(\*).

-----(\*) Santa Terezinha diz o seguinte: "quem tem união com Na. Sra., é virginizado por Ela".

[Essa virginização é] uma influência da Na. Sra. dentro da alma --influência sobrenatural da graça evidentemente. Ela por assim dizer comunica a pureza dEla, a virgindade dEla, a contra-revolucionaridade dEla, o ódio dEla ao demônio, àqueles que tem devoção para com Ela.

É uma ação virginizante por onde a virtude que habita nEla passa para o devoto dEla <sup>614</sup>.

Nós devemos, portanto, pedir a Ela esta graça excelsa de que Ela é o canal e de que Ela é o modelo, e que Ela nos quer dar de todos os modos. Ela certamente nos encaminhará para a Eucaristia. A Eucaristia é chamada no Antigo Testamento, proféticamente, o vinho que gera as virgens. Com a Eucaristia, com a devoção a Nossa Senhora, a pureza mais cedo ou mais tarde se recompõe <sup>615</sup>.

## IV. AS SEFACs - Meta e método de uma SEFAC bem sucedida

### A. Triagem dos participantes antes e durante a SEFAC. Modo de proceder com os descontentes

Vale a pena trazer [rapazes] muito novos? Aqueles que a gente não considere que há uma alta probabilidade de que goste, a gente não deve trazer. Veja bem, não é uma certeza, mas é uma alta probabilidade. E não é uma alta probabilidade de que goste muito, é apenas uma alta probabilidade de que goste.

Os que começarem a se manifestar aborrecidos, emburrados, etc., [convém] ir destacando e proporcionando um pouco de passeio por SP e voltar para casa. Ter um serviço muito afinado para isso, porque ao menos o sujeito não volta irritado, volta tendo participado o menos possível das nossas coisas e a gente não estando procurando segurar. E depois feito com muita cortesia: "Fulano, você parece que não está gostando bem..."

Ou a triagem é muito bem feita, ou nós estamos perdidos.

### B. O tema

[Quanto ao tema da SEFAC], meu pensamento caminharia no sentido de [os participantes] serem colocados diante de certos problemas contemporâneos, não inteiramente no ar, mas um tanto ligados aos problemas de apostolado da Congregação vistos mais a fundo.

Eu dou exemplos: a corrupção moderna, as comunidades de base, o esquerdismo católico no Brasil, a guerra psicológica, como é a [luta] R-CR em concreto no Brasil, o que é o centro decisivo, o que é direita, esquerda, desenvolver um pouco a teoria da Revolução tendenciosa, Revolução sofisticada, Revolução B, etc., [de maneira que os participantes da SEFAC] conheçam o panorama dentro do qual se move a Congregação.

Tomar uns temas destes e dar, documentados (\*), mas sempre com uma ponta de referência ao que [nós fazemos] para combater isso. Quer dizer, a utilidade da Congregação contra cada um desses adversários.

-----(\*) Por mais que [os participantes] sejam bonzinhos, etc., pode haver muitos apóstatas, e portanto, seria preciso não dizer nada além daquilo que se pode provar por escrito. Fazer como nós fazemos em nossos livros: "aqui tem tal documento, aqui tem tal outro".

<sup>613</sup> Rua Pará 1/11/65

<sup>614</sup> Comissão B, 2/4/66, (RN 74)

<sup>615</sup> Rua Pará 1/11/65

Eu tenho a impressão de que isso seria capital. Ilustrado com o princípio de que quando a R para, ela morre, e que se nós temos possibilidade de pará-la ou de diminuir-lhe a velocidade, temos possibilidade de criar para ela obstáculos muito sérios.

\*

Para os mais velhos, [convém dar] cursos, coisas mais intelectualizadas, embora conservando algumas coisas mais leves.

### C. O principal das SEFACS não são as reuniões, mas as conversas

É um erro considerar que o principal de uma SEFAC são as conferências. Numa SEFAC no tempo de Camões já não seria verdade, quanto mais hoje em dia. Os apóstolos itinerantes fazem a SEFAC pelas conversas que eles tem à margem da SEFAC, pelos contatos, etc., que devem ser combinados, de maneira que todos tem uma meta e procuram guiar todo mundo para aquela meta.

### D. Todos os apóstolos devem participar ativamente

Todos [os apóstolos devem] participar ativamente da SEFAC. Quer dizer, SEFAC com arquivancada só prejudica. Se um novato vê um apóstolo itinerante tranqüilo, tomando seu cafezinho ou cochilando numa cadeira de vime e olhando para a meninada que se move, ... fracassou!

### E. O problema da decalagem entre as vivências e os raciocínios, ou entre a Post-SEFAC e a SEFAC

Realiza-se uma SEFAC: o pessoal ficou muito impressionado. Está bem. Mas há uma fraqueza qualquer por onde, [quando os que participaram da SEFAC] voltam aos respectivos ambientes aquilo se evola.

Eu creio que se passa no fundo da cabeça deles o seguinte: Por alguns lados eu fico achando que a coisa vai mesmo derrocar, porque a Congregação não está errada. Depois, todos os argumentos que deram, me impressionaram. Mas quando eu olho para as pessoas [que passam pela rua], pela pressão da evidência imediata, fico achando que não vai derrocar. Então fico numa espécie de cômoda irresolução e vou simplesmente vivendo a minha vida de todos os dias.

Acaba sendo que caímos num círculo vicioso: damos as razões clássicas e eles caem na evidência.

Creio que na ingenuidade deles, a evidência se põe assim:

Primeiro ponto: todo mundo é bom. O homem padrão, normal é o homem que toca a sua vida como todo mundo toca, mantém seus filhos, ele se dá cordialmente com os outros e progride um tanto na vida. Quando um homem é assim é bom. Quando as senhoras são assim e os filhos são assim, são bons também.

[Note-se que aí o] critério de bom é um critério vivencial.

Segunda idéia: todas essas pessoas boas fazem da riqueza maior ou menor que tenham, do bem-estar da situação maior ou menor que tenham, um uso que não tende a derrubar e desconjuntar a sociedade. Se todo mundo viver assim, não sai daí um desastre, o país não racha e a vida corre normal.

Terceira tese: essas pessoas não estão em profundo desacordo [com a Congregação]; até se elas conhecessem melhor [os cooperadores], elas aceitariam muito. São pessoas que da boca para fora estão habituadas a descompor as coisas de que [a Congregação] gosta, mas no fundo elas gostam. [Portanto], não há um abismo entre uns e outros e não há uma razão para achar que virá um castigo.

Então, [para uma SEFAC ser bem sucedida], deveria, a partir da análise de aspectos da sociedade moderna em geral, dar a vivência da crise.

\*

Eu sugeriria agora os meios pelos quais ter esse efeito.

O ponto de partida seria tomar fotografias, slides, da pseudo normalidade e dizer:

*Nós vamos fazer uma análise de gente como todo mundo. Olha aqui, por exemplo, essa fotografia dá uma impressão favorável. Essa outra fotografia dá uma impressão favorável também. Aquela outra, aquela outra, aquela*



outra. Agora nós vamos analisar com vocês como é essa gente, com a fotografia diante dos olhos, para não se deixarem aturdir pela impressão que a coisa causa.

Seria um pouco como aquela ilusão de ótica que se estuda em física: [se o professor] põe um bastão dentro de um recipiente com água, o bastão parece quebrado. [O professor] tira o bastão e vê que não quebrou. Mas a ótica dá essa [impressão].

Aqui está um pequeno industrial --os senhores não devem apelar para gente riquíssima, que para eles é gente meio mitológica, que não existe, tem que ser gente do meio deles. Ele rouba ou não rouba? Vocês teriam uma surpresa ao saber que esse homem fez [tal] transação [fraudulenta] na Bolsa? Agora olhem para ele e vejam que ele não tem cara de ladrão.

Hoje uma moça pode facilmente casar-se não tendo mais a virgindade. Essa moça que vocês estão vendo aqui, pode ser uma moça que não tenha mais a virgindade. O que é uma moça assim? Uma fassura. A palavra pode parecer a vocês pesada demais, mas é porque vocês não estão habituados a raciocinar. Isto é assim. Agora, o que que é a mãe de uma moça que permite que a filha tenha intimidades e liberdades com rapazes, sabendo que pode dar normalmente em fassurada? E que quando a menina vai dizer para a mãe que vai ter uma criança, a mãe dá para ela um contraceptivo. Diz-se que é uma mulher que favorece um encontro de mulheres perdidas. A mãe tem a torpeza de fazer isso com a própria filha dela. Bem, aqui está a mãe, está o pai e está a filha.

Além disso está o filho. Vocês achariam absurdo dizer que esse rapaz aqui, que parece assim, assim, assim, de repente pode ficar terrorista? ou passe um cheque sem fundo e os pais não tem dinheiro para pagarem? Vocês acham absurdo que ele faça isso? ou vocês acham que pode acontecer? Pode acontecer, a cara não dá garantia de que não aconteça.

Bem, esses crimes há 30 anos atrás, quando uma pessoa os praticava, tinha uma cara própria, a gente conhecia até pelo jeito e as pessoas que tinham esse jeito eram excluídas dos meios familiares.

Hoje quem é excluído? Tome por exemplo, [a fotografia deste professor com] sua beca, condecorado, amável, digno. Ele, se hoje fosse freqüentar esses meios, seria posto de lado, caçoariam, porque é um homem quadrado, rigoroso, que não quer ouvir na presença dele imoralidades, censura ladrões. [Os homens que são assim] não ficariam nesses meios. A coisa virou. Os inteiramente honestos são expulsos e os desonestos são tratados como normais. Então é uma sociedade que inverteu as leis. Hoje as pessoas fazem comumente o que antigamente era próprio dos marginais, a marginalização ficou a regra e os que estão na regra são os marginalizados. Se vocês forem dizer como é que a Congregação pensa, ou se nós que estamos aqui fossemos fazer essa conferência diante deles, eles apedrejavam. Então, toda a ordem das coisas está alterada.

Imaginem um organismo em que todas as formas de doença acabam sendo normais e todas as formas de saúde são rejeitadas pelo organismo: vocês acham que isso está direito? Imaginem o curso dos astros, se começassem a funcionar fora da própria regra... Então por que é que a humanidade funcionando fora da própria regra não está sujeita ao castigo da desordem? O castigo da desordem é a ruína.

Uma sociedade pode não ter nem um pouco as aparências de uma grande derrocada, mas estar no perigo iminente dessa derrocada. Muitas derrocadas são fortuitas a tal ponto que as pessoas só se dão conta que a coisa derrocou depois que houve a derrocada. A Revolução Francesa, o Império Romano de Ocidente, os incas, etc., foram derrocadas inesperadas.

Os verdadeiros inimigos de uma civilização não são os inimigos que a atacam, mas o cupim que a corroe e que a mantém igual por fora. Nossa civilização tem esse cupim ou não tem?

Quer dizer, nós temos que aprender a ver de fato o mundo no qual nós estamos.

Bom, esse seria o simpósio da objetividade. Acho que faria muito bem a todo mundo que assistiu as SEFACs anteriores.

\*

Agora, não sei bem como é que vocês pretendem fazer, porque isso só não atrai, não empolga. E uma Semana de Estudos sem algo que empolgue, não adianta. Nós precisaríamos arranjar um complemento disso, que seja um complemento de entusiasmo. (O aspecto empolgante) deveria ser uma coisa inteiramente paralela, que se possa relacionar com uma certa construção, que desse um grande desejo do Reino de Maria que vem.

E de outro lado [seria preciso] organizar um quebra-saleta do outro mundo a respeito de qual é a irradiação hoje da Congregação no mundo. E, se vocês quiserem, também tratar da pessoa que está na raiz dessa propulsão: a pessoa que recaído sobre ela a rejeição total, organizou os rejeitados para um revide vitorioso. Para provar que esse revide é vitorioso, a expansão da Congregação no mundo. Por toda parte a Congregação é constituída por grupos pequenos, mas esses grupos pequenos tem todos eles na mão a funda de Davi, de maneira que o Golias leva pedras na cabeça continuamente. É uma organização que é espantoso que exista, quando todo mundo a julgaria inviável. Inviável, ela não só se desenvolve, mas risca o mundo contemporâneo com o protesto dela. Com isso ela torna mais lenta a R e a revira.

[A Congregação é uma espécie de] milagre vivo --milagre no sentido comum da palavra, como se falou no milagre brasileiro por exemplo-- e as pessoas voltam as costas, perseguem, etc., mas minorias entusiasmadas dizem: a aurora apareceu!

[Agora, é preciso que os participantes da SEFAC] não tenham a impressão que a Congregação está fora da vida concreta, gente que leva uma vida pouco mais ou menos monacal [e] que está no mundo da lua, mas está na vida concreta a mais não poder <sup>616</sup>.

## V. A GRAÇA

### A. No interior de cada homem se trava uma batalha grandiosa entre os apelos do bem e os apelos do mal. O fator decisivo da luta é o homem

[Ensina a] doutrina católica que, se não for um auxílio sobrenatural, o homem não é capaz de praticar todos os Mandamentos duravelmente; não é capaz nem sequer de mencionar piedosamente os nomes de Jesus e de Maria.

Outro ponto da doutrina católica é que o homem, enquanto está na terra, carrega consigo o peso do pecado original, que se manifesta por tendências que tornam difícil praticar os Mandamentos.

Essa tendência para o mal aumenta pelos pecados que o homem comete e pelos maus hábitos que ele adquire. E depois vem a ação do demônio, que mete a pata dele em cima da tentação e a torna ainda maior.

Mas, por outro lado, ele sente a atração para o bem, determinada pela Fé e pela graça que ele recebe de Deus.

Então vemos que cada homem --por mais insignificante que pareça-- é campo de uma batalha grandiosa, em que estão empenhados, de um lado, Deus, NSJC, Nossa Senhora, Rainha de todos os anjos e de todos os santos, e que manda os anjos e os santos rezarem e batalharem por nós. Depois, de outro lado, no fundo do inferno, Lúcifer <sup>617</sup>. Todas as vezes que uma pessoa recebe um incitamento para o bem, a graça entra e ajuda; e que cada vez que recebe um incitamento para o mal, entra um demônio e tenta <sup>618</sup>(\*).

-----(\*) A todas as ações de apostolado que se pratica, se tem o direito de esperar que os anjos se associem. Eu, por exemplo, aqui estou tendo a alegria de falar com os senhores. De repente, profundamente, aqui, lá e acolá uma porção de almas saem melhores, porque os anjos exerceram sobre elas, através das nossas palavras, uma ação maior do que nós podemos exercer.

Os demônios por seu lado também agem e incutem sentimentos diversos: uns tem tédio, são levados a pensar em outros assuntos enquanto eu estou falando; outros sentem de repente um brusco sono que invade e tem vontade de não prestar atenção <sup>619</sup>.

Por causa disso, quando o ativista individual está agindo, ele está rezando e pedindo que venham os anjos, e está fazendo exorcismos, ainda que muito rápidos, pedindo que os demônios fujam, porque sem mobilizar as coortes angélicas e sem espantar o demônio, não existe Ativismo <sup>620</sup>.

Quando [um rapaz] é abordado, [uma série de] impressões se sucedem em seu espírito como uma roda que gira: surpresa, naturalidade, atração, etc. Essas impressões se põem enfaticamente para uns; para outros, de maneira mais calma, mais desbotada, sem côres.

[A partir do momento em que termina a abordagem], até o momento em que o abordado chegue à sede pela primeira vez, há um intervalo decisivo. [O rapaz] vai para sua casa e recomeça a antiga vida de antes da abordagem. Em [certo] momento vem a recordação: "tal dia e a tal hora eu tenho que me encontrar com aquele rapaz que me abordou, para ir à rua Tal, número tanto". Então a roda [das impressões] começa a girar mais uma vez. O abordado pode ir como não ir, depende de mil coisinhas internas.

Todo o mundo de hoje, toda a sociedade de hoje, conspira para que o abordado não vá. Quem vai ajudar o abordado na luta para que ele vá? Só uma pessoa: a Mãe de Deus, a Mãe do abordado. São Luís Grignon de Montfort disse que a cada homem a Virgem lhe ama como se todas as mães do mundo não chegassem a amar seu filho único. Assim a Virgem Santíssima nos ama a cada um de nós, e ama também o abordado.

Então, enquanto o abordado não vá à sede, Ela está todo o tempo trabalhando pelo abordado da maneira mais eficaz possível: interiormente na sua alma, [despertando] boas inclinações, bons desejos, boas idéias, afastando algumas ocasiões que são decisivas e más, às quais ele não resistiria porque é muito novo, etc., até que o abordado chegue à sede.

<sup>616</sup> Sefac janeiro de 1976; Programa da Sefac hispana de 1977; Sefac julho de 1978; Reunião preparatória da Sefac 28/12/78; Normas práticas para uma Sefac 16/1/79

<sup>617</sup> SD 4/4/87

<sup>618</sup> Reunião sul-africanos, janeiro de 1983

<sup>619</sup> SD 28/3/87

<sup>620</sup> (ER 132-133) Ação Individual I, Resposta às perguntas da carta de 12/5/71

Quando o abordado chega [na sede], as impressões se sucedem [novamente]: maravilha, entusiasmo, estranheza, vacilação: "é uma nova vida para a qual me convidam... mas a vida antiga eu gostava". E na sede o papel de Nossa Senhora continua, porque nós falamos aos ouvidos do outro --é muito pouco--; Nossa Senhora fala dentro das almas --é muito mais decisivo, não tem comparação.

Começa depois o apostolado de fixação: de um momento para outro a pessoa tem nostalgia de outras coisas, se aborrece de algum companheiro e não o quer mais encontrar, não quer mais vir à sede. Mil coisas desse gênero. Nesse momento a pessoa se esquece do ideal, se esquece da Virgem e não diz nada. Porque o que está tentado no período de fixação, mais provavelmente não diz nada e fica quieto.

O que pode fazer "uno"? Uma pode, e essa é a Rainha do Céu e da terra <sup>621</sup>.

Mas, por espantoso que seja, o fator decisivo da luta não é nem Deus nem o demônio: é o homem, que nessa [batalha] grandiosa que se trava dentro dele, vai dizer "sim" ou "não". Essa luta se trava a todo momento, ainda que nós não queiramos ver. E a todo momento o elemento decisivo é nosso. Deus, a graça, nos pede: "Meu filho, suba!". O demônio, o pecado original, nos convidam a descer. Entre as duas solicitações nós podemos atender de um jeito ou doutro jeito <sup>622</sup>.

## B. Entre os apelos do bem, a graça é o fator "princeps". A técnica apostólica é fator secundário

Em tese, se eu quero persuadir uma pessoa de entrar para a Congregação, [ou de se fixar nela, ou de se santificar nela], devo empregar raciocínios próprios a isso e devo empregar técnicas de despertar a simpatia próprias a isso. Então, trata-se, para mim, de conhecer bem o Ativismo Individual e eu vencerei.

Esta idéia é uma meia verdade e um meio erro. Porque a teoria e a experiência mostram que o conhecimento e o uso das técnicas é necessário, é indispensável, mas brutalmente insuficiente e não é de suprema importância. Como é que se prova que é muito secundário? Prova-se em face de 2 pontos da doutrina católica:

[O primeiro] ponto é o seguinte: o ato pela qual a minha inteligência, posta diante das provas de que a Igreja Católica é verdadeira e diz: "acredito", é um ato na aparência puramente natural, mas [na realidade] é sobrenatural.

Quer dizer, sem que eu receba uma graça, podem me provar mil vezes que a Igreja Católica é verdadeira, eu não creerei. Porque há no ato de fé um conteúdo misterioso que vai para além do ato da inteligência, e sem esse conteúdo misterioso eu não creerei. Não basta provar que a fé católica é verdadeira. É preciso algo de sobrenatural que dá um certo gume por onde o raciocínio convence. Sem isto as demonstrações mais bem feitas deixarão a pessoa insensível.

Agora, o que se dá na conversão do não-católico para o católico, dá-se de algum modo no aumento da fé. [Quer dizer, para] aumentar o grau e a intensidade da fé de uma pessoa, eu preciso argumentar, eu preciso atrair, mas se Deus Nosso Senhor não condescender em apoiar a minha ação, tecnicamente irrepreensível, por meio da graça, a minha [ação será estéril].

[Segundo ponto: No apostolado] não se trata apenas de convencer, também se trata de mover.

A irracionalidade do católico tÍbio, sobretudo do católico que vive em estado de pecado mortal, é uma coisa verdadeiramente fenomenal. Ele sabe que existe o céu e o inferno, e que ele pode morrer de um momento para outro. Mas se sujeita a toda [classe de] riscos --toma um avião, atravessa distraído a rua, faz operações perigosas, etc.-- e continua em estado de pecado mortal. Se a gente mostra para ele que ele vive nesse risco, ele dirá: "eu sei, mas não me incomoda". Quer dizer, os argumentos estão todos postos, mas a vontade não se move.

Isto vai até o moribundo. Ele sabe que tem os maiores tesouros para ganhar, mas não se incomoda.

Ora, a maior parte das pessoas junto às quais os Srs. fazem apostolado está assim.

Quando uma alma chega a tal estado de sabuguiço que não se move nem pelo desejo do céu, nem pelo temor do inferno, ou nós obtemos da misericórdia divina uma graça maior que acabe movendo essa pessoa, ou nenhum argumento moverá. A graça é fundamental para mover a vontade do homem a praticar o bem.

Não só para ser católico, mas para viver como bom católico, nós precisamos do auxílio da graça. E para poder levar alguém a amar nossa Causa e dedicar-se a ela inteiramente, precisamos do auxílio da graça (\*) --porque o amor à Igreja, à Causa Católica e à Civilização Cristã, decorre da fé, da esperança e da caridade, virtudes teológicas que não se tem sem a graça.

-----(\*) Todos os homens enquanto estão na terra tem a graça suficiente para ver que a Igreja Católica é verdadeira, para resolver entrar nela, e para dentro dela viverem como bons católicos.

<sup>621</sup> RE 18/1/82

<sup>622</sup> SD 4/4/87

(Para convencer e mover as pessoas de entrar na Congregação e para que amem a Congregação é preciso uma graça, não suficiente, mas especialíssima. A Providência dispôs que a gente obtivesse essa graça buscando no Fundador da Congregação).

-----

Portanto, a primeira preocupação do apóstolo ao fazer apostolado é pedir a graça. Se não for isto, a palavra mais bem pronunciada, a técnica mais exímia fracassa miseravelmente. Tendo a graça, tudo corre bem. Não tendo a graça, a coisa não adianta<sup>623</sup>. O principal de todo apostolado não é o serviço da detecção, com considerações sobre as vertentes, com estudos e teses que se possam formular a respeito. Pensar assim seria cairmos no naturalismo. O principal é o lado sobrenatural<sup>624</sup>.

O resultado do apostolado vem de 2 fatores. Primeiro, de algo que a gente diga. Mas esse fator não basta, porque dizendo o mesmo [às vezes] não dá resultado. Há uma circunstância interna pela qual nossa palavra ali encontra algo. Quando em nós não existe essa circunstância, não adianta fazer nada. Essa circunstância é decisiva, muito mais que nossa palavra. Quando essa circunstância está presente, com uma simples saudação, a gente faz [vibrar] a um homem; e quando essa circunstância não está presente, com um discurso inteiro a gente não consegue nada.

Essa circunstância é a graça, é uma ação de Deus no mais fundo da alma por ocasião de uma palavra que a gente diga. Às vezes, Ele prepara longamente a alma do apostolando, a gente conhece o rapaz e tem a impressão de tê-lo conhecido [ha muito tempo]. A graça vai preparando longamente a pessoa para aquele encontro. Outras vezes é durante a conversa que a graça vem e toca a pessoa. Às vezes vem pela ação direta de Deus sobre a alma, às vezes Ele quer que venha por meio de nós<sup>625</sup>.

Por exemplo, eu estou falando aos ouvidos dos senhores, porém é pela graça que está ecoando dentro de seus espíritos o que eu falo. A graça dá uma vida, uma côr, um matiz [sobrenatural] ao que eu posso dizer. O verdadeiro sabor, a verdadeira força do apostolado está neste matiz e neste pequeno colorido, porém de uma beleza lindíssima; neste pequeno som que quase não se percebe, mas que vale um concerto; neste pequeno perfume que não se percebe também quase, mas que vale mais do que um jardim. É isto que dá às nossas palavras a repercussão interior para que [um] diga "sim".

Então, se quisermos ter um apostolado fecundo, devemos sempre começar, primeiro, por reconhecer que o papel decisivo não é meu, mas é da graça que atua enquanto eu falo. Segundo, que com a graça tudo se consegue, sem a graça nada se consegue. Terceiro, que é necessário, enquanto se faz apostolado, pedir a graça, para que a graça acompanhe cada uma de nossas palavras<sup>626</sup>.

Se os Srs. souberem fixar isto bem em seu espírito, os Srs. vencerão em seu apostolado, e a campanha dos 10 mil não será uma quimera. Eu lhes digo mais: a coisa é tal que se na Congregação Nossa Senhora tivesse 10 persuadidos disto de ponta a ponta da alma, estes 10 bastariam para fazer 10 mil. Porque os homens assim movem as multidões<sup>627</sup>.

### C. Mas a técnica de apostolado é indispensável

Do [que acabamos de falar no item anterior] não se segue que as técnicas de Ativismo Individual nada valem. Porque então não adiantava fazer sede, não adiantava a Congregação, não adiantava nada. [Bastava] fazer uns conventos de contemplativos ardentes e as graças iam chovendo sobre os países e está acabado.

Dom Chautard diz várias vezes que Deus quer as obras, isto é, Deus quer que a atuação seja um canal para a graça, e que haja gente que trabalhe do melhor modo possível.

Os Apóstolos não foram eremitas. Eles andaram por toda parte. A ordem que Nosso Senhor deu a eles foi: "euntes et cetes", indo, caminhando, deslocando-se por todos os lugares, ensinaí a todos os povos.

[A vida interior do apóstolo tem seu papel]. E a atividade do apóstolo itinerante tem seu papel. Essa atividade tem que ser o mais possível bem exercida para dar resultado, e no exercé-la bem está o nosso cilício. Nós somos os escravos do apostolando e temos que ter mil jeitos e trejeitos para acabar trazendo a ele. É nossa penitência. Em muitas ocasiões a gente preferiria estar com um cilício com ponta de ferro, do que estar aturando um cacete.

Então, é preciso fazer apostolado, e apostolado muito bem feito. Um dos capítulos da vida interior do apóstolo é fazer perfeito apostolado<sup>628</sup>.

O verdadeiro apóstolo deve saber argumentar tão bem quanto o seu estudo e a sua inteligência o permitam; deve saber atrair tão bem quanto os recursos de sua personalidade o permitam. Deus quer dele esta aplicação<sup>629</sup>.

<sup>623</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 11/1/72 (ER 136)

<sup>624</sup> Texto sem data 26, título originário "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes" (RN 132)

<sup>625</sup> RA 29/1/81

<sup>626</sup> RE 18/1/82

<sup>627</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 11/1/72 (ER 136)

<sup>628</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 4/1/72 (ER 136)

<sup>629</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 11/1/72 (ER 136)

Dizer que tudo depende da Providência e não de nós, não é [verdade]. Nós devemos agir como se tudo dependesse da Providência e não de nós, mas de fato uma parte depende de nós, a Providência quer a nossa colaboração. Se nós não dermos essa colaboração, a ação da Providência não sai <sup>630</sup>.

#### **D. A vida interior e o apostolado se complementam. O papel da graça e o papel da técnica apostólica também**

A doutrina de Dom Chautard sustenta [que] quanto mais intensa é a vida espiritual, tanto mais fecundo é o apostolado; e que quem quiser exercer um apostolado muito fecundo deve cuidar antes de tudo de sua própria santificação; e que portanto a vida interior é anterior ao apostolado, no sentido em que a causa é anterior ao efeito, em que a fonte é anterior ao rio.

É uma tese preciosa à qual é preciso aderir com toda a alma. Mas há uma recíproca que é preciso focalizar muito, que é a seguinte:

Não é verdade que por causa disso o indivíduo deve estar inteiramente formado em matéria de vida interior para só depois começar o apostolado. É preciso ir fazendo paralelamente a vida interior e o apostolado, de maneira tal que a pessoa vá ao mesmo tempo crescendo na vida interior e desenvolvendo o apostolado. [Quer dizer], a ação apostólica, por sua vez, nutre a vida interior.

É evidente que isto não diz respeito às vocações muito especiais, por exemplo, de uma religiosa enclausurada, em que quase é tudo vida interior; ou dos noviços de uma ordem religiosa, que primeiro tem que formar-se inteiramente, para só depois começar o apostolado.

Mas para o católico leigo, que vive no mundo, a verdade é que a vida interior e o apostolado tem uma espécie de interação, quer dizer, ambas as coisas repercutem uma na outra. E se bem que a vida interior seja superior ao apostolado, e logicamente anterior ao apostolado, quem não faz apostolado não tem progresso na vida interior. Eu devo fazer apostolado para me santificar, é bem verdade, mas eu não posso me santificar sem fazer apostolado.

São Paulo, que passou 3 anos no deserto com Nosso Senhor, depois de um grau assim de união com Nosso Senhor, tem uma expressão muito candente nesse sentido. Ele diz: "ai de mim se eu não fizer apostolado!" Quer dizer, ele sentia que se ele não fizesse apostolado, ia para o inferno. Por que? Porque o apostolado nutre a vida interior, o apostolado alimenta a vida interior<sup>631</sup>. A vida interior é o ponto de partida para o apostolado; e este é uma condição indispensável para aquela. A vida interior que não produz frutos de apostolado, não se nutre, porque ela vive em boa medida de seus próprios frutos, e é do próprio apostolado --fruto da vida interior-- que esta se nutre <sup>632</sup>(\*).

-----  
 (\*) NB: Mais detalhes a respeito de como o apostolado nutre a vida interior, encontram-se na Primeira Parte, III.  
 -----

#### **E. A finalidade coletiva de uma ordem religiosa e a finalidade individual de um membro dessa ordem se complementam**

[Vamos tomar uma ordem religiosa], por exemplo a Companhia de Jesus:

Sua missão é empurrar para além dos limites [de um país] a heresia protestante, e se possível extingui-la. Mas se ela não se preocupasse em ter cada vez mais elementos, ela morreria, porque se esses elementos faltarem, como é que ela vai agir? Para fazer a Contra-reforma, que é o fim dela, ela tem que ter como uma meta importantíssima recrutar, e mais importante do que recrutar, formar.

Agora, para quem entra nessa ordem religiosa, qual é o principal fim: é santificar-se ou é expulsar o protestantismo da terra?"

Absolutamente falando é santificar-se, porque a primeira coisa para nós é a salvação e santificação de nossa alma. Mas esta resposta é incompleta.

Santifica-se fazendo algo que Deus designou e que a vocação contém. Quer dizer, pelo desígnio comunicado por Deus através da vocação, Ele indica o modo de santificar-se. O modo de santificar é: consagrando-se á oração, à vida interior, etc., não tem dúvida nenhuma; mas consagrando-se também e de modo muito notável, à debelação da heresia protestante.

De maneira que o fim pessoal último --que é a santificação-- não se pode realizar a não ser realizando o fim coletivo último --que é uma missão determinada.

<sup>630</sup> Reunião chilenos 4/8/89

<sup>631</sup> Simpósio de Curitiba 27/10/69 (RN 437)

<sup>632</sup> SD 30/6/70

\*

Alguém poderá [objeter o seguinte]: "mas na Congregação de outros tempos, quando havia por exemplo uma Semana de Estudos, tudo girava em torno do apostolado".

Era natural: uma formiga que vai carregar um pedaço de folha, tem que se mobilizar inteira para carregar aquilo. Para realizar os ideais que nos tinham congregado era absolutamente necessário que tivéssemos mais gente. Como fazer a CR com 20 pessoas?

Depois outra coisa: nós não tínhamos força para fazer mais nada do que atrair mais gente. Com 20 pessoas pode-se fazer o que? Uma passeata de 20 gatos pingados? Uma campanha de 20 pessoas? Com isso a gente não faz quase nada!

Portanto, na primeira fase [de nossa história, nossa finalidade era] recrutar, recrutar, recrutar.

[Isso significa] que hoje o recrutamento passou para o segundo grau e a batalha é lutar, lutar, lutar?

Não. Recrutar é tão indispensável dentro da Congregação que precisamos ter todo um bloco de pessoas e instituições só para recrutar. E êstes devem fazer do recrutar o objeto maior da ocupação de seu tempo.

Mas simultaneamente, como o número cresceu muito, nós não podemos pôr mil e tantas pessoas, de idades tão variadas, fazendo abordagens. Não tem sentido. Então o que tem que fazer é fazer a batalha.

\*

As duas coisas se estimulam mutuamente: o sermos um número crescente anima para a luta; e a luta anima para que o número seja maior.

Eu dou um exemplo. Imaginem os senhores que agora eu dissesse: "meus caros, eu tenho que lhes fazer uma confidência penosa, há 5 anos não entrou ninguém em nenhuma Congregação do mundo; e um ou outro sai de vez em quando; estamos numa diminuição de número; nesta marcha, daqui a 5 anos nós seremos apenas tantos".

Na hora de fazer a campanha, a [gente se] pergunta: "[do que adianta] esta campanha se daqui ha alguns anos a Congregação está se extinguindo? melhor deixar isto de uma vez".

Imaginem que pelo contrário, está toda a Congregação formada na hora de [começar uma campanha], alguém chega e diz: "Dr. André mandou [avisar] que nos 3 últimos meses entraram 500 rapazes na Congregação brasileira e se formaram mais 5 Congregações no Exterior". É ou não é verdade que a campanha teria outra vida? <sup>633</sup>

## F. A oração, raio laser do apostolado

### 1. Se o apóstolo não faz da oração o seu principal instrumento, não consegue nada

A doutrina católica nos diz que a oração é necessária não só para as ocasiões extraordinárias, mas [até] para o comum do apostolado.

Se eu não fizesse jaculatórias enquanto falo, pedindo a Na. Sra. para comunicar à minha palavra uma eficácia que naturalmente a palavra de ninguém tem, meu apostolado sairia frustrado.

O que traz como conseqüência que quem se dedica ao apostolado --sobretudo hoje, em que não se trata de formar um novo grupo na Água Rasa, mas trata-se de movimentar nações-- e não tem muito espírito de oração, não consegue nada.

Quer dizer, o homem de zelo, de aspirações apostólicas, de missões apostólicas heróicas, ou está certo que ele tem que conseguir muita coisa de impossível por meio da oração, e que mesmo as coisas possíveis ele rezando muito saem muito melhores do que se ele não rezasse, e por causa disto ele tem uma capacidade de ação que ele não teria se ele não rezasse; ou é assim ou ele não dá conta da missão profética dele.

Aí os Srs. terão o raio laser da fé na mão. Ao pé da letra nós devemos ter o suficiente espírito de oração para, postos diante da possibilidade de arrebentar uma bomba atômica, desde que a bomba explodiu, que ela faça um impacto e volte para o chão. As coisas humanamente improváveis, tornam-se prováveis pela força da oração. Habituem-se a confiar em que o absurdo sairá, não se deixem abater pela improbabilidade aparente das coisas <sup>634</sup>.

\*

<sup>633</sup> Jantar EANS 18/3/87

<sup>634</sup> Eremo de Elias 30/6/80 (ER 214)

O chefe de grupo precisa pedir muito que Na. Sra. lhe mande gente para fazer parte do grupo. Se ele não pedir e não fizer desta oração o principal de seu apostolado, ele não consegue nada.

Para isso convém, não só que ele vá de manhã comungar, mas que ele procure fazer o que, por exemplo, eu procuro fazer: uma vez por dia, ir a uma igreja, quando a igreja está vazia, reza junto ao Santíssimo, junto à imagem de Na. Sra. ou de um santo que o atrai especialmente, e pede a Na. Sra. que lhe mande gente.

Faz um pouco de penitência. Por exemplo, nos sábados, em louvor a Na. Sra., em uma das refeições, coma meia sobremesa. Se quiser mais do que um pouco de penitência, esteja certo que não vai encontrar minha censura. Muito pelo contrário, meu aplauso caloroso.

É pela oração, pelo sacrifício, mais do que por qualquer outra forma, que nós encontramos estímulo para nossa ação.

Alguma vez ouviram que alguém dissesse a meu respeito: "Dr. André hoje foi dormir sem fazer as orações dele, tanto apostolado ele teve que fazer"? Esteja o dia ocupado como for, ou tempestuoso como estiver, a hora da comunhão e das orações não tem conversa, faz-se e está acabado, porque é o capital. Se isso faltar, o resto tudo leva a breca<sup>635</sup>.

O papel-chave do que acontece com a alma de um [apostolando], não é do [apóstolo], é da graça, que conforme trate a ele, o levará mais para frente ou mais para atrás<sup>636</sup>. Mas o [apóstolo] deve ser o que atrai a graça para o lugar<sup>637</sup>. Portanto, antes de tudo, é preciso obter graças, graças, graças<sup>638</sup>. O principal é Deus querer, e Deus quer quando Maria quer, e Maria quer quando nós pedimos. Se trata de rezar<sup>639</sup>.

Se nossos representantes nos vários lugares não tem isto bem presente, pura e simplesmente não desenvolvem seu apostolado.

O ideal seria que, numa hora que atrapalhasse um pouco --porque teria o mérito de atrapalhar--, por exemplo 3:00 da tarde, todos os dirigentes de grupos do Brasil parassem o serviço que estão fazendo e, onde quer que fosse, rezassem uma mesma oração. Pedindo antes de tudo a devoção a Na. Sra.; depois a compenetração da própria responsabilidade pessoal para que venham as graças para atrair e fixar gente na cidade; em terceiro lugar, o espírito de sacrifício necessário para que as pessoas que a graça atraísse contassem de nossa parte com toda forma de devotamento possível<sup>640</sup>.

\*

O dia inteiro, em todas as horas, em todas as dificuldades grandes e pequenas que os Srs. sintam, em tudo e por tudo, peçam o auxílio de Nossa Senhora. A nossa vida deve ser um celeste pechinchado sem fim, e eu garanto que será um celeste êxito sem fim.

Comecem a pedir e me cobrem se não der certo. Eu pago.

Mas não assim: "Bom, o que eu conseguir fazer por mim, não vou pedir a Nossa Senhora, Ela que não se meta. Agora, quando eu não conseguir, peço a Ela". Isto não é tratar com uma Mãe. A Ela a gente pede tudo: "Minha Mãe, eu sei que eu consigo ir daqui até a porta com as pernas que Vosso Divino Filho me deu, mas tornai meu passo mais firme, tornai-o mais rígido, tornai-o mais destro. Impressionará bem ou me cansará menos".

Preocupem-se muito mais em rezar do que em agir, que aí os Srs. agirão bem.

Aproximem-se muito de Nossa Senhora e os Srs. receberão todo o resto por acréscimo<sup>641</sup>.

## 2. Certas graças Deus dá só quando a gente as pede e na medida que pede

A graça é um dom de Deus, e se bem que os dons de Deus nos sejam muitas vezes dados sem os pedirmos, devemos pedi-los, porque há dons que Deus não dá senão quando se pede e na medida em que se pede.

Ele quer que peçamos tudo aquilo que precisamos e coisas que nem sabemos se precisamos.

<sup>635</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>636</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>637</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>638</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>639</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 11/1/72

<sup>640</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>641</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

### 3. Regras para conseguir que Deus atenda nossos pedidos

a) Devemos desejar ardentemente o que pedimos.

b) Devemos desejar com intenção reta, quer dizer, para a glória de Deus e não por gloriolas pessoais <sup>642</sup>. A oração [tem força] na medida em que aquilo que a gente deseja não é desejado por amor próprio nem por apego, mas exclusivamente pela Causa de Nossa Senhora. Aí a gente sente que os céus nos respondem. Quando não é isto, o céu fechado é fechado mesmo. É preciso pedir a Deus por amor a Deus. Se a gente pede por amor a nós mesmos, este pedido não é certo que Deus atenderá, porque Ele quer que a Causa dEle seja servida por amor a Ele.

[Neste sentido, me lembro que quando Santa Terezinha leu a seguinte frase do Ofício ficou muito impressionada: "sêde puros, oh vós que tocais nos vasos do Senhor"]. Ela era sacristã no Carmelo. No nosso caso [a gente poderia dizer]: sêde puros de apegos e amores próprios, oh vós que tocais no apostolado do Senhor, oh vós que tocais nos interesses do Senhor e da Senhora do Céu e da terra <sup>643</sup>.

c) Devemos fazer o possível para prestar atenção. Porém não desanimar quando não o conseguimos (\*), porque Deus recebe bem a oração involuntariamente distraída <sup>644</sup>.

-----  
 (\*) Um pedido nosso não é atendido em 2 casos: ou quando Nossa Senhora quer nos provar e vai nos dar depois enormemente o que nós pedimos --os pedidos que demoram são muitas vezes mais generosamente atendidos--; ou é porque pomos dentro um obstáculo e este obstáculo vemos e não vemos, queremos e não queremos remover, e por causa disto a graça não vem <sup>645</sup>.  
 -----

d) Além disto, devemos pedir muito, [porque] quando não temos certeza de rezar bem, de algum modo a quantidade suple a qualidade. A simples insistência sempre adianta alguma coisa, e é de si grata a Deus.

Nosso Senhor em uma parábola fala de uma viúva que foi lesada por um juiz e que pede ao juiz para fazer justiça a ela. E o juiz não quer porque é venal. Mas a mulher tanto pede, tanto pede, tanto pede, que o juiz diz: "Para me ver livre da amolação dela, eu atendo. Olha mulher, está aqui, acabou-se, você tem o que quer, agora vá embora".

Bem, diz Ele: "fazei como essa mulher junto ao Vosso Pai Celeste". Quer dizer, Ele é o juiz perfeito e nós devemos ser a mulher rabugenta, cacete, chorona, que desde a manhã "ba-ba-ba", que vai pedindo, etc., e acaba obtendo <sup>646</sup>.

Deus --para usar uma expressão que não é muito correta para o caso-- se faz de rogado, e deve fazer-se de rogado, porque não é próprio a um rei dar na hora qualquer coisa que se pede. Faz parte da majestade real impor de ser muito pedido. O demônio é o contrário: [é um] prequeté vagabundo, oferecido, ordinário, sem vergonha, que procura entrar a toda hora, que acorre facilmente, [a gente nem precisa] lhe chamar.

Quer dizer, do lado de lá, a força extraordinária é pronta e solícita. A do lado de cá, é ainda mais pronta e mais solícita, para quem peça muito e saiba pedir <sup>647</sup>.

e) [Quando rezamos devemos ter presente] que Na. Sra. é Mãe de misericórdia e que Ela atende a oração do filho relapso, Ela tem pena da oração mal feita e se curva, se inclina com bondade para receber a oração que não mereceria ser atendida.

f) Todas as graças que pedimos, devemos pedi-las por Maria; e todas as graças que recebemos, recebemos por intercessão de Maria.

Pela escravidão a Nossa Senhora nós nos consagramos a Ela completamente, de maneira a não termos nada de nosso e todo nosso [pertencer a] Ela. Agora, como nós demos a Nossa Senhora tudo, Ela condescendeu a contrair uma aliança conosco. Porque a escravidão tem uma reciprocidade: se nós somos inteiramente dEla, Ela nos cobre com o manto dEla, nós passamos a ser como que membros do palácio dEla, como que escravos do séquito dEla, que levamos a livrée dEla, e portanto trazemos conosco e sobre nós algo de soberanamente agradável a Deus, que é essa união com Ela. O escravo, pelo fato de ser escravo, se reveste por assim dizer da pessoa de seu senhor.

Aqui se aplica aquele fato histórico, mas parabólico, de Esaú e Jacob. Jacob que se apresenta ao pai revestido com a pele, para dar idéia de que a pele é de Esaú, porque o pai estava cego e tocando teve idéia de que a pele era de Esaú. Bem, assim somos nós: a pele que nós trazemos sobre nós é a de Nossa Senhora. Deus, olhando-nos a nós, vê o manto dEla, vê a livrée dEla.

<sup>642</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 12/1/72 (RN 326)

<sup>643</sup> Eremo de Elias 30/6/80 (ER 214)

<sup>644</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 12/1/72 (RN 326)

<sup>645</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

<sup>646</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 12/1/72 (RN 326)

<sup>647</sup> Eremo de Elias 30/6/80 (ER 214)



De maneira que quando por exemplo eu rezo, Deus Nosso Senhor não vê as minhas faltas, os meus defeitos, as minhas ingratidões, Ele vê o escravo de Maria que faz tudo por amor a Nossa Senhora, que entregou tudo a Nossa Senhora, que Ela quis aceitar como escravo e que portanto para Ele representa Nossa Senhora. Quer dizer, nós somos como que revestidos de Nossa Senhora na hora da oração. Então não são nossos méritos mas os dEla que vão obter de Deus essa graça.

Nós devemos rezar baseados nessa aliança que Ela quis contrair conosco.

g) [Por outro lado], se não tivermos em consideração o que é a Congregação, nós não temos nada feito. [Porque] um membro da Congregação não é um qualquer escravo de Nossa Senhora, mas é um escravo de Nossa Senhora que tem uma vocação definida, uma vocação especial.

Existe uma providência geral de Deus a respeito dos homens e existe uma providência especialíssima de Deus a respeito de um número restrito de homens. A todos os homens Deus ama com um amor genérico, mas a alguns homens Ele ama com um amor especial.

A vocação genérica para serem bons católicos tem todas as pessoas. Mas a nós Deus deu um chamado muitíssimo especial, inconfundível, único na História.

Nós estamos na maior crise que a Igreja teve desde os tempos de Nosso Senhor até hoje. A crise das perseguições religiosas no tempo dos cézares não foi nada em comparação com a de hoje. A prova é que naquele tempo muita gente não apostatava e hoje apostata. Naquele tempo havia gente que enfrentava leão, tigre, jaguar, brasa ardente, e hoje não há gente que enfrente a Revolução. Aquela perseguição era mais cruel, mas dizimava menos a Igreja do que a perseguição de hoje.

As perseguições posteriores --Maomé, Lutero, Revolução Francesa-- não são o que é a perseguição da Revolução em nossos dias. A prova disto os senhores tem no seguinte: é que tirando a Congregação e pouquíssimas almas esparsas por aí e que a gente nem conhece bem, a gente se pergunta quem é que continua ainda católico apostólico romano.

Quer dizer, a [Congregação] é como um vaso de eleição, no qual as pessoas são reunidas, congregadas, selecionadas gratuitamente --não pelos seus méritos nem pelas suas virtudes. É uma espécie de recipiente, onde [se encontra] o creme mais fino da melhor doutrina católica, da devoção mais excelsa a Nossa Senhora, e da ortodoxia mais completa. É uma espécie de ponto adalgaçado para o qual confluem todas as glórias do passado e do qual se abrirá como a partir de um cone todo o esplendor do futuro. É uma organização profética.

Profeta não é principalmente aquele que prevê o futuro, mas aquele que recebe de Deus os dons necessários para indicar aos fiéis [por] que caminho devem rumar para sua salvação. A Congregação indica ao maior bloco católico que existe hoje no mundo --que é a América Latina-- o rumo da fidelidade completa, da intransigência completa, da integridade completa.

Os senhores não encontram nada que se pareça nem de longe à Congregação. Eu não digo isso com vanglória, mas com tristeza, porque eu quisera que houvera organizações muito melhores que a Congregação. Se eu soubesse de uma assim, eu viajaria imediatamente para conhecê-la, e ao varão que tivesse fundado essa associação e que a dirigisse eu teria a alegria de prestar homenagem de minha vassalagem, porque ele teria feito por Nossa Senhora mais do que eu, e eu não quero outra coisa senão que os outros A sirvam muito melhor do que eu <sup>648</sup>.

Imaginem um franciscano que vai [rezar] e que abstrai de que ele é franciscano e se esquece dos títulos de glória que Deus lhe deu. Os senhores acham que isso é grato a Deus? Nas côrtes é proibido que os fidalgos [se apresentem] sem as insígnias de sua grandeza, porque são insígnias dadas pelo Rei e apresentar-se sem elas é menosprezar os dons do Rei. Nós, antes de nos apresentarmos à Côte Celeste, deveríamos nos revestir espiritualmente de nossas insígnias.

Se os senhores querem fazer uma boa meditação, um bom rosário, eu lhes recomendo: se for rezado em casa, ponham a capa, para terem noção de que estão rezando enquanto membro da Congregação. Se for rezado numa igreja, ponham a flâmula.

Na hora do apostolado a gente deve dizer o seguinte: "Minha Mãe, eu vim fazer aqui este apostolado, [mas] não vim só eu, veio a Congregação inteira que está presente em mim, veio Dr. André que está em mim pelo vínculo tão extraordinário que Vós quisestes que ele tivesse comigo, um vínculo que ele leva tão profundamente a sério, embora talvez eu não o leve. Eu peço nesta hora a Dr. André que reze por mim".

Esta oração é atendida, porque eu estou o dia inteiro na disposição de me unir às orações daqueles que estiverem querendo rezar comigo, de maneira que [quando] algum dos senhores diga: "Minha Mãe, em união com Dr. André, eu Vos peço isto", eu naquela hora me associo a esse pedido <sup>649</sup>. Rezar em união comigo é como se por exemplo agora o Sr. e eu rezássemos 3 Ave Marias e a minha oração se acrescentasse à sua aos olhos de Nossa Senhora <sup>650</sup>.

Por que não dizem: "Minha Mãe, junto com aquele que me destes por pai espiritual, como guia, como mentor, como elo de união junto a Vós, junto com ele eu Vos peço fecundidade para este apostolado. Que as graças que

<sup>648</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 12/1/72 (RN 326)

<sup>649</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

<sup>650</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

estão na alma dele passem para a minha alma e para as minhas palavras. Que o impulso que Vós destes a ele, percorra o meu pobre impulso espiritual e que vá mover essas almas. É como filho dele e unido a ele, portanto assim a Vós, que eu quero fazer este apostolado"?

Quando o apostolado encenra: "Minha Mãe, meu anjo da guarda, rezai por mim, Dr. André me uno a vossas intenções, pedi por mim, fazei com que esta alma se mova".

Isto é fazer apostolado à la Dom Chautard, mas à la Dom Chautard filho de Na. Sra., escravo de Na. Sra., membro da Congregação, filho meu! <sup>651</sup>

#### 4. Preces pro oportunitate dicende (\*)

-----  
 (\*) NB: Outras orações foram postas em outros itens desta Apostila, porque aí se encaixam melhor.  
 -----

##### a. Para pedir a proteção de Nossa Senhora e a união com Ela

Oh Mãe, Rainha dos anjos e dos homens, nós Vos pedimos que nos atendais nas prementes necessidades que nós estamos. Nós vamos no momento para o colégio e sabemos que o colégio para nós é o pátio da R.

Vós sabeis melhor ainda do que nós, quantas são as ciladas que nos esperam, todas as tentações, quantas as intimidações, quantas as brutalidades, quantos os alheamentos, quantas as tentações.

Nós Vos pedimos, oh Mãe, já que sem Vosso auxílio nada conseguimos, nós Vos pedimos esse auxílio torrencial, caudaloso, a todo momento, auxílio verdadeiramente materno.

Esse pedido é feito, oh Mãe, para que sejamos cada vez mais unidos a Vós.

E por isso nós concluimos com esta jaculatória: oh Maria Santíssima concebida sem pecado, fazei com que nós sejamos cada vez mais unidos a Vós e que Vós sejais cada vez mais unida a nós <sup>652</sup>.

##### b. Para pedir espírito de oração

Oh Minha Senhora, olhai misericordiosa para minha alma e dai-me o espírito de oração pelo qual eu recorra sempre a Vós, e recorra tanto mais quanto Vós mais me atenderdes, pois que Vossos dons nos incitam a pedir dons maiores. Mas eu vos peço ainda outra graça: é de que eu Vos peça tanto mais quanto menos Vós me atenderdes. Dai-me a graça de ter presente que Vós amais a oração insistente e confiante, e que quanto mais demorais em atender, maior será a graça que nos preparais, desde já. Amém <sup>653</sup>.

##### c. Para pedir apóstolos e apostolandos

Lembraí-vos, oh Mãe, que Vosso Divino Filho nos fez ver no Evangelho que a messe é grande e poucos os operários. Nos recomendou que peçamos para que Ele mande muitos operários para a messe dEle.

A messe dEle, no que Vos diz respeito, oh Mãe, são os jovens que nós devemos convidar para pertencer às santas fileiras da Congregação.

Nós Vos suplicamos de toda alma que nos envieis muitos desses jovens, em quantidade e em qualidade muito excelentes e capazes de Vos servir.

<sup>651</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

<sup>652</sup> Saúde 2/8/82

<sup>653</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

Vêde, oh Mãe, como a messe é enorme e poucos são os operários. Transmíti a Vosso Divino Filho a nossa prece. Assim seja <sup>654</sup>.

\*

Mandai, Senhora, operários à vossa messe da Contra-Revolução; a messe é enorme, porque onde a gente menos espera encontra um "zezinhável". Os que trabalham nesse sentido são poucos. Enviai, Senhora, novos operários para nós podermos fazer uma caça mais ampla aos Zezinhos <sup>655</sup>.

#### **d. Para a abordagem**

Oh Maria Santíssima, Mãe nossa, que tivestes a desolação de perder Vosso Divino Filho e o gosto de O encontrar no Templo, tomai em consideração tantos filhos vossos que vagueiam pelas cidades, os quais ninguém encontra e que correm grave perigo de se perderem.

Vós procurastes o Menino Jesus no meio da multidão e tivestes a dor de não O encontrar. Com certeza vossa solicitude materna procura esses jovens no meio da macro-cidade e eles vos fogem.

Queremos, oh Mãe, ser instrumentos vossos para os encontrar e para os trazer junto a Vós pelo apostolado de abordagem.

Por isso nos comprometemos a seguir o Ordo sobre Abordagens.

Queremos dar-Vos desta maneira a alegria de trazer vários deles para dentro da Congregação. Alegria essa que seja um remoto, porém autêntico, reflexo do encontro que tivestes com Vosso Divino Filho no Templo. Oh Mãe, a alegria de encontrar!

Dai-nos para isso, oh Mãe, a perseverança de procurar. De procurar quem Vós quiserdes, de encontrar quem Vós quiserdes e trazer a Vós aqueles a quem preferis e que Vos digam "sim".

Que esse número seja grande, para Vossa glória e para a eficácia do apostolado de Vossa Congregação. Assim seja.

#### **e. Para quando o apostolado está difícil**

Oh Minha Mãe, Vós que fizestes andar o Dr. André, que não andava, ponde a andar a minha alma e minha ação neste apostolado, que não vai para frente <sup>656</sup>.

#### **f. Orações específicas do apóstolo itinerante**

Minha Mãe, vede que além do outro apóstolo itinerante meu irmão, eu nesta cidade, onde não tenho pai nem mãe, nem irmão, nem conhecidos, nem amigos, eu estou só com o meu anjo da guarda, sob o Vosso olhar. Vim aqui trazido pela voz daqueles que Vós indicastes para me designarem a tarefa.

Estou nesta cidade só, fraco, com pouca capacidade. Mas eu sei que se Vós tiverdes pena de minha alma e saturardes a minha presença, o meu olhar, o timbre de minha voz, as minhas palavras, os meus argumentos, os meus esforços, com a presença de Vossa graça, hoje, amanhã ou depois de amanhã os montes começarão a se abater, as montanhas do orgulho vão se aplainar, os pântanos da rua se secar e a estrada real que conduz ao Vosso Reino vai correr.

Eu Vos peço pela alma daquele, daquele, daquele outro que eu devo procurar. Na hora em que eu falar com ele, fazei-me não agir como um apóstolo vaidoso que quer se impor à consideração e à simpatia dos outros; como um apóstolo sentimental, que quer uma amizade humana dos outros; mas como um apóstolo que pensa só em Vós, que não quer fazer outro esforço senão o esforço para trazer outras almas a Vós; que trazendo essas almas a Vós não quer outra coisa senão que elas se santifiquem cada vez mais, para que elas lutem pelo Vosso Reino e para que o Vosso Reino venha a esta terra.

<sup>654</sup> 5/8/82

<sup>655</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 6/1/81 (ER 214)

<sup>656</sup> Buissonnets 21/4/81

Eu Vos imploro, portanto, oh Minha Mãe, que junto a cada um daqueles com quem eu vou falar Vós estejais presente, de uma presença que é a mais preciosa das presenças, é a presença de Vossa atenção, de Vossa misericórdia, de Vossa súplica.

Mais ainda, fazei encontrar nesta cidade os Vossos prediletos. Se eu estou aqui, tudo leva a crer que há aqui quem Vós quereis chamar. Quando é que eu encontrarei esse punhado de almas eleitas? quando é que eu as atrairei?

Vós é que sabeis, fazei-me encontrá-las logo. Quem sabe se não são essas com quem eu trato mas são outras. Que o Vosso anjo me conduza até elas, que o anjo da guarda delas as conduza até mim, mas que eu as encontre e que eu firme aqui um grupo que seja como que um estandarte Vosso defaldado nesta cidade para que eu possa ir como um arauto a outras cidades ensinar o Vosso Reino" <sup>657</sup>.

\*

Oh minha Senhora e minha Mãe:

Firmai em meu espírito a convicção de que o principal obstáculo para a expansão da Congregação é o mito diabólico de que, em nossos dias, os princípios da Congregação não obtém adeptos.

Dai-me a graça de compreender que o número já grande de sócios, militantes e propagandistas da Congregação, vai derrubando esse mito. E que esse mito desaparecerá ainda mais depressa, se aumentar o número dos que participam de nossas fileiras. Pois, diante do fato de que somos muitos, o mito diabólico fica sem argumentos.

Lembra-me, pois, continuamente, que em nossas fileiras cada pessoa tem de ser um recrutador de novos elementos. Sim, recrutador pela oração, pelo sacrifício e pela ação.

Alcançai-me, pois, oh Mãe, a graça de calcar aos pés o respeito humano, que tantas vezes acovarda os contra-revolucionários.

Dai-me a graça de suscitar "casos contra-revolucionários" nos ambientes em que me achar, e de neles exercer bem a ação de "proche en proche".

Fazei de mim um militante corajoso, pois é só mediante o exemplo da coragem que podemos atrair almas a Vós.

Oh minha Mãe, eu vejo quanto eficaz é em todos os seus empreendimentos a Congregação. Dai-me a graça de ser tão eficaz quanto ela, e pela glória dela, no âmbito de minha ação individual.

Cor Sapientiale et Immaculatum Mariae

Opus tuum fac! <sup>658</sup>

#### **g. Oração específica do eremita de Ativismo Individual**

Minha Mãe, eu sei que a mim Vós me chamaste para um Êremo, quer dizer para um lugar onde pelo silêncio Vossa ação fosse mais intensa em minha alma. Eu sei que ali estou para estudar as normas do Ativismo Individual. Esclarecei minha inteligência, dai-me apetência desta matéria, fazei-me progredir neste estudo, de maneira tal que quando Vossos filhos vindos de todo o Brasil me pedirem a orientação, eu saiba dar essa orientação de acordo com as normas que eu aprendi.

Eu Vos peço que não olheis para a indignidade de minha súplica. Eu rezo porque Vós me incumbiste de rezar; esse Ofício eu rezo porque Vossa graça posou em mim e me pediu que eu rezasse; esse Rosário, Vós o quereis de mim todos os dias; essa comunhão, Vós me dais a graça inestimável de a fazer todos os dias e de receber o Vosso Divino Filho; a clausura que eu aceitei voluntariamente, Vós é que me chamaste para ela. Por pouco que isto valha, porque vem com a marca das minhas misérias, aqui está. Vós pedis e eu dou, limpai, purificai, ornai e oferecei a Vosso Divino Filho, por mim, pelos eremitas deste Êremo, por todos os eremitas, pelos apóstolos itinerantes, por todos os membros da Congregação, para que venha o Vosso Reino <sup>659</sup>.

#### **h. Oração para ser rezada junto a um círio posto diante de uma imagem de Nossa Senhora**

Oh Mãe de Deus e nossa, aceitai a chama que eu vou acender --ou manter, dependendo do caso concreto-- no círio que diante de Vós está posto. Fazei com que esta chama que arde diante de Vós, arda continuamente como

<sup>657</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 12/1/72 (RN 326)

<sup>658</sup> Oração ditada, ao que parece, no Simpósio de Curitiba, outubro de 1969

<sup>659</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 12/1/72 (RN 326)

símbolo de minha continua oração de que venham muitos, de que venham todos, que fiquem sempre. Minha Mãe, protegei-os, protegei-me. Assim seja<sup>660</sup>.

## G. O sofrimento, forma mais sublime e mais empolgante de apostolado

### 1. É normal que o apóstolo sofra muito

#### a. No caso de o apóstolo ser rejeitado por aqueles que deveriam acolhê-lo

Um sofrimento, grande até, mas que acaba sendo um sofrimento meio pouca dentro da coisa, é o sofrimento que tem a pessoa que vai a um meio que é o seu, que nesse meio dirige-se àqueles a quem deve se dirigir e é rejeitado -- às vezes até com brutalidade, com desdém.

Nós vemos isso em numerosos episódios da vida de Nosso Senhor. São João disse que Ele veio para os que eram os Seus e os Seus não O receberam.

Às vezes eu vejo uma ou outra pessoa se gabar: "ah, eu bem pouco me incomodo com isso". Eu tenho vontade de dizer: "então está qualquer coisa errada em você, porque é para incomodar". Imaginem um sujeito ter insensibilidade nesta parte aqui da pele; encostam brasa lá, aquilo chia e ele diz: "bem pouco me incomoda". Aquilo não é um herói, aquilo é um faquir. O normal é que essa sensação de rejeição incomode. Quer dizer, isso é um sofrimento que um apóstolo de alma bem constituída deve ter; não é natural que não tenha. Pensar que não é sofrimento é uma tolice, ou então é uma azeda psicologia, não está direito.

\*

Por que é que isso constitui sofrimento?

Constitui sofrimento, em primeiro lugar, porque tudo aquilo que contraria um instinto do homem, para ele é um sofrimento.

Ora, o homem tem um instinto de sociabilidade cujo efeito próprio não consiste [apenas] em que ele viva no meio de um número grande de pessoas, mas também em que ele viva num número restrito, e que nesse número restrito ele tenha um convívio harmonioso, correto, agradável. É claro que quando isso é recusado ao homem, ele padece, porque lhe é recusado algo que sua natureza pede.

[Notem que não se trata apenas] de uma necessidade física, mas sobretudo de uma necessidade espiritual. É espiritualmente que o homem tem necessidade desse convívio assim.

\*

[Em segundo lugar] pelo fato de a pessoa ser objeto de injustiça. Porque se ela vai a um lugar e ela leva a missão de realizar uma coisa grandiosamente boa, mas ela ali é objeto de uma injustiça, o senso de justiça vivo em todo homem se revolta.

Faz parte da natureza humana que o homem tratado com injustiça se indigne. Se muitas vezes, ele tratado com justiça, ele se irrita, quanto mais é compreensível que ele tratado com injustiça se irrite.

\*

[Mas sobretudo isso é doloroso para o apóstolo pelo fato de] ver que ele leva NSJC a um lugar e que Nosso Senhor ali é rejeitado.

Quer dizer, ele leva os princípios mais altos, a visão do universo mais perfeita, as verdades eternas reveladas que abrem a porta do Céu, o fundamento de toda ordem, de toda decência, de todo bem consigo. E vê que tudo isso é ignominiosamente rechaçado. Esse rechaçar ignominioso fá-lo sofrer [porque] não tem propósito nenhum que Nosso Senhor seja tratado por essa forma, que a glória dEle seja obnubilada por essa forma. É uma coisa que eu não posso suportar, me revolta, me indigna!

Naturalmente, o revolta e indigna a gente deve entender o que quer dizer: não é uma revolta azeda, não é uma indignação personalística, mas não impede que seja um altíssimo furor e um furor fixo, estável, que o homem sente até quando dorme.

<sup>660</sup> 5/8/82

### **b. No caso de o apóstolo ser bem recebido**

Agora, isto é apenas um aspecto da questão. Há um outro aspecto, que é o seguinte:

Vamos supor que um indivíduo leva a graça num determinado ambiente e é muito bem recebido ali. [Também] é normal que ele sofra muito. Por que?

A Igreja nos ensina que a Paixão de NSJC teve um mérito super-abundante. Mas que por uma disposição da vontade dEle, Ele quis que esses méritos fossem aproveitados pelos homens, juntando os homens um sofrimento seu ao dEle, em muitos casos, em muitas circunstâncias, em muitas situações.

[Em outros termos], para conseguir uma grande conversão, para conseguir uma grande transformação, para conseguir um "renouveau" da vida da Igreja, há os méritos infinitos de NSJC, sem os quais nada se conseguiria e substancialmente pelos quais tudo se consegue. Mas para que de fato toda a Paixão fosse útil [nesse sentido], NSJC quis, por uma disposição dEle cuja beleza eu vou ressaltar daqui há pouco, que meus sofrimentos se integrassem ali também.

Portanto, em muitos lugares ou junto a muitas pessoas, a Paixão de NSJC fica como que suspensa na superabundância de seus méritos para converter as pessoas, ou para santificar alguns que já são bons, fica como que suspensa à espera de alguém que resolva dar o contributo de sua cooperação pessoal.

Aquela gota d'água que o padre põe no cálice [junto com o vinho na Missa], simboliza exatamente o sofrimento humano que é oferecido junto com o de Nosso Senhor. Essa gota d'água, que de si não é matéria para a transubstanciação, pelo fato de estar ali dissolvida naquele conjunto, se transubstancia.

Isto exprime bem o valor de nossos méritos minguaquíssimos, quando unidos aos méritos infinitamente preciosos de NSJC. Quer dizer, de nossa parte aquilo não teria valor, mas unido aos méritos de NSJC aquilo pode então ter um valor colossal.

Agora, quando esse sofrimento tem um caráter imprecatório, de ato de amor, e antes de tudo de holocausto desinteressado, vem misturado com a luta e as dificuldades: as incompreensões, as apostasias, as calúnias, os apodos, tudo se precipita sobre o apóstolo. E ele luta contra aqueles obstáculos. Por que é que aquilo está acontecendo? Entre outras razões, de um modo muito importante, porque se não houver o sofrimento dele, Nosso Senhor recusa a aplicação dos méritos da Paixão para aquele ambiente, para aquela alma.

\*

Isso está na ordem da criação:

Deus, tendo criado seres inteligentes e dotados de vontade, Ele deixou intencionalmente que uma parte da beleza da criação e da ordem da criação fosse completada por esses seres.

O casulo da seda, por exemplo, foi manifestamente feito por Ele para que o homem soubesse fazer a seda. É uma coisa de si até feita, da qual o homem, pelo seu talento, tirou o meio de fazer um tecido precioso.

A criação é como desses desenhos que se fazem para crianças, em que há umas linhas gerais e a criança tem que completar. A criação é desses desenhos assim. E o homem, entendendo a criação, amando-a e aperfeiçoando-a, é elevado por Deus à altura de continuador na obra geral da criação.

Ora, tendo acontecido que Deus, além de Criador, se fez Redentor, e que Ele quis que Nosso Senhor padecesse na cruz e morresse pelos homens, era natural que nessa obra prima da criação, o homem também fosse associado, e que ele portanto tivesse um sofrimento complementar a dar, que fosse além do sofrimento que vem da ação ou então da cooperação que o homem dá pela oração.

### **c. É normal que quem inicia uma obra, tenha que sofrer pela obra inteira**

Aquele que inicia uma obra tem a glória do iniciador da obra. Mas o resultado é que essa glória traz para com ele o peso de ele sofrer pela obra inteira. Porque assim como aquela obra até o fim do mundo vai existir --vamos dizer que exista até o fim do mundo-- e vai produzir seus frutos, e aquilo vai ser a glória para ele, é normal que ele irrigue com o sofrimento dele aquilo até o fim do mundo. Quer dizer, que ele tenha um sofrimento que tenha todos os sofrimentos da fundação.

De maneira que é natural que aqueles que são os iniciadores junto conosco de uma obra grandiosa e que participam dessa fundação, sofram um sofrimento que seja proporcionado até onde essa obra deva viver. E os que levam em primeiro lugar a graça para um determinado grupo social, e que são neste sentido como que fundadores, devem também ter um sofrimento mais intenso do que os outros. É uma glória maior e um sofrimento maior.

\*

Está na ordem da natureza [que o verdadeiro começo de algo seja o sofrimento]. Assim, por exemplo, as sementes: é quando a fruta apodrece e morre que aquela semente se liberta. Depois aquela semente apodrece de novo. E é nessa segunda podridão, nessa segunda morte que vai nascer algo de novo.

Quando a mãe tem o seu filho, também é na dor. Todas as grandes coisas iniciais são concebidas e geradas na dor. E portanto essa dor está na ordem das coisas.

E até Nosso Senhor tem no Evangelho uma referência a isto <sup>661</sup>.

#### **d. Para tornar-se um bom transmissor da graça e expiar os pecados de si próprio e do apostolando, é normal que o apóstolo sofra**

Para que o apostolando receba bem o que lhe diga o apóstolo, é necessário que o apóstolo esteja andando bem, a graça de Deus esteja vencendo nele e ele seja veículo da graça. Quando um homem em estado de graça fala a outro, é um meio idôneo para transferir essa graça. Um apóstolo que não faz a transmissão da graça, não tem utilidade nenhuma. É mais ou menos como uma torneira com os canos quebrados.

Agora, para que o apóstolo seja um bom transmissor da graça, o sofrimento tem um papel muito grande. Porque para não pecar e resistir à tentação do mal é muito bom que a pessoa sofra, por exemplo, um jejum, uma penitência, flagelar-se um pouquinho. Assim aumenta o mérito da pessoa, recebe mais graças e fica mais forte na ordem da graça.

O apóstolo também pode fazer um sofrimento para obter de Deus a expiação de um pecado do apostolando.

São portanto duas circunstâncias em que o sofrimento do apóstolo é importante. Uma é para obter perdão para si mesmo e ser uma torneira que transmite a água da graça. E outra é em favor da alma do apostolando, para que o apostolando receba generosamente a graça e Deus lhe perdoe os pecados que ele tenha cometido <sup>662</sup>.

## **2. Formas de isolamento e de confiança que Nossa Senhora quer do apóstolo**

### **a. A prova "pau-do-sebo"**

A vida do apóstolo itinerante tem problemas especiais, que não são os problemas de um rapaz que vive, por exemplo, no grupo de São Paulo, cercado de todos os apoios, proteções, etc. Ele vive num grupo muito pequeno ou isolado procurando formar um grupo que acaba sendo uma espécie de pau-de-sebo.

A formação de um grupo parece muitas vezes um pau-de-sebo. No alto do pau-de-sebo estão os presentes e o sujeito pensa que subindo acaba pegando os presentes.

Assim também está o apóstolo itinerante: começa a fazer apostolado, sobe, sobe, sobe; quando pensa que pega aquele, aquele deserta. Então lá vai para baixo do pau-de-sebo e aquela esperança fica lá em cima e não se realizou. Depois [se] apresentam 2 ou 3 primos ou amigos e entram todos juntos, aquilo alegria o apóstolo itinerante. Ele sobe o pau-de-sebo de novo com redobrada energia porque aumentou o número de presentes em cima. Chega lá em cima, desce com os presentes, quer dizer, o pessoal vai viver na [sede], se instalam, etc. De repente, um belo dia, todos os 3 desertam juntos e tudo tem que recomeçar outra vez.

E assim, quantas e quantas vezes, o grupinho chega a 5, 8, 10. De repente vai ver: parece que deu cupim naquilo, aquilo passa, some e o apóstolo tem que recomeçar o trabalho de novo.

E ele se sente no meio de tudo isso terrivelmente isolado. Isolado porque ele nas horas vagas não tem com quem conversar, não tem com quem trocar idéias, na cidade toda ele ainda não conhece ninguém, ele fica vagueando de um lado para outro sem ter o que fazer.

E começa a pensar que em São Paulo estão fazendo juízo temerário dele: que é incompetente, que ele é um sem-graça, que não atrai ninguém.

<sup>661</sup> Texto sem data 21, Reunião normal do ano 1966 ou 1967, título originário "O apostolado do sofrimento – Todo apostolado deve se regado com dor"

<sup>662</sup> Palavrinha 5/5/88 (RN 682)

Assim lá vai a vida do apóstolo itinerante, às vezes 1, 2, 3 anos, às vezes mais.

#### **b. O ensabugamento dos apostolandos e sua permanência no Grupo**

Outra coisa que também pode acontecer é reunir 2 ou 3 [apostolandos] que no começo são muito interessados, muito satisfeitos, etc., e de repente, não vão embora, mas sabugam, e fica cada sabugo de meter medo e que atrapalha a entrada de outros novos.

A gente não pode pôr fora, porque eles podem ir para o inferno e a gente não pode mandar uma alma para o inferno assim de alegre. Então tem que aturar o sabugo. A gente tem vontade que o sabugo vá embora, mas se há uma categoria de [pessoa] que não vai embora é o sabugo: eles são firmes como cupim na madeira, não há o que arranque.

#### **c. O desencontro entre os pólos do interesse dos apostolandos e os pólos do interesse do apóstolo**

Acontece também que, às vezes, o grupo existe há algum tempo e todos já conversaram com todos a respeito de mais ou menos tudo. De maneira que quando chega a tardinha ou a noite, hora de se reunir, o apóstolo itinerante tem uma preocupação: como encher o tempo? como fazer com que eles voltem amanhã? como fazer uma coisa entretida que eles queiram voltar?

No interior em geral as conversas não são sobre as coisas internacionais. Em São Paulo, pelo contrário, o fato internacional é o que interessa mais, o nacional a gente tem um interesse menor, e não temos o mínimo interesse em saber notícias locais.

E os apostolandos estão habituados a tomar o interesse na ordem do contrário. Eles foram formados de um tal jeito que o centro dos interesses para cada um é cada um. E a notícia é tanto menos interessante quanto mais está longe do sujeito, e tanto mais interessante quando mais está próxima dele.

De maneira que quando a gente vai conversar com eles, as coisas que nós temos para comentar, não interessam a eles. E as coisas que eles querem comentar conosco, são coisas que quase não nos dão oportunidade de apostolado. Fica um desencontro para as conversas.

#### **d. A sensação de inutilidade, imponderável a cuja solicitação o apóstolo fica sujeito**

Mas eu quero ir um pouco mais longe e descrever aos senhores o ambiente interno, os imponderáveis a cuja solicitação o apóstolo itinerante fica sujeito.

Acho que os dias mais pesados para ele são sábado e domingo. Chega meio dia e meio, uma hora, o apóstolo itinerante tem um almoçozinho pífio. Senta na mesa sozinho, não tem conversa e passa por dentro da cabeça os assuntos aborrecidos: tal coisa, tal outra coisa, ta-ta-tá.

Ao longe o silêncio apenas interrompido por algum motor de automóvel que dispara, por um cachorro que ladra, etc. A gente fica no meio desses sons heterogêneos e sem-graça.

Enquanto todo mundo tem companhia, o apóstolo itinerante não tem companhia e forma uma tristeza. E essa tristeza é assim: "Se o Dr. André imaginasse o que é a tristeza desta solidão..."

A porta da sede até está aberta permanentemente com a esperança de que alguém embarafuste por dentro. Passam horas, horas, não entra ninguém. O apóstolo de desânimo também não reza. De maneira que está pesando sobre ele o fardo da oração para fazer.

Chega à noitinha, ele ouve o portãozinho que faz "kiééiinn", é alguém que entra e diz:

- *Meu irmão esteve aqui?*

- *Não, hoje não veio cá.*

- *Ah, não vejo aqui hoje, é? Sei, tchauzinho!*

- *Até logo.*

O único que esteve ali no domingo! Pergunta do apóstolo para si: "o que é que eu fiz aqui neste domingo? Ainda bem que o sono está chegando, é o melhor companheiro". Logo que pode fecha a sede, mete-se na cama e dorme.

\*

Em algumas sedes é o contrário. Vem gente, enche de gente, é uma estrepolia, fazem barulho, mas se trata de tudo menos dos temas da Congregação.



No fundo o apóstolo está cansado e a barulheira não cessa, e o pessoal não vai embora, e ele não quer mandar embora porque tem medo que o pessoal depois não volte.

Quando vai para a cama vai cambaleando de cansaço, mas a mesma sensação de inutilidade: "quem ficou melhor? quem progrediu? onde é que esse negócio vai dar?"

\*

Agora, a solidão é uma coisa mais cruel do que a sede repleta de tipos inúteis. Porque na solidão fica pairando uma impressão de que no próprio ar há alguma coisa impregnada que isola, que afasta e que impede as pessoas de virem. Ou, se [a sede] é numa rua movimentada, a impressão de que na entrada do portão existe um espírito malfazejo qualquer que impede das pessoas entrarem.

É uma coisa tão tremenda para o homem a solidão, que quando Adão vivia [sozinho] no paraíso, Deus disse: "não é bom que o homem viva sozinho". Quer dizer, nas delícias do paraíso já não é bom viver sozinho. Quanto mais numa rua de Caixaprego não é bom viver sozinho <sup>663</sup>.

### **e. A tensão entre o apóstolo e aqueles a quem ele dirige**

O apóstolo itinerante, quando é inteiramente consciente de sua situação e de seu papel, ele se encontra, a bem dizer, só. E só numa situação delicada, porque é só cheio de muita gente em torno de si.

Como é que se dá isso?

Se o apóstolo itinerante trabalha bem, se distancia involuntariamente daqueles a quem está dirigindo, porque ele pede, daqueles a quem ele está dirigindo, mais do que eles querem dar. E não pode deixar de ser, porque se ele só pedir o que eles querem dar, deixou de dirigir.

Nossa Senhora, a alguns dos que ele dirige, dá uma forma de graça pela qual percebem com facilidade que ele está dirigindo para a santificação. E a tarefa é fácil.

Mas muitas vezes Nossa Senhora não dá essa noção fácil para aqueles que estão sendo dirigidos. Então é preciso estar a toda hora lembrando, não dizendo: "olha, eu sou o que leva vocês para o Céu", esse é o erro dos erros, mas fazendo sentir isto, fazendo compreender isto, etc., e portanto estabelecendo uma certa [tensão] entre o apóstolo e aqueles que ele está levando.

No mesmo grupo pode acontecer que em relação a uns ele é "Monsieur Non" --porque continuamente ele está vigiando e dizendo "non"--, e junto a outros ele é "Monsieur Merveille" --porque ele anuncia as maravilhas e as pessoas ficam entusiasmadas. Isto cria para o apóstolo a obrigação de ter um mapa espiritual de seu grupo, [de maneira a] saber, com cada um, a cada momento, de que maneira ele deve dizer uma coisa; e não haja uma palavra que seja dita de um modo errado, não haja um sorriso inoportuno, e nenhuma vez uma cara amarrada inoportuna <sup>664</sup>.

### **f. Nossa Senhora também quis que o Dr. André passasse pelo isolamento e confiasse contra toda esperança**

Eu passei por isso. Eu tive esse problema antes de saber que havia congregações marianas e pensando que eu era o único moço católico de São Paulo, porque no meio em que eu vivia não tinha moço católico.

Todo moço quando chegava assim na adolescência 15, 16 anos, parava de freqüentar os sacramentos e começava a freqüentar casa fassura. Os próprios pais vigiavam para saber se o rapaz estava freqüentando casa fassura, e se não estava, eles mandavam os amigos com dinheiro levar o rapaz para casa fassura.

Graças a Deus, nunca fizeram isso comigo, porque [mamãe] faria não sei o que se uma coisa dessas acontecesse. Eu teria reagido com tapa, pontapé, se tivessem querido arrastar-me. Mas esse era o ambiente.

Então, na minha adolescência eu conheci muita solidão, porque eu não queria me meter nessas rodas e não queria me perder.

Entro para o movimento católico, pelo contrário, uma multidão de relações, de contatos, etc., e passo mais ou menos 7, 8 anos dentro desse movimento.

Bem, em determinado momento começa a entrar o progressismo dentro do movimento católico. Eu escrevo "Em Defesa". Esse livro provoca uma polêmica tremenda comigo e [sou] praticamente expulso do movimento católico.

<sup>663</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>664</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 25/10/91

Saí da congregação mariana junto com 5 ou 6 rapazes e fui fundar um movimento novo no andar térreo do prédio da Rua Martim Francisco que ocupamos hoje.

Nós passamos uns 6 ou 7 anos ou talvez mais procurando gente para aumentar o nosso movimento. Não aparecia ninguém!

Esses 5 ou 6 [rapazes] começaram a brigar entre si porque não agüentavam mais de se verem toda noite, toda noite, toda noite. E sobretudo a implicar comigo, porque a ação minha sobre a consciência deles apontava como dever moral seguirem naquela linha.

Foram 6 ou 7 anos de agonia, porque eu não sabia no que é que isso ia dar. Toda noite eu era o primeiro a chegar à sede. Quando abria a sede eu pensava: "será que eles vem esta noite? ou [será] que eu fico sozinho como quando eu tinha 15 anos e volto para a estaca zero de minha vida?"

Houve casos em que o desentendimento entre eles foi tão grave que chegou quase à bofetada.

Mas o fato concreto é que essa solidão eu a senti por inteiro, e portanto sei o que sente o apóstolo itinerante. Quer dizer, quando os senhores passem por isso, lembrem-se: "Dr. André em duas etapas cruciais de sua vida, durante anos em seguida, passou por isso, suportou isso, agüentou isso e tocou para frente. Por que é que eu não vou tocar também?"

Os senhores repetem a minha biografia. Nossa Senhora quer dos senhores uma certa forma de sofrimento que Ela quis de mim também, uma certa forma de confiança nEla, contra toda esperança, que Ela também quis de mim. Em certo momento os senhores vão assistir a florada dos grupos que os senhores ajudam a constituir com algo que é muito mais do que o suor do rosto, é o sangue do coração.

Pela provação pela qual eu tive que passar, a Providência queria que eu fosse acumulando desde logo sofrimentos e merecimentos da vida interior para renderem mais tarde. [É] como um homem que planta uma planta que deve começar a dar frutos daqui a 4 ou 5 anos: ele está acumulando trabalho que vai lhe dar depois até o resto da vida o fruto do que foi feito. Portanto, a coisa não obedece a um automatismo: vida interior, imediatamente frutificação. Mas na vida interior a gente adquire a resistência para acumular os frutos desse tesouro para mais tarde.

### 3. A sensação de aparente inutilidade, pórtico do sucesso no apostolado

Às vezes os senhores se perguntarão: "o que que eu estou fazendo nesta Caixaprego aqui? Se eu fosse eremita itinerante seria muito mais útil [para a Causa]".

Não se en-ga-nem! Para cada um o mais útil é fazer a vontade de Nossa Senhora, é fazer aquilo para que foi chamado.

Como é que os senhores sabem que estão fazendo a vontade de Nossa Senhora? Por que é que os senhores tem que ser apóstolos itinerantes?

[Primeiro], porque tem que haver apóstolos itinerantes. Sem apóstolos itinerantes a Congregação não cresce. E se ela cresceu o que cresceu, é por causa de apóstolos itinerantes. Em segundo lugar, porque pelo jogo natural das circunstâncias e pela obediência, os senhores foram apóstolos itinerantes. E a obediência é o modo certo de fazer a vontade de Deus, Ele quis que nós vivêssemos debaixo do regime da obediência, nós vivemos. Nosso superior nos mandou, nós fomos.

[Agora, acontece que] regando aquele solo ingrato com as aparências da inutilidade, os senhores preparam as graças necessárias para o apostolado naquele lugar. Porque o nosso contributo de sofrimento chegou ao "quantum" que Nossa Senhora queria para Ela começar a nos dar apostolados. Às vezes não é isso. Nós estamos fazendo um apostolado aparentemente inútil em Caixaprego, mas este, aquele ou aquele outro apóstolo estão tendo resultados brilhantes em tal e tal e tal lugar. Nossa inutilidade está regando com o nosso sangue o gramado dos outros.

Se nós concordamos com isso e fazemos de bom grado o papel do apóstolo aparentemente inútil, nós somos 100 vezes mais úteis, porque a aceitação desse sofrimento vale mais do que qualquer trabalho<sup>665</sup>. Nossa Causa progride mais com sofrimentos aceitos do que com trabalho e até com oração<sup>666</sup>.

Se um apóstolo, chegando a noite, fizer o cômputo do que foi seu dia: "hoje não entrou ninguém, hoje não progrediu ninguém, hoje tantos em vias de fixação saíram, hoje tantos em vias de atração não vieram. O dia foi deficitário", no entanto ele se ajoelha diante de Nossa Senhora e diz: "Minha Mãe, eu Vos ofereço o sangue de minha alma", este homem terá feito mais pela Causa do que se ele tivesse atraído e fixado aqueles.

A questão não é entrar ou não entrar. É ter feito tudo para que entre, é ter feito tudo para que fixe. Se isto acontece, durmamos tranqüilos. Dia virá em que vamos encontrar o fruto de nossa dedicação<sup>667</sup>.

<sup>665</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>666</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

<sup>667</sup> SD 27/7/84

Os senhores vejam como esta sede enche hoje em dia de gente vinda de todos os cantos. Mas isso depois de quanta solidão? É o sacrifício do Fundador. O apóstolo itinerante é uma miniatura de miniatura de Fundador. Sofra! Nesses isolamentos e nessas coisas os senhores tenham confiança, porque virá um dia em que os senhores vão ter essa recompensa na terra e depois no Céu <sup>668</sup>.

Eu sei bem como a atração e a fixação são difíceis, conheço as decepções que há na atração e na fixação. Lembro-me dos meus 20 anos [de idade] e das atrações fracassadas. Não tive ocasião de fazer apostolado de fixação durante uns 10 anos. Mas continuei, continuei, continuei.

O que aconteceu? Na aparência, [fiz um trabalho] inútil. Mas em determinado momento, eu encontro um movimento feito para eu entrar. Quero crer que todo esse meu sofrimento não foi alheio aos planos de Nossa Senhora que ia arregimentando outras almas longe de mim <sup>669</sup>.

O modo pelo qual a Providência nos envia aqueles que nós desejamos para o apostolado é o modo mais irregular que pode haver. De maneira tal que a gente passa algum tempo numa secura apostólica de assustar.

Nós não devemos ter a fraqueza de desanimar quando o apostolado estanca. Quanto mais o apostolado estanca, tanto mais ele explode magnificamente em certa ocasião. E nós devemos empregar os mesmos meios, com a mesma insistência, custe o que custar. Pois se o apostolado dos apostolados --que é o apostolado de NSJC-- teve um tempo de retrocesso, por que não será isso conosco também? <sup>670</sup>

Nas coisas sobrenaturais há longos desejos que precedem a tudo, há reveses que dão benção a tudo. Com os reveses vem não só o mérito do sofrimento, mas algo mais alto do que isto. É que a gente acaba percebendo que as forças humanas são insuficientes para o que se quer fazer e que sem o auxílio de Nossa Senhora nada se consegue. Então a vida espiritual, a vida sobrenatural vai se misturando com o apostolado, vai vivificando o apostolado e nós vamos compreendendo que, em nossa obra, sobretudo e principalmente, nós devemos esperar absolutamente tudo de Nossa Senhora <sup>671</sup>.

Os senhores todos conhecem a parábola do semeador que tira as sementes que caem em terrenos de natureza diversa. Não devemos imaginar que a palavra do apóstolo itinerante necessariamente produz um resultado. Pelo contrário, a maior parte das vezes não produz resultado. Como a nossa palavra também: a maior parte das vezes não produz resultado. Mais ainda como a palavra de NSJC: na maior parte das vezes não produziu resultado <sup>672</sup>.

O êxito não é o resultado necessário da atuação de um apóstolo, mesmo de um apóstolo santo. Quantos Apóstolos de Nosso Senhor que receberam Pentecostes, que foram confirmados em graça, foram a nações da África e do Oriente, fracassaram e não converteram essas nações! A falta de êxito não é sinal de que a pessoa ande mal (\*), ou de que a pessoa seja poca. Às vezes Nossa Senhora permite que um não tenha êxito, e aceite bem sua falta de êxito, para com este mérito dar êxito a outro <sup>673</sup>.

-----  
 (\*) Quando uma pessoa não tem fruto no apostolado, como é que pode distinguir se isso é falta da vida interior ou se é uma provação?

Há situações em que muito caracteristicamente isso é falta de vida interior. [Por exemplo], uma pessoa que sabe claramente que não se empenha no apostolado como deveria, uma vez que o apostolado não produz fruto, não pode se queixar. É como um jardineiro preguiçoso, que não emprega as regras adequadas à jardinagem: não tem propósito ele se sentar diante de suas margaridas fanadas ou feias e dizer: "oh, que provação! Deus não me dá belas margaridas".

[Mas se a gente pôs todo o empenho e não deu resultado], a falta de fecundidade é uma provação que a pessoa tem de carregar.

Agora, há situações confusas em que a pessoa não sabe bem, porque nem sempre a pessoa vê tão claramente a sua vida interior. Nem sempre a pessoa está tão certa se fez ou não fez o que devia em matéria de apostolado. [Nesses casos] o remédio é aprimorar a vida interior e aprimorar o apostolado <sup>674</sup>.

-----  
 O apóstolo itinerante deve considerar normal que em bloco o seu apostolado dê algum resultado, e que muita gente recuse. Se os senhores considerarem a quantas pessoas eu [me] dirigi ao longo de minha vida para procurar atrair para a Causa da CR e o número monumental de recusas, os senhores compreendem bem que na minha vida há ilustração do que de modo tão mais eminente e mais esplêndido se pode dizer dos Apóstolos e de todos os que nos antecederam <sup>675</sup>.

<sup>668</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>669</sup> SD 27/7/84

<sup>670</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>671</sup> Saúde 19/7/65

<sup>672</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 19/12/78

<sup>673</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

<sup>674</sup> Simpósio de Curitiba, 27/10/69 (RN 437)

<sup>675</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 19/12/78

#### 4. O grande sacrifício que é pedido especificamente a nós: assumir a mentalidade da Congregação

Em matéria de sacrifício nós encontramos movimentos diferentes do Espírito Santo dentro da alma.

Algumas almas se sentem muito chamadas a fazer flagelações, jejuns, penitências, etc. Isso é excelente.

Outras almas se sentem chamadas a aceitar os sacrifícios que Deus mandar. Como Santa Terezinha, que não pedia nenhum sofrimento, mas não recusava nenhum sofrimento, e com isso, naturalmente, na aparência a vida dela era de menor sofrimento do que [a vida de] uma Santa Maria Egipcíaca, por exemplo, que fazia sacrifícios de aterrorizar.

A outras pessoas Deus não lhes pede outro sacrifício a não ser o da vida cotidiana, mas esse tem que ser aceito por inteiro.

Qual é o caso de cada um dos senhores? Os senhores notarão por si. O sacrifício cujo fruto é dar à alma mais generosidade, este sacrifício é o que a graça pede. Mas se for um sacrifício que apavora, que deprime, que abate, que tira as forças, por mais empolgante que seja, sigam o meu conselho: não façam. Porque em matéria de vida espiritual, tudo que perturbe tem consigo o sinal do demônio, aquilo não vem do Divino Espírito Santo. O Espírito Santo é o espírito de luz, de força, de ânimo, de entusiasmo, não é o espírito de depressão e de abatimento.

Mas qual é o grande sacrifício do membro da Congregação, e portanto por participação o grande sacrifício do apóstolo itinerante, do eremita de apostolado individual?

O grande sacrifício é ser membro da Congregação. Mas é ser membro da Congregação com todo o coração, com toda a alma, com todo o empenho. E para isso é preciso eliminar de dentro da alma --depois de uma crítica lúcida, calma, séria, um exame de consciência bem feito-- todas as formas de sentir, de agir inerentes aos círculos sociais, em toda medida em que eles não forem conformes ao que os senhores virem na Congregação.

Há um modo de fazer as coisas da Congregação, há um estilo da Congregação, há um porte da Congregação, existe um modo de apresentar-se da Congregação, que não é dos círculos mundanos. A gente tem que mudar até naquilo em que a gente não vê mal nenhum. Porque se a pessoa quer integrar uma instituição que toma a vida inteira e a personalidade inteira da pessoa, a pessoa precisa mudar "in totum".

Nunca terá o espírito da Congregação a pessoa que pense o seguinte: "tal coisa assim, que eu vejo fazer nos meus círculos mundanos, de fato não é de acordo com os estilos da Congregação, mas é matéria que não é pecado. E como é matéria que não é pecado, eu não sou obrigado a mudar". Seria mais ou menos como se numa ordem religiosa [alguém] dizer o seguinte: "eu vou conservar o espírito dos meus círculos mundanos aqui em tudo que não for pecado". Então essa ordem não tem espírito próprio, é uma concha de retalhos de espíritos diferentes.

\*

Eu tenho certeza que vários dos senhores pelo menos sentiram um certo calor e uma certa adesão com o que eu estou dizendo, mas também uma certa depressão.

Por que? Porque eu estou convidando a um sacrifício que dói, em que a gente tem que dar tudo mesmo, sem contrabando nem jeitinho, tendo depois uma porção de atritos e de mal-entendidos com os de fora da Congregação, em relação aos quais é preciso ter a atitude que eu tenho.

E a atitude que eu tenho não é arrogante, nem provocante, mas diante dos inimigos nossos eu tomo sempre a atitude de [um homem] seguro, com ar desembaraçado e triunfante, de quem acaba de derrotar 10 mil.

Aí eles ficam numa certa insegurança: "de onde é que vem a segurança desse homem?" Depois: "não é fácil procurar virá-lo, porque nós percebemos no jeito dele, que ele dá um contravapor qualquer desagradável, e que ou a gente briga com ele ou a gente aceita como é".

Resultado: como não querem nem brigar nem aceitar -porque é o contrário deles-, congelam. Isso eles fazem com todo membro da Congregação fiel. Eles congelam.

É um sacrifício agüentar o gelo, não ser simpatizado, sentir uma muralha invisível em torno de si, saber-se não-estimado, é um sacrifício meter o peito por cima da opinião da humanidade inteira.

Façam este sacrifício, ofereçam esse sacrifício a Nossa Senhora, peçam que Ela purifique esse sacrifício e os senhores adquirirão os méritos necessários para que o seu apostolado seja fecundo.

Este sacrifício é maior que uma flagelação. Eu prefiro muito mais estar numa reunião social com um cilício me limando, mas todo mundo: "oh Fulano, vem cá, meu caro, senta aqui conversa", do que estar congelado como um mamut no gelo dentro de uma reunião social.

O sacrifício próprio do membro da Congregação é muito mais um sacrifício de alma do que um sacrifício de corpo. Sacrifiquemos tudo quanto dói às nossas almas, façamos o que dói às nossas almas, desde que seja [nosso] dever, Nossa Senhora provavelmente não nos pedirá o sacrifício do corpo<sup>676</sup>.

## 5. Respeito, veneração e entusiasmo do Dr. André pelas almas sofredoras

Quando penso numa alma que tem a vocação de sofrer, a sensação que eu tenho é a de São João Batista diante de Nosso Senhor, "servatis servandis". Eu teria vontade de me ajoelhar diante dela e dizer: "eu não sou digno de desatar as correias de teu sapato". De tal maneira me empolga, me entusiasma, eu respeito, eu venero, eu seria quase tentado a dizer que eu adoro essa forma de apostolado.

Porque nada é mais nobre, nada é mais bonito, nada revela uma maior integridade de alma, nada revela uma maior sinceridade em todos os propósitos, e nada é mais eficiente em seu gênero próprio, do que a alma que sofre e que aceita sofrer por causa dos outros. Barreiras enormes se abatem, preconceitos tremendos caem, dificuldades fabulosas se resolvem, homem, tudo acontece! porque uma determinada alma resolveu ser conseqüente e resolveu aceitar o sofrimento até onde Nosso Senhor quisesse mandar o sofrimento.

Não há uma expressão mais vil do que ésta: "vê lá se eu sou um Cristo para agüentar tal coisa". Mas ela tem um pressuposto curioso: é que há micro-Cristos, se assim se pode dizer, que aqui, lá e acolá tem se deixado crucificar para que as coisas vão bem.

Em nosso Grupo eu acharia normal que Nossa Senhora suscitasse almas dispostas a fazer do sofrimento seu primeiro apostolado. Meus ossos exultariam se eu visse em nosso Grupo almas que Nossa Senhora chama para a dor e para o sofrimento e que eram capazes de constituir até um filão especial do Grupo para isso. As almas assim são as primeiras do Movimento e fazem a coisa mais difícil, mais necessária. O Grupo só será a realidade inteiramente séria que ele deve ser, no momento em que ele tenha gente que aceite isto assim, aceite com amor, aceite com alegria.

Este apostolado do sofrimento eu considero, sob diversos pontos de vista, o mais sublime e o mais empolgante de todos os apostolados<sup>677</sup>.

## H. A transparência do lumen da Congregação, "bomba atômica" do apostolado

É evidente que nossos símbolos impressionam enormemente. [Mas] o cooperador da Congregação deveria impressionar mais do que nossos símbolos. Porque o melhor símbolo das convicções de um homem é o próprio homem; no seu modo de ser, no seu modo de se apresentar, no seu modo de falar, ele deve ter chegado a um tal grau de união com as suas convicções, que ele seja como que uma personificação do ideal que ele está servindo, e que nele a gente não veja senão [o ideal].

Na medida em que cada cooperador represente a nossa doutrina com autenticidade e [tenha] uma capacidade de argumentar que esteja na proporção do valor de nossos símbolos e do valor das nossas publicações, a Congregação multiplica a sua capacidade de impressionar e de recrutar por mil. Ele rejeitará muita gente, mas atrairá e entusiasmará aqueles que ele deve atrair e entusiasmar. E com isto ele fará com que o mundo de ultramontanos entocados que existem por toda parte comecem a levantar a cabeça.

Não há coisa que mova mais profundamente [um homem] do que o contato com um cooperador verdadeiramente compenetrado. Porque nesse contato ele sente que na História deu-se um fato novo: a terra era árida, mas abriu-se um olho d'água do qual sai um rio e tudo mudou. É uma fonte de água viva.

E quer ele queira, quer ele não queira, quer ele aplauda ou não, ainda que ele odeie, ele sente que aquilo que nasceu é a expressão contingente, transitória de algo que transcende a tudo e que ali se manifesta e que nada pode derrubar, e que tem uma possibilidade de força e de vida ilimitada.

Há qualquer coisa de esplendor divino, de carismático, que brilha nos nossos estandartes, nos nossos símbolos e também naquele que está inteiramente compenetrado de sua missão de membro da Congregação.

É este tipo de brilho que tinham os Apóstolos, os primeiros católicos, os cruzados, os heróis da Reconquista, as grandes figuras da Contra-Reforma.

\*

<sup>676</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

<sup>677</sup> Texto sem data 21, Reunião normal do ano 1966 ou 1967, título originário "O apostolado do sofrimento – Todo apostolado deve se regado com dor"

O que é que vem a ser isto? Há uma doutrina que ensina que a presença da graça de Deus num homem pode se tornar perceptível, e que aquele que não possui esta graça, por uma luz que o Espírito Santo dá, pode ver isto nesse homem.

[Quer dizer], os rapazes da Congregação de algum modo, em alguma medida irradiam a graça da vocação. Essa graça da vocação, que é uma coisa sobrenatural, não pode ser vista simplesmente por nossos olhos da carne, mas Deus dá [às vezes às pessoas que tomam contato conosco] uma possibilidade, também sobrenatural, de perceber em nós essa graça sobrenatural, [porque] elas vêem algo que qualquer um não viria, e que sobretudo não viria em qualquer um, vêem nos nossos.

Esse sobrenatural, que se percebe feito de tudo quanto está no leão, se fosse inteiriço em nós, era a bomba atômica do apostolado. Seria para a guerra ideológica moderna o que é para a guerra militar a bomba atômica. Quer dizer, um tipo de arma que deixa todas as outras longe, que leva tudo de roldão, à qual ninguém resiste.

[Infelizmente o cooperador] não pesa nessa proporção. Mas na medida em que ele pesa, pesa muito <sup>678</sup>.

Os Srs. vêem isto na História da Igreja. Por exemplo, São João Batista Vianney, Vigário de Ars. Quando pregava vinha gente da França inteira para ouvi-lo falar. Dom Chautard conta que se perguntou a um advogado de Paris "o que é que o Sr. viu em Ars?", ele deu esta resposta maravilhosa "eu vi Deus presente num homem".

Aqui está a alma de todo apostolado: é ver Deus presente num homem. É sermos tais que, embora em proporções mais modestas, hélas, do que a desse grande santo, entretanto tenhamos uma expressão de fisionomia, uma inflexão de voz, um sorriso, uma carranca, um argumento, um conselho, uma palavra que de repente move as montanhas. Aqui está o segredo sumo da fecundidade do apostolado.

A alma do apóstolo, a pessoa do apóstolo, os argumentos do apóstolo, os atos de dedicação do apóstolo podem ser impregnados desse fator sobrenatural. Transfundindo esse fator sobrenatural de um para outro, o apóstolo toca as almas. Ele é o senhor da terra, ele é o rei do mundo desde que tenha a graça dentro de si. Ele é um mensageiro de Deus. Ele é mais do que um mensageiro, ele é como que uma custódia em que Deus está, não realmente como na Eucaristia, mas pela presença da graça <sup>679</sup>.

\*

Como [aumentar] em nós isto?

Por incrível que seja, no nosso convívio nós muito mais pomos em comum o que ainda existe de revolucionário do que o que existe de verdadeiramente contra-revolucionário. De maneira que nós nem sequer sabemos bem ver a CR no nosso irmão de ideal. Um de fora percebe melhor em nosso irmão de ideal a CR do que percebemos nós mesmos.

Se nós soubéssemos ver melhor o Tau uns dos outros e o que em cada um há de bom ao par de suas misérias, se nós soubéssemos ter a nossa atenção mais fixada para as graças que passam por nós e que nos fazem ver tanta coisa bela e admirável na Congregação, o grau de nossa compenetração seria muito maior. [E em consequência, teríamos maior capacidade de] irradiarmos essa graça <sup>680</sup>.

\*

Muita gente não fica no Grupo sobretudo porque a transparência por onde se vê Deus através de cada um de nós, esta transparência deixou a desejar. [Quer dizer], muitas almas não ficaram porque olharam para os senhores procurando a Deus; viram nos senhores qualidades naturais --mas disso a rua está cheia!--, não viram qualidades sobrenaturais, ou viram poucas; não viram um lumen tal que eles resolvessem deixar tudo e seguir <sup>681</sup>.

<sup>678</sup> 1/9/72 (ER 141)

<sup>679</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 11/1/72 (ER 136)

<sup>680</sup> 1/9/72 (ER 141)

<sup>681</sup> Sede do Reino de Maria 14/11/89

## QUINTA PARTE - NORMAS ESPECIFICAS

### I. QUANTO AO APOSTOLADO COM O ALVEOLADO E COM O DESALVEOLADO

#### A. Características do alveolado e do desalveolado que prestam

[O rapaz alveolado mas que presta], não está feliz no seu alvéolo, tem alguma crise interna, tem um espírito elevado e já compreendeu que a vida não é só o prazer, e sente a frustração de uma vida que tem só prazer. Ele procura alguma coisa que às vezes não sabe o que é, ele quereria viver para alguma coisa de mais alto.

[Nestas condições], ele encontrando os senhores, ainda que nunca tenha pensado na Congregação, ainda que tenha ouvido máfias contra a Congregação e seja contra a Congregação, algo dentro da alma diz: "eu encontrei!"

\*

[No caso do desalveolado, acontece o seguinte]:

Há um momento em que ele toma contato com algo desse mundo onde ele se meteu loucamente e que o assusta. É convidado para uma infâmia qualquer, para ser ladrão, para tomar droga, o [que mora com ele] é homossexual. E de repente percebe que todo o mundo que se move em torno dele não se reduz ao mundo do prazer de moleque que ele tinha conhecido.

Ele também se sente mal nesse mundo, porque percebe a infâmia para onde ele está sendo arrastado. Aí [pensa]: "como é? volto ou não volto?"

[Começam a] faltar-lhe as coisas que ele tinha na casa do pai: o sapato vai ficando estragado, a roupa vai ficando deteriorada, ele não levou nada nem lhe dão nada. Mas sabe que o alveolo dele não conhece a palavra perdão. Depois, voltar, quando ele sabe que lá dentro ele vai encontrar a mesma incompatibilidade? Ele sai pela razão pela qual ele já saiu. Ele fica oscilando entre aquele ambiente e a rua. Que remédio há para ele?

Aparece um jovem da Congregação e ele compreende: há um caminho!

\*

Essencialmente, nos 2 casos, o tipo humano é o mesmo, porque é uma pessoa em crise com o próprio ambiente, embora por razões diferentes.

O alveolado padece de uma falta de princípios, padece de uma coisa muito mais elevada do que aquilo de que padece o desalveolado. O desalveolado padece necessidades e padece o pânico do crime, não quer ficar criminoso.

Há até um mérito especial, não em ser alveolado, mas sendo alveolado deixar as coisas, porque o alveolado deixa algo, renuncia a algo, e entrar [para a Congregação] renunciando tem muito mais mérito do que entrar adquirindo<sup>682</sup>.

#### B. Como tocar o apostolado com eles?

Quando um dos senhores está diante de um moço de hoje, deve se perguntar se ele procura ser um moço da moda [e portanto um alveolado], ou se ele é um [desalveolado]. Se ele procura ser um moço da moda, a gente pode ter certeza que nele há 2 homens:

Um é o que aparece. Esse [que] aparece não é inteiramente artificial. À força de fingir esse papel alguma coisa entra nele. Mas tem uma boa base artificial.

E outro é o contrário: segue no pesar de sua alma aquela linha. A consciência dele lhe diz que não deveria ser assim. Ele tem horas de remorso, de depressão, de tristeza, em que ele gostaria de não ser assim. A prova disso é que a R sente necessidade de criar ambiente em torno dele para ele continuar; logo, quer dizer que se não fosse o ambiente, ele não continuaria.

Então o apóstolo tem uma opção:

- Apresentar-se como moço da moda em tudo quanto a Igreja não proíbe formalmente, para poder atrair esse [rapaz] por uma certa semelhança com ele.

- Não apresentar-se como moço da moda, para agir junto ao outro lado da personalidade dele. Primeiro, porque o apóstolo é da contra-moda. E segundo lugar, porque se o apóstolo visa tirar esse rapaz da ditadura da moda, não pode se apresentar a ele como sendo um homem da moda.

<sup>682</sup> SD 21/3/387

O primeiro sistema é o sistema dos progressistas fazerem apostolado. Não se deve seguir, porque é mais provável que o mau atraia o bom.

Então [se põe o seguinte problema]: como é que a parte da personalidade que geme, que está oprimida, como é que essa parte da personalidade do rapaz gostaria de ver o apóstolo, para que o rapaz queira caminhar para onde o apóstolo está? <sup>683</sup>

O papel que os senhores devem tomar diante desse rapaz é oferecer a ele, por sua presença e por seu modo de ser, o exemplo de uma vida em que encontraria o que ele na vida dele não encontra. Quer dizer, o porte, o "maintien" -- "maintien" não quer dizer carranca, muito menos quer dizer pretensão, mas é uma certa distinção, na medida em que cabe na idade e nas condições dos senhores-- e um hábito de puxar a prosa para temas mais altos --mas não de modo "ex abrupto".

É fazer com que ele veja um modelo diferente, guiado pela razão, pelo bom senso, pelo desejo de uma coisa mais alta, no fundo da qual reluz a fé católica <sup>684</sup>.

Os senhores devem representar de um modo muito visível, muito palpável, nas aparências do século XX, um verdadeiro cavaleiro: brilhante antes de tudo por sua fé, pelo seu amor a Deus, pela sua coragem diante das atitudes da R, e atacando a R de frente, de cabeça alta. Homem de costumes puros, de cortesia e de bondade constante, altivo e ao mesmo tempo respeitoso; corajoso mas ao mesmo tempo homem de paz e da lei <sup>685</sup>.

Mas sejam [assim] com naturalidade <sup>686</sup> e com muito bom senso. Não [se trata de] sair com ares de quem está se imaginando a cavalo, andando com cara de quem está vendo maometanos em todo mundo. É preciso não dar a impressão errada de que é um homem com a cabeça no mundo da lua, ou então um palhaço que está querendo megalhar de cavaleiro (cfr. Quarta Parte, I, F, 5, d).

Alguém dirá: "mas assim atrairemos um número pequeno de rapazes". É verdade. Mas atrairemos mesmo! E atrairemos gente que vale a pena atrair <sup>687</sup>. Eles querendo, pegam. Não querendo, não pegam. Os senhores cumpriram seu dever <sup>688</sup>.

\*

Agora, o que é que é um desgarrado espera de um da Congregação?

Se o desgarrado é tão oposto ao [alveolado, dir-se-ia] que o desgarrado pediria outro tipo. Não é verdade. O desgarrado, encontrando uma linha esplendorosa aberta, uma coisa coerente, lógica, etc., ele vê ali o remédio para seu desgarramento. O que há de bom nele ressurgirá assim <sup>689</sup>.

## II. QUANTO AO APOSTOLADO COM O ULTRAMONTANAVEL ENGAJADO NA IV REVOLUÇÃO

[Os ultramontanáveis mais ou menos engajados no hippismo são] filhos pródigos que já comeram as bolotas dos porcos, isto é, já viram a que horrores a R conduz.

[Ao conhecerem a Congregação, ficam] impressionados pelo grande imprevisto de encontrar a virtude. Mais pelo imprevisto do que pela virtude.

Tem apetência por uma linha de conduta estável e coerente, dentro do sumo da audácia e do movimento, porque não são molengas e já experimentaram o amargo do arrojo sem equilíbrio.

Acham a estagnação de certo gênero do "stablishment" uma porcaria.

São ultra-tentáveis em razão dos maus hábitos, mas há neles uma zona da alma onde Na. Sra. parece não deixar o demônio sentar e deitar para agir.

Tem mais entusiasmo [do que os "filhos do stablishment"], porque são menos influenciados pelo "stablishment".

É um equívoco formar eles para a falsa mentalidade de certo tipo de "stablishment", isto é, o mediocrisante.

A atitude correta é mostrar que:

- somos contra essa mentalidade mediocrisante justificando por quê;
- somos contra a revolução hippie contestatária;
- somos luta e heroísmo, em prol do Reino de Maria, baseados em sólida e autêntica doutrina católica <sup>690</sup>.

<sup>683</sup> Jantar EANS 11/3/87

<sup>684</sup> SD 14/3/87

<sup>685</sup> Jantar EANS 11/3/87

<sup>686</sup> SD 14/3/87

<sup>687</sup> Jantar EANS 11/3/87

<sup>688</sup> SD 14/3/87

<sup>689</sup> Jantar EANS 11/3/87

<sup>690</sup> Texto sem data 10, (ER 132-133), título originário "Considerações sobre a Sefac"



Os hippies não devem ver em nós o aliado de algumas coisas do "stablishment" que nós detestamos de toda alma, por exemplo o estilo de vida norte-americano.

[Nosso "discurso" para os hippies é]: "O stablishment é o nosso inimigo. Não consultar as pessoas do stablishment a nosso respeito e eles vão falar mais mal de nós do que de vocês. Vocês são mais eles do que nós, vocês são a continuação deles, nós somos o contrário deles. Eles são os ancestrais de vocês, são a causa de vocês, vocês são o efeito. Nós somos o remédio, vocês são a continuação da doença. Entretanto, vocês neles atacam algumas coisas com que nós estamos de acordo, é isto, aquilo e aquilo outro".

Se nós falarmos de castidade, um hippie poderá dar uma gargalhada, mas não terá aquela exclusão horrorizada do rapaz filho do "stablishment".

O "stablishment" acharia mãe da natureza nós nos trajarmos [de hábito] na rua. Para o pessoal hippie não é mãe da natureza, eles tem raiva, mas acham que nós temos o direito de nos apresentar com o nosso traje <sup>691</sup>.

### III. QUANTO AO APOSTOLADO COM O ULTRAMONTANAVEL DE CLASSE ALTA

#### A. Fazer apostolado só numa classe muito modesta é errado

Por causa do pavor de não ter um número suficiente [de apostolandos] para impressionar o pátio, muita gente faz o recrutamento num ambiente muito mais modesto do que aquele em que deveria recrutar. Isso é um erro.

É mais fácil pegar um rapaz desvalido, pobre, que ninguém procura e pôr dentro de uma sede, do que pegar um outro que é mais disputado, que tem mais onde ir e pôr dentro de uma sede. Mas não podemos transformar o Grupo num movimento operário. Os senhores sabem quanto eu desejo ter um movimento operário na Congregação, isto é uma outra questão. O veio principal dela não é o veio operário. Nós temos que recrutar gente de um meio que, para dar um exemplo, seja mais ou menos o dos senhores: são meios diferentes, os senhores não são exatamente do mesmo meio, mas é por aí, é nesses meios. Um membro padrão do Grupo é um membro tipo São Bento - Praesto Sum, por exemplo, onde os meios são muito desiguais, hein, mas é um padrão normal <sup>692</sup>.

É tradição da Congregação que nós tenhamos gente de todas as classes sociais; não uma misturada de classes sociais. Todos são filhos; mas há um lugar para cada filho.

Tanto quanto possível, [os senhores devem] fazer apostolado também nos níveis mais altos. Porque se os senhores fizerem apostolado no nível mais alto e mais baixo, os senhores atraem ambos os níveis. Se os senhores fizerem apostolado só no nível mais baixo, os senhores praticamente expulsam os mais altos (\*) e fazem apostolado contra uma classe.

-----  
 (\*) Se eu pego um menino de boa educação, inteligente, de bom meio, etc., [o coloco] num grupo [onde] ele nota que todo mundo é inferior a ele, ele não vai à segunda reunião <sup>693</sup>.  
 -----

Nós poderíamos ter em São Paulo 20 vezes mais [cooperadores da classe alta] do que [temos das outras] classes sociais.

É verdade que essa classe é mais ingrata do que [as outras]; é o pessoal mais corrompido, mais deteriorado, mais mafioso, que vem com maiores preconceitos contra e mais acretinado. Debaixo de um certo ponto de vista é a borra <sup>694</sup>. Reunião da noite, Mas dizer que essa gente está completamente perdida e que não se consegue nada com eles, é uma tese que assim eu não aceito. Em geral nas elites existem pessoas que tem uma certa ultramontanabilidade <sup>695</sup>.

\*

[É evidente que aparecendo um ultramontanável de classe modesta], os senhores devem receber muito bem e fazer o possível para fazer entrar. Porque para um coitado que está querendo entrar para servir a Nossa Senhora, e que Nossa Senhora [está] chamando, eu não vou dizer: "não pode, porque não pertence às 400 melhores famílias desta cidade" <sup>696</sup>.

<sup>691</sup> Eremo São Paulo Apóstolo 14/9/71, (ER 135)

<sup>692</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>693</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 16/7/89

<sup>694</sup> Texto sem data, do ano 1966, título originário "A arte de conversar II" (RN 61)

<sup>695</sup> Reunião da noite 2/9/64 (RN 58)

<sup>696</sup> Despacho Colômbia 14/2/91

## B. A classe alta um valor autêntico mas limitado

Está na índole dos nossos grupos que eles recrutem membros num bom número das elites sociais do lugar a que pertencem, e que até esses membros, correspondendo à graça, tenham um papel de importância preponderante dentro dos grupos<sup>697</sup>.

O nível de influência de um grupo na cidade [corresponde] em boa parte ao nível que ao menos uma parte do grupo ocupa. Percebendo-se que é um grupo maciçamente proletário, a influência do grupo na cidade decresce muito. Pelo contrário, se se percebe que é um grupo que tem muitas pessoas de boa categoria, o nível [da influência] do grupo sobe muito.

Nós não queremos apenas ter gente, nós queremos ter influência, porque a influência é um instrumento do apostolado sobre o conjunto da cidade<sup>698</sup>.

O tônus da Congregação, em grande parte, é dado [pelos cooperadores de boa família]. Eles comunicam aos outros um estilo, uma categoria --que os outros em geral não chegam a assimilar inteiramente, mas assimilam em parte, como lhes é adequado, como lhes convém-- que concorre muito para o brilho da Congregação.

Então lhes recomendo que, vendo passar a nosso alcance gente da classe alta, não percam ocasião de fazer proselitismo. Se nas primeiras vezes não der resultado, soltem, porque não adianta estar com proezas para assimilar uma pessoa inassimilável<sup>699</sup>. Nessa classe social a gente deve fazer um apostolado que é de pegar muita gente, passar por muita gente, mas não estar perdendo muito tempo em plantar violeta em deserto, vendo que o sujeito não dá. Fazer um esforço destemperado, que não tem propósito, dá em desprestígio<sup>700</sup>.

[Quer dizer], não podemos nos colocar na adoração desse valor, que é autêntico mas ao mesmo tempo limitado.

Porque se, sem culpa nossa, as pessoas de elite não quiserem entrar, Deus não vai fazer com que Seus planos não se realizem. Ainda que o grupo fosse um grupo de pessoas absolutamente fora da elite, a sua missão chegaria a seus verdadeiros termos, porque Deus não precisa de homens<sup>701</sup>.

Ser frequentador habitual de casas de família, ou de roda de granfinos --de grande cidade, de "ninho de rato" do interior, ou de cidade média--, para poder influenciar os filhos, não se deve. É uma cilada. Isso perde qualquer alma<sup>702</sup>.

## C. Penetração e recrutamento na classe alta

Que política seguir para atrair os membros da elite? como fazer esse recrutamento? que meios dispomos para que esse recrutamento se torne efetivo?

Como a elite é muito influenciada por influências más, as pessoas boas que estão dentro existem muito escondidas, muito quietas. É preciso portanto tomar uma atitude que chame a atenção dentro desses meios e atraia as pessoas que não tem coragem de falar. Quer dizer, o ultramontanável está na toca e se trata de tirá-lo da toca. Nós atraímos os elementos da elite de SP exatamente criando casos (cfr. Terceira Parte, Fase um, A, 4)<sup>703</sup>.

A classe alta é por definição como uma fortaleza. Se a gente consegue obrigar a baixar a ponte levadiça, se entra. Se não conseguir, não tem nada. [Em outros termos], se a gente consegue 1, 2, 3 dessa classe, é muito mais fácil que esses depois tragam outros. O que é muito difícil é não havendo nenhum, trazer o primeiro. Isto é preciso ter em vista. Portanto, muito esforço para trazer os primeiros, depois a coisa é mais praticável<sup>704</sup>.

A gente também pode arrombar a porta tendo, vamos dizer, um grande batalhão de outra classe e mostrando na rua. Isto é um impacto muito grande nos da classe [alta]. A gente não entra pela porta da frente, entra pela porta do fundo, mas entra<sup>705</sup>.

\*

<sup>697</sup> Reunião da noite, 2/9/64 (RN 58)

<sup>698</sup> Despachinho 8/5/90

<sup>699</sup> Texto sem data 17, título originário "Proselitismo: proposições falsas e verdadeiras", (K1-5)

<sup>700</sup> Texto sem data, do ano 1966, título originário "A arte de conversar II" (RN 61)

<sup>701</sup> Reunião da noite, 2/9/64 (RN 58)

<sup>702</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>703</sup> Reunião da noite, 2/9/64 (RN 58)

<sup>704</sup> Despacho Colômbia 14/2/91

<sup>705</sup> Texto sem data, do ano 1966, título originário "A arte de conversar II" (RN 61)

Bom, agora quando se aproxima um ultramontanável da elite <sup>706</sup>, [a gente não precisa tanto fazer] um grande esforço, mas um esforço muito jeitoso, [de maneira que] o rapaz se sinta atraído. Porque se ele percebe que a gente está querendo muito a ele, a tendência é fugir <sup>707</sup>.

Não tratar logo no começo do problema das elites, nem dar impressão de que a gente está dando muita importância a ele. Mas pelo contrário, deve ser recebido com naturalidade, porque é o erro dos erros procurar atrair dando importância. A gente não atrai mostrando que é pouco, a gente atrai mostrando que é muito; e para mostrar que é muito a gente precisa serrar de cima; e para serrar de cima a gente tem que fingir não ver que o rapaz tem uma importância especial.

Portanto ir logo falando de boa família, explicando que nós somos de boas famílias, que aqueles outros são de boas famílias também, e focalizar muito esse problema é um erro. Tanto mais que esse pessoal da elite está muito democratizado, nem compreende bem essa impositação de boa família no sentido genealógico da palavra.

O que a pessoa da elite quer quando nos procura é um conjunto de valores diferentes; quer antes de tudo conhecer boa doutrina, quer conhecer a Causa da ortodoxia, é atraída pelo prestígio da CR. E a primeira coisa que tem que se lhe dar de um jeito ou doutro é a questão Revolução-Contrarrevolução em termos adequados, que é a luz por onde a pessoa da elite pode melhor pegar a coisa.

Essa questão de boas famílias, etc., a gente deixa ele ver colateralmente. Trazendo por exemplo uma pessoa aqui para a sede, basta tratar um pouco conosco, para compreender o que somos nós. Isso entrará no momento oportuno, não é logo para a primeira fase <sup>708</sup>.

\*

[É preciso evitar que o rapaz ache que é por causa da sua situação social que ele está sendo objeto de apostolado]. Porque isso corrói completamente a receptividade boa do rapaz; ele tem a impressão de que estão fazendo inversão de capital em cima dele, e não uma coisa para a alma dele. Ele deve sentir que se quer a alma dele mais do que tudo <sup>709</sup>.

\*

Também é um erro pensar: "eu agora vou fazer apostolado junto a um rapaz que é de uma muito boa condição social, financeira, então eu preciso me vestir melhor". Não pensem nisso, que é asneira. Se fôr atrás de roupa, ele nunca entrará no nosso meio, nunca, desistam, não é verdade. Ele vai atrás da nossa alma!

O que me atraiu para o Congresso da Mocidade Católica foi: fé católica e pureza. Eu disse: "eu abandono tudo, não ligo para mais nada, entro aqui quaisquer que sejam as condições e passo a minha vida aqui, e agüento aqui coisas secundárias que me possam desagradar" <sup>710</sup>.

## D. Os obstáculos

### 1. O espírito, a entrosagem e o fechamento da própria classe alta

Numa cidade habitualmente se aproxima muito pouca gente da classe mais alta, porque a classe mais alta da cidade é sempre constituída por uma nata de granfinos que tomam um espírito que é diretamente oposto à Congregação. De maneira que é muito difícil atrair <sup>711</sup>.

A classe média-alta, e mesmo média-média, já são muito embusçadas, e quando um entra para a Congregação, a Buscha estraga a aproximação <sup>712</sup>.

E apesar de todo o democratismo dos dias de hoje, [há cidades onde] a classe alta é bem fechada. Eles mantêm uma atitude assim de aparente igualdade com os colegas da mesma idade, mas no fundo eles se mantêm a distância e não se misturam (\*).

---

<sup>706</sup> Reunião da noite, 2/9/64 (RN 58)

<sup>707</sup> Reunião colombianos 6/10/89

<sup>708</sup> Reunião da noite, 2/9/64 (RN 58)

<sup>709</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>710</sup> SD 21/3/87

<sup>711</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>712</sup> Reunião colombianos 6/10/89

(\*) Não podemos achar que a classe alta faz mal ao [proceder assim]. Porque se somos a favor de uma sociedade com classes, essas classes tem que se manter com níveis diferentes, não podem portanto estar abertas para qualquer um.

Portanto, não se trata de dar a eles a impressão de que a gente está arrombando as portas do santuário deles, mas que a gente entra com respeito, com consideração, para fazer um certo bem a eles. Mas também conservando uma espécie de ... como quem diz: "bem, se você não me quer, eu não vou te implorar nada; se você é você, eu presto toda honra, eu sou eu e sei viver em pé sobre minhas próprias pernas, sem precisar de ninguém"<sup>713</sup>.

-----

## 2. Os preconceitos anti-congregação

O tipo da elite vem a nós retardado na sua marcha pelos seguintes preconceitos:

- Os valores que essa gente representa são coisas do passado que estão morrendo. Essas idéias são muito interessantes, mas no mundo de hoje não pegam. Não vale a pena ficar trabalhando a favor disso.
- [Essa gente] é separada da realidade viva das coisas, e por causa disso incapaz de remexer de fato o mundo contemporâneo.
- [Esse pessoal constitui] um grupinho pequeno, vive fechado em si mesmo.
- [Essa instituição] é uma espécie de engrenagem totalitária, que devora o sujeito. O rapaz fica com uma espécie de medo de se aproximar como um inseto teria medo de se aproximar de uma flor: ele chega perto, a flor se fecha.
- [Eles] são contra a autoridade, especialmente autoridade eclesiástica.
- [Eles] são exagerados em relação às críticas ao mundo moderno.
- Outra objeção são as calúnias ao Carlos Alberto.

## 3. Como refutar esses preconceitos

a) Esse elenco serve para a gente lembrar-se na hora da conversa e orientar a conversa para destruir as dificuldades.

b) Devemos mostrar que nosso apostolado é essencialmente doutrinário, que se trata de uma doutrina concatenada, com teses, com correlações, etc., inteiramente estudadas, que nós estamos pondo em circulação [por meio de] livros e de jornais que estão ao alcance de todo mundo.

A falta de um objetivo doutrinário, bem definido, às vezes equivoca as pessoas. Pensam que nós estamos metidos numa briga eclesiástica de caráter pessoal. Ou pensam que nós somos apenas uns monarquistas saudosistas.

Esta impostação doutrinária séria, incute confiança.

c) Um mostruário bem feito, feito com gosto, completo, em cada uma de nossas sedes, me parece fundamental para [refutar] ponto por ponto as objeções no apostolado de elite (\*).

-----

(\*) NB: Como a utilidade do mostruário vale para o apostolado com gente de todas as classes sociais, os detalhes a respeito dele foram colocados na Terceira Parte, Fase um, C, 2, d).

-----

d) [Na sede] tudo tem que estar hiper-limpo, arranjado e atualizado. O que é nosso tem que falar que é atualizado pela atualização material das coisas. Estandarte muito bonito, mas com um pingote de chocolate que alguém tomou lá perto e ficou escorrido, vidro meio trincado, lâmpada cambaia, móvel colonial empoeirado e desbeijado, etc., (dá idéia de decadência) e nos mata, porque se há um Movimento que não pode ter essas coisas somos nós.

e) Acho importante mostrar as nossas salas administrativas, mostrar muita máquina de escrever e de calcular, adesograf, tipografia motomecanizada em vários sentidos da palavra, etc.

Vamos dizer, vem um rapaz para visitar aqui o Grupo, de repente avisam: "nosso Grupo de Buenos Aires está querendo falar pelo rádio com Dr. JFC", ele sobe, fala um pouco com Buenos Aires, volta e diz: "desculpe, eu estava acabando de fazer uma combinação com Buenos Aires, vamos continuar [nossa conversa sobre o] Ancien Regime...". Depois a gente pelo telefone encomenda telegrama da Western: "desculpe, agora preciso telegrafar para o Santo Ofício"...

---

<sup>713</sup> Despacho Colômbia 14/2/91

O sujeito fica impressionadíssimo!

f) Também é preciso saber apresentar um aspecto de atividade social, [por exemplo] as pensões que temos para estudantes de poucos recursos. O modo errado de apresentar é: "sabe o que são as famílias hoje em dia, não é? é uma verdadeira tristeza, esses rapazes não podem morar em casas das famílias sem se perderem, então nós para preservar montamos esses apartamentos". A gente diz a coisa de outra maneira: "olha, sabe como são as coisas de hoje, não é? os estudantes precisam ser apoiados, encontrar ambiente moralizado, sadio, para dormir direito, a preços acessíveis. Nós temos em SP 7 ou 8 apartamentos para estudantes".

g) Como apresentar os rapazes de outro nível social? A gente de [classe alta] tem o mito do estudante pobre de futuro. Então dizer: "esse aqui é um rapaz de família pobre, modesta, mas que trabalhando fez o seu próprio curso e hoje está indo para frente".

\*

Eu gostaria que todos nós tivéssemos essas coisas na ponta da língua, ou escritas pelo menos num papel, para poder exprimir adequadamente a nossa realidade [e] sermos cicerones do Grupo. [Mas não se trata de] abrir a boca do visitante e [fazer engolir tudo isso]. Desse programa a gente tem que dar uma quantidade pequena para o visitante de cada vez <sup>714</sup>.

### E. A fixação

Quando [um rapaz de classe alta] entra no Grupo, o apostolado de fixação deve ser especialmente cuidadoso <sup>715</sup>. Porque em geral é uma vocação de ouro <sup>716</sup> e porque tem maior dificuldade de perseverança do que os outros <sup>717</sup>:

- ele é muito mais tentado do que os outros <sup>718</sup>;
- recebe mais influências nocivas em casa;
- e a pressão da família é maior.

Então devemos ajudá-los mais, porque estão numa posição mais fraca <sup>719</sup>. Nas rodas em que eles estiverem, dar sempre a eles um pouco mais de atenção <sup>720</sup>.

\*

O fato de numa sede haver bastante gente, ainda que seja de um nível inferior, é um elemento de fixação para os de nível superior. Porque uma das mafias que o do nível superior recebe é que as nossas idéias não atraem ninguém, e sobretudo não atraem o povo, e como eles tem pânico do povo e tem idéia de que o povo é inimigo deles, eles ficam encantados de ver alguém que passa uma coleira de rosas no tigre e segura o tigre chamado "povo".

Mas não basta. É preciso dizer a eles o seguinte: "Vocês vão ter nosso apoio para atrair outros que são como vocês e não como esses" <sup>721</sup>.

## IV. QUANTO AO APOSTOLADO COM O ULTRAMONTANÁVEL DE PEQUENA BURGUESIA

### A. Vantagem do apostolado neste meio

Valeria a pena vocês fazer o apostolado num meio que não seja diretamente operário, mas na pequena burguesia emergente do operariado e que está começando a ficar pequena burguesia, e daí um pouco para cima.

Aí vocês tem mais facilidade (\*), porque é gente onde a máfia não chega; a máfia tem força com pessoas que dá vantagens, e em geral filho de operário, etc., não tem a mesma entrosagem <sup>722</sup>.

<sup>714</sup> Reunião da noite 2/9/64 (RN 58)

<sup>715</sup> Despacho Colômbia 14/2/91

<sup>716</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>717</sup> Despacho Colômbia 14/2/91

<sup>718</sup> Reunião universitários colombianos 10/1/89

<sup>719</sup> Despacho Colômbia 14/2/91

<sup>720</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>721</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 16/7/89

<sup>722</sup> Despachinho 13/8/90, sobre apostolado em Campos

-----  
 (\*) Aqueles que não são colocados na sociedade em desenvolvimento, aqueles que tem colocação nova, colocação pequena, ou nenhuma, estes se abrem de boa vontade para a Congregação. E o nosso recrutamento é neste meio. Em geral não é nos píncaros, nem sequer na classe média da sociedade, mas é nas camadas modestas de gente muitas vezes pertencente a famílias desarticuladas: aí a vocação floresce <sup>723</sup>.  
 -----

E essa gentezinha [pode] ser um elemento para atrair o pessoal de classe média ou de classe mais alta.

## B. Dificuldade para o apostolado neste meio: a defasagem entre os horizontes do rapaz e nossos horizontes

Todo rapaz, em via de regra, reflete o estilo de conversa que tem em casa. A conversa da casa é o horizonte através do qual o rapaz vê a vida. E ele pensa que a vida é como os pais vêem.

[Agora], os pais [dos rapazes de pequena burguesia emergente do operariado] vêem os problemas muito pequenininhos. E os argumentos que nós temos para atrair os rapazes são a [respeito] de problemas muito grandes. Há, portanto, uma espécie de defasagem entre nossa temática e a capacidade de apreensão deles.

E os símbolos e as coisas com que nós atraímos a outros dizem pouco aos [rapazes dessa classe social].

Daí decorre que nós quase não temos por onde entrar na coisa deles.

Então o itinerário para a formação da mentalidade deles é pegar os probleminhas pessoais deles, questão de castidade --não é um probleminha, mas é um problemaço, diga-se entre parênteses-- e outras questões assim, ensinar de modo vivo e agradável catecismo, de maneira que eles fiquem conhecendo bem a doutrina católica. E a partir disso obter uma certa elevação de horizonte onde eles se considerem a coligação dos rapazes que são a favor da castidade <sup>724</sup>.

\*

(Agora, é preciso considerar que as pessoas que entram na Congregação provenientes das classes mais baixas, ao cabo de um certo tempo de convívio com a Congregação, se tornam capazes de travar contato com qualquer ambiente mais elevado).

Portanto, não se incomodem se o recrutamento tem que se fazer numa classe muito modesta. Recrutem! O erro é não recrutar. Se puder fazer também numa classe alta, está ótimo, excelente, etc. Mas não façam política de porta fechada para nenhuma classe.

Quando são de classe proletária, convém fazer outro setor e não misturar. Isso é uma outra questão <sup>725</sup>.

## V. QUANTO AO APOSTOLADO COM O ULTRAMONTANAVEL OPERÁRIO

Desejo muito operários dentro da Congregação, o esforço feito com proselitismo operário agrada-me muito. Em primeiro lugar porque desejo todas as classes sociais na Congregação. Em segundo lugar porque é uma espécie de desapontamento para a R os revolucionários verem que a classe operária, em nome da qual eles querem fazer a R, é contra eles <sup>726</sup>. Saberem que nós temos operários em um bairro operário, traz prestígio <sup>727</sup>.

Agora, na classe operária há 2 tipos de pessoas que sobem. Muitas pessoas cursam faculdades [onde conseguem] um diplomazinho de médico, ou de engenheiro, mas conservam o tempo inteiro o tonus, o estilo e a categoria de um operário. Ao invés de dar o escol do operariado, dão em algo de inautêntico, que não é a classe operária genuína, nem é a classe não operária.

E há [outras pessoas] que se desprendem e que transcendem sua classe, porque não apenas se formam, mas ao formar-se adquirem alguma coisa por onde começam a subir do operariado e a entrar para a pequena burguesia, mas

<sup>723</sup> SD 5/3/82

<sup>724</sup> Despachinho 13/8/90, sobre apostolado em Campos

<sup>725</sup> Reunião colombianos 6/10/89

<sup>726</sup> Texto sem data 17, título originário "Proselitismo: proposições falsas e verdadeiras"

<sup>727</sup> Reunião para sulfricanos, janeiro de 1983

com quanta inteligência, com quanta capacidade, com quanta atividade, com quanta vitalidade! Estas são as estirpes que vão subindo. Estas sim eu quero <sup>728</sup>. [Estas], a gente pega <sup>729</sup>.

O que quero menos é alguma coisa como o temporão: uma fruta que começa a formar-se e mingua ainda quando verde e que tem todos os inconvenientes do prematuro e do post-maturo <sup>730</sup>. [Estas pessoas], vão para o setor operário <sup>731</sup>. Estando facilmente ao nosso alcance, devemos procurá-las. Mas não devemos encher a Congregação de gente assim <sup>732</sup>.

## VI. SERIA O CASO DE CRIAR UM SETOR QUE FIQUE ENTRE OPERÁRIO E MINUSCULA BURGUESIA?

Valeria a pena estudar alguns pormenores e conhecer as causas do [nível baixo dos apostolados que estão entrando na Congregação]. Seria preciso ver se não [se deve] à proletarização geral das pessoas de uma camada social de si modesta, mas que pela decadência geral tem filhos mais modestos [ainda]. E se [esta proletarização] é tão geral que nós não podemos conter inteiramente a baixa.

Se fôr muito grande o número [desses apostolados], vale a pena pensarmos na criação de um setor que fique entre nível operário e minúscula burguesia, e para o qual se crie uma situação nova. Os mais inteligentes, os mais bem dotados, seriam discretamente passados para o nível Saúde, e o resto ficaria nesse nível novo.

Note-se a evolução que vai do tempo em que nosso ideal era ter membros do tipo Pará-Martim quando abrimos a Saúde. Quer dizer, [houve] uma adaptação crescente do apostolado a uma certa proletarização.

Depois tem outra coisa também. O fato de que a TV está tão espalhada como está, levará muita gente de condição burguesa muito pequena a se tornar muito mais imoral do que era algum tempo atrás, e assim a imoralidade vai descendo de classe em classe, e a recusa contra a Congregação vai descendo de classe em classe. Não se dará o fato de que a recusa contra a Congregação, que não tinha atingido uma classe muito miúda, agora esteja penetrando dentro dessa classe em razão exatamente da corrupção maior?

(Mais parece ser preguiça dos apóstolos). O fator preguiça dos apóstolos é uma coisa distinta, mas que se emaranha com isso. Os apóstolos encontram dificuldade maior e preferem o campo menor.

Um ponto sobre o qual eu gostaria de ser informado, é se esse nível mais baixo apresenta mais dificuldades de perseverança séria, a prazo não-curto <sup>733</sup>.

## VII. QUANTO AO APOSTOLADO COM O RAPAZ QUE TEM SEDE DE MARAVILHOSO E COM O QUE NÃO TEM ESSA SEDE

### A. Distinção entre o rapaz “filho do automóvel” e o pseudo “filho do automóvel”, entre o que adora um símbolo da Revolução e o que não adora esse símbolo

O automóvel é um símbolo.

Os senhores sabem que há uma hierarquia de automóveis, no alto da qual está o majestoso Rollce Royce inglês, que é quase uma jóia montada em rodas. E há automóveis de uma categoria média, mas muito bem apresentadinhos.

[O rapaz "filho do automóvel"], trata o automóvel doméstico com o respeito e com a admiração de quem tivesse um Rollce Royce, e como se fosse um membro da família. O automóvel é objeto de todas as atenções: a gente guarda direitinho, da a volta, limpa de manhã, presta atenção, conversa sobre ele na mesa, toma notícia da saúde dele como se fosse uma criança.

[Este tipo de rapaz não] é muito raro, porque este mito quase todo mundo cria.

Agora, há alguns que procedem como se fossem "filhos do automóvel", mas no fundo de sua alma não são, porque tratam desses assuntos correntemente, sem paixão; até certo ponto aderiram ao mito [do automóvel], mas o mito tocou apenas uma parte de sua alma. Se a gente apresenta para um destes o maravilhoso que não gire em torno dele, do mundanismo dele, da vaidade dele, ele se entusiasma.

<sup>728</sup> Texto sem data 17, título originário “Proselitismo: proposições falsas e verdadeiras”

<sup>729</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>730</sup> Texto sem data 17, título originário “Proselitismo: proposições falsas e verdadeiras”

<sup>731</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>732</sup> Texto sem data 17, título originário “Proselitismo: proposições falsas e verdadeiras”

<sup>733</sup> Despachinho 25/4/89

O "filho do automóvel" não se interessa por um panorama [maravilhoso]. E se os senhores mostrarem para ele o mais bonito dos montes, o Fuji-jama por exemplo, ele vai dizer: "sabe que carro Ford sobe até lá em cima?"

Bom, como fazer apostolado com quem é "filho do automóvel" e com quem não é "filho do automóvel"?

Com o pseudo "filho do automóvel" eu já estou dizendo. Com o "filho do automóvel" o apostolado é como com todos aqueles que não tem sede do maravilhoso: é um apostolado difícil, pedregoso, argumentado, raciocinado, em que a gente vai conquistando terreno milímetro a milímetro e que dá o que puder dar. O apostolado do maravilhoso não cabe com [o rapaz que] colocado diante de vários maravilhosos se manifesta indiferente. Com ele cabe o apostolado do intelectual, mas do intelectual já meio desfigurado, porque ele caiu no intelectualismo, no vício do intelectual.

## B. O apostolado do maravilhoso, caminho rápido, fácil, seguro para chegar ao auge de nossa expansão

Do maravilhoso pode se dizer o que São Luís Grignon diz da devoção a Nossa Senhora: é o caminho rápido, fácil, seguro para chegar a Nossa Senhora. Há outros caminhos que são pedregosos, difíceis, arriscados, etc.

Outros caminhos para chegar é como querer aproximar-se de Nosso Senhor sem Nossa Senhora: é uma complicação que no fundo eu não sei se dá certo; em matéria de teologia não dá, sem Nossa Senhora não se chega a Nosso Senhor.

A gente tem que abordar o maravilhoso de acordo com a mentalidade de nossos dias. Porque com a época da civilização da imagem que vai entrando, não se trata de introduzir assuntos sobre maravilhoso, mas se trata de mostrar coisas [de vários tipos de] maravilhoso e estudar a reação do sujeito, e simplesmente a partir de algum tipo de maravilhoso deve-se começar a despertar o gosto da pessoa por esse maravilhoso. E daí começar a fazer então comparação com coisas que não são maravilhosas e até com anti-maravilhoso (\*).

-----  
 (\*) O grande problema [contemporâneo] é cada vez mais a polarização entre os filhos do maravilhoso e os filhos do horrendo, do sórdido, do nefando.

A III Guerra Mundial vai ser a guerra dos profetas do maravilhoso, do sacral, do sobrenatural contra os profetas do hediondo, do nefando, do diabólico.

-----  
 O maravilhoso existe por toda parte. É um erro imaginar que o maravilhoso só existe onde vão os turistas. A água é maravilhosa até quando sai da torneira, a luz é maravilhosa, há tantas coisas maravilhosas! A questão é saber ver.

Quais são as formas de maravilhoso? Há almas sensíveis para formas muito diferentes de maravilhoso.

Há almas que são sensíveis ao maravilhoso da natureza inanimada, [isto é], os vegetais e os minerais: panoramas bonitos, montanhas bonitas, mares bonitos, etc. Mas não basta [que sejam] simplesmente bonitos. Devem ser heróicos ou majestosos. Portanto uma mera cerejeira em flor, é coisa para moça. Coisa para homem é heróico ou majestoso.

Então, mostrando as coisas que estão assim na natureza, a gente pode despertar a sensação do maravilhoso em certo tipo de alma.

Esse maravilhoso não precisa ser necessariamente grande. Por exemplo uma fotografia bem tirada da asa de uma borboleta, ou o leque do pavão, pode ser majestoso. Às vezes há coisas majestosas no pequeno. Nós não devemos confundir majestoso com grandão. O grande pode ser uma das formas de majestoso, isto é outra questão.

Agora, outra família de maravilhoso é quando entra o mundo do homem e da cultura humana.

Então são em primeiro lugar panoramas inanimados que são relacionados com o homem, quer dizer, que foram realçados porque o homem ali pôs alguma coisa. Por exemplo, eu me lembro de uma montanha alta, mas no todo comum, com um camponês tocando num desses chifres que dão umas voltas super-prestigiosas, e ele com um abismo aos pés dele. Aquele virado do chifre, aquele eco, aquela solidão do homem dominando toda a natureza, aquilo já toca no maravilhoso do homem. Não é só o homem, mas é o maravilhoso da natureza marcado pelo homem.

Ou então um panorama onde há um lindo castelo, uma linda abadia, um lindo oratório, uma coisa qualquer assim, isto faz parte do maravilhoso do homem e também podemos apresentar, mas já numa outra categoria.

Depois nós temos, no maravilhoso do homem, várias bifurcações, como a arte, a literatura. E depois nós temos um pulchrum especial, que infelizmente não entra nisso, e que é o pulchrum do raciocínio abstrato --certas subtilezas da teologia por exemplo. Mas são poucos infelizmente hoje os espíritos abertos a este pulchrum. E quando tem o espírito aberto para este pulchrum, fecham para o outro, quando eu quereria a alma aberta para todos as pulchritudes possíveis. Esta é a alma do ultramontano.



Agora, há outro ramo de maravilhoso, mais belo do que este, porque já não é só do homem: é o maravilhoso divino, é a presença da graça na alma, é a Igreja Católica enquanto sobrenatural, com tudo quanto nela se irradia e que deixa o humano longe. Não há instituição nem de longe bonita como a Igreja Católica.

[Por exemplo] os relógios nas torres das igrejas. Quando o relógio se inventou, faziam-se relógios enormes, para servir para a população inteira. Então a torre da igreja era o lugar adequado. Mas a Igreja transformou isso num símbolo e declarou que assim como o relógio da torre dá a hora certa para toda a população, Ela dá o pensamento certo para todos os homens.

\*

Eu quisera que todos os apóstolos itinerantes tivessem coleções de cadernos assim [e] mostrassem para aqueles com quem fazem apostolado, para ver o que que acham disso, daquilo, daquilo outro, e começar a discutir: "você não acha bonito? isto vale mais do que a mania que você tem de tratar de engrenagens". Quer dizer, fazer apologética de uma coisa com outra e a discussão de uma coisa com outra. E provar que aquilo não é poesia mas é o melhor da realidade, e que para lá deve se orientar o espírito humano.

Assim os senhores fazem o apostolado do maravilhoso. Aí é que eu vejo a nossa expansão perfeitamente no ponto e a ação dos senhores perfeitamente posta em forma <sup>734</sup>.

## VIII. QUANTO AO APOSTOLADO NOS MEIOS MONARQUISTAS

[Se a gente fizer apostolado com rapazes do Partido Monarquista], há perigo de [a Congregação e o Partido Monarquista] se confundirem. As duas [instituições] se confundirem é nocivo para uma e para outra. Eu não quero que a Congregação se transforme insensivelmente num partido monárquico. [Portanto], devemos manter de lado [a juventude monarquista].

Os católicos verdadeiros em massa são monarquistas. Mas há muita gente que se diz monarquista, que procura entrar para o Partido Monárquico, e que de fato não é católica, são até inimigos militantes da religião católica. O Partido Monárquico é obrigado a engolir essa gente.

Agora, se nós vamos misturar as duas coisas, essa água suja que o Partido Monárquico não pode recusar, [passa para nossas fileiras] <sup>735</sup>.

Para não fazer a união das duas coisas, convém que [no Partido Monarquista] haja pessoas que não são da Congregação, que não entram para a Congregação, que tem interrogação para a Congregação num ponto mais ou menos manso.

Até vou dizer mais: havendo num grupo monarquista um tipo furiosamente anti-Congregação, uma maioria centrista, e uma minoria [simpatizante da] Congregação, eu não seria favorável a pôr fora o sujeito furiosamente contra, desde que ele não tivesse força de contágio --mas tendo força de contágio é preciso pôr fora, porque nós não podemos permitir a gangrena anti-Congregação nos meios monárquicos. (Esse gato pingado anti-Congregação) serve quase para provar que a Congregação e a monarquia são coisas diferentes.

\*

Alguém pode me dizer: "mas o senhor não se interessa pela salvação das almas desses que não pertencem à Congregação?"

Eu digo: provavelmente existe uma minoria que "in articulo mortis" pode ser da Congregação, mas não [são pessoas] que tem mentalidade Congregação, não tem Tau. Então a gente podendo fazer um bem, está muito [doente], a gente leva um confessor, etc., está bem; mas não é passar para a Congregação.

\*

Agora, nós devemos saber distinguir as exceções da regra geral.

O caso do Ceará é excepcional. Tende um pouco a ser excepcional o caso de Brasília, com 2 ou 3 monarquistas que tendem a freqüentar muito a sede.

Distinguindo a ação monárquica da ação Congregação, se pode fazer [apostolado com os ultramontanáveis dos meios monarquistas] e é uma coisa muito boa. Mas são casos raros.

<sup>734</sup> Reunião eremos de Ativismo Individual e Apóstolos Itinerantes 29/5/74 (ER 81)

<sup>735</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

[Isto levanta o seguinte problema]: como enxotar do espírito deles as más impressões que as máfias deixam [a respeito da Congregação]?

Primeiro [seria preciso] fazer conhecer o ambiente da Congregação, levar a uma sede.

Depois estabelecer um certo costume de exposições doutrinárias metódicas da RCR, seguidas de debates, de discussões. Em certo momento fornecer a eles a RCR para lerem. Não dar logo.

E terceiro é trazê-los a São Paulo, ou todos juntos, ou uns 2 ou 3, depois mais 2 ou 3, etc. Mas para isso, eu escolheria as ocasiões em que tem menos gente em São Paulo.

\*

(Fazer um jornal monarquista para vender dentro da universidade para pegar mais gente), eu acho prematuro. Porque os outros fazem um jornalzinho também ou pegam um jornalzinho que já existe para levantar a questão da Congregação, e para nós é muito inconveniente que se levante a questão da Congregação já. Se for fazer plebiscito lá dentro, eles vão propor o encarceramento de todos os da Congregação e regime comunista em cima da Congregação. É [ingênuo pensar] que nesses meios nós vamos ser populares.

\*

Procurar esse pessoal novo está muito bom. Mas procurar pessoal mais velho para ter relações com eles, a gente não deve absolutamente! Esses contatos com monarquistas são mundanizantes.

Com o pessoal novo, não ir a confeitarias ou lugares sociais, é melhor irem tomar sorvete na sede, etc. <sup>736</sup>

## IX. O APOSTOLADO NAS CIDADES DO INTERIOR

### A. Eu quero muitíssimo e mando categoricamente que a Congregação tenha sedes em todas as cidades do Brasil

"O sentito dire", captei assim pelo ar, que os chefes de grupo são, por vezes, propensos a achar que das várias formas de apostolado que a Congregação tem --portanto êremos de clausura, camáldulas, êremos itinerantes, etc.--, a forma na qual eu tenho menos empenho é a fundação e manutenção dos grupos no interior.

Se isso se espalhou, quem fez essa avaliação errou rotundamente. Não poderia pensar uma coisa mais em desacordo com o meu modo de ver do que esse. Basta ter 2 dedos de entendimento para compreender que isso não é assim.

[Cada grupo do interior] não é um fiozinho, de um chefe com 3 ou 4 rapazinhos que se reúnem à noite e ficam sonhando: "Que pena que não estou em SP", mas é gente que faz no interior o que [o grupo de SP] fez quando era pouco numeroso. Quer dizer, cada grupo do interior é chamado a repetir no seu lugar a epopéia que nós fizemos em SP (\*).

(\*) O passado do [grupo de SP] se constituiu de épocas de solidão, de aridez na expansão, de inutilidade apostólica assustadora. Viram épocas em que parou de crescer, simplesmente estagnou, e depois se punha a crescer de novo. Nossa Senhora nos ajudou e fomos indo para frente, chegamos onde estamos. Eu queria estar muito mais longe do que estamos. Nós devíamos ser muito mais numerosos do que somos em SP.

Assim nós devemos ser nas outras cidades. E portanto eu tenho um empenho enorme em que o Grupo prospere no interior <sup>737</sup>. Eu tenho uma vontade soberana em que os grupos se multipliquem pelo Brasil afora <sup>738</sup>.

Eu quero o apostolado de recrutamento com os enjolrras? Eu quero isso para o Brasil inteiro? Resposta à primeira pergunta: QUERO E MANDO. Resposta para o segundo ponto: QUERO E MANDO. Acentuo: QUERO MUITÍSSIMO E MANDO FORMALMENTE, CATEGORICAMENTE <sup>739</sup>.

<sup>736</sup> Despacho Ceará 17/12/91

<sup>737</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>738</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>739</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/91 (RN 612)

Eu desejo a instituição dos apóstolos itinerantes e àqueles que fizeram votos, eu mando "sub grave" que façam o trabalho de apóstolo itinerante. Eu quero o apostolado de vocês e mando que façam apostolado. E alguém que diga uma coisa diferente a vocês, está pura e simplesmente fantasiando <sup>740</sup>.

Eu quero [tratar do apostolado no interior], com rumo a nós termos sedes da Congregação em todas as cidades do Brasil, e certo que isso só se conseguirá pelos meios normais da graça com um corpo de apóstolos itinerantes bem persuadidos do que vou dizer agora <sup>741</sup>.

## B. Razões de meu empenho nesse sentido

### 1. Do ponto de vista da Causa CR no mundo inteiro

[Dada a] importância do Brasil para a Causa da CR, um grupo médio no Brasil tem mais importância para nossa Causa do que um grupo [grande] em qualquer outro lugar do mundo, e um grupo pequeno no Brasil tem mais importância para nossa Causa do que um grupo médio em qualquer outro lugar do mundo.

[Portanto], o apóstolo itinerante que está numa Tambaú qualquer, deve ter a compenetração continua de estar realizando ali uma missão grandiosa, e deve disputar terreno na alma de cada apostolando como se disputasse os destinos do mundo.

A Guerra da Reconquista não teria expulso os mouros da Espanha se na batalha com cada mouro, cada espanhol não sentisse que era o destino inteiro da Cristandade que estava em jogo <sup>742</sup>.

### 2. Do ponto de vista da Causa CR no Brasil e do ponto de vista da opinião pública

A capacidade da Congregação se atesta fundamentalmente em 2 pontos: a sua pujança no lugar em que ela foi constituída e a sua capacidade de irradiação nos lugares onde ela não foi constituída. Quer dizer, se a Congregação é pujante em SP, mas não é capaz de se irradiar em outros lugares do Brasil, sua vitalidade não tem proporção com seu renome.

Portanto, é fundamental que nós possamos provar que a Congregação tem realidade no Brasil inteiro, e não é uma realidade raquítica <sup>743</sup>.

E como já temos [sedes] nas grandes cidades do Brasil, termos numa cidade pequena de tal Estado para nós fica bem. Dá a impressão de uma raiz de uma árvore que estendeu tanto que já está dando raiz capilar <sup>744</sup>.

\*

[As pessoas] vendo que a Congregação existe [em diversas cidades do interior], calculam que a Congregação existe em muitas outras.

E um grupo que além de ter um grande centro como São Paulo ainda existe numa porção de outras cidades do interior, dá impressão mais forte do que um grupo que existe só em São Paulo.

Ora, dar impressão de forte, para nós é capital. Porque boa parte das pessoas que não colaboram conosco, não colaboram porque acham que nossa Causa é impraticável, não tem condições de êxito. Na medida em que elas percebem que nós somos fortes, elas acham que tem condições de êxito e colaboram.

Nós temos que romper o mito de que a CR não pode ser feita no século XX. E para isso é preciso parecermos fortes. E para isso é preciso ter em vários lugares sedes <sup>745</sup>.

<sup>740</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/12/77

<sup>741</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 6/1/81 (ER 214)

<sup>742</sup> Reunião preparatória do I Capítulo dos Apóstolos Itinerantes, março de 77 (K3-6)

<sup>743</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>744</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81 (RN 612)

<sup>745</sup> Reunião de dezembro de 1978 (K5-3), título originário "Respostas às perguntas das Troyas – Tarefas dos grupos locais"

\*

Apesar do mytho da Congregação e de haver muitos [cooperadores], há ainda [em] vários setores da população gente que procura afetar pouco caso com a Congregação.

Esse pouco caso eles não conseguiriam afetar se a Congregação fosse muito mais numerosa. O único pretexto que há para eles afetarem pouco caso é que a Congregação não é numerosa. Porque tudo o mais a Congregação tem: não falta à Congregação homens conhecidos, não faltam pessoas que saibam relacionar-se, não faltam contatos, não faltam referências nossas nos jornais hostis ou não hostis. Tudo isso nós temos em abundância.

[Mas] há uma desproporção [entre] o tamanho do mytho e o tamanho da Congregação. A Congregação é pequena para o próprio mytho. Ela é pequena para o papel que ela deve representar no Brasil. Ou seja, ela é pouco numerosa. Primeiro ponto.

Segundo, nós habitamos num território do tamanho de um continente e ela para tomar corpo deveria existir em todas as cidades de alguma importância do Brasil.

Seria uma regra necessária que todo mundo que andando numa estrada de rodagem, passasse por uma cidade próxima de uma cidade importante, encontrasse estacas cravadas na rua dizendo "Sede da Congregação, rua tal, número tal, telefone tal". Isso seria fundamental. Se um homem fosse, por exemplo, daqui para o Rio ou daqui para BH ou para Curitiba e no caminho encontrasse coisas dessas em várias cidades onde entrasse, não poderia fazer pouco caso da Congregação.

Ora, no dia em que esse último pretexto para fazer pouco caso desaparecesse, a luta da Congregação mudava de jeito.

Os Srs. me dirão: "mas então não era o caso de nós já colocarmos placas assim nas cidades onde temos sedes?" Não, porque eles verificam que é só lá e nós diminuimos nos olhos deles. [Quer dizer], isto podemos fazer quando tivermos número que impressione. Fora disso, não <sup>746</sup>.

\*

É indiscutível que a existência de um pequeno grupo, e às vezes de apenas um apóstolo itinerante com sede, numa cidade, marca uma quantidade enorme de pessoas dentro da cidade <sup>747</sup>. Toda a zona fica mexida por isso: "há um grupo da Congregação".

Imaginem que tenhamos uma rede de fazendeiros [simpatizantes] estendida por todo o Brasil. O apoio que é para o fazendeiro saber que [perto] do lugar onde ele está tem um grupo da Congregação!

[Com] numerosas Congregações, ao longo do território, podemos pôr em movimento uma nação gigante.

Isso significa enormemente! mas enormemente! É para nós uma questão de vida e de morte de primeira ordem <sup>748</sup>.

Do ponto de vista da opinião pública, há uma diferença entre uma cidade que tem grupo e uma cidade que não tem grupo. Ainda que o grupo seja pequeno, há uma qualquer coisa na Congregação que a faz parecer sempre muito maior do que ela é.

Numa cidade onde tem grupo, ao menos 3 saírem de capa e de estandarte em uma certa ocasião e fazerem apostolado, e saberem que lá tem Congregação, isso representa uma ação fermentativa cujo alcance nós dificilmente podemos imaginar.

Sobretudo quando se trata de muitas cidades, onde tem assim pequenos fermentos de grupos, é como uma espécie de fermento espalhado meio difusamente sobre o mapa do país. Pode não levedar o país inteiro, mas começa uma levedação. E entre um país levedado e um país não levedado a diferença é enorme.

Outro dia eu estava vendo um documento que classificava os partidos comunistas em duas categorias: uns eram os partidos dinâmicos, ativos, [em cidades] onde o partido comunista tinha conseguido [bons] resultados; outros eram os partidos chamados de simples presença, que atuavam sobre a população pelo simples fato de existirem, embora o número fosse pequeno.

Os Srs. imaginem os Srs. andando de ônibus numa cidade, de repente passam por um lugar, encontram uma placa "Partido Comunista Brasileiro", não é um choque? Se não existisse essa placa, a coisa era diferente. Atrás da placa pode ter 2 pangarés, mas a placa tornou presente uma imagem que todo mundo sabe que é dinâmica e ativa.

Ora, a Congregação já projetou de si essa imagem dinâmica e ativa. Os Srs. segurarem a placa já é fazer muito, já é conseguir muito, a benção de Na. Sra. fará o resto <sup>749</sup>.

\*

<sup>746</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81 (RN 612)

<sup>747</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/12/77

<sup>748</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81 (RN 612)

<sup>749</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 4/1/72 (ER 136)

[Alguém] poderia perguntar: "O senhor acha que [uma cidade como] Uruguaiana pesa no Brasil o bastante para valer a pena consagrar 2, 3, 4 anos para Uruguaiana?"

Eu teria antes de tudo uma grande resposta fundamental a dar: por Uruguaiana Nosso Senhor Jesus Cristo se teria encarnado e teria sofrido tudo quanto sofreu.

Mas além desta resposta há o seguinte: se nós queremos agir sobre um país do tamanho do Brasil, esses espaços só se enchem com Uruguaianas. Não há outro meio. E quem quer levar o país, tem que levar as Uruguaianas. Também não há outro meio. E só se leva Uruguaianas, levando Uruguaiana por Uruguaiana. É como um monte de milho que só se come de grão em grão. Não tem remédio.

Há mais: lançando um núcleo em Uruguaiana, outro em Ponta Grossa, outro em Tambaú, outro em não sei que lugar de Minas e outro no Rio, é por esta forma que se faz uma espécie de tecido que vai se estendendo como uma renda pelo território nacional, sem o cobrir inteiro, mas exatamente como uma renda: os filamentos envolvendo de cá, de lá e de acolá formam a rede da Celeste Pescadora. Na hora que Ela puxar, tudo vai. Bem-aventurados aqueles que trazem para nós as Uruguaianas <sup>750</sup>.

\*

Se a Congregação fechasse essas sedes, seria uma retração do prestígio da Congregação no Brasil inteiro, seria para nós uma coisa funestíssima.

Vocês mantêm o nosso estandarte de pé em lugares onde a gente menos pensava que ele estivesse de pé. Vocês são meus representantes, meus embaixadores nas cidades, "longamanus" minhas em cada cidade.

De maneira que, ainda que o apostolado não estivesse rendendo nada, eu queria que vocês estivessem na sede. Vocês impedem o desprestígio da Congregação. Vocês ornaram a Congregação, é um ornato para a Congregação ter apóstolos itinerantes com sedes em tantos lugares. Ainda que [o recrutamento não prosperasse], vocês estariam fazendo uma coisa não apenas boa mas indispensável para nós <sup>751</sup>.

\*

Alguém poderia dizer: "mas 4 ou 5 enjolrinhas que eu consegui na cidade de Taquarém adianta tanto assim para o senhor?"

Eu digo: meu caro, você está se exprimindo mal. Você não conseguiu 4 ou 5 enjolrinhas para Taquarém. Você conseguiu [um] estampido permanente na cidade. E quanto menor a cidadinha, maior é o estampido. Numa cidade pequena ninguém tosse sem que todos os outros saibam que o fulano está resfriado. 5 enjolrinhas numa cidade causa mal-estar na cidade inteira. Pura e simplesmente 5 adiantam em Taquarém o que mil adiantam no Brasil <sup>752</sup>.

Resultado: eu tenho interesse nas grandes cidades, mas também nas pequenas.

### C. Tarefas dos grupos locais quanto aos indivíduos e quanto à opinião pública

A tarefa mais imediata dos grupos fora de São Paulo é de manter reunidos os rapazes do lugar, para que esses rapazes sejam fiéis à Igreja Católica, à Causa CR, salvem as suas próprias almas; e por outro lado, façam apostolado junto aos do próprio lugar, para aumentar o número deles e, por essa forma, dar-lhes condições excepcionalmente próprias a viverem em estado de graça e se salvarem.

Essa é a finalidade individual.

Mas a Congregação é mais feita para uma finalidade coletiva do que para uma finalidade individual. Essa finalidade coletiva é, primeiro, atuar sobre a opinião pública da cidade, e em segundo lugar atuar sobre a opinião pública do Brasil.

Como se atua sobre a opinião pública da cidade?

Nas cidades de tamanho intermediário e [de tamanho] menor existe uma tendência para olhar para as grandes cidades do país. Mas [também] existe uma tendência para olhar muito o que se passa na própria cidade. A tal ponto que os jornais da cidade tem um gênero de influência que os jornais de grandes centros não tem.

Então, pela mesma razão, uma atitude tomada pela Congregação local impressiona muito mais a cidade, do que [uma atitude tomada pela] Congregação em SP, ou em Rio de Janeiro, porque é uma coisa que aconteceu ali, no ambiente deles, nos probleminhas deles, com gente que eles conhecem.

<sup>750</sup> Encerramento do capítulo dos Apóstolos Itinerantes 17/3/77

<sup>751</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/12/77

<sup>752</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81 (RN 612) e Reunião Apóstolos Itinerantes 6/1/81 (ER 214)

Por causa disso em certo tipo de campanhas é meu desejo que as Congregações locais telegrafem às autoridades [da cidade] protestando, apoiando, publicando no jornal local.

Agora, as finalidades não-locais da sede local.

Vamos dizer o Conselho Nacional, ou eu, passamos um telegrama protestando contra uma lei ou pedindo uma aprovação de uma lei. Uma coisa é eu dizer: "Sr. Presidente, eu represento a grande Congregação de São Paulo". Outra coisa é: "Sr. Presidente, em nome da grande Congregação de São Paulo, mais de núcleos da Congregação existentes em 80, 100, 200 cidades do Brasil, eu peço a V. Excia. tal coisa". Tem outro peso.

De maneira que, para a própria eficácia da ação pública da Congregação paulista sobre o conjunto da opinião pública brasileira, a existência de núcleos nas cidades do interior é absolutamente capital.

#### D. Mérito do cooperador que permanece no interior

Eu compreendo bem que um rapaz que mora no interior pode pretender que ele vindo para São Paulo tem condições melhores para se formar do que no interior. E depois que é mais suave pertencer a um grande núcleo em São Paulo do que [pertencer] a um núcleo do interior.

Por isso eu acho especialmente meritório que o rapaz fique no interior.

Estou longe de achar que fica no interior quem é sabugo, e que quem tem categoria vem para São Paulo.

Eu compreendo que o rapaz que mora no interior aproveite bem todas as ocasiões que se apresentam para vir a São Paulo com frequência. Isso é uma outra questão <sup>753</sup>.

#### E. Normas para os primeiros passos do apostolado numa cidade do interior

Tomemos uma cidade de tamanho médio, de 100 mil habitantes, em que os senhores [vão fazer] apostolado.

Dessa população de 100 mil habitantes é certo que haverá gente aproveitável para nós e que o apóstolo itinerante não conhece.

A saída para o apóstolo itinerante é:

- conhecer o maior número possível de pessoas;
- com um pretexto qualquer entrar no maior número possível de lugares e nesses lugares fazer notar a sua presença, como apóstolo itinerante <sup>754</sup>;
- procurar as famílias que a gente veja que tem meninos aproveitáveis, para ver se, através dos pais, consegue mobilizar os filhos <sup>755</sup>;
- conversar com quem for mais ou menos simpático, ainda que seja mais velho, porque de repente é ele a ponta de anzol que vai pegar alguém para a Congregação;
- pedir aos CCEE da cidade que indiquem gente jovem que pudessem convidar para fazer parte da Congregação.

Se [isto for feito], é de se esperar que Na. Sra. haverá de mandar alguém que venha de encontro a vocês.

É manifestamente uma pescaria em água com pouco peixe. E o heróico é isso. Porque se fosse fácil não haveria nada de heróico.

\*

Encontrando na rua gente que mais ou menos faça propósito, os senhores devem ter uns 4 ou 5 ou 10 pretextos para abordarem. Não vão logo entrando nos nossos temas.

Mas evitem de estar fazendo este serviço no mesmo centro da cidade, porque em toda cidade --do interior sobretudo-- o centro é o lugar das faceirices, do mundanismo, da procura do dinheiro, etc., e é freqüentado geralmente por gente menos aproveitável por nós. O sujeito quanto mais vai ao centro, menos é aproveitável.

Alguém dirá: "Mas se eu for para o bairro, não tem ninguém no bairro". Andem, vão, voltem. Nossa Senhora abençoará. Mas joguem a rede de qualquer jeito.

<sup>753</sup> Reunião de dezembro de 1978 (K5-3), título originário "Respostas às perguntas das Troyas – Tarefas dos grupos locais"

<sup>754</sup> Reunião eremo Nossa Senhora do Bom Sucesso 20/3/79

<sup>755</sup> Reunião do 23/1/84

Num giro assim feito por um apóstolo itinerante, [aparentemente seus] passos reboam inutilmente na calçada, mas tenho certeza de que repercutem no Céu.

\*

Eu estou aconselhando isso porque me parece claríssimo que os Apóstolos muitas vezes fizeram assim. O que poderia fazer um São Paulo Apóstolo, chegando a Atenas, [onde] tem aqueles monumentos pagãos que ele não iria visitar como turista? Ele olhava para a Acrópole pouco mais ou menos como nós olhamos em Brasília a Embaixada Soviética, quer dizer, como um lugar de maldição. Não era ali que ele iria conversar. Ele acabava visitando a cidade.

Como é que ele conheceu o latoeiro Alexandre, contra quem ele escreve em uma de suas epístolas? Foi entrando numa casa de latoeiro provavelmente.

\*

Na cidade do interior, percebe-se logo quem não é da cidade, e como é, como não é. É possível que essa gente saiba desde logo que vocês são da Congregação.

Vocês precisam evitar de dar idéia:

1) que vocês são uns fanáticos, com segundas intenções, que só conversam sobre coisas da Congregação, e que só tem uma intenção que é de trazer a pessoa para dentro da Congregação;

2) que vocês são pouco afáveis.

[Outra coisa que convém ter presente é que], a gente do interior, quando vê uma pessoa de fora que está por lá, tem a seguinte preocupação: "o que ele está achando de nossa cidade? o que ele está achando de mim?"

\*

Algun de vocês me dirá: "Mas o senhor se dá conta da improbabilidade dos resultados disto?" Eu me dou conta. E tenho a esperança de que Nossa Senhora abençoe este improvável. Rezemos todos juntos para Ela abençoar este esforço. Mas atirem-se contra o improvável.

Para o recrutamento no interior Nossa Senhora só tem esta carga de cavalaria a dar. Esta deve ser a carga suprema, mais bonita, com mais fogo e talvez a carga da benção. Se derrota tivesse que haver, a derrota seria sublime se nos apanhasse dando esta última carga <sup>756</sup>.

O mais difícil não é havendo um apóstolo itinerante e 5 enjolrras, conseguir mais 50. O mais difícil é a partir de um apóstolo itinerante conseguir 5 enjolrras. A partir disso o resto é mais fácil <sup>757</sup>.

## F. Normas para a formação dos apostolandos

Quem funda uma [sede numa cidade] tem que compreender como é o modo regional. E permitir e até salientar que esse modo regional se expanda na decoração interna da sede, no trato, no modo de organizar a vida, etc.

Ele deve procurar interpretar as espontaneidades [dos rapazes dessa cidade], respeitar e incentivar, porque em geral nessa espontaneidade está a tradição.

Precisa saber bem o que é moderno, para saber substituir lentamente pela tradição local. Em geral o que é pecado é moderno e o que é moderno é pecado. Precisa saber distinguir o que tem [de] R e ir empurrando de lado, e o que tem de CR e ir empurrando para dentro. E pôr para dentro aquilo que é tradição local.

Se vocês prestarem atenção no modo de eu tratar a cada um de vocês, [perceberão] que eu faço um esforço para que a personalidade nacional venha a furo, mas continuamente, porque a tradição é essa, é uma continuidade com o passado <sup>758</sup>.

## G. Origem da falta de perseverança dos apostolandos nas cidades do interior

A falta de perseverança é ocasionada, em geral, por razões de caráter psicológico, muito mais do que por razões de caráter lógico, originadas deste fato: a pessoa nos conhece e, após um primeiro momento de entusiasmo,

<sup>756</sup> 20/3/79

<sup>757</sup> Sede do Reino de Maria 4/3/81 (RN 612)

<sup>758</sup> Reunião encarregados do apostolado na Espanha 3/10/89

verifica o quanto tem [que se] apartar do ambiente para nos seguir. Surge o receio de perder a importância e a influência que tem no ambiente, etc. Sem falar das tentações contra os bons costumes, que podem também arrastar a pessoa <sup>759</sup>.

## H. Brasília

[Brasília é o oposto de uma cidade nitidamente feudal, medieval]. Os medievais faziam catedrais que subiam ao Céu. Brasília fez uma catedral que entra na terra. Quem sobe ao Céu, encontra Deus. Quem afunda na terra, encontra o que?

Brasília é uma cidade que não sabe rir nem sorrir, é uma eterna gargalhada de cimento, sem som e sem graça.

Eu acho pior ser um vienense que não admira sua cidade, do que ser um brasileiro que não tem horror à sua cidade. Vocês tem que criar uma crítica interna, uma rejeição interna à maluquice da cidade, ao jeito doido da cidade, àqueles concretos com aquelas duas tampas, àquilo tudo. Isto forma sabedoria. O horror ao insensato forma um sábio. O horror à Brasília forma um homem de espírito gótico.

Vocês tem alí uma espécie de escola gótica virada de cabeça para baixo. É só vocês põem no espírito aquilo na ordem reta.

Então vocês estão vendo que a Providência ajuda aqueles que parecem os mais desvalidos <sup>760</sup>.

## I. Ceará - Fortaleza

### 1. Há duas espécies de cearenses: o jangadeiro e o sinárquico

Tenho a impressão de que não existe mais o Ceará homogêneo como existia antigamente, com um só temperamento, um só modo de ser, etc. Deve haver 2 espécies de cearenses:

O cearense com mentalidade jangadeiro, quer dizer aventureiro, que gosta de percorrer o mundo, que gosta de brigar, que apoiaria o Padre Cícero, lampião, etc.

E depois o cearense aclimatado à cidade de Fortaleza como eu imagino que ela seja hoje. Ela deve ser uma espécie de capitalzinha que se imagina muito maior do que é, e tem todos os defeitos do ambiente de capital, quer dizer sinárquica, ambiciosa até o delírio, trabalhadora também muito, e entre os que trabalham alguns cujo trabalho é estudar e que portanto são ploc-plocs desesperados, com o mesmo espírito com que os outros são trabalhadores <sup>761</sup>.

### 2. A falta de sabedoria, nota dominante do estado de espírito do fortalezense

Fortaleza é uma cidade com um ambiente muito definido, diferente de uma espécie de Babel como SP, que é, vamos dizer, o maremagno de todas as indefinições.

Aqui tem tudo: um centro armênio, um templo budista e um centro ultramontano no meio, florescendo [os 3]. Enquanto Fortaleza é uma cidade orgânica, ainda, em muitos aspectos, com um espírito próprio, uma [expressão] própria e algo de definido, e isto se chocando com o espírito ultramontano.

Há em Fortaleza um estado de espírito de microlíce crônica, que dá no perpétuo brinca-brinca e uma atitude perante os problemas da vida como se no fundo nada fosse grave, tudo com jeito mais ou menos se decidisse, e a vida fosse portanto uma coisa muito gostosinha, em que todos cooperam uns com os outros para tocar para frente a coexistência de todos, num ambiente de muita camaradagem.

Isto se choca fundamentalmente com a posição do ultramontanismo, que [vê] a vida como uma coisa muito grave, trágica, ordenada em função de Deus Nosso Senhor, ao Qual a todo momento nós estamos servindo ou traindo. Para o espírito ultramontano, tudo tem perspectivas últimas sublimes e pede seriedade, pede elegância, pede distinção, pede nobreza.

O ambiente de Fortaleza exclui a idéia da conjuração de uma Buscha, isolada da população, atuando sobre a população, para conduzi-la para o mal. Em Fortaleza ninguém é inteiramente da causa do bem, ninguém é inteiramente da causa do mal. Porque não se deve ser, porque a posição medíocre do espírito é a verdadeira.

<sup>759</sup> Diretório para a ação de nossos jovens colaboradores em seus colégios (ER 132-133)

<sup>760</sup> Palavras Grupos do Interior, 4/2/80 (RN 612)

<sup>761</sup> Despachinho 8/2/84



Agora, isto cria uma espécie de sub-consciente, de estado de espírito habitual, como se o pecado original não existisse e como se, de fato, toda a visão ultramontana da vida fosse falsa.

[Há também, neste mesmo sentido], um trato pessoal sem cavalheirismo, sem gravidade e sem nobreza, um trato todo ele democrático, que faz de Fortaleza uma cidade igualitária, onde quase não existem classes sociais.

Daí vem um modo de tratar os assuntos pelo qual cada fortalecense que aborda o outro, já aborda para brincar, para dizer uma coisa engraçada, para tratar à completo camarada e para nunca tratar de uma coisa seriamente até o fundo.

Isto é o estado de espírito de Fortaleza. Tenho a impressão de que no sertão não é assim, e que aquela gente do Juazeiro, do padre Cícero, etc., é mais séria e leva as coisas mais a fundo.

[Estes] defeitos são no fundo uma falta de sabedoria. Porque a virtude da sabedoria é exatamente aquela que nos leva a querer ver as coisas pelas suas mais altas causas, pelos seus mais altos aspectos, o fim último das coisas, o sentido mais profundo. E isto aqui é deter-se numa parte da realidade, que é a realidade palpável, a realidade que cai debaixo dos sentidos, enquanto que a realidade impalpável, a parte espiritual da realidade, fica posta de lado. Fortaleza é uma cidade fundamentalmente não-sapiencial <sup>762</sup>.

### 3. Como tratar o temperamento cearense?

O temperamento [cearense] não é tão difícil desde que se tenha cuidado: tratar com cortesia comum, não cerimonioso, mas amável; não brigar com eles, não fazer encrenca com eles, e não dar a impressão a eles que está se querendo mandar neles imperativamente. Influenciar eles não se incomodam muito, mandados eles não gostam <sup>763</sup>.

### 4. Importância e localização da sede de Fortaleza

Entra pelos olhos que Fortaleza não se pode deixar sem sede. O fechamento da sede em Fortaleza eu acho que seria muito nocivo ao prestígio geral da Congregação.

[Convém] arranjar uma casa que esteja num ponto que tenha uma certa facilidade [para] fazer a abordagem <sup>764</sup>.

### 5. Calendário apostólico: primeiro arranjar a sede e depois procurar gente? ou primeiro procurar gente e depois arranjar a sede

Uma velha idéia fixa de todo mundo que vai para Fortaleza, é que tem que reformar a sede, como se reforma um palco para uma peça teatral, e quando tiver o palco todo montado apresenta uma peça.

Não é assim que deve ser. [O certo é] reformar alguma coisa mais urgente e encher de gente. [Os rapazes novos] não sabem nem distinguir sede bonita, nem sede feia, não sabem nada. Depois, quando eles estão lá dentro, começa a reformar alguma coisa.

É preciso começar a chamar bastante gente quanto antes. O arranjo da sede é secundário <sup>765</sup>.

### 6. Enquanto não houver apóstolos enjolrras em Fortaleza, o apostolado não pegará

Nós devemos fazer a distinção entre aqueles que são agentes da Congregação e desenvolvem o apostolado clássico; e aqueles que fazem o apostolado de abordagem. [Os primeiros, pelo geral], não estão em idade de fazer o apostolado de abordagem. Portanto, enquanto não tivermos enjolrras para mandarmos para lá, aquilo não vinca <sup>766</sup>.

<sup>762</sup> Conversa em fevereiro de 1967 (RN 137)

<sup>763</sup> Despachinho 8/2/84

<sup>764</sup> Reunião para Picanço e Kallas, maio de 81 (K5-4)

<sup>765</sup> Série de reuniões e despachinhos sobre Fortaleza, (K5-4), nome do arquivo no computador "4Despachinhos"

<sup>766</sup> Reunião para Picanço e Kallas, maio de 81 (K5-4)

## 7. Nas abordagens, apresentar-se como cooperador da Congregação

(Na abordagem, os cearenses ficam desconfiados porque são muito intuitivos).

É natural, porque ninguém vai oferecer para eles ginásticas atoa. De maneira que eu acho que seria mais o caso de dizer claramente que é Congregação. Embora desse até máfia.

(Se em São Paulo diz que é Congregação, o pessoal tem medo). Eu acho que lá não tem, ou tem muito menos.

## 8. Como tocar o apostolado com o cearense de mentalidade jangadeiro?

Com o aventureiro o ideal seria contar para ele histórias de aventuras do passado, que poderiam ser em parte histórias de vidas de santos que contivessem aventura --Cruzadas, Santo Inácio, São Paulo, etc. Depois alguma coisa de história universal, por exemplo Pipinelli Scarlate seria uma muito boa leitura, muito bom assunto para tratar com eles.

Isto deveria ser acompanhado de algumas coisas, áudio-visuais, mas para dar a eles um certo senso histórico, instalá-los em certos problemas do passado, etc., a propósito das aventuras do passado. Porque para a cabeça deles o passado é sério, parado, uniforme, não teve aventuras; e os julga com severidade porque eles não são assim.

(Qual o ponto de união com o senhor que o cearense deve realizar?) É exatamente o que eu falei do espírito de aventura. Eu aceito a aventura e a realizo <sup>767</sup>.

\*

[Este tipo de] cearense tem uma necessidade continua de estar se movendo e de estar gracejando. Em consequência, conferências, aulas ou cursos, por mais animados que sejam, podem facilmente deixá-lo em estado amortecido.

[Então é preciso] que eles tenham muitos exercícios violentos e se cansem <sup>768</sup> para ver se assim a sobra de energias repousa um pouco e prestam atenção em coisas intelectuais <sup>769</sup>. Por exemplo no jardim da sede organizar uns quaisquer jogos, ou fazer excursões não marítimas --as praias devem estar péssimas do ponto de vista moral-- e intercalar na própria excursão conferências, seria ótimo. Sobretudo se forem pequenas conferências de no máximo 45 minutos e que variassem de temas, de maneira a eles não terem a sensação da continuidade, que é o que acima de tudo e mais do que tudo, infelizmente, os aborrece <sup>770</sup>.

\*

A inconstância é um defeito particularmente acentuado [deste tipo de] cearense, pelo excesso de imaginação e pelo gosto de estar fazendo sempre coisas novas, em viagens novas, em horizontes novos e panoramas novos.

Seria preciso, sem atacar diretamente os cearenses enquanto tais, apresentar essa volubilidade como um dos defeitos marcantes do espírito humano e fruto da civilização moderna, e que assim não se consegue nada. A estabilidade e a continuidade são elementos fundamentais. Exemplo: os grandes povos da Europa, que são muito mais estáveis que os da América <sup>771</sup>.

## 9. Quais são os mais aproveitáveis? como tocar o apostolado com eles?

Agora, me parece que os mais aproveitáveis são os que já tem uma certa noção de esquerda católica, de socialismo não-socialismo a propósito de problemas do Nordeste, de reforma agrária, etc.

Esses problemas não convém apresentá-los enquanto deslocados do contexto cearense. Para começar deve-se tratar do problema como ele é no Ceará, e depois tratar em nível universal <sup>772</sup>.

<sup>767</sup> Despachinho 8/2/84

<sup>768</sup> Despachinho 2/12/83

<sup>769</sup> Despachinho 8/2/84

<sup>770</sup> Despachinho 2/12/83

<sup>771</sup> Despachinho 25/4/89

<sup>772</sup> Despachinho 8/2/84

## 10. A seriedade, ponto reatrix do apostolado em Fortaleza

Se [a gente] quiser ter um grupo fervoroso e numeroso em Fortaleza, [a gente precisa] procurar a seriedade lá. O demônio cria a ilusão de que a gente cedendo às más inclinações do lugar atrai as pessoas. É o contrário <sup>773</sup>. Numa cidade que tem um determinado estado de espírito, o triunfo do Grupo consiste em formar os membros rombudamente contra o estado de espírito da cidade.

[Portanto, o apóstolo] deve estudar um modo de fazer com os novos que seja o mais sério possível. Reuniões precedidas, não sei, de uma oração, alguma coisa que impressione, uma espécie de encenação do Grupo de Fortaleza oposta ao ambiente de Fortaleza.

E a hora da conversa fora da reunião --que aliás tem maior importância [do que a reunião]-- precisa ser vista assim.

Outra coisa muito importante é europeizar o meu caro Grupo de Fortaleza: põem na parede aqueles quadros do castelo de Chambord, essas coisas todas, indicando uma coisa completamente diferente e europeística. Começar a chamar a atenção deles para a Europa.

A sede de Fortaleza deve ser tal como seria se eu estivesse presente. Não sendo assim, não está bem <sup>774</sup>.

Dentro da sede a tese a respeito de brincadeira não é a seguinte: "é intrinsecamente mau brincar". Mas é outra coisa: "já que fora se brinca bastante, aqui é a hora de ser sério".

Se eles contam uma coisa, não sendo piada imoral --sai muito, hein--, a gente dá risada, etc.; mas depois muda de assunto. E sistematicamente nunca brinca com eles <sup>775</sup>.

## 11. Normas para o trabalho com CCEE

Numa cidade de bom tamanho mas que não é uma megalópole, onde portanto mais ou menos todo mundo conhece todo mundo, é de muito peso saber que tem 4, 8, 10, 20, 30 famílias ou 30 casais que são aderentes da Congregação. Tanto mais que o pessoal de fora não compreende bem a diferença entre membro e correspondente, e fica pensando que os rapazes que estão na Congregação tem o mesmo engajamento que tem os correspondentes.

Isto credencia muito no seguinte sentido: um casal tem sempre mais confiança num outro casal, do que numa obra dirigida por 2 ou 3 solteiros. Uma obra dirigida por 2 ou 3 solteiros parece a eles uma aventura.

Por exemplo, [a gente] organiza uma [conferência]. Ter uns 10 casais presentes ao lado de jovens e de meninos dá um peso para o público que está lá, que é outra coisa inteiramente diferente de menininha com 2 ou 3 homens muito mais velhos, que às vezes podiam ser pais dos meninos que estão lá <sup>776</sup>.

## J. Joinville

Joinville é uma cidade muito simpática. Eu já estive lá, tive a impressão de cidade arranjadinha, nho-nhô, e que se poderia preservar com certos fermentos contra-revolucionários eventuais durante bastante tempo. Não sei depois como é que ela evoluiu.

Lá eu faria um apostolado que evitasse a nota heróica, porque aquilo é uma nnonhozeira fenomenal e que não tem a menor tendência para o heróico. Imaginar que porque são descendentes de alemães, tem tendência para o heróico, [é errado]. Há uma certa pequena burguesia alemã que só gosta de comer pão de mel e "Milchbrotten" e essa vidinha assim, cortininhas, gerânios, etc., e não querem [o heroísmo].

Eles precisariam sentir em nós uma defesa contra elementos de desagregação, mas uma defesa pacífica, defesa virtual.

[Neste sentido, convém] colocar um pouco de gerânios no terraço [da sede], cortininha, ares locais <sup>777</sup>.

<sup>773</sup> Despacho Ceará 12/10/90

<sup>774</sup> Conversa em fevereiro de 1967 (RN 137)

<sup>775</sup> Despacho Ceará 12/10/90

<sup>776</sup> Despacho Ceará 7/11/94

<sup>777</sup> Sede do Reino de Maria 18/10/82

## K. Londrina

Londrina é uma capitalzinha hoje. Eu até me pergunto se ela não é um pouco a capital do Paraná, se ela não usurpou um pouco Curitiba.

(De fato ela é superior a Curitiba) como quantidade. Como qualidade eu ponho as minhas dúvidas. Eu a acho uma cidade muito mais vulgar que Curitiba. Curitiba tem mais tónus. Mas Londrina vai tocando para frente, a maioria dos políticos são de lá, depois [tem] dinheiro, etc., de maneira que ela é a São Paulinho do Paraná<sup>778</sup>.

## L. Minas Gerais

Há duas Minas. Há a Minas de Ouro Preto, do tempo colonial, dos profetas do Aleijadinho. É uma Minas recolhida, meditativa, inteligente, calma, desconfiada, dinheirosa e econômica. Isso foi substituído pelas Minas política, bancária, comercial e agrícola, que vai começando a ser a Minas industrial.

São os melhores políticos, rivalizando com os gaúchos. O mineiro é o rei da política na arte de sussurrar, de falar baixinho, de dizer metade, de dar a entender o resto, de passar rasteira. A arte política dele mais faz-se em observar e sussurrar do que em qualquer outra coisa<sup>779</sup>.

## M. Nordeste

### 1. Situação do Nordeste e mentalidade nordestina

O Brasil todo está numa situação difícil, mas o Nordeste está numa situação especialmente difícil.

Há um trabalho para intrigar o Nordeste com o Brasil e o Brasil com o Nordeste, pintando com cores exageradamente trágicas a situação do Nordeste, e não tomando em consideração o essencial do Nordeste, e que é o seguinte:

Os reporters estrangeiros não compreendem como é o modo pelo qual o nordestino conduz a sua situação pessoal dentro das dificuldades do Nordeste. É uma alegria muito mais de ter alma e de ser criatura humana, do que de ter corpo só, como se fosse um bicho. Muito mais preocupado com os problemas doutrinários, elevados e culturais, etc., do que com os problemas materiais. Eles vivem suficientemente, vivem de modo razoável, e cantam e pescam, e comem e dançam, e fazem poesia, e fazem brincadeira, etc., e tem alma para agüentar isto.

É um pouquinho como a Espanha na Europa. A Espanha é talvez a região mais pobre da Europa. Mas tem uma alma, tem uma ... E ter alma é viver! O resto o que é?

Eles querem apresentar a situação do Nordeste como gravíssima, como paiol de pólvora, como lugar de explorações contínuas, etc. Assim não é. Há muita coisa para resolver, há muita coisa para ajudar. Mas ajudar muito mais por afeto, por solidariedade de brasileiros, de cristãos, do que ajudar por ameaça. Porque o problema não se põe assim<sup>780</sup>.

\*

[Agora], há a seguinte contradição no espírito de quase todos os nordestinos:

De um lado a imaginação deles gosta das coisas maravilhosas. O vocabulário dos [enjolrras nordestinos] é melhor do que dos enjolrras de outros Estados: as palavras são mais numerosas, mais escolhidas e mais bonitas. Isso revela um gosto pelas coisas nobres, pelas coisas elevadas.

Mas no modo de trajar, no modo de se tratarem uns aos outros, etc., a baixa de nível é sem nome. É um brinca-brinca contínuo; é uma intimidade sem cerimônia; o modo de se tratarem é pouco respeitoso, pouco atencioso.

Há uma contradição entre isso e a tendência de alma para a bela expressão, para os belos termos e pelas paragens do espírito para onde conduz o belo vocabulário.

<sup>778</sup> Reunião eremo Nossa Senhora do Bom Sucesso 20/3/79

<sup>779</sup> SD 14/3/87

<sup>780</sup> Nordestinos 1/8/85 (RN 666)

## 2. Normas para o apostolado e para a vida interna

Essa contradição põe um problema de apostolado:

Como apresentar o maravilhoso de maneira a dar às almas dos [nordestinos] esse desejo do maravilhoso que eles tem, mas ao mesmo tempo levá-los a renunciarem à baixa de nível?

[O apóstolo] devia tomar livros de História que contem as coisas de Guararapes, a Insurreição, a Guerra contra os holandeses, etc., e aprender casos bonitos, nomes bonitos e de vez em quando soltar na conversa. [Devia tomar] álbuns, fotografias e de vez em quando chamar a atenção para uma bonita coisa qualquer da Bahia e do Nordeste: "Como afinal de contas há coisas nobres no nosso passado que são esquecidas! Será que esses homens viviam na brincadeira em que nós vivemos? André Vidal de Negreiros teria sido um piadista? E João Fernandez Vieira também? Ou eles eram gente de outro tipo, que faziam as coisas de outro jeito? Por que o Nordeste é tão pouco hoje no Brasil, quando já foi tanto? Nós não teríamos muita coisa para reerguer? Apareça um pouco na Congregação, vamos conversar sobre isso".

Aí mostram álbuns de coisas da Espanha, castelo de "Manzanares" com a Congregação, mostram coisas bonitas de Minas. Comecem a pôr dentro do maravilhoso, habituar a ler trechos bonitos de oratória, trechos escolhidos.

Por aí [a gente] consegue criar uma oposição ao mundo revolucionário.

No meio vem narradas as coisas da Congregação, mas vem como que por acaso: "a Congregação também é assim, aconteceu tal coisa, houve tal", etc. Mostre o elenco: "olhe tudo o que a Congregação fez! nenhum país do mundo fez isso!" Nós temos que começar a bater a nota patriótica, porque é uma nota legítima à qual o pessoal é mais sensível: "hoje 2 países do mundo exportam ideologia: o Brasil e a Rússia".

\*

[Por outro lado], o trato entre [os cooperadores] deve ser cerimonioso, digno, de pessoas que se respeitam. [Devem] amar o respeito, respeitar o respeito.

Nunca pegar um no outro, nunca brincar um com outro. Nosso Senhor nunca foi visto no Evangelho dando risada <sup>781</sup>.

## N. Pernambuco

Os pernambucanos são uns baianos meio apaulistados.

O pernambucano é brincalhão. São freqüentemente bem inteligentes, mas não dão propriamente tribunos como os baianos, que se se puser num púlpito ou numa tribuna, eles falam e arrastam. Escrevem livros muito bem feitos, conhecem o português primorosamente bem. E são espíritos assim mais aprofundantes. Mas são muito mais homens de ação. Gostam de produzir, gostam de trabalhar, gostam de fazer. E mandões: na terra de cada um manda cada um. E tem uma coisa que em São Paulo não é freqüente, mas entre eles o era: é briga de fazenda a fazenda, chegando a punhal ou a outros recursos <sup>782</sup>.

## O. Rio Grande do Sul

### 1. Mentalidade do gaúcho

Antigamente o gaúcho de fronteira era muito mais aventureiro, muito mais solto e muito falso; um pouco impregnado do espírito argentino e nenhum pouco do espírito uruguaio --se é que existe--, por isso [mesmo com] um pouco de fanfarronada nacionalista.

São gente muito mega, porque aquela zona tem um passado político grande; eles se sentem um pouquinho donos do Rio Grande do Sul e partícipes da propriedade do Brasil <sup>783</sup>.

O senso da luta é muito mais aceso entre os gaúchos do que entre nós [paulistas]. Eles são muito militares, grande parte do contingente brasileiro no exército é constituído por gaúchos.

<sup>781</sup> Palavras aos Grupos do interior, 4/2/80 (RN 612)

<sup>782</sup> SD 14/3/87

<sup>783</sup> Janeiro de 84 (K5-5)

A política do gaúcho é declamatória, ele tem lábia, tem verve, agrada as pessoas. Sob certo ângulo, os gaúchos são políticos ainda mais hábeis do que os mineiros<sup>784</sup>.

## 2. Normas para a vida interna

No RGS o comparacionismo é fabuloso, os homens se comparam o tempo inteiro. Isso precisa cessar, porque do contrário a vida de vocês não tem as bênçãos de Nossa Senhora. A bênção é para quem nunca analisa as suas próprias qualidades e para quem nunca se compara com os outros.

Eu queria muito como vida interna que isso marcasse o convívio de vocês, nunca estarem se comparando uns com os outros, nem pensando nas suas qualidades.

A respeito de cada um de nós, nós devemos conhecer os defeitos para corrigir. Se somos inteligentes, se somos cultos, fingir para nós mesmos que isso não existe. Nossa Senhora no Céu nos dará uma recompensa.

Quando a gente não olha para as próprias qualidades, não tem com que comparar com os outros. Assim acaba com a politicagem e há muito mais harmonia, muito mais bem-estar na sede, muito mais bênção.

E quando forem fazer apostolado, vocês não se comparem com o apostolando e não fiquem vaidosos quando o apostolando segue a vocês, nem fiquem com raiva quando o apostolando não segue. Vocês estão trabalhando para Nossa Senhora.

\*

[Neste sentido, uma oração para rezarem todos os dias] poderia ser assim: Oh minha Mãe, Mãe de justiça e Mãe de misericórdia, governai a minha alma de tal maneira que inteiramente despretenhoso seja capaz por Vós das mais santas coisas. Afastai da minha alma a consideração das qualidades naturais que eu tenha, afastai da minha alma as considerações até das qualidades sobrenaturais que a graça implorada por Vós possa nos alcançar. Abri, pelo contrário, a minha alma para a consideração sincera, leal, varonil, [dos meus defeitos], sem buscar em atenuantes pretexto para indulgências falsas para comigo.

Dai-me a verdadeira contrição pelos meus defeitos e o propósito de nunca reincidir neles, de maneira tal, oh minha Mãe, que eu seja verdadeiramente capaz de todas as proezas por Vós, porque sei bem que só aos despretenhosos é que Vós dais as grandes vitórias.

*Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles.* Deus depôs os poderosos, quer dizer, os megas, os que se julgam colossos, Ele depôs de sua falsa grandeza e levantou aqueles que sabem olhar com severidade os seus próprios defeitos. Amém.

\*

Cada vez que vocês se peguem a si mesmos num ato de comparação com o outro, ou contemplando a própria virtude, [recomendo] rezarem 3 Ave Marias com os braços abertos em cruz<sup>785</sup>.

## P. Rio de Janeiro

### 1. Mentalidade do carioca de hoje e do carioca de outrora. Normas para o apostolado em função disso

Eu noto o Rio de Janeiro de hoje muitíssimo modificado em relação ao Rio de Janeiro de outrora. Tudo quanto se diz a respeito do gênero prazenteiro, folgazão do carioca, etc., ou está reduzido a pequenos restos ou não existe mais. O carioca está ficando cada vez menos carioca.

Por exemplo, um carioca hippie é menos carioca do que um carioca não hippie, pois ele no fundo toma a sério a desvinculação dele, toma a sério a desalienação dele e toma a sério uma vida especial que ele resolveu levar, que é, resolver não ser sério. O carioca de [outrora] via tudo com gargalhada: "ora veja! ho-ho-ho", etc.

A mentalidade que está substituindo a antiga mentalidade carioca é qualquer coisa de sinárquico, de muito preocupado com dinheiro, de tristonho e de gente que se sente mal a vontade dentro do estilo de vida que leva, mas que não se dá conta claramente disso. E por isso se deixa levar pelas Forças Secretas como elas querem.

<sup>784</sup> SD 14/3/87

<sup>785</sup> Palavrinha grupos do interior, 4/2/80 (RN 612)

[Por causa disso], em relação aos elementos aproveitáveis, fazer coisa muito séria e puxando muito, traz mais do que se fizéssemos uma coisa por assim dizer acariocada.

Para evitar máfia, acho que no começo poderiam fazer a coisa um pouquinho acariocada, mas depois ir puxando, porque os melhores não são nada acariocados <sup>786</sup>.

\*

O carioca coloca sua principal confiança, seu principal meio de ação e sua principal arma de luta no charme. Eles são muito amáveis, brincalhões, sem nada de agressivo. E faziam reinar sobre o Rio uma atmosfera de bonomia elegante, que o turismo de hoje acabou completamente <sup>787</sup>.

O carioca raramente revida de frente de um modo violento. Rio é uma cidade muito conciliatória, vive numa espécie de mutua cumplicidade que não permite isso.

Mas se numa roda um indivíduo toma uma atitude combativa, todos fazem vazão em torno dele, não falam mal, e congelam. Ele diz uma coisa, hummm. E acaba ficando só. Nisso, a cidade tão encantadora e tão acolhedora, acaba se manifestando inteiramente intransigente. E se o sujeito insiste, aquilo se transforma em raiva e perseguição.

Aliás, aquelas montanhas do Rio de Janeiro parece que dormem uma apoiada nos ombros da outra, e mais parecem feitas de manteiga do que de pedra. Até o nosso lindo Pão de Açúcar é doce. As montanhas espanholas são montes heróicos, quebrados, calcinados, trágicos; a gente tem a impressão que eram montanhas inteiras em que andaram gigantes estropeando aquilo e que os cones das montanhas voaram de todos os lados.

Se acontecer um fato qualquer que morde --acho que para isso deve vir uma direção de SP--, comentem o fato nos lugares onde estiverem. Eu garanto que comentando o fato da hora, vocês começam a fazer apostolado.

[Por exemplo], se eu tivesse que fazer apostolado a respeito [da morte do Tito], eu diria: "puxa, a essa hora quanta gente está [desconsolada] na Iugoslávia, hein! A morte de um homem. Mas também quantas cadeias estarão se abrindo, quantas lágrimas estarão se secando".

Depois disso: "afinal de contas está bem compensado: morre um, mas muitos ficam livres".

Dá a terceira tirada: "eu até já rezei pela alma dele, mas agradecendo a Nossa Senhora tanto benefício que Ela vai dar por essa ocasião".

Quer dizer, num acontecimento que é preciso emitir uma opinião severa, primeiro preparar por vários ditos que impedem de dizer que vocês não tem coração. Tem que começar por um sorriso e uma coisa que dê idéia de bondade. Depois um [segundo lance] que sorri menos, dá um pouco menos a idéia de bondade, mas em que aparece uma ponta de raciocínio. E no terceiro lance aparece o raciocínio com a ponta inteira. Quer dizer, para avançar é preciso primeiro sorrir muito, depois sorrir um pouquinho menos, depois a verdade inteira <sup>788</sup>.

## 2. Convém mudar de sede de apostolado. Localização ideal da sede

Apesar de todos os transtornos que traz, é preciso pensar numa outra sede de apostolado. Porque a atual sede foi calculada muito em função das possibilidades de acesso dos que eram membros do Grupo no tempo em que a sede foi alugada. Agora, como se trata de atrair novos, esses cálculos podem já não estar em dia.

Então seria preciso ver qual é a zona para onde mais facilmente se converge as pessoas.

Pelo que me tem sido dito a respeito da receptividade dos vários bairros do Rio para nosso material de propaganda, de longe os bairros que correspondem às zonas periféricas urbanas de SP são os melhores no Rio de Janeiro. Ali se compram mais livros, há mais simpatia, etc. Principalmente nos bairros onde a autoridade eclesial fassurou muito e está muito com as garras de fora.

Seria [bom] penetrarmos num determinado bairro alugando casa por um prazo limitado, por exemplo, 6 meses ou no máximo 8, dando nos a possibilidade de rescindir o contrato terminado esse prazo. A vantagem disso seria de que nós alugaríamos casinhas bem menores, que de nenhum modo corresponderiam à fisionomia clássica das sedes da Congregação, ornadas e atraentes. Seriam casinhas idênticas àquelas em que os rapazinhos do bairro estão habituados a viver. Talvez um pouquinho melhores apenas. Far-se-ia ali uma campanha de apostolado durante 6 ou 8 meses. Se o apostolado desse certo, ampliar-se-ia a sede. Se não desse certo, fechamos e mudamos de bairro, guardando conosco para o nosso fichário os nomes e endereços com quem tenhamos feito algum contato durante esse período.

<sup>786</sup> Reunião para os eremos da Luz e São Paulo Apóstolo, 18/7/72 (ER 139); e Despachinhos sobre Rio de Janeiro 30/5/84 e 16/4/84 (nome destes arquivos no computador "3Despachinhos")

<sup>787</sup> SD 14/3/87

<sup>788</sup> Palavras aos grupos do interior, 4/2/80 (RN 612)

Se bem que, teoricamente, a proximidade de colégios possa ser muito interessante, é preciso notar que o colégio próximo de nós facilmente toma conhecimento de nossa atuação e pode maffiar as famílias. Pelo contrário, se ficarmos meio de longe do colégio, temos mais possibilidade de não sermos maffiados pelo colégio nem pelas famílias.

Note-se que o grosso dos nossos recrutandos não é propriamente alunos de coleginho direitinho, mas é gente mais ou menos desalveolada que a família jogou para a linha office-boy. E é propriamente nos centros onde se pode tomar contato com office-boys. Não precisa ser office-boys de luxo do centro do Rio. Basta ser office-boy de centros comerciais menores das periferias do Rio.

[Então, para] contatos com esses rapazinhos que fazem serviços de rua de toda espécie, [conviria que a sede estivesse] perto do local do trabalho, e funcionasse durante o dia, [de maneira que eles pudessem] dar corridinhas para a sede na hora do serviço. E se eles forem bem fígados durante a semana, eles não terão dificuldades em voltar para as nossas sedes no fim de semana.

O apostolado de [atração] do office-boy tem que ser de momentinhos vagos que eles vão passar na sede durante a semana. (O apostolado de formação), tem que ser fim de semana <sup>789</sup>.

\*

Para não ficar com ar de colégio, eu recomendo que chamem a sede do Rio de "Padre José de Anchieta" <sup>790</sup>.

## X. DESVIOS NO "METIER" DO APOSTOLO ITINERANTE

### A. Dar precedência à logística sobre a formação dos apostolandos. E dar precedência à formação dos apostolandos sobre a formação de si próprio

Os [apóstolos itinerantes] tem uma missão muito bonita, uma missão notável, que consiste em difundir e sustentar os grupos que existem aí pelo Brasil.

[Para entender essa missão consideremos] um jardim e a água proveniente de um belo regato. A água existe, mas se o regador não levar a água até a planta, para a planta não adianta nada que a água exista lá longe.

Bem, os senhores são regadores. A água --que é a graça de que Na. Sra. acumula a Congregação em São Paulo--, para ir para os jovens que os senhores devem trazer para a Congregação, tem que passar pelos senhores. O ponto de contato entre os jovens e a água são os senhores.

[E assim como] para as plantas de um jardim, a barragem, a acumulação de água, as caixas d'água, etc., não adianta nada se no último ponto do processo não houver um regador que distribua a água para as plantas, [assim também] todo o esforço anterior seria nulo se não encontrasse da parte dos senhores uma correspondência.

Portanto, esta responsabilidade não pode ser confundida com as funções do zelador da sede: o homem que cuida para que a sede esteja sempre limpinha, bem arranjadinha, esteja tudo no lugar. Isso é uma das funções dos senhores, mas não é a principal função. Isso prepara o terreno para a ação dos senhores. Os senhores devem fazer isso e muito mais do que isso.

É mais ou menos como um pai de família. Ele obtém o dinheiro para que as coisas corram bem em casa, e ele olha para ver se a dona da casa e as crianças mantém a casa em ordem. Mas isso é secundário. O mais importante que ele tem é de ser o chefe da família e formar a família. A função essencial dos senhores é formar. Mas formar quem?

Os senhores devem primeiro formarem-se a si próprios. Ninguém é bom formador a não ser aquele que está continuamente formando a si mesmo. Um homem que não vê nada para corrigir em si e não ambiciona conquistar novas virtudes, não presta para apostolado. Por uma razão muito simples: estes são os homens parados, e quem está parado não faz ninguém andar.

[Seria um erro pensar o seguinte]: "como eu agora sou formador, tenho que concentrar toda a minha atenção nos outros, não preciso mais prestar atenção em mim".

Eu só entendo o defeito dos outros na medida em que eu entender os meus. E se eu não tiver o meu olhar continuamente posto nas minhas próprias lacunas, eu não compreenderei as dos outros. E se eu não estiver continuamente aprimorando as qualidades que eventualmente tenha, eu não aprimorarei as qualidades dos outros.

<sup>789</sup> Despachinhos sobre Rio de Janeiro 30/5/84 e 16/4/84 (nome destes arquivos no computador "3Despachinhos)

<sup>790</sup> Palavras aos grupos do interior, 4/2/80 (RN 612)



## B. Pensar que, pelo fato de morar no interior, o apóstolo não tem obrigação de progredir na vida espiritual

Os senhores passam uma temporada em São Paulo e saem com a seguinte idéia: "eu se morasse em São Paulo progrediria prodigiosamente; no interior não tenho obrigação de progredir".

É o contrário. Os senhores se lembram da parábola dos talentos (\*) que Nosso Senhor contou no Evangelho? Cada vez que os senhores vem a São Paulo, os senhores recebem na mão umas tantas moedas espirituais, umas tantas graças. E os senhores fazem o papel daquele homem. Só que aquele homem do Evangelho foi viajar e deixou os escravos dele no lugar, com o dinheiro na mão para fazer render. Nosso Senhor com os senhores faz o contrário: nós ficamos aqui, os senhores é que vão viajar, e os senhores vão fazer render as graças que receberam nos lugares para onde vão.

-----  
 (\*) Talento é uma moeda antiga <sup>791</sup>.  
 -----

## C. O exagerado interesse pela quantidade em detrimento da qualidade dos apostolandos

[Nós apelamos para aumentar o número de apostolandos]. Os apóstolos itinerantes, ou aqueles rapazes do local que servem ao apóstolo itinerante para o recrutamento, até por espírito de obediência, vão procurar aumentar o número.

Mas uns e outros [às vezes exageram a preocupação de conseguir um elevado] número [de apostolandos]. E instintivamente, para conseguir muitos, tem a tendência a baixar [a qualidade dos apostolandos].

E não só tendência a baixar, mas outra coisa: é o problema da fixação. [Pelo seguinte]:

Há gente que metida no meio dos outros, tende a afundar no meio dos outros. E há alguns que não: em qualquer [lugar] que seja sobressaem. Se eu coloco num grupo 2, 3, 5 meninos, que pela sua vivacidade, pela sua personalidade, pela sua dedicação, pelo nível de educação que receberam, etc., ocupam normalmente a primeira plana, eles lá dentro facilitam a fixação dos outros que vem de fora, porque por um movimento natural, quem é inferior procura aderir ao que é superior, para aproveitar, para se elevar. Nós devemos ter preferência para fixar esses, porque esses fixam outros.

[Se o apóstolo se preocupa mais pela quantidade do que pela qualidade dos apostolandos, ele acaba] não conseguindo fixar os rapazes, porque essa ação colateral, não a ação de cima para baixo do apóstolo para o rapaz, mas do rapaz para outro (cfr. Terceira Parte, Fase Dois, H), está faltando.

Então procura substituir por um ambiente de piada, de graça.

Ora, no terreno da piada, nós nunca conseguiremos dominar e vencer os maus, porque os maus tem o arsenal sem fim das piadas porcas e imorais. Essas piadas fazem rir muito mais do que as piadas limpas. E portanto não há concorrência possível para o mal. Um menino que nos procura à procura da piada, não fica conosco: ou estraga nosso ambiente ou sai. O menino que vem à procura da seriedade esse fica conosco.

Agora, para isso nós precisamos ter um ambiente onde algo atraia o menino. E o que atrai o menino é gente para a qual ele olhe com certa admiração.

## D. A exagerada benevolência

Há apóstolos itinerantes que, para atrair os rapazes, os tratam com tanto cuidado e tanta atenção, que a gente tem a impressão que eles tem medo de tocar com o rapaz na ponta do dedo e quebrar o bibelot deles.

Ora, as coisas não podem andar assim. Tem que ser tá, tá, tá, ande! Tocado varonilmente, com muita atenção, muita gentileza, mas a coisa vai no *marche-marche*. Um pouco como eu trato os senhores. Se me mandassem tratar alguém melhor do que eu trato os senhores, eu direi que não sei como se faz. Não sei o que me restaria fazer mais para tratar bem aos senhores. Mas a coisa vai no *marche-marche*, na disciplina, no toque de tambor. Não pode ir na inteira espontaneidade do menino.

O menino educado com espontaneidade, não é educado, porque a espontaneidade, em grande número de casos, é sintoma de falta de educação. Educar é cortar, é coibir, é amarrar! É deixar se desenvolver o que presta, e o que não presta cortar.

<sup>791</sup> Reunião propulsores de apostolado 19/4/85 (RN 666)

Eu costumo dizer que cada pessoa cura a respectiva gripe com os métodos que fazem parte da metodologia da família. Cada pessoa procura ser amável como aprendeu em casa que se é amável. E em muitas casas hoje, por causa dos efeitos das coisas modernas, o ser amável consiste em fazer a vontade dos outros, consiste em deixar que o educando, aquele que está recebendo a formação, faça o que bem entenda e não sofra nenhuma pressão.

Em casa se ensinou que para agradar precisa saber sorrir --o que não é verdade, sorriso é apenas um dos elementos--, e então trata tudo no sorriso e no tapinha assim cordial, etc.

Está inteiramente errado. E eu tenho medo que, por infiltração desse pensamento liberal, nós demos uma orientação liberal a nossa gente<sup>792</sup>. Nós devemos querer formar varões<sup>793</sup>.

### E. Limitar o "métier" apostólico à primeira fase

[É errado um apóstolo dizer: "minha tarefa de recrutador está extinta quando o grupo de novatos começa a se formar. Daí em diante, que outros cuidem deles"].

Seria como uma pessoa que pensasse o seguinte: "vou trazer novíssimos para a aula de defesa pessoal, quero ter a fama de quem sempre traz gente nova, porque é mais brilhante, os outros que cuidem de polir o pessoal que trago".

O que esta tese tem de errado?

Em primeiro lugar, o desejo de fazer recrutamento brilhante, o que acaba por torná-lo nulo. Em segundo lugar, não é verdade que se tenha o direito de fazer proselitismo brilhante e empurrar o não brilhante para os outros. O que os outros são a menos que eu? Em terceiro lugar, se eu trouxe uma pessoa para a sede, devo me incumbir de encaminhar a alma dela, porque normalmente tenho relações, vínculos com ela. E, caso a Comissão do Movimento não dispuser o contrário, sou o formador natural daquela alma, para aclimatá-la dentro do Movimento, e mesmo para fazê-la progredir na virtude. Por fim, se todos os colaboradores da Congregação fizerem proselitismo para fora e não o fizerem dentro, teremos um grupo de medíocres; e por isso é muito mais importante termos muito bons membros do que termos muitos membros.

[Note-se que] se tivermos boa qualidade, por acréscimo, mais tarde teremos a quantidade. Isto porque se houver bons colaboradores, eles serão recrutadores<sup>794</sup>.

### F. Impingir sublimidade à força

É errado querer impingir sublimidade à força.

Então por exemplo, lembro-me quando eu era congregado mariano novo, um congregado anunciou para as reuniões da congregação: "Eu estive estudando a heresia dos docetistas no norte da África antes da queda do Império Romano do Ocidente e é um tema lindíssimo! Proponho fazer uma série de conferências sobre isso".

Uma referência de passagem numa conferência vá lá; mas eu não posso arrancar o indivíduo pelos cabelos de dentro de todas as preocupações dele, do ambiente dele, e meter dentro da coisa dos docetistas assim sem mais nem menos.

Portanto, não ponha sublimidade à paulada na cabeça dos outros. Ou eu sei tornar a sublimidade tão evidente que ela atraí, ou eu por paulada não consigo fazer nada.

E não se esqueçam de outra coisa: Deus que criou os píncaros de montanha sublimes e lindos, criou também vales encantadores. A mente humana não pode morar na sublimidade o tempo inteiro, ela precisa de coisas bonitas, agradáveis, lenitivas, ao par do sublime. Não nhonhô, mas uma coisa que seja tal que, quando o indivíduo descansa, fique com vontade de subir a montanha de novo.

### G. Apresentar-se como uma coisa rasa

O erro mais freqüente é a idéia que tem o caixeiro viajante: para vender alguma coisa é preciso evitar de produzir no [comprador] qualquer desagrado e fazer com que [o comprador ache o caixeiro viajante] inteiramente no nível dele, e até meio [inferior] a ele. Aí [o comprador] fica com boa vontade de fazer o negócio.

<sup>792</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 16/7/89

<sup>793</sup> Reunião Estandartes de Lepanto, 12/2/74

<sup>794</sup> Texto sem data 17, título originário "Proselitismo: proposições falsas e verdadeiras"

"Então eu, apóstolo, para vender a sublimidade do sol a esse rapaz, vou me fazer exatamente como ele: falo como ele, tenho o vocabulário dele, tenho as maneiras dele, trato-o inteiramente como um igual, para ver se assim ele me quer bem e me perdoa o fato de eu ser o chefe do grupo <sup>795</sup> (\*)".

-----

(\*) Em média, o apóstolo itinerante é mais velho de uns 10 ou 15 anos do apostolando. Às vezes mais. Portanto é preciso que o apostolando tenha respeito pelo apóstolo. E para ter respeito é preciso que o apóstolo o trate muito bem, mas de cima, e não como um amigo, um camaradão.

Eu não sei se esse fato se dá sempre assim, ou se, por tendências democráticas, a gente não trata os mais moços com uma camaradagem que deforma a eles.

Eu trato muito bem aos senhores, mas não trato com camaradagem. Pelo contrário, os senhores sentem que estão tratando com uma pessoa que se faz respeitar.

Notem bem: isso é que fixa e atrai <sup>796</sup>.

-----

Este é um fracassado! Primeiro porque o sol não se vende. Ou ele atrai ou não há negócio para fazer com ele. O sol não se compra. Para o sol a gente se dá. E nós temos que ser os vitrais do sol.

Em termos mais concretos, a religião Católica Apostólica Romana tem que passar por nossos lábios, por nossa personalidade, querem que eu diga mais? até por nossos olhares! Ela tem que passar para os outros de maneira que os outros queiram.

E, para os outros quererem não é preciso que eles sintam que é fácil, nem é preciso que eles sintam que é gostosinho, é preciso antes de tudo que eles sintam que é árduo, belo e sublime. Ou o sublime desperta no indivíduo uma sede de heroísmo, ou a coisa está fracassada.

Então há horas em que a gente deve ser amável, deve ser gentil. Mas isso foi uma preparação para chegar o momento de fazer para o indivíduo o convite de Nosso Senhor para o moço bom do Evangelho: "Veni et sequere me, vem e me siga! Eu estou nessa cruzada, eu luto com todo mundo aí fora, todo mundo me persegue, mas o meu estandarte está alto. Meu irmão de ideal, chamado pelo brilho desse ideal, você quer ou não quer seguir comigo?"

Quer dizer, os senhores nunca devem ser para eles coisa rasa, mas devem ser meio insondáveis para os outros, um pouquinho misteriosos na suas almas. Aí atraem.

O apóstolo itinerante que é raso como a rua, qualquer um entende o que ele quer, onde ele vai, ele não tem nem cogitações nem vias, ele não é um vitral com colorido próprio, é um vidro de vidraça comum através do qual qualquer um olha qualquer coisa. Do que vale uma coisa dessas? <sup>797</sup>

## H. Fazer apostolado no estilo clássico, sem adaptar-se ao apostolando

Há chefes de grupo que são tendentes a fazer apostolado como se fazia há 10 anos atrás --a clássica aulinha, uma sala com um homem que tem uma cátedra e depois os outros. Isso hoje não pega mais.

Não percebem como eu modifiquei meu modo de falar enormemente, para me adaptar aos [enjolrras]? E os senhores não vão se modificar?

É uma questão de consciência adaptar-se e fazer o tipo de apostolado que, por exemplo, foi feito em Amparo [recentemente]. Procurem informar-se com um, com outro, para saber como é esse apostolado e fazer <sup>798</sup>.

## I. O excessivo interesse pela vida da cidade onde o apóstolo está

Quando o apóstolo itinerante se incrusta na vida da cidadezinha, interessando-se pelos problemas, pela política, pelos negócios, querendo saber como são as coisas, querendo mexer e fruticar ali, aceitando convites para almoçar e para jantar em casa desse, na casa daquele, acaba tomando a mentalidade da cidadezinha.

Então não foi o homem que conquistou o lugar, é o lugar que conquistou o homem.

Isso dá noutra deformação: ele deixa de fazer apostolado entre os mais moços e enche a sede de correspondentes que ele cava de cá, de lá e de acolá, mas que não é o trabalho específico dele <sup>799</sup>.

<sup>795</sup> Reunião propulsores de apostolado 5/2/85

<sup>796</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 16/7/89

<sup>797</sup> Reunião propulsores de apostolado 5/2/85

<sup>798</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>799</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

### J. A preocupação de ficar bem cotado no pátio de S. Paulo

Para um embaixador [não é tão importante] ser apreciado no governo junto ao qual ele foi acreditado, nem na cidade onde ele exerce as funções; mas na capital que lhe delegou as funções. Se ele é cotado lá, a cidade onde ele está pouco importa.

A mesma coisa é para o político: ele não faz tanta questão de ser cotado em Brasília como ele faz questão de ser cotado no distrito eleitoral dele. Porque quem o vai releger é o pessoal do distrito eleitoral dele.

O chefe de grupo tem um pouco essa mentalidade. Ele é embaixador da Congregação na cidade onde ele exerce suas funções. E corre o risco de ficar mais preocupado em saber o que SP está achando do que ele faz, do que propriamente saber, na cidade onde ele está, [se] está repercutindo o que ele faz.

Então vem subconscientemente a preocupação de ficar bem cotado no pátio. E, preocupado com o pátio, ele [acha] que ele precisa ter algumas relações que ele imagina que são importantes na cidade, para em SP ele poder contar: "Eu estive falando hoje com o Vereador tal". Depois, na hora de [vir para SP para um encontro de neo-cooperadores], pôe dentro do ônibus quem pode para fazer número e chegar com uma comitiva importante.

Eu noto muito, mas muito, quando o chefe de grupo é tapiador. Quando a gente pergunta a ele: "Fulano, como vai seu grupo?", há certas respostas que o tapiador dá ... Aí eu não posso dizer nada, posso até dar a impressão de que eu fui na onda, porque não é o momento mais adequado de eu agir. Mas eu percebo bem.

Como percebo também gente que foi trazida para fazer número, para conservar o "bom facies" no pátio. Às vezes da kombi passar diante de mim eu percebo.

Dar importância ao pátio é uma coisa completamente errada. Não se deve tapiar em caso nenhum, porque tapiar a quem está dirigindo a Congregação, em certo sentido é querer tapiar o próprio Deus, porque é aquele que Deus pôs para nos dirigir<sup>800</sup>.

### K. Fazer apostolado por amor ao aplauso e não por amor a Deus

Não devemos fazer proselitismo para ficar bem diante da Congregação. Não devemos procurar aplausos dentro da Congregação. O aplauso que devemos procurar é o de Nossa Senhora; o resto devemos até evitar. Porque do contrário recebemos a nossa paga neste mundo: fez um bem, foi aplaudido, está pago.

Mais ainda, o proselitismo feito com desejo de ser aplaudido perde muito de sua fecundidade, porque não é feito por amor de Deus, mas sim por amor do aplauso.

Sempre que fizerem proselitismo, procurem responder a esta pergunta: "está entrando aqui algum desejo de aplauso?" Se estiver, [devem] retificar esse desejo e pedir a Nossa Senhora que extirpe esse desejo.

Quem se dirige a um ambiente fora da Congregação e só encontra aplausos e traz muita gente, tome cuidado. Há 1% de probabilidade de estar recebendo uma grande graça e 99% de probabilidade de não estar cumprindo o seu dever. Abra os olhos, portanto<sup>801</sup>.

### L. Fazer apostolado mais por medo do inferno do que por amor à Causa

Há gente que pertence à Congregação por medo do inferno. Quer dizer, não é o entusiasmo pela Causa, não é o desejo da vitória de Na. Sra., nem da implantação do Reino de Maria, mas é o medo de ser abandonado pela Providência e rolar para não sei que abismos de pecado que mantém muita gente dentro da Congregação.

[Se essas pessoas] tivessem a certeza de que não pertencendo à Congregação não iriam para o inferno, os contingentes da Congregação baixariam singularmente.

Eu estou longe de censurar isso. Porque, que nós devemos praticar a virtude por medo do inferno, é evidente. Qual é o louco que não tem medo do inferno? Mas que nós devemos praticar a virtude só por medo do inferno? Aqui eu não estou de acordo. Então, todas as outras razões não despertam o mesmo entusiasmo, não despertam o nosso amor.

Aí os senhores tem a razão do fracasso de tanto apostolado: é que é um apostolado feito com medo do inferno, mas que não é um apostolado feito com uma verdadeira esperança de que salvando aquela alma, não é um fulaninho que a gente salva, mas é um soldado a mais para o exército espiritual de Maria que a gente conquista. A gente não tem a convicção de que um a mais no exército espiritual de Maria é uma potência. Porque se 1.500 podem o que

<sup>800</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 23/1/84

<sup>801</sup> Texto sem data 17, título originário "Proselitismo: proposições falsas e verdadeiras"

podem, 1501 poderão ainda mais. E sobretudo, se 1.500 trouxeram cada um mais um, nós teremos 3.000. A nós nos compete trazer esse um. Mais ainda: compete trazer muitos por aqueles que não trazem.

Agora, isso repercute em toda a vida espiritual e depois em toda a vida de apostolado. A pessoa vai cuidar de vida espiritual para não cair no inferno. Só.

É preciso pedir a Na. Sra. um amor muito superior ao medo do inferno, um amor avassalador, ardente <sup>802</sup>.

#### M. Fazer apostolado com mentalidade heresia branca e com mentalidade naturalista

[Outros erros em matéria de apostolado são os seguintes]:

-Posição Heresia Branca: atrair apenas para salvar uma alma.

- Posição sem fé, naturalista, [que por sua vez se divide em] 2 atitudes:

a) "Sou colosso, cuido de pocas, estou perdendo meu tempo, não adianta lapidar esses pedregulhos, que não farão nada diante do tamanho dessa cidade".

b) "Eu sou poca, eles também, tudo é zero" <sup>803</sup>.

## XI. O apostolado da pessoa do Fundador da Congregação

### A. Quando e a que tipo de apostolando falar da pessoa dele?

Antes de tratar do como, eu gostaria de tratar do quando, que eu acho que é o mais importante.

Há duas espécies de prosélitos: há uns prosélitos que recebendo a graça correspondem com entusiasmo e com uma espécie de fome das coisas da Congregação. Há outros prosélitos que são uns agonizantes, [a quem] a gente tem que segurar o prato na mão e meter a comida pela boca até que ele comecem a se animar um pouquinho.

[Os primeiros] vão para a Congregação de frente, cantando hinos marciais de glória e de alegria. Os outros entram para a Congregação de costas, cochilando e arrastados, depois lá dentro acordam muitas vezes.

É claro que para os primeiros vale a pena [falar] dos aspectos de minha alma, da minha personalidade que eles possam compreender e aceitar. Para os outros é preciso cuidado, porque se for falar logo a meu respeito, cristaliza contra e sai. Para esses os senhores devem falar a meu respeito mais tarde. Quando é esse mais tarde? Quando os senhores sentirem que eles estão aceitando o geral da Congregação. Então sim. Antes disso é uma imprudência <sup>804</sup> (\*).

-----  
 (\*) Meu nome foi posto como divisor de águas: aqueles que se arrepiam com seu nome, nem adianta fazer apostolado com eles; os que ficam inertes, vale a pena procurar; e os que se sentem atraídos, esses são os melhores <sup>805</sup>. Simplesmente as sílabas que compõem [meu nome] já fazem tremer muitos demônios. Soube que uma senhora, chegada a um cooperador, fazia de vez em quando aos espíritos consultas sobre a Congregação e bastava falar a sigla, que era uma manifestação dos espíritos do outro mundo: chiados, zumbidos, desagradados de toda ordem. Não é de espantar, portanto, absolutamente, que o nome de quem fundou a Congregação, produza esse efeito <sup>806</sup>.  
 -----

### B. Como falar?

Ao falar a respeito da pessoa que simboliza a Causa, não deve estar ausente os outros temas, porque a gente não pode abordar uma pessoa na rua e dizer: "você conhece o Padre Diretor?" É preciso temas de abordagem, com o propósito de depois falar a respeito dele. Eu acho que vocês devem se preocupar fundamentalmente [em] falar da

<sup>802</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/73 (RN 327)

<sup>803</sup> Texto sem data 10, (ER 132-133), título originário "Considerações sobre a SEFAC"

<sup>804</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

<sup>805</sup> Conversa maio de 1972 (ER 137)

<sup>806</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

Causa; depois, apresentando-se uma ocasião, os senhores falarão a meu respeito. Mas é preciso fundamentalmente falar da Causa<sup>807</sup>.

Não [convém] fazer elogios teóricos: "O Padre Diretor fala muito bem", ou qualquer outra coisa que os senhores queiram imaginar. Em vez disso, [é melhor] contar fatos por onde eles concluam. Terem por exemplo uma fita bem gravada onde eles me ouçam falar, vale muito mais do que vocês dizerem que eu falo bem. Fazer tomar contato com o fato, a meu ver é a coisa. Inclusive isto é que dá coragem e a curiosidade de vir<sup>808</sup>.

### C. Fatinhos ilustrativos de como apresentar nosso Fundador ao apostolando. Importância dos pormenores nas narrações

#### 1. Quando eu era menino, como é que adormecia, na hora da sesta?

Eu me lembro que, [quando era menino], as crianças almoçávamos antes dos mais velhos e logo depois cama. A cama era levada nessa primeira infância muito a sério. Quer dizer, era preciso pôr roupa de dormir da noite e meter-se dentro dos lençóis e dormir como se fosse de noite. Tenho a impressão que era 2 horas o sono.

Me lembro que eu me deitava e a primeira impressão que tinha era o agradável de estender-se na cama. Pegava a coberta, o colchão, a roupa de cama, mexia naquilo: "mas como as coisas são boas de pegar, vejam como elas se prestam bem, isto aqui está mole, oh! isto é altamente alojável, isto é limpo".

Depois fazia outra reflexão: "Se eu sou limpo também, sou próprio a estar dentro desta cama. A cama é própria a mim, mas eu sou próprio a estar dentro desta cama. E eis que eu e a cama formamos aqui um conjunto, eu me sinto insulado do resto do mundo. Estou quieto e não estou andando por onde entram os outros. Aqui está a minha cama, aqui estou eu na cama. As idéias estão na minha cabeça como o meu corpo está dentro da cama. Está tudo bem alojado, está tudo bem instalado, estou me sentindo bem de saúde. Que coisa aprazível e digna de aprovação! que coisa direita isto aqui! como isto está bem e como eu estou bem aquinhoad! que coisa correta!"

Depois outra idéia: "As outras crianças não sabem sentir o que eu estou sentindo dentro desta cama. São crianças suadas, agitadas. Eu já vi outros primos dormirem e que vão para cama chorando e não sabem sentir isto; eles não estão bem para as camas deles, as camas não estão boas para eles; eles não sentem o prazer do isolamento, não pensam. Eles portanto são tortos. Eu não sou, eu estou direito".

"Mas é curioso que eu ache isto e eles achem que não é. E se eu dissesse a eles que eu penso assim eles ficavam com raiva de mim. Eu até nem vou contar para [eles]".

Dentro do quarto a luz não era a quotidiana. Havia um bonito papel de parede, francês, representando medalhões ligados por umas fitas cinza azul claro, com passarinhos e com outras coisas fazendo fileiras assim. E eu dizia: "eu estou entrando numa espécie de mundo irreal, aqui para mim tem mais realidade de existência essas figurinhas do que todo mundo se movendo fora do meu quarto. Eu estou me movendo no mundo interior das minhas idéias. Isso que é mundo, hein!"

Graças a Deus eu não tinha intenção de me achar um colosso. Eu achava abominável que os outros não fossem assim. Eu achava que eu era o andar térreo e que o resto era porão. Com muita recusa ao porão.

Depois o porão tomou o nome de Revolução e o andar térreo tomou o nome de Contra-Revolução.

Quando eu estava assim adormecendo, aos poucos o torpor vinha vindo, e eu ouvia uma serraria deitar o serrote em cima de uma árvore qualquer. Aquilo fazia o barulho característico de serraria: "quiaaaauuummm". Era um misto de cântico e de gemido, porque havia qualquer coisa de som bonito no barulho do metal, mas havia qualquer coisa de um gemido lancinante que cortava o ar fôfo, morno e puro de SP naquele tempo.

E me vinha a idéia de que a vida tinha gemidos assim, e que havia gente que gemia como aquela árvore, e que havia gente que serrava e que havia gente que era serrada, e que havia a vida dura dos que serram e a vida dura dos que são serrados, e que um dia a vida para mim não seria a vida daquela cama. E de mim para comigo, num sono assim, dizia: "o futuro qual vai ser?"

Bem, mas eu pensava: "Essas coisas tem o seu lado bonito. A árvore vai ser mesa. Olha a mesa que está lá: foi árvore, olha a promoção para ela. Uma árvore do mato virou uma mesa bonita. A serra vence batalhas. Veja como esse esforço é bonito, deixa me descansar bem para eu me preparar para ele". Piuft! e entrava no sono.

Bom, aqui os senhores vêem qual é a importância dos pormenores. Se eu não tivesse me lembrado aqui bem direito de como era a, por assim dizer, voz dessa serra e eu não tivesse feito "quiaamm" assim, os senhores mesmos não teriam entendido bem o que se passou comigo. Eu contei 100 pormenores aos senhores.

<sup>807</sup> Reunião Eremo Nossa Senhora do Bom Sucesso, 20/3/79

<sup>808</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 18/12/78

Agora imaginem que eu reduzisse a narração ao seguinte: "eu tinha uma cama confortável, como tem milhares de meninos que vivem nas mesmas condições e me deitava na sesta depois do almoço, como milhares de meninos fazem, e dormia como milhares de meninos dormem". Resultado: um caso perfeitamente sem graça.

A narração está muito [mais] nos pormenores do que no fato. Daí vem que os senhores devem contar os pormenores das coisas e para isso devem prestar atenção nos pormenores das coisas.

## 2. Como é que adormecia na noite?

Bem, o sono. Era diferente da hora da sesta, em que eu não estava cansado, à noite estava cansado.

Quando eu chegava para a cama, todo mundo ia embora e se fazia vazio perto de mim. Apenas [penetrava] a luz do quarto de mamãe e papai --que comunicava com o meu quarto--, para a criança ver alguma coisa e não ficar no estado de escuridão total.

Ouvia então os grilos que havia num terreno contíguo à nossa casa: "pram-pram, pram-pram, pram-pram". E eu tinha a sensação curiosa de que tudo quanto é vivo pulsa daquela maneira e que eu saía de uma pulsação para o sono. O sentido do sono é que ia deixar de pulsar. E quando acordasse de manhã, eu era um "grilo" a mais dentro da pulsação e ia participar da pulsação. E dizia: "Oh, mas é bom interromper de pulsar, eu vou me esticar, vou parar de pulsar, é agradável eu me sentir livre, eu agora vou dormir, mas a vida continuará de fora para dentro a pulsar, chamando-me para ela amanhã". Rolava na cama e me afundava.

## 3. Como era o despertar?

Havia duas formas de despertar. Uma era o acordar de repente. Outra era despertar durante a noite por uma razão qualquer.

Às vezes quando eu acordava já era manhãzinha e eu ouvia os últimos ruídos da madrugada que ia acabando e os primeiros movimentos da vida da cidade que ia começando. Isso me despertava idéias, de dentro de uma penumbra, bem entendido, mas inteiramente lúcido:

"Fulano hoje comentou que fica nervoso quando os bondes passam --minha casa era perto de uma estação de bondes. Eu não compreendo bem por que ele fica nervoso, porque os bondes não entram dentro do quarto dele, estão lá fora! Ouvindo isso, curioso, eu não fico nervoso nem um pouco, eu até me sinto bem calmo. Quer que eu diga mais? Essa barulheira toda tem qualquer coisa de divertido. Um certo movimento, uma certa animação é bom que eles façam e é bom que se ouça daqui sem estar engajado, porque eu não queria estar no bonde a esta hora nem por nada. Mas [ouvir esses sons] enquanto eu estou deitado tem lá sua graça, que eu desconfio que os outros não sabem aproveitar".

Enquanto isso me vinha a preocupação: "Não será que eu sou tão mole que eu não tenho reatividade e sou uma espécie de saco ou pirão de batata sem vitalidade e que os outros ficam nervosos porque tem vitalidade e que eu sou um sujeito esbranquiçado, bobo? Quem sabe se é isso? Não tem remédio, isso é assim. Deixe-me me meter nestas cobertas que estão boas para mim". Virava do outro lado e adormecia.

Era uma minúscula reflexão em que eu confrontava a minha calma com o nervosismo nascente de SP e [com] as reações nervosas daqueles que sentiam SP nascer.

Às vezes eu estava dormitando, porque eu tive sempre sono muito pesado, e eu ouvia passar um homem com perna de pau. Então "pam!" e o barulho do passo, depois o barulho da perna, e depois o barulho do passo. E ele andava resoluto.

Ouvindo aquele passo muito regular dizia: "É dura a vida desse homem com essa perna, como deve ter doído ao cortar essa perna desse sujeito! por que ele resolveu cortar essa perna? que sofrimento! que coisa dura é essa! Mas como ele anda, hein, e como ele vai resolvido, hein! Esse homem sabe carregar o infortúnio dele e ele anda com uma resolução [tal que] fulano ou sicrano, que eu conheço que arrastam a perna, não [tem]".

O perna de pau ia se afastando e eu ia adormecendo na idéia: "Mais vale ter a cabeça do que ter a perna, e mais vale a pena ter alma do que ter saúde". Pfiutt, afundava no sono também.

Começava acordar com um barulho que era muito poético. Eram as cabras que entravam pelo bairro trazidas da rua Sebastião Pereira. A minha casa era na rua Barão de Limeira, portanto ficava apenas ha 5 quarteirões.

E os médicos reputavam nada melhor para tonificar as crianças do que beber leite de cabra fresco logo ao amanhecer, com conhaque francês ou com canela.

Mas então a gente ouvia aquele mundo de rebanhozinhos, de grupinhos de 4 ou 5 cabras que eu já tinha visto andar na rua. Todas querendo [dirigir-se] para lugares diferentes e se amarrando no mesmo jugo. Aquilo tintilava e fazia uma barulheira. Mas elas não ficavam atormentadas, acabavam se deixando guiar pelo mesmo jugo bastante bem.

E antes de chegarem as minhas cabras com o meu leite, em outras casas já passavam com aquilo e me parecia que as cabras tocavam um sino anunciando o leite, o primeiro prazer da manhã: "nacer do sol, a manhã está bonita, o jardim de casa já está com as borboletas, com suas flores, mamãe daqui ha pouco acorda com os seus carinhos e a vida começa agradável. Daqui ha pouco entra a criada da casa com a bandeja, com um copação com o leite de cabra para mim, eu vou escolher: se tem canela, se tem conhaque". Então era o meu despertar.

Os senhores dirão: "E a oração da manhã?" Eu digo: infelizmente não vinha logo. Eu era um menino muito voltado ao maravilhoso, mas infelizmente mediocrementemente voltado ao piedoso. Foi preciso que eu começasse a sofrer para que o piedoso se instalasse no maravilhoso e compreendesse que todo maravilhoso sem piedade é vazio, é nada.

#### 4. O despertar de nosso Fundador hoje

[O meu despertar] hoje é diferente! Mudou SP, mudei eu, tudo mudou!

Quando eu acordo por mim mesmo, em geral é tarde, não são as 7 horas da minha infância, mas são as 10 horas, 10 e pouco, porque eu trabalhei até as 3 e meia, até 4 horas. O sol está entrando pelas frestas da veneziana e eu dou acordo de mim. E o primeiro movimento que me vem à cabeça é em geral esse: "O que é que tenho de urgente para eu fazer?", porque conforme fôr eu comunico mais ou menos velocidade às pequenas providências matutinas, e com o urgente vem o salto das preocupações, das angústias, das aflições e dos problemas.

Mas ao mesmo tempo eu penso: "Por enquanto ninguém sabe que acordei. Eu ainda estou um pouco deitado na cama, eu estou isolado, tenho diante de mim o quadro de Na. Sra. do Bom Conselho de Gennazano. Não são mais as ilusões do papel de parede, mas é uma realidade celeste que em outros tempos olhou para mim, através desse papel, e que olha para mim".

Aí eu faço as orações da manhã e às vezes, se tenho tempo, [continuo] um pouquinho da leitura que eu deixei à noite. Depois então, conforme a hora, eu toco a campainha e entra o Nelson ou o Pilares, que vem saber o que é que eu quero. É o lanche naturalmente. Já vem a pergunta: "há algo de novo?" Porque se tem alguma catástrofe que vem pelo telefone ou pelo jornal, eles me contam; quando não há algo de novo, eu respiro e é a minha primeira aflição ou o meu primeiro alívio do dia. Às vezes o telefone já começa a funcionar ou já vem telefonar, que aconteceu não sei o que, não sei o que, não sei o que e aí começa a batalha.

[Se a gente compara isto com o acordar de meu tempo de menino, percebe que] no fundo é o mesmo homem, desejoso de pôr distância entre si e as coisas, de refletir a respeito delas, acrescido com uma coisa inapreciável que naquele tempo eu tomava superficialmente: a presença de Na. Sra. de Gennazano, a piedade, a oração, enfim, aquilo que é a finalidade de nossa vida, a razão de ser de nossa vida.

No acordar do menino [a gente vê] um menino que está começando a se encantar e a se enlevar. No acordar do septuagenário, [a gente vê] um septuagenário que está continuando a subir a montanha [em] holocausto [por] aquilo pelo qual se enlevou.

Hoje eu faço todos os sacrifícios porque Na. Sra. me fez a graça de me ajudar a enlevar inteiramente pelas coisas que eu começava a ver. Tanto é que tudo quanto contei de minha infância [se] encontra representado de algum modo nos nossos ideais<sup>809</sup>.

#### D. As regras de apostolado ao vivo

##### 1. Como nosso Fundador faz apostolado conosco?

Eu posso dizer o meu apostolado com os senhores como é. Eu conhecendo os senhores tenho em vista, pela prática, pelo hábito, etc., que elementos de correspondência à graça e também que elementos de incorrespondência há em cada um. E procuro estimular tudo quanto há de bom e procuro ajudar a rejeitar tudo quanto há de mal, e isto de todas as maneiras. Às vezes por um cumprimento de mão, às vezes por uma palavrinha. Quando não é palavrinha, às vezes é um olhar. Mas procuro dessa forma fazer o bem.

Durante a reunião eu estou olhando continuamente para todos os lados da sala. Percebo os movimentos de alma da sala como um conjunto. E vou fazendo a reunião de acordo com a apetência que cada um vai tendo<sup>810</sup>. [Nas conferências que faço], quanta regra [aplico] continuamente!

<sup>809</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 19/12/78

<sup>810</sup> SD 28/3/87



Os senhores quanto tempo olharam, conviveram comigo zuppando isto? Não devia ser preciso um simpósio para saber [os jeitos do apostolado], bastava me ver agindo para compreender <sup>811</sup>.

## 2. Como a senhora mãe do Fundador fazia apostolado

A forma do apostolado dela era contar histórias. Ela tinha um senso psicológico muito bom; conhecia perfeitamente a psicologia das crianças com que tratava --os filhos dela, sobrinhos, primos, parentes-- e ajustava a história à mentalidade das crianças.

Eu dizia para ela: "então a senhora me conte uma história". E ela: "que história você quer?". E eu queria "n" vezes a mesma história, depois mudava para outra história.

Mas nenhuma história me impressionou tanto quanto o Marquês de Carabas. Era um homem que, pela narração que mamãe fazia, tinha um castelo lindíssimo. Então eu começo a imaginar castelos. Depois tinha umas plantações enormes e uma carruagem linda. E todos os dias ele saía de carruagem para ir visitar as plantações dele.

Mamãe descrevia a carruagem toda dourada, com postilhões, com lacaios, etc., e atravessando o trigal todo dourado também. E eu achava o Marquês de Carabas um colosso: "este homem sabe viver, assim devem ser as coisas, à maneira do Marquês de Carabas". Então tocava a pergunta a ela: "mas mamãe, como era o Marquês de Carabas?" E ela me deixava perguntar.

- *Ele tinha um chapéu assim?*

- *Tinha.*

- *Que côr era a pena? era de tal côr?*

- *Era.*

O Marquês de Carabas era exatamente como eu estava imaginando. Eu considerava aquilo uma informação preciosa para as minhas elocubrações no dia seguinte. No dia seguinte eu queria saber a roupa do Marquês de Carabas. Depois no outro dia eu queria saber como era a bolsa do Marquês de Carabas, porque ela nunca deixava de incutir a caridade, dar dinheiro para os pobres, então "o bom Marquês de Carabas tinha uma bolsa com moedas de ouro --moedas de ouro?, já a criança fica assim-- e ele tirava da bolsa e dava para os camponeses porque ficavam no caminho dele e iam saudá-lo".

- Mamãe, como era a saudação do camponês? o camponês fazia reverência? como era a reverência do camponês? era assim?

Era sempre como eu queria. E sem eu perceber, ela ia adestrando o meu espírito para uma certa criatividade, e ia fazendo de mim mesmo um compositor de um Marquês de Carabas "sui generis", modelado por minha imaginação <sup>812</sup>.

<sup>811</sup> Reunião eremos de Ativismo Individual e Apóstolos Itinerantes 29/5/74 (ER 81)

<sup>812</sup> SD 11/4/87

## SEXTA PARTE - O APÓSTOLO ITINERANTE

### I. SUA VOCAÇÃO

#### A. O apostolado itinerante, vocação definida, com rumo e objetivo dentro da Congregação

O apóstolo itinerante é o sócio ou militante da Congregação que deixa a cidade em que ele estava e é designado para uma outra cidade, ou outras cidades, onde há grupos muito pequenos ou nenhum grupo, a fim de fazer apostolado.

É apóstolo porque visa conquistar membros; é itinerante porque se desloca de uma cidade para outra. E é especialista em Ativismo Individual.

O sentido dessa itinerância é de conseguir 10 mil pessoas para a Congregação. A partir do momento em que a Congregação tenha 10 mil militantes bons, acho que não há o que segure o Brasil.

A semana de estudos [de julho de 1971] consagrou na Congregação o êxito de um método, de um sistema, que é o do apostolado itinerante, e com isso ela também definiu a existência na Congregação de um status, de um estatuto que é o dos apóstolos itinerantes.

O apostolado itinerante é uma situação, uma categoria, uma vocação já fixada dentro da Congregação, definida, com rumo e objetivo.

#### B. Quid eremítico da vocação do apóstolo itinerante

Agora, dentro dessas características --porque são as notas que o diferenciam dos outros membros da Congregação-- cabe uma pergunta: o apóstolo itinerante é um membro do Grupo aqui bem sucedido na vida espiritual e que chega a uma plenitude na generosidade?

Pareceria que sim, porque esse status é mais generoso do que o que vive na respectiva cidade. Pareceria que não, porque há apóstolos itinerantes que se entregam à itinerância porque não agüentam a perseverança ou o progresso espiritual na respectiva cidade.

Bem, antes de dar a resposta, lembro que no tempo das perseguições romanas, muitos católicos morriam na arena; outros pelo contrário tinham medo da arena mas não queriam apostatar, e então fugiam para o fundo do deserto e ficavam lá em grutas, vivendo sozinhos, rezando. Estes iniciaram uma coisa gloriosíssima na Igreja: foram os primeiros eremitas. O que que eram estes? eram poltrões ou eram heróis?

Alguns destes eram homens generosos, mas a quem Nossa Senhora não dava as graças especiais para o martírio. Nossa Senhora dava graças especiais para viverem em ermidas (\*).

-----  
 (\*) Eu garanto que muitos mártires não agüentariam serem eremitas durante 40, 50 anos no deserto, sem conversar com ninguém, sem ver ninguém, rezando o tempo inteiro, comida frustra, fazendo penitência e sofrendo tentações. Muitos mártires não agüentariam ser eremitas, como muitos eremitas não agüentariam de ser mártires. Quer dizer, cada um desses estados supõe uma graça especial. Havia uma graça especial para o eremismo e uma graça especial para o martírio.  
 -----

Muitos outros seriam poltrões a quem Nossa Senhora por misericórdia dava a graça do eremismo. Vamos dizer por exemplo, um católico muito amado de Nossa Senhora, na hora de enfrentar o leão na arena tremia. Nossa Senhora diz: "está bem meu filho, você não agüenta isso, eu vou dar uma outra vocação igual e muito bonita para a qual vai ter uma graça especial. Você quer ser eremita?"

\*

O eremita completo se caracteriza pelo seguinte:

- separação completa do mundo;
- clausura --é o corolário dessa separação--, quer dizer nunca sair do êremo sem licença e só por razões de ir ao médico e coisas assim;
- silêncio: fora das matérias de estudo e de serviço, silêncio;
- horário muito limitado para conversar;

- oração. Além das orações comuns do Grupo, o rosário, o Ofício, etc.;
- estudos especializados.

Isto é o Êremo "lo que se dice". [Exemplo]: os Êremos de São Bento, de Elias, de Amparo.

Agora, há variantes de eremitas, não por relaxamento dos eremitas, mas por necessidade de apostolado.

Uma é do Êremo de Petrópolis. São eremitas que se consagram à Ação Individual. Quando eles estão em Petrópolis, devem descer 10 dias por mês no Rio para fazer apostolado e voltar.

Outra modalidade é o Êremo Itinerante, em que dentro da kombi eles levam vida eremítica, inclusive rezam o Ofício. Quando saem da kombi, nos períodos em que eles estão sós, não se conversa, e há uma certa disciplina para dormir, essas coisas assim.

Supostas todas estas gradações, eu tenho um desejo enorme de que os Srs. que queiram, possam umas 2 vezes por ano fazer uns 15 dias de vida inteiramente eremítica.

Então, os Srs. são eremitas? Resposta: no espírito devem sê-lo. Na realidade os Srs. não são inteiramente eremitas, porque há gradações. Tudo no mundo tem gradações impostas por Deus. Os Srs. estão nas encostas do eremismo.

Alguém me dirá: "que vocação poca! nas encostas do eremismo, embaixo da montanha, os outros lá em cima". [Respondo]: A vocação mais perfeita não é a do que leva a vida puramente contemplativa --que é o eremita--, nem a do que leva a vida puramente ativa, mas é a de quem tem elementos de ambas. Alegrem-se portanto, não tem nada de poca.

\*

[Agora, em concreto, quais são os aspectos eremíticos do apóstolo itinerante? O apostolado itinerante tem analogias com o eremismo em 3 sentidos]:

1) (Os apóstolos itinerantes tem um lado eremítico, enquanto) fogem das cidades onde estavam e vão para outros lugares que para eles são ermidas --porque viver numa cidade que não é a própria, onde a gente não conhece ninguém, aonde não tem nada a não ser o Grupo, é uma forma de eremismo.

O apóstolo itinerante em relação às situações mundanas e sociais é como o eremita. [Vive] sem contato com os pátios de vaidade. Não tem fora do Grupo relações de família ou relações sociais. Porque sair de uma cidade onde mora um titio, para outra cidade onde mora outro titio, não tem sentido. Ele é posto em condições de viver só para a Causa, como os Apóstolos dos Últimos Tempos --dos quais São Luís Grignon diz que não tem ligações, não tem parentesco--, ou como os cruzados --que só viviam para a Cruzada.

O apóstolo itinerante deve evidentemente conhecer um pouquinho a cidade, mas não deve portar-se como excursionista, que quer conhecer os pontos pitorescos da cidade, etc. Ele conhecerá alguma coisa à medida que for vendo, está bom, mas não deve ter preocupações turísticas.

Quando ele andar pela rua, deve procurar prestar atenção na psicologia da cidade, dos habitantes do local, etc. Mas deve cuidar enormemente de não ter relações sociais fora do Grupo. [Porque] vai procurar brilhar aos olhos [dessa gente]. E isso é altamente nocivo e facilmente pode dar em mundanismo.

Mais ainda, o apóstolo itinerante não deve estar fora da sede por puro passeio. Ele não é um enclausurado, ele não deve ter o mínimo escrúpulo de sair da sede 2, 5, 20 vezes se for preciso. Mas estar batendo pernas pela cidade sem necessidade é perigoso por causa da pureza, das modas e de um certo espírito mundano que pode dar <sup>813</sup>.

2) O apóstolo itinerante, embora não viva num Êremo enclausurado, tem mentalidade eremítica, isto é, de quem largou tudo e vive só para Nossa Senhora. Ele tem o tempo cheio de estudo, trabalho e oração. [E assim como] o eremita é escravo do sino, [o apóstolo itinerante] é escravo de [um] sino invisível que toca e que o faz aproveitar sempre o tempo. E nas horas em que não está fazendo apostolado, ele faz eremismo. O seu quarto de dormir deve ser uma gota de êremo, no qual ele vive eremíticamente (\*).

-----  
 (\*) Pergunta: Em certos grupos, às vezes os elementos mais velhos ficam com nó quando levamos a nossa vida eremítica. Então devemos levar a vida eremítica apesar disso ou devemos procurar fazer apostolado interno?

Eu acho que é preciso não fazer nem inteiramente uma coisa, nem inteiramente outra. Quer dizer, é preciso conservar o silêncio, conservar a atitude eremítica inteira, etc., salvo casos de atrito muito extremo e que então a Comissão do Movimento poderá ordenar alguma coisa. Ainda que eles façam picuinhas ou qualquer coisa assim, não se importem, não se aborreçam, finjam que não se zangam e voltem com a mesma mansidão, com a mesma atenção, com a

<sup>813</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

mesma gentileza. Quando eles quiserem conversar assunto do Grupo, então os Srs. com todo gosto interrompem o silêncio, tratem, falem com eles. Aí é apostolado. O que os Srs. não devem fazer parte é das famosas chacinhas <sup>814</sup>.

-----

3) E nas relações entre 2 apóstolos itinerantes [numa mesma cidade, também há] algo de eremítico (cfr. Sexta Parte, IV, B).

### C. Diferença entre apostolado itinerante e eremismo itinerante

Agora que diferença há entre apostolado individual itinerante e Êremo Itinerante?

Em geral, as diferenças menos importantes são as mais fáceis de ver. A diferença mais palpável entre os Srs. e os eremitas itinerantes é que os Srs. moram em casas e eles em kombi.

Mas a diferença de objetivo é muito mais importante. O objetivo mais típico e mais pleno deles é sobre a opinião pública. É fazer com que todas as cidades sejam remexidas, embora de passagem, pela presença da Congregação, para 2 efeitos: quebrar mais ou menos a celeridade do processo revolucionário --sobretudo nas cidades médias e pequenas-- e preparar os ambientes para nossas campanhas.

Moços bem constituídos, de várias partes do Brasil, que chegam numa cidade pequena, e que anunciam com destemor uma mensagem que se julgava sepultada, isto é uma coisa que encalacra a marcha da Revolução. E prepara o ambiente: quando eles lerem no jornal que a Congregação está fazendo tal coisa, tal outra, na cidade onde já houve caravana isto tem uma outra repercussão, do que numa cidade onde nunca se viu a Congregação.

Quer dizer, é uma propaganda de massa, enquanto os Srs. formam grupos. Os Srs. não são o meteoro que passa, os Srs. são a luz que fica.

Agora, esses grupos que os Srs. farão deverão dar novas caravanas. E assim os 10 mil, já antes de serem 10 mil, vão remexendo o Brasil.

### D. Quid profético da vocação do apóstolo itinerante

Eu trataria agora da relação disto com a minha missão profética.

Evidentemente a minha missão inclui a fundação de Congregações no Brasil inteiro.

A disseminação da Congregação sempre se fez por um mecanismo assim: viagens, conhecimento de ultramontanáveis, convites para São Paulo, estágios em São Paulo, regresso à cidade de origem e fundação de grupos.

Mas a experiência verificou que esse método era lento. Porque em primeiro lugar muitas viagens não revelavam ultramontanáveis. Em segundo lugar, muitas vezes os ultramontanáveis depois de virem a São Paulo, voltavam aos respectivos lugares e se dissolviam; ou às vezes se fixavam grupos, mas raquíticos, quer dizer não se desenvolviam, não cresciam, ficavam inibidos diante da própria cidade e ensabugavam.

Agora, foi verificado que se nós mandamos para a cidade dois para morarem, para descobrirem os ultramontanáveis, para formá-los, para ampará-los durante os hiatos entre as vindas a São Paulo, para evitar a inibição diante da cidade --porque o apóstolo itinerante não tem a inibição que teria na própria cidade-- o processo se torna muito mais rápido. O que o processo anterior tinha de lento, de falho, de incompleto, é completado pela presença dos apóstolos itinerantes.

Grande número de Congregações do Exterior foram fundadas por este processo [do] apostolado individual itinerante. A Congregação se expandiu no Exterior a partir do momento em que começou a haver este tipo de apóstolos.

Os Srs. são portanto como anjos mandados por vários lugares para tocar a trompete anunciando a Congregação, a Bagarre e o RM, anunciando em meu nome, com uma participação na minha vocação, no meu Profetismo.

O que quer dizer aqui Profetismo? Para o povinho, profeta é um sujeito que tem uma revelação e adivinha o que vai acontecer. Mas em termos teológicos o profeta não é principalmente isso. Ele é um indivíduo que recebeu de Deus a missão de indicar os rumos para a Igreja ou para um país.

Essa missão vem acompanhada de alguns dons especiais necessários à missão:

Discernimento:

- entre o ortodoxo e o heterodoxo,
- entre o que é santo e o que é imoral,

<sup>814</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 4/1/72 (ER 136)

- entre os que são bons e os que são maus,
- entre os filhos da luz e os filhos das trevas,
- o que há de luz e de treva nos filhos da luz,
- o que há de trevas e de luz nos filhos das trevas.

Depois, espírito tático para perceber as manobras do adversário e para desmontá-las.

Depois o dom da eficácia na palavra. O que é isso? É uma eficácia na palavra por onde ela entra nas almas e as modela. Notem um ponto curioso: não quer dizer sempre de convencer, mas é de remexer.

Quem tem todos estes dons de maneira insigne, eminente, notavelmente maior do que os outros, é um Profeta.

Agora, os Srs., tendo a mesma vocação que eu (\*), cumprindo a missão que eu lhes dou, e tendo uma união de espírito comigo, acabam recebendo uma transmissão destes dons, como Elias transmitiu seus dons a Eliseu.

-----  
 (\*) Os Srs. tem uma missão participada da minha, devem executar uma parte da minha missão <sup>815</sup>.  
 -----

### E. Quid exorcista da vocação do apóstolo itinerante

(A presença de um apóstolo itinerante numa cidade é como a presença da água benta numa sessão espírita). Nem mais, nem menos.

A Maria de Agreda conta que quando Nosso Senhor fugiu para o Egito, nas cidades por onde Ele passava, todos os ídolos caíam dos nichos e se partiam no chão, e que aqueles sacerdotes ficavam para lá de nodosos.

Agora, como "christianus alter Christus", isso se dá quando um núcleo de verdadeiros católicos desfralda a bandeira [numa cidade].

Aliás, os senhores vêem isso em atuação em praça pública, quando se levanta o estandarte da Congregação: a saparia começa a se queixar de que faz barulho. É verdade que ele fala do barulho externo, [mas o que de fato] o incomoda é o barulho interno, na alma dele <sup>816</sup>.

### F. Quid angélico da vocação do apóstolo itinerante

#### 1. A sensação de estar excluído --quer da epopéia da Congregação, quer da algazarra do mundo contemporâneo-- : ação do demônio sobre o apóstolo numa cidade pequena

O que o demônio deve soprar nos ouvidos dos senhores, e que não é verdade, é o seguinte:

Você, se estivesse fazendo o que o Dr. André faz, você ficaria com o seu dia e seus interstícios mentais completamente tomados pelas preocupações que ele tem e não poderia pensar em você, apóstolo itinerante em tal lugar.

Naturalmente quando avisam a ele que vão chegar os apóstolos itinerantes, ele sabe quais são [e] diz: "Ah! como vai passando", etc. Uma palavra de ânimo, mas não passa disto.

E [enquanto] o Grupo está borbulhando, lutando, sofrendo derrotas e ganhando vitórias em lindos lances, você está em Tambaú, sozinho, com 4 ou 5 capiaus que hesitam, dizem "sim", sobretudo dizem "talvez" ou às vezes não dizem nada. E assim passa-se seu ano na poeira ou na fuligem do interior, enquanto em SP reluz no alto da montanha a grande chama da Congregação. Você é o filho que rolou da montanha até a base e que em baixo da montanha [fica cortando] grama e matando minhoca. Você é o coitado que fica à margem da epopéia.

As vezes, quando chegam certas horas, por exemplo aos sábados à tarde ou domingos à tarde, a gente percebe que o demônio do mundo contemporâneo está mais plenamente tomando conta das pessoas: uns viajam, outros vão fazer isto, vão fazer aquilo, etc. A gente tem a impressão que a nhonhozeira toma conta de tudo, e que quem não participa daquele êxodo para o prazer fica de lado, desdenhado, completamente esmagado, perguntando-se: "meu Deus, quem sou eu? o que sou eu nesta cidade? o que é Tambaú e o que eu faço em Tambaú?"

Nessas horas o demônio fala não só aos que ele leva, mas aos que ficam, aos que não conseguiu levar.

Na Tambaú aonde os senhores vão, os senhores sofrerão ações, impressões, compressões, repressões de toda ordem, feitas com o bafo do demônio.

<sup>815</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

<sup>816</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

Essa sensação que a pessoa tem sábado à tarde, ou domingo às 3 horas da tarde, seria uma pura sensação da mente humana se ela não tivesse por detrás um bafo preternatural que a obrigaria a entrar como que pelos poros do homem e encher de fuligem a sua personalidade.

Em me lembro nessas ocasiões dos meus queridos apóstolos itinerantes e me lembro com aflição e me lembro entrando no estado de alma de cada um deles, a tal ponto que evidentemente rezo e faço certas reflexões a respeito da situação deles, reflexão que eu aqui vou comunicar aos senhores.

## **2. Duas concepções da ordem física e da ordem humana: a) como um universo fechado; b) como um campo de batalha entre anjos e demônios**

Os senhores aprenderam no curso secundário que o mundo sideral é de uma ordem perfeita e formaram a idéia de que todos os corpos celestes foram postos por Deus em ordem: Ele deu a eles um primeiro impulso e fê-los obedecer a umas determinadas regras; e como esses corpos não tem livre arbítrio e fazem necessariamente o que Deus mandou, eles se poem a rolar como Deus mandou.

Então as águas se enchem, vão até o centro da terra, depois sobem, depois chove de novo e a mesma gota d'água que é bebida por um animal que morre, ela se desintegra, volta de um modo ou doutro para as massas de hidrogênio e oxigênio que existem no mundo e vão virar chuva, vão virar regato, vão virar não sei o que.

Tudo isto se move, remove, mexe, remexe nesta terra e pelo universo afora com uma ordem perfeita.

Ora, a partir deste modelo nós somos levados a achar que a mesma coisa são as sociedades humanas. [Uma cidade] é composta de homens. Esses homens querem, não querem, birram, embirram, brigam, adoecem, saram, morrem, se casam, se separam, se desquitam, tem filhos, não tem filhos. Tudo quanto se passa nessa [cidade] se esgota na atmosfera das relações humanas, como todos os movimentos físicos se esgotam e se encerram na atmosfera do universo físico.

De maneira que então nós temos dois universos fechados: um é o físico e o outro é o espiritual. O espiritual é feito por homens. O físico é feito por seres animados ou inanimados que rolam por aí.

\*

Esta visão, que parece ter muita comprovação nas leis da ciência, é uma visão contra a qual se choca a Teologia por uma razão simples:

Nós sabemos, por São Tomás de Aquino, que os corpos celestes são governados pelos anjos e que os anjos dirigem a ordem universal.

Ora, se a ordem universal fosse tão perfeita e tão pré-determinada quanto a Física ensina, os anjos não tinham o que fazer.

[Quer dizer], há causas de risco, há causas de colisão possíveis nos mistérios insondáveis do universo. E os anjos atuam para que nessa zona misteriosa não se passem determinadas coisas que determinam certas convulsões. Os anjos agem através das causas segundas e é possível que se eles não velarem mais pelo universo material, este em pouco tempo daria uma trombada medonha e estaria liquidado. Seria eventualmente o fim do mundo.

[Agora], isto que se dá com o universo, dá-se concretamente com qualquer cidade que os senhores queiram imaginar.

Cada cidade tem seu anjo. As cidades mais eminentes tem até arcanjos, como os homens mais eminentes tem até arcanjos. Maria de Agreda conta que Nossa Senhora --Ela, a obra prima do universo, a raiz bendita da qual brotou essa flor única que é o Homem Deus-- tinha miríades de anjos vigiando por Ela e acompanhando a Ela por todos lados. [É claro que] esses anjos não estavam fazendo papel superfluo, mas papel necessário, porque Deus não faz as coisas superfluas, protegendo-A contra mil causas que poderiam atrapalhar a ação dEla ou o livre desenvolvimento dos santíssimos movimentos dEla.

[Tudo] quanto é nosso é frágil, sujeito ao risco e deve ser protegido. Sobretudo se nós tomarmos em consideração o seguinte:

É muito provável, ou até talvez seja teologicamente certo, que cada homem tem ao lado do anjo da guarda o demônio de sua perdição, e que paralelamente as cidades, os Estados, as instituições tem seus demônios.

De maneira que nas atitudes internas do homem, quando ele está refletindo, o anjo e o demônio dele estão prontos para intervir na luta, um contra o outro, para salvar ou para perder aquele homem.

O mesmo se dá com as famílias, com os grupos sociais, com as cidades, etc.

Na ordem intelectual e espiritual a ação dos anjos e dos demônios é muito mais intensa do que na ordem material, porque o que eles querem conquistar para Deus são as almas, mais do que todo o resto. Todo o universo existe só para fazer bem às almas, para que as almas dêem glória a Deus.

Os senhores compreendem [então] os anjos e os demônios como lutam em torno de nós. Neste momento em que eu falo aos senhores, nesta hora em que os senhores me ouvem e eu me comunico com os senhores e a minha palavra lhes entra pelos ouvidos e vai pedir o assentimento de sua inteligência e de sua vontade e uma favorável repercussão na sensibilidade de cada um, nesta hora, se nós pudéssemos ver, eu creio que ficaríamos pasmos de ver que quantidade de anjos e de demônios estão em torno de nós, nos involucram e condicionam nossa ação.

### 3. O apóstolo itinerante, auxiliar dos anjos nessa luta

Os senhores como apóstolos itinerantes vão participar como auxiliares dos anjos numa luta entre anjos e demônios. Os senhores são os esperados dos anjos do lugar. Os anjos do lugar pedem a Deus que os senhores vão lá e que os senhores atuem. Os senhores são os detestados, os odiados pelos demônios do lugar. Os senhores vão conquistar aquele lugar --com o apoio dos bons anjos contra os anjos maus-- para Nossa Senhora.

É diante deste quadro que os senhores devem se impostar.

### 4. Exemplo de como os anjos atuam: os eflúvios de São Bento

Para os senhores terem idéia de um dos modos pelos quais os anjos atuam, eu [tomo] o Êremo de São Bento:

Os senhores entram aqui e sentem qualquer coisa que não sentem em nenhum outro lugar.

Evidentemente ainda é a velha e gloriosa graça de Cluny transmitida através da Ordem dos Beneditinos. Eles se foram, mas o normal é que a graça fique representada, continuada, perpetuada pela presença de anjos relacionados com a tradição cluniacense beneditina, que forma um dos filões do espírito da Congregação e que encontra sua plenitude vendo o espírito da Congregação aqui presente.

Os senhores não tem a impressão de que isto choca com nada nosso. Pelo contrário, os senhores sentem que isto dá um estímulo ao que é nosso, mas mais do que isto, os senhores deverão ter a sensação confusa que nós estamos para com isto como a foz de um rio está para o rio:

O rio vem vindo, vem vindo, em certo momento abre-se na foz e dá para o mar. Assim também essa tradição vem vindo, em certo momento funde-se em todo o horizonte da Congregação e dá para o oceano da Igreja Católica Apostólica Romana. Assim é este ambiente.

Neste ambiente há algo que eleva nosso espírito, nos torna como que outros, faz minguar todos nossos defeitos e levanta todas as nossas qualidades. Eu interpreto isto como uma presença de anjos.

### 5. A sensação de inutilidade e de estar excluído, ações do demônio sobre o apóstolo nas cidades grandes e médias

Nas cidades do tamanho de babéis, como São Paulo ou Rio, o homem se sente perdido, pulverizado. E quando ele tem que trabalhar numa cidade destas, ele tem a impressão de um trabalho impossível; de uma massa humana que ele não chegará a impressionar e conduzir a Nossa Senhora, porque é tão desordenada, agitada, desataviada, encrocada, que ainda que ele tenha mil homens lidando ali, se perdem dentro do fluxo caótico da cidade.

Ele vai andando por uma rua pensando o seguinte: "olha, nós conseguimos uma sede bem boazinha de 2 andares e ainda uma garagem habitável". Ele dá de repente com os olhos num arranha-céus e no alto um anúncio que brilha: "coca cola". Ele pensa: "Puxa! como a sede é pequena, como eu sou um zerinho e como a Congregação é pequenininha, coitadinha; apenas este edifício de 30 andares que tamanho deixa minha sedezinha. Oh eu, formiga! Oh eu, zero! Oh eu, esmagado!" Esta é a tentação das grandes cidades, das babéis.

\*

A cidade que está em vias de se transformar em babel mas ainda não é babel --como Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, talvez mais alguma outra de que eu não me lembro no momento--, é numerosa mas tem organização, tem suas grandes famílias, tem suas grandes fortunas, seus grandes sábios, grandes médicos, grandes engenheiros, grandes advogados, grandes professores, que todo mundo mais ou menos conhece, reverência, homenagem.

Aí o complexo que o apóstolo itinerante sofre não é de que está perdido no meio da multidão, mas de que está esmagado por uma estrutura.

Ele chega na cidade e a cidade acolhe o apóstolo itinerante com um soleníssimo NANE. Não se presta atenção nele, não se nota que ele chegou, não se nota que ele saiu, ele se sente fora desta estrutura na qual ele procura entrar.

Ele procura entrar, encaixar-se na cidade, a cidade recua diante dele e forma um bolsão em torno dele: ele está no centro sozinho e vazio.

\*

Bem, esta dificuldade tem em parte uma causa natural, e em boa parte tem uma causa preternatural; quer dizer, é meio obra de uma palavra de ordem espalhada para os sapos e meio ação do demônio sobre todo o mundo.

Mas produz sobre o apóstolo itinerante as seguintes impressões:

- de incapacidade de entrar e de deitar pé dentro da cidade e de agir dentro dela;
- de impossibilidade de conseguir qualquer resultado;
- de inutilidade e de desânimo;
- de nulidade e vacuidade de sua personalidade;

- de que ele fica ali se esforçando mais ou menos como uma formiguinha num bloco de granito procurando tirar um pouco de pedra: de vez em quando sai uma pedrazinha do bloco porque aquela formiguinha trabalhou muito e no fundo forma 5 tijolinhos de granito que ele conseguiu destacar do bloco;

E o grupo, à medida que vai aderindo ao apóstolo, pelo mesmo mecanismo é empurrado para o lado da cidade, e em vez de ser quem puxa a cidade, vai sendo exilado e fica de fora da cidade.

O apóstolo itinerante não se dá conta de que esta sensação de exclusão que ele sofre, e que vai sofrendo junto com ele o grupo que vai se formando em torno dele, esta sensação de exclusão é também do grupo de São Paulo em São Paulo: nós somos enxotados; à medida que nós recrutamos, os que nós recrutamos são expulsos por esse mecanismo invisível.

## 6. De como os anjos tiram partido dessa exclusão. O apóstolo itinerante, vanguarda da Cavalaria Angélica

Bem, nós expulsos e colocados de fora, o demônio fica dono da praça. Esta é a vitória do demônio. Mas é também a rasteira dos anjos e a vitória dos anjos. Porque acontece o seguinte:

O próprio do demônio é mandar embora. Mas cada um que ele manda embora, ele abre uma cratera no seu próprio domínio. Quando esta minoria que ele mandou embora chega a um certo peso, a uma certa densidade espiritual, ela [se torna] um pólo da cidade, que emite divinos eflúvios sobre a cidade e começa a fazer girar em torno dela imperceptivelmente setores inteiros da cidade.

[Quer dizer], aquele grupozinho, destacado de dentro da cidade, posto em frente da cidade, porque ele é uma exceção e uma contradição à regra geral por todo mundo seguida, espanta, impressiona, abre dúvidas, ao abrir dúvidas abala certas almas que começam a simpatizar, e frincha importantes setores da opinião pública da cidade.

Expulsos, os senhores saem para fora dessa campândula de demônios e ficam postos como um ponto de luz em torno do qual alguns se agrupam. Agrupados, alguns começam esta ação divisória sobrenatural. Esta ação é angélica, é produzida pelos anjos, porque é superior à humana capacidade.

Então, tese: um grupo pequeno é igual, na ordem mental, na ordem das almas, a um terremoto grande que abala o edifício do demônio. Esta tese os senhores tem que tomar diante de si como tese fundamental, senão os senhores não compreendem o alcance do que os senhores estão fazendo.

Os senhores não são apenas recrutadores. Os senhores são de imediato recrutadores, mas recrutadores que devem fazer esta obra única, esta obra singular: lançar a dúvida sobre o edifício do demônio. Esta dúvida preparará incontáveis [almas] a se distanciarem do demônio na hora da Bagarre e a serem pedras vivas do Reino de Maria.

[De maneira que] os senhores são como anjos mandados na frente dos anjos, são aqueles que preparam incontáveis almas para a Bagarre.

Recrutem, porque quanto mais recrutarem, abalam. Abalem, porque quanto mais abalarem, recrutarão. Aqui está a tarefa dos senhores<sup>817</sup>.

## II. LACUNAS E PERIGOS AOS QUAIS ESTÁ EXPOSTO O APÓSTOLO ITINERANTE

### A. Em matéria de humildade

<sup>817</sup> Encerramento capítulo dos Apóstolos Itinerantes 17/3/77



Na aparência um rapaz é muito menos vaidoso que uma moça, porque a moça tem muitos pormenores no rosto e tudo que nós sabemos. Mas eu acho que o homem, a seu modo, não é menos vaidoso do que uma mulher. A questão é que a vaidade dele se orienta de outra maneira e ele é de uma susceptibilidade tremenda. Não é uma vaidade olhando para a sensualidade. Pode ser também. O nervo da questão é a comparação com os outros, querer ser mais que os outros, não consentir em ser menos que os outros e formar a respeito de si mesmo uma idéia utópica<sup>818</sup>.

O apóstolo itinerante terá bem a noção de que ele exerce uma certa autoridade e que por causa disso a autoridade que ele exerce pode envaidecê-lo? Ele olha os icebergs internos de vaidade e toma o cuidado para não querer aparecer influente e importante junto a quem ele manda? É uma pergunta que se pode fazer. E às vezes a gente responde pela negativa<sup>819</sup>.

Ao fazer apostolado com pessoas de nossa idade cerrando de cima --porque a gente conhece mais do que eles--, [podemos ficar] com tentação de vaidade. A matéria apostólica bem sabida dá uma certa superioridade com relação aos outros, dá uma sensação de prestígio. E se nós consentirmos, se torna um verdadeiro veneno.

Nossa Senhora, por amor à Congregação, dá às nossas palavras uma força que não daria se não fôssemos [membros da Congregação] e por causa da união com Ela. Mas a pessoa se sente tentada a se achar dona das palavras e se envaidecer com os dons que [Nossa Senhora] dá<sup>820</sup>.

Um dos senhores vai conversar com um rapaz, vê que o rapaz se entusiasmou. A tendência é voltar para casa satisfeitíssimo: "vai ser muito bom para nossa Causa". Logo depois: "aquela hora em que eu dei tal argumento assim, hein, como ele ficou aplastado! e depois como ele ficou sagaz! Na hora em que ele disse você é formidável, eu vi que ele é inteligente mesmo e que ele tem um discernimento do valor dos outros, uma coisa pouco comum. Aquele outro apóstolo itinerante que mora comigo é um sabugo, porque não me acha um colosso como esse novato que está vindo de fora"<sup>821</sup>.

É preciso a gente nunca deter a atenção nas suas próprias qualidades, sejam elas quais forem; nunca querer chamar a atenção sobre si mesmo; e nunca comparar-se com os outros. Porque se eu me ponho a admirar a mim mesmo, eu considero roubada toda qualidade que o outro tem e que eu não tenho; começo a achar que aquele outro está me desprezando porque tem aquela qualidade; e me torno incapaz de admirar o outro<sup>822</sup>.

\*

Como reprimir isso?

a) não pensar (na tentação);

b) lembrar [a tese] de Dom Chautard: quem convence é a graça e não eu. Se puser algo de meu no apostolado, ele estanca.

Ao atribuir os êxitos apostólicos ou as qualidades a si, o [apóstolo] comete um roubo. [Os êxitos apostólicos] são fruto da graça<sup>823</sup>. As qualidades humanas valem muito pouco para o serviço da Causa Católica; o que vale é o sobrenatural, é o espírito da Igreja. Se eu não tivesse o espírito da Igreja eu não seria nada, ainda que eu tenha essas ou aquelas qualidades humanas. Se os Srs. compreenderem que suas qualidades naturais não entram em linha de conta no apostolado, mas que entram as sobrenaturais, os Srs. desmegalizam<sup>824</sup>.

Nada há de mais perigoso para um apóstolo do que estar pensando em seus sucessos. A gente nunca deve ver um êxito de apostolado sem imediatamente reportar a Nossa Senhora: "Minha Mãe, Vós fizeste quase tudo e o pouco que eu fiz, eu fiz porque Vós me destes a ocasião de fazer". Isso não é humildade não, não é heresia branca não. São Paulo, que era São Paulo, disse de si mesmo o seguinte: "todos nós somos escravos inúteis"<sup>825</sup>.

Se os Srs. levam em consideração o que eu lhes digo, o Profetismo de Santo Elias [passa] pelos Srs. e dá fruto. Se não for assim tudo esboroa<sup>826</sup>. Para que um apóstolo seja fecundo, ele deve ser inteiramente desapegado de qualquer orgulho, amor próprio, vaidade ou coisa do gênero<sup>827</sup>. Ele é transmissor da graça quando não tem megalice; a graça não atua por meio do apóstolo mega<sup>828</sup>.

<sup>818</sup> Eremo Nossa Senhora do Bom Sucesso, 20/3/79

<sup>819</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 17/12/76

<sup>820</sup> Anotações de conversa de maio de 1972 (ER 137), título do arquivo no computador "720500.Conversa"

<sup>821</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

<sup>822</sup> Eremo Nossa Senhora do Bom Sucesso, 20/3/79

<sup>823</sup> Anotações de conversa de maio de 1972 (ER 137), título do arquivo no computador "720500.Conversa"

<sup>824</sup> Texto sem data 15, título originário "Batismo do eremo da Luz" (ER 137)

<sup>825</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

<sup>826</sup> Anotações de conversa de maio de 1972 (ER 137), título do arquivo no computador "720500.Conversa"

<sup>827</sup> Normas para Sr. FDC, França, junto de 1992 (K24)

<sup>828</sup> RA 29/1/81

Isso não quer dizer que se o apóstolo tiver esse desapego, ele será necessariamente um apóstolo fecundo. Pode acontecer que [ele não tenha amor próprio] e seu apostolado pareça completamente infecundo. Nossa Senhora se servirá de seus méritos para irrigar outras partes do jardim da Igreja<sup>829</sup>.

Sejam bem fortes nisso, bem enérgicos nisso, que a pureza se torna mais fácil, e aparece assunto para apostolado. Se um apóstolo itinerante vai fazer apostolado perguntando o que é que estão achando dele, se ele é um grande homem, se ele é muito engraçado, se ele é muito interessante, se ele é muito não sei o que, etc., ele acaba não falando do tema que interessa aos outros.

Quem se desengaja do amor próprio, e está com a alma voltada habitualmente para o sublime, e evita de estar pensando só em banalidades e em si mesmo, este adquire um poder de imantação misterioso, este atrai.

Eu não quero dizer que quem não atrai é necessariamente um foco de defeitos. Mas o que quero dizer é que quem tem esses defeitos necessariamente não atrai.

Agora, só atrai a quem presta aquele que repele ao que não presta. Por isso que o Profeta Simeão chamou a Nosso Senhor de "Pedra de Escândalo", de separação, de cissão, porque exatamente Ele repelia a canalhada e atraia os bons. Até Nossa Senhora era assim: Ela atraía e repelia. Quem não prestava, não gostava dEla<sup>830</sup>.

\*

[Isso de um lado. Agora de outro lado, como] a megalice e a microlice são irmãs gêmeas, no apóstolo itinerante a microlice [se põe nestes termos]: "Eu aqui tenho meu grupinho, meu mundinho, minha vidinha e eu vou tocando; aqui eu me isolo, tenho tudo arranjadinho e tenho um universozinho feitinho"<sup>831</sup>.

## B. Em matéria de pureza

O celibato é uma virtude muito delicada e quem quer ter esta virtude precisa protegê-la, porque tudo quanto é precioso a gente protege. A gente não protege o próprio dinheiro? Ninguém viu por exemplo deixar um maço de notas de dinheiro no peitoril da janela, porque o vento leva. Então por que havemos de chegar com nossa alma desprevenida ao peitoril de uma janela? A tentação também não pode levar?

Eu recomendaria aos senhores muita cautela e muita distância com pessoas do outro sexo. Quem quer conservar o celibato não deve manter relações de amizade, nem relações sociais com pessoas do outro sexo. Cumprimentar é natural, cumprimentar com atenção também é natural. Não deve passar disto<sup>832</sup> (\*). Jamais uma falta de educação, jamais a brutalidade, jamais a amizade<sup>833</sup>. Prosas, conversas, ditos longos, etc., são absolutamente imprudentes e dão mais cedo ou mais tarde, pelo menos em tentações e problemas que vão complicar a vida do apóstolo itinerante (\*\*).

-----

(\*) (No caso de um apóstolo que dá aulas em colégio mixto, no relacionamento com as alunas) ele deve cingir-se ao seu papel de professor. Quer dizer, responder a uma pergunta e sair. É o máximo<sup>834</sup>.

Com a professora, [ele pode se ter] um contato amável, mas nunca uma prosa que não diga respeito à matéria que tem que tratar. E terminada a matéria, muito amavelmente, um pretexto: "até logo!" O jeito de fazer isto é tomar ar de quem está sempre muito apressado, de maneira que com facilidade pode dizer "até logo". A pessoa entende<sup>835</sup>.

[Mas mesmo assim] há perigo na coisa e ele não deve aceitar este encargo sem uma licença expressa da Comissão do Movimento<sup>836</sup>.

(\*\*) NB: Além desta recomendação, ver na "Quarta Parte, III", no item "Reuniões de virginização", a série de providências para preservar a pureza. Embora calculadas para o apostolando, também podem servir para o apóstolo.

-----

\*

(Quando a gente está fazendo apostolado e há grave perigo para a pureza, como deve proceder?)<sup>837</sup>

<sup>829</sup> Normas para Sr. FDC, França, junto de 1992 (K24)

<sup>830</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

<sup>831</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 20/6/73 (ER 97)

<sup>832</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/9/72 (ER 140)

<sup>833</sup> Reunião universitários colombianos 12/7/89

<sup>834</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/9/72 (ER 140)

<sup>835</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)

<sup>836</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/9/72 (ER 140)

1) Vamos tomar um caso concreto: visita para família de apostolando. Se o [apóstolo] nota que a visita está fazendo mal --por exemplo a irmã vem e dirige a palavra [para o apóstolo]--, o que que ele deve fazer? Eu digo: para isto você tem pernas e tem boca. Com a boca diga: "até logo" e com as pernas vai embora. Está acabado. Com cortesia sempre e um certo disfarce, e saia. E não repita a visita ainda que perca o apostolando.

Se vier um rapaz que me diga no fim do ano: "Dr. André, por causa da aplicação dessa norma, eu venho com as mãos abanando". Eu digo: não é verdade, vem com uma série de atos de fidelidade, que Nossa Senhora a seu tempo há de fazer frutificar. Porque eu não quero muito apostolado e prejuízo interior para a alma.

E portanto, se alguma coisa estiver fazendo mal aos senhores, deixem, custe o que custar, ainda que o apostolando naufrague. Deus que o criou e o remiu, velará por ele melhor que os senhores e dará a ele as graças necessárias <sup>838</sup>.

2) Se a experiência nos mostrar que fazendo apostolado nós nos expomos a ocasiões e que nós não temos força para nos expor, é melhor avisar francamente e deixar o apostolado, entrar para um Êremo, voltar para o grupo, fazer qualquer coisa. Porque expor a própria alma a pecado mortal de um modo próximo e grave, não é da glória de Deus <sup>839</sup>.

### **C. Em matéria de pensamento. Razões do não-aproveitamento das reuniões**

#### **1. Faz falta ao apóstolo um certo embasamento doutrinário**

Uma coisa que faz falta a vocês é um certo embasamento intelectual, um certo embasamento ideológico, por onde vocês [conheçam] as mais recentes doutrinas da Congregação <sup>840</sup>.

#### **2. Ele não está habituado a reter no espírito o que deve reter**

[Muitas coisas que eu digo], no momento vem acompanhado de uma certa graça e chama a atenção. Mas aquilo pouca sobre nós como uma flor sobre um rochedo: o primeiro vento leva embora a flor, porque nós não estamos habituados a reter no espírito metodicamente o que nós deveríamos reter; não estamos habituados à seguinte operação:

"Eu agora ouvi tal coisa que é importante para mim reter. Portanto eu vou reter, eu tomo nota durante a reunião, ou terminada a reunião eu fico um instante na capela ou qualquer outro lugar, puxo um papel e tomo nota; e eu vou ler isso várias vezes até ficar incrustado no meu espírito."

#### **3. O amor próprio o absorve**

Se acontecer que alguém, ao descer a escada, esbarra em nós, não pede desculpas e nós quase caímos, ou qualquer coisa assim, a gente [fica tomado pelo amor próprio contundido e] tudo o que foi dito na reunião vai embora.

#### **4. Os probleminhas prático-prático o devoram**

---

<sup>837</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

<sup>838</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)

<sup>839</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

<sup>840</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/12/77

O propulsor do apostolado vem a SP e encontra esse mundo batido por todos os ventos. Então é tal coisa que aconteceu em tal lugar, Reunião de Recortes, altos assuntos que passam e fazem assim uma espécie de cavalcata luminosa ou tenebrosa de sombras ou de luzes diante de nós.

Mas quando a gente chega à respectiva sede, se encontra com o micro-mundo do seu grupo pequeno, de sua pequena vida e tem toda espécie de pequenos problemas que o assaltam.

Ele tem que levar um par de sapatos para o sapateiro consertar, e tem que ser barato porque ele vive sem dinheiro. Depois ele verifica que a torneira estourou durante a ausência dele, os enjolrras que ele deixou lá não consertaram a torneira, nem sabem que é preciso consertar a torneira quando estoura, e aquele negócio inundou o mísero tapetinho que ele tem. Bem, depois tem um enjolrras que ele achou com a cara de nariz torcido, porque brigou no colégio, no colégio tem tal caso, tatá-tatá, ou porque tem círculos mundanos, tatá-tatá.

Isso enche o micro-dia dele e mais ainda ele esquece das coisas altas.

Do que adiantou fazer as reuniões? Quase nada.

## 5. Cada um julga que a posição do outro é melhor. Em consequência desiste de lutar com empenho, se deprime e acachapa

O mais engraçado nisso é que cada um julga que as condições de vida do outro são mais favoráveis. Então quem está, por exemplo, em Caixa-Prego, [vê uma fotografia do Grupo da França ou da Espanha e pensa]: "É, Notre Dame de Paris, estivesse eu em Paris que eu teria um outro ânimo! Estivesse eu em Sevilha, em Burgos, em Lisboa ou no Porto ou em qualquer lugar da rutilante e venerada Europa, eu teria outro ânimo. Mas aqui, Caixa-Prego, essa baixa de nível? Quando é noite eu ouço os cachorros ladrarem: "au, au". "Cocoricó" ouço à pequena distância. O som, para vir do cachorro, do galo ou da galinha até mim, percorre distâncias minúsculas, distâncias vazias, tudo está vazio, a cidadezinha é um vazio de idéias, é um vazio de movimento, é um vazio de tradição, eu estou imerso no vazio. Oh! pobre de mim! Dr. André não imagina isso, ele nunca entrou no meu verdadeiro drama, no meu verdadeiro problema".

Eu vou contar a confidência de um europeu. Ele dizia o seguinte: "A história da Europa, que fascina aos brasileiros, a nós não fascina, porque os restos veneráveis da Europa estão imersos no mar de lama da indiferença, e eu não tenho aqui o recuo ótico da história para ter o senso da tradição. Estivesse eu no Brasil, como seria melhor!"

Cada um julga que a posição do outro é melhor.

Bom, começa a luta interna, porque vem a preguiça de fazer tal coisa, deixa para amanhã, acumulam-se as coisas, uma coisa a gente zupa, outra coisa não sei o que, cria uma certa depressão, a gente não manda os relatórios ou SP no total não responde os relatórios, qualquer outra coisa, mais uma decepção. Em pouco tempo nós temos o nosso propulsor de apostolado acachapado.

Resultado: em vez dele estar cheio de ânimo e ser uma coluna de fogo que caminha na zona onde ele está, ele é uma figura que está encostada na parede com um pranto insuspeitado.

## 6. Lhe falta amor de Deus

O que faltou em tudo isso? Faltou amor de Deus, amor a Na. Sra.

Por que? O que define o amor? É querer ficar com. Se eu entretenho uma pessoa e ela não faz o mínimo esforço para me reter junto a ela, e lhe é indiferente ter-me ou não me ter ao lado dela, essa pessoa não gosta de mim.

Se nós simplesmente tomássemos nota e pensássemos [nas reuniões, as graças delas] poderiam voltar para nós --com maior intensidade ou menos. Mas não fazemos isso.

Agora, imaginem que, pelo contrário, nós tivéssemos amado o que ouvimos, quer dizer, nós tivéssemos dito: "Isto eu reterei e disto eu não me esquecerei! eu serei sério! E por causa disso, cada vez que eu tiver diante de mim um problema de apostolado, eu não vou olhar apenas para o Zéquinha ou para o Juquinha que me está criando problema, nem para Dona Maricota, nem para o Padre que está fazendo máfia, nem nada. Eu vou olhar muito mais: isto é uma parte da conquista do Brasil e é um passo na marcha para os 10 mil!" Ah! como as coisas seriam diferentes! como as coisas seriam diferentes! Era só isso, compreender o que estamos fazendo <sup>841</sup>.

<sup>841</sup> Reunião do 27/7/84

## 7. Tem dificuldade em concentrar a atenção em algo que não diga respeito ao egoísmo

[Os senhores são de] uma geração imensamente imaginativa. Por causa disso mesmo, imensamente dispersiva. E tem uma dificuldade fabulosa em concentrar a atenção num ponto, sobretudo quando esse ponto não é o eu-eu-eu, eu-eu-eu.

O resultado é que tudo [o que eu digo] aos senhores me lembra um gemido de Nosso Senhor: "quae utilitas in sanguine mei?" Eu pergunto: que utilidade existe em tudo quanto eu [digo]?

Essa desordem mental é muito parecida com a água da chuva, que entra na calha, sai pela goteira e está acabado. Vai para a terra. E recomeça o processo. Depois da terra evapora, sobe de novo para as nuvens e depois chove de novo. É um círculo da água que vai se movendo. Assim também acontece muitas vezes conosco <sup>842</sup>.

### D. Em matéria de pensamento e de ação

Se os apóstolos itinerantes tivessem um espírito cauto no pensar, antes de tomar uma posição em face das coisas; cauto na ação que segue e se dão cada passo depois de refletir muito; se eles à força de analisarem sabem bem quais são as ocasiões em que devem ser audaciosos e em que devem ser prudentes; se eles tem noção de que a navegação se faz no meio de "icebergs" --a maior parte dos quais é muito maior na parte que não aparece do que na parte que aparece--, poderiam fazer o apostolado render [mais], compreenderiam muito melhor a Congregação por dentro do que por fora, poderiam ser outros homens em toda a sua ação.

É bem possível que não sejam inteiramente como estou dizendo. O gosto da irreflexão, o gosto de tomar a coisa apenas pela rama sem considerar as profundidades, a pressa no fazer as coisas, os leva muita vezes a atitudes irrefletidas, que depois redundam em inconvenientes para a Congregação. Há em nós uma certa irreflexão, um certo corre-corre, um certo atabalhoamento que precisaria ser retificado.

Por exemplo no apostolado: a gente compreende bem que cada rapaz com quem a gente faz apostolado é um mundo e que cada palavra que a gente diz diante desse rapaz deve ser medida de maneira a fazer bem a ele, ponto por ponto, ponto por ponto?

No trato com as engrenagens internas da Congregação: a gente compreende bem o valor e o significado de cada uma dessas engrenagens? compreende bem com que cuidado e com que respeito elas devem ser tratadas? como elas tem um peso na vida do Grupo que às vezes não aparece numa análise irrefletida e de primeira vista?

No tomar atitudes fora: a gente sente bem no ar e nos imponderáveis como é que devemos fazer, considerando bem as peculiaridades de cada coisa com a qual estamos tratando? <sup>843</sup>

### E. A aridez no apostolado

Na vida espiritual, os momentos mais meritórios que temos, [são] os de aridez. É nesses momentos que recebemos as maiores graças.

O mesmo acontece na vida de apostolado. Há momentos em que sentimos que o ultramontanismo é contagioso, em que fazemos o apostolado com prazer, com a alma vibrando. Há momentos em que é exatamente o contrário: digo para um rapaz tal coisa e quando digo parece que eu mesmo estou em dúvida, de que aquilo não tem sabor nenhum, não há nada contagioso, nada digno de ser estimado ali. São os momentos de aridez do apostolado.

Resiste-se a essa aridez, primeiro pela perseverança, mas também [é preciso] sabermos nos conservar numa atitude realista e não mais na tentação dos planos mirabolantes.

Uma é a tentação de desanimar, outra é a tentação contrária, de fazer uma coisa formidável e então a gente concebe planos mirabolantes, inteiramente irreais.

Não há nisto uma consideração calma, lógica, mas há uma espécie de desespero do momento da aridez <sup>844</sup>.

### F. A rotina, pórtico do ensabugamento do apóstolo

<sup>842</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

<sup>843</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 17/12/76

<sup>844</sup> Texto sem data 26, (RN 132), título originário "Teoria do ultramontanável – As 3 vertentes"

Uma parte [dos cooperadores que fazem apostolado] se entusiasma durante algum tempo pelo apostolado e gosta da coisa. Destes provavelmente vários tem a idéia de que o apostolado é uma coisa muito importante, muito boa, etc.

A perpétua repetição dos mesmos atos para fazer entrar as mesmas pessoas; e as pessoas seguirem mais ou menos o mesmo itinerário; e o fato de que [os apóstolos] acabam conhecendo de perto as pessoas que entram; [tudo isso concorre para que eles] percam a visão do Tau, a visão primeira do [conjunto ao qual pertencem] e às vezes de todo o conjunto da Congregação.

Então eles se perguntam do que adianta o apostolado que fazem, e se isso é uma coisa tão grande quanto todo o remexe-mexe que se faz em torno disso, e se toda a dedicação da vida deles que isso impõe [vale a pena].

É a crise do ensabugamento pela rotina <sup>845</sup>.

### III. SUA VIDA DE PENSAMENTO

#### A. O pensamento, pressuposto do "métier" do apóstolo

##### 1. Para comunicar entusiasmo, o apóstolo precisa ter entusiasmo

Imaginem que um governo quisesse reavivar o entusiasmo do povo pelo esporte.

Se ele fosse um pouco inteligente, compreenderia que o centro da reanimação não é a imprensa, a TV, nem o rádio. O certo é soltar num estádio uns 500 a 600 animadores disfarçados, que batem palmas, "muito bem", etc., e que criam um ambiente de entusiasmo muito mais na entrada e na saída do que durante o jogo.

Vocês aonde é que iriam recrutar esses animadores do esporte? Entre profissionais que recebem um tanto, mas que fazem e tratam das coisas mais diversas --um vendia até o momento aquele algodão com sabor de açúcar, outro aquele apito para soprar bolha de sabão, etc.? Ou vocês tomariam indivíduos entusiasmados pelo esporte e pagavam a eles para fazerem esse papel?

A gente mandava os entusiastas. Evidente. Por que? Porque ninguém comunica o entusiasmo que não tem.

##### 2. Se o apóstolo tem entusiasmo, ele tem interesse e gosto pelos temas da vocação

Se isto é verdade, todo apóstolo itinerante deve ter uns temas de dentro de nossa temática que de fato interessam a ele e sobre os quais ele gosta de conversar. A melhor distração da vida dele deve ser conversar sobre esses temas. E quando ele é um apóstolo itinerante de "truss" (?), são vários os temas de que ele gosta de conversar assim.

Nestas condições ele se torna interessante e atraente. Quando não é nestas condições, ele não faz apostolado. Quando ele é como eu estou dizendo, se ele frequenta umas 5 ou 6 vezes um [ambiente], ele encontra um jeito de encaixar o tema dele no [ambiente] e sai conversa. Se ele não tem interesse, não sai conversa.

##### 3. E entre os temas da vocação, ele tem maior interesse e gosto pelo sublime

Agora, para vocês, que são brasileiros, ou o tema se relaciona com a vida de todos os dias, ou não pega. [Então], um modo de a gente procurar o tema é vocês tomarem a vida de todos os dias --o "jour-le-jour", o que está acontecendo no Grupo e coisas do gênero--, e perguntarem-se a si mesmos daquilo o que é que atraiu, e o que é que daquilo vocês gostariam de conversar.

As recordações mais emocionadas que eu tenho de mamãe não são os grandes momentos da vida dela, mas o alto teor de sublimidade do cotidiano dela. Aquela alta elevação no cotidiano tratando de qualquer coisa, me tocava muito.

Assim também vocês devem fazer com a Congregação, cujo estandarte, cujo Leão Rompante, cujos modos de ser oferecem lampejos de sublimidade e que vocês devem fixar a atenção com muito empenho, mas com gosto.

Se eu tivesse a honra imerecida de conhecer o Profeta Elias, acho que eu perderia meu tempo se eu não prestasse atenção naquilo que no Profeta Elias haveria de sublime.

---

<sup>845</sup> Despachinho 6/12/88

Lendo a vida dele como é narrada na Escritura, o ponto especial de minha atenção é o que há de sublime aí, porque é pelo sublime por onde ele melhor imita a Deus.

É natural que eu pense nisso, porque se eu for feito como devo, eu devo procurar de preferência aquilo que se parece com Deus. E se em alguém o que mais se parece com Deus é o que ele tem de sublime, eu devo mais excelentemente fixar a minha atenção ali <sup>846</sup>.

#### 4. Sem estudo não há apostolado. Sem estudo não há Ativismo Individual

Pôr um ideal diante do apostolando e discutir com ele de modo interessante, supõe estudo. Sem estudo não tem nada feito <sup>847</sup>.

\*

[Se] eu quero que um homem lute a favor do que nele há de bom e contra aquilo que nele há de mal, eu vou dar conselhos a ele. Esses conselhos vão encontrar resistências nele, porque todo bom conselho encontra atração e resistência. E ele vai ter que, ainda que subconscientemente, lutar contra as resistências que o bom conselho vai produzir nele.

[Agora], como é que eu posso jogar nessa luta dentro da alma desse homem se não tenho idéia de vida espiritual, [nem idéia] de como é que o bem e o mal em si nascem, se desenvolvem, se multiplicam, se combatem dentro das almas?

Dom Chautard neste ponto é exímio, mas ele não dá tudo. Os autores exímios que trataram de vida espiritual, falaram para todos os tempos e todos os lugares. Se os Srs. querem a vida espiritual estudada em concreto, os Srs. lucram em vê-la aplicada por alguém que teve em vista os problemas concretos no mundo como é hoje.

[Nesse sentido] seria preciso pegar toda a matéria [que eu dei] sobre vida espiritual, vendo não apenas como um problema individual, mas como um problema que o ativista tem, porque ali eu sou o ativista falando com os Srs. Quer dizer, aquilo é propriamente um Ativismo Individual praticado, porque as minhas conferências não são aulas. Os Srs. sabem bem que eu vou adaptando as minhas conferências ao auditório como ele vai evoluindo, e portanto me parecem muito úteis debaixo deste ponto de vista.

[Mas] o que falta nas coisas que eu tenho dado é que seria preciso fazer um esquema para compreender por onde elas são um todo. Porque elas parecem picadas diversas dentro de uma selva.

\*

Cada um dos itens [da montagem psicológica de um indivíduo] (cfr. Quarta Parte, I, C, 2) é um dos elementos da ação do ativista e constitui um capítulo do estudo do Ativismo Individual.

Acho que a matéria toda comportaria noções gerais preparatórias para poderem estudar cada um daqueles pontos. Seriam os pressupostos. Depois teríamos o ponto propriamente dito, propriamente considerado. E depois teríamos alguns corolários importantes para tirar daquele ponto <sup>848</sup>.

#### B. O pensamento e o entusiasmo, termômetros da vida espiritual do apóstolo

Os senhores se lembraram, pensaram, estudaram, fizeram alguma reflexão [a respeito das graças que receberam em São Paulo]? Sim ou não? Se não, acabou-se, o vento levou! Se fizeram alguma reflexão metódica, lembraram-se de alguma coisa, então aquilo frutificou.

[A gente faz render as graças que recebeu quando aquilo se desdobra] em amor, em entusiasmo, em calor, em desejo de unir-se cada vez mais com a Causa de Na. Sra. <sup>849</sup>

<sup>846</sup> Reunião eremo Nossa Senhora Bom Sucesso 20/3/79

<sup>847</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

<sup>848</sup> Reunião eremo de Petrópolis (São Paulo Apóstolo), 1/7/71

<sup>849</sup> Reunião propulsores apostolado 19/4/85

### C. O apóstolo se interessa pelo estudo quando relaciona a doutrina com os problemas concretos do recrutamento

Vocês estão entendendo bem que eu não estou encaminhando a exposição na linha de concluir daqui que vocês deverão comprar por exemplo um tratadinho sobre Sócrates, ou sobre a guerra entre os hindus e mongóis no século VI depois de Nosso Senhor Jesus Cristo <sup>850</sup>.

O livro verdadeiro é arejado e feito para responder, em nível doutrinário, aos problemas da vida. Aqui nasce o interesse pelo estudo.

Nos senhores, globalmente falando, não vejo caras habituadas ao estudo. Por que? Porque não se faz a transição entre a vida e o estudo. Os senhores não tem muito ânimo para estudar quando os senhores pedem um tema e se responde: "estude tal tema na página tanto de nosso livro tal". Ou então "aqui vem uma resenha do tema, desenvolva".

Quando é para aplicar um ensinamento na vida quotidiana os senhores não sentem muito mais calor para estudar? Os senhores não acham que a porta para o problema dos estudos está aí? A mim me parece que sim, porque aí a questão passa a ser viva, se transforma num caso pessoal e aí desperta a vontade de estudar.

É a propósito do recrutamento que os senhores começam a procurar a doutrina <sup>851</sup>.

O membro da Congregação é um homem de pensamento atuante e um homem de ação intelectualizado.

Alguém dirá: "mas não será mais perfeito viver como São Tomás de Aquino, só no estudo?" Com toda a reverência que eu devo a São Tomás de Aquino, eu diria que admiro mais um São Luís, que tem à sua mesa um São Tomás de Aquino que lhe dá uma doutrina, que tem um mundo de outros homens que agem e que é a síntese da ação com o pensamento e faz as duas coisas se encontrarem.

Então, para o apostolado individual, homens atuantes embebidos no estudo, homens de estudo embebidos de experiência e voltados para a atuação, isto dá a meu ver o ótimo <sup>852</sup>.

## IV. SUAS RELAÇÕES

### A. Com o Fundador da Congregação

#### 1. Como eu vejo e trato cada cooperador e cada apóstolo itinerante?

Eu olho todos os membros do Grupo com olhos de respeito, de consideração e afeto.

É evidente que esse sentimento redobra em relação àqueles que largam os respectivos círculos mundanos para irem de um lugar para outro, conforme forem mandados, para fazer nosso apostolado. E que quanto mais eles se isolam do mundo, tanto mais eu devo, na medida que eu posso substituir o mundo, me pôr ao alcance de cada um deles, não só para ser um guia, mas ser verdadeiramente um pai em todas as coisas.

Dentro dessa disposição paterna cabe uma enorme paciência com toda espécie de imperfeições espirituais (\*) e carências individuais (\*\*).

-----  
 (\*) Há vários [apóstolos] que já tiveram culpas em relação ao Movimento. Entretanto, a cada um eu tenho tratado às vezes fingindo que não sei que existe essa culpa. Às vezes a culpa está num letreiro na testa; eu encontro, falo, trato, etc., como se não houvesse nada, com toda atenção, com toda gentileza, com todo perdão possível.

(\*\*) As capacidades, como é natural num Movimento que tem tanta gente como a Congregação, são muito desiguais. Os Srs. nunca me viram ter uma alusão amarga à falta de capacidade intelectual, ou à falta de jeito de ninguém dentro da Congregação.

-----

Portanto, os Srs. compreendam que se não tiverem êxito, eu não vou malsiná-los, não vou desprezá-los, não vou olhá-los com dureza. Pelo contrário, aumentará o meu desejo de ajudá-los, de consolá-los, etc.

Os Srs. então na ausência minha evitem duas tentações do demônio:

A primeira é: "Dr. André se esqueceu de mim".

Segunda: "se Dr. André estivesse aqui me vendo em tal ou tal infidelidade, teria para comigo olhos terríveis e me repelindo". Não é verdade. Eu estaria ao seu lado, faria sentar, diria: "meu filho, o que é que há com você? me explique o que que é, vamos acertar isto juntos, vamos rezar juntos, se você se emendar tanto melhor, se não se emendar ... vamos rezar!" <sup>853</sup>

<sup>850</sup> Eremito Nossa Senhora do Bom Sucesso 20/3/79

<sup>851</sup> Simpósio de Curitiba, outubro de 1969, III reunião

<sup>852</sup> Reunião eremos de Ativismo Individual e Apóstolos Itinerantes 29/5/74 (ER 81)

<sup>853</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)



\*

O Tau dá aos senhores [a possibilidade] de terem as minhas cogitações e as minhas vias, de participarem de minha missão, de fazerem junto comigo aquilo que eu devo fazer, e de portanto constituírem um só comigo.

A coisa é tal em relação a todos os membros da Congregação, que cada um dos senhores deve ter uma união comigo como se fosse um filho único, não como se fosse um filho perdido na multidão.

Eu compreendo que à medida que a Congregação cresce, os senhores devem sentir-se vistos por mim como pontos numa linha. A linha seria os apóstolos itinerantes por exemplo. Uma linha se divide numa infinidade de pontos, a pessoa olha para a linha e vê todos os pontos, mas se há uma coisa que a pessoa não vê é cada ponto individualmente, vê a linha no conjunto.

A gente deve resistir a essa impressão, porque não é verdadeira. Cada um dos senhores deve ter uma união de alma comigo tal, que seja como se fosse meu filho único, e que eu estando com qualquer um dos senhores possa sentir uma comunicação de alma e uma união como se fosse só aquele o membro da Congregação.

É só nesta perspectiva que os senhores tem todo ânimo para a vida espiritual. Se os senhores não combaterem essa impressão, não tem ânimo para a vida espiritual.

Pode vir uma pergunta: "eu estive com o senhor 2, 3, 4 vezes na vida e tenho a impressão que o senhor não sabe o meu nome; se o senhor não sabe o meu nome, como é que o senhor me pode ter em conta de filho único?"

É verdade, infelizmente, que um ou outro, eu encontrando, não saberia dizer se é apóstolo itinerante ou que que é no momento.

Mas há muitos, provavelmente a grande maioria dos que estão aqui, estão há anos na Congregação e que eu conheço perfeitamente, e outros são recentes na Congregação mas que eu conheço.

Eu tenho certeza que quando eles se encontram comigo, se sentem inundados interiormente pelo meu olhar, sentem-se vistos até os seus reflexos, e sentem aquela atenção, aquela preocupação, aquele zelo, aquele conhecimento deles que significa esta união de alma grande.

A tal ponto que eu percebo que às vezes simplesmente um "Salve Maria, como vai?", é uma perguntinha, diz uma porção de coisas que não foram ditas. Vários dos senhores estão rindo porque passaram por esta experiência.

Este grau de união germinativamente, à maneira de semente, está naqueles que eu não fixei tanto assim ainda porque eu não tive tempo.

Quer dizer, a medida que os senhores progredirem, este grau de união se estabelecerá e se tornará completo. Quem tem a semente da roseira, já tem a roseira e a rosa <sup>854</sup>.

\*

Os senhores estão vendo [em todas estas reuniões] que eu estou muito mais a par da vida de um apóstolo itinerante do que os senhores imaginavam <sup>855</sup>. [E que] os senhores são tratados como filhos que a gente coloca em cada peça do xadrez pensando bem antes, depois de conversas com a Comissão do Movimento, etc. É uma jardinagem de alto cuidado, é jardinagem japonês que a gente trata morango por morango individualmente, e não é jardinagem relaxada, plantação de milho que a gente joga o milho no chão e aquilo cresce como pode <sup>856</sup>.

## 2. As graças que repousam em mim, depois defluem para os senhores

Dom Chautard [ensina] que, em relação à graça, uma alma pode ser o reservatório, e não [apenas] um canal. Quer dizer, pode receber muitas graças, mas acumulá-las, para só depois distribuir. E afirma o princípio de que uma alma é intermediária de graças para outras almas, e que o apóstolo é um intermediário da graça para aquele junto a quem ele faz apostolado.

Eu devo fazer apostolado junto aos senhores todos. Compete a mim maximamente atrai-los todos para o regaço de Nossa Senhora e fazer dos senhores os apóstolos dos últimos tempos que os senhores devem ser.

Portanto de minha parte há uma mediação, no sentido que essas graças repousam em mim e depois defluem para os senhores <sup>857</sup>.

<sup>854</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)

<sup>855</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>856</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

<sup>857</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

### 3. Nossa união de cogitações e de vias

Imaginem que um dos senhores chega à cidade [onde foi mandado fazer apostolado]. Ele --mesmo se me conhece apenas germinativamente-- deveria perguntar o seguinte:

Como é que Dr. André consideraria esta cidade? como é que ele veria o centro da cidade e o bairro establishmentoso da cidade? como é que ele veria o mundanismo da cidade? que atitude de alma ele tomaria em face disto? que críticas e comentários ele faria? Quais seriam suas reações de alma diante desta cidade e diante deste establishment? Ele se deixaria embasbacar? Se deixaria intimidar? Se deixaria impressionar? Ficaria inseguro diante do establishment desta cidade?

Eu nunca entraria numa cidade sem antes ter verificado qual era o pólo de atração mundana e formar o propósito de me manter completamente alheio àquele pólo de atração mundana, porque o mundanismo arrasta, mesmo na menor das cidadezinhas.

Dr. André teria pânico de ter insucesso no apostolado? teria pânico de ser mau visto? teria muita preocupação de exercer prestígio pessoal sobre esta gente? ou ele simplesmente iria falando a doutrina? como é que trataria com os apostolandos?

Qual era a vigilância de Dr. André, quando ele era moço, com as pessoas do outro sexo?

[Quando eu era aluno] da Faculdade de Direito, nunca conversei com as alunas, a não ser uma meia palavra para responder a uma pergunta que elas faziam, e assim mesmo elas não sentiam liberdade de fazer pergunta. Nunca deixei de cumprimentar as que eram minhas companheiras de turma, mas com a cabeça, um cumprimento atencioso com uma certa amenidade, mas dando a entender perfeitamente que se não

fosse para dizer que o prédio estava pegando fogo, não era para cumprimentar.

\*

[Os apóstolos itinerantes precisam] ter vigilância com tudo isso. Os senhores são dentro da Congregação os que devem levar a vigilância até o auge, porque os senhores são os batalhadores isolados, e o isolado ou se defende bem ou perece.

Ninguém dentro da Congregação tem uma vocação que exige mais vigilância do que os senhores. A vigilância de um eremita de clausura tem que ser enorme, porque sem vigilância se vai para o inferno, mas ele é amparado por muitas circunstâncias. De um eremita itinerante idem. De um membro do Grupo que não é eremita idem. Os senhores que tem?

Se os senhores não fazem da vigilância a sua epopéia, os senhores não vão para frente.

\*

Bem, aí há uma série de coisas que os senhores poderiam se perguntar a si mesmos [e que ajudam] a formar uma idéia a respeito do código do procedimento interior do apóstolo itinerante. É assim que a gente consegue ter unidade de cogitação comigo, então as vias saem iguais à minha, porque quem tem as mesmas cogitações tem as mesmas vias<sup>858</sup>.

### 4. Nossa união estando perto e estando longe

Pergunta: Em que medida a união de alma com o senhor torna indispensável também a presença física?

Na medida seguinte: uma pessoa que tenha a oportunidade de estar comigo, conviver comigo e que não [me] procura, evidentemente priva-se de uma oportunidade de adquirir o meu espírito e revela nisso um relaxamento danoso para a sua alma.

Mas uma pessoa a quem Na. Sra. destina a ficar longe de mim, não pode estar prejudicada pelo fato de não estar em contato comigo. Esse contato comigo é de um valor que é sobretudo sobrenatural, para o qual não existe distâncias. De maneira que quando a vocação é esta, tenha confiança, porque não será prejudicado.

### 5. Oração da manhã e oração da noite para o apóstolo itinerante estar unido a mim

<sup>858</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68))

A oração da manhã e da noite, para o apóstolo estar unido a mim, não deve ser feita apenas como um católico em tese faria, fazendo abstração da vocação.

[Então], na oração da manhã oferecer a Nossa Senhora, não o dia de um católico qualquer, mas o dia de um católico gratuitamente chamado, por uma misericórdia especialíssima, para uma missão especialíssima. E que portanto oferece a Ela todas as lutas, todos os esforços que faça para reconhecer essa missão.

Que por isto pede a Ela que lhe dê todas as graças que Ela tenha para lhe dispensar, inclusive e especialmente aquelas graças que Ela dá para mim, para que depois se infundam nos senhores, pela mediação, pela união que entre os senhores e eu deve haver.

Que os senhores querem proceder em cada ocasião de tal maneira animados pelas graças que recebem a distância de mim --porque para a gente receber a graça não precisa estar na mesma sala, pode estar um em um lugar e outro noutra que a graça vem perfeitamente--, que tudo quanto os senhores façam seria como se eu estivesse fazendo. Amém. Está feita a oração da manhã.

A oração de noite é uma ação de graças pelo bem que fizeram, e um pedido de perdão pelo bem que deixaram de fazer e pelos pecados que cometeram.

Pedir também uma noite santa, quer dizer, cheia do repouso necessário para dar vontade de trabalhar --não do repouso do preguiçoso que tira a vontade de trabalhar--; livre das tentações, sobretudo do ponto de vista da pureza; sobre a qual vele o anjo da guarda; e que enquanto os senhores estiverem dormindo ou quando os senhores estiverem lutando para manter a pureza no período anterior ao sono, Nossa Senhora queira olhá-los como filhos dEla, que Ela quis que fossem filhos meus, e que Ela os preserve pela união que os senhores devem ter comigo.

Aí está feita a oração da noite.

## 6. A tibieza dos apóstolos itinerantes é a maior tristeza de meus dias

Nosso Senhor no alto da cruz sofria mais pela infidelidade dos Apóstolos do que por todos aqueles pecados que se cometiam em torno dEle.

Por causa disso, o verdadeiro católico deve sofrer mais com a tibieza dos maus católicos do que com a maldade dos que não são católicos. O membro da Congregação deve sofrer mais com a tibieza dos membros da Congregação do que com a tibieza e a maldade dos católicos em geral. E eu devo sofrer mais com a tibieza dos apóstolos itinerantes e dos eremitas de apostolado individual, do que eu devo sofrer com a tibieza de muitos outros dentro da Congregação, porque são os filhos a quem Nossa Senhora amou mais e trouxe mais para perto de Si. Ver que estes possam ser ingratos, possam ter aquela mistura de quente e frio que é a tibieza, isto a mim causa dentro da tristeza a maior tristeza de meus dias <sup>859</sup>.

### B. Com outro apóstolo itinerante

#### 1. Respeito, afabilidade e perdão, notas dominantes do relacionamento entre dois apóstolos itinerantes

Imaginem que eu tomo 2 [cooperadores], velhos conhecidos, do mesmo grupo e os mando juntos serem apóstolos itinerantes numa cidade. [E depois] eu pego 2 [cooperadores] que não se conhecem quase, que são de grupos diferentes e mando juntos para uma mesma cidade como apóstolos itinerantes.

Em qual das 2 duplas é mais fácil manter o tônus de relações recíprocas próprias à vocação? Na segunda. Porque dois que moram há muito tempo no mesmo grupo acabam passando pela seguinte deformação: um não vê mais no outro um membro do Grupo, mas vê o fulano com todas as características individuais, os defeitos, prosaísmos, etc., que a gente conheceu no Grupo.

Agora, quando pelo contrário são dois que se conhecem pouco, é mais fácil não ver tanto o indivíduo quanto o membro do Grupo.

Amizade é antes de tudo respeito. Qualquer homem verdadeiramente varão o que deseja do outro mais que tudo é respeito. Em segundo lugar, afabilidade. Em terceiro lugar, perdão.

O ponto de partida do êxito de uma [dupla de apóstolos] itinerantes é saber praticar de um modo eminente essas 3 virtudes de um para outro. Porque se os dois tiverem essa relação calcada assim, toda colaboração é boa e o apostolado é fecundo. Se não tiverem essa relação a coisa fracassa. Começam as divisozinhas, não se entendem bem, etc.

<sup>859</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

Portanto eu recomendaria que os Srs. se tratassem por senhor, como se costuma fazer no Grupo. Depois falassem entre si sobre matérias de apostolado, sobre as notícias que vem de São Paulo, alguma coisa de política internacional ou nacional. E evitem outras prosas. Às vezes alguma coisa prática: "o Sr. sabe onde se compra tal coisa na cidade? eu gostaria de um dentista, o Sr. sabe onde tem um?" Fora disso, evitem de conversar um com outro.

Por que? Porque começa uma conversa muito cordial, [depois] a conversa baixa de nível, entra a megalice e cada um pensa do outro: "como ele é mega, que coisa desagradável". No [final], não podem nem se olhar. É o que o excesso de intimidade produz.

[Notem que] nesse silêncio entra uma nota semi-eremítica <sup>860</sup>.

## 2. Pontos do capítulo de culpas de uma dupla de apóstolos itinerantes

Para os apóstolos itinerantes que vivem em dupla [numa cidade], o capítulo de culpas perfeito deveria começar por manter entre ambos um clima de relações cavalheirescas, sem megalices.

O que é a relação cavalheiresca? É antes de tudo considerar que o outro é um membro da Congregação, é um apóstolo itinerante, que tem uma vocação muito especial, é uma chama acesa naquela cidade para convertê-la, e que portanto deve ser tratado com muito respeito.

Então, ter no trato mútuo o perfeito respeito apesar dos defeitos. Porque defeitos vão aparecer. Mas considerando que Nossa Senhora mantém nele aquela vocação, ter paciência e continuar a ter respeito apesar dos defeitos que notem. Não implicar, não procurar corrigir com mau humor, aceitar com humildade as impertinências e até os abusos (\*). Porque dois em que um não esteja disposto a aceitar o abuso um do outro, não podem conviver. Porque de todo convívio sai o abuso.

-----(\*) Eu me lembro que no tempo em que o Grupo constava de 7 ou 8 pessoas, nós de vez em quando íamos fazer excursão. Havia um amigo a quem freqüentemente caía de dormir em meu quarto.

Ora, há qualquer coisa em mim que define, que põe limites. E no subconsciente, quando entrava num quarto com um outro, dividia o quarto por um biombo ideal invisível: "ali é o seu reino, aqui é o meu. Nada meu passará para lá, mas teu para cá também não. Olha aqui tem esse limite, que é o be-a-bá de nosso bom convívio".

Mas ele em poucos momentos se esparramava pelo quarto inteiro. Acontecia por exemplo de encontrar no meu criado mudo, não sei como, o pente dele.

Eu era mais novato e não percebi quanto mal eu fiz resmungando várias vezes com ele contra isso. Ele ficava tristonho, abatido até o resto do dia.

Eu deveria ter feito outra coisa: é ter deixado calmamente, não passar nenhum objeto meu para lá, deixar que objetos dele invadissem os meus rincões quanto ele quisesse e ainda ajudá-lo a procurar. Porque é assim o respeito.

-----  
É preciso perguntar se além disso um reza pelo outro. Nota um defeito no outro, antes de corrigir, reza para o outro se corrigir? É preciso ainda ver se um ajuda o outro ou empurra a tarefa para o outro. E eu creio que o primeiro exame de franqueza de um diante do outro deveria ser a respeito deste ponto: em quê um e outro nas relações mútuas não andaram bem?

Depois poderia ser a respeito dos pontos em que um nota que desedificou o outro, teve meios mundanos, estava passeando fora de casa sem razão, isso e aquilo outro.

Depois então sobre coisas mais interiores, na medida em que esses pontos anteriores andam bem. Esses pontos preparam para uma santa franqueza mais profunda. Enquanto não houver esse clima, a santa franqueza se torna impossível <sup>861</sup>.

## C. Com os CCEE

Exceto nas cidades muito grandes --Belo Horizonte por exemplo, onde é preciso ter um departamento de CCEE--, o apóstolo itinerante poderia ser o detectador dos simpatizantes que figuram no Grande Fichário e que ainda não foram visitados, para ver se eles servem para CCEE.

Agora, os que já são CCEE, os Srs. devem visitar, por 2 efeitos:

Uma coisa que empurra de lado o sujeito é ele saber que a Congregação tem uma sede nesse lugar e nunca foi visitado pelo rapaz que dirige o apostolado, entretanto recebe cartas do Departamento Nacional de CCEE. Há uma

<sup>860</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

<sup>861</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

bipartição que trinca o CCEE injustamente. Quer dizer, uma das primeiras coisas que o apóstolo itinerante deve fazer chegando no lugar é visitar o CCEE (\*) e dizer: "Sr. fulano, Sra. fulana, quando nós tivermos a nossa sede bem organizada, que fique merecendo uma visita do Sr. ou da Sra., neste caso nós o convidaremos logo para vir". E de fato convidem.

-----(\*) Isso deve ser até objeto de um relatório enviado à Comissão do Movimento, a qual por sua vez encaminha para o DNC. O relatório deve corresponder às seguintes perguntas: o que que o DNC pode esperar daquela pessoa e também o que rezear, as opiniões que tenham, as coisas singulares que tenham.

Em segundo lugar, para afervorá-lo, dar-lhe mais entusiasmo, etc. Agora, quantas vezes visitar? Aí há a seguinte coisa muito delicada: O CCEE às vezes por ser muito bom toma-se de uma espécie de papaisismo ou de mamaesismo em relação à Congregação. Então está o dia inteiro na sede, faz bolo para o pessoal da sede, convida para o aniversário e incorpora à família. É um sentimento muito louvável, mas que não corresponde à nossa vocação. Exatamente porque nós sabemos quanto a família é uma instituição atraente, e porque nós queremos fazer a Na. Sra. o sacrifício da renúncia à vida de família para nos dedicarmos a essa luta.

Nossa posição é como a de um convento da Igreja constantiniana, que era visitado muito raramente pela família, não vivia zumbindo com a presença dos familiares, porque deixava de ser convento.

Então é preciso fazer com que o CCEE vá à sede para visita, quando muito uma vez, no máximo 2 vezes por ano. Agora, quando tem uma conferência, qualquer outra coisa assim, então convida muito amavelmente.

Isso deve ser feito com suma amabilidade, com suma gentileza. E se uma vez tira o corpo, noutra ocasião seja muito amável a respeito de um assunto, etc. Eles pedindo algum pequeno serviço, façam sempre. Por exemplo, vamos dizer, "você quando é que vai para SP? pode me arranjar em SP tal remédio em tal farmácia?", etc. Os Srs. devem fazer com muita boa disposição, "ah, pois não", e comprar mesmo, não zupar, nem nada disso.

#### D. Com as autoridades

Numa cidade de 100 mil, 200 mil habitantes --não nas cidades grandes, nem médias como Ribeirão Preto--, os Srs. devem procurar conhecer --pelo menos de vista-- e começar a cumprimentar com a cabeça amavelmente o delegado, juiz de direito, prefeito, promotor público e outras autoridades assim mais gradadas do lugar, inclusive também padre, para criar um ambiente [e porque] para as famílias impressiona bem verem que os Srs. são conhecidos por essas pessoas. Conversar não, porque vai dar briga <sup>862</sup>.

### V. SEU ORDO

#### A. No tocante ao programa do dia

É preciso estabelecer com [a Comissão do Movimento] um horário, um estilo de vida, um regulamento pelo qual os Srs. saibam o que fazer e não fiquem naquela indecisão, que muitas vezes leva a minha geração nova a não fazer nada. Porque entra dentro do quarto e diz: "bem, agora então o que é que eu vou fazer? vou rezar o ofício? talvez, estudar? talvez, preparar tal coisa para tal hora de apostolado? talvez. Qual das coisas é mais perfeita? Não sei. Então o que é que eu faço? Nada!"

Um regulamento introduz ordem na vida e na pessoa --a pessoa se torna de uma lógica, de uma clareza que não tinha antigamente.

Eu quisera que houvera então uma regra estabelecida, por onde, em primeiro lugar, os Srs. sempre interrompam qualquer coisa para fazer apostolado; em segundo lugar, terminado o apostolado, os Srs. saibam retomar o fio da meada da vida eremítica (cfr. Sexta Parte, I, B).

[Mas] não deve ficar à vontade do apóstolo, quer dizer, se ele não tem vontade, não tem conversa, faz aquilo sem vontade, deve ser uma coisa automática e que dispense as hesitações --porque na geração nova a hesitação gera insegurança e a insegurança é a fonte de toda frustração e depressão <sup>863</sup>.

O apóstolo itinerante, por exemplo antes de dormir ou de manhã cedo, pode fazer o plano do dia: "hoje normalmente devo fazer tais coisas e em tal ordem, as farei nessa ordem a menos que haja um obstáculo de força maior" e pode dar contas à Comissão do Movimento se a ordem que ele tomou para cada dia foi cumprida ou se deixou de ser cumprida por culpa dele. Se deixou de ser cumprida sem culpa dele, há até mérito em alterar a ordem.

<sup>862</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 9/9/77 (ER 96)

<sup>863</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 4/1/72 (ER 136)

Recomendo nunca deixarem a obrigação mais desagradável e difícil para depois. Não há coisa mais errada e pior do que isso. O verdadeiro é quando a gente tem várias ocupações no dia, marcar a mais desagradável para logo que possa. Porque se eu tenho uma tarefa muito desagradável que o dia inteiro vou empurrando para a noite, eu passo o dia inteiro com aquela perspectiva de que à noite vou ter que fazer aquilo. E se pelo contrário, logo no começo do dia eu pulo em cima da coisa, eu passo o dia tranquilo <sup>864</sup>.

Sempre que um homem dotado de sabedoria tem de fazer 2 ou mais coisas, ele deve fazer o mais importante, o mais urgente e deixar as outras coisas para depois. Quer dizer, deve fazer uma hierarquia de valores.

## B. No tocante à vida de pensamento

Como é que gente não habituada ao estudo estuda? <sup>865</sup> a) Antes de começar a leitura ou o estudo, [os senhores deveriam] ajoelhar, fazer o Nome do Padre, rezar as orações do Grupo, oscular o chão e sentar-se. No fim rezar a mesma coisa <sup>866</sup>. b) Deveriam se sentar numa sala diante de uma mesa --não numa poltrona--, com papel para tomar notas. Não diante de uma janela com bonito panorama. É com a parede diante dos olhos; quando muito, iluminando a parede, uma imagem de Nossa Senhora ou de algum santo <sup>867</sup>.

c) Deveriam ter 30, 35 minutos por dia, marcados, distribuídos mais ou menos assim: 20 minutos recordações de SP e leitura de algum livro espiritual --São Luís Maria Grignon de Montfort e algum outro bom livro espiritual--; 15 minutos de leitura de coisas vindas de SP. Às vezes, mais do que isto. [De maneira a] estar ao par para poder conversar. Então, uma parte do tempo para lembrar as coisas antigas e outra parte do tempo para aprender as coisas novas <sup>868</sup>.

d) Quietos, nada de círculos de estudos <sup>869</sup>.

e) Não pode interromper durante esse tempo para falar com ninguém, a não ser em caso de urgência. Sendo caso de urgência, interromper por pouco tempo. Tendo havido interrupção, é preciso ajoelhar-se, oscular o chão e levantar-se de novo. Há 2 espécies de interrupções: interrupção dentro da sala, interrupção fora da sala. Interrupção dentro da sala por menos de 2 minutos não precisa oscular o chão; por mais tempo do que isso é preciso oscular o chão.

f) Proibir certas coisas, por exemplo do gênero de [estudar] sem sapato <sup>870</sup>.

g) E depois alguém vai lhes fazer um interrogatório e dar nota <sup>871</sup>.

h) Anexo a isso, ou em outro [momento], pelo menos 15 minutos de preparação de reunião, contada a relógio. Para o brasileiro a melhor preparação da reunião é ler e falar logo depois "ex abundantia cordis".

Um regras assim dão ao indivíduo mais penetração do que ele está fazendo.

\*

É preciso distinguir tipo de leitura que se presta para conversa e tipo de leitura que só se presta para conversa de grande porte de vez em quando.

Tipo de leitura para conversa são: História do Brasil ou de fora do Brasil, e História Sagrada.

[Das reuniões que eu faço], não se tira diretamente matéria para conversa com os apostolandos [que estão se aproximando], porque a cabezinha deles é muito vazia. Eu me pergunto, às vezes, se "Recortes do dia" para eles não é mais "parlant" [do que as reuniões que eu faço].

A conversa geral não é com os [apostolandos que estão na fase de formação], mas com os apostolandos [que estão na fase de aproximação].

\*

(Os formandos já são capazes de estudar os boletins). Se os formandos forem obrigados a ler com o formador, eles entre si podem conversar um pouco mais e dar um certo alento ao formador. Então seria preciso pensar num tempo de leitura ou de estudo do formando <sup>872</sup>.

\*

<sup>864</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/9/72 (ER 138)

<sup>865</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>866</sup> Despachinho 19/4/85

<sup>867</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>868</sup> Reunião propulsores de apostolado 19/4/85 (RN 666)

<sup>869</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>870</sup> Despachinho 19/4/85

<sup>871</sup> Reunião do 24/7/84

<sup>872</sup> Despachinho 19/4/85

[Agora, se aquilo que a gente estuda] não for decorado, eu não creio que adiante. Porque decorando fixa na memória. Quando a gente sabe bem alguma coisa de cor, involuntariamente aquilo volta para a cabeça. E aí a coisa pode entrar. Decorar para a minha querida geração nova equívale a meditar.

Todos devem procurar entender inteiramente relendo muito. Mas o eremita [de Ativismo Individual] deve procurar entender tão bem, que ele possa fazer uma conferência sobre aquilo. Porque a coisa inteiramente bem entendida é uma coisa sobre a qual a gente possa fazer uma conferência clara, que os outros consintam em ouvir. E decorar além disso.

Salmodia é um modo magnífico de decorar as coisas <sup>873</sup>.

\*

Eu aprovo de todo coração, e ainda aplaudo por cima da aprovação, [que os senhores dedicassem um período do dia para fazer recolhimento]. Mas com uma condição: é que a matéria para encher esse tempo não fique ao exclusivo critério dos senhores. Os senhores recebem de São Paulo a matéria indicada e respondem a um questionário sobre essa matéria <sup>874</sup>.

### C. No tocante à abordagem

[Conviria] que a saída apostólica para a pesca improvável fosse precedida de uma oração, de joelhos. Poderia ser as orações do Grupo ou qualquer outra oração. Voltando à sede rezariam um "Confiteor" a Nossa Senhora pelas faltas que tenham tido durante o trabalho. Pediriam a Ela que aceitasse no espírito da Sagrada Escravidão de São Luís Maria Grignon de Montfort o trabalho feito e continuariam em paz.

Para isso o segredo é: se não rendeu nada, ficar tão contente como se tivesse rendido tudo. Não calcular isto de acordo com o fruto. Calcular de acordo com o esforço <sup>875</sup>.

### D. O Ordo precisa ser aprofundado e acrescido continuamente

Há o perigo de a regra ir parecendo meio velha, meio surrada. A regra é como uma planta, normalmente ela cresce, e ela só é interessante porque vai crescendo.

Eu recomendaria que os senhores de vez em quando meditassem a regra e nunca deixarem que a regra esteja presente aos senhores com aspectos novos e conseqüências novas. A regra tem que ser aprofundada, senão ela perde a sua beleza. E de vez em quando, para os que quiserem, acrescida <sup>876</sup>.

## VI. Pontos do exame de consciência do apóstolo itinerante

<sup>877</sup>. Acho que valeria a pena fazerem exame de consciência, de vez em quando, [a respeito dos seguintes pontos]

- Se os senhores se lembram bem que eu inúmeras vezes penso nos apóstolos itinerantes, no que que estarão fazendo, como é que estarão indo as coisas, etc. <sup>878</sup>

- Se [o que eu disse a respeito da importância dos grupos locais do Brasil] esteve presente no espírito dos senhores, ou se esqueceram disso e fizeram um apostoladozinho puramente individual nas proporções de Tambaú <sup>879</sup>.

- Se tem bem em vista [as regras da arte da conversa] e sobre o modo como estão utilizado [as regras], quer no apostolado, quer nas conversas do Grupo <sup>880</sup>.

- Se estão sabendo detectar os ultramontanáveis, se estão sabendo isto, aquilo e aquilo outro. Aí os senhores terão lucidez na ação e saberão pedir instruções para a Comissão [de Expansão] <sup>881</sup>.

- De quantas brincadeiras fizeram <sup>882</sup>.

<sup>873</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

<sup>874</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>875</sup> Reunião eremo Nossa Senhora do Bom Sucesso 20/3/79

<sup>876</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)

<sup>877</sup> Reunião preparatória do I Capítulo dos Apóstolos Itinerantes, março de 77; e Texto sem data, do ano 66, título originário "A arte de conversar II" (RN 61)

<sup>878</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)

<sup>879</sup> Reunião preparatória do I Capítulo dos Apóstolos Itinerantes, março de 77

<sup>880</sup> Reunião propulsores de apostolado 19/4/85; e Texto sem data, do ano 66, título originário "A arte de conversar II" (RN 61)

<sup>881</sup> Reunião do 30/7/71 (ER 134)

<sup>882</sup> Palavrinha 22/5/88 (RN 682)

- Do efeito que, durante a visita e depois da visita [a um apostolando], as moças que [eventualmente] haja na casa do apostolando estão exercendo sobre os senhores <sup>883</sup>.

Não julgo prudente que os assuntos mais íntimos referentes ao sexto mandamento sejam objeto de um controle mandado por correio à Comissão do Movimento.

Mas aqueles que queiram, [podem] mandar um controle sobre como foi a observância quanto a evitar conversas com pessoas de outro sexo, evitar proximidade de quiosques, cinemas, não ler revistas nem jornais. Agirão muito prudentemente, porque o homem controlado vale por dois.

- Das obrigações fixas --que daqui a distância a gente já pode saber quais são-- e do modo de se controlarem quanto ao programa do dia que os senhores se fizeram a si próprios <sup>884</sup>.

- Se [no programa das ocupações do dia] hierarquizaram adequadamente os valores das várias coisas <sup>885</sup>.

## VII. O princípio de subsidiariedade no apostolado e na administração da sede

[Um membro do Grupo] não deve ter a idéia de que ele é o dono de seu cargo, nem de que ele é de tal maneira competente que ou ele faz individualmente aquilo ou ninguém faz, e que se alguém meter a mão naquilo, vai água abaixo.

Isso é falso e não tem as bênçãos de Nossa Senhora. Os senhores querem uma administração fracassada? É do indivíduo que julga que deve ter tudo nas mãos.

No apostolado também. Quem julgar que é dono de fulaninho que está trazendo para dentro da Congregação, e que se um outro fazer apostolado com aquele fulaninho está nos roubando [o rapaz], êste tenha certeza que não terá bom resultado. Porque tira a graça, e sem a graça não se faz nada. Então se no apostolado mais alguém quiser agir, a gente [facilita].

A gente deve aplicar --e foi o que eu apliquei a vida inteira-- o princípio da subsidiariedade.

O que é o princípio da subsidiariedade? Subsidiar é dar um auxílio para outro. Por exemplo um fazendeiro não tira subsídios de sua fazenda, aquilo é dele, mas um irmão dele que tem uma fazenda ao lado pode dar-lhe um subsídio, quer dizer, fornecer ferramentas, fornecer casa para colocar seus colonos, etc. O princípio da subsidiariedade é o princípio pelo qual os homens se subsidiam uns aos outros. Cada homem tem lacunas que devem ser preenchidas, subsidiadas pelos outros.

Eu, diante das minhas carências, coloquei-me quadradamente assim: "de tais coisas eu sou capaz, de tais outras eu não sou; vou procurar nos meus auxiliares quem seja capaz de fazer aquilo que eu não sei fazer e confiar a ele a tarefa de me ajudar". Nunca procurei açambarcar alguma coisa inteiramente nas minhas mãos. Eu dou carta branca para os chefes de grupo. A razão disso é o princípio da subsidiariedade.

Então, logo que possam, vão confiando a um novato uma tarefa <sup>886</sup>.

\*

No jogo de xadrez, o rei é a peça principal, tem apenas o suficiente de movimento para não se deixar devorar, só, mas é em torno dele que se joga todo o jogo.

Num grupo numeroso, o chefe do grupo não deve perder tempo fazendo ele mesmo o apostolado. Mas ele deve estar propulsando os [enjolhras] para que façam apostolado aqui, lá e acolá: "Você já esteve em tal lugar? Olhe, eu estive vendo, ali tem uma faculdade. Você já esteve na saída daquele colégio? Tal coisa assim você já distribuiu em tal lugar? Você viu tal mocinho que é muito aproveitável? Você já tratou de estar lá na hora em que ele espera o ônibus para puxar prosa com ele?"

Esse é o papel do rei: move as outras peças e se move pouco, ele é o propulsor.

Mas acontece que ninguém é propulsor sem de vez em quando fazer aquilo que ele impulsiona os outros a fazer. E por causa disso, o encarregado do apostolado dá 90 e tanto % do seu tempo para propulsão e um tanto % de seu tempo para ele mesmo fazer apostolado.

Então o chefe não pode ter descanso, a toda hora [tem que estar] descobrindo campos de apostolado novos, indivíduos novos, propulsando este, aquele, aquele outro <sup>887</sup>.

\*

<sup>883</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)

<sup>884</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/9/72 (ER 140)

<sup>885</sup> SD 30/6/70

<sup>886</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

<sup>887</sup> Reuait 23/1/84



(Para evitar que os apóstolos se deixem absorver pelos assuntos administrativos, pergunto se) esses rapazinhos não poderiam ser concentrados em algumas atividades administrativas, bem mais cedo do que de fato são, ainda que fossem coisas administrativas elementares? Porque há alguns que realmente tem feito --meio por infidelidade ou por vocação-- que dão mais para administração, e há outros que dão mais para apostolado <sup>888</sup>.

Há 2 filões na Congregação, ambos indispensáveis para que a Congregação viva. Uns são chamados mais para o apostolado. Outros são chamados para essa forma de apostolado que não é tanto de tratar com terceiros, de fora ou de dentro do Grupo, mas de manter "a maquininha", a administração interna, finanças, contabilidade em dia, etc. <sup>889</sup>

## SETIMA PARTE - ANEXOS E CONEXOS

### I. O FATOR FAMÍLIA

#### A. A proibição de freqüentar a sede

##### 1. Condições para proibir total ou parcialmente um rapaz de freqüentar a sede

Um principio de ação que estava em vigor até agora era o seguinte: a gente só aceita no Grupo o menor de idade que os pais permitirem que freqüente, e só afasta o menor de idade que os pais proibirem de freqüentar. Enquanto os pais não tenham proibido, por mais desagrado que mostrem, não se põe fora.

Essa regra é substituída pela seguinte: na família onde haja um descontentamento grosso e durável, o rapaz deve ser posto em regime especial, e conforme for, excluído do Grupo (\*), com suma amizade, com suma consideração (\*\*). Essa [exclusão] nunca é uma expulsão, mas é um pedido de afastamento temporário.

-----(\*) O que significa um descontentamento grosso? O que é grosso no caso? Como é que os Srs. diante de um descontentamento vão qualificar como grosso?

O descontentamento grosso é um descontentamento do qual a gente acha provável que a qualquer momento tanto pode arrebentar quanto não arrebentar uma briga séria entre os pais e o filho. [Há 50% de probabilidade num sentido e 50% de probabilidade noutro sentido].

Se for uma coisa que desde já fica bem mais perigosa do que grosso --há 70 % de probabilidade que o pai ou a mãe vai criar caso--, o apóstolo deve tentar uma visita para tranquilizar, e se a visita não der certo faz sair logo.

O que se chama uma tensão durável? É aquela que não se desfaz [apesar] de a gente empregar os meios para desestufá-la --uma visita à família, uma coisa assim-- durante um mês.

Agora [notem], nós não podemos perder a cabeça e com qualquer caso já estar pondo fora <sup>890</sup>. E se se trata de um rapaz excepcionalmente bom, que dá excepcionais esperanças, que merece uma assistência especial, vamos estudar o caso concreto <sup>891</sup>.

(\*\*) Se for o caso de pôr o rapaz em regime especial, a gente não deve dizer a ele que ele vai ficar em regime especial, porque atordoia o rapaz. Mas deve explicar a ele: "à vista da situação que está em sua casa, nós não podemos conduzir o caso como se conduz o caso de qualquer um. É um caso tenso. Então você precisa empregar certas precauções, como por exemplo ficar na sede estritamente o número de horas que seu pai manda, estudar estritamente o que seu pai quer, etc."

Se for o caso de excluir a ele do Grupo, dizer: "fulano, você compreende, você é menor de idade, sua família está manifestamente desagradada com você pelo fato de você freqüentar o Grupo. Quem sabe se é melhor você passar algum tempo sem freqüentar, para evitar o pior, porque de repente eles proibem você de comparecer e nós não podemos conversar com você nem na rua. E agora não, você sai, nós podemos encontrar você na rua e conversar um pouquinho. Quando o ambiente estiver mais sossegado, você volta a freqüentar" <sup>892</sup>.

-----

A qualquer momento a máquina pega uma família [nessas condições] e desnatura as relações dela conosco, calunia, etc. Uma família em estado crônico de desconfiança sobressaltada, [facilmente pode] aderir a uma campanha contra nós <sup>893</sup>.

Portanto, o apóstolo itinerante deve estar ao par com os rapazes se há alguma encrenca em casa. Não deve manifestar-se preocupado com isso, perguntando a toda hora, porque isso pode dar caraminhola na cabeça do rapaz. Mas num ambiente distendido, normal, ele deve estar de fato atentíssimo: "então em casa o que que dizem sobre a

<sup>888</sup> Despachinho II, 23/7/86

<sup>889</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

<sup>890</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 9/9/77 (ER 196)

<sup>891</sup> Reunião propulsores de apostolado 11/12/84

<sup>892</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 9/9/77 (ER 196)

<sup>893</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 9/9/77 (ER 196); e Reunião propulsores de apostolado 11/12/84

Congregação? o que que comentaram sobre tal fato da política internacional ou da política nacional?", ou então se a Congregação sai com um comunicado o que que comentaram do comunicado, porque por aí [aparecem] os comentários a respeito da própria Congregação.

O rapaz dizendo alguma coisa, a gente deve aproveitar a ocasião, nunca com ar alarmado, sempre com um ar muito distendido mas muito atento: "ah, mas o que que disseram da Congregação? o que que você respondeu? Ah, sei. O ambiente no que é que ficou? Está bom". Depois muda para um assunto alegre. Mas registro, prestando atenção, para saber bem que relatório fazer imediatamente para São Paulo.

\*

Pergunta: se o pai assinou aquela autorização para o filho poder freqüentar a sede, mas depois voltou atrás e proibiu o rapaz, de nossa parte também temos que proibir a ele?

Tem que ser, porque [o pai] vai dizer: "é verdade, eu assinei essa autorização no começo do ano, agora nós estamos em abril, essa Sociedade mudou completamente de aspecto" <sup>894</sup>.

\*

(Quando a família proíbe um rapaz, não é o caso de obter o documento por escrito, formalizando a proibição. Porque um certo número de proibições verbais são revogadas pelos próprios pais, e havendo uma proibição por escrito, é mais difícil eles voltarem atrás) <sup>895</sup>.

\*

Seria preciso consultar por escrito o advogado se a fórmula [da autorização para freqüentar o Curso SJB] implica na autorização de fazer parte de campanhas públicas da Congregação. E se os rapazes que vão passar períodos em êremos, precisam uma licença especial dizendo que é Êremo <sup>896</sup>.

\*

Pergunta: Quem [não] tem 21 anos mas é emancipado e a família é contra o Grupo? Se é emancipado o rapaz deve dar-nos o documento de emancipação para ser examinado pelo [advogado. O advogado] considerando que o documento é inteiramente legal, etc., o rapaz deve ser tratado como maior de idade.

\*

[Agora, a respeito da autorização dos pais para o rapaz freqüentar a sede, há mais uma coisa]: Eu não quero que a Congregação tome ares de uma associação que acha normal que se suspeite dela e por causa disso eu quero adotar uma espécie de meio termo, que seria o seguinte:

Uma carteirinha de cooperador, válida por um ano, côr verde para os maiores de idade e côr vermelha para os menores de idade.

Na carteira para o menor de idade deveria vir ao lado a assinatura do pai. Então "papai, o Sr. quer assinar aqui?", o pai assina. Quer dizer, não é um pedido de autorização, que seria um pouco humilhante para nós, mas é uma bela tangente.

## **2. A culpa pela proibição não é nossa. Fidelidade do proibido**

Os Srs. dirão: "mas nós não temos pena desse coitado?"

Eu tenho pena desse coitado, mas tenho pena sobretudo dos outros coitados que ficarão no olho da rua se a Congregação for fechada. E sobretudo eu olho para Nossa Senhora, cuja glória vai ficar prejudicada pelo fechamento da Congregação. Isto é amar a Deus sobre todas as coisas.

Alguém dirá: "E nosso recrutamento?" Eu respondo: e nossa sobrevivência? Depois de dissolvida a Congregação nós vamos recrutar quem? aonde? para que?

Eu sei que vai diminuir o nosso recrutamento, e que muitas almas infelizmente poderão ir para o inferno com isso, porque caem depois na Sodoma e Gomorra do mundo contemporâneo. Mas a culpa não é nossa.

No total se os rapazes forem fiéis, Nossa Senhora vai protegê-los. Os Srs. não devem pensar que o rapaz que fica assim excluído é jogado pela Providência sem misericórdia numa pocilga qualquer. O rapaz não está perdido por isto, a graça vai continuar a ajudá-lo, em condições mais difíceis, é claro. Por essa dificuldade tem responsabilidade os outros.

<sup>894</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 9/9/77 (ER 196)

<sup>895</sup> Despacho 27/5/93

<sup>896</sup> Reunião propulsores de apostolado 11/12/84

### 3. A semi-proibição ou "regime especial" consiste em ceder para não perder

Nas relações normais que todos os menores tem com seus pais, quando o pai quer uma coisa e o menor pede outra, daí resulta uma componente. Quer dizer, o rapaz tem liberdade de falar com o pai com uma filial e respeitosa insistência: "mas papai eu gostaria de tal coisa". Nós até com Deus somos assim: pedimos a Ele, por meio de Na. Sra., tal coisa que nós estamos querendo e que Ele não está nos concedendo.

Quando entra um regime especial [isto] não pode ser.

No regime especial [ou] regime de semi-proibição, o rapaz é obrigado a [tomar as seguintes] precauções super-especiais para poder ficar na Congregação:

1) O rapaz [deve] aceitar as ordens do pai quanto ao trabalho. Se o pai quer que o rapaz trabalhe numa coisa, o rapaz tem que trabalhar [nisso]. E não é só trabalhar porque o pai quer que trabalhe, é trabalhar onde o pai quer.

2) Comparecimento à sede. O número de horas deve ser dosado com o pai. Começando uma encrenca assim, o apóstolo itinerante deve visitar a família, e amavelmente, distendido, dizer: "vim aqui cumprimentar, vim explicar, vim conversar, etc., vamos ver o que que há". Se o pai dizer: "mas ele fica demais tempo na sede", o apóstolo diz: "bom, quanto tempo o Sr. acha que ele pode ficar na sede?", "no máximo uma hora por dia", "o Sr. tenha certeza que vai ser atendido". Pode até fazer um pouquinho de esforço sorridente: "Sr. fulano de tal, o Sr. vê que seu filho gosta tanto, o Sr. não permitiria 2 horas?". Se o pai não concorda, "está bom, o Sr. vai ser atendido" e exigir do rapaz. O rapaz entra, marcar no relógio, ao cabo de uma hora ele tem que sair (\*).

----- (\*) Pergunta: *O rapaz poderia se ver com membros do Grupo, fora da sede, sem que o pai soubesse?*

Sem que o pai soubesse não. [Porque podemos ser acusados de estar] induzindo o menor a fazer o que o pai não quer. Isso é crime.

Mas o pai sabendo, a gente pode conversar em casa com o sujeito. Escondido do pai, nunca, nada.

-----

3) [Quanto aos estudos do rapaz], se a família insiste "tem que entrar na faculdade tal e tem que se formar para a faculdade tal", o apóstolo diz "ah, pois não", e seriamente desiste de pôr o rapaz na faculdade que a gente quereria. Aí sim, e só aí se aplica o principio "ceder para não perder". E controlar o rapaz para saber se ele está estudando de acordo com o que a família mandou. Pelo seguinte:

Se o pai é muito hostil à Congregação, ele é [capaz] de deixar de insistir com o filho para estudar, para o filho levar bomba no exame e para poder se queixar da Congregação. Então nós temos que controlar os estudos do filho. E se o filho não estudar como o pai mandou, nós devemos ameaçar o filho de não o ter dentro da Congregação. Porque "papagaio come milho e periquito leva fama", quer dizer, o rapaz faz a besteira e a Congregação leva a fama. Não pode ser.

Se o rapaz não estudou bastante, avisar. Não mostrar medo de encrenca com o pai. Medo nós não devemos mostrar nunca. Mas nós devemos dizer o seguinte: "meu caro, vão dizer que você não está estudando por causa da Congregação, para nossa reputação é feio --nunca falar de estrondo--, cuide de andar direito e de estudar como foi mandado"<sup>897</sup>.

[Convém] cumprir esse trato virtual com cuidado, de maneira que [os pais] nem tenham a preocupação de exame. O ideal seria que eles tivessem o seguinte estado de espírito: "exame nem eu tenho que pensar, porque a Congregação me garante o rapaz com o diploma na mão"<sup>898</sup>.

4) [No tocante às finanças da família], nunca o rapaz deve tomar uma atitude que crie complicações financeiras com a família. Por exemplo, de repente inventa de ter uma motocicleta, ou de comprar um terno. Dizer: "você não deve criar questões econômicas em sua casa".

Os Srs. dirão: "ah, bom então só quando a família é abastada é que pode".

Também não pode. Muitas vezes a família abastada é mais sovina do que a família apenas remediada ou pobre. De maneira que complicação econômica não<sup>899</sup>.

<sup>897</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 9/9/77 (ER 196)

<sup>898</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 24/7/86

<sup>899</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 9/9/77 (ER 196)

## B. A encrenca com pais de cooperadores menores de idade e maiores de idade a propósito da história de seita e lavagem cerebral

O maior de idade, pela lei, [pode] fazer tudo o que a lei não proíbe ao comum dos cidadãos. Portanto ele pode sair de casa, morar onde entender e fazer o que quiser, não tem nem sequer uma obrigação legal de ter relações com a família (\*), e ninguém pode impor.

-----(\*) Vejam a distinção que há entre obrigação legal e obrigação moral. Pela moral católica, [a gente] tem obrigação moral de ter [relações] com os que nos são próximos: pai, mãe, irmãos, etc.

Outra coisa é a obrigação legal, sob pena de cadeia. Isto não tem obrigação. Se tivesse obrigação, não haveria ordens religiosas, porque a ordem religiosa convida o rapaz ou a moça --conforme seja uma ordem religiosa masculina ou feminina-- a sair de casa e ter com a família relações raras, de vez em quando, e integrar-se na ordem religiosa.

O único pretexto que [a família] tem para tirar o filho maior de idade da Congregação é a figura da lavagem cerebral. O pai diz para o filho: "você sofreu uma lavagem cerebral, está meio gagá e precisa ser levado para um estabelecimento onde você seja desprogramado".

Se [a gente] prova que não existe lavagem cerebral, os pais [ficam] sem nenhuma razão para alegar contra ele. E a investida cai <sup>900</sup>.

Então, se [o pai] vier falar de lavagem cerebral e seita, vocês devem responder com maneiras polidas, mas com linguagem violenta, o seguinte: Nós temos 40 testemunhos de grandes psiquiatras e psicólogos de fama internacional que dizem que a lavagem cerebral não tem conteúdo, é um embuste (\*). O senhor está sendo vítima de um assalto à boa fé pela imprensa e meios de comunicação social. Ninguém consegue definir o que é seita e o que é lavagem cerebral. Com que direito a lei pode impor que a pessoa se abstenha da frequência de uma certa organização por lavagem cerebral, quando não se sabe o que é lavagem cerebral, nem existe lavagem cerebral? Isso é um embuste!

901

-----(\*) Vamos supor que apareça 1, 2 ou 3 grandes médicos que digam que há lavagem cerebral. Eu não acredito, porque se fosse isso, já estaria... Mas vamos supor.

Então tem 40 que dizem que não há. Tem 2 ou 3 que dizem que há. É como homeopatia e aleopatia: uns médicos dizem que a homeopatia é bom sistema, outros acham que a aleopatia é bom sistema. Mas ninguém vai daí deduzir que uma corrente tem o direito de prender a outra.

Então, nós, na pior das hipóteses, temos direito de cidadania <sup>902</sup>.

Eu lhe dou um fascículo [sobre este tema], e o senhor leve para quem quiser, publique, consulte, mande verificar nas bibliotecas públicas se essas citações são autênticas, se esses homens tem os títulos que tem aqui. Agora, se tem esses títulos, se são autênticas, o senhor não venha me dizer que está habilitado a negar a opinião de todos esses.

\*

No que diz respeito ao menor de idade, é exatamente a mesma argumentação: o senhor tem o direito de levar o seu filho à hora que queira, porque está em desacordo com a doutrina que nós ensinamos, isso é com o senhor. Mas se o senhor dá como razão seita ou lavagem cerebral, eu protesto, porque o senhor está me qualificando pelo que eu não sou.

Nunca nos pormos contra a pessoa que está alegando isso. Mas sim contra quem persuadiu a pessoa disso.

[Convém que saibam disto] os meninos, porque isto vai para o ouvido dos pais, e os pais passam para os organizadores dessas máfias. De maneira que se saírem com essas máfias, compreendam que eles não conseguem nada, e que nós não somos bobos e estamos preparados a enfrentar de lança em riste.

[Também é preciso] ensinar os meninos a manusearem a argumentação (\*).

-----(\*) [Alguns argumentos são os seguintes]:1) Qual é a conexão que existe entre seita e lavagem cerebral? Não se define o que é seita, ninguém sabe o que é seita.

2) Alguns dizem que as grandes religiões antigas, por definição, não são seitas. Ora, o Hare Krishna é uma religião antiga, e entretanto é [tida como] seita. Depois, se é assim, NSJC teria fundado uma seita no começo <sup>903</sup>. E quem é que declara que é proibido tomar uma atitude nova em matéria de religião? <sup>904</sup>

<sup>900</sup> Despacho 28/11/84 e Eremos Itinerantes 29/11/84

<sup>901</sup> Despacho 28/11/84

<sup>902</sup> Eremos Itinerantes 29/11/84

3) O que define uma religião nova não-seita de uma religião nova seita? <sup>905</sup>

4) Há seitas anticatólicas e há coisas que eles chamam de seita e que são católicas. Por que? Porque pode um grupo de católicos --ou de católicas-- resolver viver à parte, dedicados a seus ideais, vivendo mais ou menos como uma ordem religiosa.

Nós temos um longo parecer de um dos maiores canonistas do mundo dizendo que isso não é seita, e que a Igreja hoje em dia encoraja a formação desses organismos.

5) Segundo os partidários da lavagem cerebral, tudo quanto se faz nos conventos e escolas militares é lavagem cerebral. E se uma pessoa tinha uma conduta e muda bruscamente de procedimento, é prova de lavagem cerebral. Então São Paulo no caminho de Damasco sofreu lavagem cerebral. Uma pessoa muda de roda de amigos bruscamente: lavagem cerebral. Entra para o Grupo, deixa os amigos de perdição que tem, toma os nossos amigos: lavagem cerebral <sup>906</sup>.

-----

\*

[Quanto ao] caso do Mutuca é preciso [mostrar] não só o [parecer do] Pe. Vitorino, mas também aquele artigo onde desafio o OF e encerro a polêmica enquanto ele não tratar daquilo. Sublinhar aquilo e dizer: "olha aqui como ficou, ele tapou a boca do Mutuca". Seria interessante ter a disposição exemplares mimeografados disso, para eles levarem junto <sup>907</sup>.

### C. Nosso "discurso"

#### 1. O que dizer a respeito da Congregação?

É preciso que o rapaz nunca seja levado a ocultar à família o que é a Congregação. Nós nunca dizemos ao rapaz para ocultar. Mas acontece que muitos rapazes de medo de briga em casa não contam o que é a Congregação.

Os Srs. devem combinar com eles o que devem dizer a respeito da Congregação. E que é o seguinte:

1) *O Brasil está sofrendo uma agressão comunista --e os Srs. levem fascículos sobre a gravidade do perigo comunista no Brasil.*

2) *O terrorismo comunista não constitui um problema, porque está sendo controlado pelos militares. Mas a propaganda comunista...*

3) *Por propaganda se perde uma guerra hoje em dia. Essa ofensiva é a famosa guerra psicológica revolucionária. Essa propaganda só com contra-propaganda se resolve. A Congregação, a maior entidade civil anticomunista do Brasil, faz a contra-propaganda.*

*A Congregação não é uma entidade anti-terrorista, ela não é feita para capturar terrorista, estar mexendo com comunista que está armado com bomba na mão isso é trabalho dos poderes públicos.*

*Nós não fazemos isso porque o civil não faz isso e porque as Forças Armadas tem feito esplendidamente. Nós fazemos uma propaganda doutrinária anticomunista. Seu filho não corre o mínimo de risco de vida nessa propaganda. Mais ainda, o Sr. não pense que seu filho vai procurar o comunista para discutir com ele, porque não é nosso método. Nosso método é procurar os que não são nem comunistas nem anticomunistas, e fazer destes anticomunistas militantes. Portanto a confrontação com o comunista que sua Sra. pode recear, essa não se dará, a menos que o comunista venha procurar. Aí ele discute cortesmente. Nós nunca tivemos um incidente de tapa ou pontapé com algum comunista que viesse discutir conosco. Eles sabem que se sair encrenca, a policia cai em cima deles, porque a policia mantém a ordem pública, eles sabem disso e não vão criar caso.*

4) *Meu caro senhor, seu filho está defendendo o Brasil, como eu estou defendendo. Eu --apóstolo itinerante-- podia estar ganhando dinheiro como o senhor ganha; podia levar uma vida muito cômoda. Estou dando duro aqui para a propaganda contra o comunismo correr. O Sr. recusa ao Brasil o tempo de seu filho? É seu direito, seu filho é menor de idade. O Sr. só me diga isso: o Sr. recusa? Se arrebetar uma guerra e os rapazes de mais de 18 anos e menos de 21 forem convocados, o Sr. recusa? Se o Sr. recusa, o Sr. está no seu direito, o Sr. fica aqui com seu filho. Eu sairei entristecido sabendo que o Sr. recusou. O Sr. é dono de seu filho, não discuto; eu não estou pedindo para os rapazes trabalhar para mim, eu estou pedindo para trabalhar para o Brasil. Se o Sr. não quer, à vontade, não tem dúvida, o Sr. será atendido.*

*Seu filho não ganha nada durante esse tempo. É verdade. Ir para a guerra, fazer serviço militar, servir o país também não dá dinheiro. É uma questão de patriotismo. Mas, mais uma vez, o senhor é dono dele.*

<sup>903</sup> Despacho 28/11/84

<sup>904</sup> Eremos Itinerantes 29/11/84

<sup>905</sup> Despacho 28/11/84

<sup>906</sup> Eremos Itinerantes 29/11/84

<sup>907</sup> Despacho 28/11/84

Apertado assim, expondo ponto por ponto com todo cuidado, o sujeito não escora a discussão. Mal lembrado, dito como uma maçaroca, gagejando com dificuldade de expressão, não impressiona ninguém, é como um jornal mal impresso e amarrotado: ninguém lê.

Isso não é discussão com pai, hein, é conversa cordial, amena, etc.<sup>908</sup>

\*

Eu estou cogitando de fazer um folheto a respeito da situação da Congregação, do que é a Congregação, etc. Mas eu lhes dou ordem que mantenham reserva, porque eu não quero que isto saia a não ser quando estiver impresso.

Explicando o que é Guerra Psicológica Revolucionária, como é preciso opor-se ao comunismo, que é preciso ter gente que trabalhe para isso, mas que isso é uma finalidade temporal, que não pode ser levada a cabo pela Igreja -- que é uma entidade espiritual--, e que nessas condições nós formamos uma organização, ta-tá, que é permitida pelo Código de Direito Canônico, artigo tal. E que de acordo com o Direito Canônico, as pessoas, para se entregarem mais à Causa, ficam a maior parte delas no celibato, embora tenham a liberdade de se casarem quando queiram; e muitos, se quiserem, livremente, fazem voto a mim de obediência e de castidade. Portanto, a Congregação não é uma ordem religiosa, mas tem uma organização que tem muito de uma ordem religiosa<sup>909</sup> (\*).

----- (\*) A um dos maiores canonistas do mundo foi exposta, por escrito, a organização da Congregação, e foi perguntado se a Congregação tem o direito de existir, como existe dentro da Igreja, sem ser uma ordem religiosa caracterizada como tal. Resposta entusiasta do canonista: sim!

Quer dizer, nossa posição perante a Igreja, inclusive a existência de êremos, de camáldulas, de benção e tudo o mais, é inteiramente regular --como o Torreão mostra<sup>910</sup>.

-----

Diante de um folheto assim, a Estrutura vai espumar. Mas eu também sei como fazer com que a Estrutura não espume.

E aí toda essa problemática toma um outro caráter, porque ficam as cartas sobre a mesa, pomos o preto sobre o branco.

Pode até diminuir, até certo ponto, nosso recrutamento. Nossa Senhora nos ajudará.

\*

(Há famílias às quais a gente explica o que é a Congregação, mas que na hora dos estrondos ficam receptivas às máfias, julgando que ocultamos pelo menos parte da verdade a elas).

Aí devemos dizer o seguinte: "É preciso que a pessoa que lhe tenha dito isso dê provas. Do contrário, o senhor venha nos visitar e veja o que é que tem ou não tem. Nós mostramos tudo, nós falamos tudo. Agora, o que não é possível é a gente falar tudo e ficar na cabeça isso: tem algo que escondeu"<sup>911</sup>.

## 2. O que dizer a respeito das relações do apóstolo com sua família?

(Se nos perguntam: "você o que que faz?"), a resposta deve ser a seguinte: "a minha família é autosuficiente, de maneira que eu me dedico inteiramente à Congregação". Isto afasta a idéia de uma família passando uma miséria negra e a mãe soluçando no canto porque não tem remédio para tomar para a neuralgia dela e o filho dizendo: "a Congregação é meu único ideal". Esses dramalhões bestas que nos atribuem.

Pode vir a pergunta: "seus pais estão contentes com a Congregação?" Resposta: "Qual é o pai que não fica contente vendo o filho idealista?"

## 3. O que dizer a respeito da sede?

Também [convém] explicar o que se faz dentro da sede. Toda sede para uma família é um mistério, porque os bobinhos não contam.

"O que que nós fazemos na sede? Nós fazemos uma reunião em torno de uma mesa. E eu, que sou mais velho, exponho tal ponto, tal outro ponto, incito a tal outra coisa, tal coisa".

Convidar para visitar a sede: "querem visitar uma sede? por que não vão visitar uma sede?"<sup>912</sup>

<sup>908</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 9/9/77 (ER 196)

<sup>909</sup> Reunião propulsores de apostolado 11/12/84

<sup>910</sup> Reunião Eremos Itinerantes 29/11/84

<sup>911</sup> Reunião propulsores de apostolado 11/12/84

#### 4. O que dizer a respeito dos estrondos?

O estrondo a gente deve explicar com calma e com muita clareza: Nós procuramos combater o comunismo em nome dos princípios tradicionais da doutrina católica. Nós atacamos, não as pessoas dos comunistas, mas a doutrina.

Agora, [nossos adversários, quando falam mal de nós, não podem apresentar-se enquanto] comunistas, porque sabem que o senhor ficaria de nosso lado. A principal preocupação deles não é de fazer com que o senhor fique comunista, é de separar-nos dos que são nossos aliados naturais, que são os pais dos [rapazes].

Para isso eles espalham boatos atacando as pessoas da Congregação. Então [o público] não supõe que são comunistas que estão fazendo isso, porque é um ataque pessoal.

Agora, eles utilizam para isso, não propagandistas comunistas, mas inocentes úteis, que são pessoas bem intencionadas e desprevenidas, que ouvem um boato desses e contam. Então o senhor foi procurado por um padre, por uma freira, por um parente, por uma coisa qualquer que repete uma coisa dessas. Pergunte a ele de quem ele ouviu. Depois vá perguntando de grau em grau, o ponto que o senhor chega, no fundo tem um comunista.

Na Venezuela, pais muito nervosos, muito apreensivos, etc., foram explorados pelo Governo Venezuelano, que é um governo socialista. E o comunismo, através do jornal *Izvestia*, pôs a cabeça de fora e gritou: muito bem! Quer dizer, essas pobres famílias fizeram o jogo do comunismo. Aqui tem o artigo do *Izvestia*. O senhor tem aqui a prova de qual é a origem dos boatos contra nós <sup>913</sup>.

#### 5. O que dizer a respeito do Sexto Mandamento?

[O assunto praia, piscinas, só deve ser levantado se a família exigir que o menor vá. Do contrário, não se deve levantar o problema.

Se a família levantar o tema, me parece melhor entrar na questão doutrinária, utilizando os argumentos] das cartas aos pais inconformes, publicadas na Venezuela, daquela moral para leigos, do Padre Royo Marin <sup>914</sup>, e de um número famoso [de nossa revista] sobre os bailes, danças, etc. <sup>915</sup> E dizer:

Há uma divisão hoje entre os teólogos. Uns permitem tudo e dizem que isto é atrasado. Outros dizem que esta é a verdadeira doutrina católica. Nós seguimos a posição tradicional da Igreja.

Agora, se o senhor quiser tomar outra orientação, tome, está no seu poder. Nós lamentamos, porque é uma coisa que é contrária, como está vendo aqui, à opinião de um dos maiores teólogos do mundo contemporâneo.

Isto que está aqui, o senhor pode levar para o padre, seu conhecido, e pode mostrar.

Agora, uma coisa que seu filho pode pôr em dúvida é o seu direito de impor a ele que viva de acordo com a consciência do senhor e não dele, obrigando-o a seguir um procedimento moral que a consciência dele reprova. Hoje em dia se fala tanto de liberdade. Se alguma coisa é liberdade, é isto. Seu filho já não é uma criança, já está começando a ter uso de razão e o normal é que ele proceda de acordo com sua consciência. A consciência dele diz isto. Veja, portanto, o que há para pensar.

[E acrescentar]: Agora eu faço questão que note que não é uma extravagância da Congregação. Nós estamos largamente apoiados por vozes autorizadas dentro da Igreja <sup>916</sup>.

### D. A visita do apóstolo à casa do apostolando - Normas

#### 1. Quando o objetivo da visita é falar com o apostolando

Em princípio, (se um apóstolo de mais de 30 anos, vai procurar um menino de 14 na casa dele, pode dar lugar a máfias). Sobretudo se a cidade não for muito grande. Mas a certa altura, se o menino ou seus pais manifestarem desejo, o [apóstolo pode] aceitar um convite para ir a casa.

Esse apostolado de começar a ir em casa assim, só deve ser feito por gente bem mais moça <sup>917</sup>. Ir à casa de um apostolando é só em última instância. Ir habitualmente à casa para ter uma conversinha, absolutamente não

<sup>912</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 9/9/77 (ER 196)

<sup>913</sup> Reunião propulsores de apostolado 11/12/84

<sup>914</sup> Reunião propulsores de apostolado 11/12/84

<sup>915</sup> Reunião do 2/3/74 Ativismo Individual (ER 142)

<sup>916</sup> Reunião propulsores de apostolado 11/12/84

[convém]. O ponto de encontro é a sede, ou então algum lugar na rua, colégio, etc. A casa não é ponto normal de fazer apostolado, nem de encontro<sup>918</sup>.

## 2. Quando o objetivo da visita é falar com os pais do apostolando

### a. No caso de os pais serem simpáticos

A visita às famílias simpáticas deveria ser apenas o que eu chamaria visita de estaqueamento, para evitar de cair terreno. Portanto uma visita por ocasião de Natal, Ano Bom, em dia de semana. Sábados e domingos não são dias bons para visita. Podendo levar uma lembrancinha, por menor que seja --umas flores, mas nada de flores megas, uma coisa que indique uma digna penúria--, levar. Mais nada do que isso.

Os Srs. devem aproximar as famílias simpáticas, de maneira que elas, conhecendo bem a Congregação, possam tomar a defesa da Congregação junto às outras.

### b. No caso de os pais serem neutros

Quando a família é neutra e tudo corre em paz, não vale a pena visitar. A visita a uma família neutra é extremamente arriscada, porque tanto pode dar bom resultado quando pode azedar uma situação, e onde há tanto risco de dar certo quanto de dar errado, a verdadeira sabedoria é não mexer. Uma família neutra receberá o Sr. sempre muito bem, mas depois --não é no dia-- o que é que ficou na cabeça deles de tal ou tal dito nosso? Às vezes até a família não diz nada, mas depois vai falar com o vigário e ele nos mafia.

### c. No caso de os pais serem contrários

Se a família é contrária, tanto quanto possível não dar à visita o seguinte caráter: "eu vim aqui brigar porque estão falando mal da Congregação". Isso é o fracasso de uma visita. O verdadeiro é: "eu vim aqui para uma visitinha para conhecer os Srs., também para que os Srs. me conheçam, é justo que os pais tenham uma explicação do que é a Congregação e saibam bem o que que a Congregação deseja".

A nota católica deve ser apresentada na primeira ocasião natural que a visita dê. E é até interessante os Srs. levarem alguma fotografia de Na. Sra. de Fátima bonita para dar de presente para a dona da casa. "Como lembrança da visita eu trouxe isso aqui para a Sra., o fulaninho reza sempre diante de uma estampa dessas na sede. Aqui a Sra. poderá rezar por ele, por toda a sua família, seus filhos também". Conta um pouco da Imagem Peregrina. Até, conforme for, pode dar a estampa no começo da visita, porque pode já distender.

Depois então não dizer: "bem, eu agora vim falar sobre fulano, ta-tá". Não, um pouco de conversa: "eu gosto muito de Tupiniquinitá, é um centro progressista de ponta de linha". Ou então, se a cidade está enclachada mesmo, a gente dizer: "Tupiniquinitá ainda tem futuro, quem passa por aqui percebe, porque o Brasil leva para frente todas as Tupiniquinitá que tem dentro dele. De maneira que então Tupiniquinitá vai progredindo aos poucos, coisa sólida, etc.". Não começar logo: "Tupiniquinitá tem muita tradição", ou "é muito tranquilo", porque isso eles acham feio, eles tem vergonha. "Eu estou encantado com Tupiniquinitá" --pelo amor de Deus a gente pode se encantar com tudo.

Depois, tanto quanto possível entrar lentamente no assunto, sem pressa, "então o que que é, etc."

Muito cuidado no modo de olhar as pessoas e as coisas da casa. É possível que existam buracos no chão. [É preciso] fingir que não percebem. Porque se a dona da casa vê que de repente o rapaz que vem da capital começa a analisar o buraco que tem no chão, o Sr. pode ter uma inimiga.

Outra coisa: tudo quanto é criança que entra na sala, os Srs. se enternecem "oh! como vai? como chama ela? que idade tem? olá, então Dinosaurinha você...". E conforme for, agradinho debaixo do queixo. Na hora da saída, se a criança está lá --nunca manda chamar-- "então Dinosaurinha, até logo, gostei de conhecer você". A menina no [total] vai fazer assim, os Srs. não se incomodam. Saem. Saída sorridente, gênero "happy end", "até logo".

Os Srs. vão com roupa desbotada (\*), como quem ha 3 ou 4 horas não se penteou. Não vão cair no erro de se pentear rigorosamente antes de fazer a visita. [Mas também] não vão desgrenhados.

-----(\*) Rapaz de mais de 30 anos concebe-se que ande habitualmente não desbotado na rua.

<sup>917</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 4/1/72 (ER 136)

<sup>918</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)



Rapaz de menos de 30 anos deve andar habitualmente desbotado na rua. Dentro da [sede] paletó e gravata, não é obrigatório, mas está esplendido.

[O apóstolo itinerante] deve urgir para que os rapazes dele andem desbotados. Para vir para uma SEFAC, para alguma coisa assim, pode ser colarinho, gravata, terno, etc. Fora disso não convém.

-----

Outra coisa é a seguinte: se oferecerem alguma coisa para tomar, não são obrigados a mentir dizendo que está gostoso, mas fazer a cara de quem achou delicioso.

As explicações todas, se começar a virar discussão, os Srs. devem sorrir, não devem aceitar de se engajar numa discussão quente, porque discussão quente pode bem ser o que o chefe da casa ou a dona da casa mafiados pela máquina --ou seja, a maior parte das vezes pelo vigário-- estão querendo. O triunfo de quem quer a discussão quente é dizer que vocês foram grosseiros, até pôr para fora. À noite é a novidade do bairro.

Se ele começa a zangar, operação sorriso logo, para ele entender que não adianta, "meu caro Sr., vamos conversar entre amigos, eu vou lhe expor, tenha bondade, tenha paciência. Bará-babá. O Sr. me daria ocasião de dar uma explicação ao Sr.?" --nunca uma resposta, menos ainda uma réplica, é uma explicação.

E se ele estiver insuportável, os Srs. digam "meu caro Sr., eu não estou conseguindo dizer o que queria, mas numa outra ocasião eu voltarei para cumprimentar o Sr., sua Sra. e aí nós nos continuamos a nossa conversa. Até logo".

Nunca sair brigado, sair sorrindo, porque eles querem a briga.

\*

(Se pode tentar fazer um trabalho para ir apaziguando as famílias contrárias) conforme correr cada visita.

\*

[Se um de nós encontra na rua, ou num local qualquer, um rapaz proibido acompanhado pelo pai, ao qual já conhecemos], nós devemos passar e cumprimentar [o pai] como a gente cumprimenta uma pessoa com quem a gente não está sempre, portanto com uma afabilidade não sorridente.

Quanto ao rapaz, deve ser um cumprimento muito risonho, de passagem e amável, porque a proibição é de freqüentar a sede, não é uma proibição de falar com alguém da Congregação. Depois a proibição de falar com alguém da Congregação o pai pode dar ao filho, não pode dar a um estranho.

Agora, não devemos ser vistos conversando com o rapaz.

Nunca um rapaz da Congregação deve convidar para entrar para a Congregação um que foi proibido, até ele fazer 21 anos. Também não deve estar assim: "uhhh fulano, quanto tempo falta para os 21 anos?"

\*

Em geral é conveniente que quando um dos Srs. vai para uma cidade do interior, a Comissão do Movimento indique qual é o membro da Congregação que nasceu lá, mas está [morando em outra cidade], para fazer uma visitinha à família dele (\*) logo que seja [possível], levando notícias do rapaz. Se a gente esteve com ele, ainda melhor, peça um bilhete e leva um cartãozinho. O melhor, o ouro do ouro é levar uma fotografia que prova que o filhinho está bem, está gordo e que a Congregação não cortou nem uma perna nem um braço dele.

-----(\*) [Bem entendido, caso] for uma família de relacionamento pouco mais ou menos que o normal. Se for uma família furibunda, só tomar contato, conforme for o caso, porque do contrário vão envenenar tudo o que disserem <sup>919</sup>.

-----

#### **E. A visita da família de um apóstolando à sede**

[Agora, quando uma família visita a sede] há algumas recomendações:

Ao mostrar a sede, mostrem a sede inteira. E mesmo que a família não queira ver inteira, façam uma amável insistência para não ficar no espírito a idéia de que a gente escondeu alguma coisa. Portanto até o quarto de dormir mostrem (\*). Só não mostre toilette, mas digam: "toilette é aqui".

-----(\*) É preciso que os quartos de dormir estejam com as roupas de cama eximamente arranjadas. Nada impressiona pior uma dona de casa do que ela fazer uma visita às 5 da tarde, entra no quarto e [vê] aquela massaroca de pijama com roupa de cama.

-----

<sup>919</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 9/9/77 (ER 196)

Se a sede tem atrás um galpão, uma coisa qualquer, levem para ver o galpão.

Os Srs. devem ter a sede muito limpa habitualmente, é claro, mas sobretudo no dia de visita.

Quadros com coisas magníficas, maravilhosas, da Europa, sendo panorama, os Srs. chamam a atenção, "aqui é um panorama de tal lugar, é muito bonito". Não sendo panorama, os Srs. deixam passar, porque as coisas que nós achamos muito bonitas em geral muita gente não compreende. Vocês vão mostrar por exemplo uma linda vista de Versailles, a pergunta em Tupiniquinitá é: "no que que meu filho vai ser promovido como funcionário da rodoviária por saber como é Versailles?" Não convém. Também fotografias. Os Srs. devem mostrar as fotografias da imagem de Nossa Senhora. Se em alguma sede por ventura se usar sobre a mesa alguma pequena fotografia minha (\*), não escondam. Ninguém deve ter a impressão falsa de que nós escondemos qualquer coisa para a família. O que está na sede todo dia o filho tem que ver que estava também quando a família esteve lá. Nada é pior do que o regime de esconde-esconde.

-----  
 (\*) Mas os Srs. não são obrigados a parar e dizer: "este aqui é Dr. André, homem isso, aquilo". Se perguntarem quem é, dizer: "esse é Dr. André, Presidente do CN", mais nada.

Se perguntarem para os Srs. "mas vale alguma coisa esse Dr. André?", se os Srs. tiverem a coragem de mentir, digam: "ele é inteligente e culto". Não devem estar dizendo: "é um polemista", não, nada disso.

-----

Os livros da Congregação devem estar todos à vista. Inclusive, se tivessem, os livros das Congregações estrangeiras.

#### F. Conduta do neófito fervoroso em casa

(Muitas vezes o apostolando fervoroso toma atitudes que a família não entende).

[Neste caso], acho que, logo no começo, seria preciso fazer o rapaz entender bem o seguinte:

*"Fulano, se você quer continuar a freqüentar a Congregação, você não deve ter briga em casa, porque você é menor de idade, e sendo menor de idade é forçoso que você brigando com a família, como aconteceu com outros, a família tira você. E você saiba que nesse caso nós não temos recurso nenhum, não podemos nem receber você na nossa sede. Você para evitar uma coisa dessas trate de não arrumar encrenca em casa".*

[Em geral], quando o rapaz entra para a Congregação, ele toma com a TV, rádio, etc., uma posição diferente. Essa posição não deve ser provocadora. Ele não deve querer que na casa dele os pais deixem de ver TV, porque ele não é pai dos pais dele. Ele portanto não fale nada contra a TV. Ligando a TV, ele procure discretamente dar pretexto para não olhar --por exemplo, dizer que ele precisa ir estudar ou qualquer coisa, para diminuir os atritos.

Agora, sendo indispensável, ele deve dizer, não que a TV é condenada pela doutrina católica, mas o seguinte: "a TV traz tão freqüentemente coisas imorais, além do mais os psiquiatras acham que ela faz tanto mal para a saúde, para os nervos, que eu acho que é um espetáculo pouco sadio e que a mim me leva para o mal, me leva para a impureza".

- Ah, que impureza é essa?

Aí, com muito respeito, etc., é preciso dizer o seguinte: "é o Sexto Mandamento da Lei de Deus". Aí dá encrenca, mas essa encrenca não tem medo se o rapaz for respeitoso o tempo inteiro: "o Sexto Mandamento da Lei de Deus proíbe pecar contra a castidade, antes do casamento eu quero guardar castidade absoluta".

- Foi a Congregação que lhe meteu isso na cabeça.

- Não, não, a Congregação não me meteu isso na cabeça, a Congregação me mostrou que este é o Mandamento da Lei de Deus.

- Ah, coisa louca!

- Então Deus é louco, porque o que Ele mandou é isso.

- Ah, o que é isso? não fale assim com seu pai não.

- Não estou falando assim com o Sr. não; o Sr. está dizendo que é uma loucura e eu estou dizendo que não pode ser porque foi Deus que mandou.

- Ah, o padre Tal vai te dizer, etc.

- Eu transbordo de boa vontade para falar com o padre Tal. Eu na minha consciência acho isso. Papai, o Sr. me quer bem, o Sr. me dá liberdade de consciência --mas sorrindo sempre.

Chega o padre Tal, que diz: "Você é bobo".

- Ah não padre, o Sr. me dá isso por escrito para tranqüilidade de minha consciência, eu vou passar 2 ou 3 dias pensando e depois lhe devolvo seu papel.

Ou então leva o gravador: "padre, o Sr. quer dizer isso para o gravador? para eu ficar até com o tom de sua voz". Os Srs. já sabem que o padre não vai dizer.

A este propósito nunca dar idéia ao pai de que ele não vai se casar. Como o casamento é uma coisa que ele fará quando for maior de idade, ele não tem que dar satisfação para o pai se vai se casar ou não.

Se o pai dizer: "você vai se casar ou não?", "papai, isso eu vou resolver quando estiver na hora; antes da hora por que? A Igreja desaconselha o casamento prematuro". É sempre a Igreja, hein.

Vamos dizer que o pai diga: "eu encontro você mudado". Resposta: "papai, o Sr. queria me dizer no que? se é para pior, se é para melhor, no que que eu estou mudado?"

- Não, você é um sujeito todo cerimonioso.

- Mas isso é des-educação para alguém? o que que está acontecendo?

Perde a face.

Agora, o [rapaz não deve procurar requintar o modo de sentar, de falar, de pegar um copo para beber, etc.] No que ele perceber que não for ruim, ele não deve estar rompendo com o ambiente da família. (Por exemplo, em casa se passa a manteiga no pão inteiro e depois come; ele não deve brigar por causa disso).

Se ele perceber que é uma coisa que em si é ruim, ele discretamente rompe. E pergunta ao pai muito amavelmente "mas papai, isso aí o que que tem? que importância tem isso?"

(Em matéria de desbotamento, há famílias que mesmo estão achando ruim a jaqueta. E também o cabelo cortado). O filho deve fazer uma meia concessão: andar de camisa sem jaqueta, com a manga pelo menos até aqui --isso não ceder. E quanto ao cabelo, o verdadeiro é corte de cabelo de mês em mês, não mais vezes do que isso. Não precisa também fazer a famosa risca do lado esquerdo; penteia para atrás, penteia como quiser<sup>920</sup>.

\*

O rapaz tem que conhecer os direitos que adquire sendo maior de idade. Mas nunca deve transformar a maioridade numa ameaça agressiva: "quando eu ficar maior..." Para que o jovem não faça esse tipo de ameaças ou comentários sem propósito sobre a maioridade, deve-se-lhe dizer o seguinte:

Em muitas casas esse assunto da maioridade nem sequer é focalizado. Você portanto não deve espantar sua família dizendo de um modo agressivo, a qualquer hora, "quando eu ficar maior". Quando tiver que explicar uma determinada atitude poderia dizer: "eu sou menor e devendo obedecer, obedeco; e portanto, mandando-me fazer tal coisa, faço".

Às vezes se tem dúvidas a respeito de como um maior de idade deve usar os direitos que a lei lhe confere nas relações com sua família. É necessário ter em conta que o problema não é legal, porque em princípio o maior de idade faz o que quer. O problema todo é de opinião pública. [Portanto], para decidir a maneira de proceder, devemos perguntar como a opinião pública veria quando um pai denunciasses por desobediência a seu filho maior de idade, mas menor de 22 anos. À vista desse dado se pode indicar, então, o procedimento.

\*

Caso o menor seja obrigado a ir à praia, o que aconselhar a ele?

A única situação em que se pode conceber de aconselhar ao menor de ir à praia é quando se tem certeza de que a família o tirará da Congregação se ele não for.

Na praia ele deve tomar a atitude de quem está desinteressado. Responder amavelmente as perguntas, mas não entrar em brincadeiras nem nada e logo que possa decentemente sair, sair da praia.

### G. Eu estou de acordo com a "lei K" e quero a "lei K"

É preciso os senhores serem muito cuidadosos na execução do que se chama na linguagem dos senhores "a lei K", que não foi uma lei obtida pelo Sr. RK de mim, como a palavra insinua, mas é uma lei que eu quero, com a qual eu estou de acordo. Os senhores poderiam igualmente chamá-la "lei P".

A "lei K" continua inteiramente em vigor, eu tenho todo empenho nela, deve ser cumprida com cuidado, porque qualquer lapso na observância da "lei K" pode dar pretexto a urdiduras contra a Congregação em nome da lavagem cerebral<sup>921</sup>.

<sup>920</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 9/9/77 (ER 196)

<sup>921</sup> Eremos Itinerantes 29/11/84

## II. AS MAFIAS

### A. Como e o quê responder a um objetante de mal espírito?

O método [das respostas aqui dadas é para usar] com o adversário. O método com aquele que a gente está aproximando, ou com simpatizante, é completamente diferente.

A técnica da resposta é sempre:

- criar a questão doutrinária e abrir o debate em um ponto muito fácil para nós;
- mostrar que nosso procedimento é de acordo com a doutrina católica tradicional;
- colocar o sujeito em contradição consigo mesmo, que é o que mais desmoraliza um homem.

Conforme o temperamento de cada um, isso pode ser dito sorrindo. Meu temperamento pode levar-me a sorrir para os Srs., mas não me leva a sorrir para os filhos das trevas. Certos sorrisos que amolecem a alma de quem sorri, esses não são sorrisos dos apóstolos, nunca e nunca.

### 1. Quanto a trajas, corte de cabelo e costumes

- Vocês são diferentes em tudo. Por que os ternos e por que os cabelos raspados?

Seria um erro querer tirar o corpo, [tratando] de convencer [o objetante] de que somos parecidos [a ele]. Nós somos diferentes mesmo e não adianta querer dizer que não. É preciso enfrentar por exemplo dizendo o seguinte:

*- Nós somos da opinião de que no mundo de hoje há um número incontável de desordens muito graves. Nós, portanto, temos fortes restrições ao mundo de hoje. E para indicar o nosso protesto e as nossas restrições nós vestimos essa roupa que é um símbolo.*

A vantagem desta resposta é que ninguém pode negar que o mundo de hoje tem uma porção de desordens e misérias. O nosso interlocutor ou concordará ou negará. Agora, se ele diz: "mas eu não compreendo o que é que essa roupa tem a ver com isso."

*- É muito simples. A roupa que eu uso agora, todo mundo usava há 10 anos atrás, quando não havia hippies. Hoje em dia todo mundo está se vestindo como você e há hippies. Se não houver alguma reação, daqui ha alguns anos você estará se vestindo como os hippies e os hippies estarão nus. De maneira que nós estamos fazendo uma reação contra a decadência do traje, que é um símbolo de civilização. Em todas as épocas se considerou que o traje é um dos símbolos mais expressivos de uma civilização. A decadência nos trajes é uma expressão e uma causa da queda de uma civilização. Nós reagimos vestindo-nos assim para exprimir o nosso desacordo. Nosso cabelo exprime nossas cabeças limpas e em ordem. Você estranha isso ou não estranha? Ou você é pelo sujo e desganhado dos hippies?*

*Eu só te dou o direito de combater nosso modo de nos trajarmos e de cortarmos o cabelo quando eu souber que você está combatendo o modo dos hippies se trajarem e cortarem o cabelo. Quero ver você combater lá. Vamos lá juntos, você vai interpelar o hippie na minha presença, e um bem desganhado. Se não, eu não te tomo a sério.*

*Você está vendo os hippies como se vestem? Eles se vestem de modo diferente. Você alguma vez já perguntou a eles por que é que eles se vestem de modo diferente? Não, você nunca perguntou. Por que é que você pergunta só para nós?*

*Você não está procurando saber a verdade, você está procurando apenas fazer uma briguinha para favorecer, no fundo, a corrente hippie. Você no fundo é um hippie disfarçado.*

Ele fica amarrado junto à parede. Mas aí ele pode perguntar: "Está bom, o que é que você acha de ruim no mundo de hoje?"

Os Srs. devem dizer o seguinte:

*- Nós achamos ruim no mundo de hoje muitas coisas. Nós somos contra a agressão sexual. Nós somos contra a preocupação de uma pessoa em viver apenas para o lucro e para o ganho, como se o mundo fosse feito apenas de economia, de dinheiro, de matéria. Nós somos contra a preocupação de viver exclusivamente para o prazer. A todo momento alguma coisa está se modificando no mundo de hoje. Estudem essa modificação: não há uma que não signifique uma aproximação do comunismo. Nós somos anticomunistas, por isso reagimos.*

- Mas, o que, por exemplo, está se modificando para o lado do comunismo?

*- Tudo. Qualquer costume que muda, qualquer palavra nova que entra no vocabulário, se você for analisar, verá que favorece a trivialidade, favorece a falta de maneiras, favorece a falta de compostura, favorece o igualar por baixo. As classes mais altas estão vez mais se nivelando com as mais baixas. Nós somos contra o igualitarismo.*

Aí [a discussão] já vai mar alto, tão alto que nós entramos na questão doutrinária. Neste modo de responder os Srs. justificaram o traje, justificaram o cabelo, atrapalharam o sujeito e o obrigaram a tomar uma discussão séria. Na discussão séria os Srs. são leões, porque conhecem bem a doutrina.

[Objetante]: "Nosso Senhor usava cabelo comprido também".

*- Está perfeito. Na hora em que você aparecer aqui com sandálias, com uma túnica branca, inconsútil, alvíssima e limpíssima, e com fisionomia de um primeiro cristão, eu compreendo a sua [objeção]. Antes disso não me*

venha com conversa. Depois, cada época tem os seus trajes característicos. Não tem propósito numa época a gente usar o traje de outra época. Vocês não atacam a nossa capa porque é medieval? E vão se vestir como no tempo de Nosso Senhor? Você quer me explicar isso?

## 2. Quanto a morar fora de casa

[Objetante]: "Por que vocês fogem de casa?"

- Nós não fugimos de casa. Fugir é sair escondido. Nunca saí escondido de casa.

Agora, antes de lhe responder por que moro fora de casa, eu lhe pergunto se você sabe por que os hippies moram fora de casa. Porque eles moram embaixo das pontes, em praças públicas, no meio da sujeira e da corrupção. Você alguma vez perguntou a algum deles? Por que você vem perguntar a mim? Por que é que a sua curiosidade tem mão e não contra-mão?

Por que é que você está completamente de um lado e depois vem falar comigo como se você fosse neutro? Eu tenho a coragem de dizer o que eu sou. Estou aqui de estatura inteira, afirmando as minhas convicções, desde o modo de cortar o cabelo até o sapato. Tenha a bondade de ser claro como eu, antes de tudo.

Segundo ponto é o seguinte:

- A Congregação desenvolve a bem da Civilização Cristã no Brasil um trabalho de todas as horas. Esse trabalho, para aqueles que queiram se dedicar inteiramente como eu, ocupa até as horas de lazer. Nós aproveitamos as horas de refeição, os pequenos intervalos do dia para tratar dos nossos assuntos e para nos desenvolvermos nas idéias que temos. Para isso é muito mais prático morarmos juntos. Há uma coisa chamada universidade, com prédios próprios, inclusive com residências próprias, de alunos que deixam as suas respectivas casas e vão morar numa coisa chamada cidade universitária. Por que é que você estranha de um rapaz sair de casa e morar na Congregação, onde ele tem uma alta formação cultural que ele quer aprimorar?

Mais uma vez: o que há em você que sua curiosidade se volta só para nosso lado?

## 3. Quanto a casamento e namoro

[Objetante]: "Por que não namoram e não se casam? Vocês tem voto de não se casar?" - Nós não temos votos de não nos casarmos. É um hábito de muitos dentro da Congregação. Na Congregação há vários casados. O Vice-presidente da Congregação, por exemplo, é um Sr. casado com 13 filhos. As pessoas que pertencem à Congregação podem casar-se.

Agora, a doutrina da Congregação a respeito deste assunto é a doutrina tradicional da Igreja:

a) Ninguém deve namorar a não ser quando está na idade de se casar com uma moça com a qual ele ache que provavelmente se casará, então vai conhecer mais de perto para ver se convence, se há afinidade. O namoro portanto é a pesquisa de uma esposa, e não um brinquedo entre sexos<sup>922</sup>.

b) Pio XII, na encíclica "Sacra Virginitas", diz: o comum dos homens para o casamento; há no entanto almas para as quais Deus deu atrativo para um estado de virtude mais alto, são pessoas em geral chamadas a se dedicar inteiramente à Igreja. É esta a razão do celibato dos padres e dos leigos<sup>923</sup>. [Agora], na Congregação muitos não se casam, porque querem consagrar a sua vida inteira a essa Causa altíssima da luta pela Civilização Cristã<sup>924</sup>. Portanto, nosso estado é louvado por Pio XII<sup>925</sup>. Se eu for trabalhar para manter uma família, não poderei trabalhar quase por essa Causa. Essa Causa vale isto. Ou você acha que não vale a pena lutar contra o comunismo?

Já vão logo aplicando a questão doutrinária, desviando para o problema comunista. Porque o que devemos fazer é ficar nas questões doutrinárias.

## 4. Quanto a bailes, cinemas, TV, futebol

<sup>922</sup> Reunião do 2/3/74 Ativismo Individual (ER 142)

<sup>923</sup> Esquema "Como combater a máfia", 1/3/65 (RN 66)

<sup>924</sup> Reunião do 2/3/74 Ativismo Individual (ER 142)

<sup>925</sup> Esquema "Como combater a máfia", 1/3/65 (RN 66)

[Objetante]: "Por que não freqüentam bailes, cinemas, campos de futebol e não assistem TV?" - *Cinemas, bailes e TV, como são hoje, são, de acordo com a doutrina católica tradicional, fontes de imoralidade. Pode ser que o clero novo, esquerdista, aconselhe essas coisas, mas nós temos autores tradicionais católicos que ensinam o contrário.*

*Aqui está São Tal e São Tal que dizem isso. Agora, eu sigo a doutrina deles, você querendo rir, ria. Eu sou católico, você não é, ou então você é um católico de meia tigela, que segue o contrário do que diz um santo.*

Agora, quanto ao campo de futebol:

- *É evidente que o futebol não tem nada de intrinsecamente contrário à moral católica. Mas a atmosfera do campo de futebol é uma atmosfera de superexcitação, de tensão nervosa, de vulgaridade, completamente contraindicada e à qual eu não devo dar a minha solidariedade. Eu não vou discutir com ninguém para não ir, mas eu não vou.*

## 5. Quanto a karatê e porte de armas

[Objetante]: "Por que vocês praticam karatê e usam porte de arma?"

- *Nós somos muito visados pelos comunistas. Em inúmeras campanhas que temos realizado, os comunistas nos agrediram fisicamente. Já puseram uma bomba numa sede nossa, já fizeram um automóvel subir a calçada onde estava um oratório nosso com o intuito de matar os militantes que estavam rezando lá.*

*Onde o ódio chega a esse ponto, ou nós somos cretinos ou temos que nos saber defender. O melhor modo de defesa é o karatê. Logo, de fato nós praticamos karatê.*

[Objetante]: "Por que é você usam armas?"

- *Porque quem está no risco de receber um tiro, ou é bobo ou se habilita para dar um tiro. As nossas são armas legais que todo cidadão tem o direito de usar, e estão todas registradas na polícia. De maneira que nós agimos de acordo com a lei.*

*Se estamos de acordo com a lei, você tem alguma coisa contra isso? Ou você quer que eu não me defenda segundo a lei?*

## 6. Quanto a sair da Congregação

[Objetante]: "É verdade que quem entrou não pode sair da Congregação? O que acontece com quem sai?"

- *O que é que você imagina que é a Congregação para ninguém poder sair de dentro dela? Se até do conjunto dos 12 Apóstolos um saiu, como é que uma pessoa não pode sair da Congregação? Poder, pode. Agora, que comete um ato de deserção em relação aos ideais que resolveu servir, comete. Fica sujeito ao que a misericórdia e a justiça de Deus dispuser a respeito dele.*

## 7. Quanto a relações com o governo e com os partidos políticos

[Objetante]: "Vocês tem apoio do governo? Qual é sua posição em relação à política do país?"

- *O apoio que nós temos do governo é o apoio que o governo deve dar a todo cidadão e mais nada do que isso. Nós não recebemos subvenção, não recebemos verba, não recebemos nada do governo.*

*Segundo ponto: o governo não nos dá nenhuma proteção policial especial.*

*Terceiro ponto: única coisa que tem é que o governo, quando temos feito passeatas, tem colocado a polícia para proteger a nossa vida contra os comunistas. Tal será que ele não o faça. Não é um favoritismo. O governo tem obrigação de proteger.*

[Objetante]: "Não, o governo às vezes manda representantes às Missas celebradas por vocês".

- *Isso não é apoio. É cortesia. Nós convidamos e o governo manda representantes. Manda muito mais representantes para outras entidades do que para a Congregação.*

[Objetante]: "Qual é a posição da Congregação na política do país?"

- *A Congregação não tem posição na política do país. Nós nunca nos comprometemos com nada da política, não temos ligação com nenhum personagem político. A Congregação nem doutrinas. Nos pontos em que o governo age em desacordo com nossas doutrinas, nós censuramos; nos pontos em que o governo age de acordo com nossas doutrinas, nós aplaudimos. O que quer que eu faça? que aplauda quando age mal e proteste quando vai bem?*

## 8. Quanto às finanças da Congregação

[Objetante]: "Por quem é mantida a Congregação?" - *Nós temos um departamento de coleta de donativos. Os donativos menores são pedidos a pessoas do comércio e da indústria que simpatizam com a Congregação. Os grandes donativos são exclusivos de 3 ou 4 diretores da Congregação. Cada um contribui para manter a sua própria ideologia. É natural.*

*As nossas caravanas pedem às pessoas da cidade onde fazem campanha e como são muito simpatizadas vivem do auxílio que se lhes dá.*

*A Congregação publica uma vez por ano seu balancete no Diário Oficial, visado por uma das maiores firmas de contabilidade do Estado de SP. Portanto é um problema sem mistérios.*

## 9. Congregação e miséria

[Objetante]: "O que a Congregação faz para combater a miséria?"

- *Uma coisa magnífica, a melhor coisa que pode haver: evita que ela se generalize, combatendo o socialismo, que é a maior fonte de misérias.*

*Você alguma vez perguntou a um comunista o que é que ele faz para combater a miséria?*

[Objetante]: "Não, o comunismo é favor dos pobres".

- *Como é que você pode achar que é a favor dos pobres, quando você vê o comunismo estender a pata de urso para se encher de dólares americanos? Você não está percebendo que ele está vivendo de esmolas? Viver da esmola do inimigo não é a pior forma de miséria?*

## 10. Somos os donos da verdade?

[Objetante]: "Vocês se consideram donos da verdade?" - *Não, a verdade é dona de nós. Quer dizer, nós não apregoamos idéias próprias, nós tomamos as doutrinas ensinadas pela Igreja Católica Apostólica Romana e aplicamos à realidade atual. A Igreja Católica é infalível e verdadeira, quer você reconheça, quer você não reconheça. A certeza que eu tenho é porque Ela ensina.*

## 11. Estandartes e capa

[Objetante]: "O que simboliza o estandarte e a capa? por que são vermelhos, cor do comunismo?" - *A cor vermelha foi criada por Deus quando criou o céu e a terra, não foi criada pelo comunismo. Nós não reconhecemos a ninguém o direito de tomar uma cor criada por Deus e transformá-la em seu monopólio. O dono do vermelho não é o comunismo, é Deus, que é dono de todas as coisas.*

*Agora, tomando em consideração que a Congregação deve estar ajustada aos dias de hoje, e que nos dias de hoje as cidades tem um movimento enorme e as pessoas passam correndo, ou a gente chama fortemente a atenção do transeunte apressado, ou não se consegue retê-lo para que ele preste atenção no que a gente quer dizer, no que quer vender, etc. O objetivo da capa, do estandarte, é chamar a atenção de quem passa. A cor que mais chama a atenção é o vermelho. Ou você acha que é o preto? Então tomamos essa cor.*

*Essa cor exprime além do mais o desejo de difundir o nosso sangue se preciso for pela Causa que nós defendemos. Os cardeais usam a púrpura romana há séculos, muito antes do comunismo, para darem a entender o desejo de levarem o sacrifício até a morte. Nós seguimos o louvável exemplo do Corpo Cardenalício.*

## 12. Quanto à intransigência

[Objetante]: "Vocês atrairiam muito mais pelo sorriso do que pela intransigência".

- *Em pesca, não se trata de saber tanto quantos objetos caíram na rede, mas se o que caiu na rede é peixe, porque pedregulho, concha, cobra d'água, etc., não é pescaria. Nós queremos atrair gente de qualidade e não uma quantidade inexpressiva de gente. Gente que vai só atrás do sorriso nós não temos empenho em atrair. Nós queremos gente que vá atrás de idéias sérias e verdadeiras. E as idéias sérias e verdadeiras são enunciadas com seriedade e veracidade. E uma das formas de seriedade se chama intransigência. Nas coisas que se toma a sério se é intransigente*

926

[Objetante]: "Vocês são exagerados".

Resposta: *em matéria de doutrina exagero é erro? Tenha a bondade de dizer o que é. Exageramos em matéria de virtude? Tenha a bondade de dizer por escrito no que é que exageramos a virtude, porque ou é erro ou é santidade. Não somos santos mas tendemos humildemente para lá*<sup>927</sup>.

### 13. Paulo VI, Concílio, missa nova, críticas à Estrutura

[Objetante]: "Vocês são contra Paulo VI? por que não aceitam o Concílio Vaticano II e a nova missa?"

- *Eu sendo católico não posso ser contra Paulo VI. Mas Paulo VI tem uma política, não? A Igreja Católica ensina que um Papa na sua política pode errar. Paulo VI na política está errado, porque segue a linha de cooperação com o comunismo. Eu posso, como o grande cardeal Mindszenty, seguir a linha da resistência ao comunismo. Você querendo podemos discutir o problema da cooperação-resistência.*

A pergunta da missa e do Concílio eu creio que ainda durante algum tempo vai ser preciso driblar. Mas haverá tempo em que nós poderemos falar claramente<sup>928</sup>.

[Objetante]: "Vocês pensam diferente de todo o Clero. Logo vocês estão contra a Igreja".

Resposta: *O Clero é contra nós? Temos 2 obras louvadas pela Santa Sé. O Clero é contra essas obras? [Nossa revista] tem publicado muitas cartas do Clero elogiosas a nós. O senhor tem lido essas cartas? Os autores dessas cartas não são do Clero?*

*O Clero encontrou em nossas obras algo de contrário aos documentos pontifícios? Diga então em que página e denuncie logo á Santa Sé para ser condenados. Mas tenha a bondade de pôr sua acusação por escrito*<sup>929</sup>.

*Falar mal de padres e bispos, dizer que são comunistas, isso é prova de que não se é católico? O Cardeal Ratzinger nós dá apoio para isso. Se o Cardeal Ratzinger acusa um grande número de padres, e até de Bispos, de serem infectados de idéias marxistas é para que as pessoas tomem cuidado, e se avisem umas às outras. Nós falamos mal deles convidando os fiéis a tomarem cuidado, antes mesmo dele fazer. Somos uns beneméritos. Fizemos uma obra de apostolado*<sup>930</sup>.

### 14. "Vocês não tem popularidade. Todo mundo é contra vocês"

[Objetante]: "Todo mundo é contra vocês". A isso eu responderia o seguinte: - *Mas você não sabe quanta gente existe pro nós. Veja aqui, por exemplo, a fotografia do último Encontro de CCEE, são chefes de família, de tantas cidades do Brasil, olha aqui este, aquele, aquela tal senhora, etc., que são ardentes defensores da Congregação. Alguém te contou isto?*

*Você sabe quanto é que nós vendemos de tal livro? Tanto. De tal outro livro, tanto. De tal outro livro, tanto. Você sabe que essas caravanas se fazem com gasolina, com tará-tatá doado? Você acha que isso significa não-popularidade?*

Poderia, eventualmente, colecionar repercussões favoráveis em campanhas e dizer: olha aqui, folheie essas repercussões, aqui o senhor pode ficar o tempo que queira, vá lendo aqui, quando terminar me avise.

### 15. Utilidade do mostruário na réplica às máfias

Agora, tudo isso supõe que nós tenhamos uma mesa, uma estante, uma espécie de vitrine, com todo esse material à mostra, bem organizado, agradável de manusear e que a gente entrega: "olha aqui, isto é assim"<sup>931</sup>.

## B. Como concluir a discussão com uma pessoa infectada pela máfia?

A gente termina dizendo:

*Esse boato está sendo divulgado por todo o Brasil. O aparecimento simultâneo da mesma calúnia, em lugares diversos, em pessoas sem nenhuma ligação entre si, nos faz concluir que a origem disso é uma máfia. Porque*

<sup>927</sup> Esquema "Como combater a máfia", 1/3/65 (RN 66)

<sup>928</sup> Reunião 2/3/74 Ativismo Individual (ER 142)

<sup>929</sup> Esquema "Como combater a máfia", 1/3/65 (RN 66)

<sup>930</sup> Eremos Itinerantes 29/11/84

<sup>931</sup> Reunião propulsores de apostolado 11/12/84



quando um grande número de fatos se dão ordenadamente, eles procedem de uma fonte ordenada. Esse boato tem uma causa única.

*De quem procede? Para tal, vejamos a quem aproveita. É à ala católico-comuno-progressista.*

*O Sr. está sendo agente de uma difamação. O fato de se tornar portador de uma calúnia já torna a pessoa [suspeita de pertencer] a essa mafia.*

*Agora o Sr. vai me dizer de quem ouviu, para que eu possa ir até a fonte* <sup>932</sup>.

### C. Como proceder perante insinuações pesadas a respeito de nossa varonilidade?

Pergunta: O que fazer diante da insinuação de alguém que nos chama de efeminados ou outras ofensas graves?

É preciso ver em que situação isso se dá. Há 2 espécies de insinuação: umas a gente pode fingir que não entende; outras são tão claras, que a gente não pode fingir que não entende. Então o verdadeiro é parar e dizer:

*- Fulano, quer me dizer bem direito o que é que você disse aqui? Repita!*

Ou ele confirma ou ele tira o corpo. Se ele tirar o corpo, "bom, está certo", continua a conversa. Se ele confirmar, os Srs. digam o seguinte:

*- Me diga uma coisa, você diz isso por que?*

A resposta inevitável é: "porque vocês não freqüentam fassuras".

Aí a gente deve dizer o seguinte --para que os que estão ali entendam as razões que nós temos--:

*- Você saiba que a doutrina católica manda que uma pessoa se coíba até o casamento, não freqüente fassuras e só tenha contato sexual dentro do casamento. E louva quem não se casa. Agora, se você diz que a doutrina católica é uma escola de homossexualidade, você é um doído degenerado, que não tem a noção mais elementar da verdade, e eu te desdenho. Se você diz que a doutrina católica não é essa, vamos fazer uma discussão doutrinária. Eu te direi que você é um ignorante, um analfabeto em matéria de religião.*

Os Srs. dirão: "não, mas muitos nesse caso vão rir de mim". Mas é uma bem-aventurança, é uma felicidade nós sermos considerados dignos de que se ria de nós por amor a NSJC. De maneira que nós não devemos ligar e devemos aceitar. Nós não devemos fugir do riso.

A gente sair desde logo no tapa é errado, porque dá a impressão do sujeito que não tem o que responder e recorreu à violência.

Se o sujeito continuar com chacota, dizer a ele o seguinte:

*- Ou você para, ou te quebro a cara, porque você está me agredindo.*

É preciso dizer "você está me agredindo". E aí sapeca o karatê nele. Porque essas são as coisas que um homem não ouve sem um revide imediato. Mas é preciso dar a razão antes.

(Agora, quando em casa, um parente, a irmã, a mãe insinuam que nós somos efeminados), a gente tem que pedir a prova:

*- Essa é uma acusação gravíssima que o Sr. está fazendo. Ou o Sr. dá uma prova, ou o Sr. dá uma manifestação de irresponsabilidade terrível. Porque eu estou lhe afirmando que é o contrário e que nunca houve coisas dessas na Congregação. Eu conheço por dentro. Que testemunha o Sr. tem para isso? Agora o Sr. vai me conduzir à pessoa que afirmou isso.*

Em casa não é o caso de ameaçar com o karatê. Mas se houver insistência, levante-se e saia: "Já não estou disposto a ouvir desaforos dessa natureza".

Como os costumes hoje andam muito baixos, pode acontecer que numa família a irmã, uma prima ou uma tia, tenha um procedimento [imoral], e ao mesmo tempo os pais perseguem o filho que guarda a castidade. Aí o rapaz pode perfeitamente dizer:

*- Eu não vejo o Sr. ter essa atitude para com fulana. O Sr. tem essa atitude comigo. Olhe como ela vive, olhe como vivo eu. E o Sr. pretende defender a família fechando os olhos e até estimulando a quem pratica uma vida imoral e perseguindo a quem pratica uma vida moral? A base da família não é a moralidade? De que maneira o Sr. está trabalhando pela família?* <sup>933</sup>

### D. Convém organizar equipes de visitantes que derrubem as articulações mafiosas

Seria ideal que nós tivéssemos uma equipezinha de [cooperadores], ou de famílias que são bem nossas, ou de correspondentes, que metodicamente pudessem ir visitar as famílias levando a última palavra da refutação; (e coletassem as repercussões), para modelar as réplicas <sup>934</sup>.

[O objetivo dessas equipezinhas seria], não só de preservar o rapaz, mas de derrubar as articulações <sup>935</sup>.

<sup>932</sup> Esquema "Como combater a máfia", 1/3/65 (RN 66)

<sup>933</sup> Reunião 2/3/74 Ativismo Individual (ER 142)

<sup>934</sup> Despacho 28/11/84 e Reunião do 11/12/84

[Agora, essas equipes] precisam estudar. Porque não podem chegar para as famílias e desenvolver bem aquilo que não conhecem com clareza. E de tempos em tempos, fazer uma atualização, porque essas máfias mudam conforme a época: "entrou tal argumento novo contra nós, nós respondemos de tal modo, de tal outro modo, etc." <sup>936</sup>

#### **E. Convém coletar cartas de famílias favoráveis e ex-cooperadores**

Valia a pena [conseguir cartas de mães favoráveis, dizendo] que desde que o filho era mocinho, com tantos anos de idade "ela notou a excelente formação que tinha, e que ele até hoje, com tal idade, continua dando só motivo de satisfação a ela, e que ela atribui à excelente influência da Congregação" <sup>937</sup>. É preciso sempre dar o nome do filho, para a gente saber aquela senhora é mãe de quem <sup>938</sup>.

[Cartas de ex-cooperadores favoráveis também seria conveniente] <sup>939</sup>.

#### **F. Normas para uma publicação a respeito da máfia em São Carlos**

Tenho pensado, mas ainda não resolvi, de descrever num número de [nossa revista] toda a organização [anti-Congregação] da Estrutura em São Carlos, sem mencionar a Estrutura, e mandar espalhar em São Carlos.

[Seria] a história de um rapaz que chegou, então aconteceu assim, e depois fizeram aquilo, etc. Intitulado: "Romance", embaixo: "história de uma Congregação".

Isso seria uma cunha lá de outro mundo, e que iria depois dando a possibilidade de dizer:

- Olha, pelo que estou observando aqui, está parecido com esse romance; é uma coisa desconcertante, como será isso?

- Não, isso é invenção.

- Invenção? Estou vendo acontecer aqui!

- O romance não diz que é aqui, eu é que estou achando isso esquisito aqui, como é esse negócio aqui? me conte um pouquinho, é tudo isso assim como publicou [essa revista]?

Mas comecem por não dizer nada disso a ninguém em São Carlos: "vocês vão ver, vai sair um negócio" <sup>940</sup>.

#### **G. Nossa Senhora sabe tirar partido das máfias**

Embora a máfia seja nociva, Nossa Senhora tem encaminhado as coisas de tal maneira que, em concreto, a maior parte das máfias tem resultado em vantagem para nós.

É uma vantagem sui-generis, porque não é uma vantagem em que nós fiquemos simplesmente mais influentes. Mas dependendo de cada máfia, nós estamos mais banidos, mais expulsos. Nesse banimento, em primeiro lugar, nós vamos ficando célebres, porque aqueles que são isolados ficam célebres. Em segundo lugar, se tudo fora apodrece, tudo decai e só nós continuamos de pé, acaba a pergunta: "não era a eles que era preciso ter seguido?"

Nós vamos fazer o possível para evitar que as famílias nos mafiem. Depois de ter feito o possível, devemos fazer o impossível. Se apesar de todo o nosso esforço a família nos mafiar, Na. Sra. saberá tirar o bem do mal <sup>941</sup>.

### **III. EREMOS DE ATIVISMO INDIVIDUAL (\*)**

-----

(\*) NB: Este item não abrange o que diz respeito à vida eremítica --silêncio, clausura, oração, etc.--, mas apenas o que se relaciona com apostolado.

-----

<sup>935</sup> Despacho 28/11/84

<sup>936</sup> Reunião do 11/12/84

<sup>937</sup> Despacho 28/11/84

<sup>938</sup> Eremos Itinerantes 29/11/84

<sup>939</sup> Despacho 28/11/84

<sup>940</sup> Palavras aos grupos do interior 4/2/80 (RN 612)

<sup>941</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 6/1/81 (ER 214)

## A. Vocação dos Eremos de Ativismo Individual. Importância do Dom Chautard

Eu espero que os [membros do Êremo de São Paulo Apóstolo] fiquem ativistas tão destros, que acabem constituindo uma escola de Ativismo. Quer dizer, que conheçam toda a teoria do Ativismo Individual de maneira a poderem lecioná-la e formar outros ativistas no Reino de Maria.

Os [eremitas] estão no Êremo para isso. É absolutamente essencial que [estudem], em primeiro, lugar as descrições e o esquema [do Ativismo Individual]; em segundo lugar, vida espiritual --Dom Chautard, grandes autores clássicos ou circulares boletim--; depois, colateralmente outras coisas <sup>942</sup>.

Eu dou uma importância enorme ao estudo do Dom Chautard, porque é uma das infidelidades do Grupo não conhecer Dom Chautard como deve. Dom Chautard é um firmamento. Só quem estudou bem Dom Chautard é que tem de fato a convicção de que a Igreja pode vencer a R. Porque não é só questão de Bagarre e de uma coisa e outra.

Como recrutar, como atrair, como despertar o entusiasmo nas almas dos outros, etc., é uma coisa que vista no primeiro olhar é impraticável e que só por um mistério pode ser obtida. É exatamente o mistério sobrenatural da vida da graça e tudo aquilo que Dom Chautard ensina e que é de fato a alma do apostolado.

Se nós temos tanto apostolado sem alma é porque nós temos gente que não leu a "Alma de todo apostolado" <sup>943</sup>.

Dom Chautard escreveu para todos os católicos *in genere*. Porém, nós temos muito mais razão para [esperar] o êxito segundo o que ele ensina, porque Nossa Senhora nos chamou para uma missão especial. Daí devemos ter uma confiança ainda maior <sup>944</sup>.

Acho que o estudo do Dom Chautard é tão importante para o Ativismo Individual, que os próprios princípios de Ativismo Individual que eu dei, eu coloco nitidamente abaixo do Dom Chautard.

Um estudo bem feito do Dom Chautard é aquele em que a gente, com toda facilidade, usando apenas alguns apontamentos já fixos que tem em mãos, pode fazer a qualquer momento uma conferência sobre qualquer capítulo.

Teoricamente, o método por excelência para minha geração seria [estudar o Dom Chautard como no colégio, decorando], completado com outra coisa: dia x da semana se faria a apresentação do estudo feito numa semana; e 2 ou 3 vezes por semana, durante 10 minutos, se chamaria por sorteio um qualquer para tratar de um ponto escolhido arbitrariamente nas matérias das semanas anteriores. De maneira que a recordação do remoto e do próximo estivesse igualmente presente.

Esse livro foi escrito para pessoas de muita instrução religiosa; tem uma porção de pressupostos da doutrina católica, que até certo ponto é normal que [várias pessoas] não conheçam. De maneira que, para uso dos cooperadores, os [eremitas] poderiam compor um dicionário preliminar das noções necessárias para entender Dom Chautard.

## B. O relacionamento dos eremitas de São Paulo Apóstolo com os apóstolos itinerantes

### 1. A afinidade de missão, pressuposto do relacionamento

Os apóstolos itinerantes são ativistas individuais. [Neste sentido] a afinidade da missão deles com a dos [eremitas de S. Paulo Apóstolo] é muito grande:

- os [eremitas] fazem Ativismo Individual em "putschs", os apóstolos fazem Ativismo Individual em estado permanente;

- os [eremitas] tem toda possibilidade de estudar a coisa teoricamente e de ter o contributo da prática; os apóstolos tem mais a possibilidade do contributo da prática e muito menos possibilidade de estudo teórico;

- os apóstolos fazem um apostolado muito mais manhoso, muito mais difícil e muito mais especificamente individual. Os [eremitas] vão um pouco como uma máquina de propaganda, entram juntos, remexem, pegam o pessoal numa situação de espírito excepcional criada pelo impacto da campanha, visitam a família, trazem o sujeito para o começo da freqüência da sede;

### 2. Meios do relacionamento

#### a. Através de cartas

Seria interessante os [eremitas] organizarem, junto com a Comissão do Movimento, um questionário para mandar aos apóstolos, perguntando a eles em tais e tais pontos que aspectos favoráveis e que dificuldades eles encontraram, o que é que eles ainda gostariam de acrescentar.

Os apóstolos deveriam apresentar aos [eremitas], através da Comissão do Movimento, os casos concretos concretíssimos: "eu apliquei tal método e tive tal insucesso, ou inopinadamente eu empreguei tal outro método e tive

<sup>942</sup> Reunião Êremo de Petrópolis (São Paulo Apóstolo) 1/7/71 (ER 132-133) título originário "Caderno do aprendiz do Ativismo Individual"; e 1/7/71 (ER134), título originário "Doutrina da vida eremítica"

<sup>943</sup> Êremo São Paulo Apóstolo 14/9/71 (ER 135)

<sup>944</sup> (ER 132-133), título originário "Sefac, Dom Chautard e convívio"

sucesso, gostaria que soubessem de tal processo, gostaria de uma solução para tal insucesso", ou então, "ocorreu-me adaptar os métodos recebidos da seguinte maneira, porque percebi que aqui tem tal peculiaridade, peço uma opinião a respeito disso".

Então receberia uma diretriz de acordo com a ciência do Ativismo Individual. Propriamente os [eremitas] não dariam diretrizes, mas conselhos; a Comissão do Movimento é que sugeriria se esses conselhos devem ser feitos no momento ou não, de acordo com todo um plano. Os [eremitas] seriam uma espécie de conselho da Comissão do Movimento para o levantamento e estudo dos problemas do local.

A correspondência precisa ser da parte dos [eremitas] muito metódica, um pouco cobrante --se o apóstolo não escreve, cobrem--, sempre terem alguma coisa para dizer para os apóstolos --nunca escrever carta vazia. De outro lado, sempre procurar animar, estimular na confiança a Na. Sra. ao máximo, porque aqui entra o aspecto profético da vida do apóstolo: é estar ao pé do muro, empurrando, empurrando, empurrando, de repente Na. Sra. tira qualquer coisa. É preciso que o caráter profético dessa tarefa fique bem claro aos olhos dos apóstolos.

Não é muito bom ficar os correspondentes crônicos, de maneira a constituir uma espécie de feudalismo. Por exemplo, "Fulano há 10 anos dirige com muito êxito tal Estado". A gente vai ver na alma dele o apego que criou: "esse Estado sou eu, não mexa aí", e outras coisas do gênero. Ainda que com prejuízo para vários Estados, tem que haver uma rotatividade, vamos dizer de 4 em 4 meses, pelo menos.

(As relações com o apóstolo são) de cavaleiro andante a cavaleiro andante, onde as razões pessoais de afinidade, parentesco, etc., não figuram. Nunca é aquela amizade de coração, de amigão, nada disso, mas aquele amor sobrenatural que se tem por todo mundo que está seguindo as vias de Na. Sra.

Mais ainda, eu sugeriria aos [eremitas] que nas cartas escrevessem sempre de acordo com o mesmo esquema, que é:

1. Saudação (\*).
2. Fazer referência quando é a última carta.
3. Tratar das várias matérias --se for preciso numeradas 1,2,3, etc.
4. Deixar para o fim a parte espiritual do apóstolo. Então aí, se o apóstolo puser alguma coisa espiritual, o [eremita] atenda sem ser numerado nem nada. Esta parte muito amável e sem esquema, o mais possível afetuosa.
5. Pedido de orações.
6. Promessa de orações (\*\*), Salve Maria e acabou-se.

-----(\*) Eu sugeriria que a saudação fosse sempre estereotipada: "caro Fulano". Se o apóstolo sofreu um acidente ou está doente ou está numa crise muito forte, discretamente ponham "caríssimo". Mas não transformem isso num termômetro de maneira que o apóstolo perceba que ele está em crise porque recebeu um "caríssimo" colado na testa. Precisa fazer isto com certa arte.

(\*\*) Os [eremitas] deveriam incluir em algum ponto das suas orações, não orações a mais, mas uma intenção especial pelos apóstolos.

-----

Em via de regra, nas cartas os [eremitas devem responder as] consultas dos apóstolos sobre problemas. [Seria bom] que elas passem sempre pela Comissão do Movimento, porque do contrário sai uma distonia. Poder-se-ia também fazer uma outra coisa: a Comissão do Movimento manda a carta e os [eremitas] mandam uma sugestão, algo que a Comissão encaminhe aos apóstolos.

## **b. Através de simpósios**

Em tese o verdadeiro seria que os [eremitas] --mediante uma cooperação estreita comigo-- fossem se formando de maneira a poderem em 2 ou 3 simpósios por ano dar para os [apóstolos] toda a doutrina do Ativismo Individual.

Mas eu nunca recomendaria de fazerem um simpósio em que cada um dos apóstolos dissesse alto as suas dificuldades. Porque o apóstolo itinerante fica colocado numa posição muito difícil mesmo e em vez de se perguntar "o que que devo tirar de mim para vencer aquilo?", transforma aquilo numa série de invectivas contra o ambiente: "essa cidade fassura que não sei mais o que", etc. Dá num chora-chora que não tem saída, os [eremitas] se vêem envoltos num mundo de problemas locais, e começam a conversar com o ativista de Fortaleza sobre como resolver lá, [enquanto] o de Goiás não presta atenção, porque não é para ele.

O simpósio não é para isso, mas para dar teoria. Ouvir a choradeira da prática se deve fazer eventualmente antes do simpósio, para ajustar o simpósio à choradeira (\*), depois dar a teoria, e depois novamente dar as diretrizes práticas à vista da teoria dada.

-----(\*) Os [eremitas] devem:- com base nos relatórios dados e no que os apóstolos acrescentem oralmente, montar o quadro das dificuldades;- e de acordo com a Comissão do Movimento, e eventualmente com consulta a mim, idearem o que é que em tese resolve o que há de comum entre esses problemas <sup>945</sup>.

-----

\*

Se o simpósio fosse feito para os [apóstolos itinerantes] saírem desenvolvendo imediatamente todas as regras, o simpósio teria adiantado pouco. O simpósio não é feito para isso.

Os franceses chamam cultura aquilo que resta no espírito depois que a gente esqueceu de tudo. Quer dizer, tomem um que lê muito, depois passa alguns anos sem ler, ele esqueceu muita coisa, algo fica no espírito: aquilo é cultura. Para outros povos a cultura corresponde ao número de psico-fichas que o sujeito tem na cabeça.

A cultura de um homem é como a culinária. Há certas receitas que a gente põe no forno, tira do forno, põe de novo, depois forno quente, forno menos quente, lá vai e o prato vai se metamorfoseando, no fim dá o sabor que tem que dar.

É preciso aprender, ter esquecido, quando vai re-aprender de novo a gente percebe que alguma coisa estava lembrada e que isto que lembrou caminhou no espírito da gente enquanto a gente não pensava. Uma cultura leva algum tempo para fazer e não pode ser feita rapidamente <sup>946</sup>.

[Aliás], a minha cara geração nova não gosta muito de cursos longos sobre as matérias <sup>947</sup>.

### c. Através de estágios dos apóstolos no ESPA

Para resolver concretamente os problemas de cada um, os apóstolos poderiam passar tempos [no ESPA]. Essas estadias deveriam ser assim: - um dia ou dois recolhimento, em que o apóstolo não faz nada, é simplesmente recebido como numa casa de retiro;

- no terceiro dia lhe é dada a possibilidade de ele se perguntar a si próprio o que é que tem que dizer, e fazer antes a crítica do que tem que dizer;

- depois ele é recebido pelo correspondente dele, que ouve aquilo;

- depois as perguntas são estudadas, faz-se um debate, dão-se algumas sugestões preliminares, o que é que ele acha disso, o que é que ele acha daquilo, etc.;

- o que não se resolveu é objeto de uma conversa entre os [eremitas], eventualmente consulta à Comissão do Movimento, solução;

- mais um dia ou dois de estadia para se preparar a viagem.

No início da conversa, rezam. Durante a conversa, tratem das coisas como homens sérios; [quer dizer], não falem de outra coisa a não ser daquela matéria. Perguntas puramente turísticas e de mera curiosidade, etc., não entram! A gente pergunta o que precisa saber <sup>948</sup>.

### C. Papel dos êremos da Ativismo Individual no apostolado de fixação

[Os eremitas da Luz] deveriam tornar [o Êremo] inteiramente atraente e proveitoso espiritualmente para os que vierem de fora.

Deveria haver uma hora em que o pessoal novo [do grupo de Curitiba] viesse todo ao [Êremo] e os [eremitas] estivessem disponíveis para conversar com eles, não a respeito de coisinhas insignificantes, mas sobre temas importantes ou fazendo para eles pequenas reuniões.

Seria a hora dos [eremitas] servirem os que vem de fora, fazerem com os que vem de fora o que eu procuro fazer com os [eremitas]: ver o que querem, o que gostam, mas ao mesmo tempo fazendo apostolado.

Mas então terem até uma reunião em que planifiquem isto, discutam "este está bem, aquele está menos bem". [De maneira que o] noviciado no Grupo ficasse a cargo dos [eremitas]. Naturalmente o apóstolo itinerante também tem que concorrer para fixar, porque se ele traz, nas primeiras vezes ele é o traço de união entre quem trouxe e os outros,

<sup>945</sup> Êremo São Paulo Apóstolo 14/9/71 (ER 135)

<sup>946</sup> Reunião eremos de Ativismo Individual e Apóstolos Itinerantes 29/5/74 (ER 81)

<sup>947</sup> SD 15/2/74 (ER 142)

<sup>948</sup> Êremo São Paulo Apóstolo 14/9/71 (ER 135)

mas depois normalmente ele deveria ter tempo livre para procurar outros ambientes e os [eremitas] deveriam estar fixando estes.

O pessoal do Êremo de São Paulo Apóstolo [faria] este apostolado lá em Petrópolis, com gente do Rio <sup>949</sup>.

## IV. A COMISSÃO DE EXPANSÃO

### A. Normas para a Comissão no tocante à assistência psicológica aos apóstolos itinerantes. A troca de cartas entre a Comissão e o apóstolo

O que o Departamento de Expansão deve executar, do ponto de vista meramente humano, para manter viva e atuante a instituição do apostolado itinerante?

O mais importante da assistência aos apóstolos itinerantes não é tanto dar orientações a eles, mas resolver os problemas psicológicos deles. Resolvidos estes, eles tem recursos humanos, em via de regra, para, apoiados por nós, executarem suas missões, sem maiores catástrofes pelo menos.

Os principais problemas psicológicos dos apóstolos itinerantes são:

1) Sensação de isolamento, de que são uma gota de ultramontanismo perdida no oceano territorial do Brasil. Daí a tendência subconsciente de os apóstolos itinerantes de deixar para o último plano o apostolado propriamente dito, e irem cuidar de mil outras coisas: SIP, Semana em foco, contatos diversos, etc.

2) Tentação de se acharem marginalizados da vida do Grupo. Uma série de coisas importantes acontecem e eles não ficam sabendo. A política nacional e internacional vai se desenvolvendo e eles não sabem o que o Grupo está achando.

3) Tentação de desconfiança quanto às causas de seu afastamento das cidades: "seria por estarem atrapalhando?"

4) São receptivos à tentação de que as coisas de São Paulo não funcionam, [no sentido] que eles escrevem e não recebem resposta, pedem coisas e não são atendidos, etc. Como o avião que, estando em risco de se espatifar, liga para a torre de comando do aeroporto, e esta não responde.

5) Ficariam muito satisfeitos se soubessem que o que fazem é acompanhado por todo o Grupo, e creio que ficam um pouco desapontados constatando que a "mise en honeur" que deles se faz atualmente é insuficiente.

\*

A meu ver, a maneira de solucionar esses problemas é, entre outras coisas: 1) Todos [os apóstolos] estão instados a fazer com que seus relatórios (\*) sejam semanais, obedeçam a determinada forma (\*\*), e cheguem a São Paulo sempre na segunda feira. A resposta segue na terça ou quarta feira, conforme o malote. O atendimento dos pedidos deve ser pronto <sup>950</sup>.

-----(\*) [Quando] Ananias e Safira se apresentaram a São Pedro dizendo que todas as riquezas deles estavam ali e que era para dar aos pobres, mas de fato eles tinham escondido uma parte, São Pedro invocou sobre eles a cólera de Deus e os 2 caíram mortos. Por que mentiram dizendo que tinham dado tudo? Eles podiam dizer que não davam tudo, que estavam dando uma parte. São Pedro receberia bem.

Isto não é parecido com um apóstolo itinerante que escreve um relatório biombo, feito sem lealdade, sem franqueza? Diz: "eu dei tudo, aqui está a minha obediência inteira".

Nunca os apóstolos itinerantes façam isso. Com as autoridades eles [devem] ser inteiramente francos. Quanto mais forem francos, tanto maior será a bondade com que serão acolhidos. Nossa Senhora os abençoará por causa disto <sup>951</sup>.

(\*\*) Os relatórios tradicionalmente constam de 3 partes: apanhado geral do que foi feito na semana, consultas e pedidos.

-----

Caso eles não façam o relatório chegar até terça feira, enviamos cobrança do relatório. É a torre de comando que está preocupada por não saber o paradeiro de determinado avião, e está pronta a acionar o Serviço de Busca e Salvamento. Assim a tentação [enunciada no item 4 acima] fica ilidida.

2) Nossas cartas devem ser cheias de calor. Afinal de contas, trata-se de pessoas que abandonaram tudo para assumir uma situação realmente dura. Deve haver um cuidado individual para cada um (evidentemente sem coitados),

<sup>949</sup> Texto sem data 15, (ER 137), título originário "Batismo do Êremo da Luz"

<sup>950</sup> Texto sem data 11, (ER 132-133), título originário "Apostolado Itinerante"

<sup>951</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/9/72 (ER 140)

que deve ir desde o respeito às peculiaridades deles, até preocupações por suas refeições e vestimenta. Deve-se procurar dar a eles muitas notícias.

3) É muito importante velar pelo lado espiritual dessas almas. É muito conveniente que tomem alimento espiritual. Normalmente as cartas não são suficientes. O ideal seria que todos tivessem gravador e recebessem fitas.

4) A "mise en honneur" está um tanto deficiente. Seria interessante cada 15 dias ler no auditório um resumo do que eles tem feito.

\*

É muito importante na orientação que se lhes dá não se ater ao que está no relatório [enviado pelo apóstolo]. Mais importante do que o que está escrito é o que está nas entrelinhas, e o que pura e simplesmente não está nem nas linhas nem nas entrelinhas.

Pelas entrelinhas pode se ver muitas vezes qual o estado de ânimo do apóstolo itinerante. Se está baixo é preciso ver com o maior cuidado o que é o caso de fazer para reanimá-lo --por exemplo, enviar para ele um áudio-visual que ele não pediu, mandar um companheiro por uns 15 dias, conseguir uma carta do Sr. JC para ele, etc.

Quanto ao que simplesmente não está na carta, é muitas vezes o que mais importa do ponto de vista da ação. Descobrir e propulsionar isso é o que dá ao Departamento de Expansão a iniciativa no trabalho. Para descobrir isso, o método é simples: trasladar-se mentalmente para a cidade e entrar nas respectivas problemáticas, antes de começar a ler a carta; pensar em quais são os dados que se espera do relatório; ler o relatório prestando atenção neles; não os encontrando, [a gente toma nota dos pontos] passados em silêncio.

\*

O aspecto "teatino" tem que ser visto "cum granun salis". Creio que deve continuar a ser a tese. Mas é preciso levar em consideração que alguns não tem jeito para a coisa. Há alguns que preferem às vezes passar fome a pedir donativos. Creio que o aspecto "teatino" deve ser apertado caso por caso, mas sempre com paternalidade, e não negando as ajudas --aliás sempre até aqui exemplarmente módicas-- que eles venham a pedir.

\*

Note-se que foi abordada aqui apenas uma faixa de problemas dos apóstolos itinerantes. [Por exemplo, não foi tratado]:

- . o aspecto sobrenatural;
- . como manter acessa em nossos militantes a chama profética do apostolado? Por Itaqueras periódicas? Por outros meios? Na. Sra. ao seu tempo o indicará;
- . o que fazer concretamente em cada cidade, de maneira a no menor espaço de tempo possível atingirmos os 10 mil? Que novos métodos usar? Que obstáculos de ordem externa combater? etc.
- . o que fazer para melhorar a formação dos apóstolos? O que devemos fazé-los estudar? que esquemas pôr à disposição deles?<sup>952</sup>

## B. Outras tarefas para a Comissão

Seria muito interessante a Comissão do Movimento:

- elaborar um código de procedimento interior do apóstolo itinerante (cfr. Sexta Parte, IV, A, 3)<sup>953</sup>;
- [redigir] um temário dos desacordos com as nossas doutrinas. O que supõe que saibamos dizer quais são as nossas doutrinas<sup>954</sup>;
- (mandar para cada apóstolo documentos anti-máfia, por exemplo as cartas dos delegados das cidades, xerox dos pronunciamentos favoráveis, etc.)<sup>955</sup>;
- assim que acontecer um fato qualquer internacional ou nacional próprio a interessar --a morte de Tito, a viagem de JP II a Moscou, etc.--, mandar para todos os grupos um grafonema comentando o fato de maneira a despertar a atenção e assim os apóstolos comecem a sacudir a opinião [nas respectivas cidades]<sup>956</sup>;
- [fazer reuniões da Comissão de 2 em 2 meses a respeito das dificuldades encontradas em matéria de apostolado da conversa, e de como ele está sendo feito. Do contrário, o apostolado da conversa] se esvae numa nuvem de teorias áureas como nuvens pairando no passado do Grupo<sup>957</sup>;

<sup>952</sup> Texto sem data 11, (ER 132-133), título originário "Apostolado Itinerante"

<sup>953</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 8/11/73 (ER 68)

<sup>954</sup> Reunião 2/3/74 Ativismo Individual (ER 142)

<sup>955</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 9/9/77 (ER 196)

<sup>956</sup> Palavras aos grupos do interior, 4/2/80 (RN 612)

<sup>957</sup> Texto do ano 1966, título originário "A arte de conversar II", (RN 61)

- montar uma espécie de auditoria, para que os apóstolos possam, cada um, vamos dizer 2 vezes por mês, telefonar para São Paulo e conversar com alguém, ainda que seja uma prosinha de 5 minutos. [Daria muito] alento <sup>958</sup>;

- e quando os apóstolos são novos numa cidade, em certo momento pedir que dêem o relato de que como é que está a cidade do ponto de vista da Congregação, a presença da Congregação na cidade que espécie de reações desperta, o que é que eles fazem para ajeitar essas reações ou não ajeitar, [quais são] os problemas do grupo [local], quais são os problemas concretos do apostolado na cidade.

E gostaria que nos encontros anuais com a Comissão, houvesse uma conversa sobre [a quantidade e a qualidade dos apostolados] <sup>959</sup>.

## V. O APOSTOLADO VISTO EM FUNÇÃO DO INSTITUTO SECULAR

Qual o efeito que o Instituto Secular produzirá no apostolado? <sup>960</sup>

Eu acho que o Instituto Secular favorecerá extraordinariamente nossa ação, e até certo ponto dificultará. Porque as famílias ficarão com medo que os senhores dêem aos filhos a vocação para o Instituto Secular <sup>961</sup>.

E o apostolando, sabendo que um dos senhores pertence ao Instituto Secular e compreendendo o que é o Instituto Secular, verá quanto os senhores tiveram a intenção de se dar profundamente, imaginará que os senhores se deram tanto quanto foi sua intenção, e dirá: "eu não posso deixar de admirar uma coisa dessas". Mas de outro lado [pensará o seguinte]: "tenho medo de seguir esse rumo e de ter que desistir disso, daquilo, daquilo outro".

[Notem que] este efeito os senhores já produzem. Porque um apóstolo itinerante que está numa cidade onde ele não conhece ninguém e ninguém conhece a ele, a gente percebe que ele se deu a algo:

- Aonde está a família dele? - Mora longe.
- Quando é que ele se diverte? - Nunca.
- Quando é que ele passeia? - Nunca.
- O que que ele tem para o gozo de sua vida? - Nada.
- Ele tem um ideal, esse homem se deu.

Essa doação não explicitada e não enunciada causa um fundo de interrogação, um certo fundo de mal-estar.

Os senhores explicitando, de algum modo tornam o choque mais forte, e de algum modo tornam o mal-estar menor (\*).

----- (\*) Se os senhores disserem que são do Instituto Secular, o rapaz vai passar a refletir o seguinte: "bom, eu compreendo que os de um Instituto Secular sejam assim, eu não tenho obrigação de ser assim, logo o modo de ser dele não é uma repreensão viva a mim como parece à primeira vista". Isto distende. Distende até de um modo perigoso, porque eles começam a olhar para nós como alguns anos atrás um anti-clerical olhava para o clérigo. Dizendo que somos um Instituto Secular, nos apresentamos como que na condição de um padre a quem se perdoam certas coisas e com o qual se faz uma paz numa base falsa.

-----

Vai ser preciso dizer ao apostolando o seguinte: "nós não achamos que toda a mocidade brasileira deva entrar para o Instituto Secular; se você não quiser entrar, não entra, você será um militante da Congregação, é uma outra questão. Se depois você quiser entrar, entra, mas é uma coisa livre".

Mais do que isso não se pode dizer. Nós temos que esperar que Na. Sra. fecunde o impacto do bom exemplo dado arrastando almas com os senhores.

Uma coisa é positiva: o que os senhores atraírem será o melhor, o que os senhores perderem não será o melhor.

Mas vale a pena então dar publicidade a esse Instituto Secular?"

A Congregação, à medida que cresce, vai ficando tão enigmática sem esta explicação, que não há caminho para ela. Os senhores não se dão conta do que há de inexplicável em 800 rapazes que levam uma vida completamente

<sup>958</sup> Palavrinha Apóstolos Itinerantes 7/5/92

<sup>959</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 16/7/89

<sup>960</sup> Reunião eremos de Ativismo Individual e Apóstolos Itinerantes 29/5/74 (ER 81)

<sup>961</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 4/1/72 (ER 136)



"sui generis". Como os senhores foram vendo isto crescendo aos poucos, acham natural, como tudo que cresce aos poucos, mas os senhores imaginem isto de fora para dentro: a incógnita que é.

De outro lado, nós não podemos fazer uma coisa secreta. O bem não se esconde. O Instituto Secular pode aguardar o momento para revelar-se, mas ele não se esconde, ele se manifesta.

Agora, como preparar o apostolando para a transição? Eu tenho a impressão que ainda não é o momento; quando a coisa estiver para sair é que se deve tratar da preparação <sup>962</sup>.

## VI. A OBEDIÊNCIA VISTA EM FUNÇÃO DO INSTITUTO SECULAR

### A. A obediência, continua conformidade com a vontade de Deus e com a vontade do superior

O que vem a ser a virtude da obediência? A virtude da obediência procede do fato de que nós todos não devemos fazer a nossa própria vontade individual, mas devemos fazer a vontade de Deus, que é o Senhor Nosso, que tem todos os direitos sobre nós e que nos premiará infinitamente pelo fato de fazermos a vontade de Ele.

Na vida de Nosso Senhor se insiste a este respeito, quando Ele diz por exemplo "Padre Eterno, faça-se a Vossa vontade e não a Minha". [Também na vida de Nossa Senhora, por exemplo] quando Ela disse ao arcanjo São Gabriel "faça-se em Mim segundo a vossa palavra". Quer dizer, é um continuo "fiat", um continuo "amém" -amém quer dizer seja-, uma continua conformidade com a vontade de Deus. Talvez se pode dizer que não houve virtude de que NSJC e Na. Sra. tenham dado provas mais evidentes do que da obediência.

\*

Agora, que relação há entre a vontade de Deus e a ordem que eu recebo de meu superior? Deus criou as coisas no mundo de tal maneira que não há um esforço comum que não tenha alguém que o dirija para a sua realização. A vida humana, católicamente falando, é um continuo ato de obediência de uns aos outros, não só dos inferiores aos superiores, mas no fundo também e principalmente até dos superiores em relação aos inferiores.

[Entre os anjos] a obediência é maior ainda do que [entre] os homens, porque a superioridade de um anjo sobre outro é maior do que a do maior dos homens sobre o menor dos homens.

Há portanto uma vontade de Deus quando todos estão engajados para o mesmo fim, seja qual for esse fim. Por exemplo, numa família, numa sociedade recreativa, num batalhão de exército, numa escola, há uma vontade de Deus de que aquela organização tenha superiores para realizar seu fim. E há uma vontade de Deus portanto de que os que não são superiores da organização obedeçam.

Então, eu conheço a vontade de Deus sabendo o que querem aqueles que tem o direito de mandar em mim, porque como Deus quis que os homens tivessem superiores e eu tenho os meus, é preciso que eu saiba obedecer aquele que manda em mim. Assim eu farei a vontade de Deus.

Alguém poderá objetar: "mas a vontade de Deus pode exprimir-se através de um homem que às vezes vê menos claramente do que eu aquilo que deve ser feito? Por exemplo, em tese pode haver um Papa santo, mas menos inteligente ou menos capaz do que vários de nós. A vontade de Deus pode ser que eu faça algo que é menos bom, menos útil para a Causa Católica do que eu estou vendo que é necessário?"

Minha resposta é: na medida em que o Papa tem direito de mandar em mim, nesta medida eu devo fazer o que ele quer, porque aquela é a vontade de Deus. Deus saberá depois tirar proveito do que ele fez. Ou saberá julgá-lo por aquilo que ele deveria ter feito e não fez, ou pelo que há de errado se se trata de um que não é santo e que tem culpa de ter errado.

Isto se dá com toda autoridade constituída sobre nós. E também com as autoridades da Congregação, com as autoridades num Êremo Itinerante, etc. <sup>963</sup>

Os senhores imaginem uma pessoa que recebesse de Deus o seguinte privilégio: sempre que Deus quisesse que ela fizesse uma coisa, aparecesse para ela um anjo e revelasse: "Deus quer de ti isto". Seria uma coisa admirável.

Na vida que os senhores levam há isso. Porque Deus chamou os senhores, a rogos de Na. Sra., para a vida que os senhores levam. E o próprio da vida que os senhores levam é fazer nas grandes e nas pequenas coisas a vontade do quidam, e cada vez que o quidam lhes manda fazer um serviço, os senhores são dos privilegiados a quem Deus disse, pela voz do quidam: "vá fazer tal coisa".

O quidam pode errar, mas Deus nos diz: "siga agora a ordem descabida que o quidam deu, porque de você eu quero que obedeça a ele".

Lembrem-se disso e os senhores encontrarão a paz e a despreocupação especial da obediência <sup>964</sup>.

<sup>962</sup> Reunião eremos de Ativismo Individual e Apóstolos Itinerantes 29/5/74 (ER 81)

<sup>963</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/9/72 (ER 140)

<sup>964</sup> SD 16/2/85

\*

Às vezes quem tem uma função dirigente é obrigado a tomar atitudes que ninguém compreende.

[Nesse caso] se deve pensar o seguinte: "se ele é cumpridor habitual dos deveres dele, e está violando o dever dele de modo tão protuberante, ele provavelmente tem uma razão séria".

Por exemplo, há gente que não compreende que todas as semanas, eu dê mais ou menos uma hora e meia de conversa com Dr. L., quando tenho coisas urgentíssimas para fazer. Mas eu sei o que eu estou fazendo. É preciso ter esse ato de confiança<sup>965</sup>.

\*

E se não temos o superior para mandar em nós, temos um critério para não errar nunca. Em todo momento, nós da Congregação, temos facilidade de saber o que Na. Sra. quer de nós. É nós nos perguntarmos o seguinte: "agora, neste passo, neste lance, o que eu posso fazer de melhor para o florescimento da Congregação? Onde haverá mais vantagem para a Congregação, aí haverá o desejo de Deus, haverá o desejo de Na. Sra."<sup>966</sup>

[Em outros termos], a regra é perguntar o que é que eu faria, e fazer o que eu faria<sup>967</sup>.

## B. A obediência numa ordem religiosa

Há uma categoria de homens que Deus chamou para conhecer a sua vontade e fazer a sua vontade de um modo mais excelente do que todos os outros.

São homens a quem NSJC diz o seguinte: "meu filho, a todos Eu pedi muito, em compensação dei muito. De ti Eu não quero muito, quero tudo, em compensação darei tudo. Eu te peço toda tua vida, todo teu ser, toda tua liberdade; em conseqüência dar-te-ei a todo momento o trasbordamento de minhas graças, a plenitude de minhas luzes e uma assistência toda particular para todos os atos de tua vida. Eu habitarei em ti de um modo especialmente intenso, especialmente rico, como num tabernáculo Eu habitarei em ti, farei de ti o lugar de minhas delicias". São aqueles que Deus chama para o estado religioso.

Um cavaleiro na Idade Média que pertencia a uma ordem religiosa, dava toda sua vida para a ordem. O superior da ordem mandava combater em qualquer lugar que fosse, ele obedecia; mandava voltar para atrás e participar da vida de uma residência da ordem em algum país, ele obedecia também. Toda sua vida era regulada pelos estatutos da ordem e o superior vigiava a aplicação desses estatutos. Ele se dava completamente à ordem, mas em compensação também, Deus se dava completamente a ele.

## C. A obediência na Confraternitas Laicalis. O que nesta matéria já existe e o que falta. O perfeito superior

No Instituto Secular não se tem votos, mas se vive como se fosse numa ordem religiosa. Na ordem religiosa peca-se violando as regras, no Instituto Secular não se peca por violar as regras do IS, é uma coisa de boa vontade, é uma coisa de boa disposição. Mas quem se dá a um IS tem o propósito de fazer continuamente e completamente a vontade daquele que é o chefe do IS.

O que disto os Srs. ainda não fazem? Eu creio que de longe o mais difícil e mais complicado os Srs. fazem: não vivem para si; recebem uma [bolsa] que certamente não lhes dá a possibilidade de ficar fazendo muitas roupas nem comprando muitos automóveis nem atendendo a muitas fantasias; tem o lindo costume do "praesto sum", são mandados para uma cidade, não escolhem o lugar para onde vão, executam o apostolado de acordo com as diretrizes que recebem.

O que é que falta para os Srs. serem um IS? Na realidade falta pouca coisa, é os Srs. tomarem o hábito de, vivendo em uma residência nossa onde houvesse 5, 9, 10 [cooperadores] e um superior, os Srs. pedirem licença para entrar, para sair, organizarem com ele o programa do dia e darem a ele uma conta do dinheiro que gastaram. Aí os Srs. teriam o IS inteiro.

Mas esta coisa [que falta] entra [muito] na carne viva, porque uma coisa é obedecer a uma autoridade que está distante, outra é obedecer a uma autoridade que mora conosco. Uma coisa é a gente obedecer regras gerais da Comissão do Movimento, outra coisa é ter um que está junto conosco e chama e diz: "o Sr. esteve hoje com fulano? que resultado obteve? eu vou lhe dar tal conselho, faça de tal modo assim; o Sr. gastou o que nas compras? está certo, não está certo; o Sr. comprou qualquer coisa, vamos ver um pouco o artigo, foi boa a compra, etc.". São coisas pequenas. Mas dão um certo arrepio, porque quando o homem dá tudo e depois chega a ocasião de dar mais um pouco, naquele mais um pouco ele tem um repelão.

<sup>965</sup> Despacho Colômbia 14/2/91

<sup>966</sup> SD 16/2/85

<sup>967</sup> Despacho Colômbia 14/2/91

No dia em que o superior que esteja em cada lugar faça isto sem o desejo de exercer um domínio pessoal, nem de afirmar uma superioridade [pessoal], mas faça isto de um modo inteiramente impessoal e sabendo que ele também é feito para obedecer, nesse dia os Srs. [obedecerão até nas menores coisas] com toda facilidade.

Nosso Senhor, quando lavou os pés aos Apóstolos, diz isto explicitamente: "entre vós, aqueles que mandam sejam como os que obedecem".

O que quer dizer essa frase? Não é que aquele que manda deve fazer a vontade do que obedece, mas ele deve servir o que obedece. Nosso Senhor declarou isto: "Eu não vim para mandar, mas Eu vim para ser mandado".

Um superior que tenha consciência de seu papel, deve ter os olhos continuamente atentos às necessidades de seu inferior e continuamente perguntar-se a si mesmo o que é que ele deve fazer para ajudar e para servir aquele. Quer dizer, para lhe dar um bom conselho, para adaptar-se ao modo de ser dele, para lhe facilitar e aliviar uma tarefa, para rezar por ele, para ser enfim o bordão e o apoio dele. Estar a todo momento "praesto sum" para aquele a quem deve mandar, de maneira que a ordem seja uma ordem que vai dada com tanto respeito, com tanto afeto, tão sem a idéia de exercer um império e um domínio, e tão penetrada apenas do desejo do último ideal, que para o súdito --fora das horas de tentação, em que tudo é difícil-- seja agradável obedecer, seja uma alegria a hora em que o superior abre a porta e diz: "meu filho, vem cá, vamos conversar" (\*).

-----(\*) As relações que tive com mamãe [ilustram o procedimento do perfeito superior].

Há um certo número de senhoras que se postam diante dos filhos na seguinte perspectiva: "eu sou sua mãe, sou muito boa para com você, é natural que você seja bom para comigo, portanto queira me bem e faça o que mando por afeto".

Isto estava presente de algum modo na posição que mamãe tinha para comigo, quando eu era menino, mas ocupava uma posição secundária.

O essencial era outro. Ela dizia o seguinte: "eu ensino para você o caminho do bem e da virtude para a glória de Deus e para salvar sua alma. As coisas que indico para você devem ser feitas porque elas são intrinsecamente boas, e você não só deve fazê-las, mas deve admirá-las, você deve censurar o contrário disto e não deve fazer o contrário disto. E a mais alta razão pela qual você me deve obedecer é porque eu sou um veículo da Igreja --a mãe o é mesmo para a formação de seu filho-- para te ensinar as vias de Deus. Ame a Deus, ame a verdade, ao bem, odeie os inimigos de Deus, odeie o mal e o erro. Fazendo assim você realizará sua vida".

Em segundo lugar vinha: "Eu sou tão boa para com você, lhe quero tanto bem, veja que se eu o faço sofrer exigindo coisas duras, sofro eu mais em exigir do que você em fazer. Vamos carregar juntos esse peso, mas você tem que fazer".

Aí ela era de um carinho insondável, mas que não excluía uma severidade de apreciação absoluta.

Quando eu fazia uma coisa mal feita e ela via, ou a governante contava a ela, ela me chamava. Eu já sabia, a consciência já estava trabalhando, chegava perto dela, ela passava assim a mão em volta de minha cintura, me olhava bem dentro dos olhos, e me dizia com muito afeto: "meu filho, você fez tal coisa, por que fez?" Evidentemente, razões nenhuma, às vezes um mísero pretexto esfarrapado qualquer. Ela ouvia e depois dizia: "veja que coisa triste, você devia ter feito assim, isto tem tal razão, tal outra assim". Ela falava tão compenetrada, que na voz dela, no olhar dela, na alma dela, eu sentia a autenticidade dos argumentos que ela dava. Ela era muito lógica, argumentava com muita lógica. Mas havia algo nela que era como um imã, que me fazia como que sentir a atração do bem que ela pregava e o horror ao mal que ela condenava, eu não sei, indefinível, imponderável, e na medida que ela ia me passando o pito, eu ia ficando com mais admiração por ela.

Quando terminava o pito, ela me dizia: "bem, agora então sua mãe lhe vai dar um beijo e você vai me prometer que nunca mais fará o que fez". Eu prometia, ela me dava um beijo com todo afeto. Estava tudo acabado.

O afago dela era suave, mas muito respeitável, ela nunca brincava comigo no sentido de fazer uma graça, de fazer qualquer coisa de cômico.

-----

É dura a vida de quem procura ser superior assim. Quem está debaixo diz: "que curioso, olha como eu encaixei bem com ele", mas não percebe o esforço que veio de cima para fazer esse encaixe.

Isto falta para nós sermos um IS, é Na. Sra. dar mais alguma graça por onde a gente tenha a certeza que qualquer superior nomeado local, procede assim.

É um pouco mais para caminhar e eu tenho certeza que o dia do IS será para os Srs. um dia de segurança, um dia de estabilidade, um dia de calma, os Srs. saberão sempre o que fazer, porque terão sempre quem lhes dê uma ordem e uma ordem em nome de Deus<sup>968</sup>.

<sup>968</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/9/72 (ER 140)

## D. O que é que nos leva a obedecer ao nosso Fundador? Fundamentos da obediência na Confraternitas Laicalis

### 1. O fato dele ter um discernimento maior

A obediência [numa] Confraternitas não é apenas o fato de que uma pessoa está obrigada a fazer o que outra manda. [Por exemplo], o superior tem o desígnio de que alguém vá a Pirapora, diz: "Vá a Pirapora" e [esse alguém] vai.

A obediência, considerada assim materialmente, se justifica até do ponto de vista puramente administrativo ou funcional. É evidente que toda organização bem montada deve contar inteiramente com a conformidade da ação de seus membros com o plano da organização que o chefe tem, de maneira que os membros fazem a vontade do chefe para a realização desse plano.

Mas de fato, o aspecto principal da obediência é mais alto, mais espiritual e mais nobre.

Para compreendermos bem isto temos que [considerar] como é constituída a realidade criada por Deus e como é constituído o espírito humano criado por Deus para o conhecimento e análise da realidade.

\*

O verdadeiro conhecedor de qualquer matéria, tem habitualmente uma visão muito profunda da matéria que ele trata, uma visão tão profunda que tem qualquer coisa de implícito e de intuitivo. De maneira tal que a pessoa que trata daquilo com grande conhecimento de causa nem é capaz de dizer tudo que vê e tudo que intui; vê tanto e intui tanto, que não é capaz de dizer, não é capaz de explicitar.

Eu dou aos senhores alguns exemplos terra-terra, mas que servem para nós conhecermos bem do que é que se trata.

Imaginem um cirurgião de primeira água. Ele vê um doente deitado na mesa de operação e num primeiro golpe de vista percebe como a operação deve correr. Se algum dos auxiliares perguntar a ele por que é que ele fez a operação de um certo jeito e não de outro, ele terá dificuldade ou impossibilidade de dizer qual é a razão, mas o fato é que a operação foi um sucesso.

Por que a operação foi um sucesso? É porque o grande cirurgião, além de conhecer explicitamente tudo o que se ensina nos tratados de medicina a respeito de cirurgia, tem um senso médico, tem uma porção de observações pessoais que ele não saberia dizer de si para consigo como são, mas que o guiam muito na realização de sua cirurgia. [De maneira] que chega na hora, ele vê a pessoa estendida ali e já intui qual é o lado por onde é preciso cortar.

Em geral o indivíduo que é genial ou que toca de algum modo a genialidade, tem assim uma porção de intuições, de lampejos, de noções, que ele guarda no espírito, e que às vezes ao longo dos anos ele vai explicitando num trabalho penoso, mas que ele já conhecia de algum modo, embora sem poder dizer para si mesmo e que aos poucos vai se tornar claro para si mesmo e para os outros.

Vejam por exemplo o que se dá na história da arte. Os senhores conhecem o caso de Leonardo da Vinci, que levou 20 anos pintando a "Santa Ceia". Ele não sentou num cavalete, pegou a tinta e [na hora] foi desenhando aquilo. Ao longo dos anos ele foi pintando cada figura de acordo com a explicitação que ia fazendo. A gente vê que da Vinci tinha uma idéia de como o quadro deveria ser, mas que ele levou muito tempo para pintar o quadro porque era uma idéia intuitiva, uma idéia que se apresentava a ele de modo vago.

O trabalho material de pintar era o menos importante. O mais importante era trazer à tona essa idéia que ele tinha num fundo confuso. Quer dizer, conceber a pintura, imaginá-la era um trabalho de muito mais valor do que pintar de fato.

Os senhores encontram isto mais ou menos em todos aqueles que fazem um trabalho intelectual de uma certa importância. Eles intuem antes e depois compõem. Músicos, por exemplo, que levam anos para compor uma música.

Isto existe também no que diz respeito a artes mecânicas. Há pessoas que desde pequenas se interessam pela relojoaria e depois de 20, 30 anos de trabalho dão relojoeiros fenomenais. Outros logo que começam a mexer no relógio já se mostram relojoeiros extraordinários. Todo aquele mundo das realizações práticas, que é pressuposto para a confecção de um relógio, exige muita atenção, muita capacidade e alguns tem um flash por onde pegam a coisa logo de uma vez e dão logo de uma vez excelentes relojoeiros. Outros dão relojoeiros geniais pelo fim da vida: eles tiveram uma intuição que os levou no fim da vida a inventar uma peça, uma forma de relojoaria.

A intuição genial é comum a todos os ramos da atividade humana e às vezes nas atividades menores pode haver uma forma de genialidade.

Na ordem sobrenatural isto se dá ainda mais do que na ordem natural. Quer dizer, Deus dá a sua graça para que as pessoas escolhidas por Ele, não sendo às vezes muito inteligentes, tenham uma percepção do ponto de doutrina católica, de teologia, de moral, de interesses da Igreja, de modos de tratar as almas, etc., que lhes dá uma possibilidade de desenvolver uma atuação absolutamente superior.

Essa genialidade sobrenatural teve-a, talvez mais do que ninguém, São Tomás de Aquino. [Outro exemplo] é São João Maria Vianney. Ele era pouco inteligente, mas tinha uma tal percepção do estado das almas, que quando

falava ele comovia e convertia as pessoas, e quando ouvia em confissão ele mudava as pessoas completamente. Quer dizer, era uma super-percepção facultada pela graça em um homem muito pouco inteligente.

Esta visão portanto não é privativa das grandes inteligências, ela não é privativa também de um determinado ramo da atividade humana. Ela existe nas grandes inteligências ou nas pequenas, conforme a natureza do tema, ela existe tanto na esfera natural quanto na esfera sobrenatural.

\*

Agora, toda ordem religiosa é constituída por um Fundador, que tem um determinado espírito e uma determinada missão, e que é chamado a formar e guiar para a aquisição desse espírito e dessa missão os religiosos.

Donde acontece que o verdadeiro Fundador de uma verdadeira família religiosa, tem como ninguém a noção do que é a mentalidade que essa família religiosa deve ter, da meta que essa família religiosa deve ter, e do modo pelo qual essa família religiosa deve agir para a realização dessa meta.

E, em princípio, ainda que ele tenha entre os religiosos dele homens muito mais inteligentes e muito mais capazes, compreender aquele ponto como ele ninguém compreenderá.

E quando a ordem religiosa vive como deve viver, quer dizer quando ela seleciona seus melhores elementos e depois conduz os elementos mais capazes aos cargos de maior responsabilidade, acontece que quando morre o Fundador, o Geral que vem depois, e a dinastia dos Gerais que lhe seguem, tem uma graça especial por onde participam dessa visão do Geral. E portanto por onde eles também melhor do que ninguém vêem as coisas da ordem religiosa como devem ser.

Desse fato fundamental nasce a necessidade da obediência e a fundamentação exata do que seja a verdadeira obediência. Começa aqui a nascer a obediência.

Os senhores tomem por exemplo São Francisco Xavier: ele sentia-se chamado a realizar uma tarefa dentro do sulco aberto por Santo Inácio; ele sabia que Santo Inácio via melhor do que ele o fino creme do que são o espírito, as metas e os métodos da Companhia de Jesus; então era preciso que ele chegasse a Santo Inácio num espírito de obediência.

Neste caso concreto a obediência é a profunda convicção de que Santo Inácio vê melhor do que ele, e que portanto, quando está em qualquer coisa em desacordo com Santo Inácio, Santo Inácio é que deve ter razão e não ele.

Mais ainda, a profunda convicção de que ele só verá bem tendo aprendido de Santo Inácio e em Santo Inácio. De maneira que se ele não prestar atenção na personalidade de Santo Inácio, não procurar compreender em Santo Inácio como aquela coisa é, ele nunca saberá como aquilo é. E ele então precisa ir dobrando o seu espírito, dobrando os seus conhecimentos, de maneira a ter o espírito e o conhecimento de Santo Inácio.

\*

A mais alta expressão da obediência nasce então do fato de que alguém reconhece que outrem tem um discernimento superior, tem uma fidelidade aos objetivos superior, e portanto deve ser seguido.

O primeiro elemento da obediência é esse elemento de alma, e não é o elemento material, por onde por exemplo eu pudesse ir pedir alguém que me limpasse os óculos e a pessoa me limpasse os óculos eximamente. Faz parte da obediência, mas é um aspecto muito minor da obediência. O aspecto maior é serem "cor unum et anima unam", quer dizer uma só mentalidade, porque o que é chamado a obedecer se une inteiramente de mentalidade, de alma, àquele que deve mandar.

Os senhores encontram isso de modo exímio nas ordens religiosas. Encontrarão também em todo outro gênero de grande atividade humana. Quando existe um homem que em qualquer setor se tornou um mestre, um discípulo faz uma obra e essa obra é medida entre os especialistas, digamos um quadro, o leiloeiro que vai vender esse quadro dirá: "quadro de fulano, discípulo de sicrano". Então todos se interessam em comprar. Por que? porque algo do espírito, do talento, do gênio de fulano passou para sicrano <sup>969</sup>. Naquele que obedece se prolonga de algum modo a personalidade de quem manda <sup>970</sup>.

## 2. A união de ideais e intenções RCR com ele

Há duas formas de obediência: involuntária e voluntária. Obediência involuntária é por exemplo de um negro colhido por mercadores na costa da África, trazido para o Brasil e obrigado a fazer a vontade do dono. Ele não queria ser escravo, ao menos em muitos casos; estava muitas vezes em desacordo com o que o senhor fazia, ou não entendia, também o dono não se preocupava em explicar nem um pouco por que era, mas era obrigado a fazer porque era escravo.

<sup>969</sup> SD 28/6/75

<sup>970</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 22/12/77

De um modo incomparavelmente mais nobre, nós encontramos isso na disciplina militar. O militar muitas vezes obedece ordens que ele vê que são erradas.

Não é esta a forma de obediência na Congregação. A forma de obediência na Congregação é voluntária, no seguinte sentido: que o membro da Congregação não tem nenhuma obrigação legal de fazer o que eu mando. E em segundo lugar, se ele faz o que eu quero é porque ele tem os mesmos objetivos que eu, ele tem uma noção do que é a R e do que é a CR, ele quer como eu a vitória da CR e a derrota da R, e ele compreende que esse objetivo eu o conheço melhor, ele compreende que os meios para realizar esse objetivo eu os entendo melhor e os realizo melhor. E porque eu assim realizo o que ele quer, ele faz o que eu quero, para fazer o que ele quer (\*).

-----(\*) Vamos dizer que um dos senhores é apóstolo itinerante e que eu o mande para a cidade "X". Ele pode não querer ir para a cidade "X". Mas como ele entende que para que a CR vença e a R seja derrotada, o que ele tem de fazer é fazer o que eu estou mandando, porque o conhecimento que eu tenho das vantagens e desvantagens, etc., é mais acertado, ele de fato a prazo imediato faz o que ele não quer; mas no fundo é para realizar o que ele quer, em união comigo, que é a vitória da CR e a derrota da R.

-----

Então, por onde é que começa a obediência dentro da Congregação? É pela união de ideais, pela união das intenções. Essa união de ideais e intenções leva ao propósito de obedecer, ao propósito de dobrar-se, para realizar aquela finalidade comum.

É portanto diferente da obediência de um [escravo] ou de um soldado obrigados a obedecerem aquilo que não querem. É muito mais nobre.

Agora, se é verdade que os senhores tem na Congregação essa obediência consentida, nós não somos livres de não consentir. Quer dizer, uma vez que os senhores foram chamados, os senhores não tem o direito de não atender ao chamado; não tem o direito de não querer o que Na. Sra. lhes propôs; não tem o direito de não fazer aquilo que os senhores sabem que é vontade dEla.

Nossa Senhora lhes dá uma luz para ver que a Congregação é verdadeira, lhes dá graças para os senhores aderirem ao que a Congregação deseja, e portanto àquele que representa para os senhores a Congregação e que sou eu. Os senhores ofenderão a Ela se não fizerem.

É tal e qual numa ordem religiosa. Numa ordem religiosa, o religioso deve desejar com toda a alma o que a ordem tem em vista. Mas se ele não desejar, ele se expõe à cólera de Na. Sra., que lhe deu as graças para ver que ele está esbanjando <sup>971</sup>.

### 3. O fato de que nele transparece o "lumen Ecclesiae"

É um erro [achar] que a partir de uma concepção doutrinária da Igreja um homem recompõe uma imagem do que é que deve ser um verdadeiro católico. Seria mais ou menos a mesma coisa do que uma pessoa [querer] se capacitar na teoria da arte, sem nunca ter visto uma obra de arte.

Porém, esse não é propriamente o caso nosso. Nós, na época de hoje, não temos apenas uma dificuldade muito grande de ver a doutrina da Igreja viva em pessoas; nós recebemos contrafações, contra-modelos. Por causa da R, temos a mente povoada até nos últimos pormenores de impressões falsas e falsos clichês.

Isso supõe uma obra de saneamento interno, para a aquisição da plena fidelidade; isso supõe que a Providência mande homens que fielmente e adequadamente simbolizem aquilo que a Igreja ensina.

Agora, como é que eles simbolizam? Antes de tudo pela mentalidade. Porque o mais adequado símbolo de Deus é o homem; e o mais nobre do homem, o por onde ele é homem inteiramente é a mente. Então, esta mente configurada como manda a Igreja, como quer Deus, é o melhor símbolo de Deus.

Bem, então era preciso que a doutrina católica fosse ilustrada com essas mentes "ad instar" de Deus, à maneira de Deus, quer dizer à maneira da Igreja.

O homem católico é aquele que no ponto monárquico de sua alma diz sim à Igreja. Mas diz sim inteiramente, isto é, com um amor entusiástico. Ali incide largo e luminoso o "lumen Ecclesiae", e se propaga por toda a mentalidade à maneira de um "principium vitae", algo que vivifica, que molda tudo.

Agora, como essa transparência da graça [varia] segundo graus diferentes e segundo as várias almas, a gente [pode perguntar o seguinte]: "se eu posso vir a conhecer várias pessoas assim, por que optar por uma e não por outra na linha da obediência?"

Respondo: cada uma dessas almas inteiramente transparentes a essa graça atrai quem deve atrair e encaminha quem deve encaminhar.

<sup>971</sup> Simpósio Apóstolos Itinerantes 14/1/72 (RN 327)

#### 4. O fato dele estar voltado contra a tentação social do demônio

Se fala muito da tentação individual e da ação do demônio para induzir o homem para o pecado. Mas me espanta que não se diz nada sobre a tentação coletiva do demônio, que age simultaneamente sobre os indivíduos de todo um grupo social, de toda uma sociedade, levando as pessoas para o inferno por esse lado.

Agora, numa época onde a tentação social é tão fabulosa, onde propriamente ela é o fundo de todas as tentações individuais --não há uma tentação individual sobre a qual não pese a tentação social, que não seja convulsionada pela tentação social, em que a tentação social em certo sentido da palavra é mais forte do que a tentação individual--, ou nós conhecemos as pessoas completamente voltadas contra a tentação social, que sejam anti-tentação social levada no duro, [ou nós não vencemos essa tentação].

Isto nos leva a praticar a obediência em relação a essas pessoas.

\*

[Todos] esses fatores se somam para que a nossa obediência seja entusiasmada. Entusiasmada não só nas horas boas não, mas nas horas más. Porque são as razões razoáveis por onde nos momentos onde decai o entusiasmo sensível ele fica. Ele estava bem estaqueado. E na hora do entusiasmo sensível foi até onde ele podia, e recolheu como fruto na hora do entusiasmo não sensível aquilo tudo quanto devia <sup>972</sup>.

#### E. Correlação entre obediência e entusiasmo

Há entre a obediência e o entusiasmo um nexa extraordinário e intimíssimo <sup>973</sup>.

O primeiro objetivo da obediência é manter o entusiasmo, porque do entusiasmo nasce qualquer coisa e sem ele nada é. Ou a obediência serve para robustecer o entusiasmo, ou a obediência e o entusiasmo morrem.

A obediência entusiasmada leva nos a ter obediência meticulosa <sup>974</sup>.

O termômetro do entusiasmo é a obediência. Quando uma pessoa está entusiasmada, percebe o quanto ela se une com aquilo que a entusiasma obedecendo. E ela tem aí um calor de obediência, um amor de obediência, um timbre de obediência que é todo especial, que leva sua alma inteira <sup>975</sup>. A obediência entusiasmada leva nos a ter obediência meticulosa <sup>976</sup>.

Se o homem não tem a alegria do entusiasmo, começa a subestimar, a relaxar, a decair, a degradar-se, tudo começa a ficar pesado para ele, e ele não agüenta a obediência.

[O homem entusiasmado, ao receber uma penitência por algo errado que fez, fica embebecido com a retidão e sagrada intransigência do superior. O homem não entusiasmado acha ruim ser repreendido].

Os Mandamentos a gente pratica no entusiasmo. "Não pecarás contra a castidade", a reação da alma diante disso não pode ser a seguinte: "hiii! mas como isso é duro, hein! como eu agüentarei?" Perdeu a batalha. A coisa tem que ser outra: "oh castidade! que beleza! como é magnífica! que píncaro! claro, não pecarei!". Assim a gente guarda a pureza <sup>977</sup>.

<sup>972</sup> Eremo de São Bento 23/6/82

<sup>973</sup> Eremo Praesto Sum 22/6/82

<sup>974</sup> Eremo de São Bento 23/6/82

<sup>975</sup> Eremo Praesto Sum 22/6/82

<sup>976</sup> Eremo de São Bento 23/6/82

<sup>977</sup> Eremo Praesto Sum 22/6/82

## EPILOGO

Encerro a exposição com a seguinte objeção: "tudo isso está muito bonito, mas pura e simplesmente não tenho força para subir essa montanha. É tremenda". Fracassei no passado diante desse problema. Eu era aluno da Faculdade de Direito de SP, na época foco de irradiação de corrupção, de ateísmo e de imoralidade em SP, e até certo ponto no Brasil inteiro. Passei dois anos e meio na Faculdade de Inação, sem coragem de me dizer católico praticante. Afinal de contas, por essas ou aquelas circunstâncias, pedi a Nossa Senhora que me desse a graça de ter coragem.

Comecei com muitas dificuldades mas com muita resolução. Tive de combater o medo de enfrentar o perigo. Vieram as primeiras gargalhadas. Havia uma poesia que era mais ou menos assim: "Ora bola, ora bola, ora bola, o André virou carola". E daí para frente outras coisas. Por fim, o trabalho feito e com êxito. Quando me formei, estava fundada a Ação Universitária Católica, havia um movimento pujante de católicos na Faculdade de Direito, e minha Missa de formatura foi no pátio interno da Faculdade de Direito com todos os professores presentes fazendo o sinal da cruz.

Tudo está em pedirmos força a Nossa Senhora, em pedirmos graças a Ela <sup>978</sup>.

\*

Eu sei que os Srs. não vão conseguir aplicar o método logo, vão fazer uma porção de coisas sem jeito, mas vão acabar aplicando o método com a graça de Nossa Senhora.

A minha intenção era de que os Srs. aprendessem o método como quem aprende a nadar. O professor de natação ensina teoricamente quais são os movimentos e depois joga o sujeito dentro da piscina e o sujeito nada. Quer dizer, eu queria que tendo esse método, os Srs. procurassem se desembrulhar de qualquer jeito <sup>979</sup>. Quando os senhores começarem a sentir que o apostolado não pega, os senhores vão começar a procurar se lembrar das regras, e procurar se adaptar e começar a dar uns jeitinhos, porque "intellectus apertatus, discurrit", e quando os senhores voltarem [a São Paulo] os Srs. viriam <sup>980</sup>, com perguntas concretas, que eu me comprometo a responder. Mas comecem!

A minha principal preocupação é fundar um sistema de apostolado para todo sempre e que a gente vai sempre melhorando, melhorando.

E portanto é possível que os Srs. tenham nisso um resultado imediato menos bom do que poderiam imaginar. Eu não estou esperando para este ano que vem um resultado prodigioso, porque se os Srs. são aprendizes de automóvel, como é que posso esperar que ganhem a corrida automobilística logo de cara? Não é o que eu estou esperando. Eu estou esperando muitos esforços para essa direção e o resultado que for possível.

Em equitação, quando a gente salta um obstáculo, deve jogar a alma do outro lado e ir pegar a alma. Aqui é [o mesmo]. Não pensem na dificuldade imediata, comecem a praticar e já pensando no segundo e no terceiro obstáculo, aí os Srs. resolvem o imediato.

Eu recomendo uma coisa a mais. Se ficar muito difícil rezem. E quando tiverem a impressão de que estão fazendo um absurdo, façam. Nossa Senhora premeia a obediência. Aquele que fracassar no método, pela obediência que mostrou, vai conseguir graças para si e para os outros muito boas.

Vamos aplicar o método e daqui a algum tempo os Srs. dirão que não é possível a gente viver sem aplicar esse método <sup>981</sup>.

Adveniat Regnum Mariae

<sup>978</sup> Simpósio de Curitiba, outubro de 1969, III reunião

<sup>979</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 21/9/76 (ER 191)

<sup>980</sup> Reunião eremos de Ativismo Individual e Apóstolos Itinerantes 29/5/74 (ER 81)

<sup>981</sup> Reunião Apóstolos Itinerantes 21/9/76 (ER 191)